

PRELUDIOS-LITTERARIOS

JORNAL ACADEMICO

DIRIGIDO

POR

V. DA SILVEIRA



PRIMEIRO VOLUME

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1859

10
7
19
6



8 1-43
see

3.50000

1/2

Catálogo do Armeal
indicando o 1.º Vol.

C/ou: 1838

10
7
19
6



O mesmo vestido nos cobre os membros pag 25.

PRELUDIOS-LITTERARIOS



JORNAL ACADEMICO

SUBSIDIAADO PELOS EX. M. O. S. 282.

COLLABORADO PELOS EX. M. O. S. 282.

DIRIGIDO

POR

V. DA SILVEIRA



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1859

PRELUDIOS-LITTERARIOS

JORNAL ACADEMICO

COLLABORADO PELOS EX.^{mos} SRS.

B.^{rel} A. A. da Fonseca Pinto.
D.^r Albino Augusto Giraldes.
D. Amelia Janny.
B.^{rel} A. J. S. Ferreira de Carvalho.
D.^r Antonio José Teixeira.
Est. A. Luciano.
B.^{rel} A. M. da Cunha Bellem.
D.^r Antonio dos Santos Viegas Junior.
D.^r A. da Silva Gaio.
B.^{rel} A. C. Silva Mattos.
B.^{rel} A. Filippe Simões.
Est. A. Saraiva.
B.^{rel} A. Sarmento.
B.^{rel} C. M. Ferreira Veiga.
Est. E. Garcia.
Est. Eduardo J. Coelho.
Est. E. A. de Barros Ribeiro.
B.^{rel} Firmino Dias.
Est. Firmino de Magalhães.
D.^r Francisco de Castro Freire.
B.^{rel} Francisco Maria de Carvalho.
Est. Henrique Nunes Teixeira.
Est. Jayme Constantino Moniz.
B.^{rel} João de Deus.
Est. J. A. Franco Frazão Castello Branco.
B.^{rel} Sanches da Gama (J. A.)
Est. João Rodrigues d'Azevedo.
J. W. Munné.
B.^{rel} Joaquim Alves Matheus.
B.^{rel} J. Simões Ferreira.
J. E. d'Almeida Vilhena.
B.^{rel} José Rodrigues de Figueiredo.
Est. M. Vicente Ribeiro.
B.^{rel} Mello Borges.
B.^{rel} Pedro Rocha.

SUBSIDIADO PELOS EX.^{mos} SRS.

Est. *** A.
Est. Albino de Mello.
Est. Anthero Tarquinio do Quental.
Est. A. da Cunha Guedes.
Est. Antonio Fernandes Melicio.
Est. Antonio L. dos Santos Valente.
Est. Antonio Lucio Tavares Crespo.
A. M. Seabra d'Albuquerque.
Est. A. S. dos Reis.
Est. Barão d'Almeirim.
B.^{rel} Cunha Reis.
Dias Pereira.
Eduardo Coelho.
D. Elvira Candida Garcia de Moraes.
Est. F. d'Albuquerque.
Est. F. Beirão.
B.^{rel} F. José Brandão.
Est. Guimarães Fonseca.
Est. Jayme C. H. L. da Veiga.
João B. V. P. de B. e Veiga.
Est. João Carlos Botelho Moniz.
Joaquim Augusto Rodrigues.
Joaquim Ignacio Xavier.
Est. J. Pedro Parente.
Est. J. Augusto Borralho.
José Augusto Guedes Teixeira.
J. F. Pinto dos Santos.
Est. J. de Castro Junior.
Est. J. F. da Fonseca.
B.^{rel} J. Ramos Nogueira,
José Rodrigues d'Azevedo.
Luiz Augusto Pereira Bastos.
Est. M. J. Carrilho Garcia.
Noronha.
Est. Severino d'Azevedo, etc. etc.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

INTRODUÇÃO

PRELUDIOS-LITTERARIOS

Tal foi o titulo, que escolhemos para uma publicação, que, de 15 em 15 dias, nos propomos fazer em Coimbra,—titulo modesto, como as nossas aspirações, e que, melhor do que nenhum outro, nos parece pôr em relevo a indole da mesma publicação.

Atravessando *rapidamente* o vasto campo da litteratura, e das sciencias; estudando *de passagem* o coração do homem, e a natureza; aproveitando de todos os seres aquellas situações, que mais tenham ferido sua sensibilidade, e elevado sua alma á contemplação no silencio do retiro, no ocio das suas occupações scientificas, ou no sentir de mil prazeres, de mil esperanças, de mil receios, que entretêm o coração ainda não dessecado pela corrupção dos costumes, pelo halito infecto dos desenganos, da descrença, do scepticismo—os redactores dos PRELUDIOS-LITTERARIOS não podem ter principalmente em vista senão a *humilde pretensão* de encontrar no futuro, quando a sciencia, deixem-nos assim dizer, houver sellado a sua carreira academica; quando a vida pública, materializando-lhes as idéas, tiver tornado mais pesada a sua existencia,—algumas paginas, que, desprendidas da sua mocidade, e cheias de prazer ou de melancolia, de crenças sentidas no raiar da vida, lhes alentem os animos em arduas fadigas, lhes augmentem a coragem e aviventem a fé no porvir, que as decepções enlutam.

¿ Quem ha, que, ao passar dos quarenta

1838—Dezembro.

annos, não tenha experimentado prazer e saudade—ao ouvir repetir os seus contos d'infancia? ¿ Quem ha, que, ao declinar da vida, não tenha sentido rejuvenecer-lhe a alma, dobrar-se-lhe o valor, renascer-lhe as esperanças—ao recordar-se dos seus feitos passados, em que apenas entra a reflexão? ¿ Quem ha, finalmente, que não tenha ao menos sacrificado á reminiscencia d'uma existencia innocente e *livre* o materialismo do calculo da vida actual?...

Por outro lado: ¿ quantas vezes não temos nós lamentado do intimo d'alma o esquecimento, o *desperdicio* de idéas, que passam ligeiras, e vão esconder-se, sumirse no rolar da intelligencia, para nunca mais voltarem? ¿ Quantas vezes essas mesmas idéas vão surgir depois 'noutros mundos da intellectualidade, para logo se mostrarem, fulgirem de gloria com mágoa e despeito dos que, indolentes ou inhabeis, as votaram ao desprezo? ¿ Por quanto não resgatariamos nós então cada uma d'essas sementes preciosas, que o sopro dos tempos arrojaram para outras regiões, quiçá menos ferteis, mas mais aptas, sem dúvida, pelo proprio esforço, para as fazer germinar e crescer?

Estas e outras reflexões, que fizemos, não podiam deixar, a seu tempo, de levarnos a emprehender a publicação d'um jornal da natureza d'aquelle, que annunciámos.

Dirigidas, coordenadas em deliciosa harmonia pelos mais habéis; tendo por modelo e guia os escriptos d'alguns litteratos de vulto, cujos nomes opportunamente publicaremos,—as *primeiras impressões*, e, por ventura, as mais puras, as mais lisongeiras d'um grande numero de academicos,

N.º 1

nossos contemporaneos, vão occupar no nosso jornal um dos seus melhores logares, e fallar d'ahi, umas vezes com melancolia, outras com enthusiasmo, a linguagem viva e insinuante do sentimento— não só ao *passado*, que, já despido de crenças e cansado da vida, se precipita exanime nos abysmos do soffrimento; mas ao *presente*, que desponta risonho, esperançoso e ardente, como o levantar do sol 'num dos bellos dias d'estio nas nossas montanhas.

Os outros logares do nosso jornal serão destinados a algumas publicações scientificas de facil comprehensão, e d'um estylo proprio a conciliar o trabalho com o desejo de saber.

Finalmente, ensaiaremos varias traducções das obras mais recommendaveis d'alguns litteratos hespanhoes, tão pouco conhecidas ainda dos nossos portuguezes. A riqueza da lingua castelhana, a sua phrase ás vezes atrevida e arrogante, a fertilidade de pensamentos, o cunho de originalidade, com que elles se nos apresentam, o grande impulso, que, principalmente nos ultimos tempos, têm recebido as lettras 'naquelle paiz, que nos devêra ser commum,— tudo nos faz crer na boa aceitação d'este nosso trabalho.

Mas se, por desgraça nossa, nos houvermos enganado; se o que promettemos tiver a infelicidade de não satisfazer as exigencias d'aquelles, para quem escrevemos,— fique-nos ao menos a certeza de que o preço da sua assignatura nunca será regateado ao dizer-se, que — os lucros materiaes d'esta publicação, se os houver, serão destinados a proteger, na sua carreira scientifica, o seu principal redactor.

V. DA SILVEIRA

Se deixarmos— para quando soubermos — a publicação dos nossos escriptos, nunca os publicaremos.

Lembra-nos ainda o dia, em que, cheios da mais grata emoção, confiámos á imprensa o nosso primeiro escripto: era a homenagem d'um coração verdadeiramente

reconhecido prestada ás virtudes d'um grande homem...

O enthusiasmo guiára-nos a penna; e a verdade do sentimento, que por essa occasião nos agitava a alma, vibrando no coração de todos,— a muitos fez verter lagrimas do mais tocante enternecimento...

Contentes por havermos assim pago á amizade a nossa divida de gratidão; animados pelo triumpho, que o nosso sentimento acabava de alcançar sobre o sentimento dos outros, o nosso primeiro artigo tornou-se, por alguns dias, o companheiro inseparavel, o confidente de todas as nossas esperanças.

O nosso desejo mais ardente — era estarmos sós, para lér essas poucas linhas uma e outra vez, para as apertar contra o nosso coração, que, ao aproximal-as, pulsava com violencia, e parecia procurar reunir-se-lhe, como a mãe carinhosa procuraria reunir-se ao filho, que a ausencia lhe affastára do seio por muito tempo...

¡Como nos eram doces aquellas horas passadas assim no silencio do nosso quarto, em que, seguros de que ninguem nos observava, nos entregavamos loucamente a mil transportes, nos representavamos mil chimeras, que o futuro, sempre contrario, não devêra nunca realisar!

¡Doze annos têm decorrido depois! ¡doze annos de estudo, de reflexão, de dura experiencia!

¿Que fizemos nós?

Cheios de ridiculas pretenções ao principio; depois, duvidosos, descrentes mesmo das nossas proprias forças; ¡despresámos os nascentes fructos da nossa intelligencia, ousada nas suas primeiras investigações; — deixámos extinguir-se os fogos, com que o coração, ainda puro, ainda não macerado pelos soffrimentos, nos aquecia o sangue nas veas, nos allumiava o espirito, nos expandia a alma!

Os nomes de Rousseau, de Voltaire, de Chateaubriand, de Lamartine, de E. Sue, de A. Dumas, e de muitos outros philosophos, poetas e romancistas, cujas obras conhecíamos, e chegámos a amar com frenesi, ¡se erguiam, quaes phantasmas, em noite, em que a mente delira, para nos

arrebatada da mão a penna ainda mal pouxada sobre o papel, e esmagal-a debaixo do peso da sua colossal reputação!...

Não podémos mais escrever.

“Todos os escriptos, que possuíamos, esses escriptos de *gaveta*, que não ha ninguém, que os não tenha,— foram um a um devorados pelas chammas do nosso candieiro, que, menos barbaras do que a nossa pouca reflexão, pareciam, ás vezes, recusar seus fogos a tanto vandalismo.

As proprias idéas nos fugiam assustadas; e apenas nos atreviamos a pensar pelo pensamento dos outros...

Tudo, que a nossa imaginação criava, era fraco, pallido, e infórme: a simples confrontação nos aterrava: em tudo, que era nosso, descobriamos uma semsaboria, um despropósito, uma inconveniencia, uma contradicção!

Quizeramos fallar, e escrever como todos esses homens celebres, a que o mundo todo vergava a sua intelligencia...: decoravamos os seus pensamentos, as suas phrases, e até as suas palavras!: ensaiavamos imitar o seu estylo; emfim, á força de os admirar, chegámos a esquecer-nos de nós mesmos, das nossas faculdades, da sua egual aptidão: degradámos, corrompemos o espirito e o gosto!

Tal foi a nossa condição, e tem sido a de todos aquelles, que, assim como nós, duvidando dos principios de civilisação e de progresso inoculados em sua natureza, — têm escravizado a sua intelligencia, o seu sentimento pela intelligencia e sentimento dos outros, que, se em algum merito os excedem, é sem dúvida no da confiança em si, no da dignidade e independencia, que sustentam como entes livres e racionais...

¡Ainda as intelligencias mais robustas têm deixado, entre nós, contaminar-se por este mal deploravel! Com a fraqueza material do nosso paiz veio a fraqueza intellectual: na Hespanha, na França, na Belgica, na Allemanha, e em toda parte onde a civilisação tem penetrado, os primeiros escriptos apparecem ordinariamente com as primeiras impressões, com os primeiros fulgores da intelligencia: em Portugal, po-

rém, consome-se a vida inteira a estudar modelos, a decorar phrases e palavras, a levantar pedestaes a divindades estranhas, que se veneram de rojo, e com o mais abjecto fanatismo...

Poucas obras litterarias temos, que não sejam pura imitação, ou cópia má de outras obras. Em sciencia, nas escholas, raras vezes ouviremos citar um nome portuguez, que nos honre, ou formular uma opinião, que não seja apoiada na opinião d'um auctor estrangeiro...

¡Libertemo-nos, pois, de tão humilhante posição! ¡Confiai nas vossas proprias forças, mancebos! ¡Elevai-vos diante de vossos proprios olhos!: ¡acreditai todos no principio d'egualdade, que encontrais na vossa propria natureza; e que um maior ou menor gráu de aptidão no organismo dos outros, não faça persuadir-vos da sua impossibilidade, que repugna com a infinita perfeição do Creator do universo!

Estudai os melhores auctores; mas ¡pensaí por vós mesmos! E logo que tiverdes descoberto uma verdade — ¡revelai-a como a souberdes, — que a verdade é de Deus, e pertence a todos!... não a guardeis para quando lhe poderdes dar uma *melhor forma*; porque ou não a encontrareis nunca, como a desejais, ou essa verdade, por ventura importantissima, se vos escapará mesmo a vosso pesar, e será com despeito vosso divulgada por outrem.

¡Não receeis os criticos!; porque esses ou são razoaveis, ou ignorantes. Se são razoaveis — *ensinar-vos-hão*: se ignorantes — nenhum mal conseguirão causar-vos: a sua critica, só movida pela inveja ou pelo odio, não póde ferir senão a si mesmos... Ella será a sua propria condemnação, o seu proprio martyrio: — ella será a prova mais irrefragavel da sua inaptidão, por falta de esforço, para coisa melhor neste mundo...

V. DA SILVEIRA

Amigo Silveira

Como posso eu corresponder á honra, que me fizestes, pedindo-me para collabo-

rar no vosso jornal?... Conheço a minha insufficiencia melhor do que ninguem, para que me não penhore muito a lisongeira obsequiosidade, que me dispensastes...; para que me não magôe sobremodo a impossibilidade de vos poder abrilhantar as paginas do vosso jornal.

Saúdo já os *Preludios-Litterarios*, como um bello padrão, que diga ás gerações vindouras, que o nome da nossa classe não morre; e que cada geração academica ha de deixar bem marcado o seu trilho litterario pelas suas publicações recreativas!.. Deixemos a sciencia massiça e pesada para os velhos caturras e.....: nós, que ainda não chegámos á idade dos quarenta annos, que vós mui judiciosamente marcastes como a epocha de transformação, em que o homem, cançado de olhar para diante, começa a aprazer-se de olhar um pouco para traz..., para o caminho já andado!.. nós, que ainda somos mancebos — entreguemos á estampa as impressões da nossa alma, os impulsos do nosso sentimento, já nos dias de alegria infinda, já nos de profundo pesar.

Eu, meu amigo, apesar de conscio da minha pobreza, não posso, não devo recusar-me ao obsequioso convite, que me endereçastes; — e se julgais, que a minha cooperação vos seja necessaria para preencher faltas, que outros trabalhos vossos não deixem preencher, contai sempre comigo, pobre para vos poder levar ricas offertas, mas rico, mui rico de boa vontade no seio da minha pobreza.

Mando-vos uma *impressão* funda, e bem funda, da minha vida: — é triste como a minha alma! é triste, e talvez seja uma inconveniencia preludiar nos vossos *Preludios* com uma nenia de finados, com um canto funebre...

Não tenho nada alegre para vos dar! — a minha vida tem sido muito eivada de amarguras! e os dias de prazer têm sido apenas como oasis, que, na aridez do deserto, apparecem como milagre; mas de longe a longe!..

Mando-vos tambem essa poesia. — Não sei ainda o tamanho do vosso jornal, nem o espaço, de que disporeis para mim. Se

fôr de mais — supprimi o que quizerdes, supprimi mesmo tudo, se assim o julgardes conveniente!..., etc.

A. M. DA CUNHA BELLEM

NOVE DE MAIO

(RECORDAÇÃO)

Hay pensamientos, que en la mente viven
En un rincón de la memoria hechados.
ZURRILLA.

Qual o brando ciciar da aragem entre as folhas do chorão vem despertar um hymno melancolico, que se casa á brisa da tarde, assim uma triste recordação do passado me desperta n'alma um cantico de saudade infinda, que se harmonisa com o soffrer extremo do meu peito!..

Este dia não póde desprender-se uma só vez do circulo dos annos, sem que fira o meu coração com o sentir doloroso da saudade!... Bem como a primeira camandula de cada mysterio, no perpassar das bentas contas do rosario, adverte á devota a occasião de fazer uma nova e differente prece, assim tambem, no deslisar, no fio dos seculos, este dia — o primeiro talvez dos mysterios do meu soffrer — me avisa, que ao céu devo erguer uma oração fervorosa e ardente: que o meu anjo a acolherá sorrindo 'neste dia tão notavel nos fastos do meu sentir!..

Este dia é um anniversario, que faz recordar aos céus uma aurora do ventura, e que a mim só lembra as trévas d'um pesar. É porque então recebeu o empyreo mais um anjo; e eu na terra perdi a melhor de todas as companhias, — a mulher, que ligava aos carinhos naturaes da mãe extrema os affagos ternos e seductores de desvelada amiga!..

Que sua alma pura e innocente, lá da mansão dos justos, onde em gloria vive, queira, 'num olhar benigno, acolher bondosa a prece d'um filho, que, entre os escauceus da mais angustiada existencia, não póde esquecer jámais o dia, que lhe roubou o seu carinho, nem jámais deixar de o recordar com amargor.

AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

Advertencia

Ainsi une philosophie condescendante et compatissante, mais sans illusion, ecarterait les chimères de la fausse imagination et de la fausse passion, et mettrait toutes choses dans leur vrai jour, sans éteindre cette chaleur de l'âme, qui peut s'unir à la raison la plus droite et qui l'orne même en s'y ajoutant, comme la beauté à la jeunesse.

PAUL JANET — *La Famille*.

Ha na vida impressões, que fogem desapercebidas, a que o espirito não adhere, e que vão morrer na soidão do esquecimento, semelhantes á brisa, que passando por sobre a planta sem menear-lhe a haste, sem desprender-lhe uma flôr, sem roubar-lhe o aroma, vai perder-se na vastidão de infindos espaços.—Outras ha, ao perpassar das quaes, a alma sente alegria ou desprazer; concebe uma esperança, ou perde uma crença; e a que apenas responde com um sorriso, ou com uma lagrima... Com outras, ella estremece e suspira, como a natureza geme, e se curva ao estrondar da procella, ao silvar estridente d'impetuoso tufão!—Ha outras ainda, e são mais raras, que, semelhantes á suave harmonia, que nos encanta e seduz, que nos extasia e arrebatá o coração, se prolongam na vida; e só se apagam, quando, por fatal e invencível destino, o homem toca o despedir d'esta existencia, como a ondulação sonora, que, propagando-se no ar, atravez de longiquo horisonte, vai sumir-se na orla, que, em sombras escuras de affastada montanha, pousa negligente e recortada.

D'estas impressões sente-as o homem, que contempla a natureza, nos seus incantos, na sua belleza e harmonia divinas; em tudo o que 'nella admira—quem vê com o coração e com o pensamento—não é a revelação dos seus arcanos, que a sciencia louca e tresvariada julga possuir, que nos eleva o espirito, não!: não é o prisma de Newton, nem o telescopio de Galileu, desenrolando as matisadas côres do Iris, correndo o véo a milhares de mundos, até elle ignorados: é o quadro singello e puro da natureza, virgem, ataviada com as graças e os risos da simplicidade e da inno-

cia, por mãos d'artista sabio e modesto; e não o da natureza desposada pela sciencia, recamada de falsos brilhantes, que a philosophia vaidosa julga 'nella engastar por seus esforços inuteis.

Assim é tambem na sociedade. 'Nella ha encantos e harmonias, scenas magestosas e surprehedoras, para aquelle que sabe estudal-a. Mas onde! Existem seres, entre os quaes possamos descobrir ao menos um traço d'esse painel maravilhoso? quando a sociedade é toda desordem, tumulto, alarme desolação?! Segui-me; vinde ao logar, que me inspirou as primeiras paginas d'um romance, e vereis, que não minto; vereis elevar-se-vos a alma, pulsar-vos o coração, e gravar-se-vos ahi a impressão indefinida; e ahi continuar-se até o termo fatal do declinar para o tumulo!...

Não espereis um romance dos que usualmente se lêm; que muitos ha por esse mundo, bellos e sublimes que elles são! nem rastejal-os pretendo; já é bem grande o numero de devotos, que se têm consagrado a este ramo de litteratura; desde Cervantes até Victor Hugo, já não têm conta: são milhares sobre milhares!... É uma scena de familia, um quadro da natureza, uma impressão, ou antes uma philosophia... não d'essa philosophia, que por ahi se vende em caracteres typographicos, essa philosophia de problemas insoluveis, de mysterios insondaveis, essa tão celebrada philosophia do—*eu*—, que embrenha o espirito no dedalo inextricavel do metaphysico incomprehensivel, parto anomalo da imaginação, e que ella mesma não entende,

Gosto mais d'uma philosophia intima e simples, a philosophia do coração, e do sentimento, verdadeira e real, ainda que difficil ou antes impossivel de exprimir e pintar com vivas e mimosas côres. É simplesmente um ensaio, é uma pagina dispersa, em que a natureza e o coração, e, desgraçadamente, a tosca e grosseira linguagem se misturam. É um *preludio*, entoado pelo sentimento, á borda do regato, 'numa tarde de maio, ao som do gorgear d'ave innocente, ao rescender de mimosa e elegante bonina, ao dardejar embaciado de duvidoso crepusculo.

Ei-la: tractai-a com a vossa critica severa e imparcial; mas livrai-vos de empregar os calculos da razão, frios, e ás vezes tenebrosos, como thermometro para apreciar-a; julgai-a sob a influencia do delicioso e melancolico sentir,— que por elle foi inspirada. Chamai-lhe *escripto sem pensamento, embroglio de palavras vasias*.— Chamai-lhe o que quizerdes. É um sentimento exprimido, um hymno á natureza, á vida simples e innocente. É pena que não haja uma lyra tão afinada, d'um tão delicioso vibrar, como a que o coração pulsa em silencio, para entoal-o dignamente.

D'esta philosophia ides encontra-la em varios escriptos, contemplal-a no *René de Chateaubriand*, admiral-a na *Graziella de Lamartine*, adoral-a em *Bernardin de Saint Pierre*, estudal-a em *Paul Janet*.

30 de Novembro de 1858.

E. GARCIA.

Maximas e pensamentos

Louvar alguém d'uma boa acção demasiadamente, é dizer-lhe, que o não julgavam capaz de a praticar.

O que se dá pedido e rogado, já custa tanto como comprado. (FR. L. DE SOUSA.)

Vangloriar-se da nobreza de seus antepassados, é buscar nas raizes o fructo, que se deveria achar nos ramos.

Um nobre sem merecimentos, é um vaso, que não tem mais do que o letreiro.

O TROVADOR

(1841)

I

— Onde vás, ó Trovador,
Onde vás no teu corcel,
Sósinho por azinhagas,
Sem o teu pagem fiel?—

— Vou ao mosteiro deserto
Dar alivio ao coração,
Vou á ermida da Virgem
Levar fervente oração.—

E o Trovador lá partia
No seu corcel apressado;
E eil-o aos muros n'um momento
Do mosteiro já chegado.

Eis os freixos gigantescos,
E o carvalho secular,
E o cruzeiro onde outr'ora
Se costumava assentar.

Lá parou o Trovador,
Do seu corcel se desceu,
Foi sentar-se n'um degráo,
Do mundo ahí s'esqueceu.

Todo absorto no passado,
Immerso todo em saudade,
Repassou no fundo d'alma
Os tempos da mocidade;

E uma lagrima saudosa
Dos seus olhos escapou;
E a face por longo tempo
Nas suas mãos occultou.

— Tempos, tempos, que passastes,
Como eu era então ditoso!
Do mundo só via as flores,
Tinha então pai extremoso!

Em redor dos arvoredos
Como então aqui brincava!
E depois com que transporte
Os umbraes do templo entrava!

E os sinos vibrando festas,
E as tocheiras nos altares,
E o orgão melodioso,
E dos monges os cantares;

E o povo dos arredores
Em fervorosa oração,
De mãos postas para Deus,
E de joelhos no chão;

E o incenso perfumado
Em ondas subindo ao céo,
Involvendo ardentes preces
Com o seu ligeiro véo;

Tudo tudo 'nalma tenra
Fazia viva impressão,
Tudo então me revelava
Dos serafins a mansão:

Dos serafins a mansão,
Que minha mãe me dizia,
Era o premio do bom filho,
Que a seus pais obedecia.

E agora? Tudo ruinas!!..
Cercam silvas os poiaes;
A torre já não tem sinos;
Vão desabando os portaes!

O povo não corre ás festas,
Passam de longe os pastores,
E em vez do orgão sibilam
Os ventos nos corredores.

Oh! não entrarei no templo,
Que me estala o coração;
Não irei ver em ruinas
A casa da oração;

Nem as cinzas venerandas
Dos antigos fundadores,
Dispersas e profanadas
Por impios devastadores;

E as pedras dos mausoléos,
Tão ricas, assim quebradas;
E as estatuas dos heroes
Em pedaços mutiladas:

Raça peor que a dos vandalos,
Que hoje Lizia devastais,
Sobre vós a maldição,
Sobre vós que derrocaís:

Nem memorias dos bons tempos,
Nem das artes o primor,
Nem fastos da historia honrada,
Quiz poupar vosso furor:

Oh! maldição e desprezo
Eu só vos posso votar:
Meu coração me quebrastes,
Não vos posso perdoar!

Recebei, ruinas tristes,
O adeus do Trovador,
E um voto que vos dirige
No meio da sua dôr:

Se, como andrajos inuteis,
Vos venderem em leilão,
Possa comprar-vos ao menos
Quem possua um coração:

Que ao menos no templo sancto
Torne a erguer um altar,
Onde possam os fieis,
Onde eu possa vir orar:

E que as cinzas venerandas
Restitua á sepultura,
E ás estatuas mutiladas
A antiga forte armadura:

Quem possua um coração,
Um coração bem formado,
Onde o amor de Deus, da patria,
Bem firme esteja gravado.

Adeus, saudosas ruinas,
Monumentos de saudade,
De uma quadra mais ditosa
Dos tempos da mocidade. —

E o Trovador se entranhava
Pelos pinhaes d'alli perto...
N'um momento eil-o chegado
Á ermida do deserto.

Do seu brioso corcel
Outra vez se desmontou;
E nas lages do alpendre
Mui devoto ajoelhou.

Foi longa a sua oração;
A súplica não se ouviu;
Porém um raio de esperança
Nas faces lhe reflectiu.

Trovador, oiça-te a Virgem,
Possas tu ser mais ditoso,
Trocar teus dias de pranto
Por futuro venturoso:

Possas tu, qual o sonhaste,
Achar um bom coração,
Que se enlêe unido ao teu
Em dóce e terna prisão.

II

Onde vás, ó Trovador,
Onde vás, e tão folgado,
Pela azinhaga florida,
D'uma dama acompanhado?

—Vou á ermidinha deserta
Minha promessa cumprir;
Eu orei á Virgem sancta,
A Virgem me quiz ouvir.

A mulher que eu suspirava
Para minha companheira,
Eil-a aqui, vai a meu lado,
Amante, terna e fagueira.

Foi o altar testemunha,
Eu jurei, ella jurou,
Ella quer ser minha sempre,
Eu sempre e só d'ella sou.

Nossas almas enlaçadas
Em dóce estreita união,
Unidas sempre na terra,
Unidas aos céos irão;

E por isso á Virgem sancta
Vou com muita devoção
Ferventes graças render-lhe,
Supplicar-lhe a protecção.

Por sobre o mar d'esta vida,
A Virgem sancta invocando,
Com vento do céo iremos
Á patria eterna singrando.—

Já vai longe a dama bella,
Longo vai o cavalleiro;
Até que por fim pararam
Junto aos portaes do mosteiro.

E já Deus tinha escutado
As preces do Trovador,
Já não se viam ruinas;
Volvêra antigo esplendor.

Dê novo as galas brilharam,
Ornou-se de novo o altar,
E o Trovador, satisfeito,
Pôde ahi de novo orar.

.....
.....

—Vamos, vamos, terna amiga,
Vamos, vamos, á ermidinha;
Bons corceis, voai ligeiros. . . .
Eil-a ahi, ó vida minha.—

E sobre as pedras do atrio
Longo tempo ajoelhados,
Preces, graças, votos d'alma,
D'alli sobem misturados. . . .

Pareceu sorrir-se a Virgem
Com tamanha devoção,
E aos dois mais amor e esperança
S'entrou no coração.

Quaes duas nuvens d'incenso
Da mesma urna saindo,
Quanto mais aos céos se elevam
Mais e mais se vão unindo,

Taes aquellas duas vidas,
Cada vez mais extremosas,
Sentiram mais estreitar-se
Suas prisões amorosas.

III

.....
.....

Longos annos já passaram:
No cemiterio da aldêa
A campa do Trovador
Mui de fresco alli campêa:

E sobre a campá á tardinha
Uma dama vinha orar,
Alguns annos sempre em lucto
Nunca a viram lá faltar....

Até que a campá se abriu,
E outro corpo recebeu;
Desde então sempre fechada,
Com o tempo inegreceu.

E contaram uns pastores,
Que 'nessa noite se viram
Umás luzes sobre a campá,
Que depois ao céo subiram.

Entre muitos, pela aldéa,
Tambem correu um rumor;
—Que as luzes eram as almas
Da dama e do trovador. (F.)

NO ALBUM DO SR. JOSÉ DOS SANTOS MORAES E SÁ

ARTISTA E POETA

Et laisse evaporer ta vie avec
tes chants.

LAMARTINE

Quando o sol reclina a fronte
Nas verdes agoas do mar,
Vindo-o a lua defronte
No seu occaso saudar,
Tambem tu — artista e poeta —
Deixas tua arte selecta
P'ra em segredo ir meditar!..

E que nas raias do dia,
Do sol ao extremo fulgor,
Céde a arte á poesia,
Céde o trabalho ao amor!..
Então já não és artista,
Traz-te a gloria outra conquista...
É o poeta, — o cantor!

Que importam do mundo as galas
Á vida do coração?
Se tu mais amas as fallas,
Que te dá meiga soidão?..
Se, dando ao trabalho o dia,
Á noite vem a poesia
Verter em ti seu condão?..

Que te importa a brisa pura
Nos salgueiraes a brincar...
Ou a lympha que murmura
Da lua ao raio a brilhar?
Que te importa? se os teus hymnos
Tem accentos mais divinos,
Que vem n'alma murmurar?..

Que te impor a luz da aurora,
Que te importa o pôr do sol,
Se tua alma se enamora
De mais brilhante arrebol?..
É que, ao alvor da poesia,
De noite como de dia,
Tambem canta o rouxinol!..

Eia! pois! assim reparte
Teu indefesso lavor!..
Que a poesia e a arte
São irmãs de equal primor!..
Agora artista inspirado...
Depois o genio fadado
C'o condão de trovador!..

A. M. DA CUNHA BELLEM

Amigo Silveira

Se os laços da confraternidade escholar
valem alguma cousa; se o equal nivela-
mento do campo, em que habitámos, póde
indicar homogeneidade nas crenças e no
sentir; se o estarmos ambos alistados sob
a mesma bandeira, deve exigir de nós au-
xilio mutuo, — não podia eu recusar-me ao
vosso pedido, quando rogastes a minha
collaboração para o vosso jornal.

Conheceis minhas forças; sabeis quanto
é diminuto, imperceptivel quasi, o enfe-
zado peculio, que posso offerecer-vos; as-
sim mesmo dignastes-vos acceital-o: cum-
pria-me, ficando-vos reconhecido, assentir,
gostoso, ao que podieis. Negar, se era pa-
gar um obsequio com uma grosseria, não
fôra, por certo, menos faltar aos deveres
sagrados, creio eu, que nascem das leis
d'esta associação grandiosa, a que ambos
pertencemos.

Compreendi, que tinha de luctar com

mil difficuldades, para que estivesse em harmonia com os vossos e meus desejos aquillo, que eu podesse offerter ao jornal, que ieis dar á luz; mas eu prometti: cumprir era, pois, uma necessidade.

Deliberei emprehender a lucta da minha vontade com a minha fraqueza, e offerecer-vos as forças, que d'essa lucta, quiçá, me resultassem.

Quiz escrever para o primeiro numero do vosso jornal. Esforcei-me por conseguil-o. Corri atraz de mil idéas; mas a lucta era desigual: fiquei vencido.

Carecia do elemento principal para conseguir meus intentos. Faltava-me a quietação moral; e, portanto, forçoso me foi depôr aos pés de minha fraqueza a bandeira da revolta, que contra ella haviam tentado desenrolar as pobres coitadas de minhas infelizes forças!

A lembrança, porém, de minha promessa era muito viva e imperiosa; e eu queria pagar essa divida, que comvosco contraíra. Lembrei-me, então, de recorrer a uma velha carteira minha, inseparavel companheira de minha vida 'nesta terra; outr'ora confidente de meus segredos mais intimos; deposito d'algumas lagrimas e sorrisos; espelho fiel, em cuja frente vejo, ás vezes, desenhadas as loucuras descuidadas do rapaz, d'envolta com os pensamentos calculados do ancião; onde descubro, 'numa pagina, um indicio da maxima paradoxal — *viver é matar o tempo* —, 'noutra, uma prova da sentença — *viver é aproveitar os dias*. —

Fui, pois, procurar alli algum meio de cumprir minha promessa; e, em resultado, remetto-vos esses versos.

Foi uma *encommenda*, que se dignaram fazer-me; e sirva isto de desculpa aos pobres versos envergonhados. Não aceitára a *commissão*, que 'nesse tempo me foi encarregada, se ante mim não visse um *album*, e na sua primeira folha não lêsse um nome feminino.

Era forçoso obedecer.

O nome da mulher, que pede, é sempre uma ordem, de resistencia impossivel. Se nenhum outro sentimento impéra no homem, que obedece, o do respeito é suffi-

ciente. E era por isso, que eu obedecia — sómente por esse motivo.

A estrêa, que vou fazer no vosso jornal, é má. Reconheço-o. Nem a *indignação*, sequer, me faz *poeta*; e para que os censores me relevem, eu mesmo confesso, que só fiz *versos* e não *poesia*.

2 de dezembro de 1858.

MELLO-BORGES

'NUM ALBUM

Um conselho

Donzella, já viste a rosinha d'abril
Pendendo, airosa, na haste veridente?
Revendo seu rosto, purpureo, gentil,
Nas limpidas agoas de mansa corrente?

Já viste como ella sorri, prasenteira,
Á brisa fagueira, que a vem embalar?
E mesmo nem pensa, sequer — descuidada!... —
Que pôde, — coitada!... — mui breve murchar?

Mal pensa, que a aragem, inda hoje acalmada,
Já pôde amanhã ser rijo tufão!...
E que a florinha, da haste cortada,
Em breve sem vida se roja no chão!...

Não vê, que o regato, sereno inda ha pouco,
Agora já louco se ergue aturvado,
E leva, 'scondida nas agoas, a rosa,
Que alli, desdenhosa, se havia mirado!...

E a rosa, cheia d'esp'ranças,
Que sorrira ante o porvir,
Perde crenças, illusões!...
Na voragem vai cahir!...

Coitada!... Foi imprudente,
E crente de mais na sorte!
Com desdem gozou da vida,
Foi punida pela morte!...

E a flôr, inda ha pouco viçosa,
Que nos pôde na terra deixar?
Só lembrança, mui leve, que a aragem
Vai delindo com seu bafejar!...

Se ainda houve alguém n'este mundo,
Que o finar da florinha chorou,
Esse pranto correu mui ligeiro,
Mui depressa o olvido o seccou!...

Não sabes, donzella, na terra qual é
Da pobre florinha retrato perfeito?
A imagem da rosa, que, ha pouco, de pé,
Agora seu viço vê murcho, desfeito?

É a mulher, que—orgulhosa, imprudente—
Crê—louca, demente—nas fallas do mundo;
Sorri á lisonja, que a vem abraçar,
P'ra além lhe cavar um abysmo profundo!

É a donzella, que nas salas recebe
Olhares e sorrisos, que os homens lhe dão,
E—desgraçada!—não vê, não percebe
Por entre os sorrisos maldade, traição!...

Não vê, que a descrença, já hoje potente,
—Dura semente, que o inferno gerou!—
No homem deliu o sentir mais ameno,
E diro veneno nos peitos vasou!...

E a mulher, que viras hontem
Dos salões ser a rainha,
Eil-a hoje desprezada!...
Sempre só, sempre mesquinha!...

Infeliz!... não quiz pensar,
Mas scutar o coração!
Da mentira fez seu norte,
Por sorte teve a traição!...

E sabes o que resta na terra
P'r' a mulher, que deu fé ao perjuro?
Um escarneo, que n'alma se filtra
Gôta a gôta!—Martyrio bem duro!—

E nem pôde no mundo escutar
Mais que fallas d'atroz irrisão!
Refugio..., se pôde buscal-o,
É de Christo no sancto pendão!

.....
.....
.....
.....

Perguntas, donzella, se n'estas palavras,
Que deixo escriptas n'um livro, que é vosso,
Ousei um conselho sincero gravar?
Alguem te responda, que eu mesmo não posso.

E se, n'algun dia, quizerdes olhar,
P'ra isso que virdes escripto por mi,
Lêde o que eu digo, e esquecei quem o diz
Mas o que pensardes dissei-m'o aqui.

Coimbra, 30 d'abril de 1858. MELLO-BORGES

Charada

Vê em mim o criminoso
Seu exicio afigurado;
Almo prazer, venturas mil
Em mim vê o namorado. } 1

Tira d'aqui o todo a origem,
Origem a mil coisas dá—
Pódes advinhar até sem vê-lo,
Pois o que é t'ô disse já. } 2

Mil voltas dou p'ra nascer,
Para morrer mil voltas dou:
Nasço e morro, mas não vivo;
Inanimado ente sou.

EXPEDIENTE

! Nenhum jornal viu talvez a luz em
Coimbra debaixo de melhores auspicios, do
que OS PRELUDIOS LITTERARIOS! ! Apenas o
seu prospecto, humedecido ainda, deixando
o prélo, tinha percorrido as mãos d'alguns
amigos, a que primeiro confiáramos a nossa
idéa,— já mais de 200 nomes se haviam
inscripto, para auxiliar e garantir a publi-
cação do nosso jornal!

Oito dias depois o numero dos assi-
gnantes em Coimbra !subia a 450! ! em-
quanto que das outras provincias nos vol-
tavam os prospectos, que para alli enviara-
mos, contendo não menos promettedoras
assignaturas— philanthropicos nomes, que
têm ido gravar-se no nosso coração pro-
fundamente reconhecido!

Temos perfeito conhecimento do que
valem no mundo litterario e scientifico,
para attribuirmos vaidosos tão feliz resul-
tado aos fructos passados de nossa penna,
que, é força dizel-o, nos treme, se nos escapa
da mão ao esboçar das mais simples idéas,
como as que ainda nos occupam a mente.

! Não!

O triumpho da nossa publicação, o en-
thusiasmo, com que ella geralmente tem
sido recebida entre os nossos irmãos aca-
demicos, e todos aquelles, que, como elles,
amam as lettras e as sciencias, ou verda-
deiramente se interessam pelo infeliz, [não
deve attribuir-se senão aos bons sentimen-
tos, que os animam, sentimentos de gene-
rosidade, d'amor, de protecção pelo fraco;
e que, apesar das idéas materiaes do se-
culo, que procuram adormecer o coração,
se revelam entre a mocidade com toda a
vehemencia ao primeiro brado de lastima
— ou de soccorro!

Interpretando assim o brilhante successo,
que acabam de alcançar OS PRELUDIOS LIT-
TERARIOS, nós não podiamos, sem ingrati-
dão, deixar de prestar 'neste logar a mais
bem merecida homenagem aos seus assi-

gnantes; e de confessar, desde a nobre tribuna da imprensa, em que nos acabam de collocar os seus generosos esforços, a mais viva gratidão, que por todos sentimos.

Não publicámos hoje os nomes dos illustres collaboradores d'este jornal, como promettemos,— porque, faltando-nos ainda algumas respostas aos convites, que dirigimos, não quizeramos 'nelles incluir uns, que talvez não acceitem; e excluir outros, que, dispostos a acceitar, a distancia, ou as suas occupações não deixaram ainda fazê-lo constar a esta redacção.

É todavia do dever nosso lamentar por esta occasião a falta d'alguns escriptos do ex.^{mo} sr. Antonio Borges Cardoso de Figueiredo, com os quaes, desde o principio, contavamos enriquecer o nosso jornal. Necessitando ainda de *mestres*, que nos dirijam a penna em os nossos pequenos ensaios litterarios—a recusa do ex.^{mo} sr. Cardoso de Figueiredo, fundada toda no máu estado da sua saúde, que deploramos devéras, não podia deixar de trazer-nos a mágoa ao coração.

O perfeito conhecimento, que tem das humanidades; a pureza, a facilidade, a elegancia do estylo, com que escreve; a sua muita erudição, em fim,—tornam-no hoje uma celebridade no mundo da litteratura portugueza.

Que este reconhecimento nosso não possa servir senão de provar-lhe o respeito, que devemos ao seu muito saber, e a conta em que temos a perda, que, a seu pesar, nos fez experimentar.

Tambem o ex.^{mo} sr. doutor Augusto de Sousa Pires de Lima, cujos talentos mereceram a escolha, que d'elle fizemos; e que acceitando a collaboração, que lhe offercemos, muito acreditaria o nosso jornal, se recusou, por eguaes motivos, ao nosso convite. Sentimos profundamente a falta de tão grande apoio, e os poderosos motivos, que o affastaram da missão, que, possuidos da maior confiança, lhe incumbiamos, e que não podia senão fallar-lhe muito favoravelmente ao coração.

Publicamos a carta do nosso amigo o ex.^{mo} sr. Bellem, bem como a do ex.^{mo} sr. Mello Borges, sem lhes havermos pedido o seu consentimento. Mas estamos certos, de que nos perdoarão este abuso, quando, assim como nós, tiverem pensado, que ellas são a melhor das introduções, que poderamos fazer aos seus escriptos; com a differença, porém, de que elevariamos ahi o seu merecimento, á altura, que lhe compete, e não o deprimiriamos, como a modestia aconselhou aos illustres auctores.

☞ O grande numero de escriptos, que têm affluído 'nestes ultimos dias á redacção d'este jornal, que entre doutores, bachareis e estudantes das differentes faculdades na universidade de Coimbra, conta já *vinte e um* collaboradores,— nos obriga a alargar consideravelmente o limitado campo, em que haviamos circumscripto os PRELUDI OS—LITTERARIOS.

Em vez de 8, como annunciámos,— este jornal conterà 12 paginas d'impressão; isto é,— *metade mais* do que devêra ter, seguindo o nosso programma.

Trazendo porém este melhoramento um grande accrescimento ás nossas despesas— achámos *justissimo* elevar com elle o preço das assignaturas; mas 'numa proporção tão favoravel para os subscriptores — que bem longe de merecermos a sua *censura* — receberemos os seus *parabens*: *! Só 10 réis mais em cada numero!* V. DA SILVEIRA

ASSIGNA-SE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livreria universal, de Silva Junior & C.^ª; Porto — Jacintho Antonio Pinto da Silva; Viseu — Francisco Gomes Pinto; *Pezo da Regoa* — Manuel Mendes Osorio; Evora — V. J. da Gama; Bragança — Antonio Caetano d'Oliveira Furtado.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno 1\$240	Anno 1\$460
Trimestre 360	Trimestre 450

A redacção fará publicar, e muito agradecerá os escriptos, que lhe forem remetidos, particularmente pelos lentes e estudantes da Universidade de Coimbra, e das Escolas de Lisboa e Porto.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

É ás universidades e escholas, em que se concentra o homem ainda não corrompido, e ávido de progresso, que compete dar o golpe fatal no egoismo e hypocritos costumes, que, arraigados nos velhos, vão sendo transmittidos de geração em geração; e levantar sobre suas ruínas o philantropico estandarte de protecção e amor por todos, de abnegação por si, de exterminio a todo esse mundo de conveniencias sociaes, que nos escravizam a intelligencia e o sentimento.

Reconhecida a necessidade de communicarmos aos outros, pela imprensa, a verdade das nossas idéas, dos nossos sentimentos mais intimos;—de fazermos participar a humanidade inteira dos magníficos thesouros, que o Creador, segundo os variados e mysteriosos fins, que se propozera, confiára particularmente a cada individuo da criação,—cumpre-nos indagar, estudar mesmo a sociedade de Coimbra; e decidir depois, se porventura ella será das mais aptas para ensaiar tão grande refórma, para comprehender tanta abnegação, tanta philantropia, calcando aos pés o mundo de conveniencias, que nos opprime, esmagando o mais odioso de todos os monopolios, o mais contrario á razão e ás leis do progresso e da civilisação, exclusivamente confiadas ao homem,—o monopolio dos productos da intellectualidade e do sentimento.

Se o não fosse—louca seria a nossa empreza; e o nosso jornal não devêra ter visto a luz, onde só o desprezo podesse responder á sanctidade de suas doutrinas.

Uma serie de circumstancias, e quiçá as mais extraordinarias, nos tem posto, por muitas vezes, em contacto com as differen-

tes classes, em que, pela ambição, orgulho, vaidade ou ignorancia, se acha dividida a sociedade, já em o nosso paiz, já em paizes estrangeiros, mais ou menos civilizados, por onde a sorte conduzira nossos passos.

O nosso dedo, guiado pela felicidade ou pela desgraça, pela abundancia ou pela miseria, tem, por assim dizer, tocado todas as cordas do coração humano..., e produzido ahi todos os sons, que formam a harmonia da alma, revelando-se pela palavra ou pelo gesto.

Tanto o sabio, como o ignorante; tanto o nobre, como o rico; tanto o artista, como o pobre, considerados em todas as idades, em todos os gráus da escala da civilisação—têm sido, desde o alvorecer da vida, e a nosso pesar, o alvo das nossas investigações, o martyrio da nossa intelligencia, o livro mysterioso e infalivel, por onde tentámos, pelo estudo, chegar ao conhecimento do que existe...

Partindo d'uma situação media—consequimos descer até a mais pobre e infima cabana do indigente; e remontar, depois, até o palacio dos mais nobres, dos mais opulentos senhores da terra...

Vimos alli a velhice desconfiada, sem esperanças, sem sentimento, sem alma,—núa, descarnada, avarenta, egoista, impenetravel...: acolá a mocidade, crente, esperançosa, cheia de seiva de vigor, de sentimento, d'abnegação, de generosidade... Chorámos com uns a sua ignorancia, a sua escravidão,—gozámos da sua simplicidade e innocencia...: lastimámos com os outros o seu saber, a sua independencia..., —soffremos com os seus vicios, com a sua duplicidade...

Triste, mas proveitosa experiencia! É ella, que vai hoje dirigir os nossos passos através d'este mar procelloso de idéas, de sentimentos, que, bem como as ondas, se chocam, se attrahem, ou se repellem; tomam uma nova fórma e consistencia; ou se despedaçam por entre mil escolhos, com que o odio, ou o crime nos tem embaraçado a vida, tornando-a difficil, ou impossivel

Coimbra é uma cidade pequena, collocada quasi no centro do nosso montanhoso paiz; afastada da capital por muitas leguas; rodeada de verdejantes colinas, de valles alegres e fecundos; banhada pelo Mondego; abrilhantada por um sol puro e intenso; embalsamada pelo doce perfume da flôr da lorangeira...

Coimbra está sentada sobre um monte: no centro, e na sua maior elevação ergue-se a velha e soberba universidade; mais além está o lyceu; depois, rodêam-na as pequenas casas, brancas e alegres, em que habita o estudante, ou o mestre; o artista ou a servente; ou alguma familia, que a sabia e prudente civilização convidára a acompanhar, nos seus primeiros passos, o filho querido, que o amor da sciencia consagrara a Minerva.

Na sua base, e juncto ao rio, estabeleceu-se o commercio e a industria—essa grande officina, em que o trabalho material prepara ao intellectual todas as commodidades, de que elle carece, para o seu desenvolvimento livre e independente.

De manhã é o tanger do sino, que desperta o estudante; que lhe recorda mais um dia d'aula, de estudo, de aproveitamento: de tarde, ás horas do crepusculo, é uma canção do rouchinol, saltando de cedro em cedro, de salgueiro em salgueiro, que lhe aconselha o recolhimento, a meditação, o trabalho...

Se é numa vespera de feriado,—a amizade, ou o prazer o conduz a casa do seu amigo mais intimo, do seu camarada, do seu collega, para ahi recordar as scenas infantís da sua vida; para ahi chorar uma saudade da familia, da amante..., que vive ausente; para ahi finalmente traduzir, em

linguagem singella e simples, todos os seus projectos, todas as suas esperanças...; em quanto que outros, menos felizes talvez, dirigem seus passos tardios para os sitios mais remotos, mais mysteriosos além da cidade; e ahi, perdendo-se em mil voltas, deixam aos sentidos e ao pensamento a direcção de sua marcha, ora apressada, ora vagarosa, segundo as impressões, que a sua alma recebe...

Aos domingos suas preces fervorosas, cheias de fé, d'amor, de reconhecimento, em que o nome da Virgem se enlaça com o nome da mãe, da irmã ou da amante..., vão ser ungidias na capella visinha, para que d'envolta com as nuvens d'incenso, que se elevam no templo, subam mais ligeiras, mais puras ainda, ao throno de Deus...

Tal é Coimbra; tal é, em geral, o estudante, contemplado na *sua vida real*, embora se presuma o contrario, pela maneira *fria e desconfiada* de o considerar,—pelo manto mais ou menos espesso e mysterioso, mais ou menos contradictorio, com que as conveniencias d'uma sociedade absurda nos obriga, com violencia, a cobrir ainda os actos mais sanctos—*para não cairmos no ridiculo!*...

V. DA SILVEIRA.

Amigo Silveira: Enviando-vos o artigo com a epigraphe—*A educação*—, primeiro escripto meu, que vê a luz publica, faço um esforço superior ás minhas forças, e que nada'neste mundo, nem mesmo a vossa attenciosa carta, podéra alcançar, se o programma dos vossos *Preludios*, e o artigo, que se lhe segue, no seu primeiro numero, não fossem de natureza a fazer escrever outros com menos desejos, do que eu, embora mais habilitados.

Ahi vai pois, esse *escripto*...: é elle filho da impressão, que bastas vezes tenho experimentado, ao encarar a parte moral da sociedade; e que mais vivamente me tem tocado.—Infelizmente para mim, estão os meus conhecimentos litterarios em tal desigualdade com essas impressões, que ellas terão de ser mal interpretadas, e, talvez.....

Mas, se assim julgardes, que venha a acontecer — entregai-o antes ás chammas do vosso candieiro, eu vol-o aconselho: baste-me a certeza de que me não accusareis nunca de incredulo ou de preguiçoso... etc.

Coimbra, 9 de Dezembro de 1858. M. J. L.

A EDUCAÇÃO

A educação é para o homem,
o que o molde é para o metal:
dá-lhe a forma.

J. BALMES.

Desde a mais remota antiguidade a educação é conhecida como o mais poderoso motor da civilisação, e base fundamental das sociedades. A sua necessidade muito tem feito sentir-se nos tempos modernos, em que a corrupção lavra por entre as diferentes classes do povo, sem lhes poder servir de antidoto as idéas religiosas, tão desprezadas por uns, e injustamente calumniadas por outros, em nossos dias.

Com effeito: ¿ que dique oppór ao mal, que corróe as sociedades modernas? A quasi completa ausencia ou enfraquecimento das idéas religiosas, d'um lado; do outro, a mais completa ignorancia, exacerbada pelo fanatismo religioso, têm produzido um estado indefinivel, onde, a espaços, apparece o desprazer, o indifferentismo, o scepticismo, e mil outras idéas subversivas do estado social, e, por conseguinte, de toda a ordem, de toda a tranquillidade, inimigas terriveis do trabalho, e incompativeis com o viver socegado á sombra do lar; viver, que outr'ora fazia um grande ramo, o mais querido, da felicidade de nossos avós...

Leibnitz, nas suas cartas a Placius, dá a resposta a este brado d'angustia, que de todos os lados se solta, desejosos, como estão alguns, de remediar este mal, e de nivelar a parte moral da existencia humana com os progressos feitos no seculo actual, pelo que diz respeito ás commodidades e gozos materiaes, ao mundo scientifico e industrial.

« Sempre pensei, diz o citado philoso-

pho, que se reformaria o genero humano, se se reformasse a educação da mocidade.»

Mas ¿ como proceder a essa educação, no meio de tão viciosos costumes, que presidem ao estado actual da sociedade, e que, tendo atacado já o lar ainda o mais intimo d'uma grande parte das familias, têm a outra parte em suspensão á borda d'um abysmo, prestes ahi caír, se uma milagrosa estrella a não guiar em tanta escuridão, que a rodêa?

Não podendo arrancar-se a mocidade do seio das familias, devemos fazer por moralisar-as, por empregar sobre ellas, primeiro que tudo, o nosso cuidado, os nossos esforços; por desinfec-tal-as dos miasmas corruptores, que impregnam a sua atmospherá, certos de que as affecções, que produzimos no proceder dos pais, hão de reverter e transmitir-se aos filhos; porque os habitos adquiridos em familia, bons ou máos, nunca se perdem inteiramente, fazendo sentir, em toda a vida, a pesar da ignorancia ou da instrucção, o influxo, que têm nas crises as mais desesperadas, ou nos momentos os mais felizes.

O viver da familia existirá no homem sempre em memoria; pois que as suas impressões, as primeiras, que ferem a nossa alma no verdor dos annos, gravando-se no nosso cerebro, ainda tenro e virgem, nos acompanham até a borda do tumulo, e não nos deixam, talvez, mesmo ahi, depois de haverem servido de modelo ao nosso caracter, e regulado o nosso proceder.

Aquelles, que, como nós, tiverem perdido na adolescencia da vida os dois mais fortes, os unicos arrimos, que foram a nossa ventura, e que seriam o nosso porvir...; e depois os que, atravessando a meia idade do homem, o têm sentido, ao prescrutar a sua consciencia, — poderão dizer, se a ausencia ou assistencia d'esse ensino invisivel e perpetuo do viver da familia não lhes doou uma grande parte das virtudes ou dos vicios, que os tornam caros, ou odiosos aos outros homens...

¡ Feliz d'aquelle, que tiver um pai e uma mãe virtuosa! Esse não deve deixar um só dia de erguer as mãos aos céus, e pedir pela sua conservação...: tem 'nelles o exemplo vivo, tem os elementos para ser

prestavel á patria... ¡Ai! que não possamos nós fazer ainda o que aos outros aconselhâmos!

Mas para tão grande, tão urgente regeneração das familias & de que importancia não é o auxilio das idéas religiosas, e a morigeração do clero, destinado a desempenhar o papel principal na sua propagação!...

O clero foi destinado pelo Christo a ser o sal da terra, e a luz do mundo. E & quem ha ahí, que não conheça, que, para a maior parte do povo, é elle o espelho, onde se mira; o modelo, por onde affere suas acções?

« Apresentai nas universidades e lyceus os sabios mais profundos, e os mais inteligentes e insignes oradores, derramando jorros de doutrina, para instruir o povo nos seus deveres; por certo, que não colherão elles tanto fructo como o humilde parochio da aldêa, prégando aos seus freguezes dos mesmos degráus do altar, d'alli onde elles têm visto baptisar os filhos, casar os esposos, e orar pelos defunctos seus maiores.»

Estas palavras do insigne hespanhol Martines de la Rosa explicam, melhor do que nós o poderamos fazer, a influencia do clero sobre a sociedade.

¡Sublime missão é a sua! ¡mas, ainda mais sublime a religião, que elles prégam, que tão maravilhosos effeitos produz!..

¡Moralisai, pois, e instruí o clero, preparando-o para cumprir a alta missão, que lhe foi destinada n'esta grande obra da civilisação! ¡Limpai-o da superstição, do fanatismo, da hypocrisia! ¡Creaki sacerdotes dignos, e instruidos;—e tereis dado o passo mais gigantesco para a aniquilação do máo estado social, que todos sentem, com que todos soffrem, principalmente a plebe, essa infeliz classe, e a mais numerosa da sociedade, a que o orgulho d'uns, e o preconceito dos outros têm appellidado de *classe baixa*,—*a minima*, como se elles não fossem os unicos culpados da sua inferioridade, do seu abaixamento, em despeito de todas as leis divinas, que nivelam os homens!..

Mas não é este o unico meio, de que devemos dispôr para moralisar o povo: com elle damos aos pais a educação religiosa, que os prepara a formar bons cidadãos, uteis a si, á familia, á humanidade inteira, pelos seus bons costumes, pela sua obediencia e respeito ás leis, pelo amor da justiça: com elle damos ainda aos filhos essa mesma educação religiosa, pura e simplesmente bebida no leite materno, confirmada depois pelo proceder dos pais, baseada no exemplo de todos.

Não basta só tornar a sociedade inoffensiva: é preciso tambem, por uma educação especial, fazer nascer e arraigar-se o amor pelo trabalho, pelo estudo, livrando-a por este modo da ociosidade, essa mãe de todos os vicios, que a corrompe. E posto que uma parte d'esta educação possa ser supprida, até certo ponto, pelo exemplo, esse grande conselheiro da mocidade, e que tanto influe no seu destino futuro,—todavia a outra parte só poderá conseguir-se por meio da instrucção litteraria, principalmente da primaria, sabiamente dirigida e distribuida, segundo as necessidades e o alcance de cada um.

Mas ¡quão atrazados estamos tambem ainda 'neste ramo d'educação! Não nos faltam de todo homens habilitados em instrucção civil e religiosa, tão precisa aos pedagogos da mocidade; porém, além da sua má organisação, que não deixa, que corresponda ao fim, que se deseja alcançar; o salario, ou a retribuição aos professores, é tão mesquinho, que só póde attrair aquelles, que não estão litterariamente habilitados para outra coisa melhor: ¡*professor de instrucção primaria!*—é um triste emprego, de que entre nós se zomba e escarnece, quando elle é dos mais honrosos; pois que, se não fórma homens sabios, habilita cidadãos rectos, para comprehenderem o que lhes convém.

Religião e instrucção: ¡eis a verdadeira educação!; ¡eis o remedio para os males, que flagellam as sociedades modernas, promptas a amolecer-se nos gozos e comodidades do progresso material, e a precipitar-se no abysmo, como a antiga Roma, descuidosas das chagas, que as corróem, e

olhando só para os adornos e atavios exteriores, que as encobrem!...

Educação religiosa e litteraria, firmada e baseada no exemplo: — eis as palavras da redempção; a salvação das sociedades!

O tornar-nos melhores: — eis finalmente a origem de toda a felicidade domestica e social!

M. J. L.

BELLAS ARTES

(GENERALIDADES)

Seu estado em Coimbra.

Sobre um pedestal glorioso, tres irmãs queridas, inteiramente confraternisadas, pelo mutuo auxilio, que se prestam, se elevam altivas, sustentando uma unica corôa, que abrilhanta suas frentes. A multidão as rodêa; e parece invejar os thesouros, que ellas repartem com economia; visto que a poucos é dado transpôr os limites do que é baixo, vulgar e commum.

Quereis conhecê-las? Olhai! Cada uma apresenta o nome do seu filho mais querido: a primeira mostra-vos o nome do immortal Tasso, a segunda o de Raphael, e a terceira o de Donizetti.

Não nos occuparemos da primeira; porque essa cidade, que a civilisação academica ainda não poliu inteiramente; essa cidade, enfim, que aspira, *por excellencia*, á poesia, e se presume já cheia de encantos, é, desgraçadamente a mesma, onde menos se apreciam as bellas artes, e tudo, que ha na vida, de grande e sublime.

Deixaremos tambem a pintura, essa reproducção das bellezas naturaes, que apenas é conhecida em Coimbra: as magnificas télas de Raphael, Rubens e Salvador Rosa ainda não poderam despertar aqui o amor da arte, pela qual o pintor materialisa as visões da sua imaginação inspirada.

Occupemo-nos pois da terceira — a musica: com esta nos demoraremos mais; e faremos justiça á alegre flôr do Mondego, á patria dos amores da linda Ignez, visto que esta arte vai sendo cultivada em Coimbra com toda a dedicação.

Permitta-se-nos porém, que, em tom

alegre, para não fatigarmos o leitor, comecemos a sua critica, não para desanimar alguém, mas para corrigir defeitos, que obstem ao desenvolvimento, de que ella é susceptivel em terra tão favorecida pelas riquezas naturaes.

Que genero escolheremos: o sacro, o marcial, ou o profano? Não importa: analysemos cada um por sua ordem.

Entremos na igreja de Santa Cruz. Ahi ouviremos, como obra prima, bem como em todas as igrejas de Coimbra, o *miserere* do José Mauricio, cujo merito, ainda que seja incontestavel, é comtudo exagerado pelos conimbricenses, a ponto de quererem levar sua fama até Londres, onde o archivo musical se acha enriquecido com um grande numero de bellas oratorias, preciosas reliquias do genio de Mozart, coroadas com a magestosa e bem trabalhada *missa de requiem*, que o seu ultimo suspiro deixou incompleta.

Mas já íamos divagando para a biographia do illustre nome musical, que acabamos de citar; sejamos pois mais circumscriptos; e voltemos de Londres a Santa Cruz de Coimbra, onde, em vez d'estas oratorias, executadas com magnificencia e pompa, ouviremos, como já dissemos, o *miserere* de José Mauricio, e o *Te Deum* de Marcos Portugal, como páo para toda a obra, e tudo isto estropeado pelo contínuo uso dos registos, pelo trombetado e flautado do orgão da mesma igreja, que, sendo uma peça rica, e mui pouco vulgar, é comtudo o mesmo, que o não fosse; visto que um grande numero d'esses registos se acham entulhados de lixo e poeira, em razão de não terem servido ha muito tempo, por não haver organista, que os saiba manejar.

Emquanto a cantores, o devoto ainda animado pelas preces da devoção mais ardente, que espera ver excitada ao entoar dos hymnos sagrados, soffre uma decepção horrivel, ouvindo soar do côro vozes rouquenhas, contrafeitas, mal concertadas, e tão contrarias ao effeito dos cantos divinos, como a claridade do dia é contraria ás trevas da noite.

Emquanto ao genero marcial, temos as incansaveis philarmonicas *Boa-união*, e

não sabemos, que outra. Assim as appellidamos de incansáveis, porque tocam nos cavallinhos, nos touros, nos quadros vivos, nas ascensões aerostaticas, nos bazares, theatros, illuminações, festas de igreja, procissões, enterros, etc., etc., menos nos passeios publicos... O seu bombo fundamental, sóa ás vezes desde o alvorecer do dia até o pôr do sol; e, acompanhado do badálo do sino e das bombas fogueteiras, fórma os trez elementos indispensáveis para se mostrar o regosijo conimbricense, quèr publico, quèr particular.

Sejamos porém justos e imparciaes: se, principalmente a philarmonica Boa-união, não tem progredido tanto, quanto era de esperar — não é de certo por falta de esforços do seu habil director, mas porque todos se tornam impotentes, quando têm a combater negações musicaes, quando deveres mais sérios os affastam da poesia para o materialismo da vida.

Falta-nos dizer alguma coisa sobre o genero profano: temos a considerar uma especie de charanga, a que chamam *churumela*, que desde D. Diniz se tem exercitado no mesmo repertorio, e apresenta no anno de 1858, como novidade musical a ária da cigana na opera — o *Trovador!*

AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

A civilisação na Aldeia.

Viens, ó mon ami! viens, avant que l'été se retire! hate-toi de voir les campagnes dans leur novel aspect.
Le moissonneur arme ses mains, et sous ses coups destructeurs, les épis tombent en foule: le laboureur rempli de joie rend graces au ciel, par des cris d'allégresse.

Choix de Poésies Allemands. Tom. 2.^o — L'Été.

I.

Era uma tarde de verão; uma d'essas tardes, cuja poesia e encantos, cuja belleza o coração sente, aprecia, arrastado pela seducção, pela melancolia magica, que mansa e subtilmente se infiltra na alma sen-

sivel, votada á contemplação; cujos mysterios e segredos não se atreveria a revellar, se lingoagem houvera capaz de o fazer.

O crepusculo, substituindo os ardentes raios do sol, que escondido se havia por detraz da colina, vislumbra apenas; e o seu clarão amortecido dava á natureza mais um realce de formosura...

Desgrenhada e pallida se levantava a lua por entre a orla dourada e purpurea do horizonte longinquo; e diminuindo em grandeza, para augmentar em intensidade, parecendo pairar, avançava desapercibida, sulcando com seus agigantados passos a a atmospherica, que, fendida, affigurava ondular em volta d'ella...

Lá do meio do incommensuravel espaço, a donzella da noite, a Egeria, inspiradora do poeta e do philosopho, consocia da melancolia e do amor, emittia sua luz frouxa, seu morno reflexo sobre a terra, vestida de verdura, onde as gotas d'orvalho, que da atmospherica se deslisavam sobre a superficie aveludada, assim das rasteiras plantasinhas, como dos agigantados alamos e azinheiras, e sobre o roxo e azul das florinhas do prado, modesto e innocente adeus da rainha das estações, convertia, aquellas, em brancas perolas e em scintiladores diamantes, estas, em saphiras, que a diaphanidade das agoas, deixando-se atravessar do reflexo da lua, combinado com a mimosa côr da bonina, revestia de admiráveis matizes.

A azulada abobeda do firmamento, esse manto recamado de brilhantes estrellas, que esconde, que rouba a nossos olhos o throno, em que se assenta o *Supremo Ser*, parecia mais bello, mais surprehendedor, que nunca...; e toda esta grandeza celeste se retratava no espelho das agoas do rio, que manso se deslisava, ao som do seu solemne murmurar, que servia como de acompanhamento ao trinar mavioso, ás melodias suaves, ás canções amorosas da avesinha, que, postada no ramo do salgueiro, procura o socego do pôr do sol, e a frescura da madrugada, para entoar fervorosa prece ao Todo-Poderoso, e festejar, ebria d'amor, a fidelidade da terna esposa, que na sua pobre e humilde, mas amada habitação, affaga,

aquece no seu seio maternal a prole ainda implume....

II.

Está assentada, na margem esquerda d'esse rio, uma aldêa, que, vestida de simples e grosseiros trages, semelhante á pastorinha dos outeiros, mas respirando innocencia, candura, singeleza, fidelidade, firmeza na crença de seus pais, na fé pura do christianismo, nos principios da religião poetica, consoladora, simples e comprehensivel do *Cruzificado*, ensinada e explicada pelo velho reitor seu chefe, seu pai, seu amigo e protector benefico, se eleva, modesta e risonha, até as denegridas paredes da torre do presbyterio, cujo campanario, coroado de vigorosas eras, vigilia incessante, que junctando sua voz mysteriosa ás harmonias da natureza, adverte os moradores da pequena aldêa, de que ha um Deos no céo, a quem devemos a existencia e a conservação, a quem tudo nos manda tributar amor, reverencia, confiança, gratidão...; e traduzir estes sentimentos sublimes, a maior riqueza do coração humano, em uma expressão, que se harmonise com suas perfeições, e que sirva a corroborar, a acalorar este intimo sentir, a enriquecer este ineffavel peculio do homem virtuoso...

Os sinos do campanario, ou com seu repicar festeiro no dia das alegrias da terra, que chama o céo, que convida o coro dos anjos para exaltal-as, ou com seu compassado e lúgubre dobrar no dia d'afflicção para a familia desolada, quando, ou o tronco, ou o vigoroso ramo, ou a vergontea juvenil, arrancada pelo negro vendaval do tempo e da eternidade, baquêa no abysmo do não ser, e murcha e desbota uma a uma as flores, cresta uma a uma as folhas da arvore domestica, á sombra da qual só o homem pôde encontrar verdadeira felicidade; porque só ahí encantos, ahí alegrias, ahí delicioso sentir!... quando as lagrimas e os gemidos de dolorosa saudade procuram resgatar a alma, que se evapora e se perde nas sombras da eternidade, que lh'a esconde para sempre!... é 'nestes momentos, digo, em que a vida oscila entre os dous termos, que a resumem, que elle leva seus

concertos d'um a outro angulo da aldêa; cada uma de suas badaladas chama um sorriso, excita uma dôr, acorda uma saudade.... É então que o homem do campo acode a prostar-se sobre o pavimento laçado do templo, e a entoar com o coração e com os labios um hymno, uma prece fervorosa, na harpa divina d'uma crença viva!...

III.

Contente com a sua sorte, com as suas coberturas de plumbeas lages, ou de torrado colmo, o camponez vive feliz, mui feliz...: não inveja os dourados tectos dos magnificos e sumptuosos palacios da outr'ora opulenta Tyro, da magestosa Roma, da altiva e mercantil Veneza, com seu affanoso lidar do commercio, da seductora Paris...; a sua sebe de salgueiros e roseiras silvestres, que a primavera enfeita de verdes folhas, e esmalta de variegadas flores, é mais encantadora, mais insuperavel á corrupção, ao vicio, á inquietação d'alma, que os altos muros da mais soberba praça, cujo accesso é para aquelles tão facil; o trinar d'ave innocente, o murmurar entrecortado das transparentes agoas, o coaxar das rãs, o segredar d'humilde insecto, esta musica natural, segundada pelo tanger do sino do presbyterio, e por alguns instrumentos pastoris, não cede, no seu seductor concerto, á roídosa orchestra, que faz retumbar as espaçosas ruas da capital, que se reflecte pelas sinuosidades do magnifico theatro de S. Carlos. 'Numa palavra, a tosca e grosseira carreta de castanho, arrastada por dois possantes bois, substitue, excede mesmo o carrinho tremulante e aveludado, em que se reclinam os nossos barões da moda, ou os que sonham com essa ridicula posição, tirados, *como se diz*, por dous fogosos ginetes, que a vaidade chamou, talvez, d'Arabia ás cidades da Europa.

Aqui o trabalho, a religião, a virtude, só querem, por unica recompensa, o fructo abençoado da terra, a tranquillidade e o repouso d'algumas horas, que a fatigante tarefa d'um bom par de sulcos abertos com o arado, e, quiçá, com os braços do lavra-

dor, regados com o suor copioso da sua crestada fronte, torna necessarias.

À noite a viola, o tamboril e a tosca flauta, com sua cantilena rustica e simples, convida as moças da aldêa e os rapazes ao baile, debaixo da varanda do padre-reitor, que não pôde sustar as lagrimas de contentamento, ao vêr as suas ovelhas brincar e entregar-se ao divertimento innocente da dança, depois d'um dia de trabalho e de fadiga. O pichel vóa d'uma para outra parte; e a alegria, a completa ausencia da angustia, do desassocego, que se gera, e por fim se torna habitual aos moradores de grandes cidades, ao emprehendedor ousado, ao ávido negociante, ao ambicioso magistrado, ao sabio pretencioso, á dama caprichosa, presumpçosa e affectada do salão do baile, se devisam 'naquellas fronte, que só revelam a fé em Deus, o amor ao trabalho, e, 'naquelle momento, o prazer da dança e da cantiga ao desafio, tambem modulada por uma d'aquellas gargantas virgens, através da qual não tem ainda passado palavras infeccionadas pelo halito pestifero da immoralidade, da libertinagem, da devassidão, e do cynismo que vemos, por desgraça, reinar lá onde se diz, que móra o progresso e a civilisação!...

Não nos accusem de inimigos da sciencia e do progresso: rejeitamos o epitheto de retrogrados e visionarios. Não nos deixamos dominar pelas elegias de Eugenio Huzar, mas tambem não nos seduzem as floridas canções da imaginação fecunda de Pelletan.

A sciencia é a voz da razão, da natureza; é a revelação de Deus, symbolo d'elle sobre a terra; a sciencia é o redemptor das miserias da humanidade: o progresso é o filho 'nella incarnado; mas é a sciencia revellada ao homem por Deus, por entremedio da razão, e não da razão perdida e tresvairada nas avenidas do imaginar fabuloso.

Oh! como é bella e risonha a sciencia do lavrador! como passa tranquilla e serena a sua existencia! Estou certo que Descartes trocára a sua *duvida* por esta sancta ignorancia; Condillac despedaçára a sua estatua; Bacon vendêra o seu *methodo*;

Kant fizera pasto das chámmas a sua *theoria da razão pura*.... por um só momento da tranquillidade e prazer agricola. Ha um pensamento, um livro, que eu não dera por nenhum thesouro da terra, se fosse meu: é o *Parocho d'aldêa* do nosso Herculano.

E. GARCIA.

Documento curioso

No archivo da camara municipal d'esta cidade encontrámos, ha pouco, no *Copiador*, livro 7.º, tomo 1.º, a pag. 180 v., o edital, que em seguida publicamos.

Posto sabermos que já foi dado á luz em um opusculo, impresso em 1769, com o titulo de *Collecção das leis promulgadas e sentenças proferidas nos casos da infame pastoral do bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação etc.*, entendemos, pela raridade d'este livro, que fariamos algum serviço, contribuindo para sair novamente á estampa aquella famosa peça. E accresce que, no manuscripto d'onde a extrahimos, ha algumas, ainda que pequenas variantes, as quaes em nada alteram o sentido do edicto do tribunal de censura, e são de certo devidas a erros de copistas; mas que para nós foram motivo bastante para dobrar o interesse, que nos moveu.

Aquelle edital é um insulto grosseiro ás cinzas do Padre Antonio Vieira, e uma vingança mesquinha contra a roupeta do jesuita. O Marquez de Pombal precisava, para se firmar no poder, destruir a companhia de Jesus, na qual encontrava um temivel obstaculo aos seus projectos: chegou a occasião opportuna: o attentado de 3 de setembro de 1758 foi a causa verdadeira ou apparente, que allegou o nobre estadista, para se desfazer de seus poderosos adversarios. Expulsou-os do paiz; e como que receioso da sombra do maior vulto, que houvera 'naquella corporação, mandou á real mesa censoria, que condemnasse o livro do grande escriptor. O colosso gigante tinha medo da palavra persuasiva e eloquente do primeiro orador sagrado. Vieira do seu tumulo na Bahia offuscava ainda o brilho do ministro de D. José I!

São bem conhecidos os motivos por que, cento e um annos antes, tinha o celebre Antonio Vieira sido condemnado pela inquisição de Coimbra, depois de jazer 'nella por espaço de dois annos e tres mezes. ¹ Ahi corre impressa a sentença ² d'esse processo monumental, conjunctamente com outra, proferida pelo mesmo tribunal, contra D. Diogo Justiniano, arcebispo de Cranganor, e um dos mais entusiasticos panegyristas do insigne jesuita ³.

Talvez menos o caso das profecias, que as intrigas da côrte de Affonso VI, levassem o douto orador para os carceres da inquisição. Antonio Vieira era um engenheiro ardente, ⁴ que então se achava todo entregue ás vicissitudes da politica, preparando o throno para D. Pedro II, de quem fôra mestre e confessor. ⁵ E na côrte de D. Affonso o tribunal da inquisição não seria muito escrupuloso em favorecer os desejos do governo, de se ver livre da influencia d'um tão perigoso inimigo, do homem de quem disse o Papa Clemente X: que *deviamos dar muitas graças a Deus pelo ter feito catholico romano.* Quem o havia desterrado para o Porto em 1662, e d'ahi para Coimbra ⁶ em 1663, não parece muito innocente 'nesta denuncia ao *Sancto-Officio*.

Em tão difficil conjunctura desinvolveu Antonio Vieira os mais subidos recursos da sua grande intelligencia e vasta erudição. Posto incommunicavel; podendo apenas obter papel e tinta nos ultimos tres mezes do seu memoravel captiveiro; sem livros que o auxiliassem; guiado só pelos vôos do seu incomparavel genio, compoz um livro, ⁷ em que tractou *ex professo* quarenta e quatro questões, relativas ao objecto de que o accusaram, provando o que dizia com a Escriptura, com solidos ar-

gumentos e com grande numero de citações; obra que a todos causou assombro, pela stupenda memoria, agudeza de ingenho, e sublime discernimento, que 'nella manifestou.

A um espirito d'estes; a um homem, cujo coração pulsava sempre ⁸ pelo amor da patria; ao *Bossuet* portuguez; ⁹ ao mais auctorizado classico da nossa lingua ¹⁰, era devida uma tal recompensa. Perseguiu-o a inveja em quanto vivo; queimaram-lhe os escriptos depois de morto!

Não pretendemos justificar todos os actos do Padre Antonio Vieira, e muito menos absolver a Companhia de Jesus do ascendente, que ambicionava tomar nos negocios publicos; o nosso fim, ao lançar no papel estas poucas linhas, foi só tornar conhecido um documento de vergonhosissima ingratição para com o melhor mestre da nossa lingua, para com o nosso primeiro orador sagrado, e um dos mais ricos engenheiros de Portugal. Que lhe movessem crua guerra os contemporaneos, tinha natural explicação no ciume, que 'necessariamente lhes havia de excitar; mas, um seculo depois, pedia a justiça, que se respeitasse o vulto venerando, que tanto engrandeceu a patria.

A. J. T.

Maximas e pensamentos.

Duas coisas são precisas ao ignorante para alcançar a reputação de sabio: viver entre os parvos; e ter boa memoria e algum ingenho, para conservar e referir como seu, o que, de melhor, pertence aos outros.

Se uma criança *impertinente*, de 16 ou 18 annos, se arvorar em juiz supremo de vossas acções, ou pretender questionar-vos em materia de experiencia—fazei-lhe os vossos cumprimentos; e enviái-o para a eschola, ou para o cura da freguezia.

N. T.

⁸ Ibid.

⁹ Ferdinand Denis: *Histoire litteraire de Portugal*.

¹⁰ Francisco José Freire: *Reflexões sobre a lingua portugueza*, Parte 1.^a

¹ Breve Resumen de la vida del venerable Padre Antonio de Vieira. — André de Barros, *Vida do apostolico Padre Antonio Vieira*.

² Esta sentença está tambem incluída nas provas da *Deducção chronologica e analytica* sob o n.º XLV no 1.º vol.

³ André de Barros.

⁴ *Deducção chronologica e analytica*, Parte 1.^a

⁵ Antonio Vieira: *Carta LXII*, 1.º vol.

⁶ André de Barros.

⁷ Breve Resum. — André de Barros.

À memoria de minha prima

JULIA EDUARDA D'ARAUJO CRESPO.

Vem, ó lyra, d'ha muito esquecida,
Vem um hymno bem triste entoar...
Companheira de meus soffrimentos,
Vem de novo teus cantos soltar.

D'essas horas ditosas da vida,
D'esses curtos momentos d'amor,
Quebra as cordas fagueiras d'outr'ora,
Troca tudo por carmes de dôr.

Sê o espelho fiel de minha alma,
Traja vestes de lucto e de dô,
Vem comigo chorar sobre a campa,
Sobre a campa de Julia, tão só!

Vem, pergunta, quem foi, que do mundo
'Numa idade tão curta a levou,
Sem ao menos o adeus derradeiro
Dar na terra a quem mais adorou...

Oh! pergunta, meu doce instrumento,
Se ante o throno radiante de Deus
Ella escuta os gemidos, que exhalo,
Que lhe mando nas brisas aos céos?

Se dos filhos tão meigos e lindos,
Que orfãosinhos na terra deixou,
Ouve as preces, pedindo conforto
Para quem triste sem ella ficou.

Diz-lhe, mais, que se á noite, no espaço,
Vejo a lua d'estrellas cercada,
Cuido vel-a envolvida nas nuvens,
Entre os anjos, divina, sentada.

Julia, Julia, do céo, onde habitas,
Ouve os cantos de mágoa e saudade,
Que te envia quem sempre no mundo
Te offertou gratidão e amisade.

Ouve, ó Julia, meus versos singellos,
São mesquinhos, bem sei, mas são teus;
Se na terra por ti fui amada,
Não te esqueças de mim lá nos céos.

Coimbra, 10 de novembro de 1858.

AMELIA JANNY.

NÃO CREIAS!

NO ALBUM DO MEU AMIGO F. D. LEITE SAMPAIO.

Mancebo, coube-te em sorte,
Nos magos jardins da vida,
Por entre risos e galas,
Perpassar co'a fronte erguida.
Por isso é talvez um crime,
Com minhas tristes canções
Ir arrancar a tua alma
D'esse sonhar d'illusões:
— Embora...: só póde est'harpa,
Ao desengano rendida,
Dar-te uma canção nascida
D'entre amargas decepções.

'Neste jardim da existencia,
Matizado de mil côres,
É desatino agras dôres
Vir assim apresentar:
Loucura..., talvez que seja;
Mas, quando a mente delira,
Eu não sei a minha lyra
De flôres engrinaldar:
Minha alma, triste e vergada
Aos golpes do soffrimento,
No livro do sentimento
Só póde um pranto deixar.
— Triste pranto, repassado
Do amargo fel da exp'riencia,
Que eu na taça da existencia
A longos tragos bebi...
Um traço da immensa historia
De tudo quanto soffreram
Os que na mulher já creram
Como eu na mulher já cri...
— Lê esta sentida queixa,
Quando um dia a mão da sorte
Peçar tambem sobre ti;
E oxalá que então, ao menos,
Da vida quebrado o encanto,
Aches allivio no canto,
Que venho deixar-te aqui.

Talvez que a mulher um dia,
Volveu e caprichosa,
Te cinja a fronte orgulhosa
Dos verdes myrtos d'amor.,.

Jámais deixes, esquecido,
A tu'alma descuidada
Viver assim embalada,
'Nesse engano seductor.

Não cinjas essa grinalda,
Que occulta espinhos e dôres:
Essas mentirosas flôres,
Mancebo, calca-as no chão...
— Que a mulher nos dá o inferno,
Promettendo o paraíso,
E esconde por entre um riso
O punhal de uma traição.

Tambem já viveu minh'alma
Um viver todo poesia...
Já de uns olhos na magia
Minha existencia abrazei:
Insensato!... e que me resta
D'esse tão fagueiro sonho?...
— Triste despertar medonho,
Em que traído acordei!

Tu no mundo achar não queiras
Firmeza em seu pensamento;
Nem virginal sentimento
'Nella procures em vão...
Que a mulher, tendo nos labios
Sempre um sorriso estudado,
Ao primeiro, que é chegado,
Dá... e tira o coração.

E quando mostrar amar-te,
Com amor falso e mentido,
Finge teu peito rendido
Ao seu olhar seductor:
E, se o coração voluvel
De novo lhe vires preso,
Responde com teu desprezo
Ao seu refalsado amor;

Que 'nella é tudo mentira...
Mentem seus falsos encantos;
Seus juramentos e prantos
Falsidade tambem são:
Por isso, ao vê-la perdida
Nas garras do soffrimento,
Deixa o negro desalento
Esmagar-lhe o coração.

Talvez, contemplando extinctas
As crenças dos verdes annos,
Não renegues seus enganços,
Como eu d'elles reneguei.
— Ao vêr em dôres trocados
Esses magicos prazeres...
Perdôa tu, se podêres,
Que eu perdoar já não sei.

Perdoar! quem perdoára
Á mulher, que em negro abysmo,
Aos golpes do scepticismo,
A minh'alma despenhou?...
— Oxalá que então não digas,
Co'os olhos no abysmo fundo:
'O teu imperio no mundo,
P'ra mim, mulher, acabou!

Mancebo coube-te em sorte,
Nos magos jardins da vida,
Por entre risos e galas
Perpassar co'a fronte erguida.
— Mas se um dia a mão da sorte
Pesar tambem sobre ti,
Oxalá, que então, ao menos,
Da vida quebrado o encanto,
Aches allivio no canto,
Que venho deixar-te aqui!

Coimbra, 1855.

G.

UM SONHO.

Era noite! Sonhei-me a sós contigo,
Lá pelas horas mortas, quando tudo
É silencio na terra, e eu triste vate
Apertava ao meu teu gelado peito!..
Era noite! E por vezes em teus labios,
Ousado, quiz depôr ardente beijo.
Parecia querer p'r'o teu fugir meu peito:
Não podia fallar, que eu tinha medo
Fallando não dizer o que sentia...
Eu quiz dar-te de fogo um beijo terno;
Mas, quando nos teus labios de marmore
Os meus ía pousar, fugi depressa!
E tu, immovel, qual estatua fria,
Com cynico sorriso contemplavas
Uma victima tua, que vergava
Ao amor, que fingias ter-lhe dado...
Mulher, se nunca amaste, não opprimas

O vate desgraçado! Melhor fôra
 Sempre ter-lhe fechado esse teu peito;
 Não lhe dar com um sorriso a esperança,
 A vida com palavras não sentidas,
 O céo c'um volver d'olhos tão fingido!
 Assim te disse...: tu p'ra mim sorriste
 Um sorriso indiferente! ó meu peito
 Parece não pulsou. Quiz responder-te:
 Minha voz abafada não se ouvia,
 E gelado tremor tomou meu corpo...
 Era dia!... acordei de ti bem longe:
 Parece que sonhei um sonho triste!..
 Que da noite, a horas mortas, quando tudo
 É silencio na terra eu triste vate
 Apertava ao meu teu gelado peito!... F.

Charada.

Sou particula, em grego, mui usada,
 E lettra sou tambem; e no latim
 Ao *in* eu correspondo, qu'anteposto, }
 Diz quasi sempre *contra*, e nunca *sim* } 2

Sou uma, sou duas;
 De duas sou uma:
 No todo em que eu entro }
 Não sôa nenhuma. } 1/2

Queres que te cante?
 Dá-me a outra amiga:
 Sem ella não posso }
 Tecer-te a cantiga. } 1/2

Quando pelo infante
 Eu sou repetida,
 Nomeio-lhe aquella, }
 Que d'elle é mais qu'rida. } 1

Da linda e matizada borboleta
 Em meu seio recolho beijos mil,
 Quando os campos cobrir de varias flôres
 A primavera vem no mez d'Abril.

N.º 1 — *Novello*.

EXPEDIENTE.

Havendo-nos sido remetidas algumas
 charadas, sem a correspondente significa-

ção; bem como alguns escriptos, sem a assignatura do proprio auctor:— declaramos, que esta redacção decidiu não dar publicidade a qualquer escripto, que lhe fôr enviado, sem aquellas condições; embora o nome do auctor, quando o pedir, não tenha de acompanhar no jornal a sua producção. O mesmo declaramos a respeito de *maximas* e *pensamentos*, que tambem não serão publicados, sem que os acompanhe ou o nome do que os enviar, quando forem seus, ou, não o sendo, o da obra ou do livro d'onde foram extraídos.

Ficam em nosso poder muitos escriptos em prosa, e verso, que irão vendo a luz publica, segundo a sua precedencia na redacção.

Pedimos aos ex.^{mos} srs. assignantes dos *Preludios*, que não paguem, em Coimbra, a importancia da sua assignatura, senão á vista de recibo nesso.

Muito agradeceríamos ás Redacções, a que temos enviado o nosso jornal,— se, em cambio, nos remetterssem os seus.

A UNIVERSIDADE FECHADA

ou

UM ESTUDANTE SEM DINHEIRO

Comedia em um acto.

Assigna-se nas lojas de livros da Imprensa da Universidade, e na de Orçel, rua das Fangas;— no *Restaurante*;— e em casa dos cabelleiros Anastacio, rua do Norte; e Sanches, rua de S. João.

Preços: para os srs. assignantes 120 rs.; não assignantes 160 rs.

Recommendâmos, da melhor vontade, esta nova producção d'um artista de Coimbra, que estimamos, como a todos os artistas. Oxalá que ella possa ser tão bem recebida, como lh'o desejamos.

V. DA SILVEIRA.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

PRELUDIOS-LITTERARIOS

III

Meditação e trabalho; impressões faceis e ardentes; desejo e esperanças; amizade e prazer; liberdade e progresso; gratidão e amor; Deus e religião — eis em que se resume toda a actividade do estudante,— eis as idéas, os sentimentos, que mais predominam 'numa sociedade formada de mancebos, de dezoito e vinte annos,— sociedade como são todas aquellas, que o amor das sciencias, das letras, das artes, ou do bello tem espontaneamente organizado alli, onde a civilização conseguira levantar seu throno de luz, d'aspirações ao aperfeiçoamento infinito.

Debalde a ambição, a inveja ou o despeito têm procurado introduzir 'nellas o odio, a vingança, e todos esses sentimentos terriveis, que devoram o homem enleado já em mil paixões violentas e lascivas,— corroído pelo uso, pela velhice...

¡Debalde!

Porque, se esses sentimentos algumas vezes têm penetrado até o coração do mancebo, na idade, em que o considerámos, os seus effeitos têm sido rapidos e passageiros; e as impressões, que alli têm deixado, em breve o sópro divino das virtudes, que se lhe abrigam no peito — as têm dissipado, como a fresca viração do nordeste dissipa as negras tempestades, que se formam nos espaços... Apenas um remorso lhe fica em quanto dura a expiação da falta commettida.

Essas graduações, que separam os homens nas outras sociedades; essas honras ephemeras, que umas vezes têm por fundamento a corrupção, o roubo, o crime...

1859—Janeiro

outras a virtude, que perde toda a sua sanctidade, todo o seu *prestigio*, desde que um premio, ou uma recompensa a traduziu em linguagem vulgar e commum, ou lhe deu uma fórma material e lucrativa — não desuniram ainda a nossa associação...

O mesmo vestido nos cobre os membros, nos abriga do rigor das estações,— nos nivela a todos...: os mesmos habitos e costumes, os mesmos prazeres, os mesmos gozos, as mesmas penas nos prendem, nos identificam, nos fazem vêr em cada collega, em cada condiscipulo um *irmão*, sem mais direitos e obrigações uns do que os outros, — todos filhos do mesmo pai — DEUS —; todos ramos da mesma arvore — *Adão e Eva*...

Se folgamos, se a felicidade nos sorri,— quizeramos ver folgar os outros; quizeramos derramar sobre sua existencia parte egual d'esses bens, que ella nos offerece, e que não sabemos, nem podemos gozar sós. Se soffremos, a nossa dôr vai pesar sobre o seu coração sensivel, e arrancar-lhe do peito um brado de lástima,— como se a mesma alma animasse ao mesmo tempo todos esses corpos, cuja *identidade* já instinctivamente nos tem tornado caros...

O trabalho não é para os estudantes das universidades, ou escholae superiores, uma pena, ou um martyrio, como o consideram os *velhos economistas* e outros: o seu espirito, ainda *puro e transparente*, como um sorriso de Deus,— percorre-lhe todos os seus membros vigorosos, doces e flexiveis, e lhes imprime movimentos d'uma celeridade assombrosa, que o homem já mirrado, endurecido, *ossificado* pela devassidão dos costumes, ou pela velhice, que o annulla, tem traduzido, para absolver a sua

N.º 3

immoralidade, a sua inercia, a sua esterilidade, em fim, — por loucura, devaneio, irreflecção, falta de experiencia, — *creancice*...

O trabalho é, portanto, uma *acção necessaria* para a sua existencia, — é um gozo, um prazer...: a sua ausencia seria o aniquilamento de todas as suas faculdades: a prova — ide-a procurar na alta sociedade, 'nessas pobres crianças, enfezadas, rachyticas, que a ignorancia, ou a vaidade dos pais, tem condemnado á mais completa inacção sobre moles tapetes e estofados canapés — á guisa de *cão de regaço* de beatifica marqueza, ou de enriquecida e retirada costureira...

Dóe-nos o coração ao ouvir o falso juiso, que a este respeito se atrevem a formar de nós certas gentes, que, com ares hypocritas e santarrões, cheias de fátuas pretenções, recheadas de louca importancia, — gentes habitualmente de colarinhos tesos e lenço branco no pescoço, que navegam por este mundo sempre mergulhadas em enorme e asquerosa caixa de rapé, e que vêem 'num cigarro ou 'num charuto a immoralidade, o vicio..., sem se lembrarem de que o cigarro e o charuto só differem do rapé, em que aquelles servem para satisfazer o *apetite* do gosto, este o *apetite* do cheiro..., e que a final tudo é *tabaco*...: dóe-nos o coração, dizemos, ao ouvir o falso juiso, que a este respeito se atrevem a formar de nós esses *parasitas*, que só recebem o seu brilho da mocidade, que os rodêa, e de que elles não podem desprender-se, sem murcharem de todo, e caírem no abysmo do nada!..

Segundo uns, o estudante é o homem preguiçoso, indolente — por excellencia...; que arruina a familia com despesas inuteis; que consome metade da vida a dormir, e a outra a comer, a jogar, a fazer piroetas...

Segundo outros, — tudo 'nelle é *necessidade*: estuda, porque o *mandam* estudar; pensa, medita, porque é *preciso* que pense, que medite; diverte-se e goza, porque o *deixam* divertir-se e gozar; sai de casa, vai para as aulas, e torna a entrar em casa, porque a *cabra*, um bocado de bronze, em fórma de sino, assim *lh'o ordena*; come

e bebe, porque a familia lhe dá de comer e de beber; dá ao pobre uma esmola, ao infeliz uma consolação, na servente um pontapé, porque é *prodigo*, *inexperiente* ou *malcriado*...; em fim, o estudante é um homem sem imputação, sem dignidade propria, sem vontade, sem espontaneidade... é um automato — é uma *coisa-romana*....

¿Que faz o estudante em Coimbra?... Vêde-o: elle ahi vai, mui satisfeito da sua vida, com os livros debaixo do braço, atados com a sacramental fitinha encarnada, azul ou amarella, e ¿quem sabe? com as folhas ainda unidas e empastadas, como se acabassem de sair da imprensa da Universidade (onde os não compraria, aqui entre parenthesis, se a lei, a dura lei, lh'os não impingisse)...

Eil-o ahi vai, o maganão, rindo-se de tudo e para todos; e lá entra na aula, senta-se no banco da *tarifa*, tira do bolso um romance, uma historieta, um drama, uma comedia, uma coisa qualquer, que não seja compendio, e que tenha nas costas um nome bonito, poetico, *ultramontanista*, revolucionario... um A. Kar, um P. Janet... um *Proudhon*..., e lê.

O lente abre a pauta e começa a explicação do dia; o bedel aponta as faltas dos que ficaram na cama...; e o estudante, sempre preguiçoso, sempre indolente, e tudo que lhe quizerem chamar..., continúa impassivel, lendo o auctor favorito, ou cavaqueando com o seu visinho sobre os jornaes da vespera, a *Instrucion Publica*, de Madrid, por exemplo, em que um dos seus illustres e amaveis redactores se serviu tecer o mais lisongeiro cumprimento, que podéramos ambicionar para as nossas publicações; ou o *Nacional do Porto*, em que o seu correspondente de Coimbra, provavelmente algum *estudante de medicina*..., não póde levar a passo, que um dos redactores dos PRELUDIOS-LITTERARIOS tenha visto em certa noite a pobre lua, *pallida e desgrenhada*..., como se a lua não tivesse cara e cabelleira, e um coração capaz de sentir as miserias d'esta terra!..

Entretanto o lente conclue a sua prelecção; chama *ao acaso* um dos taes preguiçosos e indolentes, que apenas desperta

para lêr uma *sebenta*, ou dizer quatro coisas, que as mais das vezes têm tanto com a materia sujeita — como um romance de Paul de Kok com o cathecismo da doutrina christã...

V. DA SILVEIRA

Apanhâmos ao seu auctor, o artigo, que em seguida transcrevemos.

Não lhe valeram súplicas, nem ameaças...

O amigo é sempre facil em perdoar, e tanto mais, quando *tem a certeza*, de que o mal, que elle *teme* — é um bem que lhe procuramos; — um bem, se é um bem para uma alma franca, generosa — e modesta alguns elogios mais, que lhe vamos colher no campo da imprensa.

V. DA SILVEIRA

Amigo redactor: — Agradeço-vos infinitamente a honra que me fazeis, convidando-me a collaborar no vosso jornal. Mas, sinto dizer-vol-o, não viestes bater a boa porta. Podeis entrar quando quizerdes (e até 'nisso me dais summo prazer); mas ficai certo que não encontrareis coisa com geito. Abri todas as *gavetas*, correi tudo; e dou-vos licença para publicar o que vos parecer.

Mas não quero dar-vos esse trabalho: — eu mesmo vou fazer essa especie de *viagem á minha gaveta*. Se não sair tão engraçada como a de X. de Maistre em volta do seu quarto (Provavelmente não saí), pelo menos ha de ser mais verdadeira. Vou dizer-vos tintim por tintim o que apparece na minha gaveta da direita. A da esquerda fica para segunda viagem.

Um metro de marfim!

Já se vê, é um traste muito util — e até bonito; — mas para o nosso proposito.... não vem a proposito, na verdade. Vamos a outra coisa. Mas... perdão! um metro póde ser muito necessario na redacção de um jornal, que admitta poesias. — Notai que fallo no plural. Quando passar á gaveta da esquerda (É a da papelada), se por lá encontrar alguns versos (Fallo ainda no plural, pois bem sabeis, que eu não faço verso), prometto-vos que os não poupo; —

pelo menos hão de ficar todos com o mesmo comprimento.

Precisais lá do metro?..

Agora um pedaço de borracha para apagar lapis... Tambem serve, e muito. Quem ha ahi que escreva alguma coisa, que mereça lêr-se, que não apague aqui, risque acolá, acrescente 'numa parte, e emende 'noutra? Horacio já dizia, — desculpai a citação —

..... Carmen reprehendite, quod non
Multa dies, et multa litura coercuit, atque
Perfectum decies non castigavit ad unguem.

Já vêdes que sou de opinião contraria á do correspondente do B. Tisana. Ainda não desgosto de versos em latim. Assim eu soubera alguma coisa mais a lingua de Virgilio, que é moda agora ter em menos, alardeando-se até a sua ignorancia, como prova de grande espirito... (De grande tolice, direis vós talvez, amigo redactor.)

É a borracha?! É verdade a borracha... póde servir na redacção para apagar alguma coisa das que vos escrever, que mais vos desagrade. Se vos parecer apagai tudo, e escrevei por cima alguma coisa vossa, que 'nisso lucrarão os leitores do jornal; e deixai ralhar os compositores, que embirram com os riscos e entrelinhas do *original*. — Fallo typographicamente. — Tambem elles já embirraram com Balzac por egual motivo.

Em conclusão remetto-vos a borracha.

Agora um christal de quartzo!

É um brinco da natureza; e é bonito realmente. Tão bem talhado, tão limpido, tão christalino em fim... É verdade, christalino!.. É um lindissimo adjectivo: aguas christalinas... dentes christalinos... até espirito christalino! O nosso bonissimo A. Ferreira — o bonissimo vai por conta d'elle — não escreveu uma pagina em que não empregasse o adjectivo christalino, a sua meia duzia de vezes, pelo menos, — sem exaggeração. É valha a verdade, Camões tambem não desgostava.

Em fim o christal é poetico.

O que apparecerá agora?

Um repertorio do anno de 1854! Já fica muito atraz. — Passemos adiante.

Uma caixinha com pennas d'aço! Isto

sim, vem a proposito: a penna com que escrevo está já bastante romba. — Estou desconfiando muito que não é só a penna!.. (O ponto d'admiração é modestia).

Um rôlo de picadilho!

A respeito de picadilho, de tabaco, de charutos e cigarros... não digo nada. Seria uma *sem-saboria* depois das pragas, que rogo aos do contracto o sr. C. Castello-Branco. E bem haja elle!

Agora vem um baralho de cartas já usadas!

Era um lindo thema para uma dissertação sobre os perigos, e mil e um inconvenientes do jogo. Mas deixemos isso. — Em todo o caso, amigo redactor, sabeis que não gôsto de jogar. — Faço de vez em quando a minha *paciencia*.

Vejo agora que é impossivel levar ao *cabo* a minha viagem. Não por temer que me sáia do canto da gaveta algum adamastor de bôca negra e dentes amarellos (Não cabia lá, é bem claro); mas porque seria um nunca acabar, se pretendesse não já descrever, mas catalogar ao menos os diversissimos, esquisitissimos objectos, que se encontram — *pêlé-mêlé* — nesta pequena arca de Noé.

Em fim, e em resumo, bilhetes de visita, obréas entornadas, um sinete, mil coisas sem nome, e lá no fundo um maço de cartas (a maior parte da familia), e nas quaes se prova por muitos argumentos, que é possivel e até facil viver um estudante em Coimbra, e muito á grande, com dez ou doze mil réis de mezada. Que venham para cá, e verão. Parece impossivel! Pois não sabem, que, em dias de musica no jardim, é indispensavel o charuto de pataco, a botinha de polimento, o cabelo penteado pelo mestre Henriques, e mil outras coisas, que seria fastidioso enumerar aqui?! E depois a assignatura da Estréa, dos Preludios, das Gatas (Metamorphoseadas), que ahi lêem sofregamente, não custam nada aqui?! Lá com isso não contam!

Desculpai-me, amigo Silveira, estava imaginando que escrevia uma carta á familia, em resposta ás muitas, que todos os dias recebo, e cuja amabilidade pela réplica podeis avaliar.

Continuemos pois, ou antes acabemos a nossa viagem.

Alviçaras! No *verso* d'uma carta parece-me que vejo uma *poesia*: — pelo menos são umas poucas de linhas, que todas comecam por letra grande. Vejamos pois. Ora adeus! É uma charada.

Emfim, lá vai; (Mas não vos esqueçais do metro).

D'est'arte começando um genio illustre,
Qual raio fulgiu na Europa em guerra:
Porque 'nella acaba inclito guerreiro,
Famosa acaba assim longinqua terra. } 1

É dos anjos o céu, na terra o homem,
Até mesmo Diogenes, abriga:
Busca-me no covil a bruta féra,
E a ave tambem na selva amiga. } 3

Agora a respeito de conceito, meu amigo, — *caret*. Está escripto a lapis, e nem o diabo é capaz de o lér. — Parece que andou por lá a *borracha*.

Vou folhear alguns livros de poesias, que tenho sobre a mesa, a vêr se depáro com alguma coisa, que sirva *ad hoc*. Eu cá por mim não me metto 'nisso. — Nunca fiz verso, já o sabeis.

Inveni, inveni! Cartas a Emilia sobre a mythologia, pelo mimoso poeta Demoustier:

Lá beauté d'un front sévère
Ne peut pas toujours s'armer.
L'on est faite pour aimer,
Quand on est faite pour plaire.

Pois é o conceito!

Antes de passar á gaveta da esquerda não resisto á tentação de vos dizer que, junctamente com o *metro*, com a *borracha*, com o *christol*, com o *repertorio*, com as *pennas*, com o *picadilho*, com o *baralho*, com os *bilhetes*, com as *obréas*, com as *cartas*, com a *charada*, emfim, com muitas outras coisas, achei tambem um pataco falso.

Este roteiro da minha viagem fez-me lembrar agora, meu caro Silveira, uma especie de *lenga-lenga*, que tantas vezes me repetia minha avó para demonstrar *soriticamente*, que a agua é o mais forte dos elementos da natureza. É um engraçado apólogo. Lembra-me, como se lh'o ouvisse ainda hoje. Era uma formiga, que ella pu-

nha em scena, e a qual dizia assim, depois de ter dito muitas outras coisas: — *a agua apaga o lume, o lume queima o pau, o pau bate no cão, o cão morde no gato, o gato apanha o rato, o rato fura a parêde, a parêde tem mão no vento, o vento espalha a nuvem, a nuvem encobre o sol, o sol derrete a neve, que meu pé prende.* — E a agua era o mais forte! — Seguramente, a formiga não sabia o que era o vinho.

Mas, amigo Silveira, vitór-serio, — isto da minha avó é só para nós. Usai da *borracha*, — se é que não quereis fazer *bexiga*.

E com isto perdi o fio ao discurso.

Parece-me que estavamos no pataco falso. Já se sabe — idéas associadas — pintos falsos, notas falsas, Brasil, commendadores, condes, barões. Mas também não vem a proposito; e por isso fecho a gaveta, sentindo principalmente não ter lá encontrado aquillo, que vence todas as guerras, na opinião d'um illustre general, — o rei do mundo, como agora lhe chama também outro *patusco*. — Eu creio que me faço entender. . .

E fechando a gaveta, fecho também esta carta, que já vai longa em demasia. Não vos peço por isso desculpa: foi por obedecer-vos, que fiz esta viagem, e vos impingí esta enfiada de disparates. E o peor é que por fim de contas — nada, absolutamente nada, que vos possa mandar para o jornal. Desconfiu que na segunda viagem me aconteça o mesmo. Mas em todo o caso bóto-me aos mares, isso bóto. Se naufragar estou certo, que me haveis de acudir. No entretanto a chamma do vosso candieiro deve ser o destino d'estas poucas folhas, que escrevi só para vós. Não sejais tão barba-ro, que as guardeis na vossa gaveta. Antes não ter lá nada.

Vosso . . .

T.

Sr. redactor: — Agradeço cordealmente o convite, que me fizestes para collaborador do vosso periodico. É uma mercê, que me honra, e que não posso recusar. Recebi pois verdadeiros agradecimentos, como pe-nhor da minha gratidão.

Lembro-me de ter lido algures, que a historia de certos factos, passados no seio da familia, póde tornar-se fonte de profi-cuas lições. O insignificante livro, que vos remetto, posto que pobre, para preencher o fim, que na vossa carta assignastes aos meus escriptos, está em harmonia com este pensamento, a meu ver, justamente conce-bido.

Podia, sr. redactor, enviar-vos algum escripto, em que apparecesse tractado mal, certamente, algum ponto dos muitos, em que abundam as materias, que tenho estu-dado para as aulas. Porém remetto-vos o presente livro, porque alguns amigos, que o leram, me pediram lhe dêsse a primazia na publicação. Accedo agradecido aos seus rogos; ahi o entrego á estampa, sem emenda nem melhoramento. Dou o que tenho, e o que posso.

Foi para me distrahir de horas tormen-tosas, que o escrevi durante as ferias do anno lectivo passado. Permitti-me, senhor redactor, que, a este respeito, eu vos escre-va ainda algumas linhas.

Uma doença longa e perigosa, que me tem trazido a vida com aturado risco, obri-gou-me, em junho d'este anno, a voltar á patria, para nos ares d'esta eu beber mais saude. Infelizmente, quando contava reali-sar as minhas esperanças, — alegre abraçar a familia, e restabelecer-me, — fui procurar novo martyrio; fui quasi assistir ao fechar d'um tumulo, que me roubava a pessoa mais carinhosa; tumulo, que eu tinha de respeitar, e sobre que devia chorar lagri-mas da mais viva saudade, e profunda gra-tidão. — Deus fôra servido chamar ao somno eterno a minha muito querida mãe.

Bem sei, que a ninguem importa esta infelicidade; mas liga-se ella tanto com o livro, que vos remetto, que a não omitto, pedindo desculpa por apresental-a.

No meio da afflicção, que me causou o perder a mulher, que a Providencia fez mi-nha mãe, procurar em qualquer distracção lenitivo para a angustia era natural. Foi então, que entreguei á reflexão do meu es-pirito, caso que me fôra contado por alguns amigos: d'aqui nasceu o livro, que intitulei *Vicio e Virtude*, que vos remetto, pedindo

para elle a vossa indulgencia, e a de todos os que se derem ao trabalho de o lér.

Contei o caso, porque o achei digno de memoria, celebre e exemplar; mas contei-o sem offender aquelles, que lhe andam ligados. O público saberá dos factos, simplesmente: é quanto basta.

Mathilde não póde arguir-me, por haver eu descripto muitos dos passos de sua vida,—as suas alegrias, as suas horas de afflicção, o seu arrependimento. A mulher, que, outr'ora desviada do caminho da virtude, voltou a este, é digna de que os homens a tenham na conta dos bons; porque uma justiça mais absoluta, do que a nossa,—a de Deus,—lhe perdoou pela contricção.

Como desgraçada, respeitei-a. A desgraça algum tanto semelhante á morte, percorre muitas vezes a triste e acanhada habitação do pobre, e algumas tambem os palacios soberbos do rico e poderoso.

Sob os nomes de Pedro e Augusto encontrará o leitor typos de verdadeira dedicação para com o infeliz, verdadeiros heroes de nobres e elevadas acções.

É o que posso dizer do meu livro, o qual, posto que despido de valor, tem um fim, que me não traz remordimentos de consciencia.

Ahi o tendes pois, e a boa, embora pobre, vontade do auctor.

JAYME C. MONIZ

VICIO E VIRTUDE

Presagio

Lembro-vos minha tristeza,
Que jámais nunca me deixa.

CANÇÕES — Rimas.

I

—Se soubesses Luiz, se imaginasses, apenas, quanto soffro; se sentisses a tristeza, que me afflige, não te ausentarias.

—Affigura-se-me um futuro todo de desgraças! Cuido que nunca mais te verei; que esquecerás a tua Mathilde, a nossa bella filhinha, symbolo de nosso immenso amor! Affigura-se-me que, após a partida, terás para nós ¡oh! o esquecimento apenas!!

—Não receies, Maria; não me esquecerrei

de ti, nem de Mathilde. Vou partir, para que sejas minha esposa.

Para que me possas chamar teu marido, é mistér esta ausencia. É o preço custoso por que havemos de comprar felicidade sem limites! Após a partida, terei para ti e para a nossa filha, não o esquecimento, mas a saudade.

Quem é Luiz? quem é Maria? perguntará o leitor?

Respondemos já.

Luiz era um moço oriundo de familia honrada, embora pobre; nascido em uma das bellas cidades do nosso Portugal. Não conhecêra mãe, porque a mão da morte, mão destruidora, lh'a roubára, quando a liberalidade da Providencia o trouxera á luz; aos vinte annos perdêra aquelle, em quem concentrava todos os seus affectos. Luiz estava orphão de pai e de mãe.

Accolheu-se então a um parente remoto, alma bemfazeja e generosa, que não negou ao pobre orphão asylo e consolações.

Destinava-se para o commercio, quando o seu paiz se ía a pouco e pouco tornando theatro de sanguinolentas scenas.

Era em 1832. O enthusiasmo, que tomára pela causa da liberdade, levou-o a alistar-se no exercito do rei soldado, não obstante as muitas reflexões, que lhe fizera o seu parente e amigo, para o dissuadir de semelhante passo.

Apenas o havia feito, já Luiz militava nas fileiras liberaes. A sua coragem, o seu valor, e, sobre tudo, o amor ardente, que dedicava á patria, talvez porque esta viera substituir a mãe, que elle perdêra, tornaram-no conhecido entre os camaradas, e haviam-lhe ganho, além d'um bom posto, a então famosa (hoje não sei qual seja o seu valor...) condecoração da Torre e Espada, Valor, Lealdade e Merito.

Soldado, nunca o seu peito temêra as ballas inimigas; e ultimamente alguma houvera, que lhe não respeitára o valor. Na peleja, por entre ballas a mil, por entre cadáveres de irmãos e de amigos, com a morte sempre ao lado, Luiz batalhava á porfia.—Ávante soldados!—eram as unicas palavras, que soltava no ardor da lucta.

Após ella, embora victorioso, ficava tris-

te e pensativo, até que o toque marcial o viesse despertar, para nova ceifa de vidas.

Por que razão tanta tristeza no homem de valor, no soldado corajoso e bem visto? Perguntai-o a quem perdeu pai e mãe. Perguntai-o ao combatente sempre receoso de que, na ultima peleja, se perca com ella a causa que defende, e a liberdade da patria. Perguntai-o áquelle a quem crua necessidade obrigou a lutar contra a vida d'um irmão, d'um amigo, porque a sorte, talvez, ou a razão, os não identificou nas mesmas crenças!

No combate, Luiz era um raio de extermínio: fallava-lhe o seu dever de soldado: após elle era, antes que tudo, homem, e como tal, chorava e gemia juncto de muitos, a quem servia de leito de morte já a terra, sobre que tinham cahido banhados no proprio sangue, já os montões de cadaveres d'outros, que, mais ou menos felizes, quem sabe, os haviam precedido no partir d'este mundo!!

Que agonia, que dôr para aquelle, que não traz soffocado o sentimento do amor para com os outros, quando, em lucta encarnçada, tem de desobedecer-lhe! É nova peleja, que se trava no intimo d'alma, e em que se combatem, a qual mais, um sentimento gravado por Deus no coração humano, e uma necessidade dura!

A sociedade, sem distinguir, chama covarde, ao que se deixa vencer pelo primeiro!

Comtudo, mal se ouvia a voz de fôgo. Luiz deixava os mortos e corria na frente de seus camaradas; então parecia não ser já o homem, a quem doía n'alma a sorte infeliz de seus irmãos, mas o symbolo da destruição, o mais terrivel ministro da morte, o soldado cêgo pela causa, cujo defensor era.

Depois de porfiadas e tenazes acções os soldados de D. Pedro haviam, á custa de sangue, sacrificios e extremada coragem, completo a sua missão. Á patria cumpria agradecer-lhes: a alguns agradeceu com a fome e com a miseria!!

Luiz deixou então as armas, e, cheio de gloria, condecorado, voltou á casa de seu parente.

O pobre velho já não existia; e as suas

ultimas disposições eram prova authentica da amisade, que tinha áquelle, que o deixára, para ir offerecer a vida ás ballas. Quando Paulo (filho do bom do velho) começou a contar como e quando se finára seu pai, corriam dos olhos de Luiz muitas lagrimas, e de cada um dos de Paulo pendia aturado fio d'ellas. Este dizer de lagrimas (mudo e silencioso) traduzia-se em longo dizer de palavras, menos expressivo, por certo, como o leitor bem sabe.

Pouco tempo permaneceu Luiz com Paulo. Ardor de ganhar vida o levou segunda vez para longe da habitação d'este. Foi residir para uma aldêa, pobre, como costumam ser todas, das festas e prazeres das cidades principaes, mas rica de tudo quanto melhor ajunctar póde a natureza.

Mimoso olhar de gentil donzella attrahira a attenção de Luiz; e mais tarde passava elle horas, curtas, como costumam ser para amantes, em larga conversa com ella. Contava-lhe os seus feitos de soldado? que lhe dizia? Não o sei; não o sabe ninguem.

Só sei que ambos se amavam do âmagô d'alma; e que Maria (assim se chamava a moça) era uma das bellezas, que enriqueciam a aldêa. D'este amor, que os fascinára, puro nas intenções, nasceu Mathilde, que extremamente se parecia com seu pai. Mas Luiz não era esposo de Maria; o altar não interviéra para sancionar a união d'ambos; e era mister que interviesse. Tornára-se porém preciso, que Luiz cuidasse primeiro do real e necessario da vida. Esta necessidade obrigava-o a ausentar-se da mulher, que amava, e da filhinha, para ir á capital apresentar os seus feitos de soldado, e a divida em que lhe estava a patria; divida, para cuja solução exigia elle apenas um emprego, que vagára na aldêa.

D'esta ausencia nasciam, para Maria, receios que a affligiam. Affigurava-se-lhe um futuro triste. Proximo á partida de Luiz disse-lhe tudo quanto presagiava. As palavras de que então se serviu, formam o começo d'este capitulo. Mentiria o coração presago da mulher, que Luiz devia esposar? É o que o leitor saberá, se quizer dar-se ao trabalho de lêr o proximo capitulo.

AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

A civilisação na aldêa

IV

A noite abria o seu seio carinhoso e afavel aos infatigaveis camponezes, que, havendo trabalhado todo aquelle dia, vinham, ao cair da tarde, colher o premio do seu lidar incessante.

Era o dia da malhada do tio João Bento, rico proprietario da aldêa, a quem seus pais haviam legado uma boa *receita*, adquirida á custa do seu trabalho, e que, reunida aos bens, que elle alcançára durante o curso de sua vida, o fazia um dos maiores *ricalhões* da pequena aldêa, como lá dizem.

Os seus modestos operarios, suspendendo os *mangos* nos ramos dos castanheiros, e as moças, depondo as *espalhadouras*, com que haviam amontuado a palha, que, sobreposta em camadas, compõe a *meda*, que no inverno serve de guarida aos pardaes damninhos, quando perseguidos pela chuva e pelo temporal, e ao trabalhador para varios usos domesticos — vinham, formados em álas, compondo uma comprida e elegante cadêa, cujos elos eram seus braços denegridos pela acção continua d'um sol ardente.

V

Do meio d'esta pobre, mas feliz gente, se elevavam caprichosos córos, que ao som da flauta e do tamboril, garganteavam; deixando apperceber, de intervalo a intervalo, alguns versos estropeados d'essas mimosas e simples canções populares, que tanto immortalisaram o nome de Beranger, e que o nosso Garret tão bem soube colligir, e a que o povo dá o nome, conforme o seu sentir e entender de — *Silvaninha*, *Conde-ninho*, etc.

Chegados que foram ao sitio da *Portella*, onde o tio João os esperava e mais a sua classica consorte, um vivorio de alegria se fez ouvir; e as vozes se animaram, recresceram, elevando-se aos ares d'um modo frenetico e enthusiastico; e os instrumentos

agrestes subiram, pelo menos, uma oitava na sua sempre a mesma cantilena, — modificação unica, que no atravessar de tantos seculos experimentavam, como *canto-chão* da primitiva igreja.

— Bem vindos sejais, rapazes! gósto de vêr-vos folgar assim. Bom era que fosseis tão assiduos no trabalho, como o sois em dar á perneta... Apóste que estais dispostos a dançar até lá para essa madrugada! Como amanhã é dia sancto..., — disse o tio João para os seus bemvidos, com esse sorriso bondoso, que caracteriza o homem de consciencia pura, e de coração limpo, dando duas coliadellas á sua cabeça branca, como se houvera dormido ao relento 'numa noite de nevada.

— Deus e a Virgem o guarde, e lhe dê felizes noites! — gritaram os *malhadores*; e um d'elles continuou:

— Diz vocemecê, tio João, que somos mais *aquella* em dançar, do que em trabalhar! Eu estou vendo, que póde estar muí descontente! Ha oito dias que começámos a sua malhada; e eil-a ahi hoje concluida! Lá elle, nos seus vinte e cinco, apóste que era mais deligente...

— Valha-te a Virgem, Bernardo! Ora diz o sr. padre prior, que nem tudo se deve tomar ao pé da letra, — tornou o tio João com ar pachorrento. — Eu bem sei, que trabalhastes, e com alma; mas a gente, como lá diz o outro, tambem ha de dizer a sua graçola... Vamos, péga lá o pichel. A adega está aberta: toma, reparte com os teus companheiros: vós todos sois meus amigos. Viva a bella sucia! Viva a bella rapaziada, e mais o nosso padre prior, que Deus guarde e conserve largos annos! Espero-o cá esta noite, assim como o capitão-mór e a sua sobrinha: elles não podem tardar. Hoje ha de aqui haver mosquitos por cordas... Vamos! toca a rir e a saltar; e adeus cuidados, que o mais é historia; e viva a bella sucia!

Vozes confusas repetiram: Viva! viva!..

VI

Entre a multidão, que cantava e dançava, o que mais se distinguia era o Vicente Ro-

drigues, o melhor pimpão, na phrase moderna e polida,—o melhor janota da pequena aldêa. De espaço a espaço se ouvia uma voz argentina e suave: era a da Antonia de Jesus, que, segundo diziam as más linguas, trazia os seus contractos amatorios, mas innocentes, com o bom do Vicente.

Esta voz espalhava na atmospheria uma tão doce harmonia..., que nem as serêas no mar! — como dizia a tia Anna, para quem a Antonia de Jezus era os olhos da sua cara, a outra mulher, já velha, que se achava a seu lado.

—Ó senhora Amalia, olhe para a minha Antonia... Que bem se menea! Assim Deus faça bem á minha alma, e me livre do olhado de quem me quer mal, como a rapariga leva as palhinhas a todas as da aldêa, até, eu sei... até á sobrinha do sr. capitão-mór: é bem certo!

—Muito aquella deveis ter com a vossa affilhada! Assim lhe seja a sorte, como é formosa. Ainda o outro dia estivera dizendo ao meu Francisco, que *aquaso* que tinha algumas parecenças com a sobrinha do capitão...

—E que lhe parece essa gente por ahi a levantar falsos testemunhos á pobre rapariga, que vai todos os dias á missa; que se confessa no dia de S. Braz e de S. Bartholomeu, que é o sancto do nosso lugar; e, diz o padre prior, que é a que sabe mais doutrina cá na terra?! Deus me perdoe; mas melhor fóra, que olhassem para si! Eu não sou de mexericos; e nunca o fui. Lembro-me ainda do que meus pais me ensinaram: — quem tem telhados de vidro não atira aos do seu visinho...

—Isso é bem certo, senhora Anna... Ha pessoas, que só vêem os argueiros nos olhos dos outros...: têm a pelle do démo; e querem cobrir-se com o mantêo da Senhora! Se vocemecê soubesse ametade do que eu sei... deitava as mãos á cabeça! Olhe que os tempos já não são o que foram... Na minha criação! olha lá! espera, que já assim era!... não havia nem se via, o que hoje se vê...

—Ainda a senhora não sabe da melhor!

—Então que é, que é? — perguntou a senhora Amalia, com sófrega curiosidade.

—Ora que hade ser... nem a menina

Adelaide lhes escapal! pobre senhora... aquillo é mesmo um anjo...

—Ora diga, diga... pois atrevem-se?..

—A dizer o que ao démo não lembra! Como a vêm triste e pensativa, julgam...

—É verdade! vocemecê sabe alguma cousa do capitão e da senhora D. Adelaide? Ainda não pude saber a razão, que os levou a abandonar a cidade, onde viviam, com tantas festanças; e a vir morar 'neste retiro, n'estes montes, tendo lá, como dizem, tantas regalias...

—Eu, se quer que lhe falle a verdade, tambem me tem dado que fazer... E, depois, aquelle ar triste e carrancudo do velho capitão... Aqui ha coisa, por mais que me digam. Não sabe? O outro dia encontrei a menina Adelaide, chorando como uma criança, na fonte do Valle! Ella anda sempre tão aquella! não faz senão passear sósinha, suspirar e...

E. GARCIA

Registo d'um edital, de que o seu theor é o seguinte

Aos srs. dr. juiz de fóra, vereadores do senado da camara d'esta cidade.

O dr. Antonio Manuel da Fonseca Lemos, do desembargo de Sua Magestade, que Deus guarde, e seu corregedor com alçada em esta cidade de Coimbra, e sua comarca: faço saber em como o mesmo Senhor foi servido enviar-me o edital do theor seguinte:

Dom José, por graça de Deus, rei de Portugal, etc. Faço saber a todos que este edital virem, que no meu tribunal da real mesa censoria declararam algumas pessoas tementes a Deus, e zelosas do meu real serviço, e do socego público:

Que depois que no § 346, e nos seguintes, até o § 357 da parte primeira da *Deducção chronologica, e analytica* do procurador da minha corôa, se lhes havia feito manifesta a dolosa simulação, com que Antonio Vieira, da companhia, denominada de Jesus, e os seus socios maquinaram (entre outras supersticiosas prophecias) as que introduziram

debaixo do nome de Gonçalo Annes Bandarra; persuadindo-as compostas no reinado do sr. rei D. João III, quando na verdade tinham sido maquinadas, depois da acclamação do sr. rei¹ D. João o IV, para com ellas lisonjarem a côrte, e adquirirem sequito 'nella, e no reino, que illudiram: e depois de se haver condemnado a impositura das referidas prophcias, pela sentença proferida em dezembro de 1667, no tribunal da fé, contra o sobredito Antonio Vieira, fôra constante a todas as pessoas instruidas, que elle tivera a inaudita temeridade, de maquinar contra a dicta sentença da inquisição, e contra o público socego (em abono da antiguidade, e credito, que não tinham, nem podiam teraquellas suppostas prophcias), um papel por elle intitulado: *Carta apologetica, escrita por El Padre Antonio Vieira de la compañía de Jesus, al padre Jacome Iquazafigo de la misma compañía, y provincial de la provincia de Andaluzia, em 30 de abril de 1686*: Formando para assumpto d'ella a inverozimil idéa, de que o seu provincial d'Andaluzia, ainda no anno de 1686 ignorava em Sevilha o exito do processo d'elle Antonio Vieira, que se havia sentenciado 'neste reino, dezenove annos antes, em dezembro de 1667: E inventando para arguir, e ludibriar o mesmo respeitavel tribunal, quatro estratagemas tão extraordinarios, como foram.

Maximas e pensamentos

Não ha nada, que vos revelle tanto a grosseria d'um homem *delicado*, como é a falta de resposta ás cartas que lhe houverdes dirigido. N. T.

Não temos direito de nos dizermos completamente infelizes, em quanto amarmos descer ao fundo da nossa consciencia.

A S. GESSNER

Tu, que em estro divino arrebatado,
D'ameno parreiral á grata sombra,

¹ Na *Collecção de leis*, etc. lê-se 'neste logar — rei D. João IV.

Ou junto ás faias, que nas margens crescem
Dos placidos ribeiros, modulavas
Sonoras canções ao som da flauta,
Á virtude, ao amor, e aos doces gozos,
Que gera a paz dos campos dentro d'alma,
Quando nos campos a innocencia mora:
Gessner, cantor suave, eu li teus versos,
E os teus risonhos versos me incantaram,
Como os hymnos das aves, como as flôres,
Como os prados viçosos, como as auras,
Quando raia a manhã de um céu de rosas,
Na mimosa estação da primavera.

Rispidos sons na tuba aterradora
Nunca os soube inspirar a tua musa,
Os flagellos de Deus, heroes chamados,
Que devastam nações, entornam crimes,
Folgam c'os sons dos ais, co'as guerras duras,
Ella os detesta, não lh'esparge incensos;
D'altos palacios foge; aos campos vóa;
A virgem natureza ali procura;
Os gestos e as feições busca pintar-lhe;
Do rustico a cabana é seu palacio;
É o homem virtuoso o seu heroe;
Ama as leivas viçosas, ama os bosques;
Ali te ornou a frente d'alvas rosas,
Por premio ali te deu sonora flauta,
E te inspirou ali tão doces carmes.

Falta-me o estro teu; não tive em premio
A flauta, como a tua, tão sonora;
Mas da delgada aveia, eu juro, ó Gessner,
Teus cantos ensaiar nas frouxas vozes:
Teus vóos seguirei, de longe embora;
Seguir teus vóos só de longe eu posso,
Qual aguia implume, atraz da mãi ligeira.
Eu folgo, como tu, co'a natureza,
Amo os campos viçosos, amo os bosques,
As rusticas choupanas me são gratas,
Apraz-me a sua paz, prezo a virtude.

Gessner, cantor suave, um momento
De amor e gratidão quero sagrar-te.
'Num horto pequenino, que é regado
Pela corrente, que de um tanque flue,
Pequena laranjeira, ha pouco, eu mesmo
Co'as proprias mãos plantei; e tão propicio,
Tem-lhe sido tão grato este terreno,
Que a cada instante a vejo alçar-se aos ares,
O seu tronco ingrossar, crescer-lhe a rama.
Não longe d'ella um banco de verdura,

Que cercam rubras rosas, mil violetas,
 Ha de em breve gozar-lhe a amiga sombra.
 Aqui pois, 'nesta laranjeira, ó Gessner,
 Teu nome hei de entalhar, hei de sagrar-t'a,
 Da tua arvore á sombra hei de os teus versos
 Meditar no retiro, hei de estudal-os.
 Comigo a terna Marcia algumas vezes,
 Hei de ali conduzir; ali sentados,
 Os teus versos, a Dafne, imagem d'ella,
 Havemos ambos lér; e um leve riso
 Lhe ha de despontar na face linda,
 Meigamente ha de em mim fitar os olhos,
 Quando eu a comparar á bella Dafne,
 Jurar-lhe o mesmo amor, os mesmos fogos,
 Nas canções, que ali mesmo m'inspirarem
 Os teus propicios manes invocados. (F.)

SONETO

Côro augusto das nymphas, dos pastores,
 Deixai dos bosques a virente estancia!
 Vinde, loução, regendo a elegancia,
 Tecer grinaldas de cheirosas flôres...

Mande-vos a rainha dos amores;
 Derrame em vós a divinal flagrancia;
 E que o travesso nume d'inconstancia
 Do Olympo vos empreste aureos fulgores:

Expanda Phebo seu esplendor no céu;
 Sylphides, ensinai-lh'os vossos passos;
 E que lhes ceda a lyra o grão Orpheu:

Vinde até onde o rio estende os braços,
 Esse rio, onde Ignez d'amor morreu;
 Mathilde encontrareis: lançai-lhe os laços...

JAYME C. H. L. DA VEIGA

OS TEUS OLHOS

À EX.^{ma} SR.^a D. M. J. B. Q.

¿Para que teus lindos olhos
 Segredos me vêm dizer,
 Segredos mysteriosos,
 Que ninguem pôde entender...
 Se os desejos, que m'inspiram,
 Não gozal-os — é morrer?

Como os teus olhos [tão bellos!
 Jámais outros conheci...
 ¿Que ternas delicias, quando
 Pela vez primeira os vi!..
 Impressões, que me causaram,
 Nunca por outros senti...

¿Anjo divino! esta vida
 Fôra um céu d'amor sem fim,
 Se teus olhos respondessem
 Ao que sinto dentro em mim...
 Mas em vez de céu, ¿qu'inferno,
 Se jámais me dizem — sim!

.....

 ¿Embora! embora não digam!..
 Outros eu não posso amar...
 —É que elles sempre me encantam,
 Mesmo em seu mais vago olhar...

A. F. M.

Já depois de composto o nosso terceiro
 numero recebemos a seguinte carta e poe-
 sia do nosso amigo e patricio *João de Deus*.

Desalojámos logo outros versos, para
 lhes darmos cabida. ¿E quem o não faria!?..

A sua carta, que não pôde ler-se sem
 que uma lagrima nos role nas faces...; essa
 supplica singela, innocente e pura, como o
 respirar do rosmaninho em mysterioso
 ermo...; esse hymno angelico, modelado por
 um sentimento intimo d'uma saudade pun-
 gente, que desde longe o irmão entôa a
 outro irmão; essa crença profunda da exis-
 tencia d'um Deus, que a tudo assiste, á
 dôr, para nos consolar, ao prazer, para
 mais prazer nos dar..., tudo — tudo nos
 fez rasgar, sem custo, o nosso programma
 de publicações, por que nos havíamos re-
 gido até hoje.

V. DA SILVEIRA

Meu amigo e meu collega nas letras, no
 berço, e na ventura! Mando-vos isso, e se
 quizerdes obsequiar-me, publicai.

Um meu irmão, vosso leitor, e existen-
 cia, que rescende ainda aos balsamos d'uma
 alma virgem; cheio ainda d'esse *Verbo di-*
vino, d'essa eloquencia gemea do amor,

—que não se aprende— m'o acaba de pedir d'um modo unico!

... uma coisinha sua! assigne-a d'uma inicial ao menos; e eu não revelarei nunca a ninguém, mesmo nem á familia: juro-o!..

A vossa carta é-me egualmente consoladora. Como a estima nos enebria e nos enleva! A bemaventurança não póde ser senão de amor reciproco!

JOÃO DE DEUS

PSALMO

Pois não crêdes em Deus!.. vendo-o nas côres, Na voz, nos labios da mulher, que adora, Quando um bejo libou dos seus amores!..

Eu vejo a Deus na rosa quando chora Lagrimas lindas, lagrimas d'incanto, Por ver, mais uma vez, nascer a auróra!..

Eu vejo a Deus n'uns olhos, que amo tanto! Eu oiço a Deus gemer n'um seu gemido, E eu oiço a Deus cantar, se oiço o seu canto!

Tenho-o — mais d'uma vez adormecido — Achado a suspirar meu proprio nome No leito do meu anjo tão querido!..

Sempre que a dor ás palpebras me assome, Que apalpe o coração, que a dôr me rala, Ó-sinto junto á dôr, que me consome!

Elle soffre comnosco! Elle nos falla Pelos humidos labios do menino, Que, dos labios da mãe, no seio resvala!

Elle é que a luz nos dà! pharol divino! Centro-dos-soes-dos-mnndos-do-universo! ... Que ao halito da flôr marca o destino!..

Elle a face nos lambe! Elle do berço Das aguas se se ergueu — tambem valente, Cedro e lyrio voou, soprou disperso!

Como é grande Jehovah! Como é clemente Brahma, Sabaot, Allah... O Deus piedoso! O Deus do amor! O Deus de todo o crente!

2 de janeiro de 1859

JOÃO DE DEUS

Logogripho

A primeira quero-a sempre,
Porque não quero morrer;
E juncta c'o a terceira,
Nos arreios me has de ver.

A primeira e a segunda
É mortifero instrumento;
E a segunda c'o a terceira
É de genio turbulento.

Póde indicar o meu todo,
O luto, a morte e o pesar;

E, nos dias festivaes,

Nos templos me vês brilhar!

J. C. V. M.

Charada

O todo faz a primeira, }
Causa a segunda tambem; } 2

E esta sosinha bem póde }
O todo imitar mui bem. } 1

Na senda, que trilho,
De espinhos juncada;

Na vida que passo

Tão atribulada,

Só vejo phantasmas

Medonhos, sangrentos,

Só vejo tormentos,

Que a tornam pesada.

B.

N.º 2 — Alfazema.

EXPEDIENTE

Pedimos aos senhores assignantes, que por infelicidade nossa, não tenham recebido, em tempo competente, os numeros do nosso jornal, — nos desculpem esse atrazo, attendendo a que já se achava esgotada a primeira edição de 720 exemplares, que tirámos, quando os seus nomes foram enviados ao escriptorio da redacção; — e aos que residem em terras, onde a mesma redacção não tiver ainda estabelecido commissões, ou não possuir amigos seus, que obsequiosamente d'isso se tenham encarregado — se dignem remetter o preço das suas assignaturas, ou em estampilhas de 25 réis, se a quantia fór de menos monta, ou por meio de vales do correio, deduzindo-lhe o premio correspondente.

V. DA SILVEIRA

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

ESTUDO SOBRE AS POESIAS DE SCHILLER

Na vasta e famosa galeria dos poetas, occupa Schiller um logar distinctamente honroso.

Quem ama a poesia, como a expansão energica, do que ha de mais intimo, mais elevado e puro no coração do homem; como a expressão brilhante e harmoniosa, do que ha de mais nobre na intelligencia; quem a aprecia, como a pintura fresca, colorida e animada, do que ha de mais bello e magnifico na natureza,— não póde deixar de amar Schiller. A poesia reproduz as idéas, traduz os sentimentos, e representa as necessidades da sociedade: é, como todos sabem, a sua expressão, mais ou menos verdadeira, mais ou menos bella, segundo as qualidades do poeta. Quando a intelligencia é elevada e rigorosa; a imaginação rica e fecunda; quando a linguagem é animada e colorida, essa expressão, é, na bocca do poeta, uma inspiração grandiosa e sublime, é, como diz Lamartine, a voz da humanidade, que pensa, que trabalha, que goza, ou geme, resumida e modelada por um homem d'uma tèmpera mais fina e delicada, que a dos outros. Lêde as poesias de Schiller, e admirareis o poder, e a melodia d'essa voz, que, elevando-se na Allemanha, acordou no mundo litterario eccos, que não morrerão nunca; vereis a elevação da idéa enriquecida com as galas do estylo, e o genio, em toda a sua magestade, revestido de fórmulas as mais variadas e brilhantes.

Conhecimento profundo dos homens, e das coisas, grandes principios philosophicos e sociaes, apreciações justas e rigorosas, quadros perfectos, gosto puro, ternura de coração, excellentes qualidades

1859—Janeiro

moraes, a alma inteira do poeta abi se revela nas producções immortaes do homem, que honrou a Allemanha, illustrou a litteratura, e formou no theatro uma grande epocha.

Se são necessarios certos dotes, para alguem ser poeta; nem todos bastam, para se lhe dar o nome de lyrico: condições mais especiaes, uma maior consciencia do bello, um espirito vasto e poderoso, alguns privilegios, com que a natureza se não digna mimosear a todos os poetas, são indispensaveis, para uma producção se elevar á altura do lyrismo. O poeta lyrico deve traduzir os sentimentos e as paixões, que o agitam; deve ser o espelho fiel de si mesmo: a sua palavra deve ser a apothose de tudo quanto ha grande e bello na natureza, e no seu coração; e para isto precisa de emancipar-se do vestuario da materia, de elevar-se acima dos prazeres e das penas da vida, de abstrahir-se do que ha mesquinho, trivial e baixo, que o cerca:— precisa de, por assim dizer, desmontar-se do seu ser humano.

Assim como a aguia, deixando a terra e cortando o espaço com a sua aza ligeira, lança, rainha dos ares, um olhar desdenhoso sobre os montes e valles; assim o espirito, libertado d'aquillo, que o escravisa e acanha, deve erguer-se até as regiões celestes, pairar d'ahi sobre o mundo e os seculos, e não encontrar nos seus vãos arrojados senão Deus, que, dando-lhe a luz, o eleva, o engrandece e fecunda; o genio, então livre, puro, e radioso, ganha forças, e torna-se criador. Schiller recebeu de Deus esses dons preciosos e inestimaveis; e as suas poesias ahi estão a attestal-o. Ainda que elle não tivesse escripto Stuart, Gui-

N.º 4

Iherme Tell, Joanna d'Arc e Volstein, a sua collecção de poesias lyricas bastaria para o considerarmos como um homem de genio, e para o admirarmos como um grande poeta.

O poeta lyrico precisa de recolhimento e meditação; e o clima frio e nebuloso d'Allemanha, a sua natureza sonhadora e ideal, dá a seus filhos essa disposição, vantagem d'algum valor, que não gozam os homens de todos os paizes. Outro elemento, e esse indispensavel, em geral, na poesia, e, mui especialmente, na lyrica, é a religião. Sem religião póde ser-se poeta; grande nunca: é a religião, que, com as suas doutrinas elevadas sobre a dignidade do homem, com o seu espiritualismo puro, e sanctificante, com as suas maximas sublimes, anima e inflamma as faculdades do poeta, e espargue nas suas producções essa profundidade de idéas, essa suavidade melancholica, que, alimentando a intelligencia, consola o coração: as aspirações grandes, os sentimentos generosos, e os pensamentos nobres, só os póde dar a religião; é a fonte, cujas aguas, limpidas e crystallinas, fertilisam a alma do poeta. É por isso que a poesia morre sempre na atmosfera gelada do interesse, no dominio da algebra e da cifra: o positivo, a materia, são o exterminio do ideal, que é a sua vida.

Chateaubriand começou a abrir o sepulchro a essa philosophia materialista e cynica, que, no seu empenho, tão louco como impotente, queria apear a religião do solido e venerando pedestal, onde a tinha assentado a verdade; que derramava a jorros o fel dos sarcasmos sobre as affeições, que mais nobilitam o homem; que se ria da virtude; e que, como diz Balmes, deixava o berço sem illusão, e o tumulo sem esperança. A divisa d'essa eschola era o scepticismo e a dúvida, que é o suicidio da intelligencia, que é o suão abrasador, que queima e murcha as flôres do sentimento, — que é a morte da poesia. É por isso que, 'nessa terra arida e fria, não floria uma rosa, nem nascia uma flôr. Voltaire, com o seu vasto e fecundo genio, podia tirar um grande partido da religião, se a seguisse;

combatendo-a, elle ficou, como poeta, muito abaixo, do que podia e devia ser; e ainda assim, diz Chateaubriand, as suas mais bellas paginas são paginas christãs; sejam prova o bello retrato de S. Luiz, e a sublime invocação no comêço da Henriada. Essa eschola, que arrojou sobre a Europa o facho incendiario da descrença, e cuja luz, lúgubre e sinistra, só allumiou scenas de desolação e horror, — essa eschola está morta; e, felizmente para a sociedade, não nos amargura o receio da sua resurreição. Uma nobre cruzada de bardos ardentes e generosos, fez, á face do mundo, um solemne protesto em nome da intelligencia degradada; e, sobre as ruinas do seculo passado, arvorou uma bandeira, em que escreveu as seguintes palavras: — *Deus, amor da religião, da virtude e da patria.*

Foram vingados os foros da dignidade humana; e gloriosas conquistas têm, desde então, sido ganhas nos vastos e deleitosos campos da litteratura. A tendencia da poesia 'neste seculo é essencialmente religiosa; e esta propriedade, que, principalmente, a caracteriza, tem feito nas idéas, nos costumes, nas instituições e no viver da sociedade, uma revolução tal, que os seus grandes e salutaes resultados são d'um alcance difficil de apreciar.

Schiller recebeu uma esmerada educação religiosa; espirito sensível, os doces ensinios de sua boa mãe insinuaram-se tão profundamente no seu coração, que, com mais ou menos força, se revelaram sempre na sua carreira litteraria, e ainda nos dias mais agros e tormentosos.

«Se a alma do poeta fôr sanctificada como um templo, o anjo dos nobres pensamentos ha de lá apparecer»: o sentido d'estas palavras de M.^{me} de Stael realisou-se em Schiller. Alma terna, ingenua e apaixonada, o sentimento sublime da fé, que lhe inundava o peito, traduzia-se nos seus labios em preces fervorosas, sinceras e ardentes, que, cheias de perfume, se erguiam da terra, e iam no céo beijar o throno de Deus. Ainda que incorrectas, são summamente bellas e mi-mosas essas poesias da primeira idade.

INSTRUÇÃO

SUMMARIO

1.º Importancia da lingua latina.—2.º Ella não é uma lingua morta.—3.º Todos os argumentos forjados por seus adversarios não ferem a sua influencia e utilidade; mas o methodo, por que se ensina e aprende.—4.º Vicios d'este methodo; meios de remedial-o.—5.º O seu estudo deve considerar-se mais como um estudo philosophico, que philologico.

Razão d'este escripto

Multa renascentur, quae
jam cecidere.....
HORACIO

Surpreza fará, e, não sei se dizer, despeito aos falsos amadores de luzes e progresso, aos espiritos saturados do amor da novidade, ouvir levantar a voz, para proclamar a importancia, e, quiçá, a necessidade do estudo da lingua latina, quando a julgam sepultada, ou como devendo tal ser sua sina, nas ruínas da antiga Roma, como sepultados jazem os que vida lhe deram, ou envolvida nas nebulosas trevas da ignorancia e obscurantismo da meia idade, que por desditoso fado seu de usal-a houve.

Por mui diverso rumo vai nosso parecer; e se salva-a não podermos lograr, que tanto querer e ousar arrojo fóra ou vaidade, da morte com que seus adversarios a ameaçam, consentido nos seja ao menos humilde, mas sincero brado, levantar em seu abono.

—Com os povos definham e morrem as instituições suas,—dizem alguns.—Morre um povo, sobrevive e perdura a instituição,—dizemos nós: que em quanto não sejam sabio ou philosopho, que taes pretensões em nós não aninhámos, dizemol-o porém; porque devéras amamos a humanidade e o progresso, que, posto em novidade consistir, não o é tanto, que de priscas gerações, remotas eras, seus fructos lhe não venham.

Morre um povo, não acabam as instituições, usanças suas, que, boas ou más, para trazel-as ao mundo o tempo e o espaço por

alguns annos ou seculos á Providencia aprouve dar-lhes.

É esta maxima, com approvação á lingua latina, que verificar pretendemos. Oxalá que forças assistam, que desejos não faltam, a quem, com animo e pensamento de ser util, avança taes commettimentos, que para mestres, do que para discipulos, antes foram.

Por tal guiza é turbulento e procelloso o mar da critica, que aventurar-se é temerario, senão louco, para quem remos não teve de engenho e arte.

Castigai-o, vos peço, quando de merecel-o careça, que á mingua d'esforços não será, que na vossa censura incorrer possa. A critica sã e madura de jubilo e honraria é para o censurado, que por melhor fazer se esforçará. Indigno é porém, penoso e triste, quando harpias esfaimadas abocanhar-nos vêm de injusto modo.

E. GARCIA

A TERCEIRA EDIÇÃO DOS LUSIADAS

Camões aconselhou o rei a
que regressasse o reino, e a que
mandasse os jesuitas resar no
côro.

JOSÉ MARIA DA COSTA E SILVA

Para o homem, que, fallando-lhe n'alma a voz do estro, baixa ao mundo da triste realidade, cóam-se horas d'agonia, que não ha ahi em linguagem de homens palavras, que as definam. Vai-se-lhe a vida em martyrio; é-lhe o existir padecer. A dôr, que fundo lavra, antecede outra mais funda; que, nas almas grandes, moram dores também maiores.

Tendo, como o Tasso, um Deus na mente,¹ foi Camões, quiçá, além nos lances da desventura. Remissa nos dons da terra, mas larga nos dons do céu, fóra-lhe dispensado pela sorte um peito amigo. Nisto ao Tasso se avantajava; que o seu Jáó, não novisso no infortunio, comsigo se amestrara em condoer-se.

Fulgente, mas forrado de espinhos, era seu diadema: na mente acceso o sacro lu-

1 Igneos versos brotei co'um Deus na mente,—de si diz Bocaçe na Pena de Talião.

me, e no peito a imagem dos seus Lusos, aportou á patria para, maior no animo que Scipião,¹ á patria com o POEMA legar seus OSSOS.

Cioso da gloria dos seus e sua, elle, privado das musas, nobilitou-se, nobilitando-os em padrão immorredouro; e, como se tanto amor á terra do seu nascer não lhe bastára,— não sómente se contentou de morrer 'nella, mas de morrer com ella.²—

Intensa devia ser a luz, que lhe allumiou o espirito, quando estas proferiu; intensa e excruciante devia ser tambem a dôr: os olhos alongando ás coisas patrias, para logo se lhe antolharam minadas e combalidas: acudir-lhes com remedio inda era facil; mas, cerrados aos seus conselhos, os ouvidos de Sebastião só escutavam palavras da lisonja, que manso e manso lhe fomentavam o exicio.

Mascaranhas, esse vulto épico, que a historia aponta, sorrindo ás balas sobre as muralhas rotas da fortaleza de Diu, não foi a causa prima e efficiente da quêda de Portugal: deslebrado das lições, que soubera outr'ora, e aprendera na eschola do esforçado Castro, o governador de Diu trahi u a terra natal, vendeu-a ao Castelhana; era vindo, porém, de mais longe o impulso, que a tombára; foi mais firme e secreta a mão, que a despenhou.

Alumno da ignorancia, e cego d'entendimento, fôra D. João o III, que, abrindo os braços á ordem de Jesus e, após, logo ao sancto officio,³ abri ra via e dera azo ao Castelhana, para lhe succeder em seus reinos.

Foi dos safaros areaes da Lybia, onde arrojaram a corôa os filhos de Loyola, que a tomou para si e seus descendentes o rei inda futuro

D'ambas as Indias, d'ambas as Hespanhas.⁴

S.

¹ É bem conhecida a phrase — *Ingrata patria non possidebis ossa mea* — attribuida a Scipião.

² Numa carta escripta do leito da agonia— Ver Vida de Camões, na edição, que dos Luziadas fez José da Fonseca, em Paris, no anno de 1846.

³ Deu entrada, 'neste reino de Portugal, em 1539, a ordem de Jesus; e logo, em 1540, o tribunal da inquisição.

⁴ Verso da 1.ª oitava do canto 1.º da *Ulissea* de Gabriel Pereira de Castro.

UMA TARDE DE ABRIL

Bonita que não havia mais que dizer, alva como toalha de freira, airosa como um pinheirinho de quatro annos. Uns poucos de rapazes da aldeã andavam doudos por ella...
A. HERCULANO

Rapido declinava o sol a banhar a fronte no oceano, quando uma voz, ao mesmo tempo melodiosa e rude, me veio despertar dos sonhos de amor, que, por bella tarde de abril, lascivos zephyros tinham feito voltar em torno de mim!..

Bella na realidade tinha sido a sésta!.. Fôra-me a relva macio leito, e o musgoso tronco do roble, cuja ramada formava o docel d'aquella estancia de amor, sustivêra docemente a minha cabeça adormecida!..

Melodiosa orchestra me emballava em somno deleitoso! De um lado o rouxinol pousado sobre a virente balseira; do outro o murmurio de regato humilde, que vinha como tributario engrossar as aguas de magestoso tanque, espreguiçado á sombra do carvalho hospitaleiro;— além o zumbir das velas do moinho, casado ao ciciar do arvoredado; no prado a avena pastoril, acompanhada do incessante balar dos cordeirinhos; no rio emfim as afinadas canções das lavadeiras!..

Detraz de virente moita de madresilva, saía um joven pegureiro, acompanhado do cão fiel e possante. Calou a sua melodiosa canção ao aproximar-se da borda do tanque; e lançando os olhos em derredor, exhalou um suspiro.

Com o ferrão do seu cajado escrevêra um nome na fina areia, que cercava o arroio, e, depois, com outro suspiro, que patenteava a esperanza e o receio, a paz e a desordem, que lhe íam no coração, com outro suspiro comprimido, que dizia tudo o que amor tem de expressivo, balbuciou esse nome:— era Rosa.— O pastor enamorado entoava de novo essa melodiosa canção, que ha pouco me despertára.— Escutai-o:

.....
.....
.....
.....

E, como em remate á canção, uma voz feminina lhe respondeu!..: era a da gentil e inspirada Rosa!.. No sobresalto do mancebo se viu, que o imprevisito remate da sua canção lhe veiu dar vida nova!.. porque Rosa, a bella e amavel lavadeira, a rainha dos corações, o idolo dos incensos da aldêa, estava junto d'elle!..

Pouco expressivas são decerto as phrases para traduzir fielmente aquella scena!.. Era a poesia intima a murmurar n'alma de dois entes, que se comprehendiam; era tudo o que ha de sublime e singelo, de angelical e puro!.. era o amor traduzido em expressões dos céos!.. dois corações, que ao Creador se elevavam e se uniam na sua presença!.. o proprio Deus presidindo a tão doces transportes; era tudo o que a penna não sabe traduzir!..

Tudo respirava alegria então!.. As aves trinavam com dobrada melodia; o susurrar da brisa fagueira da tarde, e o brando murmurio da corrente, formavam uma accorde harmonia; e até o cão fiel, como que partilhando os affectos de seu dono, ora lambia as mãos da affavel Rosa, ora acarinhava o pegureiro, ora, latindo e saltando, se lançava como louco pelos campos, como se o pobre bruto comprehendesse tambem todo o prazer, que se gozava alli!..

Muito tempo havia já, que a lua substituíra, com seu pallido clarão, o astro magestoso do dia; muito tempo havia já, que os dois namorados se entregavam aos divinaes extasis de tão poetico existir!.. Era noite!.. e Rosa, a virgem pura e recatada, devia recolher ao casal paterno!.. Eil-os que vão caminho da aldêa, seguidos do animal symbolico da fidelidade!.. Escabrosa corria a azinhaga...: o leal pastor dava o braço a sua desposada gentil, e, com o auxilio dos raios da lua, coados por entre os ramos da verde oliveira, transpunham velozes o caminho!..

E em fim desapareceram!.. E eu abandonei tambem aquella deliciosa estancia, onde, escondido, fóra testemunha de tanta ventura, levando o coração cheio da nobre inveja, que nos causa a vida singela dos campos; e a mente alvoroçada pela convicção, de que a verdadeira felici-

dade, que muitos embalde procuram nos arruídos do grande mundo, não é uma chymera sobre a terra, mas que habita no pobre tegurio da aldêa, ou á sombra dos robles da encosta!..

A. M. DA CUNHA BELLEM

APONTAMENTOS PARA UM ROMANCE

I

No dia 15 de agosto de 1854, pelas onze horas e um quarto da manhã, desembarcava em Lisboa, no caes das Columnas, o sr. Manuel José Fernandes, vindo do Brasil, para onde, seis annos antes, tinha sido obrigado a partir, a exigencias da sua *ella*, que, com alguns argumentos metalicos e de peso, desejava vêr reforçado o seu amor.

E não se admirem do que á primeira vista parece um devaneio romantico; pois é uma verdade, que tem sua explicação no progresso.

Antigamente, no tempo da cavallaria, as donas faziam partir os cavalleiros enamorados para a defesa de arriscados passos, onde ás lançadas conquistavam corações. Hoje mandam-os para a terra dos periquitos, desenvolver a industria da tapioca e cacáo, inspiradas talvez pelas idéas economicas, que dominam o seculo.

Adam Smith! levanta-te do tumulo em que dormes, que é chegado o teu reinado!

A Economia Politica é já querida das damas.

Não sei se foi esta a explicação, que o sr. Manuel José Fernandes deu ás caprichosas exigencias da sua querida; mas o que é verdade, é que o seu amor era tão forte, que até accitaria uma das pastas 'naquella occasião vagas, se lhe suspeitasse desejos de ser *ministra*. O nosso heroe não recuaria pois diante de sacrificio algum, para obter a mão da sr.^a D. Maria da Gloria. Assim se chamava a protectora do desenvolvimento industrial.

Devia agora, em boa eschola, apresentar um esboço, inda que mal traçado, do meu conquistador de cacáo; mas de certo já fui prevenido:

—Manuel José Fernandes! Haverá nome mais prosaico?! Com um tal nome é-se baixo e gordo, tem-se refegos nas belfas, barriga proeminente, roscas no cachaço, testa pequena em fórma de chispe. . .

—Não póde deixar de ser um typo be-xiga, — atalhou algum zootognostico.

—Nem sei como achou quem o quizesse, — segredou alguma namoradeira á criada confidente de seus pensamentos virginaes. . .

Que não pareça impossivel esta ultima reflexão; pois um amigo tenho eu, que, depois de muito suspirar, encostado a um frade de pedra, que fronteiro ficava ás jennellas d'uma menina, a quem amava, só á vigesima quinta carta conseguiu obter resposta.

Sabem o que dizia o perfumado bilhete?

—Fiz voto de que o escolhido do meu coração teria um nome romantico: se v. s.^a sente por mim esse fogo abrasador, a que a pobre linguagem dos homens chama paixão (textual), chrisme-se Romeo; pois só então poderei aceitar o seu amor.

Passados dois mezes tinha o meu amigo mudado de nome, o que lhe custou uma sagrada, mas tremenda, bofetada.

E não foi este o unico desgosto por que passou; pois mezes depois, tendo escripto a uma litterata, esta, pouco versada em Shakspeare, confundindo Romeo com Romão, respondeu-lhe:—que não podia amar um homem, que tinha nome de gallego.

Pois enganaram-se. O sr. Manuel José Fernandes era até elegante.

E a sr.^a D. Maria da Gloria?

Era uma senhora de juizo, porque não sujeitou o seu amante á prova da chrisma. Parece-me que lhe não faltou vontade; mas seria exigir muito.

Chrisma e fabrica de cacáo — são duas provas, a que poucos amores resistem.

II

Livre de dois beléguins, a quem teve de dar dez tostões por incorrer 'numa postura da camara, o sr. Fernandes entrou no hotel da Aurora.

Passadas duas horas estava na rua do

Salitre, em casa do pai de Maria, homem de 40 a 45 annos, a quem os pesares haviam sulcado nas faces as rugas d'uma prematura velhice. O pobre pai apertou convulsivamente a mão d'aquelle, que de novo vinha pedir-lhe o nome de filho; mas não póde fallar, que as lagrimas represadas pela dôr não o deixaram articular um som. Tirando de sobre o coração uma carta, que Maria havia deixado em cima do toucador, no dia em que fugira com um janota, por quem tinha sido seduzida, entregou-lh'a.

Apenas lançou os olhos sobre as primeiras linhas, Manoel José Fernandes caiu 'num spasma de estupidez; d'onde saíu alguns momentos depois, por uma d'essas estridentes gargalhadas, com que Satanaz saúda a conquista do espirito, que por falta de fé succumbe á dôr.

O desgraçado tinha enlouquecido.

III

Em março de 1856, entrei na quinta de Rilhafolles, em companhia de um amigo meu. Acercando-se de nós um homem bem vestido e com um pequeno regador na mão, pediu-nos cortezmente, que o acompanhassemos. Chegados juncto d'umas camelias parou, contemplou-as por algum tempo, lançou-lhe agua em cima, e, aproximando-se mais de nós, começou dizendo em tom mysterioso:—São as minhas flores. . . São tão lindas! . . Eram muito bonitas; mas murcharam. É porque eu fui longe, muito longe. . . lá baixo áquelle tanque. . . fui buscar agua. O sol crestou-as. Estão murchas as minhas pobres flores. Esperem, eu venho já, vou buscar mais agua. . .

E separou-se de nós. Teria dado seis a oito passos, quando ouvimos uma despropositada gargalhada.

Perguntámos a um dos guardas o nome d'aquelle desgraçado.

Era Manuel José Fernandes.

.....

Se algum critico de frioleiras, com sorriso d'incredulidade, acolher esta simples e despretenciosa narração,—fiquem certos que é incapaz de comprehender a sublimi-

dade d'uma paixão, embora com pedantesco entono proteste ter amado muita mulher.

Senão, expiai-o em seus soliloquios nocturnos. E em noite d'inverno, depois de ter passado horas e horas na contemplação das caprichosas e elegantes columnas de fumo, saídas d'um charuto quasi sempre máu, e ás vezes supportavel, lêde-lhe na physionomia o desespero de procurar de balde no passado uma saudade.

Não a encontrará. Não, que affeições, que morrem, deixam o coração vasio.

Uma flôr murcha, um bilhete que perdeu o perfume, uma trança de cabellos incapazes de trazer á memoria os encantos da fronte, que adornaram — é tudo o que resta de amores passados.

Mesquinhos penhores do mais mesquinho affecto, a imaginação já vos havia esquecido: a chamma pôde bem depressa devorar-vos!

Ama-se uma vez só. O amor acompanha o corpo em seus estremecimentos de alegria e esgares de dôr; e quando este morre, então vóa abraçado á alma a conquistar tambem a immortalidade.

Ama-se como Manuel José Fernandes.

Quando a mulher, incapaz de comprehender o sentimento, que inspirou, nos atraicção, abala-se o craneo com um tiro de pistola, regam-se flores em Rilhafolles, sepulta-se o corpo inda vivo na cella d'um mosteiro, se o barão o não prostituiu ainda com seus sorrisos alvares.

Mas não se lêem romances para os dissecar com o frio escalpello d'um pretendido bom senso.

FIRMINO DE MAGALHÃES

Coimbra, 30 de dezembro de 1858.

Registo d'um edital, de que o seu theor é o seguinte

Primeiro stratagem, o das falsas recriminações, com que procurou persuadir na proposição terceira da mesma carta, que Bandarra fôra verdadeiro propheta; e que elle Antonio Vieira o havia assim escripto depois do fallecimento do sr. rei ¹ D. João

o IV, porque, primeiro do que elle, o tinham assim publicado Gregorio d'Almeida, no livro intitulado *Restauração de Portugal prodigiosa*; Pantaleão Rodrigues Pacheco, no outro livro intitulado *Balatus ovium*; e Nicolau Monteiro, no outro livro *Vox turturis Portugaliae gemens*. E isto quando a verdade se achava tanto pelo contrario, que pela dicta *Deducção chronologica* se concluiu demonstrativamente, que, vendo a companhia, denominada de Jesus, sobre o throno d'este reino a casa serenissima de Bragança, que ella tinha atrocissimamente perseguido; e temendo o justo castigo d'aquella sua infidelidade, inventou, para a confundir com simulações públicas de zelo da patria, e d'amor á mesma serenissima casa, o aggregado de imposturas, e de trovas fingidas em nome de Bandarra, que colligiui no fabuloso livro, a que deu o titulo de *Jardim ameno*, antedatado do anno de 1636:

Que d'elle, e do outro fabuloso artefacto da mesma companhia, que ella tinha ² intitulado *Vida do çapateiro santo Simão Gomes*, fez logo successivamente compilar, pelo seu socio João de Vasconcellos, o primeiro dos sobredictos tres livros, intitulado *Restauração de Portugal prodigiosa*, por ella publicado em nome do doutor Gregorio de Almeida; sendo verdadeiramente obra do dicto João de Vasconcellos; como se fez notorio pela sua materia, contendo as mesmas identicas predicções dos dois çapateiros Simão Gomes, e Gonçalo Annes Bandarra; e em substancia as outras mal inventadas imposturas da sobredicta collecção intitulada *Jardim ameno*, que ficaram guardando manuscrita; como é constante a todos os instruidos na historia litteraria d'este reino; e como se achou pela mesma companhia declarado nas suas mesmas bibliothecas; de sorte que este doloso livro se achava já nas licenças no mez de junho de 1642, e por isso saiu á luz do mundo no seguinte anno de 1643, como o sobredicto Vieira referiu:

¹ Na *Collecção de leis*, etc., lê-se 'neste lugar — rei D. João iv.

² No mesmo livro acha-se aqui — Que d'ella tinha.

Que a dicta companhia, proseguindo a mesma dolosa simulação, encheu pelos seus prégadores os ouvidos de toda esta côrte, e o reino ¹ d'aquellas mesmas simulações, e imposturas:

Que por isso, referindo-se aos sermões dos seus socios, e dos mais oradores, que elles illudiram, é que na *Carta apologetica* de que se tracta, e no memorial latino, que antes d'ella havia apresentado na curia de Roma, allegou tambem maliciosamente, que os prégadores canonisavam o mesmo Bandarra por propheta:

Que 'nesta certeza o dicto livro *Restauração de Portugal prodigiosa* se reduziu em summa ás referidas prophcias dos dictos çapateiros Simão Gomes e Gonçalo Annes Bandarra, e ao dicto manuscrito *Jardim ameno*; e que os outros dois livros *Balatus ovium* impresso no anno de 1646, e *Vox turturis* impresso no anno de 1649, se reduziram tambem visivelmente ás falsas luzes dos sobredictos livros *Jardim ameno*, e *Restauração de Portugal prodigiosa*; e ás vozes dos sobredictos prégadores jesuitas, ou dos mais por elles enganados; e aos referidos sermões, com que o dicto Bandarra se pretendeu canonisar 'nesta dolosa apologia.

O segundo stratagemata, o do epitaphio do dicto Bandarra, que elles mesmos haviam feito gravar na cathedral de Lisboa, com a mesma malicia, com que tinham simulado as referidas trovas, notoriamente convencidas de falsas, e inventadas; como se aquelle fabuloso epitaphio, posto depois da feliz acclamação, e proveniente das malicias acima declaradas, podesse provar outra cousa, que não fôsse conter-se 'nelle mais um aborto do fanatismo, com que o mesmo Antonio Vieira e seus socios intemperaram as imaginações dos habitantes da capital d'estes reinos, até o ponto de saírem d'ellas, este, e os muitos outros phenomenos ² semelhantes, que 'naquelles tempos fizeram em Portugal tão sensiveis estragos.

Terceiro stratagemata, o de violentar, e

profanar o mesmo Antonio Vieira diferentes logares da Sagrada Escritura (como foi sempre do seu costume), para sustentar as taes pretendidas prophcias de Bandarra, por elle maquinadas; como se as verdades eternas dos textos sagrados podessem ter alguma combinação com as imposturas da malicia humana.

Maximas e pensamentos

A verdadeira distincção compõe-se de elementos por tal fórma multiplicados, que é quasi impossivel definil-a: encanta, seduz, mas escapa á analyse, como o perfume d'uma flôr.

Se alguém criticar dos vossos escriptos, perguntai-lhe se já escreveu. Se vos disser, que sim,— não questioneis mais com elle, em quanto não houverdes alcançado e estudado as suas obras; se vos disser, que não,— considerai-o desde logo como um idiota.

N. T.

Vou escrever duas linhas sobre a poesia seguinte, que foi inspirada pela saudade, de quem sentia mais pela sua patria, que a maior parte dos homens d'hoje, em quem o patriotismo degenerou tanto d'aquelles portuguezes velhos, que a amavam, como o seu Deus e a sua ventura. Conhece-se, da singeleza e harmonia d'esses versos, que foram dictados pelo coração, e que não precisaram dos arrebiques postiços da arte forçada para descreverem o sentimento intimo, que 'nas horas melancolicas do exilado vêm ás vezes toldar-lhe a alma de tristesa, e alar-lhe o pensamento para a sua terra natal, para esses montes, que o viram nascer, e onde o sol tem um brilho mais seductor e mais querido, e a natureza uma voz mais suave e terna, e a vida um aspirar mais animador e alegre. Deprehende-se bem que traduzia em lagrimas de tristesa, quando se lembrava do seu paíz, 'neste trecho, o que via entre si e a sua patria tamanha distancia, que só o pensamento a vencia...

¹ E reino — está na referida *Collecção*.

² A variante é — e os outros muitos.

'Nesta minha soledade
Mais me aviva a saudade
Do meu lindo Portugal...

Lembram-me as suas montanhas,
Os seus rios de crystal,
Suas varzeas, e campinas,
Suas fontes crystallinas,
E o seu clima sem rival;

A melodia e a singelesa, que falla ao coração; a metrificação facil, e corrente, que harmonisa a pronúncia,—eis o em que esta poesia resume para mim «o genio e arte» de quem a escreveu. Não quero com isto desvanecer seu auctor, que nem elle precisa de encomios meus; mas simplesmente asseverar-lhe, que não corte os vãos á sua imaginação incipiente, nem receie, que, de futuro, não possa conseguir os louros, que a litteratura dá aos que a cultivam. Sei que ha tantos poetas 'neste nosso Portugal, que é genero quasi despresado no mundo das bellas lettras; mas tambem sei, que a maxima parte d'esses poetas são homens, que apenas seriam capazes de traçar um bocado de prosa, e essa com difficuldade; e que se lembram de a metrificar, com muita arte, talvez, mas sem se compadecerem da propriedade da linguagem, da intelligencia, e do ouvido até. Ha por ahi prosa em linhas symetricas, que ao lér-se dissona tanto, que parece, que estala o tympano; que é tão dura e tão aspera, que faz arripios no corpo, e dores de cabeça.

Penso que ha mais, muita mais poesia 'nesta estrophe, que eu vou recordar, do que na maior parte d'esses volumes de rimas, que têm inundado os nossos gabinetes, e de que nós apenas temos a paciencia de ler o titulo e o auctor... Taes são elles!

Minha aldêa, tão bonita,
Lembra-me tambem aqui;
Minha mãi, e meus parentes,
Minhas irmãs innocentes,
De quem nunca me esqueci.

Estes pelo menos têm o encanto do sentimento, têm a harmonia e a singelesa, que dá o genio, têm o condão da saudade verdadeira, que se traduz espontanea, sem impostura, sem fingimento, e com doçura, e com unção.

Se alguma força tivesse a minha opinião, fundada no mais que tenho tido o gosto de

ler do sr. Azevedo; e se sua s.^a quizesse entregar-se, nas horas, que lhe restam livres, a moldar o seu talento pelos bons poetas, que muito lê, e muito estima, «mórmente os mestres da lingua»,—sem receio prediria, que não serão espinhos a colheita, que deve encontrar no campo da litteratura; nem a esperanza d'algum dia ser lido com gosto e applauso lhe escassêa. Esta é a primeira producção sua, que sai a lume; mas nem por isso vai bem acobertada: sirva o merecimento d'ella de protecção a si propria, que mal o póde o nome mesquinho do que a ousou commentar.

GUIMARÃES FONSECA

O EXPATRIADO

Minha terra! minha terra!
Ó minha patria querida!..
Longe de teu brando seio,
'Neste solo onde vagueiu,
Verei findar minha vida?

Esta vida, que era tua,
Que doudinho aventurei
As furias do mar irado,
Nas venturas confiado
Que inexperto imaginei?

Terei de ver extinguir-se
Toda a luz do meu viver
Neste paiz desterrado,
Triste, só, expatriado,
Sem alivio nunca ter?

Oh! meu Deus! quanto me punge
Esta lembrança fatal!..
'Nesta minha soledade
Mais me aviva a saudade
Do meu lindo Portugal...

Lembram-me as suas montanhas,
Os seus rios de crystal,
Suas varzeas e campinas,
Suas fontes crystallinas,
E o seu clima sem rival;

Minha aldêa, tão bonita,
Lembra-me tambem aqui;

Minha mãe e meus parentes,
Minhas irmãs innocentes,
De quem nunca m'esqueci.

Que m'importa a magestade
D'esta virgem natureza,
Que toda aqui me rodeia?
Que m'importa?! É terra alheia,
Não me atráí sua belleza...

Que m'importa o coleirinho,
Que gorgeia tanto e tanto
Lá 'naquelle cajueiro?
Póde acaso um estrangeiro
Entender aquelle canto?..

Nada, nada me deslumbra
Do que vejo no Brazil;
Minha terra é mais pequena,
Mas tambem é mais amena,
Mais formosa, e mais gentil:

É o mais lindo diamante,
Que Europa na coróa tem;
Foi a patria de Camões,
E nas heroicas acções
Não tem inveja a ninguem.

Inveja não póde ter
Quem já leis á terra deu,
Quem o mar subjugára,
E ao mundo apresentára
Em cada filho um—Pompeu.

Produziu um Castro forte,
Que os Cambaios sujeitou;
Um Albuquerque terrível,
Que Malaca a—invencível—
Com suas armas prostrou.

Viram 'nella a luz do dia
Aquelles quarenta heroes,
De quem somos descendentes,
Que sacudiram valentes
O jugo dos—Hespanhoes.

Foi berço d'um Magalhães,
D'um grande Vasco da Gama;
D'esses, que os pólos temeram,
E d'outros, que s'estenderam
No mundo com aurea fama.

Athenas! Esparta! Roma!!
Mães de genios sublimados!
E tu, ó França moderna!
Que alcanças gloria eterna,
Com teus valentes soldados;

Portugal! a minha patria,
Nada vos tem que invejar;
Se hoje a vêdes moribunda,
Não a julgueis já na tumba,
—Que inda a sinto respirar.

'Num peito de diamante
Sinto, sinto, que inda aneia
Seu coração vigoroso,
E seu sangue impetuoso,
Que pula de veia em veia.

É vida! vida! e mais vida!!
Que gyra 'nessas arterias...
Parece-me a cada instante
Vêl-a surgir radiante
D'esse leito de miserias:

Erguer-se altiva e vaidosa,
Dizer do orbe ás nações:
—Eis-me aqui, forte e potente,
Nação livre e independente;
—Respeitai meus pavilhões!..

E eu verei extinguir-se
Toda a luz do meu viver,
'Neste paiz desterrado,
Triste, só, expatriado,
Sem jámais tornal-a a vêr?

Genios d'estas florestas,
Que meus versos repetís,
Se vos move a compaixão,
Levai a minha canção
Ás praias do meu paiz.

Alto de Jerumerim—1851.

SEVERINO DE AZEVEDO

LEMBRANÇA

Embora longe!—o coração não ha de
Esquecer nunca nosso occulto amor:
Não ha de, não!—que a vivaz saudade
Conserva ateado seu immenso ardor...

Do mar á beira, recostado em fragas,
Se vem a lua da amplidão sem fim
Tremulos raios dardejar nas vagas,
A ti só vejo, que sorris p'ra mim...

Occulto em balsas, lá no fim da veiga,
Se á noite escuto o rouxinol cantar,
'Nessa harmonia, tão suave e meiga,
Eu julgo ouvir-te para mim fallar.

Se, lá bem longe, quando a tarde expira,
Vou pensativo divagar além,
Na voz, tão triste, que nas selvas gyra
Suspiros ouço, que de ti me vem.

Se á frente, estuando em um ardor violento,
Travessa aragem refrigerio traz,
Em seu tão puro e embalsamado alento
Os beijos sinto, que a tremer me das...

Na argentea lua, no cantar das aves,
Na voz da brisa, que me chega aqui,
Das lindas flôres nos perfumes suaves,
A ti só ouço, só te vejo a ti!..

1857

R.

NO ALBUM DA EX.^{ma} SR.^a D. MARIA B. M.

Bem novel, em rude lyra,
Outr'ora cantei amores...

Se cantei!

Cantei como quem delira,
Sonhei venturas, fulgores,
Cri... gozei!

Cri... gozei! Tão breve gôzo,
Tão breve durou no peito
Puro então...

Que depois mal doloroso
Entranhou-se no desfeito
Coração.

Coração, muito sentiste
No teu pulsar innocente
Por amor...

Tiveste fé no que viste,
No que hoje te dá pungente
Dissabor!

Dissabor matou-me a alma,
E com ella a poesia
Que sonhei!

Do martyrio tive a palma,
E a lyra, que m'entretia,
Olvidei...

Olvidei... porque este mundo
As illúões me arrancava
Sem ter dó!

Senti espinho profundo
Ferir-me no qu'eu amava
D'alma só!

Só vi que tinha sonhado,
Que o viver era outra vida
Mais vulgar...

Fiquei de todo indignado,
Que minh'alma era ferida
Por pesar!

O pesar fez-me descrente,
Fez-me carpir triste pranto
D'atra dôr!

E bem qu'em vida florente,
Nunca mais soltei um canto...
Nem d'amor!

D'amor me pedes, donzella,
Que um mago hymno na lyra
Vá vibrar?..

Não peças... que só diz ella,
Quando a mão as cordas fira:
'Dôr!.. Calar!'

Coimbra, 22 Dezembro 1858

A. R. S.

SONHANDO

A VISÃO

Offerecida ao meu amigo E. A. Telxela Barbosa.

Por entre as plantas d'um jardim formoso
Eu vi ao longe branquear um véo;
Só meia face descobria a lua,
Entre as estrellas a brilhar no céo.

Já de mais perto se destingue um vulto
De fada, ou virgem, que por 'li vagueia...
Cantando alegre, passeando airosa,
Como a avesinha, que a voar gorgeia.

Eis manso e manso me aproximo; e corro
Logo a esconder-me na passagem d'ella...
Qual uma setta, que ligeira parte,
Sem que me visse, me occultei da bella.

'Num bosquesinho, que roseiras formam
De rosas brancas como gello alpino...
Escutava attento, extasiado e mudo,
'Num doce arroubo seu cantar divino.

Já de mim perto sua voz soava,
Que plantas, selvas, tudo commovia;
Ouve-se logo o rorear da seda,
Que o niveo corpo todo lhe vestia.

Já s'encaminha com ligeiros passos
P'ra o lindo sitio, em que m'occultava;
Já se debruça p'ra colher as rosas,
S'ellas s'affastam, mais se debruçava.

Eis que travesso, caprichoso espinho,
O véo de gasa lhe segura, e prende...
Ei-la afflicta, por saltal-o lida;
Mas é de balde: já se rasga, e fende.

Tremi de medo, de prazer, e gosto,
Qual tenro lyrio, que bafeja a aura;
Mal respirava, delirei de amor
Ao lindo aspecto d'esta nova Laura.

Não me contive 'neste lance magico...
Fui-me elevando, qual um novo arbusto,
P'ra desprendel-a estendo mão affeito:
Toquei as folhas, estremeceu de susto.

Por entre os ramos de meu grato asylo
Estende os olhos, descobriu-me emfim!
Um grito solta, rasga o véo, e foge,
Qual andorinha pelo ar sem fim.

Debalde intento, com olhar de lynce,
Seguir o curso da visão querida;
Fugiu, qual sombra de polido espelho,
Da qual a vista me deixou ferida.

Por entre as plantas d'um jardim formoso
Eu vi ao longe branquear um véo...
Só meia face descobria a lua
Entre as estrellas a brilhar no céo.

Coimbra, Agosto 1858 SEVERINO DE AZEVEDO

Charada

Dá-me cá, se entra 'num jogo; }
E de vinho generoso } 1
Encher pódés a primeira. }

Se em cerrada capoeira }
Esta e outra irmã se aloja, } 1
Bem pódé dizer seu domno: }
'Ibi fuit campus Troja. }

Deste reino as quentes terras,
E as outras circumvisinhas,
Produzem tostados rostos,
Toucados de carapinhas.

N.º 3.º { 1.º—Armação.
 { 2.º—Matador.

EXPEDIENTE

A ex.^{ma} sr.^a D. Elvira Candida Garcia de Moraes, de Bragança, acaba de offertar-nos uma polka, que espontaneamente compozera debaixo da impressão dos artigos do nosso jornal, e que intitulára os — PRELUDIOS.

Uma tal offerta enche-nos de orgulho,—já porque vemos 'nella uma recompensa famosa, imperecível, tributada pelo genio e pelo sentimento aos esforços de tantos mancebos na *revelação d'uma existencia nova*, cuja possibilidade nos tem sido negada por mais d'uma vez...;—já porque o encanto da sua composição, de que em breve faremos gozar os nossos leitores, lithographando-a no 5.º ou 6.º numero,—nos veio augmentar as provas, que já tínhamos, do talento e engenho das senhoras portuguezas.

Cumpre-nos, tambem, agradecer, e annunciar a publicação d'outra composição musical, de summo gosto, intitulada a — *Saudade*—, devida ao talento e amizade do bacharel o ex.^{mo} sr. Francisco José Brandão, que acaba de tomar sobre si a collaboração 'nesta parte do jornal, que especialmente dedicamos ás senhoras.

Recebemos os n.ºs 12 e 13 da mui util e mui bem escripta *Revista de Instruccion Publica*, publicada em Madrid debaixo da direcção do ex.^{mo} sr. D. Bartolomeu Iñiguez Gimenez. V. DA SILVEIRA

A redacção fará publicar, e muito agradecerá os escriptos, que lhe forem remettidos, particularmente pelos lentes e estudantes da Universidade de Coimbra e das Escolas de Lisboa e Porto.

ASSIGNA-SE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, de Silva Junior & C.^a; Porto — Jacintho Antonio Pinto da Silva; Viseu — Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa — Manuel Mendes Osorio; Evora — V. J. da Gama; Bragança — Antonio Caetano d'Oliveira Furtado.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno	1\$240	Anno	1\$460
Trimestre	360	Trimestre	450

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

Publicamos no nosso jornal o seguinte documento — por duas razões: 1.^a porque, sendo hoje os PRELUDIOS LITTERARIOS o jornal mais lido pelos estudantes, conseguiremos assim fazer chegar ao conhecimento de todos elles o *estado lastimoso*, em que se acha na actualidade a melhor, a mais util, a mais philantropica de todas as instituições academicas, plantadas em Coimbra pelas suas proprias mãos; 2.^a, porque nos servirá elle como de introduccão a alguns trabalhos, que, sobre as causas d'esse estado, já tencionavamos publicar, levados pela esperança de que veremos ainda reviver essa associação, que tanto podéra fallar em favor da classe a que pertencemos, e que tantas vantagens offereceria á instrucção, ainda tão mal dirigida e espalhada entre nós.

V. DA SILVEIRA

Relatorio da Direcção da Sociedade-Philantropico-Academica, apresentado pelo Secretario da mesma, o ex.^{mo} sr. Antonio dos Santos Viegas Junior, na occasião da posse da nova Direcção para 1859.

Senhores!

Ha quasi um anno, que nos foi confiada a gerencia dos negocios da Sociedade-Philantropico-Academica; e por isso é tempo de vos dar conta de nossos trabalhos, aos quaes de boa vontade nos sujeitámos, animados pela sympathia, que sempre nos inspirou o nobre fim d'esta instituição academica. Prouvéra a Deus, que no coração de todos se achasse gravado egual sentimento! Mão grado nosso, cumpre-nos confessar que o entusiasmo pela Philantropica parece completamente amortecido, se é que de todo se não apagou já!

Passou a época dourada, em que se

1859—Fevereiro

considerava uma honra ser socio da Philantropica; em que, para ser admittido, era mistér ser proposto e approvedo! Hoje a academia parece desconhecer a utilidade de semelhante associação, certamente por ignorar quaes são os seus fins,— porque não ousamos acreditar, que outra seja a causa da indifferença, com que se olha para uma instituição tão nobre, quanto proveitosa.

Lêde, Srs. o artigo 1.^o dos estatutos da Sociedade-Philantropico-Academica, e encontrareis ahi, que o seu objecto é: 1.^o assistir com os soccorros possiveis a estudantes e socios enfermos; 2.^o proteger a virtude e o talento, quando desacompanhado de meios pecuniarios; 3.^o, em fim, acudir ás necessidades dos socios residentes em Coimbra, quando caírem em miseria, qualquer que seja o seu estado, com tanto que o mereçam por um comportamento irreprehensivel.

Comprehendida bem a excellencia d'estes fins, e abstrahindo mesmo da utilidade propria, que — por acaso ao menos — nos póde caber, quem poderá negar um óbolo da sua bolsa para o cumprimento d'uma obra tão sancta?

O pretexto da má applicação dos fundos, com que muitos se escusam, permitti que vol-o digamós, é realmente frivolo: a experiencia mostra, que ninguem recorre á Philantropica, sem verdadeira necessidade; e a direcção tem sempre observado com escrupulo as prescripções dos Estatutos, quando se tracta de conferir alguns soccorros.

Mas, admittindo mesmo, que por este lado tenha havido algum erro (porque verdadeiro abuso não o acreditamos), se isso depende de defeito na lei,—vinde e reformai-a; se da sua falta d'execução, — vinde, ahi estão as

N.º 5

portas abertas, — vinde consultar o archivo da Sociedade, dae-vos ao trabalho de analysar os documentos, que ali ficam, examinae os livros das actas e da caixa, vigiae de perto os actos da direcção, — em summa, tomai interesse pela Sociedade, e vel-a-heis reviver e prosperar!

E isto justamente o que se não faz; e portanto a Sociedade definha de dia para dia.

Das contas que vão juntas a este relatório, que hoje vimos apresentar-vos, cumprindo com o dever, que nos impõe o artigo 13, §. 17 dos estatutos, reconheceréis, que, para custear as despesas ordinarias da Sociedade, tivemos de recorrer a meios extraordinarios de receita, porque as prestações mensaes dos socios, além de formarem uma somma assás diminuta, pouco ou nada avultam, em razão da difficuldade, com que luctámos, de conseguir uma cobrança regular.

Todas as direcções se têm visto a braços com este escolho, que ameaça comprometter a vida da Sociedade, porque é fóra de duvida, que são as prestações ordinarias, que lhe asseguram a conservação, sendo que a receita extraordinaria é sempre incerta e muitas vezes difficil de conseguir. Todas hão reconhecido a inefficacia dos systemas de cobrança, que imaginaram, sujeitando-os á prova terrivel da experiencia.

E nós, pela nossa parte, que ensaiámos mais d'um methodo, quasi sempre com igual desappontamento, achámos, que, de todos os systemas imaginados, o que assegura um resultado mais vantajoso, é o da cobrança das prestações no acto da matricula. Talvez que cobrando parte das prestações no acto d'abertura de matricula, e parte no d'encerramento se conseguisse alfim vencer tamanha difficuldade: a direcção, que vai seguir-nos, que aproveite a idéa, que aqui lhe apontamos, se por ventura lhe não encontrar algum inconveniente grave.

Se as prestações obrigatorias nos ajudaram pouco, as voluntarias foram nenhuma; e nem ao menos tivemos occasião de conseguir um beneficio d'espectaculo a favor da Sociedade, apesar dos esforços, que para isso empregámos. Accresce a isto o pouco ou nenhum resultado, que se tem

colhido da venda dos exemplares da excellente memoria, com que o nosso estimavel consocio, o ex.^{mo} conselheiro Barreto Feio, brindou a Sociedade.

Já vêdes pois quão deploravel seria o estado dos fundos da Sociedade, se nos não valessemos d'algum meio extraordinario, para nos salvarmos de tão grande apuro, sem deixar de accudir ás necessidades urgentes dos academicos pobres, a quem prestámos subsidios, já regulares e mensaes, já extraordinarios por occasião das matriculas, e outras.

A quasi totalidade dos fundos, de que dispozémos, houvemol-a pelo rendimento dos dois bazares, que se fizeram no jardim botanico. Por esta occasião tivemos o prazer de ver recompensado o nosso trabalho, com um resultado superior ao que nossas esperanças ousavam calcular. Dos mappaes, que então se publicaram, vistes que por estes dois beneficios a caixa da Sociedade recebeu a quantia de 273\$880 réis. Tudo correu com a melhor ordem, e não houve o mais pequeno motivo de desgosto.

Era aqui o logar de fazer menção honrosa de varias pessoas, familias e corporações, que generosamente coadjuvaram a direcção, já com serviços pessoaes, já pelo emprestimo d'objectos de subido preço, que muito concorreram para abrilhantar aquellas duas funcções de beneficencia; o seu grande numero obsta a que o façamos: limitar-nos-hemos a significar o mais vivo agradecimento a todas as senhoras, que nos penhoraram d'uma maneira singular, pelas mimosas prendas, de que nos fizeram presente, e por sua amavel assistencia nos bazares.

Eis abi, srs., o que temos a dizer-vos, pelo que toca á receita. 'Nestas circumstancias bem vêdes, que a direcção não podia dispendir com mão larga: é por isso que conservámos até ao fim a modica taxa de 6\$000 réis para as mensalidades, estabelecida logo de principio, d'harmonia com os fundos da Sociedade e o preço actual das subsistencias: resta-nos a consolação de termos deferido favoravelmente a quasi todos os requerimentos, que nos foram apresentados. Deram-se mezadas regulares a alguns estu-

dantes; subsidios extraordinarios a outros; e pagaram-se as propinas de matricula, em maio a tres, e em outubro a dois.

Concedeu-se tambem um pequeno emprestimo, pelo qual se responsabilisaram duas pessoas de reconhecida probidade e honradez; e finalmente fizeram-se algumas despesas d'administração. O mappa, que vai junto, construido pelo nosso incansavel thesoureiro, vos informa mais em detalhe do movimento da receita e despesa. Consultando-o, vereis que os soccorros prestados pela sociedade, desde março de 1858 até 16 de janeiro de 1859, sobem a uma somma immensamente grande, comparada ao producto insignificante das mensalidades.

Apesar de todas estas despesas, a direcção vos deixa ainda em caixa um saldo não inferior ao que recebeu da direcção antecessora.

Cumpre-nos tambem participar-vos, que o primitivo redactor do jornal — *Estréa litteraria* — nos propoz a cedencia do seu jornal a favor da Philantropica, mediante certas condições: a direcção analysando e discutindo similhante proposta, julgou-a inconveniente, e por isso a não aceitou. Na secretaria se acham archivados todos os documentos, que justificam o procedimento da direcção 'neste negocio, como em todos os demais.

Por occasião do consorcio real, lembrámo-nos d'aproveitar tão bello ensejo, para juntamente com a felicitação, que era do nosso dever dirigir a S. Magestade, como protector da Sociedade, fazer subir á sua real presença uma súplica d'alguns beneficios para os academicos soccorridos pela Philantropica; o nosso illustre consocio, o nobre Marquez de Sousa e Holstein, quiz encarrregar-se de apresentar de mão propria a El-Rei a sobredita felicitação. Sentimos ter de declarar-vos, que até hoje nenhum resultado colhemos do nosso pedido: certamente os negocios do Estado não têm permitido a S. Magestade, que se lembre de exercer para connosco os seus, aliás bem provados, sentimentos de caridade e amor pelos desvalidos.

Eis-ahi tendes um relatorio succinto dos pontos capitaes da nossa administração.

Esperamos, que acreditareis, que não fizemos quanto desejavamos fazer, mas tão sómente o que podémos. Oxalá nos fosse possível elevar a Sociedade-Philantropico-Academica á altura, que lhe destinaram os seus instituidores! Prouvéra a Deus, que nos coubesse a gloria de levar a effeito o magnifico projecto d'uma casa de saude e d'um cemiterio academico, de que fala o artigo 30.º dos estatutos, e que não deixou de nos passar pela mente nos instantes, em que sonhámos um porvir risonho á nossa Sociedade!

A situação critica, em que ella se acha actualmente, em virtude do abandono geral, que está soffrendo, nos descorçoou de tentar em parte a realisação dos nossos desejos, por ventura arrojados; porém a boa escolha, que fizestes dos membros da nova direcção, faz com que saiamos animados das melhores esperanças de ver renascer o antigo amor pela Philantropica, de ver remoçar e progredir a bella instituição, que nós com difficuldade podémos conservar.

Coimbra secretaria da Sociedade-Philantropico-Academica, em sessão de 20 de Janeiro de 1859.— Presidente, *Dr. Luiz Albano d'Andrade*; Fiscal, *Dr. Antonio dos Santos Jardim*; Thesoureiro, *Dr. Francisco Fernandes da Costa*; Procurador, *V. da Silveira*; Vogal, *José Dias Ferreira*; Secretaria, *Antonio dos Sanctos Viegas Junior*.

EUGENIO PELLETAN E EUGENIO HUZAR

L'homme pense; donc il régne sur la terre au meme titre que Dieu dans l'immensité.

E. PELLETAN

L'orgueil de la science, ce vieux péché du monde, qui a été sa fatalité dans le passé, le sera encore dans l'avenir.

E. HUZAR.

A imaginação apaixonada e fecunda de Eugenio Pelletan, nos vóos d'um entusiasmo quasi febril, canta o progresso da humanidade em hymnos tão entusiasticos, tão intimamente consoladores, que não ha ahí coração, que se não apaixone e orgulhe ao lel-os!

O homem conhece então o seu poderio

no mundo; vê os elementos revolucionar-se; e aprende como a humanidade sáe victoriosa d'essa revolta, que ameaçava submergil-a; vê os thronos alluir-se, desmorerar-se os imperios, desapparecer os povos da superficie do globo, e 'nessas evoluções da humanidade, que deixam após si montões e montões de ruinas, o homem, com E. Pelletan, — descobre ainda um progresso!

Os povos, que nos precederam, vieram, como nós, revestidos d'uma alta missão; cumpriram-na, e retiraram-se! Combateram, arriscaram a sua vida, perderam-na, no meio de luctas fraticidas, em favor d'uma idéa, d'um pensamento.

Esses povos já não existem! mas a idéa, o pensamento, por que combateram, por que morreram, esse legaram-nol-o; e nós progredimos. Era em favor da humanidade, que elles, sem o saberem, combatiam!

O espirito, aparentemente avassalado pela força bruta da materia, desprendé-se pouco e pouco, imperceptivelmente, d'esse involucro pesado, que o opprime, que o esmaga, que lhe mata as mais nobres aspirações, — dilata-se, e canta ufano o seu triumpho definitivo! O espirito vence em fim a materia, subjeita-a, fazendo-a tambem progredir!

Assim, — progresso no mundo physico, pela descoberta de novas forças; no mundo moral, pela elevação do sentimento; no mundo da intellectualidade, pela aquisição de novos conhecimentos.

O mundo marcha; e cada dia, que se perde na escuridão do passado, é um passo de mais, que a humanidade avança para o logar, que a Providencia lhe destinára lá no futuro. O *Eden!* eis a habitação bem-aventurada, — esse logar predestinado por Deus, pelo qual a humanidade suspira, e para onde, em virtude da lei do progresso, que o Creador lhe impozera, ella se aproxima de dia para dia.

Ahi tendes, se me não engano, a theoria d'E. Pelletan sobre o progresso da humanidade. Mas se não quereis ver esmorecer pouco e pouco este sancto entusiasmo, este nobre orgulho, que a theoria d'E. Pelletan vos deve por certo inspirar, — parae aqui.

Se preferís uma vida toda encantos, e cheia de fé, embora isso seja uma illusão; se preferís uma esperança consoladora a uma duvida desolante, não leiais — *La fin du monde par la science* — d'Eugenio Huzar!

O mundo marcha, é verdade; mas no fim da sua ultima evolução encontra o abysmo, que ha de submergil-o. O mundo progride: mas 'nesse mesmo progresso lá está occulta, invisivel, mysteriosa a causa da sua ruina, do seu total aniquilamento! É a mesma lucta entre o espirito e a materia, a mesma guerra prolongada, incessante entre as forças brutaes da natureza e a força intelligente do homem!

Mas não julgueis, que é o espirito, que é a intelligencia, que vence, que canta victoria.

! Não! — *é uma lucta eterna da liberdade contra a fatalidade, é o triumpho definitivo das forças brutaes da natureza sobre a liberdade humana!*

Ahi tendes, segundo Eugenio Huzar, o resultado final d'esse combate entre a humanidade, e o mundo physico: *a humanidade d'Adão*, tambem progrediu, mas uma sciencia *orgulhosa, exaggerada, imprevidente*, fôra a causa de sua ruina, de seu *perecimento absoluto*. O fructo da *arvore da sciencia* fôra-lhe prohibido; o homem ou-sára tocar-lhe; e a sua *quêda*, foi certa, inevitavel, fatal. As mesmas causas produzem os mesmos effeitos: o que tem sido, será; e esse *orgulho da sciencia, que foi a causa da fatalidade do mundo no passado, sel-o-ha ainda no futuro*. O progresso aqui tem um limite: — é a desappareição completa, absoluta do mundo organico!

Quem tem razão? Não sabemos; nós queremos antes o engano, a illusão, se o é, d'Eugenio Pelletan, que a prophesia, embora real, que a logica d'Eugenio Huzar nos quer inculcar.

EDUARDO J. COELHO

AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

VII

O cavaco das duas velhas, que até alli

havia sido apenas entrecortado pelo acco-
tevelar frequente, que a sr.^a Anna imprimia á sua antiga conhecida e amiga, a fim de que contemplasse e admirasse o bem dançado e rodado da sua afilhada, a proposito da qual ella recordava, e por ventura imaginava, differentes e mui extravagantes historietas e episodios, foi cortado alfim inteiramente, pela chegada do prior, capitão, e sobrinha, personagens, que o leitor já conhece, mas não circumstanciadamente.

Esta chegada feliz dos magnates ou representantes da pequena aldêa foi acolhida e saudada com uma roda de vivas estrepitosos, ruidosos, que esturgiram no ar, e foram sensivelmente respondidos pelo écco dos montes circumsentados, que o silencio da noite tornava mais intelligivel.

—Viva o nosso bom reitor! viva o senhor capitão e mais a sr.^a D. Adelaide! Viva!..

Estas vozes, que assim entoavam um saudar sincero e innocente, partido do coração e não só dos labios; este applaudir sem lisonja e sem mira de interesseiro fim foi affogar-se n'um estrondoso rufar do tambor, não d'esse rufar sinistro e medonho, instantaneo como o estalar do raio, prolongado como o gemido da agonia, que inspira o espanto e o terror, o enthusiasmo e o ardor, que chama ao triumpho ou á morte; mas um rufar todo alegria e prazer, todo esperanza e doudejante brincar.

—Deus vos abençõe, meus filhos, disse o bom do prior, em tom apostolico, e com assento grave e pausado, acabando de cheirar uma pitada, que lhe occupava os dedos, e puchando pelo seu lenço de panninho encarnado do immenso bolso do enorme casaco, cujas abas lhe desciam até ao tornozelo, coberto por uma bota de cano alto, o que tudo, juncto ao seu chapéu triangular de borla verde, ás suas luvas de lã preta, e á sua bengala de castão prateado, formava o completo toaléte do probro e bondoso prior.

Sexagenario já era elle; apresentava, não obstante, um rosto sereno e venerando, que o tempo parecia haver respeitado, para não deixar 'nelle impressos vestigios dos sessenta annos decorridos, signaes, que advertem ao homem, como o tronco carcomido

á arvore, as fendas ao edeficio, que ventos e tempestades de seculos combateram, de que proxima soará a hora do definhar e do despedir derradeiro...

A sua tez, ainda não rugada, ampla e espaçosa, revelava um solido pensar, prudencia, discernimento e juizo recto e claro. Algumas cans, que davam ao seu rosto mais gravidade e respeito, eram os unicos signaes, que o tempo e os penosos cuidados de sacerdote, esse medico da alma, ahí imprimido haviam. Estas brilhavam como fios de prata n'umas arqueadas sobancelhas, debaixo das quaes se aguariavam dois pequenos, mas vivos e expressivos olhos, cujo fulgor da mocidade ainda se não tinha amortecido. Um nariz algum tanto comprido, mas proporcional ao tamanho do rosto, se desprendia obliquamente até vir cahir, sem comtudo se aproximar ao labio superior. Um sorriso affavel adajava em seus labios, que apenas se haviam aberto para dar palavras de consolação, de caridade e conforto, de saudação evangelica, de reconciliação e benção sacerdotal, que elle prodigalisava aos seus parochianos.

Era uma d'essas physionomias, que o contemplal-as nos faz recordar, nos representa reproduzidos os rostos tranquillos e refulgentes de inspiração divina d'esses patriarchas abençoados do povo escolhido, d'esses martyres denodados do mundo christão.

VIII

Perdoae leitores, se prolongo tanto as minhas digressões, se fraccio esse dialogo, que, na epocha actual, e para alguns, constituem a parte mais interessante do romance, para massar-vos com estas descrições fastientas e importunas para aquelles, que se impacientam por não ver o fim do enredo, o desfecho da illusão, as surpresas amatorias, a fugida da amante, o assalto do rival, a vingança com sua espada de fogo, o castigo do céo...; e, no fim de tudo isto..., os doces laços do hymeneu, e a reconciliação domestica, etc. etc.; d'isto estais vós ao facto bem melhor do que eu...

Vamos á historia...; mas primeiro quero dar-vos uma explicação.

Desci a tão insignificantes miudezas na descripção do prior da pequena aldêa; porque é um d'aquelles poucos, e mui raros que elles são! que pódem servir de typo a tantos, que indignamente vestem a roupeta ecclesiastica, em que o christianismo envolveu os seus ministros, e em que a sociedade, mais pretenciosa, os amortalhou, prohibindo-lhes até completar a sua personalidade, pondo-lhes uma sordina perpetua nas cordas da sua alma, condemnando-os ao isolamento do coração, pelo celibato; e produzindo assim, não a harmonia da natureza, mas uma confusão de sons abafados, que fazem repellir com desdem e horror aquelles, em que ella se produz, excitando o escarneo e os aleives contra seres, que não pódem subtrahir-se á lei da sua natureza, como o gaz, que comprimido, produz a explosão, porque o violentam na realisação da lei da expansibilidade.

É a sociedade, que procura reformar as obras de Deus, que produz todos os seus males, não fazendo mais do que confirmar a memoravel e profunda sentença, com que Rousseau abre as paginas a um dos seus melhores escriptos: — *Tout est bien en sortant des mains de son Créateur, tout dégénère aux mains des hommes* — Rousseau era um grande homem, digam lá o que quizerem os criticos; teve as suas fraquezas, proferiu os seus absurdos, caíu em contradicções...; mas quem está d'ellas exempto?..

E. GARCIA

POESIA

'NUMA NOITE DE LUAR

Fragmento de meditação

É noite. A lua dardeja os seus raios de prata sobre as brancas casas de Coimbra, e em seu melancolico clarão desenha as paredes e a torre da Universidade no escuro do horisonte; a torre recorta-se ahi como um gigante, que a imaginação visse realiado; o Mondego, lá em baixo, reflecte o clarão argentino da meiga rainha da noite; e eu, só... contemplava o especta-

culo sublime d'uma noite fria de dezembro, esclarecida por um pallido luar!

Eu não sei que impressão exerce sobre o nosso espirito a natureza: se ella é risonha, como um prado, em que abundam as rozas, as boninas e as acacias, — alegres nos sentimos; se ella é triste e melancolica, como uma noite de luar, — melancolicos nos sentimos; se ella é severa e carregada, como o areal do deserto, batido e requeimado pelo Simoun, — carregados nos sentimos; se ella é austera, como o pôr do sol n'um campo de trigo — meditativos nos sentimos; mas em todos os casos o espirito despe-se do involucro material; e levado nas azas da imaginação o pensamento paira nas alturas onde só se descortina a causa sem causa — Deus! Não sei que philosopho algum explicasse satisfactoriamente esta attracção exercida pela natureza: é uma coisa, que se sente, mas que se não explica. A fascinação, por exemplo, que um abysmo sobre nós exerce, é impossivel de descrever-se. Hermengarda sente-se attrahida pelo abysmo do Sallia; Lamartine medita ao pôr do sol; e João de Lemos lembra-se da patria ao ver que

... o astro saudoso
Rompe a custo um plumbeo céu!

Mas que será isto? Mystério sem explicação; porque, para o explicar, seria mistér explicar o que seja o homem e a natureza, — dois mysterios!

'Nesta noite, pois, melancolico me sentia, e a imaginação levava-me á patria, ao seio da familia, — esse fóco onde se concentram nossas mais sanctas affeições, esse oasis, que encontramos 'neste deserto, a que chamamos — *mundo*: depois eu sentia uma vaga saudade do passado, e de duas irmãs carinhosas, que um mortifero tufão tinha feito cahir, como cahem as folhas, que o halito glacial do outono tem amarellecido! E lembraram-me os versos de Lamartine ao chorar a morte de suas mais sanctas affeições; e elles derramaram uma consolação no meu espirito! Depois, a poesia começou a embeber-se-me n'alma; lembrou-me aquella tão singella poesia do nosso primeiro poeta lyrico J. de Lemos, a

Lua de Londres; e aquella descripção dos encantos d'uma noite de luar, no prologo do *Parocho d'aldéa*, d'essa obra, que enlaça mais uma flôr á triplice corôa de philosopho, historiador e poeta, que cinge a fronte de A. Herculano; por fim lembraram-me as endeixas de Lamartine, do poeta do coração e das lagrimas! E na *Lua de Londres*, e no prologo do *Parocho d'aldéa*, e nos versos de Lamartine sentia explicado o que eu sentia! Eram sandades da patria, era a vaga melancholia d'uma noite de luar, e a saudade das que se tinham finado! Tal é a poesia!

F. BEIRÃO

Registo d'um edital, de que o seu theor é o seguinte

Quarto estratagemá, o haverem¹ nestes ultimos tempos, divulgado os mesmos denominados jesuitas, ao fim de persuadirem antigas aquellas suas inventadas prophcias, que d'ellas havia já tractado o *Diccionario historico de Moreri*; sendo isto tão notoriamente doloso, que ainda na impressão, que se fez do dicto Moreri, no anno de 1717, se não achava o nome de Bandarra; e que este sómente fôra pela primeira vez intruso na edição do mesmo Moreri, feita em Leão de França no anno de 1753, em lingua hespanhola; e repetida na que depois se estampou em Pariz no anno de 1759, no idioma francez:

Representando-me os sobredictos declarantes, que por haver chegado 'nestas circumstancias ao seu conhecimento, um caderno estampado em Lisboa no anno de 1757, na officina de Francisco Luiz Ameno, com todas as costumadas licenças, debaixo do titulo² *Ecco das vozes saudosas, formado em uma carta apologetica*, etc., no qual debaixo d'um prologo, o mais capcioso e iniquo, se contem a sobredicta carta de 30 d'abril de 1686:

E por haverem, elles declarantes, conhecido, que fôra estampada com tanta obrepção e subrepção das licenças, com que

se imprimiu, e com tão reprehensivel conivencia dos censores informantes, que estes vieram a facultar as temerarias liberdades de se insultarem sem a dolosa¹ falsidade das referidas invectivas; o tribunal da fé, que foi sempre, e é da immediata protecção regia; a auctoridade da cousa julgada pela sua competente, e privativa sentença proferida sobre factos physicamente manifestos, e sobre as proprias confissões do referido réo, na sua presença publicadas; declaravam tudo o referido, para que se dessem as providencias que parecessem justas.

E tendo-se verificado 'nesta real mesa censoria, pela evidencia dos factos o contendo nas sobredictas informações, com a conferencia, e exame do caderno, e livros, que fez o objecto d'ellas, e com as mais diligencias necessarias: Declararam² a dicta *Carta apologetica* estampada em Lisboa no anno de 1757, por Francisco Luiz Ameno, debaixo do titulo de *Ecco das vozes³ saudosas*, e a *Vida do çapateiro santo Simão Gomes*, que depois de obter as licenças, nos principios d'agosto do anno proximo seguinte de 1758, saiu á luz do mundo no de 1759, da officina de José Philippe; por falsas, temerarias, sediciosas e infames: Mandam, que como taes, sejam queimadas pela mão do executor da alta justiça: Ordenam, que nenhuma pessoa, de qualquer estado ou condição que seja, possa reter, ou occultar as referidas *Carta apologetica*, e *Vida do çapateiro santo*; antes pelo contrario, todos aquelles, ou aquelle em cujas mãos pararem, ou a cujo poder ou noticia vierem os exemplares das sobredictas *Carta* e *Vida*, sejam obrigados a apresental-os, e delatal-os na secretaria d'este tribunal, no preciso termo de dois mezes continuos e successivos, e contados do dia da publicação, e affixação do presente edital, debaixo das penas estabelecidas contra os perturbadores do público socego, e contra os que attentam contra a jurisdicção, e respeito dos tribunales supremos d'estes reinos:

1 Com a dolosa falsidade.

2 Declaram.

3 Ecco das vozes saudosas, etc.

1 O de haverem — diz o citado opusculo.

2 Titulo de *Ecco* etc.

Mandam outrosim, que todos os exemplares dos sobredictos livros *Balatus ovium*, e *Vox turturis*, sejam nos referidos termos, e debaixo das mesmas penas, entregues na secretaria d'este tribunal para 'nelle ficarem supprimidos: Observando-se no mais inviolavel segredo os nomes das pessoas, que denunciarem os transgressores d'este edital, de pois de terem expirado os termos 'neste¹ estabelecidos: E ficando sempre salvos os procedimentos, que por outras quaesquer vias competirem contra os maquinadores, fautores e passadores das referidas *Carta apologetica*, e ultima impressão da *Vida do çapateiro santo*, pelo que pertence ás culpas preteritas em que os dictos publicadores e fautores se acharem incursos. El-rei nosso Senhor o mandou pelo seu tribunal—a real mesa censoria. Dado 'nesta cidade de Lisboa aos 10 do mez de junho do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1768. E eu José Bernardo da Gama e Athaide, secretario do mesmo tribunal o fiz escrever, e subscrevi. Arcebispo Regedor, P.

Executou-se a pena de fôgo, a que foram condemnados os livros *Carta Apologetica*, e *Vida do çapateiro santo Simão Gomes*, na Praça do Commercio no dia de terça-feira 14 de junho, sendo presente á execução o bacharel João José de Lima Vianna, corregedor do bairro da rua nova. E em fé de verdade passei esta, que comigo assignou o dicto ministro. Lisboa 14 de junho de 1768. João José de Lima Vianna—Joaquim José d'Avellar.

E não se continha mais em o dicto edital, com o theor do qual, mandei passar o presente, que sendo-lhe apresentado, indo por mim assignado e sellado, com o sêllo d'esta correição, o fará publicar pelos logares de seu concelho, e fixar na parte mais pública d'elle, para que venha á noticia de todos, e se não possa allegar ignorancia; e por nova ordem, que tive do mesmo Senhor, em que ordena, me sejam entregues os livros e papeis comprehendi-

¹ Nelle.

dos no sobredito edital, e lh'os faça remetter, findo o termo, que 'nelle se prescreve, á secretaria da real mesa censoria, com toda a segurança e cautella; e ao caminheiro, que este lhe apresentar, lhe fará pagar pelos bens do seu concelho de seu caminho, sómente não sendo detido; e se lhe dará recibo de sua entrega e lhe fará pagar o feitio, assignatura e sêllo abaixo declarado, o que cumprirá. Dado em Coimbra ao 1.º de Julho de 1768: De feitio d'este 240 rs.; e de assignar 60 rs.; e do sello 30. E eu Bernardo Francisco dos Santos, escrivão proprietario d'este juizo da correição, que o subscrevi, e declaro, que todos os papeis e livros comprehendidos 'neste edital hão de ser entregues 'neste juizo da correição em observancia da ordem supra referida, posterior ao mesmo edital. Sobredito escrivão o escrevi. No impedimento, Bento Lobo d'Abranches.—Logar do sêllo—Ao sêllo 30 réis—José Antonio d'Oliveira. Se cumpra e registre.—Camara, 13 de julho de 1768.—Abranches—Moraes—dr. Araújo—Juzarte—Alves, procurador geral.

E não se continha mais no dicto edital, que aqui fiz trasladar bem e fielmente do proprio, a que me reporto, o qual veiu remettido a esta camara do juizo da correição, por mão do escrivão Bernardo Francisco dos Sanctos, em fé do que fiz este registo, que subscrevi e assignei em esta cidade de Coimbra aos 15 dias do mez de julho de 1778 annos. E eu¹

Maximas e pensamentos

Olhai para vós, antes que critiqueis os outros, se não quereis tornar-vos ridiculo.
N. T.

O amor é como o sol: este fecunda a terra; aquelle a mulher.
T.

Não convém á bellesa, ociosa vida.
A. F. DE CASTILHO

Não deixa nunca os seus o céu piedoso.
DURÃO

¹ Falta o fecho e assignatura do Escrivão da Camara.

OS DOIS INVERNOS

A V. da Silveira

..... A leve aragem lhe ondeava
As raras cans na fronte, onde se lia
A bella historia de passados annos.

A. HERCULANO

Era inverno: as verdes galas
Ao soprar dos frios ventos
A natureza despia.
A terra, que matizára,
Qual tapete, a primavera,
Murcha folhagem cobria.

O regato, outr'ora humilde,
Que, banhando a relva e flôres,
Deslisava mansamente,
— Enfurecido corria,
Trasbordando pelos campos...
¡Era soberba corrente!

.....
Ancião, que prateados
Os raros cabellos tinha,
¡ Bem negros na mocidade!
Meditava, olhando o rio,
Sobre um tronco, que por terra
Derribára a tempestade.

Rapido o rio levava
As folhas murchas, que o vento
Dos arbustos desprendia.
— Uma lagrima do velho
Ía após de cada folha,
Que na corrente fugia...

— ¡Que melancolica scena,
Elle grita suspirando,
Apresentas, natureza!
Os troncos estão despídos,
As campinas sem verdores...
¡ Oh! que lugubre tristeza!...

As aves, silenciosas,
Não cantam de ramo em ramo,
¡ Mudas parecem chorar!...
¡ Nem o sol sorri á terra,
Por detraz de negras nuvens
Parece luto trajar!

Da minha arida existencia
Eu em ti, ó rude inverno,
Vejo a imagem rigorosa:
¡ Brillam neves nas montanhas!
¡ Brillam gelos da velhice
Na minha fronte rugosa!..

Vem aquilão furibundo,
Dispersa folhagens, flôres;
¡ Pela amplidão as sumiu!..
Illusões, sonhos da vida,
Esp'ranças da mocidade,
¿ Onde estais?.. ¡ Tudo fugiu!

¡ Tudo fugiu!.. ¡ só me restam
Cabellos brancos e rugas,
— Dos annos tristes ruinas!..
¡ A propria belleza — o tempo
Me levou, ¡ qual tempestade,
Que rouba ao campo as boninas!

Meus olhos, que revelavam,
Cheios de vida e de fogo,
As mais profundas paixões,
¿ Onde esconderam seu brilho?..
São dois astros já extinctos,
¡ São apagados vulcões!..

Dos meus antigos amores
¿ Que resta, que, no passado,
A sua existencia atteste?
¡ Frageis memorias apenas!
¡ No coração a saudade!..
¡ No cemiterio — um cypreste!..

.....
¡ E que amante os céos me deram!
¡ Anjo de rara belleza!..
— ¡ Rico thesouro de amor!..
Em terrena formosura
¡ Nunca fôra tão fecundo
O pincel do Creador!

.....
Era noite...: inda me lembro...
Languido raio da lua
O seu rosto coloria...
Beijei-lhe a mão adorada,
Por meu pranto humedecida:
Disse-lhe adeus... ¡ Eu partia!

Porque seu pai avaro,
Virtude, amor desprezando,
¡Quiz vender-m'a a peso de ouro!..
Disse-lhe *adeus*... Eu partia;
Porque, — pobre —, na virtude
Consistia o meu thesouro...

E, saudoso, a dura ausencia
Supportei além dos mares;
— ¡Mas rico á patria voltei!
Ebrio, louco de alegria,
¡Ai! da patria o caro solo
Com que transporte beijei!

¡A ver meus pais de novo;
¡Mas apenas vejo um servo
Na paterna habitação,
Melancholico, chorando,
Qual estatua da saudade,
Com o rosto sobre a mão!..

Ao servo, que banha o pranto,
Angustiado pergunto
Por minha mãe, por meu pai.
¡Mudo fica!.. não responde...
¡Ergue os olhos lacrymosos
Para o céo, e solta um *ai!*..

Entendi todo o mysterio...
Fujo da casa maldita,
¡Onde a morte me roubára
Da vida os mais caros entes,
— Minha mãe — anjo extremo,
E — meu pai —, que eu sempre amára!..

Corro... voo ao cemiterio:
Para ver inda seus ossos...
O sepulcro abrir tentei...;
Mas ¡que mysterio inaudito!
¡Junto da campa adorada
Mais outra campa encontrei!..

Tinha rosas desfolhadas
Sobre a lousa, e 'nella um nome...
Nome divino — ¡fatal!
¡Era o d'ella!.. ¡Arranco a lousa!..
— ¡Estava ainda, qual lirio,
Colhido ha pouco do vall!..

.....
.....
.....
.....
.....
.....

Os suspiros e soluços
A voz do velho cortaram...
Não pôde a historia findar.
Dizem — que, por longas horas,
Commovido e meditando
Se deixára alli ficar:

Que, durante o rude inverno,
Sentar-se no mesmo tronco
Vinha sempre ao fim do dia;
E que triste na corrente,
Ao cair de cada folha,
Uma lagrima vertia...

Dezembro 58

H.

¡Sciencia! ¿que és tu no mundo!?

A V. da Silveira

Vé onde encontrarás logar, que fique
Da sua vista exempto:
Sóbe aos céos, transpõe os mares, busca o abysmo.
HERCULANO

¡Sciencia! ¿que és tu no mundo?!
— Diz, ¿qual é o poder teu?
¡Tu sondas o mar profundo,
Homem, terra, Deus e céu!
¡Medes o tempo! — ¿do espaço
Quem é que o imperio te deu?

¡Descobre-me o teu thesouro!
¡Os teus segredos me ensina!
Não val tanto prata ou ouro
Como val a tua sina...
¡Tens o sceptro do universo!
¡Dedilhas harpa divina!...

¡Tens da lua a magestade,
Tens a côr da bella aurora;
Do pôr do sol a saudade,
As grinaldas tens de Flora;
Essa inspiração divina
Da virgem tens, quando óra!

¡Tens da philomella o canto,
Tens da brisa o meigo arfar;
Entoas um hymno sancto,
Qual da agoa o murmurar;
Da infancia tens o sorriso,
Da velhice o meditar!

¡O teu brilho é fascinante,
Como d'estrella o scintillar;
Teu raio mais penetrante
Que do sol o dardejar;
São dourados teus cabellos,
Seductor o teu olhar!

¡Zombas do raio, que estala,
Do trovão, que ao longe clama;
Do tremor, que a terra abala,
E do céu, quando s'inflamma;
Do furor da tempestade...
E sorrís, quando o mar brama!

¡Imperas no céu — na terra —
Em Deus — no homem — no mar!
¡Tudo, quanto o mundo encerra,
Tu percorres c'um olhar!
¡Se não creaste o universo,
Suas leis pódes dictar!

¿Mysterios?... ¡fogem, quaes trevas
Ante o sol, que vai surgir!
¡Radiante facho levas,
Que espalha mago fulgir!
¡Para ti não ha segredos,
Que não possas descobrir!

¡Tens de Memphis a grandeza,
De Palmyra a poesia;
Tens de Ninive a belleza,
D'Athenas tens a magia;
De Roma tens a opulencia,
De Veneza a sympathia!

¡Da Britania o movimento,
E da França a seducção;
D'Allemanha o pensamento,
Da Russia tens o canhão;
E d'este meu Portugal...
Um portuguez coração!

¡Tens da Turquia a mollesa,
Tens da Suissa os vergeis;
E do Brasil a riqueza,
Da Normandia os corseis,
Da Italia as harmonias...
Imperios tens de mil reis!

¡Mysterios tens — mil encantos,
Que nem a bella Granada
— Revela feitiços tantos
N'essa Alhambra decantada;
As bellezas, que possues,
Só as têm sonhos de fada!

¡Tua adaga é lampejante,
Tuas armas refulgentes,
Teu estandarte ondulante;
E teus soldados valentes,
Tua tuba clamorosa,
Para amotinar as gentes!

¡Os mundos — o Omnipotente
Crear sem ti não podia;
Nem no céu o sol ardente,
Ou a lua brilharia;
Nem na terra o humilde insecto
Dia ou noite zumbiria!

¡Ao homem tu dás esperança,
Caridade, fé, valor;
Dás-lhe prudencia e temperança,
Religião, patria e amor;
Vens trazer-lhe á alma crenças,
Converter-lhe em gozo a dôr!

E quando o sol vai sulcando
Dos vagos mares a ardentia,
Quando a noite vai lançando
Negro manto sobre o dia...
¡É então que o teu lidar
Para os homens principia!

¡É então que em ferveroso,
Incessante vigilar,
Em terno canto, amoroso,
Teu nome fazem soar;
E ao teu brado á natureza
Segredos mil desvendar!..

¡Afrontas do mar as vagas,
E do espaço a immensidade;
Como os astros tu divagas
Toda envolta em claridade,
Aos homens mostrando a terra
— Céos — inferno — eternidade !

¡Dominas com tuas vistas,
Terra — céu — tudo o que vês!
¡Como tu não tem conquistas
O romano, o portuguez!
¡Ao teu imperio sujeitas
O que Deus e o homem fez!..

Poeta não sou; — que o fado
Me negou um tal condão:
Não tenho da lyra o brado;
Mas possuo um coração:
Por elle o canto é dictado
Aceita-o — que é d'um irmão.

Coimbra, 6 Janeiro 1859

E. GARCIA

Charadas

Quem me segue não se cança,
Quem me foge breve alcança:
Para aqui, ou para além,
Comigo não dá ninguém. } 2

Eu do talho faço á porta } 1
O mistér do cortador;
O carrinho c'o a mão tiro, } 1
Sabe Deus se com temor...

Entrada me dão nas salas;
Sou velho, mas divertido;
Dos janotas maltractado,
Das velhas sou mui querido.

15 Dezembro 1858

V.

O meu tamanho varia } 2
C'os tempos e c'os logares:
A segunda, entre primeiras,
Has de ver, se m'encontrares.

É sem mim bem triste o mundo, } 2
Ainda que mais se ostente
Magestoso o universo,
Quando pallido — luzente.

Eu engordo á minha sombra
Rechonchudo maganão;
Mas é só por obra e graça
Da sancta religião.

12 Dezembro 1858

V.

N.º 3.º — Pag. 28 — *Namorada*.

N.º 4.º — *Congo*.

PUBLICAÇÕES

Preludios, polka para piano — pela ex.^{ma}
sr.^a D. Elvira Candida Garcia de Moraes.

Preço: junciamente com os numeros 1,
2, 3, 4 e 5 dos PRELUDIOS-LITTERARIOS —
480 réis; isolada — 160 réis.

Vende-se: em *Coimbra* — loja da Im-
prensa da Universidade; *Lisboa* — livraria
universal dos srs. Silva Junir & Companhia;
Porto — sr. Jacintho Antonio Pinto da Sil-
va; *Vizeu* — sr. Francisco Gomes Pinto;
Peso da Regoa — sr. Manuel Mendes Oso-
rio; *Evora* — sr. V. J. da Gama; *Bragança*
— sr. Antonio Caetano d'Oliveira Furtado;
Leiria — sr. José Pereira Curado; *Aveiro*
— sr. Ernesto Augusto Ferreira.

Almanack de Coimbra, para 1859 — pelo
bacharel, o ex.^{mo} sr. P. A. Martins da Rocha.

Este interessante livro contém a vista
de Coimbra antiga, e a do edificio da Uni-
versidade, tirada do interior do pateo, e do
lado do observatorio.

São muitas e importantes as noticias,
que, entre varios generos de litteratura, col-
ligidos com summa felicidade e bom gosto,
n'elle se comprehendem. De tudo quizeram-
os fazer menção; porém falta-nos o es-
paço, mas não tanto, que nos não seja per-
mittido felicitar aqui o auctor, pelo bom
acolhimento, com que esperamos ver por
todos recebido o seu trabalho, já pelo seu
incontestavel merecimento litterario, já pe-
los desejos, que sempre tem mostrado, de
ver a nossa bella Coimbra elevar-se até o
logar, que lhe compete na rapida e progres-
siva marcha da civilisação portugueza. —
Preço 160 réis.

V. DA SILVEIRA

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

O PRIMEIRO TRIMESTRE

DOS PRELUDIOS-LITTERARIOS

Com o 6.º n.º acaba o 1.º trimestre da publicação do nosso jornal.

Cumpre-nos, portanto, agradecer mais uma vez ainda áquelles, que, tendo comprehendido as nossas necessidades, como lh'as expozemos, se prestaram da melhor vontade a contribuir para a sustentação e credito dos PRELUDIOS-LITTERARIOS, que com tanta felicidade temos dirigido, rogando-lhes a continuação do mesmo apoio, para que não falleça entre tantos elementos de genio e talento, de poesia e amor um jornal, que, repetimos, ainda não teve outro igual em seus principios.

OS PRELUDIOS-LITTERARIOS, ja em vespéras d'uma 3.ª edição, contam hoje em Coimbra, e n'outras terras do continente, para cima de 800 assignaturas; e o numero dos manuscritos, que nos têm sido enviados é tal, que nos sentimos verdadeiramente embaraçados na sua publicação.

Conhecemos a necessidade de tornar o nosso jornal *semanario*; todavia, as nossas repetidas doenças, os trabalhos das nossas aulas, e outros não menos obrigatorios não nos permitem, por em quanto, realisar tão urgente reforma, alem de que não quizeramos com ella tornar mais custoso o preço de cada assignatura, que desde o principio regulámos segundo os haveres do maior numero, desejosos de *popularisar*, quanto possivel, os nossos escriptos, como meio não so de promover a instrucção, mas de despertar em muitos um sentimento, que não deve dormir no coração d'um bom portuguez — o amor pelos outros.

1859—Fevereiro

Não obstante, porém, o limitado preço dos PRELUDIOS-LITTERARIOS, á vista de resultado tão lisonjeiro, e dominados pelo sentimento de gratidão por todos aquelles, que para elle têm concorrido d'um ou d'outro modo, ja haviamos melhorado consideravelmente o nosso jornal, fazendo sair de tempos a tempos algumas producções musicas, que nos têm sido offerecidas.

Mas o que ja vai alem de todas as nossas esperanças ao planearmos os nossos trabalhos jornalisticos é — a possibilidade de *materialisarmos* pelo desenho muitas ideas, que la fóra so imperfeitamente poderiam ser percebidas pela simples descripção dos usos e costumes da Universidade, e d'alguns sitios mais amenos, mais poeticos, mais historicos de Coimbra.

É á amizade do Ex.^{mo} Sr. Bastos, professor de desenho na nossa Universidade, que devemos mais este importante melhoramento, que muito faz subir o interesse do nosso jornal: é pena que a arte lithographica em Coimbra, na falta d'um abridor, o não ajude nos seus philantropicos esforços, limitando-lhe assim todo o desenvolvimento que, pelo seu talento, bem poderá dar aos seus trabalhos.

Querendo seguir a ordem da nossa analyse sobre a sociedade de Coimbra — deveramos apresentar primeiro, em vez do estudante, que ja acompanha este numero, a vista d'esta Cidade; mas algumas difficuldades, que esperamos vencer, não o permitiram assim.

Bem sabemos, que a maior parte dos nossos lucros vai ser absorvida em tão grande empresa — para quem tão poucas forças tem; todavia, a prova que pretendemos dar de que Coimbra *fará muito*, se quizer, leva-nos

N.º 6

a ter em pouca monta algumas moedas de prata ou ouro, que no fim de cada trimestre, pagas as nossas dividas, poderamos encontrar de sobra no canto da nossa gaveta: o principio das accumulações deverá ter grandes defensores no *arido positivismo* da vida; mas aqui, entre uma corporação de mancebos, onde ella é toda *abnegação e poesia*... repugna,—revolta.

V. DA SILVEIRA

ESTUDO SOBRE AS POESIAS DE SCHILLER

II

Ha livros, que nós de preferencia estimamos: é porque elles são o echo das concepções da nossa intelligencia, e das impressões da nossa alma; é porque exprimem melhor o que nós pensamos e sentimos. Lamartine lia com enthusiasmo Job e Milton, meditava com ardor Tasso e Bernardin de Saint-Pierre: eram os poetas que elle mais amava, porque lhe fallavam a linguagem apaixonada e harmoniosa do amor e da religião; e essa linguagem era a do seu coração. A *Messiada* foi na infancia de Schiller o seu poema predilecto, o seu livro mais querido: o seu assumpto religioso, e as suas imagens biblicas, casavam-se com o sentimento da fe, que lhe abrasava o peito: a sua leitura robusteceu a crença no symbolo, que elle, ainda creança, balbuciára nos joelhos de sua mãe; e é por isso que Schiller estudava como modelo, e seguia como mestre o poema, que tanto amava: reproduzia as suas ideas, copiava as suas imagens. São uma servil imitação os seus primeiros ensaios. Trabalhos improbos, estudos aturados e tentativas este-reis, precederam a composição das poesias, que no mundo das letras lhe deram nome.

Nem de imaginação viçosa, nem de grande e fecunda inspiração foram producto natural, facil e espontaneo as suas primeiras poesias.

Trabalhava por adquirir ideas, por thesourar conhecimentos, por dar actividade ao espirito e força á imaginação, e por ensaiar as fórmulas, que mais adequadas

fossem ao seu genio. Em 1777 ousou tímida e respeitosa dar a lume as suas primeiras poesias. A terra vergontea não podia dar o fructo, que só pôde colher-se da arvore já rica de seiva e formosura: todavia, tardia e laboriosa foi a sua musa. Encerrado 'num collegio, não podendo em liberdade e com proveito extasiar-se ante as magnificencias da natureza, elle procurava nos livros os sentimentos e as imagens, que devia procurar em si e no universo. Os hymnos harmoniosos e sentidos, que á sua entrada na vida lhe inspirára a musa da religião, trocaram-se pouco depois por sinistras imprecações contra o destino.

A sua imaginação de mancebo dourára-lhe a vida de rosas e sorrisos: foi amarga e pungente a decepção, quando, ao levantar o véu, que lhe encobria o futuro, elle viu um caminho arido e escabroso, erizado de espinhos e molhado de pranto.

Sonhára o Eden, e acordou 'numa terra d'exilio e de lagrimas; chamára pela felicidade, e respondeu-lhe a desgraça.

O positivismo da vida, com todos os seus horrores e oppressões, matára as illusões, que lhe haviam affagado a mente.

O universo perdéra a seus olhos todo o seu encanto, toda a sua poesia e grandesa: era para elle um vasto e triste deserto, e um chão amaldiçoado, em que era obrigado a arrastar uma existencia de miserias. É que a alma estava erma e nua de crenças, de consolação e esperanças; a pesada e inexoravel mão da desgraça tinha-a reduzido a uma immensa ruina, onde só morava o desespero.

Passára-se no espirito de Schiller uma lucta tremenda e pavorosa, e esta lucta operou nas suas ideas religiosas uma completa revolução: a razão quiz discutir o que o coração sentia; mas a razão só era, pela sua fraquesa, pela sua inconstancia e mobilidade, um guia pouco seguro, que devia logo abysmal-o nas trevas da duvida: o sopro gelado da descrença empallidécera e apagára depois a tocha da fe, que lhe allumiava a alma. 'Neste naufragio da intelligencia, Schiller, devorado pela duvida, procurava uma ancora a que se encostasse, um ponto d'apoio, em que se fir-

masse; era de balde, porque a verdade, que elle dizia, que fortificava o coração e elevava a alma, tinha fugido. Schiller tinha perdido a fe, e o homem 'nesse estado assemelha-se, como alguém diz, ao navio sem leme errante nas solidões do oceano.

Se nol-o permittisse a natureza d'este escripto, nós mostraríamos, levaríamos até á evidencia, que na religião em que Schiller fôra educado existe o germen, que tem arrastado a grandes e funestos erros intelligencias tão luminosas como desgraçadas. Schiller percorreu todos os systemas desde o protestantismo até ao pantheismo.

Fatigado de procurar na razão e na natureza os artigos do symbolo, de que todo o homem, e especialmente o poeta, tem necessidade, caiu a final 'nesse estado de prostração e desalento, em que se acha o viajante, que, perdido em noite de tempestade, não atina com o caminho, que deve guiar-lhe os passos a uma morada hospitaleira.

Procurando a luz, via-se cercado de trevas; chamando a verdade, sentia-se atormentado pela duvida.

'Numa das suas poesias pinta elle o estado, tristemente doloroso, da sua intelligencia 'nessa epocha de scepticismo. Eis as suas palavras: — Raphael, tu me roubaste a fe, que me dava o socego; tu me ensinaste a desprezar o que eu venerava: a triste e fria sciencia despojou do seu encanto muitas ideas para mim sagradas.

Pobre, vagabundo, e sem uma estavel e honesta posição, que lhe garantisse uma parca sustentação, estas contrariedades apagaram-lhe o fogo do enthusiasmo. Faz dó ver o genio ás arcas com o infortunio: parece que a Providencia, por uma lei de compensação, dá em intelligencia o que nega em bens de fortuna.

Esses vultos, que, grandiosos, se destacam la no passado, e cuja vida foi uma lucta attribulada contra uma sorte adversa e immerecidas perseguições, têm aos nossos olhos mais brilho e prestigio. Aos homens, que illustram com o genio e defendem com a espada um povo, dá este quasi sempre por premio o desprezo, a fome, o exilio, e muitas vezes a morte...

O Tasso expia em negra e medonha marmorra seu amor e gloria. Camões expõe a vida pela patria nos campos da batalha, lega-lhe o immortal monumento do seu genio, e ella paga com a ingratição a dedicção do soldado, e a grandesa do poeta: devendo ser mãi, é desamorada e preversa madrastra. Todavia o respeito pelo homem de genio une-se depois á sympathia pelo desgraçado.

É mais bello o diadema, com que a gloria lhe adorna a fronte. Se os contemporaneos foram injustos, a historia imparcial la lhe grava o nome 'numa pagina d'ouro; e a posteridade, mais justa, levanta ao genio altares, em que lhe tributa honras immortaes. As suas desgraças augmentam-lhe a celebridade, e os seus infortunios retumbam como os seus amores em todos os seculos. A piedade, como diz um escriptor, ajoelha-se de geração em geração sobre o seu tumulo.

Quasi todos os grandes poetas são desgraçados, e a sua vida, como muito bem diz o auctor das Meditações, resume-se 'nestas palavras: — *amor e lagrimas*. Schiller não escapou, como ja dissemos, ao destino geral. Os males, que sobre elle pesaram, não lhe abateram o animo: soffreu-os com uma perseverança e coragem heroicas; teve muita força e grandesa d'alma para não deixar despedaçar a lyra d'encontro aos escolhos da fortuna.

Todavia abandonou a poesia intima, e dedicou-se todo aos trabalhos da arte dramatica: foi então que elle compoz essas obras aprimoradas, em que brilham com tanto fulgor o poder da intelligencia e a riqueza da imaginação: as personagens dos seus dramas são a expressão das excruciantes agonias, que lhe iam la dentro: pintava nos differentes caracteres as dores, que o ralavam, as penas que o affligiam, — exhalava alli os seus gemidos.

Nos salteadores descreve elle as paixões, que o dilaceravam: a exaltação e a impetuosidade do character do chefe, que se manifesta pela incredulidade, pela religião, pelo amor e barbaria, por sentimentos os mais oppostos, — é a revelação da alma inteira de Schiller.

As primeiras poesias de Schiller são orações repassadas de pureza, de fe, e de sentimento, — são a manifestação da sua terna e apaixonada imaginação: devisa-se ahí a imitação um pouco servil de Klopstock; mas observa-se ja o estro, o entusiasmo e a inspiração. Mas a intelligencia escravisada dava-se mal nos ferros: quebrou-os logo, e, quando ella começou a trabalhar em liberdade, fortificou-se, engrandeceu-se, e começou a dar formosos e sazonados fructos: as producções em que elle dizia o que sentia, e não o que sentiam os outros, obtiveram logo um brilhante successo.

J. ALVES MATHEUS

INSTRUCCÃO

I

Importancia do estudo da lingua latina

Les Romains avaiet imposé au monde leur langue et leur droit les armes à la main.

E. HUZAR — *La Fin Du Monde, par la Science.*

Com pouco dizer faremos sentir a influencia e a importancia, que a *lingoa latina* póde exercer no ensino e desenvolvimento das lettras na quadra social, em que vivemos. E, sem muito discorrer e alardear de bondade ou merecimento, a campo sairemos com as armas do bom e util, que nella possa haver; sem seducção ou perigo de nos deixarmos diminuir por parcialidades, ou afferrado apego, que ideas e convicções nossas, quiça, e por vezes gerar podem.

A *lingua latina* parece dever, dizem alguns, compartilhar sorte com o velho *direito canonico*, que, no sentir d'Esbach, é facho d'amortecido clarão, que apenas brilhar póde na meia idade, sepulcro de velhas tradições e moimentos, aurora de melhor pensar e discorrer, que até então; mas que deveu apagar-se e de prompto esconder-se á chegada de novos e mais fulgentes astros.

É certo porém, que as linguas *grega* e *latina*, d'onde brotaram os differentes dialectos, que hoje vemos arraigados nas na-

ções europeas, se têm tornado o alvo das censuras e ridiculo dos sabios progressistas do nosso seculo, que as consideram como um fossil corroído, exhumado das ruínas das duas nações, que deram leis ao mundo, e que tão sublime e grandioso papel representaram nos fastos da antiguidade, que legaram á posteridade pensamentos e descobertas, que lhes valeram a immortalidade; e nunca extincta fama, apagada gloria será seu galardão.

Ingratas e vaidosas seriam as gerações recentes se, em vez de bem dizer, votassem ao criminoso olvido esforços em seu favor e para seu bem operados. Não ha coração de filho, que não entorne uma lagrima, que não entoe um canto de respeito e saudade sobre a campa e á memoria d'aquelles, que o ser lhe deram, que lhe formaram o espirito e o coração, derramando ahí o balsamo de crenças suaves e consoladoras, soltando-lhe a intelligencia, *ainda balbuciante*, do frio e gelado claustro da ignorancia, desprendendo a sua rasão, ainda latente, dos lobregos carceres d'uma brutalidade imbecil. ¡Grata lhe deve ser e reconhecida a lembrança d'aquelles, que lhe ensinaram a levantar as mãos para o ceu em fervorosa prece, apontando-lhe para o throno de Deus; a admirar a natureza na sua rica variedade, a manejar forças occultas em seu seio, a pulsar uma lyra de suave canto e hármonioso verso!..

¡Eis o phenix, que morre e renasce!..

Das cinzas de seculos, que ja foram, ¡surjem novas civilisações, progressos que maravillham!

Estudos sobre Deus, sobre o homem, sobre a natureza inteira, poesia e musica... é um legado de gerações passadas, sobre que se levantam gerações presentes.

A lingua, interprete do coração e da intelligencia, é a primeira alavanca a pôr em acção para erguer a lousa, que esconde tão magnificos e utiliferos thesouros:

Les mots pour les pensées,
Les pensées pour le coeur et la vie.

Lançada por terra essa biblia hyeroglyphica, em que os povos soiam escrever

as grandes coisas, restam-nos essas paginas, que a sacrilega mão do iconoclasta avida procura dilacerar; e se Victor Hugo e o nosso Herculano, no prefacio de dois dos seus mais bellos escriptos, feriram de anathema a mão temeraria, que ousava nivelar com o po, e com o po confundir meamentos de magno valor, nós rogamos aos homens da epocha, que poupem ao genio destruidor essas paginas, onde podem aprender o que não sabem, e que talvez jamais possam descobrir!..

Nada excede Homero e Virgilio, Lucrecio e Epicuro, Platão e Cicero... Eis o germen... mais, o santuario, a sagrada arvore da philosophia e da poesia, d'essas amigas intimas, que a razão e a imaginação uniram em tão feliz consorcio, que tudo quanto temos e havemos é um dom precioso, que d'ellas recebemos — risos, graças, encantos, calculos, raciocinio, reflexão, meditar profundo!... É o beijo d'uma brisa, que faz desabrochar uma flor; é a chuva fecundante caída do céu, que nos abre o seio da terra...

«Le savant, diz Latenu,¹ croit ce qui lui est démontré, le poète ce qu'il sent, le vrai philosophe ce qui met d'accord sa raison et son coeur.»

Roma modela a sua civilização litteraria pela da Grecia, depõe o *gladium* e a *charrua*, e volve-se ás letras. Os hymnos guerreiros, as sentenças oraculares, os livros sibilinos, a que apenas se limitava a sua autocthonía litteraria na epocha das conquistas e hostilização, convertem-se nos bellos escriptos de Lucrecio, Varrão, Tacito, Cesar, Tito-Livio, Juvenal, Ovidio, Horacio, Virgilio... e tantos outros de merito e elevado preço, que têm atravessado, e atravessarão sempre, com louvor e proveito, de geração em geração, arrastando os espiritos consagrados ás aras da sciencia e da litteratura, como ao viajante impressionam e fascinam a vista e a contemplação das pyramides e palmeiras do deserto!..

O homem, que quizer ser sabio, deve remontar até elles; e o pharol, que lá deve guial-o, é o conhecimento da lingua, em

que esses pensamentos foram transportados á circulação exterior—*a lingua latina*.

Nem nos venham apontar traducções; ainda que, mais de espaço e com mais des- envolvimento, discutiremos este assumpto, sempre diremos, que a lingua allemã, que nos dizem ser a mais philosophica, jé, e desgraçadamente, quasi ignorada entre nós! A sciencia dos francezes mais parece cuidar da fórma do que do pensamento, sempre, pela maior parte envolta no mysterioso e seductor sendal do estylo asiatico e superabundante,² linguagem, que com quanto arme bem a versos apaixonados e a romances sentimentaes, embaraça o campo da sciencia, affoga em viçosa folhagem e em matizes de flores os fructos sazonados da razão e da intelligencia, converte-a 'numa como plethora de palavras vasiaas, que so servem para roubar-lhe a profundeza e a solidez. Se convem á imaginação, a razão estraga-se, corrompe-se, perde-se, ou envenena-se, quando o pensamento se avanta em fórmas e menos cura da substancia.

A introduccão da litteratura franceza na nossa litteratura, tem, pouco e pouco, roubado á nossa bella lingua a magestade, a elegancia, a precisão, as inflexões redondas e harmoniosas, que, como um legado paterno, da *latina* herdára. Este perigo é um proprio francez,³ que nol-o aponta... «mais toute langue qui se dépouille de son originalité, pour s'adonner à l'imitation se gâte, même en se perfectionant.»

E. GARCIA

A TERCEIRA EDIÇÃO DOS LUSIADAS

Mas o historiar as scenas d'aquelles tempos não é para aqui; bastando-nos por ora lembrar como de todos os affectos, que a Camões fallavam n'alma, o que sobrepujava os demais, era o amor ás coisas do seu paiz.

É porém muito para aqui, e 'neste ponto muito importa instar e insistir: vendo Camões, que falta de viço e vida s'immergia

¹ Latenu — Étude de l'homme.

² Alguém já fez esta censura a Cicero.

³ Chateaubriand — Mélanges.

no chaos o povo, cujo cantor elle era; que os usos iam caídos, sem que o rei entendesse em os aviventar, e caídos, não para debaixo do rodar dos seculos, senão para debaixo do rodar d'abusos; que com estes aquella Ordem de Jesus, cuja entrada 'neste reino inda era fresca, medrava e crescia em forças, como em sua mesma casa; e que em summa haviam mister de sangue novo as veias varicosas de Portugal, corria-lhe a obrigação d'avisar a el-rei, e assim pôr cobro á peste, que a tudo e a todos ganhava e invadia.

Cumpre, repito, insistir 'neste ponto; insistir opportuna é importunamente; Camões poz o hombro ao edificio, que baqueava no tumulo,— quiz reluctar á Ordem de Jesus; d'aqui, é para nós assentado, lhe veiu a ultima ruina.

Aquelle que, por descanço das armas, compunha obras, que viverão em quanto o gosto viver; o homem, que foi heroe na India; o heroe, que foi poeta no mundo; o poeta ao qual de estreitas duas coroas não serviam, viu entre os braços da fome, que lhe fugia a vida, porque, como um verbo de morte, descera sobre elle a cholera de Loyola.

O homem a quem a natureza, como que para dar mostra de si, fadou com a virtude o valor, com o valor o engenho, com o engenho os infortunios, deixou viuva a gloria, e o poema orphão; porque resolveu-se a viver co'a patria, ou a morrer com ella.

Mas, em quanto soasse em bocca, ou durasse em memoria de homens, morto não fôra o poeta; que, sem rival nas provincias do saber e da invenção, que percorrera, fôra-lhe cada seculo um tribunal, cada geração um juiz.

¿ Como pois lograr sair a cabo de tão arduo empenho?

Mutilar o poema—foi o expediente tomado pelos que tudo ousavam e podiam tudo.

E ¿ quem eram elles para assim affrontarem o maior dos engenhos em sua obra maior?

Recebemos de Lamego, e d'um nosso estimavel amigo e contemporaneo nas lides

academicas, o seguinte artigo, que gostosamente publicamos, agradecendo-lh'o cordalmente.

Oxala que este escripto possa produzir 'noutras terras, onde temos a fortuna de encontrar alguns leitores, e que se acham ainda mais ou menos nas circumstancias, em que se achava Lamego,— todos os melhoramentos, todo o progresso, que esta cidade, importante pelos seus recursos materiaes e intellectuaes, vai pouco e pouco experimentando.

É tempo ja de que os benefícios, que a civilisação prodigalisa a mãos cheias na capital do reino, se derramem por outras cidades e villas, agrilhoadas ainda por feudaes e ridiculas usanças, que, impotentes hoje ou acanhadas, so têm no mundo civilisado por acolhimento um sorriso de desprezo, ou um gesto de compaixão.

V. DA SILVEIRA

A SOCIABILIDADE EM LAMEGO

Eademque natura vi rationis hominem conciliat homini, et ad orationis et ad vitae societatem: . . . impellitque ut hominum coetus celebrari inter se, et a se obiri velit.
CICERO—*De officiis*, lib. 1, cap. IV.

A sociabilidade, que Cicero, mais de 43 annos antes de Christo, proclamava como um dever, a que a propria natureza nos convida, foi longo tempo desconhecida 'nesta cidade.

As noites de Lamego, phrase applicada em todas as terras de Portugal para designar a insipidez da vida passada 'nesta cidade, provariam *ex abundantia* a veracidade da proposição, que avançamos. Mas, hoje, esta nodoa de mau gosto, lançada sobre esta terra, vai-se delindo, se ja de todo não desapareceu.

Ha poucos annos ainda, quando, pelas 5 horas da tarde, a noite, descendo dos montes de Penude sobre o valle, envolvia em seu negro manto toda a cidade; quando o som, terno e saudoso, do sino da ermida dos Remedios nos convidava a elevar o pensamento ao ceu, cada um de nós caminhava para casa, maldizendo a enfadonha longura das noites, que tão cedo vi-

nham succeder ás poeticas horas do crepusculo. Então nós, pobre estudante, depois de curtas horas de leitura forçada, sentiamo-nos possessos pelo demonio da inercia; e esta irremissivelmente nos lançava 'num estado tal de colapso, que insensivelmente a cabeça nos descaía sobre o peito, as palpebras docemente uma á outra se collavam, e, momentos logo ¡ingrato filho de Minerva! eramos nos braços do pachorrento e gordo Morpheu!

Hoje, porém, tudo mudou 'nesta terra, que tão refractaria tem sido ao progresso. Quem presentemente visitar esta cidade conhecerá, que as *noites de Lamego* so por uma pungente ironia podem, para alguns, ser ainda a expressão antonomastica do espirito repulsivo de seus habitantes.

Hoje a sociabilidade vai em desenvolvimento 'nesta terra, que podia ser apontada como exemplo practico das distincções hierarchicas; — 'nesta terra, em cujo theatro vimos alternativamente companhias dramaticas, compostas so de mancebos nobres, so de militares, d'artistas so..., so de estudantes; — 'nesta terra, onde o clero, a nobresa e o povo jamais se confundiram, jamais se mesclaram...

Actualmente uma fusão lenta se vai operando entre estes elementos, que uma feição tão original davam á sociedade lamecense, mas lenta, como tudo quanto vai de encontro a inveterados prejuizos de *raça*...

É que a invariabilidade, a ubiquidade, se assim podemos dizer, da lei da perfectibilidade indefinida aqui nos arrasta a todos, mau grado *alguns*.

Hoje, quem voltar a esta cidade, ja notará a nova casa da Philharmonica Lamecense, mandada construir pelo Sr. Marques, rico negociante d'esta praça; e ¿quem prophetisaria que Lamego, conhecida pela semsaboria da vida, que aqui se passava, havia de vir a ter uma boa philharmonica, bella casa para baile, e um bonito theatro na mesma casa; reuniões diarias, onde se passam alegres horas, ja ouvindo tocar, ja vendo jogar ou jogando?!

¿Quem agouraria a esta terra, que não offerecia a mais insignificante distracção, que, alem d'aquella, teria outra sociedade

— a Assembleia Lamecense, que ja existe ha tres annos, estribada em solidas bases, que promette longa vida, e cujas zelosas e intelligentes direcções têm procurado aos socios a maxima somma de vantagens e commodidades, que elles podiam desejar?

Nos fins de desembro passado deu esta sociedade a sua reunião de familias, que correu animada e brilhante: 'nella tivemos occasião de admirar o adiantamento, em que se acha a philharmonica dos artistas, que, em anno e meio, tem feito prodigios, so explicaveis pelo poder, que tem uma vontade tenaz, e um vivo amor pela divina arte d'Euterpe.

Na noite do dia 2 de janeiro deu tambem a outra sociedade (a Philharmonica) o baile de installação na sua nova casa. São dignos de elogio muitos dos socios, que trabalharam para que o salão estivesse aformoseado e alindado como esteve. Passou-se uma noite deliciosa: nossa fraca penna não poderia descrevel-a, nem traduzir as gratas impressões, que em nós causavam, no rapido voltear das valsas, as donairosas e ethereas bellas, que deslumbravam a quem fixal-as tentasse, e isto 'num salão de vastas dimensões, illuminado por um sem numero de luzes, onde a bella orchestra convidava á vida, ao movimento as naturas ainda as menos expansivas...

¿Como poderá, quem deseja passar deslembrados os rapidos instantes d'esta peregrinação na terra, deixar de elogiar os acertados esforços, a previdente solicitude dos dignos directores d'ambas as assembleas, que assim nos proporcionam occasiões de ineffavel prazer, em que as horas se deslisam bonançosas, e a vida passa desapercibida, como so para nós passou ao alvorecer da vida?!

¡Bem hajam elles! que tornaram esta terra, de agreste e desabrida, amena e risonha! ¡Bem hajam! que nos obrigam a confessar, que ha noites de Lamego, que são noites d'almo jubilo. F. M. C.

Lamego, 24 de Janeiro de 1859

Amigo Silveira:— O homem é, por sua natureza, um ser essencialmente imitativo.

Não foi pelo methodo synthetico, mas pelo analytico, que cheguei ao conhecimento d'esta verdade; e é por isso que, talvez, eu seja levado a um resultado contrario ao dos que seguem o methodo opposto, o qual, apesar do rigor logico, que pretende ostentar, nunca poderá contradizer a realidade dos factos.

É incontestavel, que ha no mundo moral, assim como no mundo physico, uma força d'attracção, que leva as massas menores a adherir ás maiores; e é assim que muitas vezes vemos as maiorias attrahir o individuo contra a sua propria vontade.

Esse phenomeno acaba de me succeder ha pouco.

Nunca nem sequer, me teria vindo ao pensamento a idea de escrever para o publico, senão fosse o vosso jornal e a parte activa, que na sua collaboração grande numero dos meus condiscipulos têm tomado.

Foi so depois de ver, que grande parte do meu curso tinha escripto para os PRELUDIOS, que eu me senti compellido pelo desejo de entregar á imprensa o primeiro producto da minha intelligencia; mas esse desejo encontrou uma grande difficuldade na sua realisação; porque, sinceramente confesso, que a esphera dos meus conhecimentos é apenas circumscripta á leitura dos compendios das aulas e da *sebenta*.

Eis porque a minha imaginação foi tão esteril, que nem sequer pôde crear um assumpto para escrever fóra d'aquelle, de que me occupo; e esse, ainda assim, ficou tão disforme, como aquelle, que lhe deu o ser... Vosso

c.

HOMENAGEM D'UM CABULA Á SEBENTA (a)

¡Não receies, ó *Sebenta*, ó companheira inseparavel das minhas lides academicas, que, para fazer ostentação d'espírito, eu vá expor-te á irrisão das turbas; lançando sobre ti o sarcasmo e a ironia!

(a) *Sebenta* — lição lithographada, comprehendendo, mais ou menos exactamente, a explicação do lente, e que evita ao estudante não so o incommodo de fazer apontamentos na aula, mas o de consultar outros livros para intelligencia do seu compendio.

V. DA S.

¡Não receies, que, esquecendo os auxilios, que me tens prestado, eu va cuspir-te nas faces uma injuria, chamando-te *fossil!* pois que foram os sentimentos de affeição e reconhecimento, que te consagro, em vez do desprezo, que me guiaram a penna ao traçar no papel estas linhas.

Embora tenha a certeza de que a expressão d'estas ideas não agradará a muitos dos meus leitores...; nem por isso deixarei de manifestar-te aqui e em toda a parte, tanto amor, que nem quero ler outros livros, para que as suas doutrinas não me agradem mais, do que as tuas, — como aquelle que, amando tanto a sua terra natal, não deseja ver outra, embora todos lhe fallem da grandesa de muitas cidades, com receio de que a vista d'essas bellas lhe enfraqueça esse amor.

E este sentimento é justo. ¡Era necessario que em meu coração se tivessem extinto todos os affectos, para que não existisse a gratidão para com quem unicamente devo o ter atravessado metade do *vasto campo da sciencia do direito*, sem sequer ao menos estar fatigado de tão penosa excursão; para com quem, em fim, so devo o sentar-me nos bancos do anno da faculdade de direito!..

¡Sim! ¡Ainda agora se me gela o sangue nas veias só com o susto, que me inspira a lembrança, de que, depois de ter difficulosamente percorrido o estudo dos preparatorios, me achei de subito matriculado no primeiro anno da faculdade de direito!..

¡Oh!.. ¡Com que terror olhava então para esta sciencia, que parecia querer esmagar-me debaixo da methaphysica das suas theorias! ¡Com que susto via o vasto espaço, que tinha a percorrer antes de chegar ao lugar aonde os meus designios me conduziam!

Mas ¡ah! ¡que indefinivel prazer senti, quando então me appareceu um guia, que, bastante practico nas avenidas d'estes lugares, ja tinha dirigido os passos a outros, que, como eu, pretendêram chegar ao mesmo sitio!.. Esse guia, escusado é dizer-te quem foi!..

Desde logo me fizeste sentir um prazer similhante ao que experimentaria o via-

jante, quando, no momento em que a desesperação o tivesse levado, por muito tempo, a andar ao acaso, por ignorar o itinerario da sua jornada, encontrasse um individuo, que o conduzisse ao sitio desejado; | semelhante ainda ao que experimentaria o nauta quando, pela primeira vez, conhecesse a bussola para o dirigir na immensidade do oceano!..

|E este amor é tão forte, que excede os limites da paixão, e chega quasi a tocar as raias do fanatismo! | pois que tu és, ó minha querida *Sebenta*, o unico idolo que eu adoro na religião da sciencia, embora os seus apóstolos te tenham lançado o stygma da excommunhão; embora te tenham condemnado como heretica, e não possas entrar no templo da sabedoria — senão embaluata (a) por fero e imponente compendio!..

|Eu juro, perante todos os que me ouvirem, que a ti, unicamente a ti, é que hei de adorar durante a minha vida! Este culto, que eu, e todos os sectarios da *cabulogia* te prestamos — é ainda occulto; ainda te não podemos adorar nos logares onde se celebram os sacrificios da sciencia, sem que sejamos, como os christãos dos primitivos tempos da Igreja, victimas das perseguições contra ti dirigidas.

Mas não é necessario possuir o magico condão de descobrir os segredos do futuro, para, com segurança, poder prophetisar-te, que essas perseguições injustas hão de acabar; que ainda no templo de *Minerva* tu serás venerada, sem que aquelles, que assim obrarem, tenham receio de ser depois perseguidos...; e que, adornando-te dos enfeites, que a civilisação tem creado, isto é, substituindo-te a imprensa a *lithographia*, o papel fino o papel *pardo*, em que és publicada, tu serás o livro intimo das gerações futuras, o livro, que, depois da generalisação dos conhecimentos, se encontrará tanto no gabinete do sabio,

(a) Apesar de que todos os lentes conhecem a existencia e o uso da *sebenta*, todavia seria considerado como um grande temerario o estudante, que abertamente d'ella se servisse para dar a sua licção. Para evitar semelhante escandalo costuma elle (fallamos dos cabulas) collocal-a destramente entre as folhas do compendio, expondo assim as suas doutrinas como filhas do proprio esforço.

V. DA S.

como na officina do artista, livro que revelará a todos as verdades da sciencia, que ensinará em fim a humanidade a marchar no caminho do progresso; pois que todas as perseguições, de que actualmente és victima, são o resultado da pobreza da tua exterioridade, por isso que, ja agora mesmo, ellas vão deixando de existir, depois que te tens revestido dos adornos, que o progresso tem produzido...

Eis aqui, ó cara amiga, o penhor do reconhecimento, que eu ousou offerecer-te, como tributo dos serviços, que me tens prestado durante a minha vida academica: não o rejeites por ser pobre; por não poder recompensar devidamente os teus auxilios — não deixa de ser a expressão, ainda que incompleta, de crenças e affectos, que estão tão intimamente arraigados no meu coração, e que não me é dado poder aqui traduzil-os em *profana* linguagem...

CABULA

Maximas e pensamentos

O que será mais bello na mulher: o sorriso, ou uma lagrima? O primeiro encanta; a segunda...

T.

Na mulher é mais preciosa uma lagrima, do que um sorriso: os labios facilmente se contraem; o coração não se comprime, senão quando o sentimento o impelle.

M.

Confiai do tempo a justiça, que os homens vos negam; e se ainda o tempo vola não fizer — appellai para a vossa propria consciencia.

N. T.

! NÃO CREIO!..

À EX.^{ma} SR.^a D. M. C. A. G.

Je ne sais si je crois, je ne sais si je doute
Entre croire et douter serait-il un milieu?
Non! donc je ne crois point!..

LEBLANC

| Donzella! o teu peito virgem,
Jamais conheceu amor?..

¿Jamais teve essa vertigem
D'um delirio seductor?...
¿Nunca viste dentro d'alma
Brotar uma ardente palma
D'um affecto abrasador?..

¿Uns olhos ternos não viste,
Onde os teus fosses queimar?...
¿Jamais no rir, que sorriste,
Foste outro riso encontrar?...
¿É teu peito tão gelado
Como a campá do finado,
Como o rochedo do mar?..

¿Perdão!.. ¿donzella!.. ¿não creio!..
Não creio em tua excepção...
¿Não posso crer, que o teu seio
Nunca sentisse paixão!..
¿És bella!.. e a virgem formosa,
Apesar de altiva rosa,
Sempre tem um coração!..

Tu sorris sempre indifferente
A quem vai dizer-te — amor; —
Escarneces de quem sente...
Folgas... ¿ris da sua dor!..
Mas, se dentro do teu seio
Entrasse alguém, — ¿oh! eu creio,
Que allí sentira calor!..

És sob'rana e orgulhosa,
Gostas de frir co' o desdem,
Como a exempta e cruel rosa
Fere c' o espinho que tem;
Mas a rosa, inda que altiva,
De terno amor não se esquiva,
Pois ama a brisa também.

Tu és, como a rosa, bella,
Tens de reinar o condão;
És orgulhosa como ella,
Finges sorrir á paixão;
¿Mas talvez sintas de amores,
Como a rainha das flores,
Uma tenue viração!..

Olha, ¿donzella! — ¿eu não creio,
Que tu não saibas sentir!..
És formosa... tens um seio,
Que se ha de ás crenças abrir:

D'altiva ¿o negas! — mas ¿sentes!..
Dize que *sim*, que não mentes...
Dizer *não* é ¿que é mentir!..

A. M. DA CUNHA BELLEM

¡MYSTERIO!

¿Em que solo te creaste,
Candida e linda flor?
¿Em que jardim vecejaste,
Quem é que foi teu cultor;
Que regiões produziram
As seivas que te nutriram?

¿Á sombra d'alta palmeira,
Na Circacia encantadora,
Vegetaria a roseira,
Que te deu á luz d'aurora?
¿As auras, que te embalam,
Na rica Armenia sopraram?

¿Nas frescas margens do Illisso,
Verde louro agigantado
O seu caule dobradiço
Não requebrou namorado,
Pedindo-te ardente beijo
P'ra saciar um desejo?

¿Nas deleitosas campinas
Da Hungria voluptuosa,
Entre mesquinhas boninas,
Ergueste a fronte orgulhosa?
¿Os astros, que te fadaram,
Nos ceus de Myrrha brilharam?

¿Aos igneos raios brilhantes,
Que fulgido o sol entorna
Sobre os montes culminantes,
De que a Italia s'adorna,
Tuas petalas abriste,
E p'ra elles te sorriste?

¿Os rocios, que orvalharam
Tua corolla mimosa,
Pelos campos se espalharam
Da França altiva e vaidosa?
¿Ou d'amena Andalusia
Throno d'amor e poesia?

¿Nas seductoras colinas
Do meu bello Portugal,
Lindas rosas purpurinas,
Em delicado rosal,
Rainha não te fizeram,
E preito não te renderam?

¿Quantos osculos ferventes
Brando zephiro amoroso
Com doces labios trementes
Em teu calice oderoso
Depositou com ardor,
Ebrio de encanto e d'amor?

¿Quantas vezes namorada,
Na debil aste pendida,
Terna prece apaixonada
Não ouves enterneçada
De mariposa elegante,
Tão meiga tão inconstante?!

¿Ouves sim! — mas nada dizes
Ao pobre do Trovador...
Occultas em teus matizes
Tua patria e teu amor;
Mysterios do teu penar,
Que não lhe queres revelar.

Embora nada respondas, —
Nada se occulta ao poeta...
No ceu, na terra, nas ondas,
E na mansão mais secreta
Penetra e rasga-lhe o seio, —
¿Nada lhe mette receio!

Assim nos teus verticillos,
Sem ninguem m'os divulgar,
Descortino altos sigillos,
Que não poderás negar;
Mas por dó e compaixão
Sepulto-os no coração...

Janeiro, 1859

SEVERINO D'AZEVEDO

À memoria

DA EX.^{ma} SR.^a D. MARIA CANDIDA DE CARVALHO G. E V., E DEDICADA
A SUA MÃI, A EX.^{ma} SR.^a D. JOANNA EMILIA DE G. C. E V.

A ti minha saudade, a ti meu canto

I

Donzella, que na aurora da existencia
O mundo abandonaste, e ao ceu subiste,

Deixando em pranto immersa a mãe saudosa,
Nutrindo a doce esp'rança de mui breve
Chegar juncto dos anjos onde habitas,
E viver la contigo eternamente
Doce vida p'la qual esta trocaste,
Se na etherea mansão, em que tu vives,
Da tua pobre amiga ouves os cantos
De saudade — e de dor, que ella te envia,
Acolhe-os com doçura e com meiguice;
Pois és tu so a musa, que os inspira.
Se é pobre a minha lyra, os versos frouxos,
Desaccordes os sons, que d'ella tiro;
Se as galas da cadencia não lhe assistem;
Se os cantos divinaes, harmoniosos
De vates inspirados os offuscam,
¿Não hão de elles por ti ser estimados?..
Hão de sim, que são filhos d'amisade,
Que sempre nos ligou. — ¿Lembras, donzella,
Os dias, que passei, da minha infancia,
Aprendendo contigo alegremente
A pura linguagem da Poesia?!
¿Que d'affagos, caricias recebia!..
¿Como eu era feliz junto a teu lado!..
Quando vira, porém, tua existencia
A definhar-se em breve; e a dura morte
Sorrindo desdenhosa á martyr sancta,
¿Com que gosto e prazer então eu dera
A minha vida p'ra salvar a tua!...

.....
.....
.....
.....
.....

II

¿De nada te valeu da mãe o pranto,
As preces dos irmãos, d'amiga os rogos
A Deus p'ra que vivesses! — Mais um Anjo
No ceu inda faltava; e foste tu
Esse Anjo, que o Senhor quiz escolher. —
Voaste para o ceu, deixando áquelles,
Com quem tinhas vivido, uma saudade,
Que jamais findará. E se tu podes
Queixosas notas escutar da lyra,
Que a chorar-te se atreve, inda que sabe
O que valem seus sons amortecidos,
La verás que amisade e dor somente
Me fizeram descer o pranto ás faces.
Pede, ó Anjo, ao Senhor p'ra que me dêe
Essa fe e conforto em minhas magoas,
Que tu soubeste ter, e a paciencia,
Com que vasaste o calyx tão amargo
De todo o *fel* da vida. E quando a morte
Tambem vier ceifar minha existencia,
Roga tu ao Senhor p'ra que me faça
Gosar perto de ti celestes mimos,
E viver a teu lado, amar-te sempre.

Coimbra — Setembro de 1857 AMELIA JANNY

PARAFRASE

Si fractus illabatur orbis,
Impavidum ferient ruinae.
HORAT. lib. 3 od. 3.

O constante varão, que ousado e forte,
Da difficil virtude pisa a estrada,
Não sente a rija temp'ra soçobrada
Ante os golpes crueis da negra sorte:

Não teme equuleos vis, não teme a morte;
Se a consciencia percebe socegada,
Do patibulo a rir la sobe a escada,
E impavido recebe o extremo corte:

Veja embora surgir furias do averno;
Veja os ceus desabar quebrando a terra,
Atros vulcões rasgar-lhe o seio interno:

Veja tudo a ferver em dura guerra...
Alenta d'entro em si valor superno;—
Ao mortal virtuoso nada aterra. (F.)

Logogripho

Principio e meio era em Roma
De usança immemorial;
Meio e fim é dos celleiros
Habitante natural;

Fim e meio ha no transporte
De muitas mercadorias;
Principio e fim nos valados
D'aldea nas cercanias.

Que sou rei, e que sou livre
Ja um poeta cantou;
Mas é peta: eu não sou rei,
E somente escravo sou. K.

EXPEDIENTE

Tem-se-nos dito:— não publiqueis certos escriptos, que, por falta de grande merecimento, possam comprometter a existencia do vosso jornal...

Muito teriamos que responder a estas *amigaveis* observações...; mas talvez nos baste por hoje recommendar de novo a leitura do prospecto, e depois introdução a esse mesmo jornal, para lhes tranquillisar

os animos; e se 'nisto vai grande incommodo— ja nos contentaremos com um ou dois minutos de reflexão sobre o titulo, que lhe pozemos— **PRELUDIOS-LITTERARIOS.**

Os Castilhos, Garretts, Herculanos, Lopes de Mendonça, Mendes Leal e outros— não vêm para Coimbra:— *saem de Coimbra...*

Em uma palavra: todas as vezes, que não considerardes *tambem* OS PRELUDIOS como uma *escola practica*, em que se *ensina e aprende* a escrever para o publico— os PRELUDIOS perderão uma grande parte do seu interesse,— da sua utilidade.

A litteratura de mancebos, que mal transpuzeram ainda os umbraes do immenso edificio dos conhecimentos humanos— não tem a vaidosa pretensão de *competir* na actualidade com a de gloriosos veteranos, que ja levam consummada uma grande parte da sua existencia so, e *exclusivamente* so, 'nessas lides do pensamento...: a que ella aspira é á gloria d'estes, que os seus ensaios e esforços lhe vão preparando para o futuro. Todos começam assim...; com a differença de que uns tem tido a *abnegação* de dizer para o mundo critico:— isto pertence-me, —jé meu!; em quanto que outros so depois de certos louros, colhidos *pelo socorro de braço mais poderoso*, é que se atrevem a fazer tão arriscada confissão.— Sirva-vos de exemplo Garrett com as suas *emprestadas* iniciaes F. E...

Escriptos começados nos numeros 1 a 6 dos PRELUDIOS-LITTERARIOS, e cuja publicação continuará no 2.º trimestre:

Preludios-litterarios, — *As primeiras paginas d'um romance*, — *Bellas artes*, — *Vicio e virtude*, — *Estudos sobre as poesias de Schiller*, — *Instrução*, — *A terceira edição dos Lusíadas*.

Aos Ex.^{mos} Srs. J. B. A. G., de Vizeu; A. M. C., de Lisboa; e J. A., de Lamego:— agradecemos, e faremos publicar.— Ao Ex.^{mo} Sr. J. D. L., do Porto: a sciencia *pesada* está fóra do quadro das nossas publicações.

V. DA SILVEIRA

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

A FAMILIA E O PADRE

Est-il un homme dont la famille ne soit une partie de la vie, ou présente ou passée ou future, chez qui ce mot prononcé ne fasse vibrer quelque corde, et dont il n'obtienne quelque sourire ou quelque larme? PAUL JANET

Si nous remontons aux temps les plus reculés, nous voyons les patriarches à la fois rois et prêtres de leur nombreuse famille.

LE PELLETIER DE LA SARTHE

Onde o prazer se ostenta em toda a sua natural e encantadora simplicidade é, sem duvida, no lar domestico, no seio da *familia*. Ahi, quando as multiplices formulas ridiculas, contraditorias, vaidosas até á insolencia, que a sociedade costuma inventar, se não practicam, se desconhecem, ouvireis o marido, a mulher, os filhos, os parentes, — a *familia*, falar das coisas, que mais tocam o coração, que mais interessam a vida moral; ouvireis falar da religião, da vida eterna, — ¡em Deus! e com aquella candura, que commove, que seduz, porque é sincera, porque é natural.

¡É que alli o coração não precisa engendrar formulas para se exprimir, e para nos captivar; nem a imaginação adornar-se com os atavios d'uma eloquencia artificiosa para nos convencer!

¡É que a logica sisuda, grave, reflectida da razão, cede o campo á logica imponente, á philosophia irresistivel do coração humano, ao raciocinio infallivel do sentimento!

A homogeneidade de crenças, a communnidade d'affecções, a sorte, em tudo e por tudo commum, que produz a união dos corações, são ao mesmo tempo o esteio, os verdadeiros principios d'organisação da vida

1859—Março

domestica; são a causa dos prazeres, dos gosos incessantes, intimos, indiziveis, que todas os dias, todas as horas, todos os instantes alli se experimentam...

Ligados pelo duplo laço do amor e da religião, o homem e a mulher, constituindo a *familia*, fazem d'este mundo uma habitação de felicidade, percursora d'outra felicidade mais alta, mais duradoura, permanente, eterna.

Se a vida é um mal, so assim o podereis supportar; se é um bem ¿ como gosal-o melhor?

Mas nem so prazer se encontra na *familia*. Felicidade perfeita não espereis achal-a n'este mundo, que a não tem, que vol-a não póde dar...

Quando pois a adversidade e a acção occulta, inexoravel, providencial do destino, pedindo ás coisas d'este mundo o quinhão, que 'nellas lhe cabe, vem perturbar, quebrar algum dos elos da *familia*, ¡ah! vel-a-heis debulhada em pranto, — mas ainda mais respeitavel, mais imponente!

Não vos attrae então pelo prazer; seduz-vos pela dor...

¡Não são os innocentes regosijos, as ternas expansões d'outr'ora, que alli vedes!...; mas a dor pungente, mas lagrimas... não d'essas, que amigo hypocrita, ou amante astuciosa fingidamente vós inculca...; mas lagrimas verdadeiras, nascidas do soffrimento e da dor, ¡se é que a intensidade da mesma dor as não queimou no peito, antes de brotarem nos olhos e humedecerem as faces!

Se podeis contemplar as scenas mais tocantes da vida, como se fosseis a estatua da indiferença... , se podeis presencial-as, sem que o coração, repassado d'asedume, se

N.º 7

alie aos que a desventura uma vez perseguir...; se não sois christão,— ¡não entreis n'aquelle asylo sagrado da *familia*, onde a dor foi occupar o lugar do prazer, onde o silencio é apenas interrompido pelos suspiros, que uma dolorosa saudade arranca do peito!

¡A vossa presença alli é um insulto, um escarneo, uma profanação!

O atheo, que transpõe o limiar do templo de Deus, que não adora, em quem não crê,— ¡não é mais profano, nem mais sacrilego!

Deus assim o quer...; *resignemo-nos*: ¡são as palavras evangelicas, inspiradas pela religião de Christo, que ouvis proferir ao pai, á mulher, ao irmão..., que choram a falta do filho, do marido, da irmã!..

¡É ainda a religião, que vem soccorrer a familia n'aquella hora solemne!

¡É ainda a fe em Deus, que lança o balsamo da esperança e da resignação no seio da *familia*, a quem a desventura ceifára uma vida cara, uma existencia querida, e ¡quantas vezes! o seu unico arrimo..., o seu unico amparo!

¡Quanto é grande, ó Deus, o teu poder! ¡quanto nos fortificas pela fe!

A *familia*, essencialmente religiosa nos extremos do gozo, ¿ como poderia não selo no excesso da desventura, n'esses momentos d'angustiosa provação?..

Reciprocidade na dor e no prazer,— eis o que se encontra na *familia*, na sua expressão natural e genuina. ¡Não a confundais com essas uniões, em que d'uma parte da mesa está a victima, e da outra o algoz!

¡Resultado algum proficuo não o espereis d'essas sociedades, que o mais inqualificavel dos abusos chama *familia*, so porque a lei assim o quer! Bem depressa os laços do matrimonio se convertem em duras algemas, que fazem sentir todo o seu peso...: a victima estrebucha, mas ¡debalde! é ja tarde; não póde quebral-as...

O verdugo, ¡esse contempla com os sorrisos e indiferença do cannibal os soluços da sua victima, e la vai na desenvoltura da orgia dar pasto ás suas desordenadas paixões!..

É que a cubiça infrene, e a torpe avidez

não podem produzir, o que so é fructo do amor, sanctificado pela religião — a *familia*...

¡Tremenda deve ser a responsabilidade dos que assim violam as leis divinas e humanas, ou para isso concorrem!

EDUARDO J. COELHO

Duas palavras sobre a Sociedade Philanthropico-Academica

... percebéramos emfim claramente que o christianismo se resume em uma palavra — fraternidade.

A. HERCULANO

Não vamos escrever sobre sciencia. ¿ Que novas verdades veriamos nós, pobres neophitos, na cultura de seus vastos e pouco doceis campos, trazer-lhe? Nenhumas. Tocando apenas a orla de seu tão extenso horisonte, que a rasão, ainda a mais inspirada, mal póde *comprender*, e como que se perde em sua immensidade; mal levantada diminuta porção do veu, que torna difficil á intelligencia humana o accesso á verdade, e por isso de merecimento o descobril-a, poderiamos, quando muito, apresentar principios por outrem achados, theorias filbas de alheia actividade.

A mesquinhez de nossos cabedaes, mesquinhez devida, ja ao enfesado dos meios, que, para os obter, possuímos, ja á angustia do tempo que, para curar defeitos que estes enervam, temos tido, obsta, pois, a que entremos no velho e nobre certamen entre a humanidade e o erro travado, e que possamos, auxiliando aquella, fazer perder terreno a este, e junctar assim mais uma victoria a tantas outras, que tem alcançado a rainha da criação, em cuja fronte o roçar dos seculos vai tornando mais e mais sensiveis traços, que claramente indicam a sua origem e perfectibilidade.

Todavia, nem so sobre sciencia se póde escrever: prova-o bem o nosso, não diremos cançado (porque entendemos, com Guizot, que o cançasso é pessoal, que se não transmite, e que é por conseguinte, absurdo suppor que póde um povo sentir enfraquecidas suas forças, por trabalhos que não executou), mas adormecido Por-

tugal, onde, apesar dos numerosos escriptos que diariamente apparecem, raros são os que d'ella se occupam: a rasão ignoramol-a... Outro é o nosso fim; diverso o objecto de que pretendemos occupar-nos. Concorrer fraca e indirectamente com a nossa debil voz, que de certo não pôde soar em amplo espaço, para levar a energia e a vida a uma instituição, que hoje se acha um pouco abandonada e falta de seiva,— é o alvo a que visamos.

A associação é inquestionavelmente o meio mais poderoso e mais fertil em resultados, de que o homem pôde lançar mão para remover obstaculos, que originam a lucta em que elle tem constantemente de viver, em quanto soffre na terra o exilio, a que não podia deixar de ser sujeito como ser perfectivel, que é. É por meio d'ella, que a sociedade poderá mais facilmente franquear o longo, e talvez jamais percorrido espaço, que a separa da realisação do typo, que deve affectar um dia, a fim de reproduzir na terra o que hoje so existe no ceu. É, finalmente, a alavanca, que, na mão intelligente e poderosa do unico ser creado, que apos a vida tem a eternidade, não achará, talvez, um dia estorvo que não destrua, difficuldade que não remova.

Mas, para que a associação seja um tão poderoso auxiliar da humanidade, é necessario darem-se 'nella dois requisitos, faltando-lhe os quaes, de elemento de civilisação se converterá 'noutro verdadeiro obstaculo á acção sobre o individuo da lei do desenvolvimento humano, cujo effeito é obrigar-o a caminhar sempre pela estrada do progresso, onde se por acaso pára a espaços é para adquirir novas forças, e poder depois ir avante com passo mais firme e seguro. Esses dois requisitos são — um fim justo e verdadeiro meio para o fim unico,— e uma boa direcção. Sem o primeiro similhar-se-hia nos effeitos ao tufão, que, passando rapido, como pensamento mau em alma pura, sobre cultos terrenos, destroe, revolve e confunde no po em momentos o fructo do trabalho de milhares de braços, e da acção de numerosas forças naturaes com arte e aturado cuidado aproveitadas e domadas; sem o segundo seria como o

diamante, que, ainda não lapidado, é talvez menos bello do que a grosseira stalactite pendente do tecto da sempre humedecida gruta, mas que em breve não soffrerá com ella, na belleza e no brilho, paralelo, se sobre elle passar a mão do homem, d'esse microcosmo, synthese admiravel de toda a realidade creada.

A instituição a que nos referimos, satisfaz á primeira condição; mas infelizmente, não podemos dizer outro tanto com relação á segunda. Na verdade, ¿ que fim mais nobre, e de resultados de maior alcance, pôde ahi haver, do que aquelle que se propõe realisar e satisfazer a Sociedade-Philanthropico-Academica? Levar a instrucção e o desenvolvimento intellectual a cada um dos seus membros, e habilital-os assim a fazer um bom uso da intelligencia, d'essa faculdade, instrumento da rasão, sem a qual a sciencia seria uma chimera, e a verdade apenas existiria para o homem no senso commum; soccorrer cada um de seus filhos, quando o sopro da desgraça o lançou na extrema miseria, e libertal-o d'este inimigo terrivel, que o homem, abandonado e so, não levaria de vencida, é, de certo, o fim mais elevado e mais util á sociedade, que instituições humanas podem realisar.

Todavia, a Sociedade-Philanthropico-Academica não cumpre (com magoa o dizemos) como podia e devia a missão, que sobre si tomou: filha d'um pensamento, que so a rasão do ser creado á imagem de Deus podia engendrar, ella não tem, se assim nos podemos expressar — materializado esse pensamento como era mister; não o tem convertido em facto com aquella extensão de que elle era susceptivel. A rasão d'isto, é a falta de energia e actividade, que em todas as suas direcções tem havido.

É esta, de certo, a causa porque esta Sociedade, que conta ja nove annos d'existencia, se não acha hoje 'nequelle estado de desenvolvimento e brilhante poderio, a que podia ter sido elevada. Assim como complicada machina, destinada para com seu trabalho tornar menos pesado o jugo, que sobre o homem exerce a materia, inutil se torna, se uma força não vem dar movimento a cada um dos elementos, que, em har-

monica relação combinados, constituem o seu admiravel organismo, assim a Sociedade-Philanthropico-Academica *perfeitamente* organizada, contendo em si todos os elementos indispensaveis para conseguir o fim, que tem por alvo, não satisfaz, por falta de movimento 'nesses elementos, por falta d'uma força poderosa, que sobre elles actue e os faça funcionar.

Não se offendam, porém, os individuos, que á testa d'esta Sociedade se têm achado, com o que levamos dito; não é nosso intento accusar ninguém. Somos os primeiros a confessar os talentos e merecimento d'um grande numero dos seus directores, e a achar até certo ponto motivo justificativo dos poucos cuidados e limitado tempo, que á Sociedade consagram nas numerosas e importantes obrigações, que têm a cumprir. É porém um facto que nós lamentamos, e que quizeríamos não existisse.

A não recepção das quotas mensaes, a que cada socio é obrigado, prova bem esta falta de diligencia da parte das direcções; e não se julgue isto uma affirmacão gratuita: somos socio há dois annos, e não temos memoria de que, durante este longo periodo, viesse uma so vez o cobrador da Philanthropico-Academica pedir-nos a prestação devida: |outro tanto tem acontecido com a maioria dos socios!

Na verdade, nada mais é necessario para enervar e dar em terra com toda e qualquer associação ou sociedade, embora instituida debaixo dos melhores auspicios, e contenha em si os mais fertes elementos de prosperidade e progresso.

Apontaremos ainda outro facto, que prova senão incuria, pelo menos demasiada boa fe da parte das direcções: é elle o dar-se mezadas a individuos, que não carecem de tal soccorro, em quanto outros, para poder continuar sua carreira, têm de recorrer a seus condiscipulos e collegas.

Não especialisaremos mais. É 'nestes factos e em outros analogos, que nós encontramos a causa (não primaria) da estabilidade, ou antes entorpecimento da Philanthropico-Academica; o motivo, por que é mister haver basares para que se não esgo-

tem de todo seus cofres, — meio a que em verdade so em ultimo lugar se devia recorrer.

Que a Philanthropico-Academica possa, 'num proximo futuro, exercer a sua benefica e secundissima acção 'numa menos limitada esphera, é o nosso mais vehemente desejo. Emquanto ao contemplal-a a encontrarmos como no presente, a magoa virá sempre, em resultado, contrair-nos o coração. Oxalá, não fique sem echo a voz, que ora levantamos; se succeder o contrario, servir-nos-ha ao menos de consolo este pensamento: «Na grande empresa até a queda é nobre.» B. M.

O HOMEM E OS VEGETAES

Se fosse possivel traçar dois mappas, um dos quaes figurasse a vegetação florestal, que cobria os continentes antes da creação do homem, e outro a que os povoa agora, dir-se-hia, comparando-os, que a face da terra mudou completamente, e que a influencia continuada d'alguma poderosa causa lhe deu um aspecto mui differente do primitivo.

¿O que foi que, oppondo-se á influencia das condições climatologicas e ás leis geraes do desenvolvimento organico, fez succeder em diversas regiões as cidades, as estradas, as searas e os prados aos extensos arvoredos, que outr'ora os povoavam? ¿O que foi que substituiu as arvores elevadas e magestosas das florestas pelas pequenas e humildes plantas das searas? ¿o aspecto nobre e elegante da palmeira ou do cedro pela apparencia mesquinha e acanhada das gramineas ou das leguminosas? ¿os deleitosos e inebriantes perfumes da madre-silva e da nespereira pelas exalações inodoriferas dos cereaes e pestilentos effluvios do arroz? ¿O que foi que assim modificou a superficie do globo?

|Foi a mão do homem!: foi a mão do homem guiada pela sua intelligencia audaz, movida pela sua vontade soberana!

O homem não podia viver sempre uma vida errante e selvagem, procurando de bosque em bosque nos ninhos das aves e nos fructos das arvores uma alimentação

incerta e contingente. Nas faculdades, com que a natureza o dotára, encerravam-se mais elevadas tendencias; manifestavam-se aspirações mais sublimes no desenvolvimento incipiente do seu espirito. E não houve obstaculo tão forte, que lhe estorvasse as tendencias, ou matasse as aspirações.

O homem avançou no seu desenvolvimento progressivo, deixando o estado de caçador, a que não podia ser indefinidamente condemnado, pelo estado pastoril; este pelo de agricultor, até chegar em fim ao estado civil. As mattas e florestas conviviam somente ao seu primeiro estado. Tornando-se pastor, devia promover o desenvolvimento das plantas, que serviam de alimento aos seus rebanhos. Agricultor, depois, foi desbravando os terrenos cobertos de grandes arvores para as substituir pelos vegetaes destinados á sua nutrição, ou á dos animaes que domesticára. Elevando-se mais tarde ao estado civil, deu novo impulso á destruição das florestas para satisfazer ás necessidades do commercio e da industria, extrahindo das arvores, que as compunham, as madeiras, que as construcções exigiam, e o combustivel indispensavel não so em muitos processos industriaes, mas para alimentar o fogo do lar domestico.

O desaparecimento das mattas e florestas, seguindo os passos da civilisação na superficie da terra, passou da Asia á Europa, e do velho ao novo mundo. Na America observa-se hoje o que em epochas remotas succedeu nos paizes, em que primeiro brilhou a luz da civilisação. Depois que os nossos antepassados, movidos do amor da gloria e das riquezas, passando

Por mares nunca d'antes navegados

descobriram as terras do novo continente, a emigração dos europeus e o cruzamento das raças augmentaram progressivamente a população, que, na fertilidade do solo e excellencia do clima, achou favoraveis condições de desenvolvimento.

Desde essa epocha, em que começaram a ser arroteados os terrenos, que grandes e espessas mattas cubriam, a vegetação flo-

restal tem diminuido ao passo que a população augmentou e a civilisação progrediu. Mais alguns centenares d'annos passados, e essas florestas virgens, cheias de magestade e encanto, que o viajante ainda hoje admira, terão caído aos golpes do machado do agricultor americano, que ha de terminar a obra, que o colono europeu seculos antes começára.

A. FILIPPE SIMÕES

UM CAPITULO DE NOSSA SENHORA DE PARÍS

DE V. HUGO

Notre Dame de Paris não é um romance na accepção vulgar da nossa epocha, — é Paris do 15.º seculo perante o 19.º, — é a defesa da grande e elegante architectura contra os barbaros civilizados, que copiam em vez de crear; que caíam em vez de sculpir; que substituem o vidro pintado das egrejas pelo vidro incolor, que mancham o vulto grandioso d'um edificio da idade media com qualquer apposição bastarda no gosto, no trabalho, e portanto na concepção, na idea. É o brado d'indignação contra o ultrage, que a mediocridade faz ao genio em toda a parte e de todo o modo; que produz as deturpações na Batalha, e que levanta em frente de Sancta Cruz o ignobil portal que alli vemos.

Notre Dame de Paris é a expressão d'uma intelligencia immensa, que voa sobre as passadas edades, vai á mais remota d'ellas buscar a architectura em elemento, volta para nós acompanhando esta no seu desenvolvimento em massa, na sua ampliação e correcção em bordados e em flores; que, encontrando a invenção de Guttemberg, se eleva á alta philosophia de comparar o livro á architectura, d'estudar o que ambos significam na desenvolução moral da humanidade; que abre, em fim, um capitulo, grande no genero, grande no estylo, que se inscreve — *o livro matará a architectura.*

Este prognostico é posto pelo grande homem na boca de D. Claudio Frollo, d'este character severo, d'esta nobre intelligencia, d'este devorador de livros sagrados e pro-

fanos, que da theologia passa á medicina do tempo, ás sciencias liberaes; que nós vemos depois estudando o livro de Honorius d'Autun — *De predestinatione et libero arbitrio*.

Notre Dame de Paris é uma serie de proposições, que levam a alma do concreto para o abstracto; que a fazem voar livremente no campo, que lhe pertence—o da elevação e sublimidade.

É um accorde de cantos magestosos em louvor sempre, em sanctificação do bello na forma e no pensamento: aqui no homem, alem no edificio — ¡vêde! De todas as figuras, que preparam ou apparecem na peripetia da parte dramatica d'este livro, quatro se appresentam na saliencia do quadro, ainda que em planos differentes. Encontrais bem deffinidas, bem illuminadas no primeiro, as figuras de Claudio Frollo e de Quasimodo. É a antithese na fórma. Aquelle esconde o corpo alto e de proporções magestosas na amplidão das roupagens negras, para melhor avultar a fronte nua, pallida, a quem o brilho febril dos olhos dá expressão grandiosa, mas sinistra. Vós todos ledes alli, n'aquella fronte, na expressão d'aquelle rosto, a sublevação impotente da rasão contra o sentimento, do remorso contra o amor, que as vestes do arcediogo de Notre Dame não devem roçar. E se reparais na severa energia, que esta figura exprime; se pensais que uma tal cabeça deve conter um espirito de fogo, concebeis, que as rugas temporãs da fronte, que o maldito sorriso da boca, que a febre dos olhos retraidos na arcada orbitaria dizem, que o ciume em almas como a de Claudio Frollo é um veneno, que mata, é um incendio, que devora.

¡Quasimodo é um horror! É a forma indefinivel entre o homem e o monstro. É um ente repugnante, que tem vista para ver os escarneos de todos, que não tem ouvido para dizer-lhe á alma, nas horas mortas da noite, que o azul do firmamento, que o scintillar das estrellas, o sussurro das fontes, o suspirar das virações nocturnas, o canto das aves, que as vozes da natureza, em fim, são tambem para elle. Assim, não pôde ter o pensamento consolador de que, repudiado pela sociedade, come é, tem com

tudo um logar de conviva na representação das maravilhas de que Deus é o auctor. Na negra noite d'aquella alma uma so luz fulgurou ainda: a gratidão para o arcediogo, que o acolhera, que lhe deu o abrigo e o pão, e a faculdade d'ouvir nas torres de Notre Dame a voz dos sinos, que fala aos homens. Reparai ainda. No mesmo plano, mas mais deslumbrante, vedes a figura d'uma cigana, divinamente bella. Bella nas formas, bella porque o olhar, o gesto, o sorriso se fundem n'uma expressão innegavel d'innocencia, candura e pudor. É ella que dá a luz ao monstro e ao homem. ¡Ella! a pobre cigana, proscripta no meio da sociedade, isolada no seio da multidão! ¡Ella! a quem falta o documento da familia 'nesta epocha das hierarchias! ¡Ella! que pertence a uma raça, que o fanatico e o algoz so reconhecem humana pelos gritos, lagrimas, e gemidos nas salas de tortura, ou perante a forca!

Mas esta formosa criação levou um dia, subindo os degraus d'um pelourinho, uma pouca d'agua ás fauces de Quasimodo dessecadas pela perda de sangue atraves dos sulcos vivos, que o chicote lhe fizera no dorso. Mas esta cigana de quinze annos tem a figura d'um archanjo, com a sua aureola de virgindade d'alma e de corpo.

¡Olhai agora de novo Quasimodo e Claudio Frollo! ¿Não vos parece que o primeiro, regenerado pelo olhar da Esmeralda, deixa de ser repugnante, ¡tanto a expressão da sua figura é agradecida, tanto significam aquellas mãos postas diante do anjo?!

¿Não vos parece, que a mão de Claudio Frollo tracta de comprimir o coração, ¡tão impetuoso foi o movimento, que lhe levou a mão direita para o lado esquerdo do peito?! ¿O olhar com que este homem abraza a Esmeralda não é antes proprio da aguia, que do homem?

No segundo plano, vulgar e rasteiro, vedes uma outra figura: é Phoebus de Chateaupers. Por muito que estudeis, so encontrais n'ella a forma de homem correcta, e coberta com os europeis d'um capitão do tempo. Não lhe descobris uma expressão, que revele uma alma; mas encontrais, sim, o orgulho de raça, que lhe ensinaram no cas-

tello dos pais, e o pasmo da ignorancia. Bem vedes — aquelle não comprehende que se sinta interiormente; é menos do que um cão...

Agora junctai estas quatro figuras no vosso pensamento, desprezando os accesorios do quadro: ¿o que pensais?

O bello, na pessoa d'Esmeralda, appareceu e deslumbrou tres naturas bem diferentes. A do arcediogo, cujo espirito combateu com o sentimento. D'esta lucta resultou a idea do crime. A grande intelligencia é ainda influenciada pelo fanatismo da epocha; explica o amor pelo sortilegio; e crê, que a morte da cigana acabará a sua tortura de remorsos e de ciumes.

A de Quasimodo, que conheceu primeiro a gratidão, e que d'esta se elevou á adoração da Esmeralda, sem o querer, envergonhando-se de sentir, elle, que os outros todos desprezam. A elevação da alma de Quasimodo faz esquecer a deformidade do corpo. Nem admira. Nos terrenos, que um volcão subterraneo accidentou vigorosamente; em que o abysmo e o cerro, o arroio e a torrente se succedem, ha muitas vezes mais vegetação frondosa, mais brilhantes flores, mais echos, mais sonoridade, do que n'aquelles em que o plaino é levemente modificado pela curva ondulante das collinas. No momento em que pensastes assim, a vossa alma fugiu do concreto para o abstracto; deixastes de ver o corpo, e so vistes a alma. A de Phoebus de Chateaupers sentiu so o desejo. ¿O que ha 'neste mundo, que possa fazer impressão em quem tem de menos a faculdade de sentir, e de mais a ignorancia?!

Agora se vos lembrades de que o olhar da Esmeralda, do bello, fugia do arcediogo e de Quasimodo, para se fixar com delicias em Phoebus, pensai que o mal rasteiro e ignobil perdeu o anjo; que a ave brilhante, que pôde fugir á aguia, vai ser, no delirio da fascinação, victima da serpente estúpida, reptil e má.

Quando lerdes a apreciação do monumento em geral, que vai seguir-se, sentireis tambem que a vossa alma tende a fugir, do edificio, que é o effeito, para o pensamento que lhe foi causa. Sentireis um complexo de

respeito e de saudade, quando contemplardes as flores de pedra, em que um poeta das passadas eras escreveu o seu fogo de criação; 'nesses tempos em que o manuscrito levava difficilmente á posterioridade o valor da sua inspiração; em tempos mais proximos mesmo, em que a censura repellia ou deturpava a obra do genio.

Sentireis mais indignação talvez, quando virdes a estúpida figura do frade ordenar estragos n'uma maravilha de pedra, se pensardes que a architectura é a irmã mais velha do livro; que a architectura foi o refugio de toda a invenção nobre, antes da vinda de Guttemberg, que revolucionou o mundo.

E se, como eu, tiverdes estado, á hora do crepusculo da tarde, na grande sala do capitulo da Batalha; se, como eu, tiverdes visto o rouxinal dos campos por entre os labirintos do florão, que fecha a abobada, achareis, que o cantor da tarde não fica deslocado nas flores do edificio; e comprehendereis que a poesia e o lyrismo podem escrever-se em pedra, antes de se traduzir em letras.

A. SILVA-GAIO

ESTUDOS GENEALOGICOS

AO EX.^{MO} MARQUEZ DE SOUSA HOLSTEIN

Dai vós favor ao novo atrevimento.
CAMÕES Ct. 1.º Est. 18.

Levados pelo estudo da genealogia a saber qual a ascendencia dos Ex.^{mos} Duques de Palmella, lemos o que a este respeito nos diz o eximio auctor do Novo Diccionario da Lingua Portugueza, o Sr. E. de Faria; e consultando mais alguns escriptores, de reconhecido merito, viemos finalmente a descobrir uma *inexactidão* do Sr. Faria 'nesta parte; por quanto nos diz elle, na ultima edição do seu Diccionario, o seguinte: «PALMELLA, (duque de) (hist.) Pedro de Sousa Holstein, distincto diplomata e estadista portuguez; nasceu na cidade de Turim em 1781, morreu em Lisboa em 1850. Distincto por nascimento, pois

descendia de *D. Luiz Affonso*, filho natural d'El-Rei *D. Affonso III*.

Não encontramos na descendencia, quer legitima, quer bastarda, de *D. Affonso III* filho que se chame *D. Luiz Affonso*; porque os filhos d'aquelle monarcha foram:

Legítimos (a) $\left\{ \begin{array}{l} \text{D. Diniz, que lhe succedeu} \\ \text{no reino.} \\ \text{D. Fernando} \\ \text{D. Affonso} \\ \text{D. Vicente} \\ \text{D. Branca} \\ \text{D. Sancha} \\ \text{D. Maria} \end{array} \right.$

Brandão (b) dá como filha legitima *D. Constança*, que não menciona a já citada *Arvore Genealogica*.

Bastardos (c) $\left\{ \begin{array}{l} \text{D. Fernando} \\ \text{D. Affonso Diniz} \\ \text{D. Martim Affonso} \\ \text{D. Rodrigo Affonso} \\ \text{D. Maria} \\ \text{D. Urraca Affonso} \\ \text{D. Leonor de Portugal} \\ \text{D. Urraca} \end{array} \right.$

Brandão (d) diversifica em quanto aos nomes; porque dá duas filhas de *D. Affonso III* com o nome de *Leonor*, em quanto que *Falcão*, minucioso como foi, na sua *Arvore Genealogica da Casa Real portugueza*, faz menção de duas com o nome de *Urraca*; mas não é este o nosso ponto de questão: diz o *A.* citado (e) «A antiguidade da familia de *Sousas* é tão grande como se póde ver no Conde *D. Pedro*, tit. 22. Basta saber que, muito antes de haver Reis em Portugal, tinha Condes e Sanctos, que a illustravam, e que, vindo a faltar a descendencia masculina nos principaes ramos d'esta geração, casou *El-Rei D. Diniz*

dois seus irmãos com duas senhoras herdeiras d'aquelles morgados.»

Foram estes, *D. Martim Affonso* e *D. Affonso Diniz*, que tiveram illustre descendencia 'nestes reinos. (a)

Mas deixemos falar por um pouco *D. Antonio Caetano de Sousa* (b), que mais alguma coisa esclarece a questão. «Era o *Marquez Henrique de Sousa*, decimo neto por varonia d'El-Rei *D. Affonso III*, por seu filho *D. Affonso Diniz*, que alguns fazem legitimo, e filho da *Condeça Mathilde* (c).»

E mais adiante diz o mesmo *A.* (d), que a unica descendencia legitima de *Sousas*, se acha na casa de *Alafões*, pela pessoa de *D. Diogo Affonso*, filho de *D. Affonso Diniz*: ora este so podia ser o filho de *D. Affonso III*, pela razão que levamos dita, e não *D. Luiz Affonso*, que não existiu; pelo menos ainda o não encontramos como filho de *D. Affonso III*.

D. Martim Affonso, e *D. Affonso Diniz*, filhos de *D. Affonso III*, como temos provado, vindo a faltar a descendencia, por varonia, na casa de *Sousa*, casaram, o primeiro com *D. Ignez Lourenço de Sousa*, o segundo com *D. Maria Paes Ribeiro*, filha de *D. Pedro Eannes d'Aboim*, senhor de *Portel*, *Leiria* e *Cintra*, e de *D. Constança Mendes de Sousa*, filha herdeira de *D. Mem Garcia de Sousa*, rico homem de sangue (e), senhor de *Souto de Rebordaes*, a

(a) *D. Ant. C. de Sousa*, *Hist. Gen. da C. Real liv. XII cap. 1.º*—*Brand. M. Lusit. 4.º p. cap. XXIX*, pg. 220.

(b) *D. Antonio C. de Sousa*, *Mem. Hist. Gen. dos Gr. do Reino*, pg. 10.

(c) *Falcão*, em uma nota á sua *Arvore Genealogica*, diz o seguinte:—*Observa o Auctor da Hist. Gen. da C. Real. Tom. 1.º pag. 165* que são uniformes os *AA. Portuguezes* de melhor nota, e bem assim os *Estrangeiros* em negarem, que *El-Rei D. Affonso III* tivesse filhos da *Condeça de Belonha*, sua primeira mulher. *Rui de Pina* e *Antonio de Sousa de Macedo*, escrevendo com menos averiguação, seguiram contraria opinião, que já refutaram *Duarte Nunes de Leão* e o *Auctor da Hist. Gen. da C. Real*.

(d) *D. Antonio C. de Sousa*, *Mem. Hist. e Gen. dos Gr. do Reino*, pg. 11.

(e) *Ricos-Homens*, antigamente eram os *Fidalgos de nobre geração* e bondade. Este titulo, na ordem da *Fidalguia* o primeiro, acabou no tempo d'El-Rei *D. Affonso V*; e *Nuno Martins da Silveira*, seu Escrivão da *Puridade*, foi o ultimo a quem se conferiu, por carta do 1.º de *Julho de 1451*:—*Barb. á Ord. liv. 2.º tit. 21, n. 5*:—*Villas Boas, Nob. Port.*

(a) *Falcão*, *Arv. Gen. da C. Real Port.*

(b) *Brand. M. Lusit. 4.º p. cap. XXVIII*, pg. 218.

(c) *Falcão*, *Arv. Gen. da C. Real Port.* *Brand. M. Lusit. 4.º p. cap. XXIX*, pg. 220: *D. Antonio C. de Sousa*, *Hist. Gen. da C. Real liv. III, cap. XXV*.

(d) *Brand. M. Lusit. 4.º p. cap. XXIX*, pg. 220.

(e) *Brand. M. Lusit. 3.º p. cap. XXXI*, pg. 82.

qual veiu a ser a unica herdeira da grande casa de *Sousas*.

D. Mem Garcia de Sousa era neto do Conde D. Mendo de Sousa, chamado o *Sousão*, em differença d'outros Condes, que concorreram no seu tempo. Achou-se na conquista de Silves com D. Sancho I, de quem foi mordomo mor; e d'elle escrevem, que fóra o mais honrado, e maior senhor que havia depois do dito Rei, expressão que assas explica a sua grandesa (a).

Todavia estes dois ramos de *Sousas* dividiram-se, o primeiro em *Sousas Chichorros*, o segundo em *Sousas d'Arronches*; e d'este ramo tão illustre descendem os Ex.^{mos} Duques de Palmella; e a prova é a seguinte:

D. Martim Affonso, *Chichorro*, espartela as Quinas de Portugal com as Armas de Leão; e D. Affonso Diniz, de *Arronches*, assim chamado por haver sido sua a Alcaldaria d'aquella Villa, espartela as Quinas de Portugal com quadernas de meias Luas (b); e este é o Brazão, de que ainda hoje usam os Ex.^{mos} Duques de Palmella; por consequencia outra prova de que a sua ascendencia é, sem contradicção, de D. Affonso Diniz, filho de D. Affonso III.

E apesar de não vermos aquelle Brazão com a quebra de bastardia, como se acham os de D. Fernando e de D. Affonso Sanches, filhos de D. Diniz; e de D. Jorge (c), filho de D. João II, não podemos duvidar de que fosse bastardo; e ainda mesmo que esta questão não fosse tão bem tractada por D. Antonio C. de Sousa, na sua Historia Genealogica, tinhamos a prova nas palavras do proprio Rei D. Affonso III, em uma escriptura de *doação* feita a D. Affonso Diniz, na era de 1316, que é a de 1278, um anno antes da sua morte, cujo extracto é o seguinte: — «*Do, & concedo D. Alfonso,*

filió meo, & Marinae Petri de Enxara totum illum herdamenti, quod fuit Velasci Stephani, & uxoris suae Sanciae Petri, & Ausendae Suerii, socerae dicti Velasci Stephani, quod herdamentum dedit, sive vendit mihi Martinus Alfonsus filius meus pro mille, & quingentis libris... (a).

Poucas familias ha em Portugal de sangue tão esclarecido, e que tantos serviços tenham feito em prol da patria. Antes da fundação da monarchia encontramos D. Egas Gomes de Sousa, o primeiro que em Portugal tomou o appellido de *Sousa*, e que acompanhou a corte de D. Affonso VI de Leão, e D. Affonso Henriques de Portugal.

E depois da fundação da monarchia, firmada no campo de Ourique, ja figura, como camareiro mor do Grande Affonso, João Fernandes de Sousa, testemunha celebre do apparecimento de Jesus-Christo ao Sancto Rei (b).

Mas não cabe em humilde penna como a nossa escrever, em tão pequeno artigo, a genealogia de heroes, que tanto sangue derramaram para conquistar este Reino aos Mouros; o nosso fim, unico, foi advertir uma inexactidão, em que, parece ter cahido o illustrado Auctor do *Diccionario da Lingua Portugueza*.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE

LAGRIMAS E FLORES

POR

J. PINTO RIBEIRO

Quando pela primeira vez abrimos este pequeno volume de poesias, tão diminuto em formato como preciosissimo pelo valor; quando percorremos avidos estas paginas repassadas d'um sentimento verdadeiramente lyrico e d'uma ternura toda elegiaca, sentimos na leitura aquelle entusiasmo, que, ao escutar o trecho favorito de Bellini ou Mozart, interpretado por cantor de me-

cap. VII, pg. 53. — D. Ant. C. de Sousa Mem. Hist. Gen. dos Gr. do Reino, e Mem. Hist. Gen. da C. Real, liv. 4.º cap. 1.º pag. 36.

(a) Goes, Nobiliario.

(b) Brand. Mon. Lusit. 3.º p. cap. xxxi, p. 82: — Villas Boas, — Nob. Port. pg. 333.

(c) Retr. dos V. e Donas que illustr. a Nação Port. — Estrang. no Lima, Dialogo VI. — D. Antonio C. de Sousa, Mem. Hist. Gen. dos Gr. do Reino, pg. 20.

(a) Brand. M. Lusit. 4.º p. cap. xxix, pg. 220 V.

(b) Retr. Elog. Hist. dos V. e Donas que illustr. a N. Port. — *Sousas*.

rito, nos obriga a descerrar os labios com o *bravo* espontaneo e frenetico.

As impressões nascidas d'esse enthusiasmo, então lançadas ao papel sem nexa nem pensamento fixo, e hoje colligidas e remodeladas, para virem a lume com pobres atavios, são o thema das linhas que vamos escrever. Não é, por certo, bem o sabemos, um trabalho esthetico modelo, escravizado aos preceitos da arte; mas tambem não é uma collecção de pensamentos avulsos bebidos surrateiramente em S. Beuve, e applicados sem convicção ao nosso livro; são ideas, apoucadas sim, mas que brotarão sem constrangimento, ao sentir a triste sinceridade das lagrimas e o grato perfume das flores, que matizam aquellas poesias.

Não nos accuse o leitor menos benevolo de extemporaneos ou tardios; animar a vocação nascente, dar-lhe são conselhos, verdadeiro cimento da sua criação, acompanhá-la com louvores merecidos nos periodos do seu gradual desenvolvimento, glorificá-la depois de feita, e não a deixar dormir um so instante sobre os loiros alcançados, — é tarefa a que nunca se poderia dar o epitheto de intempestiva, e cremos não ser esta a mais feliz resposta, se nos interrogassem, a nós os portuguezes, pelos monumentos nacionaes, que honram as cinzas de Camões ou Garrett.

Salvos porém d'este escolho, vemo-nos logo a braços com outro, que não escapará por certo a algum esmerilhador de defeitos; estamos mesmo d'aqui a ouvil-o baptisar este escripto com o nome de critica de campanario, dedicada a um conterraneo, e quem sabe se amigo intimo. Esteja porém tranquillo; se Deus nos fez nascer sobre o mesmo solo e nos deu por patria a mesma terra, distanciou-nos comtudo pela falta de relações, e nem mesmo nos conhecemos. Sirva esta declaração de salvaguarda á imparcialidade do nosso humilde voto, e de realce ao merecimento do poeta portuense. C. Castello-Branco exaltou ja não pouco os seus carmes; e depois que um nome auctorizado como este vem em abono d'um genio, póde-se á vontade mofar dos zoilos, como o fazia Bocage, depois que Philinto presára seus versos.

Outras maculas por ahi hão de deparar, mas não estas. O nosso fim todo é solver uma divida, que tinhamos contraído depois da leitura das *Lagrimas e Flores*; e destacar bem o vulto do seu auctor d'entre a multidão de Bavios e Mevios, que surgem quotidianamente debaixo dos nossos pes, tão bastos como cogumellos em noite chuvosa, para nos servirmos da chistosissima comparação d'um dos nossos maiores litteratos contemporaneos.

Quem, como o auctor das *Lagrimas e Flores*, depurou os seus sentimentos no crisol da saudade; quem, como elle, sentiu murcharem-se-lhe as primeiras flores da juventude sobre o conves d'um navio, debaixo do sol adusto dos tropicos, e á vista da patria, cujas collinas lhe desapareciam na orla do horizonte, — havia de ter um pranto real, e as suas lagrimas não deviam de ser as do crocodilo. A saudade, este nume por cuja invocação o nosso divino Garrett abre uma das suas melhores obras, este sentimento intimo, que so póde julgar quem o experimentou, é uma fonte perenne de inspiração; e não são por certo os rigores do exilio que são capazes de exhaurir a veia poetica, a quem sente dentro em si este sagrado fogo.

Em algumas das bellas, que vamos apontar n'esses versos verdadeiramente inspirados, se verá que não é a hyperbole o vicio de nossas palavras.

Maximas, pensamentos, etc.

Evitai a inimisade com o vosso antigo amigo; porque, sabedor de vossos mais intimos segredos, póde tornar-se o vosso mais temivel inimigo.

M. J. L.

Arguindo certo fidalgo de provincia um dos redactores dos PRELUDIOS-LITTERARIOS, porque *desperdiçava a excellencia por entre o povo*, este lhe respondeu: Mas, meu caro e nobre descendente de Adão, — *jeu não desperdiço a excellencia! — aproveito o povo...*

V. DA S.

SONETO

¡Quanto invejo, Camões, o engenho e arte,
Com que tu tanto a Lysia engrandeceste,
Quando os Barões e as armas descreveste,
No teu canto espalhado em toda a parte!

Do exímio Appolo, do guerreiro Marte,
Distincto alumno d'entre os mais te ergueste:
Tão nobre exemplo d'amor patrio d'este,
Tão raro, ¡que ninguém pode egualar-te!

Debalde a ferrea mão da dura sorte
Quiz ver se te lançava em vil quebranto,
Com mil desgostos, mais crueis que a morte:

Mas, todos junctos, não poderam tanto;
Nem fizeram vergar teu braço forte,
Nem fizeram calar teu alto canto.

José R. d'AZEVEDO

UM BEIJO

SONHO E REALIDADE

O baiser de l'amour et
des fiançailles, ou est ton
prix sur la terre!

A. CURNILLON

Mil vezes nossa alma, sujeita ás lembranças,
Que ás scenas do mundo pediu emprestadas,
Devassa os palacios d'um bello sonhar,
E entra, brincando, por essas moradas.

É 'nesses instantes, que o corpo jazendo,
Entregue ás delicias d'um louco dormir,
Alarga as cadeias, que á alma o ligavam,
E deixa-a, ridente, p'ra longe fugir:

E ella, assim livre do jugo maldito,
Que o ente infinito lhe dera ao nascer,
Os prados virentes, fagueiros, amenos,
Em voos serenos la vai percorrer:

Até que a matéria, por fim saciada
De ver-se votada a um negro jazer,
Acorda e obriga-a a volver-se tristonha,
Quando inda, risonha, sorvia o prazer.

N'um d'esses instantes, assim venturosos,
Minha alma não sei o que então recordou;
Mas sei que d'um sonho lembrança mui viva,
Bem fundo gravada d'alli me ficou.

Juncto a mim via a mulher,
Que de ha muito idealisára:
'Stava linda, tão formosa
¡Qual nem eu a imaginára!
No olhar dizia: *amor*
No sorriso, — *crença, ardor.*

Em seu rosto angelical
Reluzia uma esperança,
¡Qual estrella, que ao proscripto
Traz da patria uma lembrança!
¡Era de Deus um condão,
Era amor, inspiração!..

E ao vel-a assim, tão bella,
A seus pes ajoelhei;
E suas mãos entre as minhas
Ternamente eu enlacei.
Quiz olhal-a assim, prostrado...
¡Fiquei louco... extasiado!..

Tão feliz vendo-me então,
Quiz aos ceus mil graças dar;
Quiz d'alli aos pes de Deus
Minhas preces elevar:
Mas debalde... ¡em vão tentei!..
Ri p'ra ella, e ¡não resei!..

Não resei, porque a mulher,
Que alli juncto a mim estava,
¡Era o Deus de minhas crenças,
O senhor que eu adorava!
¡Era o ceu, eternidade, —
Paraizo, f'licidade!

Não resei; mas de joelhos,
Fitando-a com mais amor,
¡Senti resnascer no peito
D'um desejo sancto ardor!
¡Era intenso!.. não venci!..
¡Dei-lhe *um beijo!*.. enlouqueci!..

Ó premio sagrado de sancta affeição,
¿Quem póde no mundo negar-te o valor?
¿Quem póde descrever d'essa tua magia,
Estrella da alma de ethereo fulgor?

Se, mesmo sonhando, so pude encontrar-te,
Ó pomo doirado da arvor' d'amor,
¡Ainda me lembram encantos que tens,
Mysterio pod'roso, condão do Senhor!

Nem quero olvidar-te, porque hoje no mundo
É raro que o homem te possa encontrar:
Os beijos da terra são falsos, mentidos,
São mudos, não sabem, não podem falar!

É que o homem, 'nestes tempos
D'egoismo e de descrença,
Na mulher ve o interesse,
Troca amor por indiff'rença;
¡E so abre o coração
Do vil oiro á vil paixão!

O beijo não tem poder
Se não diz — ¡dou-te riqueza!
E — ¡coitado! — é 'scarnecido,
Se revela — *amor, firmesa!*
O homem surri então,
¡Dando em troca a ingratitude!..

E a mulher, que esse thesoiro
Cedia do coração,
¡Perde tambem suas crenças,
Vendo a paga que lhe dão!..
E o beijo, que era sagrado,
¡Hoje é falso, é estudado!..

¡É assim, que 'nestes tempos
O homem tem desbotado
Da mulher ledo sentir!
¡E assim se hão desfolhado
As flores de nossas crenças
Mais vivazes, mais intensas!

Ó beijo, premicias d'um sancto amor,
Se pude, gostoso, 'num sonho provar-te,
¡Eu hoje, acordado, correra mil mundos
E fóra, contente, por la procurar-te!..

Fevereiro de 1858

MELLO BORGES

AFFEIÇÕES

À EX.^{ma} SR.^a D. V. DE Q. G.

Ama o preso a liberdade,
A abelha viçosas flores;
Amam os prados os rios,
Os amantes seus amores:

Amam os campos arbustos,
O passaro ô seu nininho;
O novillo a verde relva,
A terna mãi seu filhinho:

Amam os peixes as agoas,
Plenos de vida e fervor;—
Amo eu so os doces laços,
Que prendem o nosso amor.

Lamego, 2 de Março de 1858

J. A.

Charadas

Ando sempre em companhia, — 1
E fui bom e liberal; — 1
Da India ja vim ha muito, — 1
Villa sou em Portugal.

S.

N.º 5.º } *Voltarete.*
 } *Abadia.*
N.º 6.º — *Pirata.*

EXPEDIENTES

Rogamos aos Sr.^s Assignantes dos PRELUDIOS-LITTERARIOS, que residem em terras, onde a redacção não tiver ainda estabelecido commissões, ou não possuir amigos seus, que obsequiosamente d'isso se tenham encarregado — se dignem remetter o preço das suas assignaturas ou em estampilhas de 25 reis, se a quantia for de menos monta, ou por meio de vales do correio, deduzindo-lhe o premio correspondente.

Aquelles Senhores, que não quizerem continuar com a sua assignatura, no 2.º trimestre, sendo de fóra de Coimbra, muito nos obsequiarium — se nos devolvessem este numero, com a mesma cinta com que o receberem, a fim de podermos dar-lhe a competente baixa; e sendo de Coimbra, — se o não abrissem, nem amarrotassem — para ser, dois ou tres dias depois da sua distribuição, recolhido pelos distribuidores, sem prejuizo para a redacção.

Faltam-nos os numeros — 692 do *Campeão do Vouga*, — 39 do *Jornal da Associação Industrial Portuense*, — 3 do *Archivo Universal*: Hespanha — desde os numeros 14 em diante da *Revista de Instruccion Publica*. Muito penhorados ficaremos com a reparação d'esta perda.

Queixam-se das provincias de extravios de numeros do nosso jornal: pedimos mais zelo da parte dos Sr.^s Carteiros, ou d'aquelles que podem ser a causa d'estes extravios.

V. DA SILVEIRA

ASSIGNA-SE E PAGA-SE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, de Silva Junior & C.^a; Porto — Jacintho Antonio Pinto da Silva; Viseu — Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa — Manuel Mendes Osorio; Evora — V. J. da Gama; Bragança — Antonio Caetano d'Oliveira Furtado; Lamego — José Cardoso; Santa Comba-Dão — Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — José Pereira Curado; Aveiro — Ernesto Augusto Ferreira.

PREÇOS

	SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno	1\$240	1\$400
Trimestre	360	450

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

LAGRIMAS E FLORES

POR

J. PINTO RIBEIRO

II

Na epocha em que Pinto Ribeiro deu á luz o primeiro fructo do seu talento precoce, era então um hymno gratulatorio, que entoavamos á poesia, pelo apparecimento de tão esperançoso adepto; hoje não o podemos fazer, porque as cordas d'aquella harmoniosa lyra emmudeceram. Não vimos porém increpar Pinto Ribeiro por um crime, em cuja cumplicidade elle apenas tem uma diminutissima parte; foi victima d'um contagio, e não fez mais que acompanhar os poetas da geração nova no lethargo, em que jazem mergulhados.

Pergunta-se: ¿onde está o estro de Mendes Leal, de J. de Lemos, de A. de Serpa, de Palmeirim, de Soares de Passos e de tantos outros filhos queridos das musas?; e ve-se, percorrendo as fileiras d'essa illustre pleiade, que os laços do hymeneu, as negações da politica, a prosa do seculo e a declinação da poeto-mania têm sido os assassinos da poesia moderna.

Effectivamente, em atmosphaera tão impregnada de gazes, deleterios, era impossivel que a arvore da poesia fructificasse, muito principalmente depois que todos esses contratempas a mergulhassem nas trevas precursoras do estioloamento. Ha no entanto uma causa sobre tudo, que muito concorre para que estes tristes symptomas recrudescão; e vem a ser o materialismo, que quasi se tem identificado com a epocha, embotando muita penna, quebrando muito

plectro e inutilizando muito pincel. O mancebo sente-se poeta quando se lhe coam no coração os arroubos ineffaveis do primeiro amor; e, se possui o dom da expressão, vence, por um esforço potente, a pressão que sobre elle exerce esta atmosphaera de prosa, e publica uma trova inspirada; mas isto não é mais que um effeito galvanico, que cessa com a passagem da corrente; basta a primeira decepção para lhe faller o animo e deixar cair a lyra, que nunca mais será levantada. É o que se tem dado entre nós.

E não se lembram, que, depois dos gelos do coração, deve apparecer a reacção da cabeça para os fundir, e que d'ordinario é então que se consummam as obras primas! Depois de se ser Lamartine póde-se muitas vezes chegar a ser V. Hugo. Os melhores poemas epicos não foram por certo terminados nos dias mais venturosos de seus auctores; e elles são padrões eternos em honra da litteratura.

Estamos hoje quasi em plena esterilidade poetica; e com isto estão não pouco castigados os que, no tempo em que a moda de fazer verso chegou a mania, maldiziam esse furor de poetar. ¡Felizes nós com o flagello, se no meio da sua intensidade podessemos saudar de tempos a tempos a publicação de producções de tanto merecimento como o *Ave Cesar*, a *Lua de Londres*, o *Festim de Balthasar*, a *Doida d'Albano*, etc.!

A poeto-mania seria um mal, mas em quanto ella reinava havia a emulação; e a esta se deve apparecer o grupo de bons poetas, que mais se distinguiram no certame. Deixassem vir os jornaes politicos e litterarios carregados de versos; não fizessem

reparo na abundancia de hebdomadarios exclusivamente consagrados a este ramo de litteratura, muito embora gemessem diariamente os typos com as edições de novos volumes de poesias; em vez de murmurar, applaudissem, porque depois o publico, e mais tarde a posteridade, extremaria o bom do mau e daria a Cesar o que fosse de Cesar. Se queriam obras mais impereciveis do que simples poesias fugitivas, esperassem-nas da concorrência, porque com especialidade seria ella propria para as fazer vir a lume.

Tirado este nobre incentivo para os engenheiros noveis, seria loucura vir arremear a Pinto Ribeiro o labeu de negligente, e declaral-o mesmo incurso em lesa-litteratura. A culpa não é d'elle, mas da epocha em que vive; conscios d'isto, limitar-nos-hemos a lastimar a interrupção, talvez termo, da carreira, que todos lhe agoiravam semeada d'ovações e successos. Talvez que a nossa palavra seja impotente para restituir á poesia um cultor tão esmerado; mas fica-nos a satisfação de termos pago um tributo merecido, e concorrermos para reviver a memoria d'um livro portuguez e de verdadeira poesia.

A MANHÃ NA MINHA TERRA

Recordação

AO MEU AMIGO VIEIRA DA SILVA

Amigo:—; Tu sabes o que é a manhã em a nossa terra, quando os nossos olhos, ainda não fascinados pelo encanto de um rosto de mulher, a contemplam em toda a sua magnificencia, e se extasiam 'nesses quadro maravilhoso, desenhado pela mão sapiente do Creador, fixando-a desde o primeiro alvor matinal até á hora ardente do meio dia?

A manhã em a nossa terra é para nós como a donzella innocente, que, erguendo-se com timidez do singello leito, vai arre-dando a pouco e pouco as roupagens, que a cobriam; sorri, e, julgando-se não vista, mostra-nos claro o corpo, enrubecido o rosto, aureas as tranças; vem mirar-se na

face do lago, rever as frescas flores e humedecer com seus osculos as verdes plantinhas do seu jardim. E nós, ao vermola assim tão bella, cheia de languidez e de amor, apaixonamo-nos por ella, mas esta paixão é tão casta, que nos não traz á mente uma so idea impura: adoramol-a, suspiramos por ella; e, quando os calidos raios do sol do meio dia vêm crestar aquelle mimoso corpo, choramos por ella, e ficamos eternas as saudades escondidas no intimo do coração. Podêmos depois ver muitas mulheres formosas, muitas terras ricas com as suas manhãs lindas; mas encanto como o tinham as montanhas da nossa terra ¡jamais o encontramos em parte alguma!

Olha, amigo, ve a manhã na minha terra:—ainda a noite, mãe do mysterio e do silencio, das inspirações e dos sonhos domina o espaço.

Alva não se mostrou. Alem, no salgueiral sombrio da margem esquerda do Mondego, pia o moxo solitario, o noitirago nuncio de desgraças. Aqui, no venerando castello, onde Martim de Freitas, o servidor fiel, deu tantas provas de seu heroico valor, pia a agoureira coruja, acoitada nas fendas da velha cantaria. A cidade repousa: so não repousa o estudante cuidadoso, que passou a noite a conversar com algum ja finado auctor latino; ou algum ente apaixonado, que vela conversando com o paciente objecto dos seus enlevos.

Juncto á areia do rio coaxam as vela-deiras rãs. Começam as brisas matutinas a gyrrar no espaço, derramando nos seus desenvoltos gyros o perfume roubado ás descuidadas florinhas dos campos. La se ouve o sino do mosteiro de Sancta Clara chamando á oração; e as recolhidas do Paço do Conde dão o signal de Trindades. Do lado do nascente vêm surgindo a pouco e pouco umas esfarrapadas nuvens pardacentas, que se encaminham com lentidão para o poente. Aparece a estrella d'alva; depois outras nuvenzinhas mais claras, e o espaço começa a cobrir-se d'um branco-anilado brilhantissimo.

Ja la vejo pela ponte fóra, a diante de seus dois fieis companheiros, o madrugador carreiro, que conduz para a cidade a

sua famosa carrada de lenha, cantando 'num ronzeiro estylo com voz rouquenha a classica endeixa, querida das guapas cachopas, que costumam ir em romaria ao *Senhor da Serra*:—

Fostes ao Senhor da Serra,
Nem um anel me trouvestes;
Nem os moiros da moirama
Fazem o que tu fizestes.

— ¡Eh! castanho! ¡eh! la moreno!..
E espicaça barbaramente os pacientes animaes, que nem se quer sabem responder-lhe:—

¡Nem os moiros da moirama
Fazem o que tu fizestes!

Repara agora 'naquella fresca lavadeira, que, com a troxa de roupa á cabeça, coradas as faces, quaes duas romãs bem sasonadas, e as saias arregaçadas até o joelho, vai atravessando o rio, cujas aguas quasi lhe invejam a alvura da pelle d'esses bem torneados membros, que ella embebe no seio do transparente fluido. E a avesinha cuidosa da abundancia do recatado ninho, onde entre os filhinhos disfructa os mais almos prazeres, desprende agora o primeiro vô, e vai pousar no debil arbusto da orvalhada campina; e alli exalça as harmonias ternas do seu cantar, entoando com voz sonora o melodiosissimo canto matinal, saudando a aurora. Depois, saltando de flor em flor, vai brandindo as leves asas até chegar á ceara proxima, onde colhe os succulentos grãosinhos, com que correa manter a alada familia.

E agora orgulhoso,

Ja o sol vem espalhar
Seu calor pelas campinas,
Por montes, valles, e mar,
Pelos vergeis e boninas,
Pelos prados e collinas,
Pelo palacio real;
E tambem pela cabana
Do pobre humilde zagal,

mostrando no esplendor e magestade de seu throno ser o rei dos astros. Os peixinhos correm na agoa animados pelo seu calor; radiam as variegadas flores; dou-ram-se os montes; as aguas parecem fios de finissima prata; rebrilham as areias de

mil cores: ¡é tudo vida, amor e prazer!

¡Oh! ¡que baixel tão garrido vai ligeiro sulcando a agua, com a sua vela enfunada, e tão ufanoso, que nem os aguerridos galeões dos nossos extremos avós, quando andavam por esses mares de Christo em demanda de ignotas regiões, onde deviam ir arvorar o estandarte da cruz! E escorregando-se veleiro pela face da agua, la vai aproximando-se da ponte; mas chegando ao arco grande, em cujos buracos (crêm os habitadores da visinhança) está escondida uma moura, que ficou encantada desde o tempo em que Coimbra fóra terra de musulmanos, sente arrear sua vela, como curvando-se respeitoso á veneranda ponte; e depois, inçando-a de novo, la segue viagem rio acima, chegando em pouco á *Lapa dos Esteios*, unico e desejado termo d'esta navegação.

Dois são os tripulantes d'este pequeno baixel. Nos rostos lhes tranluz o prazer entre as rosadas cores da juventude. Desembarcam, prendem o barquinho; e como o calor do sol ja seja em extremo exandecente, um logar sombrio e solitario procuram para repousar e meditar. ¿Aonde ir pois? Não será longe, porque alem se divisa a *Quinta das Lagrimas* com a sua *Fonte dos Amores*, onde ha 500 annos

Estavas linda Ignez posta em socego
.....
Aos montes ensinando e ás hervinhas,
O nome que no peito escripto tinhas.
.....

¡Que doce frescor! ¡que amavel sombra!
¡que amena solidão aqui se disfructa! Aqui dorme a saudade nos braços da mais suspirosa melancholia. ¿Quem ha ahi com a alma tão resfriada pela indifferença, que ao passear-se alguns instantes 'neste logar, não sinta, ao menos, uma lagrima escorregar-lhe pelas faces?.. Tudo aqui respira tristeza, mas uma tristeza que consola a alma... Até esse ondulante arroio, que ahi se deslisa por sobre arrelva do chão, e que banha aquella lapida onde (é tradição popular) estão ainda frescas as gotas do sangue, que

Peitos carneiros...

roubaram áquella,

Que depois de morta foi rainha;

até esse ondulente arroio, nos ensina a suspirar, chorar e amar.....

¡Oh! que lembranças estas! ¡Que suave sonho da imaginação! ¡Que feliz tempo foi o tempo d'outr'ora! Hoje, amigo, apenas me resta d'elle a saudade, esse—

Gosto amargo d'infelizes,

que me recorda a cada instante as suaves manhãs da minha terra!

Lisboa, janeiro de 1859 EDUARDO COELHO

RECORDAÇÃO E ARREPENDIMENTO

A V. DA SILVEIRA

I.

A Caçada

A quadra do outono tinha já começado: o mez d'outubro corria veloz; e a natureza, despindo seu manto de verdura e com elle todas as suas galas, de risonha que era estava agora seria e pensativa, como que meditando novas galas, novas bellas; e, concentrada em si mesma, cuidadosa parecia depois querer já recommençar os trabalhos d'esse ornato, com que todos os annos, sublime e encantadora, costuma ostentar seu brilho, sua formosura, seu poder...

Qual donzella namorada, que, mostrando-se de dia ao amante revestida de mil encantos, de mil enfeites, em desalinho medita á noite a sos com sigo novos encantos, novos enfeites,—tal é a expressão da natureza 'nesta quadra, que os camponezes, creados em seu seio, parecem na sua simplicidade e singeleza querer imitar, semeando por toda a parte o germen de novas searas.

'Numa aldea que, 'neste nosso bello solo de Portugal, s'eleva n'uma pequena, mas pittoresca collina, que, recostando-se para o nordeste a uma montanha, mira altiva para o sul uma fertil planicie atravessada

pela mansa corrente de prateado rio— ¡era soberbo ver o espectáculo solemne e poetico, que durante os dias da semana apresentava a harmonia d'este pensamento da natureza com o de seus filhos, os camponezes! ¡Por toda parte o grato e melancolico socego do trabalho; por toda parte o mesmo silencioso pensamento!

Todavia ao domingo o sino do presbyterio vem interromper o trabalho d'essa pobre e laboriosa gente chamando-a á oração, soltando esse som mysterioso, que se grava n'alma, pois que a elle prendem os factos mais notaveis, da nossa vida; som que a aldea inteira escuta com respeito, porque, nuncio da oração, recorda-lhe os preceitos do Christo, os mais profundos e venerandos sentimentos, as mais solidas verdades,—¡porque na aldea cre-se!.. o camponez ainda não sentiu o scepticismo resequir-lhe o coração murchando-lhe o ultimo sentimento, ou triturar-lhe a intelligencia abalando-lhe a ultima crença!..

'Neste dia sanctificado ao Senhor, a vida da aldea é de manhã consagrada ao templo; depois aos divertimentos singellos e innocentes, cheios de prazer e folguedos: as mulheres reunindo-se, cantam, dançam ao som do adufe e das castanhetas...: a caça é o divertimento favorito dos homens.

O ultimo domingo d'outubro tinha pois rompido alegre e sereno: no ceu nem uma nuvem; o astro do dia mostrava-se radiante, e dava com o seu brilho uma certa animação á seriedade da natureza. A missa havia acabado; e ainda as bellas raparigas d'aldea, enfeitadas com o seu gracioso vestido dos dias de festa, saíam da casa do Senhor—já lá ao longe, no interior da povoação, se sentia o assobiar dos caçadores, o ganir alegre dos cães, o buliço da caça: tres tiros compassados deram o signal da partida; e d'ahi a pouco a alegre e robusta comitiva atravessava o fundo do adro do presbyterio dirigindo-se para a montanha, que se eleva ao nordeste.

A aldea tinha-se despovoado; o numero dos caçadores era grande. Tornavam-se porém salientes, pela elegancia do seu vestuario e das suas maneiras, dois mancebos e um

ancião, que 'noutro tempo calcára aos pes as asperesas das montanhas, mas que hoje, curvado pelo peso dos annos e dos trabalhos, montava 'num cavallo branco manso e formoso.

Os dois jovens cursavam os estudos, e estavam proximos a partir para Coimbra a fim de fazerem os seus exames preparatorios: um d'elles tinha genio folgasão e tumultuoso; o outro melancholico e sombrio; mas era commum a ambos uma intelligencia perspicaz, um coração docil e puro como se tem, aos vinte annos, na aldea. O velho algum tanto pallido, e d'um ar triste apresentava uma phisionomia carregada, que exprimia um pensar continuo, um sentir profundo: andára n'outros tempos em Coimbra, mas havia ja bastantes annos, que se escondêra na aldea, onde era tido e respeitado como sabio, e quasi venerado como sancto.

Viam-no muitas vezes ao por do sol, sobre uma pequena elevação, contemplar immovel o ultimo adeus do astro do dia; e depois, ao cerrar da noite, dizem, que por vezes o viram ajoelhado no alpendre d'uma pequena ermida, que ahi se eleva escondida debaixo da espessa ramagem de dois gigantes cedros, ja mudo e extatico, ja baluciando palavras entrecortadas, que o silvar dos ventos por entre as melancholicas arvores tornava ainda mais confusas: até entre a gente credula da aldea corria voz vaga de que elle falava com os espiritos bons.

Amára a caça desde rapaz, porque gostava de se embrenhar pelos bosques solitarios, subir aos pincaros alcantilados das montanhas e deter-se ahi por um pouco envolvido nas regiões do mysterio, que o cercavam: agora a velhice so lhe consentia sair raras vezes no anno, mas essas eram de grande gala nos annos da aldea.

—¿Mas a caçada?—¿Onde vão ja os caçadores? dirá talvez o leitor.—¡Eil-os! uns, subindo a montanha, onde se recosta a aldea, estão proximos a tocar a cumiada; os outros, caminhando pelo valle, estão quasi a transpor a pequena elevação, que o termina: agora, mesmo agora tocam elles os seus pontos mais culminantes; começa

a sumir-se-lhes a aldea; e avistam ja para o lado opposto um vasto plano semeado, em parte, de matas de carvalho, perfumadas por odorifero rosmaninho, e ao fundo do qual, la muito ao longe, cordilheiras elevadas recortam o horizonte de mil maneiras.

F. F. C.-B.

HISTORIA D'UM DESENHO

O que ignoro, ou o que sou incapaz de saber não me inspira, como a grande numero de homens, o desprezo ou quando menos o ridiculo; pelo contrario, seduz-me com toda a poesia do impossivel, fascina-me com todo o encanto da raridade, e attraime com todo o maravilhoso do mystico.

É por isso que, tendo a mais decidida negação para a musica, extasio-me, comovo-me e exalto-me, a ponto de me tornar incommodo, como o que se extorce nas convulsões d'uma crise nervosa, quando escuto as harmonias magestosas e lugubres do *Propheta* de Meyerbeer, as notas atrevidas e entusiasticas do *Attila* ou do *Hernani* de Verdi, as melodias graciosas e sympathicas da *Norma* de Bellini, ou finalmente as vibrações arrebatadas e febricitantes das *Réveries* de Gutmann.

Outro tanto me succede com o desenho e pintura. Nunca cheguei a traçar uma perpendicular, que, sem grave offensa ao prumo, não podesse passar por um projecto de espiral, quando por muito favor lhe não quizessem dar o foro de curva de focinho: era a esta ultima opinião que se acostavam os meus condiscipulos, que, assim como eu, não estavam no caso de se rir dos peccados alheios, porque para elles não havia jubileu possivel. Decididamente a minha vocação devia ser para a pintura. Mas a fatalidade, que me persegue, fez com que eu por simples curiosidade estivesse por tres horas a moer tintas: é verdade que o vermelho, a óca, e o azul da Prussia ficaram bem moidos, mas os meus braços ficaram-no mais, e a paciencia ainda muito mais.

Comtudo não fiquei aborrecendo nem o desenho, nem a pintura. Venero Rafael,

Guido, Van-Dick e Rembrandt, ainda que somente os tenha visto martyrisados n'alguma exotica lytographia, onde mão atrevida tentou reproduzir as perfeições dos grandes mestres; admiro os frescos de Paschoal Parente tão profusamente derramados por esta «terra d'encantos»; e em ultimo lugar, mas a cima de todos, respeito e idolatro a Grão Vasco, porque sou portuguez, e porque sei avaliar o merito e o genio.

¡Ai! Grão Vasco ¿que serias tu, e outros quasi tão grandes como tu, se não tivesses a desgraça de nascer em Portugal, onde a carta de nacionalidade é um diploma de inaptidão passado pelos contemporaneos, e um certificado d'escarneo ou esquecimento para alem do tumulo?

Aos que taxarem de gratuita esta asserção convido-os a compulsar a historia portugueza: — em cada pagina ahi acharão um facto que a fundamente, um argumento que a comprove.

Para descargo de consciencia devo com tudo confessar, que algumas vezes tem succedido haver um completo antagonismo entre os dictames da minha rasão e os preceitos da arte. Eu d'arte nada sei; mas interrogo o coração, e elle para mim decide *ex cathedra* em todos os objectos, cujo fim principal seja lisongear os sentidos e falar ao coração. De ha muito tenho de mim para mim (e perdoa-me tu, grande Horacio, esta heresia esthetica), que a arte não faz d'um sabio um genio; mas, pelo contrario, a um genio póde tornal-o menos que um sabio,.. uma medeocridade. Os preceitos da arte são proveitosos para quem não tem imaginação para conceber, e intelligencia para executar o que a imaginação concebe: para os entrevados d'espirito são uma muleta que os ajuda a caminhar; mas para a aguia, que tem força para subir, coragem para não temer, constancia para não recuar, ¿que mais poderão ser do que um ponto de partida? ¿que mais do que o pincaro escalvado do rochedo d'onde ella ergueu seu vô, mas que perde para sempre de vista quando em seu grandioso arrojio pertende devassar a cupula dos ceus?

A arte, a verdadeira arte, é a natureza, a universal esthetica, o archetypo do bello

e do grande, e não uma centena de linhas escriptas por um homem, que se imaginou superior a todos, para dar leis á sua intelligencia, aos seus pensamentos e á forma de os exprimir: Camões, se não fosse tão fiel proselyto de Horacio, se não se entranhasse tanto na Eneida, como a Eneida se entranhou na Illiada, em vez d'um poema immortal ¿dar-nos-hia um poema invulneravel ás mordeduras de quantos Macedos existissem!..

Paremos por aqui. Se me descuido escrevo uma dissertação, que, aqui para nós, é a coisa que aborreço mais apoz uma sabatina em branco.

Todo esse aranzel bombastico, que ahi está encaixado, vem a proposito para dizer, que o meu amigo F. P., sabendo d'este meu *fraco* artistico, me convidou ha poucos dias para em sua casa me mostrar uma riquissima colleção de gravuras, desenhos e lithographias, que mirei, folhee, aproximei ou desviei da luz, perscutando-lhes todos os effeitos d'optica, sem que proferisse mais que alguns murmurios de approvação, ou grunhidos de descontentamento.

A noite, valha a verdade, não havia de correr para o meu amigo muito divertida; mas em troca foi para mim superlativamente agradável; elle comtudo perdoarme-ha este meu accesso de mudez voluntaria, por que bem sabe que uma conversação para ser animada não so não necessita de mim, mas até muitas vezes descai, por isso mesmo que eu, por uma volubilidade natural, corto-a no seu ponto mais interessante por um simples monosylabo, ou, se me acho em maré de eloquencia, por uma oração, que me exforço em preencher com sujeito, verbo e attributo, como ensina a boa grammatica.

Quando o meu thesouro estava exgotado experimentei a sensação, que deve apertar o coração do avarento, que passando revista aos seus cofres lhe encontra o fim.

Conservei por muito tempo o ultimo desenho, crendo ver surgir de cada traço uma nova colleção mais abundante, mais rica e mais esplendida. O meu amigo, vendo-me 'naquelle estado de desalento, compadeceu-se da minha desdita, e deixando-me so, apos curtos instantes voltou trazendo um

novo desenho. | Como eu desejaria antes que elle voltasse carregado de papeis, como o pobre *fiel de feitos*, Simplicio da Paixão, de tão comica memoria!

— Este desenho, me disse elle ao chegar jnncto de mim, tem uma historia interessante.

— Comecemos pelo principio, lhe respondi eu: vamos primeiro á historia, depois ao desenho.

Mas ao mesmo tempo fui lançando mão do velino, tão maltractado e tão amarrotado, como *sebenta* em mãos de *cabula*. | Ai! Eva! curiosissima Eva! Eu por mim nunca hei de renegar de ser teu filho, sobre tudo quando penso, que a tua curiosidade deu origem a um tão maravilhoso poema, como o PARAIZO PERDIDO, e fez apparecer um tão grande poeta como MILTON!

— ¿ Conheceu Henrique d'Oliveira?

— Não me recordo.

— ¿ Nem ouviu falar nos seus amores com Cecilia de Castro?

— Ainda menos.

— Pois então escute.

Esta minha ignorancia da vida d'aquelles, que desde ja tenho a honra de apresentar como os heroes do meu conto, foi muito util aos leitores, que a podem vir a saber perfeitamente, se tiverem a paciencia de ler mais algumas linhas... Ouçamos, o meu amigo que está principiando.

Henrique d'Oliveira e Cecilia de Castro conjugavam o verbo amar tanto activa como passivameate, quando ainda no cathecismo da doutrina christã aprendiam o *acto de confissão*, para o papaguearem ao reverendo prior da sua freguesia no dia da sua primeira communhão. Ora um amor nascido sob tão bons auspicios não podia deixar de tender para um fim tambem essencialmente bom, — o matrimonio. Mas, que eu saiba, tem-se visto fazer tudo a creanças, menos o casar-se; forçoso pois lhes foi esperar pelo tempo. As intimas relações que prendiam as familias dos futuros consortes apertavam ainda mais seus laços, jurados de ha muito nas aras do amor, e firmados talvez com mil beijos, de certo muito castos, porém, muito expressivos...

| Um beijo!.. dirão as amaveis leitoras,

fazendo um tregeito de... de reprovação. | Perdão! ia dizer — inveja. | Um beijo!, dirão as leitoras, que não forem amaveis, pela simples rasão de o terem sido muito antes... | Um beijo! | credo! | Jesus!..., no nosso tempo... | Soceguem minhas senhoras! Eu disse, na verdade, um beijo, ¿ mas, que ha ' neste mundo, que seja mais innocente do que um beijo?

Palmeirim diz:

Um beijo não é peccado,
Se foi acceito e foi dado
Sem mau pensar.
Peccado talvez serla
Negar-se com tyrania
De um beijo dar.

A vista de tão respeitavel auctoridade peço a devida venia a V.^{as} Ex.^{as}, para deixar ahi ficar estampado o meu beijo..., meu, não ainda assim, entendamo-nos bem.

Henrique, que era um soffrivel traquinas, e Cecilia, que era uma linda creança, tornaram-se, com a idade, um sympathico mancebo, e uma adoravel menina. Chegad os porém á segunda quadra da vida, Henrique e Cecilia fizeram uma descoberta. Nem eu sei bem se foram os seus parentes que lhes a ensinaram a fazer... A descoberta pois, a maravilhosa descoberta, que tão grande honra vai grangear aos meus heroes, foi, que os homens não eram como aquelle de quem diz o poeta —

Comi o po das areias,
Bebi um raio do sol,
| E vivi!

Estas *narsejas* de nova especie, que se sustentam com o suco da terra, não existem senão no cerebro transtornado d'algum poeta ultra-romantico em delirio, cuja invenção, tamsomente poderia ser desculpada, se o seu estomago estivesse limpo de toda a immundicie vegetal, como de toda a alimaria terrestre.

As proprias exigencias do nosso organismo são uma pequena parcella na verba das despesas do homem civilisado. O luxo e a loucura consomme, não so o que têm de seu, mas até | quantas e quantas vezes vão buscar o alheio! — E | ai!, pobre esto-

mago — ¡coitadinho de ti! O coração, que o nosso mau fado collocou tão perto d'esta desprezível viscera, ressentente-se immediatamente das taes subtracções desengraçadas.

Estomago esmoendo vento, e coração ardendo em chammas é um phenomeno, que o mundo não terá o encommodo de observar muitas vezes.

Resumindo, digo que os meus noveis amantes necessitavam simplesmente de dinheiro — a mola real da maquina terra-quea. Henrique sacrificou a este ignobil metal os dias da juventude e da mocidade; trocou por noites de insomnia noites de pacifico somno, uma vida de folguedos e loucura por uma vida sedentaria e monotona, a liberdade pela dependencia. Cecilia pela sua parte sacrificou-se.. ¡a esperar!

Ha um velho proverbio que diz — *ninguém é propheta na sua terra.* — Henrique experimentou o seu grande alcance, e decidiu ir longe da patria buscar a fortuna, que lhe fugia na sua propria terra. La estava o Brasil, este enganador *El-dorado* dos nossos dias, a attrahil-o.

Na hora da despedida Henrique tencionou deixar á querida amiga da sua alma uma lembrança, que a fizesse incessantemente recordar d'elle, um confidente, com que pudesse desabafar, um cofre onde pudesse encerrar todo o sentimento que, lhe transbordava do coração. Para tanta exigencia nada ha que se preste melhor do que o papel. Henrique decidiu offerecer-lhe um album, onde depois esperava vir decifrar dia por dia a historia de seus amores em caracteres quasi todos apagados pelas lagrimas, que a saudade faria verter á sua encantadora Circe.

Um seu amigo foi convidado para lhe desenhar o frontispicio. Este frontispicio era o desenho, que me mostrava o meu amigo F. P., 'numa folha avulsa de papel, tal como tinha sido entregue a Henrique, e por este offertado a Cecilia.

Este desenho torna-se notavel por um não sei que de prophetico, que encerra. Logo á primeira vista se depara com uma especie de lapida funeraria, onde se acham insculpidas as iniciaes de Henrique d'Oli-

veira; e juncto a esta campã não se ve prostrada a imagem afflicta da amante, toda lagrimas com a aurora em abril, toda magua e tristesa como a rola, que geme no lascado pinheiro saudades do ausente esposo. ¿Advinharia o artista, que Henrique no verdor da mocidade, o alegre, o jovial companheiro do seu peregrinar sobre a terra deveria morrer aos 23 annos de idade, 'numa terra estrangeira, longe dos parentes que o choravam, e da amante que o trahia? ¿Advinharia elle porventura, que essa despedida era eterna, e quiz recordar a essa mulher, que o seu coração pertencia a um tumulo, onde se occultaria aquelle a quem ella tinha jurado um amor eterno?

Eu e o meu amigo não podémos deixar de notar esta celebre evidencia.

¿Notal-a-hia ella porventura?

Cecilia, na noite em que soube a morte do seu amante, — façamos-lhe justiça — chorou muito no seu quarto; no dia seguinte ria com muito boa vontade no theatro; no outro namorava na igreja, no mesmo logar onde tantas vezes seus olhos tinham ido encontrar os do seu desgraçado admirador...

E não ha muito alguem diante d'ella pronunciou o nome de Henrique; e o seu rosto ficou immovel: ¡nem um so de seus musculos se contrahi, nem uma so lagrima lhe assomou aos olhos, nem um suspiro lhe entreabriu os labios!

!Como tão depressa se esquecem os que morrem!

Henrique fez uma grande asneira — o deixar-se morrer. Henrique era um grande parvo, acreditava na constancia das mulheres, o ente mais caprichoso e mais volúvel, que ha no mundo. Estas loucas borboletas não vivem senão quando o sol do amor lhes faz realçar os seus encantos, e lhes circunda a fronte d'uma aureola imaginaria de todas as perfeições: mas o sol do amor não desponta atravez d'um tumulo. La tudo é a realidade, tudo é o nada.

Se a Cecilia fosse necessario um pretexto para se justificar, ¿que mais plausivel o podia dar, do que dizer, que, se na morte ha o esquecimento, para que nos havemos de lembrar dos que nos esquecem? Mas, a

mulher não carece de pretextos, e loucura seria ir pedir-lh'os.

À vista do que, dirão os leitores, ¡que eu aborreço as mulheres! ¡Não! senhores; pelo contrario; mas tenho sempre em vista estas poucas linhas, que um dia vi escrever ao meu amigo E. P.: «em ligações amorosas, a regra geral ácerca das mulheres deve ser—desconfiar sempre do seu passado, aproveitar-lhes so o presente, e nunca contar com o futuro.» Parece-me que observando bem esta maxima não nos hão de causar grandes males os caprichos das mulheres. Nada de edealidades; a mulher é, como diz o meu amigo M. da Rocha, ¡a femea do homem!..

Mas voltemos ao desenho.

Ao mesmo tempo que a memoria de Henrique soffria o ostracismo do coração de Cecilia, o desenho, que a avivava, foi dado a uma creança, decididamente com o fim de o ver anniquillado em breve, porque talvez ella mesma não tivesse a coragem de o despadaçar. — Judas vendeu a Christo, mas não o açoitou; Pedro renegou seu mestre, mas não o condemnou. Para commetter grandes crimes é necessaria uma alma de mais rija tempera do que a d'um traidor...

Foi esta a rasão porque o papel estava tão amarrotado como acima disse. Um acaso fez com que o meu amigo, a custo d'algum quarto de rebuçados, o podesse salvar das mãos d'aquelles innocentes vandalos; o que era grande perda, porque ficava o leitor sem ter lido a minha obra.

Resta-me dizer, que o album está ahi a receber as inspirações de quantos Petrarchas em cuecas passeiam por este mundo de Christo.

Isto dito, recolho o meu espirito, e dou o meu conto por acabado.

Se alguém me perguntar: ¿Para que serve isto?

—Para nada, ha de ser a minha resposta.

—¿Então para que o escreveu?

—Ja são muitas perguntas; mas sempre direi, que foi por um motivo muito simples. Hontem acordei ás dez horas da manhã, deleneando um magnifico passeio *extra muros*; entra-me no quarto o creado:

—¿Que tal está o dia? lhe digo eu.

—Chove que nem a cantaros.

Enterrei-me outra vez por entre os lençoes, mas não me foi possível readormecer.

Passei meia hora voltando-me em todos os sentidos; por fim parei: tinha encontrado uma idea.

A idea, a magnifica idea, era escrever a—*Historia d'um desenho*,—que na vespera me tinha sido contada.

D'onde se conclue ¡que a chuva é a mãe da hortaliça e da litteratura!

A. S.

A VESPERA E O DIA DE NATAL

¡Grande dia será amanhã! A colheita está na rasão directa da sementeira;... ora eu não fiz durante o anno senão convidar os meus amigos—para patuscadas, para merendas, para caçadas, etc.; ergo—amanhã devo receber um exercito de perús, um Sebastopol de doces, uma legião de brindes... ¡Isto é logico!

Estes foram os pensamentos, que me occuparam na vespera do grande dia. Dei ordem ao meu criado para me acordar logo que chegasse algum presente; pois que devidamente lhe queria fazer as honras da recepção.

Acabavam apenas de soar 8 horas da manhã, quando o meu criado entrou no quarto dizendo: — ¡Senhor! trouxeram-lhe...—¿O que?, exclamei eu. ¡Deixa ver depressa!..—Esta carta, me replicou elle, extendendo ao mesmo tempo o braço, em cuja extremidade se achava effectivamente um papel. Peguei-lhe com bastante mau humor e abri. O conteudo do bilhete era o seguinte:

Meu Amigo:—Tu so regressas para Coimbra no dia 6 de janeiro: peço-te pois encarecidamente, que me fiques com esse bilhete da superior, para o beneficio do Mirate, que ha de ter logar no dia 5, com a *Lucia de Lamermoor*.

Teu amigo

T. N. B. F.

¡Maldito seja o meu amigo B. F., mais o tenor Mirate, mais quem inventou os beneficios!..

Mas, emfim — ¿que fazer-lhe? Não ha remedio: — tira da algibeira d'esse colete 960 reis (eram dois bellos pintos não cercados), e leva-os ao portador d'este maldito bilhete.

O principio da festa não me tinha agradado muito. Saltei fóra da cama; vesti-me, e tendo debalde esperado, a ver se vinha algum presente, decidi-me a sair, recomendando comtudo, que tomassem muito cuidado com o que viesse.

Saindo de casa dirigi-me ao Rocio, e ahi encontrei alguns amigos, que igualmente tinham ido passar as ferias a Lisboa, e que dando-me muitos abraços me convidaram a ir tomar alguma coisa ao Martinho.

Aceitei, cheio de regosijo; pois que finalmente encontrava alguém com verdadeiro desejo de obsequiar-me. O ponche, os cabazes de vinho do Porto, etc., foram ajudando a engolir alguns bolos, gosando-se ao mesmo tempo d'uma animada conversação, em que cada um tratava de fazer sobresair os seus dotes d'espírito.

Chega, finalmente, a occasião de pagar; e trava-se grande questão sobre quem o ha de fazer. Eu não quero ficar a traz, e atiro com a minha bolsa para cima da mesa. No mesmo momento os meus amigos retiram as suas, e o criado, *cedendo* ás minhas ordens, e não achando á vista mais metalico do que o meu, ¡mette 'nella os implacaveis dedos e paga-se da despesa feita!

Pretextando um negocio importante, aparto-me dos meus amigos, que de bom grado dou á fortuna; carrego o chapéu sobre os olhos, e saio ferindo lume e corrido da comedella.

Vou direito a casa e pergunto logo ao criado: — ¿Trouxeram alguma cousa? — Trouxeram sim Senhor: estão todos no seu quarto. — ¡Imbecil!.. digo, correndo para o meu quarto, ¡boa conta terão os perús dado dos meus livros! ¡Mas qual! Por mais que procurasse, não achei mais *pennas* do que as da secretária... que eram d'aço...

Então chamo, furioso, pelo criado, e lhe pergunto: ¿Onde está o que me trouxe-

ram?! — Em cima da sua commoda ¡Senhor!

Approximo-me...; mas so vejo papeis. Peguei no primeiro: dizia:

O carteiro do bairro lhe deseja muitas felicidades.

¡Mentira!

Pego 'noutro: começava:

No dia em que nasce
Do mundo o Redemptor
Não vos esqueçais, vos rogo,
Do pobre distribuidor.

¡Desaforo! ¡Atrevimento! ¡Maroteira!
Não quiz pegar em mais; e exclamei como Shakspear:

¡Horror! ¡Horror! ¡Horror!

No dia em que esperava receber presentes aos centos, ¡não encontro senão meia dusia de versos, de pe quebrado, com um sentido ouco e banal, e que de mais a mais pedem dinheiro!..

¡Oh! ¡basta!.. ¡Arripiam-se-me os cabellos so de pensar na serie de fatalidades, que 'neste dia me perseguiu!..

F. D'ALBUQUERQUE

Maximas, pensamentos, etc.

Na eschola da adversidade aprende-se a prudencia.

A. HERCULANO

Se vos fosse possível reunir n'uma so idea as ideas de *vaidade*, *ignorancia* e *ambição*, a ponto de se confundirem, — terieis conseguido daguerreotypar no vosso pensamento a mulher da epocha perante o hymeneu (a).

G. T.

A F. BEIRÃO

'Nessa Coimbra tão q'rida
Eu te vi, e te adorei;
Mas por premio ¡so terei —
Passar em tristesa a vida!
Minh'alma de dor ferida
Continuamente suspira;

(a) Mr. G. T. não conhecia provavelmente as mulheres portuguezas.

V. DA S.

Meu coração mal respira
Dentro do peito opprimido;
Meu mal por ti é movido...
¡Oxala nunca t'eu vira!

Quando vi teu lindo rosto,
E notei d'elle a belleza,
Não pude ver a cruesa
De que o teu peito é composto...
Causa-me um mortal desgosto
Ver-te com genio de fera...:
Se antevisse que assim era
Dura a tua condição,
Logò te dera de mão,
¡Vendo-te não te quizera!

Antes de ver-te eu vivia,
Gosando o prazer maior;
Ignorava o que era amor,
Seus effeitos não sentia...
Então gosava alegria,
Que hoje de mim se retira:
¡Sim, cruel, se eu te não vira,
Se a adorar-te não chegára,
Nunca o prazer me deixára,
¡E nunca eu penas sentira!

A pura satisfação,
Em que outro tempo vivi,
¡Inteiramente a perdi!
Não acho consolação...
De ver tua ingratidão
A minh'alma desespera;
A tristesa a mais austera
O meu coração devora;
¡Oh! quanto feliz eu fora
Se de ti nunca soubera!

UMA SENHORA

AMOR DE MULHER

Vi-a, gentil e formosa,
Vi-a, qual fragrante rosa,
Imperando no jardim;
Vi-a, suave rocio,
Em manhã doce d'estio
Sobre as pe'las do jasmim.

Vi-a, meiga philomella,
Das estações na mais bella,

Em mavioso trinar;
Borboleta d'alva cor
Levemente em cada flor
Ir um osculo poisar.

Vi-a, mulher endeusada,
Vi-a, nympha, archanjo e fada,
Nos ceus estrella a fulgir...
Encantou-me o brilhar terno,
Que em seus olhos poz o Eterno;
Encantou-me o seu sorrir.

Seus cabellos loiro-escuros,
Seus eburneos dentes puros,
Como a neve, a branquejar;
De carmim seus labios finos,
Os seus encantos divinos
Me fizeram delirar.

E ¡delirei! essas falas
Ja no bosque, ja nas salas,
Que lhe ouvia a furto então;
Aquelle olhar em segredo,
Esses sorrisos a medo
Partiram-me o coração!

¡Amei-a! — amou-me! fui louco...
Não ouvi o bramar rouco
Da voz tetra do porvir...
Cego 'naquelle delirio
¡Não soube então o martyrio,
Que havia depois sentir!

Hoje, arcando co'a desgraça,
Tenho ja tragado a taça
D'um viver, que nem sonhei;
Hoje inda èrgo, ¡mas em vão!
Um brado de maldição
¡Ao que amar, como eu amei!

Sertã, 15 de Dezembro de 1857

A. L. DOS SANTOS VALENTE

NA CONVALESCENÇA

DE MEU FILHO BRAULIO AUGUSTO

Nas horas do silencio, á meia noite,
Eu louvarei o Eterno.

A. HERCULANO

¡Graças! graças! meu Deus!.. ¡Eil-o ja salvo!
¡Eil-o vivo..., e eu feliz!.. O anjo lindo
Não subiu inda ao ceu...: inda é da terra!..

¡Flor apenas nascida e ja formosa,
 Flor tão bella, que a vida inda alimentas
 Da seiva maternal, quasi murchada,
 Quasi a pender no po da campã fria
 Te ha deixado o furacão violento
 De morbido soffrer! Planta fanada
 Na aurora do existir, —sem que podesse
 O rocio d'uma lagrima materna
 Fazer reverdecer teu murchõ brilho,
 Ou da febre apagar sequer a ardencia
 Que a vida e o frescor te consumia; —
 Planta apenas aberta e quasi murcha,
 Como o paterno riso, ¡eis-te de novo
 Sorrindo á vida e aos pais e ao sol da infancia,
 Que as graças divinaes te desabrocha!..
 O Deus eterno ha qu'rido conservarte,
 Anjo so d'elle, ainda sobre a terra,
 P'ra agruras mitigar do terreo exilio
 Ao pai quasi a perder-te... ¡Oh! torna á vida,
 Anjo do ceu!.. ¡existe sobre a terra!..
 Com teu olhar apaga a magoa triste
 Dos dias meus. ¡Oh! seja o teu sorriso
 O sol brilhante, que ao soffrer me rasgue
 A nuvem densa, que o meu peito offusca!

E ati, Senhor... ¡oh! graças!.. ¡eit-o salvo,
 Eilo vivo... e eu feliz!.. ¡Tu não quizeste
 Leval-o ja p'ra ti! — ¡Do ceu o anginho
 Á terra o concedeste!.. ¡oh! graças!.. graças!..

1859

A. M. DA CUNHA BELLEM

EXPEDIENTE

Não restituiremos os originaes, que nos forem enviados para publicar.

Suspendemos a remessa da nossa folha,
 por não termos recebido as que lhes cor-
 respondem: Portugal — á Redacção do
Mundo Elegante; Hespanha — á Redacção
 do *Jornal de La moda*.

Têm sido enviados todos os numeros pu-
 blicados do nosso jornal ás Redacções, que
 nos têm feito o favor de enviar-nos os das
 suas folhas.

Recebemos o 1.º numero do semanario
 illustrado — *La lectura para todos*, que se
 publica em Madrid debaixo da respon-
 sabilidade do Sr. Bailly-Bailliere. Reco-
 mendamol-o aos nossos assignantes, ja pela
 variedade e boa escolha dos assumptos,
 que se propõe tractar, ja pela sua notavel
 barateza, como se póde ver 'nesta parte do

seu prospecto, que em seguida transcrevemos:

«*La lectura para todos* se publicará con
 la mayor regularidad, quedando responsa-
 ble la casa de Bailly-Bailliere de toda falta
 en el cumplimiento de lo que en este pros-
 pecto se promete.

«Este periodico saldrá todos los sabados,
 a contar desde el 1.º de enero de 1859.
 Cada número constará de 16 páginas en
 fólío con tres columnas cada página, *buen
 papel y esmerada impresion*, conteniendo
 la materia de un tomo en 8.º, que general-
 mente se vende á ocho ó diez reales. Ade-
 más llevará por lo menos de cuatro á cinco
 grabados.

«Cada numero contendrá: 1.º una ó dos
 novelas originales ó traducidas; 2.º uno ó
 dos artículos de viajes á varias partes del
 globo; 3.º literatura amena; 4.º seccion
 religiosa; 5.º artículos científicos aplicados
 á la agricultura, industrias, artes y usos
 domésticos al alcance de todos; 6.º varie-
 dades; 7.º bibliografia, ó revista crítica y
 analítica de las publicaciones nuevas; 8.º
 críticas teatrales; 9.º revistas de la se-
 mana; 10.º los grabados correspondientes.

«Precios: por cada número tomado en la
 administracion— cuatro cuartos, ultimatum
 del barato: por suscripcion en Madrid, lle-
 vado á domicilio, tres meses, 8 reales—
 seis meses, 15 reales— un año, 28 reales;
 en provincias (franco de porte)— tres me-
 ses, 12 reales— seis meses, 24 reales—
 un año, 38 reales.

«Se suscribe, en Madrid, en la adminis-
 tracion, librería extranjera y nacional de
 D. Carlos Bailly-Bailliere, librero de Cámara
 de S. M. y de la Universidad central, calle
 del Principe, núm. 11. En provincias, en
 casa de todos los libreros y corresponsales
 de empresas literarias y periódicos politi-
 cos y científicos, á los cuales autorizamos
 para recibir suscripciones á nuestro peri-
 dico.»

Em Coimbra, por intervenção do Ex.^{mo}
 Sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, Admi-
 nistrador da Imprensa da Universidade.

V. DA SILVEIRA

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

ESTUDO SOBRE AS POESIAS DE SCHILLER

(Continuado dos numeros 4 e 6)

III

Schiller foi um dos admiradores de Rousseau; sentia-se arrebatado pela sua eloquencia, fascinado pelas suas theorias e comovido pelas suas desgraças: fallava-lhe ao coração aquella linguagem inspirada por uma ardente imaginação e pela natureza, grande e sublime como esta. Rousseau fôra um dos mais insignes e dedicados apóstolos da liberdade; pregára-a, quando a tyrannia trabalhava por apagar da alma dos povos os direitos, que la gravára a natureza, a rasão e a justiça; combatêra com denodo e valentia uma ordem de coisas alicerçada em erros, governada por prejuizos e sustentada por ambições: convencido, de que o homem devia occupar na sociedade o logar a que lhe dessem accesso as luzes, as virtudes e o merito, indignára-se ao ver as jerarchias determinadas pelo nascimento, esse favor cego do acaso que a nada póde dar direito, e constituídas sobre outros principios tam irrationaes, como injustos.

Desmascarando o poder, atacára, sublevado d'uma generosa cholera, o despotismo, que no seu orgulho insensato, desvairado e perverso insultava todos os dias as nações, tractando-as como rebanhos d'escravos, e fazendo pesar sobre ellas uma pesada e ignominiosa vara de ferro. Gemia sobre as miserias do povo, que, humilhado e envilicido, vegetava no embrutecimento e na oppressão, deixando rasgar os diplomas de homens livres, que Deus lhe passára. Tribuno apaixonado do povo, vingava-o

1859—Abril

do seu aviltamento, consolava-o nos seus males.

O seu odio á tyrannia, o seu amor ás classes pobres, o desejo d'um melhor futuro, a sua terna sensibilidade, os seus grandes talentos determinaram-no a escrever, e presidiram á confecção d'um livro, que, apesar de tudo, e por tudo, será sempre conhecido em quanto em memoria de homens viver o nome Rousseau.

Ha no Contracto Social erros funestos, theorias tam engenhosas como extravagantes, douctrinas tam absurdas, como immo-raes; é verdade isto; mas é tambem indubitavel, que ahi apparecem grandes e luminosas verdades, principios elevados, sublimes e salutaes. O Contracto é um systema de organização social impossivel, é o bello ideal d'uma politica, que jamais existirá, é a utopia dos governos, dizem muitos: tenho todavia para mim, nutro mesmo a doce esperanza, de que a sociedade arras-tada pela civilização, ha de sucessivamente realisar o que esse ideal tem de justo, de util e aproveitavel; é um sonho; mas, á medida que o progresso for acordando os homens, estes hão de traduzir nas sus instituições e nas suas leis parte d'esse sonho.

A imaginação dos povos comprazia-se em admirar o plano de regeneração, concebido pela intelligencia de Rousseau; o homem quasi sempre se deixa seduzir por aquillo que é maior que a natureza: uma douctrina nova, singular, e em que haja mesmo illusões, tem proselytismo e produz fanaticos; esta disposição innata do homem, esta tendencia para um maravilhoso, que faz promessas, teve uma grande parte no brilhante successo, conquistado por um

N.º 9

livro, que deslumbrava os espiritos, seduzindo-os.

Rousseau tinha amigos, defensores e discipulos em toda a parte, onde havia desgraças, injustiças e immerecidas perseguições; é por isso que o povo o amou tanto.

Schiller pobre, soffredor, errante, como Rousseau, de paiz em paiz, sentia, como elle, a sua alma ulcerada pela odiosa e nefanda desigualdade das condições. Como Rousseau, tinha encontrado logo no começo da vida a adversidade da fortuna; tinha, como elle, esmolado o pão para viver, e o seu primeiro passo no caminho tinha sido uma revolta interna contra a sociedade.

Esta similhaça de situações excitou em Schiller a mais viva sympathia pelo homem, e a mais profunda adhesão ás suas ideas. Schiller dedicou a Rousseau uma poesia, em que lhe presta as mais sentidas homenagens de respeito e admiração. 'Nessa epocha a critica erguia-se por toda a parte, para, ja em nome do christianismo, ja em nome da sociedade, combater as suas doutrinas: fazia-se a guerra, não so ao escriptor, mas tambem ao homem; patenteavam-se ao publico as fraquezas e os vicios da vida intima. O escrever as *Confissões*, o confessar o que elle tinha sido, era reputado um crime, uma impudencia e immoralidade imperdoavel; 'numa palavra, revolviam-se o tumulto e perseguiam-se as cinzas do homem, para cuja memoria deveria haver mais caridade.

«Que são aquelles, que julgam os sabios?: vil espuma do espirito, que desaparece ante a luminosa vista do genio, pueris pygmeus, que o fogo de Prometteo nunca animou, fracas series de transição entre o instincto e o pensamento, entre as parodias do macaco e a elevação do homem.»

Mais adiante lançava anathema sobre a superstição e a hypocrisia, e dizia a Rousseau: «Vai, ó pobre victima d'estes furores de viboras, vai livre e contente para os campos da morte, e conta ao mundo dos espiritos esta estúpida guerra dos ratos e das rãs.» Era o sarcasmo, o ridiculo em toda a sua grandesa e sublimidade, fulminando os adversarios de Rousseau.

Na ultima collecção de poesias, Schiller publicou d'esta so duas estrophes. Vamos á traducção da ultima: «Nas edades de trevas os sabios morriam. Agora o mundo está esclarecido, e o sabio morre. Socrates foi victima dos sophistas; Rousseau soffre e morre, victima dos christãos, Rousseau, que dos christãos fez homens.»

É a philosophia impia do deismo, que aqui fala pela bocca de Schiller, que se enganava, como se enganava Rousseau: será o melhor dos homens, o que crer nos dogmas e realisar a moral dos christãos. A intelligencia não se degrada, pelo contrario, eleva-se e nobilita-se crendo 'numa religião, que civilisou o mundo convertendo-o. A poesia — *Os Maus Monarchas*, era uma satyra amarga e violenta, em que Schiller verberava sem dó os vicios e os abusos do poder; era um caustico applicado ás suas chagas asquerosas. Esta composição não apparece entre as ultimamente publicadas.

Schiller era republicano; anhelava pela chegada d'uma revolução, que assentasse a sociedade sobre bases mais solidas, e sobre ideas mais racionaes. A França tomára a iniciativa 'nessa obra regeneradora. Rebutára a revolução de 1789: Schiller saudou ebrio de prazer e cheio d'esperança a aurora d'uma era mais feliz para a humanidade.

Bello e imponente lhe parecia o espectáculo d'um povo, que se erguia em toda a sua magestade, para derribar do seu carcomido pedestal a estatua corrupta do despotismo: contemplava com amor os generosos esforços d'uma nação, que, em nome da rasão e da liberdade, aproveitava essa hora por seculos, que a Providencia dá aos povos para se emanciparem.

Não era so Schiller, que, celebrando a revolução, embriagava com os seus cantos a mocidade allemã; era tambem Goethe, Chlopstok — eram todos os grandes exmptores da Allemanha e da Italia: tudo o que era illustre nas sciencias, na litteratura e nas artes, o genio europeu pelos seus differentes orgãos apoiava a revolução e olhava para o futuro. So ficava ao lado do velho mundo a mediocridade, que não comprehen-

dia a revolução e o interesse individual, e o absurdo privilegio, que ante ella iam cair.

A poesia levava com o enthusiasmo a esperança á alma dos povos. Depressa vieram os desenganos; morou logo o horror e o desalento, onde primeiro vivêra a affeição e a esperança por uma revolução, que era inaugurada com os mais bellos e promettedores auspicios. Negras nuvens começaram a eclipsar o astro da liberdade, que, puro e radioso, se levantára no horizonte da França. A republica levando 'numa das mãos a guilhotina, 'noutra o codigo dos direitos do homem, avançava por um caminho inundado de sangue e alastrado de cadaveres. A mais justa e sancta das causas era deshonorada por paixões delirantes e ennodoadas por atrocidades inauditas e crimes execrandos.

Na sua poesia — *O Sino*, Schiller allude a essa epocha nefasta, em que a revolução no seu furor cego e implacavel immolava até os seus mais illustres fundadores, e pagava assim com o martyrio os trabalhos dos que a tinham servido.

Reproduzimos traduzido esse trecho, um dos mais bellos d'esta bella poesia: «Liberdade, egualdade! eis as palavras que retinem nos meus ouvidos. O socegado burquez pega em armas, a multidão inunda as praças e as ruas, bandos assassinos vagam por toda a parte. As mulheres tornam-se hyenas, e fazem do terror um brinco. Com os seus dentes de pantheras, ellas despedaçam o coração ainda palpitante d'um inimigo. Ja nada ha sagrado: o bom cede o lugar ao mau, e os vicios andam soltos. É perigoso o despertar do leão, é medonho o dente do tigre; mas mais terrivel é o homem no seu delirio. Desgraçados d'aquelles, que entregam a este cego eterno a tocha, a luz do ceu! ella não o allumia; mas pôde nas suas mãos incendiar as cidades, devastar os campos.»

Mais tarde um braço poderoso ajudava a França a levantar-se do abysmo, onde a lançára a anarchia. O povo punha na cabeça d'um soldado obscuro a coroa, que nos degraus do cadafalso arrancára ao desventurado Luiz XVI. Cumpriam-se as pro-

phecias, que fizera o genio de Robespierre, lendo no futuro; e realisavam-se as ideas, em que elle se esteiára para combater a guerra, que, pela vez primeira, fôra proclamada. Um general vencedor matava a revolução e assumia a dictadura, que tanto se temêra. A França caía fascinada ante o brilho da espada, em que o genio da guerra escrevia victorias; e lançava-se com um enthusiasmo louco nos braços d'aquelle que dava gloria aos seus filhos. Bonaparte lançava sobre a Europa exercitos conquistadores acobertados com o manto de apostolos da liberdade, quando elles so eram instrumentos cegos d'ambição e vaidade: o seu chefe quebrava ferros e lançava sobre os pulsos dos povos outros mais pesados e dolorosos. Despota hypocrita insultava a liberdade, exercendo em seu nome a tyrannia, que é a mais odiosa das invasões; não eram crusadas de civilisação, eram guerras iniquas de conquista e de oppressão: Schiller revolta-se com a mais justa indignação, vendo violados os direitos dos povos e destruida a sua independencia por um homem, que queria ser o unico tyranno.

Na poesia intitulada — *O começo do seculo XIX*, dá elle um brado d'angustia ao observar o estado da Europa: «Cada paiz deve pesar ouro, diz elle, e como Brenno, nos antigos tempos, o Franco põe a sua espada de ferro na balança dos sonhos»; e 'noutra parte: «A liberdade so existe no reino dos sonhos.»

J. ALVES MATTEUS

AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

(Continuado dos numeros 1, 2, 3 e 5)

A civilisação na aldeia

IX

Saudára assim o prior as suas ovelhas, e 'neste saudar foi segundado pelo capitão, que, retorcendo o seu longo e grisalho bigode, agradeceu com ar prazenteiro e reconhecido á mocidade d'aldea o seu applaudir sincero.

— Boa noite, meus rapazes: ¿então hoje

é dia de festa e de folguedos, não é verdade? Se me não pesassem os annos e os desgostos, se a flor da mocidade se não houvesse crestado prematura pela dor e pelo soffrimento, de bom grado me iria misturar comvosco: hoje, porém, fustigado da má fortuna apraz-me comtudo ver-vos folgar assim, livres de cuidados e maus pensamentos do mundo: 'nisso prazer encontro. Vamos, toca a saltar, que para trabalhar é o dia, a noite para descansar e divertir.

Apenas havia proferido estas palavras, que o povo escudou com attenção e respeito, o riso forçado, que apparentára, apagou-se-lhe nos labios, como raio de luz, que se esvai ao cobrir de espessas trevas: ficou 'numa profunda meditação, como absorto em mil pensares lugubres e tristes; é que n'alma se lhe coava soffrer amargo, que nos mata a alegria, que nos envenena o prazer em tudo... quando o veiu arrancar d'essa especie de lethargo o thio João, com seus officiosos e repetidos cumprimentos.

Adelaide contentou-se em responder aos aldeãos com um ligeiro inclinar de cabeça, e com um sorriso mavioso e angelical, um d'esses sorrisos, que Raphael sabia depositar nos labios da virgem, e ao mesmo tempo limpou uma lagrima, que lhe desliza-sava ao longo das faces, que 'naquelle dia haviam perdido o fulgor e animação, que antes lhes era habitual: o melancholico do seu rosto, o languido e vago de seus olhos revelavam algo de estranho e mysterioso, que o coração sentia, e que o rosto e as feições denunciavam, sem que ella o podesse exprimir ou dissimular.

x

Continuavam as danças e os cantares: os aldeãos alegres folgavam, em quanto que o padre prior, acompanhado dos outros dois personageus e do thio João, que, ignorante do serimoniatico da corte, sabia, não obstante, fazer mui bem as honras da casa, no estylo burguez, subia a escada, que conduzia a um lindo terrasso, onde as rosas principiavam a abrir o seu seio ás brisas de maio. Alli se achavam algumas cadeiras de couro, cujos relevos

representavam algumas, ja mal distinctas, figuras chinezas, e cujos botões de metal embaciado, davam testemunho da sua ja propecta idade.

O padre prior e o capitão tomaram assento em duas d'estas outumanas antiquadas, e que apenas apparecem em casa d'algun lavrador rico, ou fidalgo de pardos pergaminhos, as quaes junctas ao lustre de cristal, ao painel oleado e ao traçado reposteiro servem de apontar á posteridade a honrosa linhagem de seus avoengos. . .

— Sr. Castro, ¡hoje, mais que nunca, vos sinto meditabundo e preocupado!, o que, posto ser-vos habitual, ¡hoje é mais sensível e reparavel!.. ¡vós, que me haveis feito uma narração exacta, eu o acredito, dos vossos acontecimentos e infortunios politicos, que uma sociedade ingrata, não reconhecida ao merito e relevantes serviços de seus filhos, vos deu em galardão!..

— Não são os meus infortunios politicos, que me preocupam; há muito que vos disse, que havia morrido para a sociedade; adormeceu-se-me n'alma o resentimento, e se não se extinguiu o amor da patria, porque deveras a amo, perdou-lhe as suas ingratidões. Para o homem, que comprehende a sociedade e a politica, as impressões d'esta duram por algum tempo, como a leitura d'um romance pathetico, como as scenas d'um drama tragico e arrebatado; e para mim... ¡essas impressões foram mui prolongadas e dolorosas, porque o drama foi tragico e sanguinario! A politica é uma especie de prisma, em que cada epocha, cada homem refracta a sua cor diversa... e essa cor converteu-se para mim em trevas.

— Vejo que comprehendeis a politica e que o vosso pensar, a esse respeito, é tam solido, como verdadeiro o vosso dizer. É um laço traiçoeiro e astucioso, que a sociedade estende a seus membros, que um homem de genio e força de vontade arma a seus irmãos, que teve a felicidade de fascinar ou tornar escravos, para lhes servirem de instrumento d'um capricho, d'uma phantasia, d'uma ambição, até beber-lhes o sangue, se preciso for, e com elle burrificar a face da viuva e do orphão desolado, cu-

jas lagrimas são apenas reaes, que lhe compram ou resgatam as perolas da sua coroa.

O amor da patria é o falso pretexto de saciar ambições pessoas. ¶ Verte-se o sangue de milhares de victimas, lançam-se por terra ou exalçam-se altares á religião, ultraja-se ou engrandece-se Deus, desarreiga-se uma crença e inspira-se, ou antes impõe-se outra, para consolidar ou para minar as bases d'um throno, para onde convergem e aonde visam as ambições d'alguns!..

O sacerdote, ainda que não corre ao combate, nem cruza a sua espada com a espada do seu irmão, porque longe vão epochas de cruzadas e martyrios, porque o seu lutar é com o espirito, a sua arma o evangelho e a palavra de Christo, o campo de batalha o mundo inteiro, os coros da infancia, a cabeceira do moribundo... tambem estuda a sociedade e a comprehendendo: ¶ debaixo d'este crepe sepulchal abriga-se muita mágoa e muito desengano!..

—As vossas palavras são para mim de conforto; inspiram-me uma confiança e uma resignação tam intima, que, por momentos, me julgo feliz; e vós sabeis, que sou mui desventurado... .

—A quem tem a esperança no ceu e os olhos e o coração em Deus nunca faltou resignação e conforto... Mas se os vossos soffrimentos prendem com outra causa, eu posso, quando não aliviar-vos, pelo menos compartilhar a vossa dor; e esta não se torna tam insoffrivel, ainda que amarga, quando a communicamos a um amigo. ¶ Até na dor a amizade tem delicias e encantos! —¶ Mal sabeis como me tem sido boa e proficua a vossa companhia! Mal parece esta especie de declaração entre homens, para quem o tumulto não está longe. Se ha todavia coisa, que nos faça rejuvenecer, que nos resgate annos de vida, é a lembrança d'esses momentos, a recordação d'essas scenas, em que deparamos com um amigo, a quem na mocidade confiámos os nossos innocentes e infantis pensares, um sentimento doloroso, um prazer inivrante, uma esperança, um amor...; ¶ mas para que estas considerações, que não fazem senão

avivar saudades de tempos, que ja la vão?!.. Como vos dizia, os meus pesares e a minha tristesa d'hoje não provêm, como pensais, de asares e infelicidades politicas: de ha muito, que fechei o coração a taes impressões; ha golpes, que nos ulceram mais a alma, do que os despresos e offensas d'essa sociedade, que, debaixo d'um frivolo e malevolo pretexto, nos repelle do seu seio e nos força a aborrecel-a e a condemnal-a.

—O coração d'um amigo, na infancia e na juventude, é um cofre, onde se depositam esperanças do futuro; na velhice, uma urna, onde se sepultam angustias, recordações e saudades do passado.—Um amigo é sempre um bem.

—Bem o sei...

—Pois se o sabeis não ponhais em duvida depositar em mim vossos pesares.

—Ha na vida segredos e mysterios, que se não comprehendem; e quando chegam a penetrar-se não podem ser revelados, quando d'envolta com elles vão segredos de familia...; mas eu não porei duvida em contarvos tudo; ¶ e que ha que não possa confiar-se ao ministro do Senhor, quando elle é como vós?!..

—Como vós me haveis communicado algumas particularidades da vossa vida privada...

—Vós podeis esperar de mim tudo, o que um bom amigo, um bom pai póde esperar d'um filho, que elle ama e que o ama.

—Afeito de ha muito a estudar a phisionomia e o coração dos homens, tenho aprendido a distinguir o riso e a alegria forçada, do riso e da alegria, que o coração impelle aos labios...; e vós ¶ ainda ha pouco, fizestes um exforço, para mostrar rosto alegre e sereno aos meus parochianos!

O capitão soltou um suspiro abaffado, fez um movimento d'angustia, abriu e serrou as palpebras, como para chamar uma recordação, depois continuou:

—¶ Unico amigo, que a sorte me deparou 'neste retiro, onde vim procurar alivio ás dores e amarguras da minh'alma! mui bem sabeis qual tem sido o meu passado...; escusado é repetil-o. Envolvido na tempestade politica de 34, ja preludiada em 20, vi a patria definhar-se em ardentes lides em

guerras fratricidas, para conquistar a liberdade, que os falsos amigos do despotismo, os sectarios da tyrannia pretendiam algemar com as cadeas do fanatismo, da prepotencia e da oppressão. Como sabeis, eu não fui expectador impassivel d'essas scenas de morte e desolação; com as armas arrisquei fortuna e vida para salvar a patria..., desprendendo-me d'uma esposa, que tanto amava, deixando no berço um filho querido... Fortuna, liberdade, esposa e filho... tudo, tudo perdi...; e em paga...

— Sr. Castro!

— Perdi minha esposa e meu filho: não sei se a espada ou as ballas dos inimigos lhes arrancaram a vida; o que sei é que de balde procurei os braços d'uma esposa, a face d'um filho...; tudo me havia sido arrebataado pela torrente politica e devastadora da revolução!..

O suor cupioso lhe enundava a fronte, as rugas se lhe cavavam mais fundas, os cabellos se lhe tornavam hirtos. Como é penetrante e doloroso ver o ancião, a quem recordações de muitos annos acodem ao coração! Como é assustador e terrorifico ver essas lavas dormentes rebentar com força e abalar o espirito e as entranhas!..

— Sr. Castro! não vos entregueis a essas recordações, que vos poem em tam grande agitação, e que por força vos devem magoar muito e muito dilacerar!..

— Muitos annos como perigrino vaguei de terra em terra, de paiz em paiz, para ver se podia encontrar os entes, unicos, que me podiam dar a felicidade; mas foram baldadas todas as pesquisas; e o que apenas pude concluir, foi a verdade amarga de que ja não existem!..

— Se essa é a vossa convicção, procurai esquecer esses males, e orai a Deus por esses entes, que tanto amastes na terra.

— Quando voltei, morto de saudade, ralado de soffrimento, vi o escarro da deshonra cuspidos nos umbraes da casa paterna! Não sei como então não morri de vergonha e pesar... Foi o ceu, que me amparou a vida, foi aquella innocente, que me affastou do abysmo do suicidio, foi muita constancia e philosophia, que afastaram de mim

a demencia! Mancebo em verdor d'annos, com o peito cheio de iras e enthusiasmos, quiz vingar-me, mas o traidor escapou-me; e eu não pude satisfazer a sede de minha alma, e consumir um crime!..

— Mas a vingança é uma paixão vergonhosa, é um crime que o ceu não perdoa!.. Para vingar, — ja está Deus: o seu castigo é severo e imparcial!

— Procurei por algum tempo affogar na sciencia e na philosophia os dissabores da minha vida; mas ella pareceu-me tam esteril e devastadora para o meu coração, como eram as recordações do passado. Por momentos me vi prestes a perder a unica taboa de salvamento, que me restára; a philosophia, pouco e pouco apagando-me n'alma as crenças uma a uma, o scepticismo se appresentava como o ultimo termo do philosopho...

— Nada mais cruel do que essa philosophia fabulosa e arrojada, que, invocando o nome de Deus, procura transferir o seu imperio ao fatalismo...

— Então resolvi retirar-me a esta aldea, onde vivo tranquillo, onde nada me atormenta, a não ser as condições do passado; porém hoje um novo mal se aproxima.

— Qual? dizei-me...

— Sabeis que Adelaide me foi encarregada por sua mãe, a mil rogos, a mil instancias minhas; sabeis quanto me hei esmerado com a sua educação, e em formar, ou pelo menos, em não deixar perder os dotes, com que a natureza a dotára; virtuosa e affavel, carinhosa e boa, me ha acompanhado sempre, e sempre respeitado e amado, como se fôra seu pai...

— Não comprehendo o que possa ter Adelaide com o vosso destino, que não seja feliz e venturoso...

— Eu vol-o explico...

E. GARCIA

(Continúa)

O mau estado de saude do nosso amigo o Sr. Jayme C. Moniz o tem privado de continuar, com a regularidade que desejáramos, o seu interessante romance — *Vicio e Virtude*.

Com o seu completo restabelecimento esperamos porém dar-lhe para o futuro todo o adiantamento, que reclama o seu interesse.

V. DA SILVEIRA

VICIO E VIRTUDE

(Continuado do numero 3)

Recordação e esquecimento

Assi como o rayo de fogo vindo pelo ar he fermoso e resplandecente, mas queyma e destrue, quãto acha diãte: assi a corporal fermosura, em se vendo, contenta os olhos dos enganados mortaes, desalétados em sua vista, mas queyma e abrasa-lhe os corações e cega-lhe o juizo.

Fr. HECTOR PINTO, *Dialogo dos verdadeyros e falsos bens*, c. v.

II

Depois das costumadas scenas de despedida, Luiz safa da aldea. Necessidade imperiosa o obrigava a deixar a mulher, que nelle via toda a felicidade, e a filhinha, que era, permitta-se-me que assim eu diga, porção da alma de Luiz.

Uma separação d'estas é acto solemne da vida, que se effectua em momento de intensa angustia; traz graves receios, lembranças tristes, porque ninguem sabe, se o adeus de despedida importará ausencia sem limites! Felizes dos que após o apartamento se tornam a ver, ainda quando mui tarde!

Depois de poucas horas, Luiz havia embarcado para Lisboa, onde esperava encontrar justiça para os seus feitos de valor, galardão devido em troca de serviços feitos em campo de batalha, á custa do proprio sangue a pro da patria.

Accompanhava-o um amigo, que a Lisboa se dirigia tambem.

Favoravel era o vento, e a ligeira prôa bem cortava as salsas aguas. Triste, encostado á amurada, a cabeça descansada entre as mãos, os olhos fixos para as ondas, Luiz parecia qual estatua, fatalmente presa pela inercia da materia á posição em que a collocára a mão do esculptor.

Cuidar-se-hia que o enjôo, amargo e feio, o retinha 'naquella postura. Todavia, quem tal julgasse, enganava-se; a materia não soffria em Luiz,—a dor era toda no espirito: porventura o comprehenderão cedo alguns que antes nem sequer o imaginariam.

—Pareces summamente enjoado, disse o amigo de Luiz, dirigindo-se para elle:—

passas mal no mar? Este desviou-se um pouco da attitude em que estava, mas não responder; apenas lhe saiu dos labios sorriso, que a certas perguntas costumam soltar os que estranham lh'as faça alguem, que tinha rasão para as não fazer. Pouco depois Luiz chorava.

—Saudades! tornou o outro: tambem eu ja tenho saudades d'aquella linda terra, que se nos vai desaparecendo; de meu pai, de minha mãe, de irmãs que la deixo!.. mas um dia, virá um dia, tenho aqui, no coração, uma esperança, bem esperança, em que, mais feliz do que hoje, os hei de tornar a ver. Quando vinte annos de nossa existencia têm passado, cumpre não ser pesado á casa paterna, e ir para ella buscar fortuna.

—Saudades! saudades tenho eu d'alguem que ja partiu d'este mundo! Se te não respondi, se choro, é porque, como sabes, em vez de ir encontrar, na terra a que me dirijo, carinhos de mãe e affectos de pai, hei de achar-me so com duas sepulturas. Triste e pesada é a vida, quando assim nos obriga a procurar sitio que nos afflige, por nos terem sido roubados 'nelle os objectos mais queridos do coração.

Na terra ¡so me resta um parente! Eu e elle somos os unicos descendentes, que vivem, d'uma familia numerosa, mas infeliz, resumida agora apenas em nós ambos. ¿Devo estar alegre?.. Eu sou o que sinto toda a dor d'esta desgraça!

—Não penses em tal; —o passado, passado —; lenitivo que, ordinariamente, o afflicto por taes circumstancias costuma receber dos que o pretendem consolar. Todavia, *pouco sabe da tristesa, quem diz ao triste — que se alegre.*

Pouco depois separaram-se, cada um caminho do seu beliche.

Por cinco dias havia desaparecido a terra, quando uma manhã Luiz começou de lubrigal-a.

Dirigindo-se a um dos marinheiros, perguntou-lhe se não divisava la no horisonte o ponto para onde caminhavam.

Em segredo, não sei porque, respondeu-lhe o marinheiro:—é terra, temol-a ja á vista.

Luiz procurou logo o seu amigo, e deu-lhe a boa nova.

Como é bello e agradável ver a pouco e pouco tornar-se maior, e adquirir novas formas a sombra, que a vista aguda e costumada do nauta o leva a dizer: — *¡é a terra!*

Bem depressa a noticia se espalhou pelos passageiros, e com ella natural alegria. ¡Luiz era o unico, que, com a vista ordinariamente lançada na direcção da proa, parecia insensível a tanta belleza!

Cedo o lenho cortava as aguas, que correm entre os dois famosos cabos da Roca e do Espichel, os quaes, arrostando as ondas, vêm até alto oceano como que a convidar para a entrada as embarcações, indicando-lhes ao mesmo tempo, que o caminho é por alli.

Passadas algumas horas *Lisboa apparecia* altiva e soberba, espelhando-se no seu Tejo, 'neste rio tão famoso, cujas margens são por tal maneira inspiradoras, ¡que não sei eu possa haver quem se não sinta elevado ao vel-as!

Correm barcos para proximo do navio; alegres todos os que 'nelles vêm, a não ser o rude catraieiro ja insensível aos signaes de amisade e prazer, que se patenteiam nos semblantes, dos que apos longa ausencia se encontram alfim.

Luiz volvia, por vezes, os olhos para a terra da patria, para Lisboa, que o vira nascer: divisava-se-lhe no rosto espontanea mas breve alegria, apos a qual vinha uma como tristesa, a que os homens costumamos chamar indifferença, ¡talvez a mais intensa, porque se não traduz em lagrimas e gemidos, que consolam a alma, porque é dor de tal influencia 'nella, que a enerva e lhe rouba todo o lenitivo! 'Neste estado o veiu despertar alguem que, de dentro d'um barco, soltou, alto som, o nome ¡Luiz! — ¡Paulo! respondeu logo Luiz, sem prestar attenção ao que o chamava; e em breve tempo, apertado abraço ligava os dois que, os laços de sangue, e certa inclinação que, naturalmente, os que soffremos, temos pelos que soffrem tambem, haviam tornado amigos ja d'outr'ora.

— Cuidei ouvir a tua voz; sabia que me devias vir procurar.

— ¡Ja de ha muito que ambicionava esta occasião, e supuz até que hontem teria o prazer de te abraçar, e tornar a ver!

Ha pouco, um catraieiro a quem eu havia incumbido de me vir annunciar logo a entrada do navio, encontrando-me ao Arsenal, deu-me tam agradável noticia. Apenas aqui cheguei, conheci-te, o que não era difficil, porque estás exactamente o mesmo; nem a mais leve mudança em ti se operou: ¿ quantos dias de viagem?

— Cinco, passados não sei como, Paulo.

— ¿ Que tempo te demoras em Lisboa?

— Quinze ou dezeseis dias, como te disse na minha ultima carta.

'Neste dialogo estavam os dois, quando rustico barqueiro começou de vozear: — ¿ Vossê não vem d'ahi? dirigindo-se a Paulo: — ¡estou a perder fretes! Isto são dos de ca e basta!

Porventura o leitor extranhará este tratamento de vossê; cumpre porém saber, que similhante qualificação é um mimo, que os catraieiros do Tejo têm sempre prompto para qualquer, que chega ao bello porto da nossa bella capital.

Era impossivel resistir ao polido barqueiro, a quem o interesse instigava, por que fosse pôr em terra o fardo (denominação tambem commum na civilidade d'aquelles interessantes individuos), que o demorava.

Luiz aprestou-se para partir, e dirigindo-se ao seu amigo e companheiro de viagem, com quem largo conversára durante esta, despediu-se d'elle dando-lhe ao mesmo tempo o nome da rua onde ficava a morada de Paulo, com o competente numero.

Em seguida Paulo e Luiz accedendo ao ardente desejo do catraieiro, foram caminho de terra, e ás cinco horas da tarde estavam em casa.

¡ Como é agradável voltar á terra da patria, quando alguma cousa ahí não ha, que nol-a torne menos cara!

Tudo nos parece bello; ¡ bellas ainda as coizas, para que antes olhávamos com desdem, por nos parecerem destituidas de todo o attractivo!

¡ É que, se apos havermos pisado um solo alheio, tornamos ao que nos viu nascer, ao

que é nosso, conhecemos pela saudade que sentimos 'naquelle, todo o valor que este encerra!

Era porem admiravel o que se passava em casa de Paulo por esta occasião.

Apos tal ou qual alegria, elle e Luiz haviam caído em profunda tristeza; alguma coisa os identificava no sentir.

Aquella apparecera quando no espirito dos dois dominou a idea de que apos ausencia, se não longa, amarga ao menos para amigos, se achavam junctos outra vez; esta viera com a triste recordação da falta d'algum, cujo prazer seria indefinido, ao vellos alli de novo.

Lembraram-se de seus pais, que dormiam este somno, cujo acordar a religião, a rasão e as condições da vida nos asseguram, mas acordar, que Deus e so Deus sabe quando virá.

No dia seguinte ao do desembarque, os dois encaminharam-se, ¡mal cuida o leitor para onde!.. Paulo, a instancias de Luiz, accompanhou-o ao cemiterio do alto de S. João. De casa até alli mal soltaram palavra. Comprehende-se este proceder.

Ao entrar porem 'naquelle lugar, povoado por ossos e caveiras, Luiz rompeu o silencio. — ¡Estranha coisa!: o orgulho e a soberba manifestam-se aqui, onde todos se egualam pelo po, em que se tornam! ¡Tantos mausoleus, tantos monumentos, tanta vaidade! ¡Sorrio-me d'elles por serem a expressão de vãs tentativas contra um de nossos felizes condões, escripto por Deus no seio da humanidade! — Monumentos e-mausoleos, accrescentou Paulo, com seus letreiros e epitaphios hão de acabar igualmente. Quando o cadaver tiver apodrecido, quando se tiver tornado terra ou po, o monumento ficará talvez de pe; mas a mão gastadora do tempo ha de obrar tambem sobre elle; postoque lentamente, ha de procurar fazel-o cair, ha de consumir-o: os homens podel-o-hão ir successivamente renovando, mas 'neste caso á ruina succederá a reedificação, como á reedificação succederá a ruina, até que em um dia um dos termos da serie seja o derradeiro. ¿Qual sera?

Os dois que caminhavam para o lado do

cemiterio, opposto á porta d'este, conversavam d'esta sorte, quando Paulo parou repentinamente.

—! De joelhos, Luiz!: repousa 'neste lugar aquelle que tanto te estimou, e que tu deixaste pela guerra! Paulo cahiu de joelhos, Luiz seguiu o exemplo. Por alguns momentos alli reinou profundo silencio: ambos resaram, um por seu pai, que jazia preso ao chão da morte; outro por um parente, qual pai tambem, cuja mão benevola nunca recusára estender-se-lhe. Depois caminharam para diante.

Pouco haviam andado, quando Luiz de novo se prostrou de joelhos: copiosas lagrimas lhe corriam dos olhos, a vertel-as costumados: tremiam-lhe os labios como tremem os de quem, com fervente oração, roga a Deus por alguém, que d'este mundo se foi. A Deus rogava Luiz por seu pai, por aquella alma, cujo peregrinar 'neste mundo fôra continuado acto de bondade e amor para com elle.

Era uma occasião de não fingida angustia, triste como costuma ser tudo aquillo a que a morte dá lugar, ¡triste, como póde avalial-o quem ja teve a desventura de encontrar-se nas mesmas circumstancias de Luiz! ¡Oxala, que vos assim não tenha succedido, leitor, quem quer que se jais!

No meio de todo aquelle tormento, dos labios de Luiz saíam apenas estas palavras. «¡Quem me dera poder abraçar este chão! tel-o sempre juncto de mim, aqui juncto de meu peito! ¡Mas até isto é impossível!»

Com alguma difficuldade, Paulo conseguira arrancar Luiz de sitio tam propicio á dor; durante o caminho para casa, gastou o tempo em consolação e lenitivos, para distrair Luiz das ideas tristes, que lhe suggerira a entrada no cemiterio. A pouco e pouco foi conseguindo-o.

Observa-se, que as dores intensas do espirito, acodem por momentos, e cedem com facilidade. É um mysterio, cuja explicação fica a cargo dos philosophos; ¡la se avenham com elle!

Á noite Paulo conduziu seu primo a um sarau, que tinha logar em casa d'uma fami-

lia conhecida por ambos de ha muito tempo.

O que o leitor por certo não espera agora, e o que o ha de fazer scismar ácerca da alma de Luiz, é que este, encontrando alli uma moça, sua predilecta d'outr'ora, por extremo bella, passára boa parte do tempo fazendo-lhe protestos d'amor e juramentos de fidelidade! Havia perjurado duas vezes!

Nunca mais se lembrára d'aquella por quem de certo modo viera a Lisboa; a lembrança d'ella e da filhinha nem lhe apparecêra ao espirito, qual consolação doce, nos momentos em que este luctára com a dor! Que havia pois na alma de Luiz para Maria?

Não a saudade, mas o esquecimento apenas. Advinhára o coração presago da infeliz mãe de Mathilde.

JAYME C. MONIZ.

(Continúa)

Maximas, pensamentos, etc.

No calçado das mulheres está resolvido um problema, julgado insolúvel:—fazer que o conteudo seja maior que o continente.

A. KARR

A opinião publica costuma olhar a virtude, como uma dama, que se gosta pouco ver frequentemente, mas com quem não convem interromper as relações, e que se deve portanto honrar, de tempos a tempos, com um bilhete de visita.

E. SOUVESTRE

A UM POETA

Na sua despedida para Roma

Mais malgré tes malheurs, pays choisi des Dieux,
Le ciel avec amour tourne sur toi les yeux.
Quelque chose de saint sus tes tombeaux respire,
La foi sur tes débris a fondé son empire.

LAMARTINE

Vai, ó Bardo harmonioso,
Á terra das tradições,

Imbeber-te em poesia,
Receber inspirações:

Vai á Italia, a essa terra,
Onde o sol mais amoroso,
Tarde a deixa, e volve cedo
A visital-a saudoso;

Onde o ceu é mais azul,
As brisas mais perfumadas,
As scenas da natureza
Mais bellas, mais encantadas.

Vai-te. ó Bardo, vai a Roma
Á rainha desthronada,
Sem rival em sua queda,
Inda do mundo acatada:

Vai sobre a cinza d'heroes
Contemplan o nada humano,
Nas estatuas mutiladas
Imaginar um romano;

Visitar as catacumbas,
Esse recinto sagrado,
Onde o nosso culto sancto
Dos tyrannós foi guardado.

Vai; e essa alma de poeta,
Que abafada aqui respira,
Em hymnos la se desate,
Tropheus colha para a Lyra;

Saudosa de la nos mande
Inspiradas melodias,
Os hymnos religiosos,
As suaves harmonias.

Vai:—adeus: mas não te esqueças
D'esta patria abençoada,
Outr'ora rica d'heroes,
Tambem por Deus bafejada:

Não te esqueça a tua Coimbra,
Nem seus campos tam formosos,
Nem o Mondego encantado,
Nem teus amigos saudosos.

(F.)

A BRANCA

(Extracto de Zorrilla)

L'aube nait et ta porte est close!
 Ma belle, pourquoi sommeiller?
 A l'heure où s'éveille la rose
 Ne vas-tu pas te réveiller?

Victor Hugo

Acorda tu, minha Branca,
 Que ja desponta a manhã,
 Ligeira e toda risonha,
 Toda brilhante e louçã:

Acorda, que ja seu canto,
 Seu doce canto de amor,
 Solta alegre o rouxinol
 Dos ramos entre o verdor.

Acorda, Branca formosa,
 Vem estes bosques fitar,
 Matar d'invejas o campo,
 Fazer a aurora corar;

Ver como tudo desperta
 Á luz do doce arrebol,
 Ostentar-te magestosa,
 Mais brilhante do que o sol.

Aqui ha macios leitos,
 Que a branda relva formou
 Ao rouco som da fontinha,
 Que dos oiteiros baixou.

Aqui doidas borboletas
 Divagam doidas de amor;
 Aqui recendem perfumes,
 Gratos aromas da flor.

Aqui borbulham arroios,
 Aqui se pode escutar
 Ao doce impulso das auras
 Estes ramos ciciar.

Tinge o sol as cumiadas
 D'aquelles montes d'alem,
 Que a noite de fresco orvalho
 Tinha coberto tambem.

Todo o bosque é riso, encanto,
 Paz segura reina aqui;
 Desce, ¡oh! desce, minha pomba,
 ¡Que o ceu todo te sorri!

Abril — 1853

A. A.

NO ALBUM D'UM MEU AMIGO

(Que me pediu para escrever, com referencia a um
 passaro bordado na mesma folha, em que eu escrevi)

¿Queres tu que 'nesta folha
 Va meus versos escrever,
 E fazes tu mesmo a escolha
 D'aquillo que hei de dizer?
 ¿Queres tu que com aquella ave
 Renhido cavaco trave,
 Ácerca do seu folgar?..
 Porém, ¿como? ¡se ella é muda,
 E em Coimbra não se estuda
 Curso do abbade Sicard!..

Vou-lhe falar por acenos...
 Mas... nada... ¡não me entendeu!..
 ¡Stá visto!.. que nem ao menos
 Do poleiro se moveu!..
 De lhe falar pois desisto,
 Que me não entendo com isto
 Por mais voltas que lhe dê;
 Ja digo: não tenho estudos
 P'ra falar com surdos-mudos,
 Que ensina o abbade L'Epée.

Se pois não falo com elle,
 Porque o não posso entender,
 Passo a falar-lhe na pele
 P'ra ao teu pedido acceder:
 Direi das aves primeiro
 Um cavaquito ligeiro
 D'ellas todas em geral;
 E depois especialiso,
 Fazendo-te o meu juizo
 Ácerca d'este animal.

Pertence á orminthologia
 Das aves a descripção...
 Tu porém de zoologia
 Dispensas a prelecção...
 ¡Desculpa!.. tem paciencia!..
 ¡São arrotos de sciencia
 Que á bocca ás vezes me vem!
 E em me dando tal doença,
 Não ha nada que me vença,
 ¡Não me atura então ninguem!..

Basta dizer-te somente,
 Contra o que pensam alguns,

!Que ave e passaro é diferente,
 Como pardaes e peruns!..
 E em sciencia aqui me fico,
 Sem tornar a abrir o bico,
 Para te não maçar mais.
 —D'aqui tiramos um lemma...
 Quero dizer... o emblema,
 Que exprimem taes animaes...

As aves dizem amores
 Nos seus gorgeios gentis;
 Exceptuam-se as maiores,
 Como o melro e a codorniz;
 Mas pequenos passarinhos,
 Dos que se veem pelos ninhos,
 Symbolisam sempre amor;
 Mas, note-se a circumstancia,
 !Que são symb'lo de inconstancia,
 Saltando de flor em flor!..

De taes generalidades
 Descendo ao particular,
 Infiro duas verdades,
 Que não tens que duvidar:
 A primeira é, que o alado
 'Naquella folha bordado
 Terno amor dizer te vem;
 Mas quasi que te asseguro,
 Que talvez, para o futuro,
 Diga inconstancia tambem.

Se, pois, não queres escasso
 O prazer que elle te dá,
 Ve se lhe arranhas um laço
 Em que, preso, se não va;
 E até mesmo lembro um meio
 P'ra que possas sem receio
 Amor constante fruir:
 —Faze gaiola do peito,
 Que assim, á prisão affeito,
 !Não buscará mais fugir!..

1858

A. M. DA CUNHA BELLEM

Charada

Sou de fôrma feminina,
 Artigo e proposição: } 1
 Assim tratar eu costume }
 Meu amigo, ou meu irmão: } 1

Accusada d'assassinio
 'Num navio me pozeram,
 La no fundo—'num cantito: } 1

Com metade so da casa
 Fiquei inda mais pequena,
 Do qu'a asa d'um mosquito. } 1

Eu abranjo a terra e os ceus,
 Existo nos animaes:
 Valho tanto como Deus...
 Em tudo emfim me encontrais. M. I. L.

N.º 7.º — Condeixa.

EXPEDIENTE

Pedimos encarecidamente aos Senhores Assignantes — que queiram satisfazer a importancia das suas assignaturas, pelo modo que ja indicámos, e com a brevidade, que lhes for possivel; visto que o atrazo no seu pagamento importa a não consecução do fim, que nos propozemos, e, o que é mais ainda, o *emporamento* de circumstancias, que procurámos melhorar por sua philanthropica intervenção.

Devemos lembrar tambem, que o pagamento da importancia de cada trimestre deve ser feito adiantadamente, no acto da assignatura; a fim de que possamos effectuar, como se nos exige, o pagamento das despesas feitas com o papel e a impressão de cada numero, que vai saindo.

V. DA SILVEIRA

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; Porto — Sr. Jacintho Antonio Pinto da Silva; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Bragança — Sr. Antonio Caetano d'Oliveira Furtado; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno 1\$240	Anno 1\$400
Trimestre 360	Trimestre 450

Não assignantes: n.º 1.º a 6.º, contendo uma polka para piano e um grupo de estudantes: com estampilha — 660 réis, sem estampilha — 600 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

A FAMILIA E O PADRE

(Continuado do numero 7)

II

Em todas as mudanças e transformações successivas da *familia* ha um ser occulto, mysterioso que a vigia e acompanha em todos os seus passos, que exerce 'nella uma influencia invisivel, mas prodigiosa: —é o *padre*.

¿Será essa influencia um bem? ¿Será um mal, um elemento de discordia? Póde ser tudo isso; o que o *padre* não é, não póde ser, em relação á *familia*, é uma entidade indifferente.

Michelet, que, ao espirito philosophico e indagador de Montesquieu, reune, em grau mais subido ainda, a imaginação phantastica, sonhadora de V. Hugo, viu no seio da familia não sei que divorcio espiritual, não sei que desordem séria e profunda. E que no recinto sagrado, onde se acolhe a *familia*, existe, segundo Michelet, sempre um logar occulto, e como que predestinado, que é sempre occupado por personagem sinistro, que é o invejoso do marido e seu inimigo secreto.

E esse personagem, que assiste a todos os banquetes e que se intromette occultamente, mysteriosamente em todos os gosos da familia, é o *padre*, a quem Michelet, no seu livro — *Du prêtre, de la femme et de la famille*, define e caracteriza do seguinte bem significativo modo: «Porque nós espantaremos d'este estado (o da desordem) da *familia*? nossas mulheres e nossas filhas são ensinadas, governadas por nossos inimigos... (os *padres*). Inimigos do espirito moderno, da liberdade, do futuro...

Nossos inimigos, repito, 'num sentido mais directo, porque são os *invejosos naturaes do casamento e da vida da familia*.»

Não é uma reforma parcial, que Michelet nos indica; não são os abusos d'esses *padres mercenarios, avidamente especuladores, d'esses mais propriamente arlechins tonsurados, que elle stygmatisa; não é uma sequer simples ou mesmo profunda modificação no celibato, ou sacramento da penitencia (dupla immoralidade, em que repousa o sacerdocio, segundo Michelet), que elle nos propõe, como remedio aos males, que elle quasi sonha no seio da familia, provenientes da influencia e ascendencia, que o clero ahi tem.*

Não é so isto; 'nestas proporções, o livro de Michelet seria uma repetição inutil, porque seria um capitulo de mais, um como appendice ás obras de Voltaire e Diderot, no seculo xviii, mesmo ás de Luthero, no seculo xvi, sobre o mesmo assumpto.

Mas Michelet vai mais longe. E ¿porque não? A aguia, quando deixa o ninho, mostra-se sempre altiva e arrojada nos seus voos; o genio, que conquistára um prestigio immorredouro, escrevendo a — *Historia da França, a Historia Romana, etc.*, não podia revelar-se de novo 'numa obra, que fosse apenas um logar commum, que visasse a uma simples modificação na instituição do sacerdocio.

E Michelet não quiz so isto.

Emille Saisset, escrevendo em 1845, na *Revue des Deux Mondes*, a critica do livro de Michelet, resume em poucas palavras o pensamento do auctor: — «Qual é, diz elle, com effeito, o fundo, a essencia do livro de M. Michelet? Em poucas palavras eil-o: — a direcção espiritual na Igreja Catholica

(¿porque não dizer na *Egreja Christã?*) tem por fim directo e effeito necessario diminuir, enfraquecer nas almas, e abolir completamente, radicalmente, toda a actividade, toda a vontade, toda a liberdade.»

Ve-se pois que o livro de Michelet é a expressão d'essas luctas apaixonadas, que o tempo não pôde ainda destruir, e em que o espirito de seita se revela e traduz em cada periodo, em cada phrase; luctas perigosas, e onde reciprocamente se sonha uma incompatibilidade, um antagonismo entre a philosophia e o christianismo ou religião.

Nada, porém, mais facticio que esta opposição entre a philosophia e a religião.

Mas não dissimulemos: ella existe, e systematica, e rancorosa, e partidaria, e exclusivista. Quando tocar o seu termo, a sociedade terá conseguido um grande incremento de perfeição, a fraternidade terá realisado um progresso.

¿Qual é porém a causa d'essa lucta, d'essa rivalidade entre estes dois poderes, que deviam marchar unidos e harmonicos — a philosophia e a religião?

Forcejaremos por attingil-a, resumidamente, e so quanto baste ao nosso proposito.

Houve um tempo (e longe vai elle felizmente), em que o ministerio espiritual era um exclusivismo do clero: — foi o tempo, em que o poder patriarchal absorvia a familia, e esta, perdendo a sua individualidade, se confundia no municipio; foi o tempo, em que tudo isso, chamado governo, garantias sociaes, etc. estava substanciado 'num so elemento — a monarchia pura.

Era uma servidão do espirito humano, filha das circumstancias, mas que não podia subsistir indefinidamente.

Veiu o seculo xvi com todas as suas luctas turbulentas e sanguinarias; mas, ao menos, conseguiu-se em resultado a emancipação do espirito humano. A philosophia foi pois adquirindo terreno e dilatando a esphera do seu dominio.

O clero, que não queria perder as suas *immunidades e sanctas regalias*; que pretendia arrogar-se o direito exclusivo de mi-

nistrar o pão do espirito, via com animo insoffrido o impulso do espirito humano; quiz oppor-lhe um dique, cortar-lhe os voos, e reagiu.

¡Debalde! O espirito não se comprime, não se governa. — *Ubi spiritus, ibi libertas.*

O clero mereceria mais louvor, se accompanhasse o seculo, sem transigir com os seus abusos, se reagisse, mas so contra estes, que os houve, e não foram poucos.

Este movimento tumultuario do seculo xvi, serenando pouco e pouco, ultrapassou os limites da prudencia e da justiça no celebre seculo xviii; tocou mesmo o excessso, desvairou-se.

Não houve instituição, justa e sancta que fosse, que não succumbisse aos pesados golpes do camartello revolucionariamente reformador, como se entre as instituições e os desvarios dos homens houvesse a menor solidariedade.

O vento das revoluções assoprôu então rijo e aterrador, como rajada de septentrião em noite de medonha tempestade; e, como esta, deixou apos si um campo alastrado de ruinas, testemunho vivo para o viandante, de que por alli tinha andado o genio da destruição, em todo o seu furor vertiginoso e desapiedado.

Se foram justas represalias ou um mal necessario, Deus o sabe.

É certo que, debellando-se um abuso, cahiu-se 'noutro: alluindo-se a servidão em seus alicerces, não se evitaram os excessos da licença, servidão mais terrivel, porque é cega, liberticida, desesperada.

Arrogou-se portanto a philosophia, ao contrario do que acontecia antigamente, e como era de esperar 'nestes excessos, a missão exclusivista de exercer o ministerio espiritual, de evangelisar; e o *padre* foi expellido do altar e do templo, porque o altar e o templo foram feitos pedaços. Reduzida assim a religião a tam tristes e acanhadas dimensões, sem symbolo, sem exterioridade, o *padre*, em consequencia, reputou-se um ser inutil e mesmo prejudicial. Não era de estranhar; havia ao menos coherencia. E até porque, sustentando-se o absurdo principio de que o zelo religioso se enfraquece ao passo que a sociedade

augmenta em luzes e poder, a existencia do *padre* seria um embaraço, um estorvo a esse celebre progresso anti-religioso. A revolução teve o cuidado e a providencia de o exterminar.

Inutilmente, porque nada ha mais faccioso, diz Tocqueville, nem mais contrario aos factos, do que tam absurda theoria.

A roda do tempo, em seu giro constante e fatidico, tinha realisado a sua ultima evolução, para de novo começar.

A tormenta foi manso e manso aquietando-se, e á noite escura, d'um brilho sinistro e pavoroso da revolução, das luctas freneticamente subversivas, succedeu o dia bonançoso da pás, resplandecente de fulgores.

Appareceu em fim o seculo XIX. Mas não nos illudamos. Se a pás não é hoje um rotulo, um symbolo apenas, mas uma responsabilidade, um calculo, um systema, nem por isso os povos têm renunciado de todo a esse meio desesperado, ultima providencia dos governos, chamados *fortes*—*a guerra*.

Mais d'uma vez se tem preferido *a guerra com as suas conquistas, á pás com os seus beneficios...*; e hoje o horisonte apparece cada vez mais carregado e escuro, como que vaticinando a imminencia da catastrophe... |Embora! É certo, porque todos o vemos, que o seculo condemna esses combates sanguinarios; e os subterfugios e subtilesas, com que se procura dissimular, cohonstar mesmo qualquer animo hostil, é uma prova irrecusavel, de que os verdadeiros principios não são desconhecidos, e o que é mais—que elles ja imperam.

As paixões, comtudo, os excessos, os abusos, não sei por que lei insondavel da Providencia, são de todos os seculos, de todos os tempos, e de todas as cousas e logares. Robespierre e Danton subiram os degraus do cadafalso, foram guilhotinados; |e davam-se vivas á liberdade!

Luiz XVI teve a mesma sorte; |e o povo, ebrio de sangue, entoava hossanas á liberdade!

Vergniaud, esta alma grandiosa e pura, no meio do ambiente corrosivo da exaltação e do vicio, la foi amarrado ao cepo do

algoz; e o povo applaudia, |e a liberdade tinha conseguido um triumpho, dizia-se!

Demoliram-se os templos e os altares; |e era em nome da philosophia!

Não houve apodo e injuria, que a religião não soffresse; |e era tudo philosophia!

Proclamou-se a não existencia de Deus; |e era ainda em nome da philosophia!

Não foi so isto.

Alevantava-se um novo poder, compacto, e terrivel em seus intentos.

|Era ainda um espectro, phantasiando, nos seus sonhos de demonio, um futuro de delicias, d'aquellas que as furias do inferno soem saborear!

E depois |o espectro foi uma realidade! E a liberdade de consciencia, a tolerancia religiosa—o ser rico—|era tudo um crime!

A mulher ficava viuva, o filho orphão, o amigo isolado, |porque as chammas da fogueira tinham devorado o marido, o pai, o amigo!

O rico ficava proletario, |porque as fauces da hydra engoliam tudo, ouro e sangue!

E |era tudo em honra, dizia-se, dos venerandos nomes da religião, de Deus!

Tudo isto, que ahi fica dito, se practiou. Onde, quando, e por quem, |que nos importa? |Não é verdade, que o abuso é, desgraçadamente, de todos os tempos, de todos os logares, de todas as coisas?

Quando porém esses excessos eram, por assim dizer, a lei da sociedade, um accordo entre a philosophia e a religião, entre a *familia* e o *padre* era impossivel. Ou antes—a influencia do *padre* na *familia*, 'num estado social, assim constituido, não podia deixar de ser um mal, antes que um bem.

|Vêde agora! O fanatismo em philosophia, em politica, em religião é sempre o mesmo fanatismo—|cego, rancoroso, alimentando-se de sangue e odios!

Felizmente, se uma ou outra vez estas enfermidades do espirito se manifestam, na pugna litteraria e scientifica, tendencias visiveis para um fanatismo *practico*, é inquestionavel, que as luctas pacificas e civilisadoras do raciocinio têm substituido o pugilato da injuria brutal e grosseira.

A accusação ao seculo 19, de J. de Maistre, de que o *seculo 18 ainda não acabou*, não é exacta em toda a sua extensão, se bem que póde aqui dizer-se com E. Pelletan: — *Dans la vie d'un peuple, le passé a toujours une part d'action sur le présent.*

Mas a lucta ainda existe, e os partidos definem-se e estremam-se.

O papista exaggerado J. de Maistre, o violento e desgraçadamente celebre Lamennais, a quem a critica aguda de Mircourt tam pouco indultou, Bautand, Lacordaire, etc., constituem esse partido, em que a philosophia é tratada com severidade injusta e immerecida. São os chamados, pela eschola adversaria, ultramontanos, reaccionistas, etc., etc.

A philosophia, em justo desforço, e como exercendo direito de represalias, entra no combate com animo, não menos partidario, e vai muitas vezes até á irreligião. E assim a philosophia, a liberdade e a religião continuam desunidas e em divorcio.

Não ha questão religiosa, que não esteja associada com uma questão politica mais ou menos; e aqui, bem o sabemos, são antes os rancores politicos, que se gladiam. Philosophia, religião, liberdade são palavras sagradas, de que a politica odienta e interesseira lança mão para encubrir seus ruins intentos.

Por ultimo, antagonismo entre a philosophia e religião não póde, não deve existir; e se não ha sociedade, que não haja mistér d'um ensino espiritual, é á união harmonica e fraternal d'estas duas potestades, que está reservada esta nobre e util missão. E, em verdade, o ministerio espiritual, exercido somente pelo *padre*, far-nos-hia retrogradar á idade-media, teriamos os inconvenientes, talvez horrores da theocracia; entregue tambem so ao dominio da philosophia, teriamos os perigos do seculo 18.

É portanto necessario, que estes dois poderes docentes e civilisadores marchem unidos.

A religião não é apenas um sentimento; é um corpo de doutrina, uma instituição tambem. D'aqui o direito e a necessidade

de ensinar, de proclamar os seus principios, as suas virtudes. É a justificação da existencia do padre. *A familia e o padre*, — eis pois dois elementos necesarios na sociedade.

Mas quaes as condições, a que o sacerdocio deve estar sujeito, para que o *padre* não seja um inimigo da *familia*, como quer Michelet, mas seu amigo desinteressado e verdadeiro?

Vel-o-hemos no capitulo seguinte.

(Continúa)

EDUARDO J. COELHO.

LAGRIMAS E FLORES

POR

J. PINTO RIBEIRO

(Continuado dos numeros 7 e 8)

III

As *Lgrimas e Flores* são uma collecção de trechos lyricos, onde o harmonioso do verso se casa com o vigoroso do pensamento; — onde o depurado da locução rivalisa com o admiravel das descripções.

A variedade de assumptos, que se observa 'naquellas poesias, dão a conhecer até á evidencia a fertilidade do estro do auctor. Dotado d'uma imaginação poetica em toda a extensão da palavra, Pinto Ribeiro passa, sem traír a naturalidade dos affectos, do melancholico ao jovial, do severo ao florido, das lagrimas ás flores, com tanta facilidade e successo, que espanta e arrebatá. ¡Que differença entre a singelesa e brandura da poesia — *A uma rosa* — e a vehemencia e altivez da ode — *Veterano e Mendigo!* — ¡Que contraste entre o tom triste e doloroso da — *Saudade* — e as fórmás eroticas e voluptuosas do *Meu Carnaval!* Umás vezes parecer-vos-ha, leitor, ouvir a voz potente de Lablache, outras o canto melodioso de Tamberlick.

Um dos vicios mais salientes das poesias d'alguns dos nossos vates era e é a monotonia, que 'nellas reina do primeiro ao ultimo verso; qual pinta-se sceptico, descrente e duvidando até de si proprio; qual se

lamenta victima do amor da beldade, que o despresa, e cujo invariavel retracto é sempre feito com alabastro, coral, marfim, ebanho... ¿que sei eu? As lyras em segunda mão eram desferidas incessantemente no mesmo tom; os seus sons não podiam em breve deixar de se tornar hibridos e dissonantes. Em Pinto Ribeiro não é assim; nos seus versos tambem se canta, é verdade, um amor desditoso, tambem se mostram angustias, tambem se derramam lagrimas, mas são lagrimas, que se tem a convicção de ter corrido pelas faces do poeta; as dos outros são lagrimas de carpideira, que elles inventam, para ter assumpto sobre que escrever algumas linhas rimadas. É que as flores de Pinto Ribeiro são de sua lavra, tinha-as colhido elle 'naquelle momento no seu jardim poetico, e conservam ainda todo o viço e aroma. O plagiato, que aborrece 'naquelles filhos espurios das musas, é substituido no nosso poeta por uma delicada originalidade.

¿E como não haviam as *Lagrimas e Flores* de transpirar entusiasmo, se ellas são as vozes d'um poeta, afastado da patria, da familia e dos amigos? ¿se as suas poesias são, pela maior parte, escriptas longe da terra, que lhe servira de berço, e juncto ás regiões, que inspiraram os cantos d'um Gonçalves Dias? A recordação da patria bem a deixou impressa Pinto Ribeiro nas quadras:

Triste o que da patria deixa
O sancto e amado torrão,
— Que sentiu de si 'ness'hora
Desterrado o coração!

Que se lhe morre a alegria
N'aridez d'estranho ceu:
Triste! que perde uma loisa
Na collina em que nasceu!

E essa mesma tristesa, que o poeta sentiu, ao deixar da patria o *santo e amado torrão*, foi a causa de se realçar mais o seu character poetico e de o podermos apreciar como convinha. Pinto Ribeiro nascera poeta, e ninguem ignora que é esta a senha que permite a entrada no congresso das nove irmãs; mas todo o fogo da sua alma ficaria sopito debaixo das delicias do far

niente, se não fosse insuflado pela pungente saudade da terra, onde se disfructaram os folguedos da infancia e as illusões da juventude. Os seus cantos não foram inspirados, como os da maior parte dos nossos vates, nem nos olmedos do Mondego, nem nas campinas do Minho, nem nas quebras de Cintra; foram inspirados sim nos morros e florestas do Rio de Janeiro, ao gorgueio melodioso do sabiá e á grata sombra da mangueira. As tradições da velha Europa trocou-as elle pela magestade natural do novo mundo; os encantadores panoramas da peninsula substituiu-os pelos espectaculos imponentes d'uma natureza robusta, semeados de graciosas chacaras, enriquecidos de formosas paizagens e realçados pelos restos das florestas virgens d'outro tempo. Foi passeando 'naquellas praias e casando os seus queixumes com o susurro das vagas que elle compoz os melhores de seus versos, exclamando como Camões:

Ó fugitivas ondas! esperai;
Que pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levai.
Até que venha aquelle dia,
Que eu va onde vós ides, livre e ledo.

Muito embora se extasiasse diante d'uma vegetação luxuriante como a dos tropicos, d'uma corte faustuosa como a capital brasileira; do que elle sem duvida se não olvidou em tempo algum foi das margens do nosso Douro, que se algumas vezes corre melancolico por entre escarpadas penedias, outras tambem se deslisa agradável pelas faldas das mais amenas collinas e encostas. A saudade da patria no coração do poeta não a diluem nem o tempo, nem a distancia, nem os revezes, nem os favores da fortuna; se não fosse assim, ¿como sairia tam perfeita a *Lua de Londres*?

Entre as poesias de Pinto Ribeiro avulta como principal o — *Dia*. Esta é uma obra das que saíram mais completas da imaginação do auctor, e que de per si so bastaria para lhe dar um logar distincto entre os poetas portuguezes d'esta geração, se uma composição unica d'esta ordem fosse sufficiente para julgar um poeta.

Alli não é o habil pincel d'um Rembrandt,

d'um Raphael, ou d'outro pintor celebre, destacando sobre a tela uma scena da natureza, com o mais perfeito colorido, e com uma elegancia e correcção de desenho inexcediveis; não é mesmo a machina de Daguerre, operando sobre uma lamina ou sobre um papel os seus prodigiosos effeitos: é a propria natureza, que se tem diante dos olhos. Lede com attenção toda aquella poesia, e dizei-nos depois se vos não sentis repentinamente transportado, 'numa formosa manhã de primavera, a uma d'aquellas iminencias, que o Creador dotou com um d'esses extensissimos panoramas, cujo unico limite é o oceano; dizei-nos se vos não parece estar vendo a hora poetica do nascer do sol, em que a natureza se atavia de galas e louçainhas, em que todos os objectos, desde o microscopico até ao colossal, se appresentam como querendo entoar um canto unisono em louvor de quem dispensou tantas bellas; lede, e dizei-nos se todas aquellas scenas não estão perfeitamente esboçadas, se aquelles termos não são todos selectos e expressivos, emfim, se escapou uma unica circumstancia ao olho perspicaz do observador da natureza.

Para mostrar que em nenhum dos nossos elogios vai exaggeração, quereríamos aqui reproduzir a poesia inteira; mas como isso seria improprio do lugar, contentar-nos-hemos com extrair o seguinte fragmento, que não é senão um specimen das bellas, que 'nella estão disseminadas em profusão:

Dia! riso dos ceus, mimo divino,
 Quanto és bello ao nascer! apenas brilha
 Teu primeiro diluculo nas serras,
 A alma voa em mysticos anceios;
 Por veigas de verdura rociosa
 Folgam balando os alvos cordeirinhos;
 Das collinas a flor seus beijos manda
 N'asa subtil da sussurrante brisa
 Ao manso lago onde a sorrir s'espelha;
 O tomilho recende odor mais grato,
 E a campina do ceu se alisa e abre
 Ao canto do zagal, do monge ás preces,
 E do bardo ás canções; ah! qual t'inflammas,
 Quando a noite, fruindo teus amplexos,
 Em teu mimoso collo christallino
 Estampa o derradeiro, humido beijo!

O poeta prosegue assim sempre rico em

ideias, sempre grande nos conceitos, sempre fecundo nas imagens.

Demos agora logar a uma outra composição poetica de subido merito. O pequeno romance *Elvira*, apesar de ter um assumpto quasi analogo a um poema bem conhecido de Castilho, tem comtudo um tal cunho d'originalidade, que não deixa a minina suspeita de que Pinto Ribeiro pedisse emprestada uma unica phrase, um unico pensamento ao cantor dos *Ciumes do Bardo*.

A traça do romance é engenhosa e bem conduzida. A respeito da protognista, um d'esses typos de belleza ideal, que a mente do poeta é tam amiga de reproduzir, embora esboçados pela millionesima vez, sentimos sensações bem oppostas; nós, que ao principio nos interessavamos por ella, e que até a desculpavamos de não poder corresponder ao amor de Alonso, o trovador, odiamol-a logo que busca Alvarado, personificação do crime, e lhe compra com o ouro a vida do que a adorava. Com Alonso chorámos todos os seus infortunios, compadecemos-nos dos ciumes que o ralam, e não nos admiramos que elle, descobrindo a traição premeditada por Elvira, corra enfurecido, como o toiro debaixo da garrocha, e assassine o idolo de seus cultos, aquella a quem enviava da solidão tam mimosas trovas.

O poemeto, que é sempre bello, é por vezes sublime. Os quadros que antecedem alguns dos capitulos; o dialogo entre Elvira e Alonso; a descida da amante de Bivar ao carcere, em que jazia o terrivel Alvarado, e todo o capitulo 3.º são verdadeiros rasgos de poesia, em que o genio do auctor se eleva muito alto e hombreia com aquelles em cuja frente brilha ja a tiara de sacerdotes d'Apolo. A cadencia do verso é aqui uma coisa, que encanta e extasia; parece que o poeta, livre dos caprichos da rima, caminha tam sem constrangimento, tam sem affectação, tam numeroso, que não acha o ouvido coisa, que o não recreie.

(Continúa)

O HOMEM E OS VEGETAES

(Continuado do numero 7)

II

O homem pela sua influencia modificadora procura substituir as plantas uteis ás que lhe são inuteis ou prejudiciaes, facilitando o desenvolvimento de generalisação d'umas e a extincção e desaparecimento d'outras.

Falámos até aqui das modificações relativas á vegetação florestal. Agora examinemos por que meios o homem voluntaria ou involuntariamente concorre para a diffusão de muitas especies.

Transportando os vegetaes ou as suas sementes para regiões distantes d'aquella, d'onde são originarios, altera consideravelmente a flora primitiva dos diversos paizes. Quando abandona a patria, para ir viver em terras estranhas e remotas, quer ahí occupar-se com os mesmos processos agricolas, que aprendêra desde a infancia, quer usar dos alimentos a que por muito tempo se havia habituado, quer ter emfim nas plantas, que leva comsigo, uma saudosa memoria, cuja vista lhe ajude a reconstituir na mente o aspecto querido do paiz, em que nascêra.

É assim que os escravos negros, desgraçadas victimas da ambição dos seus semelhantes, conduzidos para as colonias do novo mundo, transportam para a America vegetaes proprios da Africa, e a cuja cultura estavam costumados. Foi d'este modo tambem que os nossos antepassados levaram para aquelle continente e para as outras terras, que conquistaram, as plantas, cultivadas na peninsula, conduzindo outras em troca, que então eram desconhecidas, e que depois se tornaram vulgares. Succedeu assim com a lorangeira trazida da China, a *nicotiana tabacum* da America e os melões da Africa. O *solanum tuberosum* (batata), cujos tuberculos constituem hoje um dos alimentos mais baratos e saborosos, foi, segundo dizem, descoberto na America e transportado para a Europa pelo almirante Walter Raleigh.

Os exercitos, que se afastam para regiões

distantes, são tambem um meio de transporte. As expedições de Alexandre, dos romanos, dos cruzados e de Napoleão diffundiram pelas terras conquistadas as plantas e os processos agricolas pertencentes ás patrias dos conquistadores. Em fim os governos, que se interessam pelo desenvolvimento e progresso da agricultura, e mesmo os agricultores ricos e esclarecidos promovem a naturalisação de grande numero de vegetaes exóticos, mandando-os vir de remotos climas.

Muitas vezes o homem, involuntariamente, e sem o pensar, favorece a aclimação d'algumas especies. Uma boa parte das hervas nocivas, que nos nossos prados e searas nascem, crescem e se desenvolvem junctamente com os cereaes, foi com elles transportada da Asia ou da Africa.

Pouco depois, que os inglezes estabeleceram a criação dos gados na Nova Inglaterra, houve quem contasse vinte e duas especies, que até então não existiam naquelle paiz. A ortiga foi a primeira, que deu na vista; e os indios designaram o *plantago* (genero a que pertencem as *diabelhas*) com o nome de pe d'inglez, porque parecia brotar debaixo dos pes dos inglezes. A ortiga e o *chenopodium* têm seguido por toda a parte os passos dos europeus.

Muitas especies exóticas semeadas ou plantadas nos jardins botanicos espalham-se depois pelos terrenos proximos. Linneu refere, que o *erigeron*, trazida do Canadá para o jardim de Paris, propagou-se no espaço d'um seculo por tal modo, que se encontrava na França, nas Ilhas Britanicas e na Allemanha (a). O *oxalis cernua* transportada para o jardim botanico de Coimbra espalhou-se depois pelos campos d'esta cidade, onde hoje é vulgar.

Algumas sementes, pegando-se facilmente aos objectos, com que estão em contacto, são com elles transportadas. As mercadorias conduzidas nos navios e os proprios vestidos do homem servem de vehiculos. De Candolle cita um facto curioso observado em Montpellier. Perto d'esta ci-

(a) Bosc attribue a generalisação d'esta planta na Europa ás pelles de castor importadas da America, que traziam os germens adherentes.

dade ha um prado, onde se enchugam lans estrangeiras. Quasi todos os annos apparecem alli plantas exoticas naturalizadas. Os lastros dos navios são tambem frequentes vezes vehiculos de sementes vegetaes. Muitas plantas, que se encontram nas proximidades dos portos maritimos foram assim transportadas.

Por tudo, que deixamos dito, por todas as considerações, que havemos feito, por todos os factos, que temos referido, ve-se qual é a importancia da influencia modificadora da especie humana na geographia botanica ou na distribuição dos vegetaes na superficie da terra. Mas, alem de assim modificar as floras dos diversos paizes, o homem altera ainda consideravelmente a natureza individual de muitos vegetaes. Conforme os fins, a que os destina assim promove o maior desenvolvimento d'umas partes e a atrophia d'outras, assim lhes modifica o aspecto, a organização e as qualidades. Algumas plantas cultivadas differem tanto dos typos primitivos, que se não sabe hoje que especies lhes correspondem no estado selvagem; e outras, cujas congeneres n'aquelle estado ainda são conhecidas, mudaram a ponto de parecerem especies completamente differentes. Tal foi a alteração, que a influencia continuada da cultura nos jardins e nos campos produziu.

Os vegetaes estão pois sujeitos ao dominio do homem; e se succede o mesmo com os outros reinos da natureza, se n'elles tem um poder igual, uma influencia tam grande e manifesta, não deve attribuir-se ao arrojado do orgulho ou á demencia da vaidade haver-se chamado a si mesmo *rei da criação*.

A. Philippe Simões

O AUCTOR E SEUS ESCRIPTOS

Se quizerdes conhecer quanto é grande o amor paternal, avaliar a intensidade d'este affecto, comprehender esse mysterioso sentimento, — entregai á imprensa um escripto vosso qualquer.

Ha uma analogia tam intima entre as sensações, que o pai e o auctor experimen-

tam, que por umas se podem apreciar as outras. As impressões, que aquelle sente, reproduzem-se fielmente neste.

Assim, ainda apenas na mente do auctor se têm agglomerado as ideas, formando uma empresa talvez abortiva, ainda o embryão intellectual jaz incarnado no pensamento do escriptor, ja o seu coração pulsa com tanta vehemencia, como o do pai ao ouvir os primeiros vagidos do infante recém-nascido.

Mas se esse ainda ha pouco embryão adquire formas mais perfectas, o *typo da especie*, e chega a ver a luz do dia, então este affecto se eleva ao seu maior auge, e muitas vezes se torna tam vehemente, que elle é o idolo do coração do escriptor, o foco onde vão concentrar-se todas as suas affeições!..

É certamente nas horas silenciosas da noite, quando seguro de que ninguem observa as scenas intimas do seu gabinete, que elle se entrega aos transportes, a que este sentimento o impelle. Então, se podessemos entrar alli, vel-o-hiamos curvado sobre uma mesa, olhando extatico para os seus escriptos. ¡Oh! quantas vezes apos essa profunda contemplação um sorriso se lhe deslisou nos labios!..

E se podessemos penetrar nos arcanos do seu coração, no intimo do pensamento, quantas ideas, quantas illusões não veriamos traduzidas n'aquelle sorriso?!..

Nestes momentos o auctor umas vezes julga ver nas suas produções as melodias de Beranger, as sublimes inspirações de Lamartine, ou os brilhantes pensamentos de Goethe: outras, como para lhe fazer desvanecer as illusões, que a sua imaginação, nos paroximos do delirio lhe offerecera, e opprimir o coração, que ainda ha pouco exultava de alegria, — os seus escriptos se lhe representam tam disformes e hidiondos, que chega a attentar contra a sua existencia.

É terrivel muitas vezes a lucta, que se trava entre a imaginação e a consciencia; aquella, nos seus devaneios febris, procura eleva-los ao apogeo da litteratura; esta, na rapidez dos seus juizos, na severidade dos seus ditames, os desatavia de todas as

bellesas, e leva o auctor a ter quasi horror do objecto, que ainda ha pouco o havia encantado.

Mas apos a tribulação segue-se o repouso, em que o espirito tranquillo olha para as suas concepções, ja livres do envolucro, em que a sua phantasia as enleára: ve então as bellesas e os defeitos, os quaes (posto que quasi sempre decompostos pelo prisma do amor paterno) elle vai com tudo corrigindo, até que os entrega á luz da imprensa.

Que novas impresões lhe não vêm ferir então o coração!: umas vezes é um transporte de alegria, causado pelo elogio, que algum leitor lhe fez; outras uma dor, que lhe dilacera a alma, pelas censuras d'algum zoilo mordaz...

E não se julgue, que este affecto pelos filhos da nossa intelligencia, que estas sensações, que por elles experimentamos, actuam so sobre os espiritos vulgares. Os grandes genios, ou porque o sentimento seja proporcional ao talento, ou porque a sua grande penetração lhes mostre melhor o merecimento das suas obras, foram sempre os que mais apaixonadamente os estimaram. Assim, Camões, quando o genio das tempestades o lançou de encontro ao oceano, que ameaçava submergil-o, corta com um braço as ondas, emquanto que no outro levanta o filho querido do seu coração. *Os Lusíadas*, esse poema, que se não fóra o amor, que, seu progenitor lhe consagra, teria desaparecido, como desapareceram as nossas glorias.

Mas o cantor da Lysia encontra um digno emulo 'neste affecto: é Tasso: ¿Não o vedes, quasi delirante, lançado na desesperação, por julgar que amigos, a quem tinha confiado o seu poema ainda manuscripto, lh'o haviam roubado? ¡Não! não era so por ver malogradas as esperanças da sua futura independencia com a publicação de tam alto monumento litterario!: era mais que tudo, para a alma do poeta, o ver que lhe queriam arrancar o mais seguro trofeo da sua gloria.

¡Virgilio! ¿Acaso Virgilio não presaria a sua *Eneida* por haver recommendado em seu testamento, que a entregassem ás cham-

mas, porisso que lhe não havia dado o ultimo retoque? ¿Quem não ve 'nesta mesma recommendação o amor, que lhe tributava?! ¿Quem deixará de perceber, que ella não partia do coração, quando ao mesmo tempo pedia, que não cumprindo o seu desejo a não corrigissem?!

Ninguem, por certo. Este procedimento é a prova mais evidente, de que o coração de Virgilio estava repassado do mais veheamente amor pelo seu poemá. Elle queria ver na *Eneida* o symbolo da poesia e da perfeição; mas os seus desejos não poderam realizar-se. Ainda a não tinha acabado de corrigir, quando uma morte prematura o veiu lançar no leito da agonia. Foi então que ahi fez esta supplica, talvez so com o fim de evitar, que ousassem com adornos emprestados desfigurar a sua obra.

¡Bem seguro estava o vate de que ainda assim tinha construido um indestructivel padrão, onde para sempre ficaria gravado o seu nome!

Mas ¿que poderá encontrar-se aqui, que possa causar estranhesa? O pai ama o filho, porque ve 'nelle o fructo mimoso do seu amor: o escriptor ama a sua obra, porque ella é o presado fructo da sua intelligencia, a reprodução das suas ideas e sentimentos, o retrato da sua personalidade moral e intellectual.

(X.)

A DONZELLA E A ROSA

Dialogo

Donzella ¡Linda flor! como tu es bella! como es innocente!

Rosa Mais do que a minha bellesas, mais do que a minha innocencia vale a tua virtude. Não te illudas com o meu perfume, nem com as minhas cores.

Donzella ¿Porque titulos te appellidam pois — Rainha das flores? ¿porque es a querida dos poetas?

Rosa ¿Pois não o sabes?

Donzella Sei. É por causa dos teus encantos.

Rosa ¡Como te enganas, candida filha do ceu! A minha coroa de gloria devo-a eu aos espinhos, que me cercam. Se recebo

preito e homenagem de princesa, a elles devo eu tudo; porque são o meu unico thesouro.

Donzella | Linda flôr! explicai-me porque eu senti na face, ao ouvir-vos, a animação e o rubor, que sempre vos animam.

Rosa | Quereis sabel-o? Pois sim. A consciencia disse-te, Donzella, que assim como eu pelos espinhos grangeava para mim adoradores, assim os devias tu tambem captivar pela virtude.

Donzella | Es então, linda rosa, semelhante a uma donzella, cuja maior virtude são os seus espinhos!

Rosa Assim como tu igual a uma rosa, cujo espinho d'ouro deve ser a virtude.

PEDRO ROCHA

Maximas, pensamentos, etc.

O homem douto tem sempre em si mesmo as riquezas.

PEDRO

O orgulho sem soberba eleva o espirito, não o declina.

REBELLO DA SILVA

HYMNO

PARA UMA PHILARMONICA DE ARTISTAS

| Artistas! — Pedistes-me as coplas para o vosso hymno...; e eu ahi vol-as envio. | Bem sei eu que a minha lyra não tem sons sufficientemente fortes e harmoniosos para expressar nos seus cantares o sublime pensamento de fraternidade, que presidiu á vossa associação! | Sabeis o que é um hymno? | É a bandeira commum, debaixo da qual vós todos vos alistais!.. | é o brado accorde e unanime, com que vós todos saudais a aurora, que vos chama ao trabalho, ou o grito de entusiasmo, com que todos escutais o som da oração da tarde, a dizer-vos que é findo o lidar do dia e que vai começar o doce repouso do serão!.. | Artistas!.. | Sabeis o que deve ser o vosso hymno?.. | a sympathica expressão de muitas almas, que não formam senão uma so alma, porque as

prendem dois indissoluveis laços — as lides do trabalho e o folguedo do repouso!..

| Bem conheço que as coplas, que vos offerto, vos não poderão assim falar ao coração!.. | não vos saíram d'alma para que vos possam coar até la, nem a minha voz é assaz energica, para que possa despertar-vos as melodias mais intimas do sentimento!..

Amo a classe dos artistas, porque a ella se acha, em grande parte, ligado o 'porvir das sociedades...: amo-a, | porque ella arvora por credo no mundo o amor ao trabalho!.. | amo-a ainda, porque o seu folgar é innocente, as suas expansões enthusiasticas e verdadeiras, e a mentira ou a hypocrisia nunca presidiram ás suas festas!..

Amo a classe dos artistas...; e esse amor foi que me inspirou as trovas, que vos offerço. Se as aceitardes — serei contente!

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho É virtude, é prazer, é vigor.

A. F. DE CASTILHO

Quando apos a fadiga do dia
Vem a noite o repouso trazer,
O artista, que a gloria enebria,
Inda encontra nas artes prazer:

Deixa as lides de insano trabalho,
Com que honrado grangea o seu pão;
| E á orchestra da serra e do malho
Doces hymnos succedem então!..

CORO

| Eia! irmãos! trabalhar des'que a aurora
Nossos tectos sorrindo dourou...
| Que o descanço da noite enamora
Ao que o dia nas lides gastou!..

Vem um riso de maga alegria
Os seus rostos então animar;
Que aos encantos da doce harmonia,
Fogem magoas do immenso lidar:

E nos hymnos singelos, que entoam,
Ja deslembram do dia o labor;
Ja, contentes, suas almas povoam
So de imagens de riso e de amor.

CORO

¡Eia! irmãos! trabalhar des' que a aurora, etc.

E á fadiga de toda a semana
Segue um dia de grato prazer,
¡Que os seis dias de lide tyranna
Os faz sempre o domingo esquecer!..

¡Oh! bem hajas! que vens ao artista
A ventura, o prazer inspirar;
Que sua alma de novo conquista
A coragem p'ra novo lidar.

CORO

¡Eia! irmãos! trabalhar des' que a aurora, etc.

¡Oh! bem hajas, repouso, que pagas
Do trabalho o cruel amargor!
¡Oh! bem hajas, carinho, que affagas
Essa fronte, que banha o suor!..

¡Oh! bem hajas, suave harmonia,
Que o repouso do artista animais:
¡Oh! bem hajam trabalhos do dia!
¡Oh! bem hajam sublimes rivaes!..

CORO

¡Eia! irmãos! trabalhar des' que a aurora, etc.

A. M. DA CUNHA BELLEM

'NUM ALBUM

À EX.^{ma} SR.^a D. M. B. MORTE

¿Para que te vi no mundo,
Peregrina formosura?
¿Porque celeste candura
'Nesses olhos eu fui ler?
Tive amor sem ter espraça...
¡Ja um outro tu amavas!..
¿Mas p'ra que tanto obrigavas
A querer-te — sem querer?

Fugi-te ¡mulher! ¡Bem longe
Fui matar o sentimento;
¿Que seria o meu tormento
Se mais visse teu olhar?

Eu não sei se descobriste
Esse amor, que te votava...
Eu não sei quando t'olhava,
Se o podeste profundar...

Fugi, ¡mulher! Tanto tempo
Eu passei sem ver teu rosto;
Mas a saudade, o desgosto
¡Ai! tam amargos senti!..
Voltei, busquei evitar-te;
Porém de novo appar'ceste:
Se até 'li tu me prendeste,
¡Oh! ¡depois enlouqueci!

Mais vivo olhar me cravaste:
¡Ao teu sorrir d'este encanto!
Resistir não pôde tanto,
¡A teus pes me fui lançar!..
Agora rivais não temo,
A fugir não mais intento;
Serás minha — ¡ou 'num momento
Esta vida vou deixar!

Coimbra, 15 de Janeiro de 1859

A. S. R.

¡QUERO-TE MUITO!

Quer muito o passarinho á madrugada,
Que vem, d'entre cortina d'alvas nuvens,
Trazer-lhe, recendentes a po'sia,
As notas do seu canto:

Quer muito alva campina, pelo inverno
De frio congelada e quasi extincta,
Á sua primavera, que lhe volve
Verdura, amor, po'sia:

Quer muito á borboleta a flor do prado,
Quando esta d'outra flor, que longe dista,
Lhe repete, em segredo e 'num abraço,
De amor as confissões:

Quer muito o passarinho, que presago
Tem peito, que lhe diz p'riço eminente,
Á mouta espessa e forte onde elle encontra
Abrigo na tormenta.

E ¿ não te hei de eu querer, *estrella d'alma*,
Se tu p'ra mim resumes *Poesia*,
E *Amor*, e *Canto*, e *Abrigo* na tormenta?
¡Oh! sim! — ¡quero-te muito!

A. T. Q.

AOS SEUS OLHOS

Quando os teus olhos meigos contemplo,
Sinto a alma banhar-se-me em luz,
Como aquella, que espalha 'num templo
Uma lampada, ao pe d'uma cruz.

¡Sinto o que eu talvez nunca na infancia
Pude ao collo materno sentir!
¡Sinto Deus á mais curta distancia...
Sinto o que eu te não posso exprimir!

Vai-me a alma 'num como delirio
De innocente, que o somno enlevou...;
E assim, como a essencia d'um lyrio
Voa ao ceu, a minha alma voou.

¡Anjo meu tutelar! Mas... ¿não dizes,
Porque em mim fitas tu esse olhar?!
Se ha no mundo quem ame infelizes,
¿Não és tu, anjo meu tutelar?!..

JOÃO DE DEUS

LOGOGRIPHO

A primeira é so por si
Uma casa magestosa;
A segunda essa pertence
A familia harmoniosa:

A segunda co'a terceira
Póde-nos ricos tornar;
A terceira junto á quinta
Vel-a has no vasto mar:

A primeira co'a terceira
Vais encontrar no gamão;
A primeira, quarta e quinta
Não tem genio folgasão;

Se na quarta e quinta junctas
Me succede acaso andar,
Vou sempre mui receioso,
Porque posso la ficar;

E se agora do meu todo
Ver queres a traducção,
—Indica sempre uma coisa,
Que nos dá educação.

J. C. V. M.

N.º 9.º — *Natureza.*

EXPEDIENTE

Desejosos de não interromper a publicação do nosso jornal durante as ferias, como tem acontecido com outras publicações dirigidas por academicos, — resolvemos fazer sair no corrente mez os dois numeros, que nos cumpria apresentar no mez de Maio, e com os quaes terminará o 2.º trimestre.

D'este adiantamento da publicação dos PRELUDIOS-LITTERARIOS depende o adiantamento da cobrança do 3.º trimestre, sem o qual impossivel nos seria a realização d'este nosso desejo, desejo tanto mais vehemente quanto julgámos, que a suspensão d'um jornal importa sempre, ou quasi sempre, a sua morte.

Pedimos portanto aos amaveis academicos, nossos assignantes, que, considerando as difficuldades, que, depois de posto o ponto, haveria na dita cobrança, — se dignem effectuar o pagamento do 3.º trimestre no principio do proximo mez de Maio, deixando, querendo, na loja da Imprensa da Universidade, os seus nomes e residencias durante as ferias grandes, afim de que regularmente lhes possam ser enviados os numeros, que por esse tempo forem saindo, e que, *para satisfazer saudades*, comprehenderão *uma revista mensal* de Coimbra.

A redacção fará publicar, e muito agradecerá os escriptos, que lhe forem remettidos, particularmente pelos lentes e estudantes da Universidade de Coimbra e das Escolas de Lisboa e Porto.

V. DA SILVEIRA

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.; Porto — Sr. Jacintho Antonio Pinto da Silva; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Bragança — Sr. Antonio Caetano d'Oliveira Furtado; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno 1\$240	Anno 1\$460
Trimestre 360	Trimestre 450

Não assignantes: n.º 1.º a 6.º, contendo uma polka para piano e um grupo de estudantes: com estampilha — 660 réis, sem estampilha — 600 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

PRELUDIOS-LITTERARIOS

(Continuado dos numeros 1, 2 e 3)

IV

¿Julgais, por ventura, que o estudante, saindo depois das suas aulas, se recolhe a casa para recommear, como devêra, o estudo de seus compendios, ou, pelo menos, para fazer algum novo programma de vida, em que entre o arrependimento e a promessa, o desejo e a vontade?

¡Não! O estudante, a não ser algum *moço-velho* ou urso gadelhudo, que consume a melhor parte da sua existencia traduzindo o *Digesto*, ou compondo um *quasi-discurso* de palavras mais ou menos sonoras e escolhidas aqui e acolá d'um auctor, que não entende, mas que tem o merecimento de haver recentemente chegado de Paris ou de Bruxellas, e de ser ainda pouco ou nada conhecido dos seus condiscipulos, o que muito favorece a sua ignorancia, o estudante, digo, so torna a entrar em casa para atirar com os compendios para um canto, para sentar-se á mesa, comer e beber como um desesperado, para jogar a bisca e o monte com o primeiro, que lhe apparece, para ralhar, para descompor a pobre servente, para fazer ¿eu sei?... trinta mil despropositos, ¡que nem vendo-os se acreditam!..

Acabado o jantar, perdido o dinheiro, quebrado o pe d'uma mesa ou costas d'uma velha cadeira—eil-o ahi vai, de capa traçada, todo petulante, de charuto hespanhol na bocca, porque o charuto portuguez, a não ser dos que a *quadrilha-contracto* reserva para seu uso, é o mais vilão de todos os charutos conhecidos, e continuará a sel-o,

1859—Maio

em quanto não houver um governo sufficientemente instruido e moralizado, que comprehenda, *que sinta*, que se não deve envenenar um povo inteiro a troco de *meia dusia* de contos de reis, que uma sabia e prudente contribuição podêra substituir, sem o sacrificio da propria vida; ou um povo, que conhecedor dos seus direitos, e convencido da impossibilidade d'um tal governo, fatigado de supplicar... procure evitar, por meio de recursos proprios, essa morte lenta, a que o tem condemnado a ignorancia, a immoralidade d'uns, e a ambição, a cega avaresa d'outros...; eil-o ahi vai, digo, todo penetra, e la entra no magro restauranté do Sr. Bernardo, no classico cafe de Mr. Simon ou no espeluncal bilhar do Abilio Roque..., para recommear os seus despropositos, para empenhar-se até os olhos, sem consideração por si, pela familia, pelos lentes, pelo guarda-mor ou pelo archeiro, que o vigia de perto, que o cumpri-me...

¡Que importa!..

Esgotada apenas a taça de cafe d'envolta com alguns calices de licor, de genebra ou de cognac; depostos os tacos, cançados os pulmões de tanto gritar, porque o estudante não fala—grita: eil-o ainda caminhando a novas extravagancias, eil-o correndo todas as ruas da cidade, todos os logares favoritos, que rodeam Coimbra, sem o menor proposito, louco, escarnecedor, atirando com pedras ao ar, contendendo com todos, dizendo mil *parvoices*, fazendo mil trejeitos ás pobres e innocentes raparigas, que passam e coram de pejo e de vergonha...

¡Oh! vós não conheceis o que são estas creanças!.. Acreditai-me: ¡não ha gente mais immoral, mais *nociva* á sociedade do que

N.º 11

esta! Se tivesses vivido em Coimbra, como eu tenho vivido, se tivesses envelhecido no meio d'elles, como eu tenho envelhecido... então sim; então comprehenderieis a necessidade de acabar com tudo isto... ¡A universidade!: ¡a universidade é a ignorancia, é o vicio *canonizado*!: a sua morte, o seu anniquillamento seria, Senhores, eu vol-o affianço, o maior passo, que na actualidade, 'nesta epocha de pura libertinagem, se poderia dar para uma boa organização social. E ¿como não aconteceria assim, se esta gente é a mesma, que continuamente está invadindo todas as espheras da acção governamental, todas as instituições civis e religiosas, o municipio, a familia,—todo poder?

Mas, escutai-me ainda por um pouco; deixai-me ligar o dia á noite e a noite ao dia na desregrada vida d'esses rapazes.

É sem duvida com as sombrás, que as verdadeiras scenas de horror começam para o estudante: as espeluncas, essas casas, em que se perde tudo, o doce socego da alma, a fortuna, o talento, a honra, a vida—¡essas casas enchem-se e vergam em poucas horas debaixo do peso de inauditos escandalos!..

¡Não ha crime ou immoralidade, que se não pratique então! O batoteiro, o hotelista, o botequineiro, a prostituta, avidos todos de ouro e prazeres, com diabolica astucia se apossam do estudante, e em seu louco redemoinho de sensações freneticas, de sacrilegos desejos, que lhes inflammam o sangue e lhes tresvariam a mente—o arrastam comsigo até o ultimo degrau da prostituição humana!..

O estudante assim arrebatado nos braços de Satanaz, esquece tudo; esquece os seus deveres mais sagrados...; ¡e nem a terna voz da mãe afflicta, nem os severos conselhos do pai ancião, nem ainda a suave harmonia das supplicas apaixonadas e ardentes da amante, que lhe fala de longe, lhe desperta um remorso n'alma, pouco e pouco adormecida, prostrada no leito de tantos gosos, de tantos prazeres sensuaes, que, durante todo o dia, o inferno inteiro lhe perfumára de jasmíns e de rosas, com que o espirito se embriaga, e a materia, o corpo se irrita e inflamma!..

.....
É alta noite: o estudante atordoado ainda, movendo-se a custo, procura ás apalpa-dellas a porta da sua mesquinha habitação. Entra: senta-se abatido na primeira cadeira, que encontra: o canção, a aridez e o silencio do seu quarto, aquella atmosphaera fria e humida, que o rodea,—tudo contribue para que o fogo de tantas paixões se lhe extingam no peito, e a mente se lhe esclareça... Forceja então por passar em revista quanto lhe acontecera durante aquelle dia...; lembra-se dos conselhos, das supplicas dos seus amigos; figura-se-lhe ver sua pobre mãe lavada em pranto, repassada de mágoa..., seu pai ancião, que tantas fadigas pela sua felicidade opprimem ainda, já prestes a fulminar sobre sua cabeça o terrivel anathema, que mais d'uma vez os seus desvarios lhe provocaram; em quantó que descobre nos labios da amante o sorriso d'amor, que por elle lhe animava o peito, trocado em mortifero gesto de desprezo, com que o coração geme e se despedaça...

O misero estremece então de horror e de susto...: sente o remorso, procura a mesa e os livros..., quer estudar a licção do dia, que já começa a esclarecer-lhe o quarto... Mas ¡debalde!

¡O estudante nada comprehende! A sua cabeça, ha pouco formosa, agora desgrednhada e mal pousada sobre a mão, pendelhe por vezes sobre o esfarrapado compendio...: as palpebras se lhe fecham, entreabrem-se-lhe os labios; e a luz do candieiro, que crepita e vacila em mysteriosa sombra, despede o seu ultimo clarão e se apaga de todo... O estudante deixou-se vencer pelo somno e pelo canção; e o desgraçado dorme, dorme o somno do condemnado na ultima hora, que precede a do seu triste passamento.....

.....
E este discurso, tantas vezes assim repetido em Coimbra e ainda la fóra, e sempre mais ou menos carregado, mais ou menos *poetico*, segundo a imaginação e o fim, que se procura conseguir..., termina *por habito* em um riso secco e estridente, que se prolonga até que uma larga e noventa pitada

de rapé, sorvida a custo, restitua ao rosto do velho commentador aquella gravidade hypocrita, aquelle ar de lastima, com que começára a sua narração.

(Continúa)

V. DA SILVEIRA

A FAMILIA E O PADRE

(Continuado do numero 7 e 10)

III

Immensa é a empreza, que cabe em sorte ao sacerdocio.

A seu cargo está extirpar a corrupção, que presentemente se propagou nas classes inferiores.

Inspirar o amor d'esta liberdade evangelica sempre ajustada com a ordem constituitiva, e com o poder que a rege.

ROSSELY DE LORGUES

Queremos que o padre seja só padre.

A. R. SAMPAIO

Sendo pois o sacerdocio tam necessario na sociedade, como a familia, alem d'outros motivos, porque é o interprete e o advogado nato d'este sentimento religioso, que nasce, vive e morre comnosco, importa muito que os poderes publicos não discurem da sua instituição, fazendo com que ella não seja antagonica com a familia e em geral com a sociedade.

Entendamo-nos: Se a religião para vós não é uma mentira, se a alojais no coração tam pura como os vossos labios a pronunciam, se reconheceis a sua influencia civilisadora na sociedade civil, confessai tambem a importancia e indispensabilidade do padre, cujo instrumento elle é.

Reconhecer a necessidade e importancia da religião, negando a do padre,—é uma contradicção miseravel, senão uma necessidade pueril.

Importa portanto eleva-lo á altura, que elle merece, e habilita-lo a tornar-se digno da posição elevadissima, que de direito lhe pertence, mas que de facto não occupa, nem é talvez digno de possuir.

O posso clero é, em geral, ignorante, e para que dissimula-o? Mas a culpa não lhe cabe a elle toda.

Os poderes publicos occupam-se não sei

em que, e as reformas mil vezes proclamadas e outras tantas promettidas, continuam no mesmo atrazo, no mesmo abandono.

A politica, estorcendo-se nas angustias d'um longo e doloroso parto, dá á luz um desengano apos outro desengano, uma mentira apos outra mentira!..

O dia d'hoje apparece risonho e seductor, e no firmamento politico la se divisam estrellas fulgurantes, nuncios d'esperança e prosperidade!

—Diriamos que tocámos o apogeu da suprema ventura ca na terra.

O dia d'amanhã antolha-se ennuveado, carrancudo, tenebroso... já tudo descrença e desgraça!..

—Diriamos que não está longe o abysmo ou a voragem, que nos vai tragar!

¿Porque tam instantaneas mudanças?

¿Porque se cantam hoje hymnos de prazer, e ámanhã se soltam ais plangentes, nenias dolorosas?

¿Porque a nau do Estado foi hontem dirigida por — *Sancho*, e hoje por *Martinho*?
¿Irrisão!

¿E a politica é, assoalha-se por esse mundo d'escandalos, não de *peçoas*, mas d'*ideas*!..

Neste estado de coisas, tam emmaranhado e anarchico, não admira, mas é de lamentar, que os verdadeiros interesses se condemnem a um ostracismo indigno, e que cada dia demos um passo no caminho do desperdicio.

Quando porém as luctas d'um egoismo ferrenho e desenfreado tocarem o seu termo; quando os rancores politicos descerem á sepultura envoltos na mortalha do esquecimento — para nunca mais de la surgirem, é então e so então, que ha de começar a hora da redempção.

¿Deus queira que seja breve! Somos estranhos, como estranha é a indole d'este jornal, a essa politica militante, que ahi arrasta uma existencia alquebrada e ingloria, e cuja missão desoladora parece ser — ja d'extinguir os ultimos risiduos da esperança! — Mas ¿os que conservam a cidadella sagrada do espirito em toda a sua virgindade e robustez, os, a quem as lavas tisonadoras do scepticismo não mirraram o

coração, petrificando-o, poderão suffocar a voz da consciencia, e não levantar um brado de maldição sobre essas luctas, que so destroem e nada edificam?

Vêde como se encontra a instrucção do clero e em geral a sua posição, e tereis, d'entre mil, uma prova do que deixámos dito.

Temos visto annuciado um milhão de vezes, em programmas pomposos e promettedores, uma reforma sobre todos os ramos d'instrucção publica: ¿onde está ella?

Esses programmas la jazem no limbo das secretarias, se porventura o po os não consumiu, ou algum arganzaz os não corroeou...

Fallaremos (nem os nossos minguados recursos a mais se atrevem, se isto lhes não é mesmo superior) apenas da instrucção do clero, a qual reputámos uma das primeiras condições de sua existencia, como uma das primeiras necessidades da nossa sociedade.

Caminha o tempo, e com elle a sociedade nas suas successivas evoluções; e, para que o padre não seja um peregrino no meio do seculo, é preciso que o acompanhe em todas as suas transformações, falando-lhe uma linguagem, que elle comprehenda.

Não, que os dogmas do christianismo sejam mudaveis em sua divina essencia; mas o que varia, e o que tem d'acompanhar o espirito humano em seu successivo desenvolvimento e os seculos em suas continuas progressões, são as explicações d'esses dogmas — os methodos d'exposição. — É assim que dizemos — que o padre deve acompanhar o seculo e variar com elle.

«O sacerdote tendo sido instituido para espalhar a luz e o perdão entre os homens, terá o saber necessario para dar o sagrado ensino debaixo das formas progressivas, accomodando-se com as exigencias dos tempos, e até por vezes prevenindo-as.» (Rossely de Lorgues).

É por isso que a linguagem de Boussuet e Massillon deveria ser e foi muito differente da dos jesuitas prégando aos seus neophytos do Paraguay.

Em contradição viva com estes principios vemos nós ahi a instrucção do nosso clero.

Os mancebos, que se dedicam á vida ecclesiastica transpõem, d'ordinario, o limiar dos antros soturnos dos seminarios, desprovidos de todos os conhecimentos elementares, sendo o seu espirito um verdadeiro deserto d'ideas, ou a *tabo-rasa* de Condillac.

'Naquelles logares subministra-se-lhes uma instrucção tam acanhada e por forma tam anachronica, que o padre sai d'alli com o espirito recheado de maximas, em grande perte d'uma moral absurda e casuistica, levando também na memoria *meia dúzia* de textos sagrados, que elle applica a esmo e com o discernimento do papagaio.

Provido assim o seu espirito, apresenta-se o padre 'numa sociedade, que não comprehende e nem é d'ella comprehendido, vindo a ser um verdadeiro pleonasm na sociedade.

O padre d'hoje assemelha-se a esses charlatães e ambiocos vulgares, que tomam sobre si a responsabilidade d'uma causa, que compromettem, porque não podem, nem sabem advogal-a.

A culpa não é toda do clero, disse eu ja, e creio ter dito a verdade.

O tirocinio scientifico, por que tem de passar o nosso clero é irregularissimo, sendo os professores, na maxima parte, ignorantissimos, pois que a exiguidade do ordenado affasta d'este honroso ministerio qualquer mediocre capacidade.

A primeira medida, portanto, que o Estado deveria levar a effeito, — é fazer da instrucção do clero um systema regular e uniforme, elevando a recompensa dos professores, de modo que ella seja um estimulo e atractivo para a concurrencia dos homens de profundo saber e illustração.

Ha coisas, que se não podem exigir por pura abnegação; e querer que um homem consuma todo o tempo em longas e penosas vigalias, debruçado sobre os livros, encurtando, não raro, os dias da sua existencia, para depois aspirar ás honras d'um professorado, onde tem de viver d'esmolos, alem de ser uma injustiça social, — é um desejo que nunca, ou pouquissimas vezes se realisará.

Se se accusasse menos o clero, e se po-

zesse mais empenho em erguel-o do abatimento, em que ora jaz, ja ha muito que estas verdades teriam recebido o ultimo sacramento — o da realidade.

Parece que, entre as regiões do poder e os brados da opinião pública, existe um muro de ferro; pois so assim póde explicar-se a indiferença e surdez dos governantes aos gemidos d'um povo, que soffre...

No entretanto, va o clero fazendo desajudado o que um dia melhor poderá conseguir protegido e soccorrido pelos poderes publicos. Ninguem melhor, do que J. Balmès, mostra ao padre a necessidade de munir-se d'uma sciencia solida e illustrada.

«... D'estas considerações, diz elle, resulta a indispensavel necessidade para o clero catholico de possuir conhecimentos, que estejam ao nivel do seu tempo, a fim de que o erro não possua auxilios, que faltariam á causa da verdade.

«É necessario que os ministros da religião se penetrem da importancia e gravidade d'este dever; é necessario que, vivendo em tudo separados do seculo pela pureza de sua vida e austeridade de seus côstumes, não permaneçam comtudo immoveis no meio do movimento, que se executa em torno d'elles; que gravem profundamente no seu espirito esta verdade: — que não existe opposição alguma entre a luz da intelligencia e rectidão do coração, e que a sciencia não é inimiga da virtude, e que os ecclesiasticos podem ter os olhos fixos sobre o movimento da epocha, sem que se deixem affectar da corrupção, que muitas vezes acompanha o progresso.»

Não basta porém que o padre seja so instruido; é preciso que tenha uma abstenção completa das coisas temporaes, que não estejam estreitamente ligadas com a natureza do seu ministerio.

Não queremos, que o padre saia do templo, e que se emmaranhe no vortice das coisas mundanas, aspirando a um lugar na hierarchia social ou politica. Queremos que essa abstenção seja até decretada pelo Estado, porque — *queremos, que o padre seja so padre.*

EDUARDO J. COELHO

(Continúa)

LAGRIMAS E FLORES

POR

J. PINTO RIBEIRO

(Continuado dos numeros 7, 8 e 10)

IV

Desenhar, não este ou aquelle personagem, mas um typo distincto, tal é o proposito que o olho menos penetrante descobrirá na ode — *Veterano e Mendigo*. — O poeta, circumscripto á limitada área d'uma poesia, tentou apresentar-nos o vulto respeitavel do soldado, que, depois de ter encanecido entre o fragor das refregas, depois de ter arriscado a sua vida e vertido o seu sangue mil vezes pela patria, a final apenas recebe d'esta por premio os andrjos de mendigo, e por apanagio uma enchercha no hospital. A tentativa saiu coroadada do melhor exito, a imagem saiu novissima; é um quadro que se depara a cada passo nas paginas da nossa historia; é Albuquerque morrendo atrophiado pelos dissabores; é Castro não tendo á beira do tumulto com que comprar uma gallinha; é Pacheco expirando pobrissimo no hospital de Lisboa; é Camões vivendo dos obulos mendigados pelo Jáo.

A antithese do sonho do veterano e o despertar do mendigo é um toque magistral. Aquelle que se julgava transportado ao meio de cruento combate; aquelle que 'num excesso de exaltação febril julgava atravessar um campo juncado de cadaveres, achava-se 'num canto da estrada no mais lastimoso estado de isolamento e nudez; aquelle a quem se affigurava ouvir o rebombo da artilheria e o *retintim* dos gladios, como onomatopaicamente diz o poeta, não podia ouvir senão os passos e as vozes dos viandantes, que successivamente se iam sumindo nas sinuosidades do caminho; aquelle que julgava apalpar o sangue ainda fumegante, que lhe brotava das feridas, não podia apalpar se não os gelos, que lhe repassavam as carnes e extenuavam as forças. | Tanto póde a imaginação na alma enthusiasmada do veterano!

Pinto Ribeiro conclue assim a ode:

.....
 Deixa, deixa piedoso
 Que os rapaces, fataes conquistadores
 Em abrazado vôo,
 Quaes soltos raios circulando a terra,
 Vão d'ella aos fins com sangue
 Fixar seu nome em colossaes pyramides;
 Tu — soffre, « morre... e vingá-te.»

! Que remate este tam habilmente aproveitado!, que brilho!, que emphase no ultimo verso!, que rasgo de sublime tam semelhante aos tam conhecidos de Corneille!, que lacnismo tam incisivo e eloquente! É que 'naquellas breves palavras está exarada uma nodoa indelevel sobre a honra do conquistador, que tendo-se aproveitado dos serviços do pobre soldado como d'um degrau para subir ao apogeu da gloria, deixa-o succumbir no maior abandono; é que com a sua morte angustiada, ao mesmo tempo que tirava a mais terrivel das vinganças contra o paiz, que lhe pagava com a ingratição, adquiria mais um titulo á estima da posteridade.

Logo abaixo d'esta, collocámos nós a poesia intitlada — *O Sino do Mosteiro*, supposto que 'nesta o poeta por vezes guinde um pouco o pensamento, e a phrase lhe sáia aqui e alli gongozica e extravagante; defeito que, ainda mesmo não fazendo caso do dito de Horacio sobre o somno de Homero, devemos relevar, attendendo ás excellencias que em compensação ahi se encontram, e que dão occasião a apreciar mais outra vez os quilates do engenho do poeta.

A hora escolhida para compor *O Sino do Mosteiro* foi a do crepusculo matutino; era a hora mais propria para inspirar uma pagina rica de philosophia e enthusiasmo como aquella; a meditação, esta irmã gemea da poesia, não ama so a melancholia da noite de luar, ou o romanticismo do sol no occaso; simpatiza tambem e muito com a magestade solemne da aurora, e se poucos a ella se entregam então por incommoda, não perde por isso o seu esplendor.

O poeta deve ter nascido tal, ja o dissemos, porém muito concorre a occasião para o acabar de formar; este principio, que

ainda ha pouco liamos em sentido mais lato n'um livro de Zimerman, ve-se realisado todos os dias. ! Como se seria poeta, se nos tivessem incarnado nos ossos a burguezia dos *barões* de C. Castello Branco? ! Como se modularia em estrophes um pensamento elevado, se nos encarcerassem perpetuamente dentro d'um balcão?

Mas se pelo contrario o poeta vai observar a natureza, quando ella se nos apresenta com toda a pompa, sente acerado o engenho e poetisa; a alma é-lhe enlevada por esse numen, que o poeta invoca na epopeia, que inspira o heroe na tragedia, que se transforma em simples burguez na comedia e em pastor na ecloga; 'numa palavra, pelo fogo do enthusiasmo. ! É 'nestes transportes, que Virgilio ve tam perfeitamente a ruina de Troia; que Camões ve apparecer de sobre as rochas do cabo das Tormentas o vulto gigantesco e esqualido do Adamastor; que Milton ve reunidos no Pandemonio o conciliabulo das potestades infernaes, forjando a queda do homem; que Almeida Garrett descreve com traços tam delicados a entrevista, em que o conde de Castanheira, generoso rival, aperta a mão do cantor dos *Lusiadas*; e que Pinto Ribeiro (não haja reparo em por este nome ao pé dos epicos immortaes) ouve o tanger do *Sino do Mosteiro*!

A musa religiosa, que sempre teve um cultor tam crente no author das *Lgrimas e Flores*, revela-se aqui admiravel; a contricção, que transpira 'naquelles versos, é a contricção de Lamartine e Manzoni, verdadeira e sublime; e se os sons vibrados na sua harpa não egualam os dos dois grandes lyricos, a crença não era inferior 'naquella occasião. Os versos:

... oscillando entre a luz e as trevas
 Minh'alma erguida ás regiões lustrosas
 Por tam mago poder, qual anjo reprobado,
 Em breve tomba nas mansões da noite.
 Que tu não possas derramar-lhe, ó campá,
 'Nesses sons pios o anciado allivio,
 E annunciar-lhe em vez d'este crepusc'lo
 Ou noite perennal ou dia eterno!...

exprimem uma idea luminosa, que lhe occorreu ao lembrar-se do balsamo, que podia ter na vida monastica para cicatrizar

as feridas do coração. Era uma reminiscencia da ventura, que Nuno Alvares, Luiz de Sousa, Luiz de Leão, e tantos outros, acharam nos penetraes do claustro.

Do que temos escripto, se ve, que não foi apaixonados que viemos tecer o panegirico de Pinto Ribeiro, e que não foi menos sincera a dor, que sentimos ao deixar de o ver cultivar a poesia, como lhe convinha. Este exemplo porém não é a excepção, é a regra; o facto é infelizmente a reproducção de mil outros identicos.

Fraca é a nossa voz para achar echo nos corações d'aquelles, que nos ultimos annos tantos louros têm colhido nas lides poeticas; mas fraca como é, aqui a exalçamos pedindo-lhes, que rejuvenesçam quanto antes a eschola que crearam, e iniciem novos neophytos nos mysterios de que são senhores.

A. L. S. DE CARVALHO

A CREAÇÃO DA MULHER

Anecdota contemporanea

No dia vinte-oito de Junho do anno passado, 1858, achavam-se reunidas, ás onze horas da manhã, umas seis ou sete pessoas dentro das mesmas paredes e debaixo do mesmo tecto.

É o facto mais simples e trivial do mundo todo.

Não importa, vejamos sempre.

Quatro d'essas pessoas eram do sexo amavel, e as demais do sexo amante.

Isto já dá interesse; mas não é tudo.

Tres das primeiras eram novas e solteiras.

Cresce o interesse na proporção que diminue a idade das amáveis.

A quarta, se não era nova nem solteira, primava em excellentes dotes de decidida respeitabilidade.

Já vedes que era muito interessante a reunião pelo que respeita á parte essencial: a outra parte também não era nada de rejeitar. Avultava nella, principalmente, um mancebo de luneta e bigodes, que em frente das tres bellas era bastante para dar

relevo a um romance, quanto mais a uma anecdota.

Já sabeis agora, que além de novas e solteiras eram bellas; e se ainda isto vos não desperta, ide com Deus, que não sois ca d'este mundo.

Eu, se fosse poeta, chamava-lhes anjos, ou ao menos sylphides; se fora oriental, chamava-lhes fadas; se mahometano, houris. Assim, sendo prosador, occidental e christão, reuno as tres ideas e chamo-lhes simplesmente — *mulheres*.

Aquellas almas descuidosas e louças perdiam-se em conversações fugitivas e prazenteiras, respondendo-se ao desafio em ditinhos chistosos, em galanterias espirituosas, mais ou menos adubadas com seu epigrammasinho á mistura, mas sempre de boa feição, em allusões provocantes, que mais d'uma vez fizeram de carmim aquellos rostinhos feiticeiros, quando o mancebo, a quem chamarei Gonsalves, disse, erguendo a voz:

— A proposito, minhas Senhoras, vou, se V. Ex.^{as} dão licença, contar uma historietta, que acho galante e engraçada.

E nós agradecemos, — responderam á uma ás senhoras.

Proponho, porém, uma condição.

— Está accete.

— Olhem lá, minhas senhoras; não haja arrependimentos tardios...

— Nada, — vamos á historia.

— Primeiro á condição.

— Pois sim, mas depressa.

— Não hão de ficar mal commigo.

— Pois a coisa é para isso?

— Talvez. Mas advirto, que nem a historia é minha, nem subscrevo á opinião do auctor.

As tres mais novas olharam-se um instante, trocaram um sorriso, e depois voltando-se para o mancebo:

— O dito, dito. Conte a historia, que não ficamos mal comsigo, — disse uma, abrindo o leque.

E os olhos diziam bem mais...; e tanto, que o pobre moço ia ficando quasi parvo com um pensamento, que lhe sorriu la dentro.

— E olhe que já se nos vai esgotando

a paciência e a curiosidade; — continuou com o sorriso mais maganão e seductor, que em labios de mulher tem adejado.

— Em quanto á primeira concordo, minhas senhoras; em quanto á segunda... não direi que é impossivel...

— ¿ Mas pensa-o?

O mancebo sorriu e calou-se.

— ¿ Sabe que nos está atacando?

— É o mau fadario da verdade.

— Mas ¿ não sabe que nem todas as verdades são para se dizer assim na cara da gente?

— Que quer V. Ex.^a, minha senhora, se tenho o mau sestro de dizer sempre o que sinto.

— Está bom, deixemos isso, accudiu outra: — vamos á historia.

— Sou um creado de V. Ex.^a. La vai:

«Haverá quinze ou vinte dias, que 'numa reunião estava grande numero de pessoas de todos os sexos, de todas as edades, de todos os typos e de todos os estados. A conversação corria variada e caiu insensivelmente no merecimento relativo dos dois sexos.

— Por mais que andem e desandem, dizia uma bella pretenciosa, não podem os homens negar a origem vil donde procedem. E para prova basta que, por mais que se lavem e relavem, sempre deixam a agua suja. Bem se ve que são de barro.

— Perdão, minha rica senhora, disse um dos da reunião: peço licença para recordar a V. Ex.^a, que a nossa natureza é a mesmissima á face da Biblia.

— Não é tal, redarguiu ella com fatuidade; creadas d'uma costella, ja somos de materia aperfeiçoada.

— Não foram tal creadas de costella nossa, exclamou outra voz de homem.

Todos ficaram pasmados do tom decisivo, com que assim se negava uma verdade das letras sagradas. A novidade suscitou o interesse, e todos se calaram a ver o que d'alli saía. A mesma voz soou então:

— É um erro dizer-se, que a mulher haja sido formada d'uma costella do homem. Não foi tal, repito. A Biblia não mente, mas não diz tudo. Eis o caso como foi.

Comprimiram-se as respirações, e cada qual concentrou toda a sua attenção no que se ia dizer.

O narrador em prespectiva, dignissimo proprietario de tam luminosa idea, surgiu então do vão d'uma janella, lançou um volver d'olhos por aquella gente toda e principiou com ar de riso:

— Deus, que la lhe doía deixar o homem so no mundo, lembrou-se de dar-lhe companhia. «Faça-se a mulher» — pensou elle. E ¡ foi mesmo um pensamento divino! Chamou para isso um anjo, deu-lhe as suas ordens e o anjo immediatamente baixou á terra.

Espreitou quando o pai Adam estava dormindo, e foi-se chegando mol e mol para o pe d'elle. Deixou-o pegar bem no somno, e depois ¡ zas! dá-lhe um reves de durindana e corta-lhe um taçalho de carne com uma costella agarrada. ¡ Ficou uma ferida immensa e sangrenta, que aquillo so visto!

E vão notando, minhas boas senhoras, que ainda a mulher não existia, e ja nos feria d'aquelle modo. Isto á parte.

«O anjo de nosso Senhor, querendo curar o pai Adam antes d'elle acordar, poisou a carne sobre uma pedra, e la tratou de o sarar conforme pôde. Vai depois para tomar a carne, e ¡ visperé! achou-lhe o poiso. Ora elle, se não fosse anjo, chorava... ¡ E por um tris, que não ficamos sem mulher!..

Foi Deus que lhe tocou no coração. Estendeu a vista ao largo e ve ir fugindo, entre-sumido pelas arvores, um cão com a carne na bocca. Agora o veras. Dá sobre elle sem mais detença com a espada alçada, e eil-o la vai todo açodado, chamando, asobiando, ameaçando; mas com tudo isto mais o bruto se movia.

As arvores não o deixavam servir-se das asas, e a pe é muito difficil apanhar um cão em bom caminho, quanto mais 'numa mata virgem.

A final, para encurtar, conseguiu agarral-o pelo rabo. Mas ¿ como tirar-lhe a carne? Se largava a espada, o cão mordida-lhe; se largava o rabo, o cão fugia. Era uma posição difficilima. Occorreu-lhe felizmente um

bom pensamento: cortou o rabo do cão e deixou-o fugir.

E aqui está, pois, de que veio a formar a mulher.

A gargalhada rebentou espontanea: so a antagonista mordeu os beiços, ergueu o leque á altura dos olhos, e não disse nem uma palavra mais em toda a noite.

—Ora realmente, senhor Gonsalves, jisso não são coisas, que se contem a senhoras! exclamou a mais nova das quatro, agitando com frezezi o ligeiro pésinho, que o indiscreto balão deixava ver-se a espreitar por debaixo das rendas entufadas d'uma calcinha de neve; — escolheu pessimo assumpto de conversação... Se eu soubesse...

— Oh! minhas senhoras, eu adverti e fui instado! E demais d'isso, torno a dizer, que não sou da opinião do narrador. De certo, quem se lembrou de dizer, que as senhoras são de carne de cão, não tinha tido a honra de conhecer V. Ex.^{as}.

— E jentão que tinha! — disse immediatamente a mais velha sorrindo: o cão é o symbolo da fidelidade.

— Pois é por isso mesmo, minha senhora, que eu não acho analogia nenhuma nos dois entes.

J. SIMÕES FERREIRA

CONTRASTES ENTRE O ORIENTE E O OCCIDENTE

Os europeus, diz Mr. Ugrnhart, collocam com solemnidade a primeira pedra d'um edificio; mas os turcos festejam o termo da construcção do telhado.

Entre os turcos a barba crescida é signal de dignidade; entre nós de negligencia e desalinho.

Rapar a cabeça é para elles um costume, e para nós um remedio.

Na Europa tiram-se as luvas em presença do soberano; na Turquia cobrem as mãos com as mangas da veste.

Nós entrámos 'numa casa com a cabeça nua; elles entram descobrindo os pes.

La trazem os homens o pescoço nu, e ás vezes os braços; ca são as senhoras, que imitam esse costume.

Na Europa as senhoras usam nos vestidos de cores brilhantes, e os homens de cores escuras.

Os ottomanos praticam exactamente o contrario.

Ca são os homens, que namoram e procuram as senhoras; la são ellas as que tentam seduzir o outro sexo.

Na Europa uma senhora não costuma visitar um homem; na Turquia um homem não póde visitar uma senhora.

Na Turquia as senhoras sempre trazem calças, e os homens ás vezes usam saias.

O tecto das nossas casas é branco e as paredes pintadas; entre elles, o tecto é pintado e as paredes são brancas.

Na Turquia ha distincções de jerarchia social sem privilegios; na Inglaterra ha privilegios sem distincções sociaes.

Entre nós as conveniencias sociaes e da etiqueta superam os vinculos domesticos; entre elles a etiqueta da familia vence a da sociedade.

Entre nós o mestre recorre á authoridade dos pais; na Turquia são os pais, que appellam para a superior authoridade do mestre.

Os rapazes turcos têm modos viris; os nossos homens (inglezes) têm modos de creanças.

Entre nós os patrões tomam informações sobre o character de seus criados; na Turquia os criados é que procuram informações ácerca dos patrões. O motivo é porque la não ha ordenado fixo, mas sim presentes a capricho dos amos.

Nós reputámos a dança como um passatempo elegante; elles a consideram uma occupação infame.

Na Turquia a religião oppõe-se aos tributos; — na Inglaterra o governo levanta impostos em prol da religião.

Na Europa a religião do estado recebe as oblações dos fieis; na Turquia a religião protege o sustento dos seus proselitos.

(Continúa)

Maximas, pensamentos, etc.

É indubitavel, que os homens valeriam

mais, se se exercitassem a miudo em escrever quanto pensam. A palavra fugitiva e indecisa permite um certo vago, que a penna não consente.

QUIROGA

A virtude e o saber são os dois dotes, em que unicamente deviam consistir as distincções humanas.

M. J. L.

O SOMNO DA INFANCIA

DEDICADO AO FILHO DO EX.^{mo} SR. BERNARDO FRANCISCO D'ABRANCHES

..... Teu somno placido
Dá-te ao rosto infantil feições d'archanjo,
Assomos divinaes, magia, encanto.

A. X. R. CORDEIRO

I.

¡Innocente! que dormes descuidoso
Nos braços da mãe q'rida!
Sonhando so venturas, e não vendo
Que espinhos ha na vida!

¡Que idade tam feliz! ¡oh! quem pudéra
Sempre assim existir!
Ter so por ambição infantis brincos,
Viver sempre a sorrir!

Ser da mãe e do pai idolatrado,
So gosos conhecer!
Julgar que o mundo encerra so prazeres,
Que é mentira o soffrer!

¡Que ditoso tu és! — Se te adormeces,
¡Aos anjos vais falar!
Se acordas, ¡vem a mãe com ternos beijos
Fazer-te despertar!..

¡Innocente!, que dormes descuidoso
Nos braços da mãe q'rida!
¡Deus te prolongue o somno, p'ra que ignores,
Que espinhos ha na vida!

II.

¡Como és lindo, meu anjo! ¡que feições
Tam meigas e formosas!
São de rosa purpurea e assetinada
Tuas faces mimosas:

O candido jasmim não é mais alvo
Que a tua branca tez,
Onde cahem de teus lindos cabellos
Os doirados anneis:

Os teus escuros olhos não conhecem
O pranto d'amargura,

Nem o teu coração traja indá as vestes
D'acerba desventura;

Nem inda a cor funerea da tristesa
Tua fronte toldou:
Ainda de desgosto um so suspiro
Teu peito não soltou.

Quando a noite desdobra sobre o mundo
O seu escuro manto,
No teu fofu bercinho um somno dormes,
Ao som d'alegre canto,

E julgas que se encerra o Universo
Na tua habitação;

E que o espaço de ceu, que a custo alcanças,
Não tem mais amplidão.

III.

¡Edade de chrystal, em que reflecte
O sol da candidez!
¡Infancia feiteiceira! ¡p'ra que foges
Com tanta rapidez?!..

¿Porque mudas do infante os ternos risos,
De pura flecidade,
Em vida amargurada, em ais penosos,
Em prantos de saudade?!..

IV.

¡Meu Deus! ¡p'ra que estarei louca, exaltada,
Da vida a blasfemar?!
Sabendo que da infancia as doces horas
Em fel se hão de tornar?

¡Senhor! eu ja conheço que no mundo
Custa caro o prazer,
E que em troca de instantes de ventura
Nos dás longo soffrer;

Porém, Deus de bondade, attende agora
Preces do coração,
Que te faço em favor d'um anjo vindo
Do mundo ao turbilhão:

¡Não deixes, ó meu Deus, crestar seus labios
Pelo bafo da dor!
A quem deste belleza, ¡dá ventura —
Ampara a tenra flor!

Coimbra 20 d'Agosto de 1858 AMELIA JANNY

A NOVIÇA

Diz-me, donzella, o que sentes,
Diz-me teu doce pensar:
¿Entre os muros da clausura
Acaso podes amar?

Entre grades, entre ferros
Sentes o peito ansiar?
Entre grades, entre ferros
Sentes no leito deserto
Teu coração palpitar?
Diz-me, donzella, o que sentes,
Diz-me teu doce pensar.

Onde não ha liberdade
Murcha logo toda a flor;
Não tem vida, nem tem força
P'ra crescer e ter vigor;
A mesma seiva que a alenta,
Enfraquece e perde o ardor.
Mas so tu, donzella, sabes
Se assim é tambem o amor;
Se, onde não ha liberdade,
Murcha logo toda a flor.

Embora seja o ser livre
D'amor eterno condão;
Zomba de grades e ferros
Um constante coração.
Onde não vivem as flores
Vive d'amor o volcão;
Que o amor cresce com força
Onde outros não crescerão;
Embora mesmo o ser livre
Seja d'amor o condão.

As estrellas, que no espaço
Ves formosas a luzir,
Te ensinam d'um bem amado
O doce, mago sorrir;
Que as estrellas tambem amam,
Namoram com seu fulgir;
E tu de noitê, sosinha,
Sonhas so no teu dormir
Co'as estrellas, que no espaço
Ves formosas a luzir.

Quando a lua tinge os muros
D'alvacenta pallidez,
E o convento a horas mortas
Jaz em lobrega mudez,
Em pensamentos de fogo
Gira-te o sangue talvez;
Sentes desejos ardentes
Que te chammejam a tez,
Quando a lua tinge os muros
D'alvacenta pallidez.

Pela estreita gelosia
Teus olhos olhando estão:
Ves os rios, campos, montes
Em calada solidão;
Pedes á noite um amigo,
Um amante... ¡mas em vão!
No silencio da natureza
Bate so teu coração...
E na estreita gelosia
Teus olhos luzindo estão.

Passas a vida penando
Entre a cruz e o mausoleu;
Sob a estamena grosseira
Arfa inquieto o seio teu;
Chama-te o mundo..., e ¡debalde!
¡Que para ti ja morreu!
E no teu pungir ardente
Talvez maldigas o ceu;
Porque vives so—penando
Entre a cruz e o mausoleu.

¡Pobre virgem!, que bem cedo
Te fadaram para a dor!
Viste as espranças perdidas
Dos teus annos no verdor;
Desfeitas formosas crenças,
Que cifraste em teu amor;
Murchar-se no frio claustro
Do teu rosto a rubra cor;
¡Pobre virgem, que tam cedo
Te fadaram para a dor!

1853

A. A.

A ESPERA

Tudo, tudo galas veste,
Tudo festa aqui revela;
Aves, rio, brisas, flores,
Tambem esp'raveis por ella?

A. LIMA

Vem, minha amada. — A noite ja vai alta,
O bosque é solitario: — ¡dorme tudo!..
A fofa relva, que este chão esmalta,
Val tanto como um leito de velludo.

Esta arcada d'arbustos sempre inquietos,
D'onde pendem festões de gentis flores,
Abafará transportes indiscretos
Do nosso amor. ¡Aqui templo é d'amores!..

Aqui fragrantas auras, que embriagam,
Deleitam com perfumes voluptuosos:

As lembranças do mundo aqui se apagam
Em mil sonhos d'amor os mais formosos.

Este suave arroio murmurando
Terna melancolia nos infunde:
Aqui o sol sem força penetrando
O solo em relva, a relva em rosas funde.

Em quanto a aurora não esvai a sombra,
Que ora reina cercada de mysterio,
Vem; — e terás por leito flôrea alfombra,
Por docel todo o vasto espaço aereo.

Mal envolto em finissima cambraia,
Quero ver o teu seio cor de neve,
E tam fina, que sem esforço tráia
Suas formas do arfar na pressão leve.

Os teus negros cabellos quero soltos,
No collo nu caídos com desleixo,
Negros quaes, os desejos, que revoltos
Sinto, se com os meus teus labios fecho...

Vem, minha amada, ¡vem! — Se tu souberas,
Que esperar a ventura é tam custoso,
¡Tremendo nos meus braços tu ja eras
Contra meu seio unido, anjo formoso!..

Vem, minha amada, ¡vem!.. ¡Ah! de seus passos
Ao longe escuto ja subtil ruido...
Vem, vem, ¡querida! — aperta-me em teus braços,
¡Dá-me o ceu, que no inferno eu hei vivido!..

Fevereiro de 57

A. S.

.....
Ne pèse point sur elle, ó terre! Elle
n'a point pesé sur toi!

E. SOUVESTE.

Ao longe, nos campanarios,
Os sinos tristes dobravam,
E de vez em quando mudos,
Silenciosos ficavam...

E do bronze os tristes dobres,
Plangentes e resonantes,
Iam despertar os echos
Pelas collinas distantes.

No cedro do cemiterio
O vento, que sibilava,
Os goivos por sobre as campas —
¡Tudo de morte falava!

Em todos sentido pranto
As faces humedecia...
Em vez de riso, nos labios
Morava a melancolia.

Sinos, pranto, natureza,
Accordes harmonisavam,
E aos ceus de mais um anjo
A ascenção annunciavam.

Entre o prestito, no templo,
No meio do pavimento,
Se elevava luctuoso,
Funerario monumento...

No meio de ondas de incenso,
Ao redor ardiam cirios,
E rescendiam as jarras
Com as fragancias dos lirios.

Como o susurro das folhas,
Ao romper da manhã, quando
Tenue suspiro das auras
Vai os bosques acordando,

— Todos baixo murmuravam
Prece profunda e sincera
Por quem aos anjos voára,
¡Por quem do mundo não era!

E dos labios da donzella,
Sobre o funebre athaude,
Um sorriso lhe fugia
De innocencia e de virtude...

.....
¿Quem morrêra assim, sorrindo,
Com virtude heroica e tanta?
— Entre os homens — ¡era Emilia!
— Entre os anjos — ¡uma sancta!

Santo Antonio dos Olivaeas — Março, 1859

H.

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coim-
bra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa —
livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.^ª; Porto
— Sr. Jacintho Antonio Pinto da Silva; Viseu — Sr.
Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa — Sr. Manuel
Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Bra-
gança — Sr. Antonio Caetano d'Oliveira Furtado; La-
mego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr.
Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pe-
reira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno	1\$240	Anno	1\$460
Trimestre	360	Trimestre	450

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACITOR PRINCIPAL—V. da Silveira

PRELUDIOS-LITTERARIOS

(Continuado dos n.º 1, 2, 3 e 11)

V

Se estivessemos escrevendo um romance, abrir-vos-hiamos este capitulo dizendo-vos sacramentalmente, como qualquer novelista francez ao apresentar-vos a primeira pagina do seu livro, que — foi na tarde d'um priguizoso domingo d'abril, que nos dirigimos ao *Jardim botanico*, para distrair-nos das desagradaveis impressões, que tanto nos haviam entristecido a alma ao ver-nos obrigados a reproduzir, para justificar-nos depois, o medonho quadro de accusações, que acabais de ver, e com que tam injustamente se tem procurado manchar a nossa boa reputação academica, hoje tanto mais para reear pelos inimigos d'uma mocidade intelligente e energica — quanto ella nos vai promettendo, de dia para dia, um lugar distinctissimo 'nessas pleiadas civilisadoras, que ja por toda parte proclamam com nobre altivez a regeneração d'uma sociedade minada até os seus alicerces pelos abusos, pela corrupção, escravizada pelo despotismo, pela tyrannia dos velhos principios...

Corria então alguma aragem, e o sol, cansado de tanto caminhar, procurava ja uma montanha, em que recostar sua enorme cabeça, um mar inteiro, em que estender seus membros enfraquecidos.

Mas, notem, meus Senhores, que, quando dizemos *cabeça e membros*, falamos em sentido *figurado*...

Vinha talvez aqui muito a proposito o dar-vos uma idea do nosso Jardim botanico,

não uma idea de pesado *architectonismo*, mas uma idea simples e singella, como são d'ordinario quasi todas as que podem assaltar a mente do passeante 'num lugar, 'num sitio, que so procura para distrair-se.

Todavia, como reservámos as especialidades de Coimbra para uma outra ordem de escriptos, basta que vos digamos de passagem, que o nosso Jardim botanico tem as suas ruas muito areadinhas, e os seus canteiros muito enfeitados de *rotolos* e pouco guarnecidos de flores, mas muito pouco... Em duas palavras: é uma especie de *cemiterio-florifugo*, com o seu horto de sacristão, em que as raizes, as cebollas e as sementes de toda a hierarchia se convertem, ao que parece, em po, cinza e nada, como fatalmente succede aos pobres restos mortaes da nossa fragil humanidade, quando plantados no alto de S. João, nos Prazeres, ou em outro qualquer cemiterio, cujos muros, menos accessiveis, por certo, aos assaltos do cão esfaimado, do que os do *Pio*, lhes não consentem mais complicadas transformações.

Mas, como iamós dizendo, alem de ser na tarde d'um domingo, que nos dirigimos ao Jardim botanico, foi tambem na tarde d'um dia de *bazar* em favor dos asylos de Coimbra, que M.^{me} Economia, d'uma pureza de consciencia a toda prova, e de mãos dadas com M.^{llo} Caridade, protege, por via de regra, á custa da rachytica mezada do pobre estudante.

Podeis dizer-nos, que estamos a contar-vos coisas ja muito sabidas e, infelizmente, muito apreciadas por todos vós, caros Collegas; mas ¿la fóra?... Vamos: é tempo que todos saibam o que é Coimbra; uns golpesinhos mais no mysterio, e a Lusa Athenas

deixará de ser um palacio de fadas nos contos da Carochinha...

A concorrência era numerosa, como costuma ser sempre nos logares, em que se póde ouvir sem notavel constrangimento uma polca, uma masurca, uma opereta qualquer, com que uma supportavel banda de música alegremente faz vibrar os ares, que em suaves e perfumadas ondulações nos vêm refrescar a fronte, no campo, 'num bello dia de primavera.

Não nos lembra agora em que escripto nosso pediamos á camara municipal o engajamento d'uma d'essas Philarmonicas, que ha em Coimbra, como um excellente meio, o unico, talvez, em taes circumstancias, de fazer sair os habitantes indigenas á luz do dia, depois, quiças, d'um encarceramento d'annos em fetidas e escuras habitações, que alteram, que corrompem o principio vital a ponto de o annullar demasiado prematuramente.

Mas as camaras municipaes, como as camaras dos deputados e as dos pares, como quasi todos os *empresarios* de poderes politicos — so curam das coisas, que se podem logo *apalpar, cheirar e gostar*, considerando uma ninharia para o povo os gosos do espirito, que, materialmente falando, são impossiveis d'uma tal apreciação.

Na verdade: ¿seria um grande desapontamento para um d'estes zeladores ou administradores das nossas coisas, se, ao tomar-se-lhe contas da applicação do nosso dinheiro, não tivesse para metter-nos pelos olhos um bom par de kilometros de caminho de ferro, para ir-mos em tres annos á Ponte d'Asseca, um navio de mais, armado em guerra, para nos comboiar o cacao de Caracas, ou um soldado bonitamente fardado, para nos fazer de D. Quixote juncto ás *praias* do Guadiana!... ¿Como mostrar, que o dinheiro applicado á civilização dos costumes, á educação do espirito é tam bem applicado como a um caminho de ferro, a uma fragata a vapor ou a um soldado bonitamente fardado, etc., etc.?

Assim a camara municipal não podia, nem devia attender ás nossas supplicas; e os dias de musica em Coimbra são tam raros no jardim ou nos passeios publicos,

como um bello sol na agreste e tempestuosa quadra do inverno.

Debaixo das arvores viam-se algumas mesas cobertas de usado damasco, com não sabemos quantas bugigangues, que mais desafiavam a cubiça das creanças, passeando pela mão de pachorrento pa-pá, do que a caridade dos homens de coração, que onde ha arteirice não podem ver senão immoralidade, não podem sentir senão repugnancia... Era tempo ja de que todos comprehendessem esta verdade: que conuem mais á moral e á religião o pedir *aberta e francamente* uma esmola para socorrer os pobres, do que extorquil-a por meio d'esses ardis, que subministra a astucia, e que não ha caridade, nem sanctidade possivel, por mais que se esforcem, que os possa subtrair hoje á sua devida apreciação.

Em roda d'essas mesas varias Senhoras, bem amaveis na verdade, serviam de *caixeiros*, ja vendendo bilhetes de rifa, ja entregando áquelles, a quem a sorte mais favorecêra, um rolosinho de mortalhas, um bonecrinho de barro, uma caixinha de foforos, um tinteirinho de louça ou de vidro, um raminho de flores fingidas, uma coisinha emfim, que na loja custaria dez reis ou um vintem, um pataco ou um tostão, mas que alli lhes fica quasi sempre por 3, 4, 6, 8 pintos, mas *por caridade*, ja se ve...

Pelas espaçosas ruas era um mundo de *philanthropicos*, que ás ondas se movia de um para outro lado, do principio ao fim do Jardim, ¿tam tumultuoso como as ondas de um mar encapellado pelos ventos, tam variado em fórmulas e trajés, em edades e sexos, em fealdades e formosuras, em sensações e pensamentos, como de côres é o mais precioso mosaico, que mãos romanas tenham incrustado e polido!..

Incommodados, assustados mesmo de tanto barulho (porque, com franquesa, apesar de sociaveis ou de socialistas, como nos queiram chamar, gostámos, e gostámos muito do isolamento, em quanto os outros se divertem em maxima tumultuosidade), dirigiamo-nos ja para um banco de pedra, la no fundo do grande terraplano, quando uma voz femenina, doce e insinuante, como

o trinar de melancólico rouxinol, no crepusculo, ao nascer da lua, nos recordou, que alli havia *mulheres*...

Olhámos: era B. R., que passava, esse anjo delicioso, perdido na terra, que ninguem comprehendeu ainda, porque ninguem ainda lhe soube falar *com a alma* essa linguagem dos espiritos, que, como uma emanção celeste, se infiltra pouco a pouco no coração dos seres privilegiados, lhes perfuma o peito e lhes enleva o pensamento, desembaraçando-o sem custo d'essas cadêas materiaes, que o opprimem, é que jamais se despedaçam nos seres vulgares.

Assim B. R., devendo ser em Coimbra a rainha das mais felizes inspirações, — não passa, aos olhos d'uma grande parte, dos que ahi a contemplam todos os dias, de *simples* mulher, joven ainda, formosa, amavel, *rica* e feliz!..

Ao passar bem perto de nós um subito estremecimento agitou nosso corpo: nosso coração, que nos não falava havia tanto..., pulsou com mais frequencia, e o ar que alli respiravamos apenas podia encher nossos pulmões, que se alargavam com o ancioso arfar do peito, a que a nossa vida toda parecia affluir!..

Este phenomeno, que em nós se repete tantas vezes, quantas são as em que a sorte nos tem aproximado d'aquella existencia *divina*, e que nunca sentimos com a aproximação de nenhum outro ser d'amor ou de odio, este phenomeno, dizemos, é sem duvida dos mais singulares, dos mais incomprehensíveis no mundo physiologico; e embora recorramos ás fabulosas theorias do magnetismo animal para o explicar, embora admittamos entre nós e um ser estranho os prodigiosos effeitos, que se attribuem ás correntes electricas — elle continuará a ser um mysterio insondavel, um abysmo, cujas trevas não é dado ao homem o dissipar...

Por outro lado, dizer que a nossa alma, dirigida por um *principio sympathico*, parece querer escapar-se-nos, para voar ao encontro d'outra alma, que muitas vezes não a *solicita*, que se conserva *estranha*, muda, silenciosa, em quanto aquella se agita e ferve no peito, embora distancias consideraveis se estabeleçam entre um e

outro ser, que animam differentemente, — é ainda confessar a existencia do mesmo phenomeno, cujas leis continuam a estar em completa opposição com todas as leis da natureza, — com as mais ousadas combinações da nossa intelligencia.

Seja porém como for, — o poder, que B. R. exerce sobre o nosso espirito, sem que o seu o presinta ao menos, não póde ser senão um poder *fatidicamente* benefico; pois que, fazendo-nos esquecer um presente amargo, — com um so olhar seu, vago, que elle seja, deliciosamente nos mystifica, revelando-nos um mundo de bemaventuranças, a que ella pertence, e cujo gososo nos parece prometter.

A *visão* tinha desaparecido...; e assim impressionados deixámos aquelles sitios tam cheios ainda de animação para os outros, como vasios de interesse para nós, que por alguns instantes nos esquecêramos da terra por um sonho feliz.

(Continúa)

V. DA SILVEIRA

INSTRUÇÃO

(Continuado do numero 4 e 6)

Importancia do estudo da lingua latina

II

.... ita litterarum antiquarum studium, hodieque maxime merito esse censetur doctrinae et eruditionis initium et fundamentum.

Den Tex — *Encyclopedia Jurisprudentiae*, §. 463.

No esboço mui geral e subtil, que traçámos, da litteratura *grega e latina*, transluz a necessidade do conhecimento d'estas duas linguas, tam ricas de harmonia e precisão, que, a que possuem as que hoje existem, d'ellas a houveram.

Procuraremos agora escudar nosso parecer com a auctoridade d'alguns escriptores e pensadores distinctos, que, apostolos da evolução progressiva das sociedades modernas, não lançam mortuario veu d'esquecimento sobre o passado, nem engeitam, como o fazem muitos, os haveres, que os tempos remotos nos legaram.

Den Tex, na sua *Encyclopedia Juridica*,

com profusa abastança d'argumentos nos convence da summa utilidade e prestimo do estudo das antiguidades, maxime do estudo da lingua *grega e latina*, e sirva para comproval-o as poucas linhas, de que fizemos escolha para dar passa-porte a este nosso capitulo.

É este um livro de reconhecido merecimento, de escolhida erudicção, de maximas e pensamentos sublimes e succulentos, em que tanto se ostentava e caprichava a antiguidade, e que este sabio auctor soube colligir, reunindo em bello quadro os bellos pensamentos de Plutão, Aristoteles e Cicero.

Nem seja suspeito de parcialidade este escriptor, que, levado do amor d'antiguidades, parece haver seguido em tudo, e em tudo professado as ideas da *escola historica*, sem que enriquecesse as suas paginas com ideas exaltadas, com palavras de moderno invento, que constituem a base da philosophia actual, desviando-se um pouco da via trilhada pelos pensadores, que lhe são irmãos na patria—a Allemanha, onde o pensamento tem subido em tam elevado voo, onde a linguagem se tem tornado tam ousada e mysteriosa, essa linguagem *nova e ficta*, em que a expressão do racionalismo allemão tanto se esmera.

Den Tex, no seu bello latim, que talvez parallelise com o dos melhores classicos de Roma, não so entorna a mais clara luz philosophica, mas, em varias partes, ostenta esse brilho, esse verniz poetico, com que os escriptores latinos soíam dourar os seus escriptos.

As suas douctrinas não são estacionarias e tibias, como o crêm falsos interpretes dos principios da *escola historica*. A opinião de Den Tax respeitamol-a: não sabemos o que dirão nossos leitores; appellamos para a sua convicção.

Tocqueville (1), esse escriptor imminetemente progressista, esse apologista esforçado da democracia, e cujas obras são um hymno perpetuo á liberdade e á emancipação da sociedade, escravizada ha tantos seculos pela tyrannia e pelo fanatismo,

proclama como proficua e necessaria a instrucção grega e latina no meio d'um povo democratico e livre.

Os Estados-Unidos, essa nova terra da promessa, onde tem principiado a realisar-se as prophcias da liberdade e perfectibilidade indefinida, feitas ha tantos seculos pelo coração do homem; onde as cruzadas de milhares de annos, começam a produzir seus fructos bonançosos; onde a intelligencia, solta das prisões, em que por tanto tempo a encerraram a aristocracia d'Athenas, o patriciado de Roma, o fanatismo da meia idade; onde o trabalho, levantando-se da abjecta condição, a que o haviam degradado o ilotismo da Grecia, a escravatura Romana e a servidão do feudalismo, principia a germinar e a estender sua acção magnetica sobre a civilisação e a remissão do genio humano,—os Estados-Unidos reclamam, como affirma este grande escriptor, o estudo da litteratura *grega e latina*.

Não existe litteratura, que mais convenha estudar, que mais convide o esforço dos seculos democraticos. Ora, se a democracia é o ultimo termo do progresso, como tudo nos leva a crer, é claro que as sociedades modernas, que avançam para esse horizonte, devem empenhar-se no seu estudo. É verdade, como diz o mesmo escriptor, que o *latim* e o *grego* não devem ser ensinados em todas as escolas; mas muito importa o seu conhecimento áquelles, a quem o seu natural ou a sua fortuna aponta o caminho das letras. Todos aquelles, que têm a ambição de se elevar no mundo scientifico, nas nações democraticas, devem alimentar seu espirito nas obras da antiguidade. É uma hygiene salutar.

Dois escriptores (2), que representam a antithese do seculo 19, cujas ideas marcham em rumo opposto, estão d'accordo neste ponto:—o estudo da lingua latina é proveitoso á litteratura moderna.

A lingua grega, suave, harmoniosa, poetica e facil na composição, é um thesouro precioso, aonde os sabios recorrem para formar a nomenclatura e a technologia

(1) Tocqueville, Democracia na America.

(2) P elletan e Huzar.

scientificas, adorno e riqueza das sciencias; é um jogo de palavras, a que se liga uma idea precisa, que se não confunde com outra qualquer, obviando assim aos inconvenientes e embaraços, que gera o emprego de palavras da lingua vernacula no tracto scientifico, erro, abuso mesmo, que tem esterilizado as paginas da sciencia, com questões inuteis, frivolas, meramente de palavras; porque o sentido vulgar, passando atraves de milhares de modificações, vem entremetter-se e confundir-se com o sentido scientifico, e introduzir o cahos, onde so deve reinar a claresa, a precisão e a harmonia.

Sirva d'exemplo, e exemplo mui frisante, a Economia Politica, onde, até hoje, so reina a incertesa; a sua nomenclatura oscilante, viciosa e desvirtuada nada offerece de preciso e estavel. Cada palavra dá logar a longas controversias, a questões aridas e interminaveis, que roubam o tempo e as paginas ás questões profundas e verdadeiramente scientificas.

Valor, capital, trabalho, concorrência, imposto, etc.—são termos, que revelam a cada economista uma idea differente. Já assim não acontece com a *chimica*, e com quasi todas as sciencias naturaes, que têm adoptado a terminalogia *grega*.

A lingua latina, essencialmente filosofica e concisa, presta-se ao commercio scientifico, sem perigo de exagerar; podemos appellidala a a justo titulo—a lingua dos sabios; tudo, tudo parece convidal-a a viver na atmosphaera da sciencia.

Os reformadores pretenciosos do nosso tempo, têm visto nas obras dos profundos genios da Grecia um cimento, um como esboço das suas douctrinas desmanteladoras e subversivas; todo o homem, que quizer conhecer a verdade, não se deve deixar arrastar pela sua argumentação sophistica; a leitura prudente e madura dos escriptos de Platão, Aristoteles e Cicero lhes fará ver, quanto distam os principios d'estes sabios dos dos nossos pretendidos sabios. É so o conhecimento da lingua *grega*, que lhe facilitará a leitura dos originaes e lhe poderá dar o desengano.

O conhecimento do Direito Romano, de

que o jurisconsulto não póde prescindir, depende igualmente do conhecimento da lingua *latina*. ¡A jurisprudencia Romana! ¡esse legado do Imperio, esse despojo magnifico de tam magestoso colosso! ¡A jurisprudencia Romana, diffundida por toda a Europa pelos tropheus dos povos do norte, que elles tanto honraram, e que attesta o espirito imminantemente philosophico, sensivelmente utilitario d'aquelle povo, que, pelo estudo das necessidades e relações sociaes, constituiu o mais bello monumento de legislação civil!

E. GARCIA

(Continúa)

VICIO E VIRTUDE

(Continuado dos numeros 3 e 9)

Novas tenções

Por cousa tam pouca
Andas namorado?

CAM RIM.

III

No dia immediato ao do passeio lugubre e triste, de que falámos no antecedente capitulo, dava-se em casa de Paulo larga conversa entre este e Luiz.

—¿ Como hei de conciliar, caro Paulo, os meus desejos com os meus deveres? A realisação d'aquelles importa a quebra d'estes. ¡Hontem perjurei, menti, faltei aos segundos! Melhor fóra não termos ido áquelle sarau, áquelle maldito sarau, que apagou, que matou as minhas justas tenções.

— Já vejo que hontem te lancei n'alma o remorso, chamando-te perjuro. Realmente és ainda muito creança...

— Talvez, e porventura é essa a rasão por que agora te não comprehendo.

— Até ha pouco existia uma crença 'neste espirito, uma tenção 'nesta alma e uma esperanza 'neste coração. Os meus pensamentos resumiam-se 'num so:— fazer a felicidade da mulher, que eu amava, e da filha, que Deus nos dera. Mas ¡esta crença, esta tenção, esta esperanza não existem já! Ouço duas vozes: uma, meiga e affavel, aconselha-me, que ceda ás minhas novas inclinações; outra, terrivel e imperiosa, não me aconselha, ordena-me, que cumpra com

o meu dever, que desempenhe a palavra, que dei a Maria, que não quebre os juramentos, que lhe fiz, embora tudo isso me custe alto sacrificio.

— Na verdade, respondeu Paulo, que estivera muito attento aos gestos e palavras de Luiz, cuidei por momentos que estava a ouvir um philosopho; mas concluo, que te queres esquecer da tua bella Maria, bella segundo me dizias nas tuas cartas, e da tua innocente filhinha. Julia Armandt fascinou-te hontem: ¡ateam-se os antigos amores!..

— Sabes que a amei outr'ora, e que ella me dedicava especial affeição. Quando volvi da guerra, de novo se accendeu o nosso amor. Pouco tempo me demorei em Lisboa; e antes de partir prometti-lhe, que um dia o altar nos havia de unir. Fui para a aldêa com as tenções, de que então te dei conta.

Tencionava estabelecer alli casa de negocio. Tal era o destino, que eu pretendia dar ao legado, que a caridade de teu pai me deixára.

Cuidava em fazer render este legado, e julguei que aquelle sitio era muito proprio para em pouco tempo eu obter uma certa fortuna e engrossar os meus capitaes. Tudo isto te não é estranho. Mas, apesar dos lucros que sonhei, vi logo no primeiro mez de negocio, que este não rendia e que a miseria seria, em pouco tempo, a minha sorte, se o não abandonasse. Deixei-o. Da aldêa escrevi duas cartas a Julia: na segunda mentia-lhe ja. Então andava louco por Maria, e ella amava-me tambem. Fui vivendo do meu peculio, até que resolvi vir implorar justiça, obter um emprego, para poder desposar aquella, que havia dado á luz uma filha minha. Mas hontem aquelle encontro com Julia, mulher que eu não queria ver; as suas queixas, mas queixas de quem ainda tem esperanza; o seu olhar, as suas palavras, de quem ainda me ama intensamente, não sei que me fizeram. Mudei repentina e completamente; ja não estimo Maria como a estimava... Não a quizera ver agora. ¡Oh! se não fosse aquelle anjinho, se não fosse Mathilde! ¡Estou doido!

— Es realmente muito singular, atalhou

Paulo. ¿ Não era melhor teres ficado em Lisboa, como tantas vezes te aconselhei? Estavas hoje casado com Julia, que é bella e, sobre tudo, mui rica.

— Justamente esta ultima rasão me levou ao contrario. Quando fui procurar fortuna, era para desposal-a; mas não queria ser marido d'uma mulher, que um dia me podesse dizer. «¡ Miseravel! fui eu quem á tua pequena fortuna accrescentou grosso cabedal, quem te arrancou quasi da miseria!..»

E ha momentos em que a mulher em taes circumstancias é capaz de dizel-o...

— Pois sim, meu Luiz: continúa com as tuas philosophias: viverás vida de miserias, morrerás miseravel. Não entendes o mundo, ahí tens o resultado. Foste para a aldêa, gastaste parte do que tinhas, comprometteste a tua palavra ja compromettida, fizeste-te pai de familias, e tudo por não tomar os meus conselhos.

— Pois bem; mas, apesar de tudo, ainda entendo, que o fim que me levou a sair de Lisboa era justo e bom.

— Isso é incontestavel, respondeu Paulo, ¡O tal fim produziu bellissimas consequencias!..

— Deixa-te de zombar: vejamos se é possivel remediar este mal com algum meio.

— Conheço apenas um, meu caro Luiz.

— ¿ Qual é?

— Escreve a Maria, dize-lhe que te é impossivel obter o que queres com a brevidade que julgavas; que por isso tens de demorar-te em Lisboa. Depois mandarás vir a tua filhinha sob pretexto de que tens aqui uma parenta muito rica, que quer tomar a seu cargo educal-a e fazel-a feliz. A pouco e pouco dissuadirás Maria, e não terás que receiar de ninguem.

— Acho apenas um inconveniente no teu conselho, Paulo: é traduzir-se 'num crime...

— ¡ Qual crime! Faze o que te digo; dar-tes-has bem. Ora suppõe que obtens o emprego, que vais para a aldêa e que casas.

¿ Que resultado tiras d'ahi?

Não farás a felicidade de Maria; a poesia do matrimonio acaba cedo. És pobre; os rendimentos do teu trabalho não darão

logar a economias; ganharás apenas para ir vivendo e mal.

Terás mil cuidados, mil desgostos, e morrerás deixando aos teus a *miseria*.

Seguindo o que te aconselho, não fazes a infelicidade de tua filha; concilias de certo modo os teus desejos com os teus deveres. E além d'isso a palavra, que primeiro deste, é a que deves cumprir.

Os serviços que fizeste na campanha elevam o teu nome. És nobre por elles e mais nobre do que se tivesses por titulo da tua nobresa carcomidos pergaminhos.

Casas com Julia. Se ella é rica, tu és um homem respeitavel; d'esta sorte não te lançará impunemente em rosto a sua riqueza.

Luiz, que estava recostado num sofá muito commodo, e que prestava toda a attenção ás sentenças de Paulo, levantou-se de repente.

— Não ouves, Paulo!..

— O que?

— Bateram!: duas pancadas... alguém nos procura!..

— Que tens homem?!

— Não sei o que se me affigura! não a quero ver; tenho medo! tenho medo de mim mesmo! temo atirar-me a seus pés!.. pedir-lhe perdão!.. sair d'aqui! de Lisboa!..

— Porque artes havia Maria de apparecer aqui, dize-me?

— Não sei... receio, receio: vou para o meu quarto... Não estou em casa para pessoa alguma... Sancto Deus! não sei o que sinto!

E Luiz saiu da sala para o seu quarto.

Á porta da sala appareceu o creado de Paulo.

— Aqui está uma carta: trouxe-a o creio: é para o sr. Luiz Carlos da Costa. E retirou-se.

Paulo dirigiu-se ao quarto de Luiz.

— Aqui tens esta carta.

— Para mim!..

— Para ti, sim.

Apenas a havia recebido, Luiz atirou-a para sobre a mesa.— É d'ella! Temo abril-a.

— Aposto, atalhou Paulo, receias que Maria ahí venha dentro, e que se te apresente em corpo e alma, logo que abrires o sobrescripto?

Luiz sorriu-se.— Não é por isso: tenho escrupulos, tenho uma consciencia...

— Era melhor que tivesses duas.

— Tenho uma consciencia, repito. Tenho remorsos, porque a enganei, porque lhe menti, porque a não quero ver mais, porque a não verei nunca!..

— Finalmente estás decidido a tomar o meu conselho... É o que deves fazer.

— Paulo, Paulo! se eu tivesse outra consciencia! Ha homens que fazem certas coisas e não se lhes doe a alma d'isso. O remorso não os atormenta!

— Isso explica-se. Deitaram fóra a consciencia, que tinham, e arranjarão outra. Toma os meus conselhos, e verás como obtens bom resultado. D'aqui a uns dias, o que te parece hoje um crime, será até coisa muito natural; mas le a carta. Deve estar muito bem escripta.

Luiz, um pouco tremulo, começou:

«Meu muito querido e estimado Luiz.

— Já me parece tollice.

«Depois que te foste, não tenho tido um so momento de alegria; cuido ver-te em tudo, mas a illusão é ingrata.

— Não percebes? *¡cuida ver-te em tudo!* passa-lhe uma alimaria pela porta, *¡cuida ver-te!*..

«É muito tola! Julia não era capaz de escrever semelhante semsaboria. E depois *¡diz que a illusão é ingrata!*

— Continúa, Luiz.

«Tu estás longe, bem longe de mim...

— Agradece-lhe a novidade.

... *¡e quem sabe se te tornarei a ver!*

— Aqui anda ella bem; conhece-se: ao menos tem essa qualidade— *¡ves!* É dizer que te não merece. . .

«Emfim, é mister que me resigne.

— Sim Senhora!.. ha de resignar-se, se quizer; se não quizer, que se não resigne. Tem pretensões a virtuosa... *¡É uma alma muito christã!*..

«A tua Mathildinha manda-te muitos beijinhos e abraços e.

— Basta! não leias mais... *¡Não está mal a pequena a mandar-te beijinhos e abraços!*..

— Tenho concluido, meu querido Luiz: achei o X.

— Que X?

— Ora, que X? Tola no começo da carta, tola no meio, e naturalmente tola em tudo o mais que escreveu, e que te debes poupar a ler; logo tola tres vezes. ¡Com quem tu havias de estar com contemplações!..

— Mas que resposta lhe hei de dar?

— Isso tem la resposta!

— Mas sempre lhe devo escrever alguma cousa...

— Pois escreve-lhe: que recebeste com inexplicavel prazer a sua preciosissima carta; que lhe agradeces muito ver-te ella em tudo; *que sentes muito, que a illusão seja ingrata.*

Faze-lhe alguma das promessas do costume, e por ora basta.

— ¡Está dito, caro Paulo! D'esta estou eu quasi livre. É preciso ter coragem para arrostar com todos os preconceitos. Pensas bem. Mudei de consciencia. ¡Ora adeus!.. ¡Historias da vida!..

— ¡Parabens!.. Começas a ser o que debes. Estas mudanças são rapidas. Entre despir um casaco e vestir uma casaca não medeia muito tempo. ¡Mãos á obra! Vai escrever-lhe, manda a carta para o correio, e depois dirige-te a casa de Julia, que, como sabes, deseja ardentemente ser tua. ¿Aposto que te espera hoje?

— É o que vou fazer. Até logo.

Paulo saiu depois para a sua repartição.

¿Que effeito produziriam todas estas medidas?

JAYME C. MONIZ

EPISTOLOGRAPHIA

Um conselho

'Stou livre de achar acaso
No anjo por quem me abraço
Em vez do anjo — a mulher?!.

A. B.

Meu amigo:— Estamos em plena primavera. É noite, mas noite placida e socegada. Ainda não nasceu a lua, mas o firmamento azul, cravejado de estrellas, despede para a terra golfadas de luz baça, e amortecida. As flores soltam seus perfumes, as mariposas repousam nos calices dos lyrios, e os zephiros brincões adejam pelos campos. A natureza desperdiça nos seus

adornos as mais donosas galas, sorri-se graciosa e a quantos desgraçados não amargurará porventura essa risonha poesia, que a noite exhala do seu seio?!

Vou dedicar-te estes doces instantes, escrevendo-te como amigo. Necessitas d'uma rude franquesa; não vacillarei em ser franco. Se a amisade tem deveres sagrados, o sacratissimo, entre elles, é de certo o conselho nas crises espinhosas da vida.

Entranhados muitas vezes no caminho das paixões erramos sempre. O espirito preoccupado affasta-se da reflexão, ve os objectos por um prisma de falsas côres, arasta-se pelas primeiras impressões, e cae muitas vezes, quando o remedio é ja tardio e inefficaz. Olha então para o passado com a anciedade do deseşpero; deseja rasgar uma pagina da vida onde soletra a desventura, mas ja debalde, que o calice de amarguras, que, elle mesmo enchera 'num instante de delirio, ha de esgotal-o. Apenas lhe resta o arrependimento e a expiação.

Ora, quando a alma oscilla indecisa, a amisade deve empunhar o facho da rasão e da verdade, esclarecel-a, e, com uma doce violencia, affastal-a do precipicio.

Encontraste na carreira da vida uma mulher, que te ama extremosamente, mas a quem não podes corresponder, porque concentraste 'noutra o teu affecto. Deixame dizer-te duas palavras ácerca d'aquella mulher.

A minha opinião a respeito do amor nas mulheres, bem sabes, que lhes não é muito favoravel. A mulher é a inconstancia personificada. Hoje liberalisa comosco sorrisos e carinhos, que hontem concedeu a outro, e que amanhã não duvidará despende com um terceiro. Sabem repartir muito bem o coração. Muitas até fazem do amor uma loteria, em que o primeiro premeado nem sempre é o mais feliz. Isto não é injuriar o bello sexo, é escrever em curtos traços a sua historia. Nem têm culpa ellas de que a natureza as formasse assim. Compete ao homem proceder com cautela no estreitar as suas relações. Em ligações amorosas a regra geral ácerca das mulheres deve ser:—desconfiar sempre do seu passado, aproveitar-lhes so o presente e nunca

contar com o futuro. — Esta regra é severa, mas infelizmente exacta.

A mulher é a flor das nossas esperanças, a virgem dos nossos sonhos, o mimo dos nossos cuidados. Deslisa-se a nossa vida 'num encanto suavissimo de ternuras, que nos ella tece. Ora mãi, ora irmã, esposa, filha, amante, esmaga com os carinhos do seu amor os espinhos, que nos ferem no redomoinho das paixões. Mas falta-lhe a firmeza. É este o *senão*, que desfeia o quadro.

Não por despeito, mas por homenagem á verdade é que falo. Se queres a experiencia, lembra-te do A. ¡ Bem cedo comeu a terra aquella juventude de vinte e tres annos! Nos nossos corações de amigos ainda existe gravada a imagem do pobre moço; mas a sua amante... ¿ não a viste quinta feira de Ascensão? Dos olhos formosos ¡lampejavam vistas amorosas para outro! ¡O primeiro amor morreu-lhe com o ultimo alento do desgraçado; a frialdade do sepulchro repassou-lhe o coração e apagou-lhe a antiga chamma! O finado ja nada tem que lhe dar, ¡e os poucos ossos, que lhe restam, descansam esquecidos em terra extranha por aquella, que devia ser a ultima em esquecer-o! Mas talvez tenha razão; linda e moça não devia agrilhoar a vida ao cadaver do passado, ¡e vai-se aproveitando do presente, olhando sempre com esperanza para o futuro!

Concerta o mais pelo exemplo d'esta.

No entanto não pretendo ser injusto. Admitto, que hajam excepções, e que uma d'ellas seja essa, que te pede o teu amor. Mas ¡ não te illudas!: ella ama-te, porque te achou ingrato. A contrariedade despertou-lhe a sensibilidade. Se te achasse facil, cego e firmemente constante, ja ha muito que esfriára; mas a conquista, uma vez entablada, achou difficil ultimal-a. Houve quem concorresse com ella e a supplantasse. Estimulou-se e porfiou, porque lhe feriram o amor proprio. Os fins, quanto mais difficeis de conseguir, maior gloria dão em alcançal-os. As peripecias, que offerece um amor contrariado, a diversidade dos ardis, que é mister empregar, entretêm a imaginação e alimentam a chamma dos desejos. É esta a verdadeira origem da constancia no amor.

Por isso debes acreditar na paixão d'essa mulher. Tem sido fiel, e, se lhe concederes o que pede, continuará a sel-o, porque ha de timbrar em manter a gloria de amansar desdens e superar difficuldades. Agora pede-te e contenta-se com a tua amisade, porque confia em a ir convertendo mansamente 'num amor intenso, com que ainda lhe pagues a dedicação dos seus extremos; tem fe na força dos seus carinhos, no prestigio dos seus sacrificios. Mas a um tal amor debes responder com franquesa, ainda que seja rude e desanimadora.

Aqui não ha nem deve haver meio termo. Ou podes e queres corresponder-lhe, ou não.

No primeiro caso condescende com os seus desejos, e terás uma doce recompensa. Se miras em percorrer a estrada da vida, partilhando-lhe as alegrias e dissabores com um ente, que te anime as primeiras e suavise os segundos, podes ter 'nessa mulher a companheira que desejas; o seu amor te afiança a sua ternura, a tua virtude te assegura a perpetuidade dos seus sentimentos.

No caso contrario é um crime entreter desejos, que se não querem realisar, alimentar fogos, que nem se deviam accender. É quasi um insulto á sinceridade da sua paixão, pagar-lh'a apenas com uma amisade compassiva. Nem ella te devêra aceitar o dó, porque o amor verdadeiro deve ser mais orgulhoso. Cada prova—pequenina que seja—de interesse, que lhe des, irá logo traduzil-a em inclinação e sympathia; é mais um incentivo á sua esperanza, que terá de ver depois desvanecida em triste desillusão.

Mas ainda mais: d'esse modo quasi que lhe anniquilas o futuro. Desenganada, póde ainda esquecer-te e encontrar 'noutro homem mais docil a ventura, que sonha contigo; mas illudida constantemente por uma miragem enganadora, vai-se-lhe murchando a mocidade na solidão e desconforto, e preparas a essa mulher uma viuvez precoce e inconsolavel do coração. Entendo, que não debes brincar com isto.

Desengana-a, pois, embora arrostes com o seu odio; vale mais soffrer-lhe agora o

despeito e vel-a depois feliz, do que fazer
corrêr-lhe as lagrimas sem lh'as enxugar,
e coar-lhe no fundo d'alma a desesperação.

Embora ella proteste a eternidade do seu
affecto e a necessidade do teu amor para
ser feliz,— não a creias, porque a si mesma
se illude. Desanimada, ella se consolará:
ainda que lhe custe, ha de o tempo cural-a,
porque nada ha 'nesta vida de alegrias ou
tristesas, que elle não dissipe: os mais do-
ces sentimentos, as paixões mais profundas
esmigalha-as triumphante nas rodas do seu
carro.

1856

A. A.

O EXPATRIADO

Sobre um monte sentado um mancebo,
A quem mágoas fizeram cantor,
Solitario cantava; e seus hymnos
Eram tristes, ¡bem tristes de amor!

Era joven ¡mas velho par'cia!
Que a existencia elle ja odiava—
O dizia um amargo sorriso,
Que expressivo nos labios pairava...

Ao clarão do sol ja no occidente,
Pelas faces se via correr
Quente pranto, que mudo dizia
Quantas penas lhe dava o viver;

E de tempos a tempos nos labios
Doces nomes se ouviam soar...
— ¡Minha esposa!.. ¡meus filhos!..; mas logo
Se tornavam de novo a calar.

Lacrimosos seus olhos fitando
Pela infinda asulada amplidão,
Parecia que estava embebido
Em ardente e profunda oração.

E não via que a lua ja tinha
Nos espaços dos ceus apar'cido,
¡Tam ardente e profunda era aquella
Oração, em que estava embebido!..

As saudades da esposa e dos filhos,
As saudades da patria distante,
—Lhe cortavam la dentro as entranhas,
¡Qual agudo punhal penetrante!

E ¡não via que o tempo passava!
E que a lua ja tinha fugido!..
Não cessava de ouvir-se seu canto
Cada vez, cada vez mais sentido...

As saudades, etc.

Ja o sol rutilava, ¡inda o pranto
Pelas faces se via correr!
Quente pranto, que mudo dizia
Quantas penas lhe dava o viver!..

As saudades, etc.

Rio de Janeiro, Junho de 1855.

J. I. X.

¿LEMBRAS-TE?

¡Ai! ¿lembra-te, anjo, do formoso dia,
Que viu nascer o nosso ardente amor?
¿Inda te lembras de sentir, ao ver-me,
Subir-te ás faces repentino ardor?

¿Recordas como baluciaste, quando
Contigo a sos de meu amor falei?
¿Como sorrindo me acceitaste a medo
O coração, que para sempre dei?

¿Como embalados pelo mar sereno,
Entregue a mente a seductor scismar,
Nos roseos labios me deixavas, anjo,
A longos tragos o prazer libar?

Maria, ¿lembra-te?—¡A ventura apenas
Co'a ponta da asa nos roçou, veloz!
Fugi... mas nunca riscarei do seio
O amor tam puro, que brotou em nós.

Não temas, anjo, que olvidar-te eu possa,
Que esfrie nunca esta paixão vivaz;
Que eu roube ao peito tua doce imagem,
Que em bellos sonhos delirar me faz.

¡Oh! não... não temas! Esquecer-te, virgem,
Não ter p'ra ti um pensamento so,
—Fôra arrancar o coração do peito,
¡Da vida as flores desfolhar no po!

Coimbra, Março de 1857

A ORPHÃSINHA MORIBUNDA

Anginho, ¿que mais aguardas
'Neste mundo insano e duro?
¿Que bens te restam na terra,
Que esp'ranças para o futuro?!

¡Orphãsinha!.. ¡abandonada!..
¡Sem os maternos carinhos!..
¿Que esperas, linda innocente,
Senão a c'roa de espinhos?!

¿Que esperas d'homens ingratos,
Que mofam do teu penar?
¿Que esperas da patria avara,
Que o pão te chega a negar?!

¿Que esperas, dize, que esperas
De tam dura sociedade?!
¿Que te denega um asylo,
Um leito por caridade?!..

¿São poucos os desenganos
Acerbos que tens colhido?
¿São poucas, inda são poucas
As penas, que tens soffrido?!..

¿Não sentes o frio!.. a fome!..
Que firmes em ti se escoram?!
¿Não sentes a sede!.. a febre!..
Que as entranhas te devoram?!..

Sentes, sentes..., bem m'ó dizem
Teus olhos amortecidos,
O roxo d'esses teus labios,
Teus membros quasi transidos.

Tua prece muda e triste,
Revela os teus soffrimentos;
No deslizar d'um sorriso
Traduzo os teus pensamentos...

¡Coitada!.. ja nada almejas
'Nesta mansão desditosa,
Senão a paz d'um cadaver
'Numa campa luctuosa!..

¡Socega!.. não longe adeja
Linda etherea creatura:
Ja perto destende as asas
Mais alvas, que a neve pura.

¡É elle! ¡da paz o anjo!
¡É elle! — ¡O teu protector! —
— Que desce dos ceus á terra
P'ra aliviar tua dor!

Abre-lhe o seio mimoso,
Recebe-o no coração;
'Num suspiro dá-lhe a vida,
Tua alma 'numa oração.

¡Com elle transcende os astros!
¡Deixa este mundo de horror!..
¡Com elle voa, innocente,
Aos pes do teu Creador!..

Janeiro de 1859

SEVERINO D'AZEVEDO

LOGOGRIPHO

Preparem-se, meus Senhores;
Vou-lhes dar em que pensar:
Um pequeno logogrifho
E facil de decifrar.

A primeira co'a segunda
Não passou jamais de meio;
A segunda co'a terceira
Está da terra no seio.

A primeira co'a terceira
'Num baralho quatro ha;
A primeira, quarta, e quinta
Juizo denotará.

'Neste todo so se encontra
Muita gente reunida,
A qual entrando ignorante
Sairá mais instruida

Ora ahi têm, meus Senhores:
Façam pelo decifrar;
E se não gostarem d'elle, —
Não têm mais que perdoar.

J. F. DA FONSECA

N.º 10.º — Seminario.

EXPEDIENTE

Sabemos que tem sido interpretado desfavoravel e injustamente para nós o artigo, que escrevemos no ultimo numero do nosso jornal. Pedimos por tanto aos nossos collegas, que suspendam a sua boa critica sobre este assumpto até á leitura do artigo, que precedeu aquelle, e que se acha transcripto a paginas 25, 26 e 27 do n.º 3.º, recommendando-lhes *principalmente* o periodo, que começa: «Doe-nos o coração, etc.,» e seguintes.

Por esta occasião observaremos tambem, que os nossos ataques *às velhas coisas* — não abrangem *tanto*, como se tem pretendido ver por ahi. O talento e o genio, o saber e a virtude têm sempre sido, e continuarão a ser os objectos da nossa maior veneração e respeito, em qualquer parte, onde possamos encontrar tam preciosos e tam raros dotes do espirito.

Com os n.ºs 13 e 14 faremos sair, se se nos conservar o mesmo numero de assignantes, que ja tinhamos, a *Saudade*, valsa, composição do Ex.º Sr. Brandão, e um *grupo de doctores* da universidade de Coimbra, desenho do Ex.º Sr. Bastos.

Novamente pedimos aos Srs. assignantes dos PRELUDIOS, residentes em Coimbra, que não paguem o preço das suas assignaturas senão á vista de recibo nosso. Escusado é mostrar-lhes o perigo d'um tal pagamento.

D'hoje em diante qualquer reclamação de numeros do nosso jornal, que, por descuido dos distribuidores ou dos empregados do correio, deixarem de ser entregues aos Srs. assignantes, serão dirigidas á loja de livros da Imprensa da Universidade, em

Coimbra—dentro dos cinco dias depois da sua respectiva distribuição; nas provincias — dentro de 15 dias a contar da partida do correio. D'outra sorte não serão attendidas.

«Custa a crer (diz-se por ahi) que entre os assignantes d'um jornal, com quem se não *luctou* para alcançar a sua assignatura, a quem se tem proporcionado todos os meios de satisfazer a sua importancia, sem o menor sacrificio, e que, finalmente, se presumem pertencer a uma classe, onde deve predominar a intelligencia e os bons sentimentos—hajam alguns, que não so se recusem a este pagamento, mas á entrega dos numeros, que indevidamente têm recebido!

«Todavia é este um facto de que todas ou quasi todas as redacções se lamentam, vindo a ser sempre, mais tarde ou mais cedo, o grande escolho, em que estas publicações vão naufragar.»

—Não podemos ainda, felizmente, dizer o mesmo a respeito do nosso jornal, que apenas acaba de largar do porto...; mas nem por isso confiaremos tanto na nossa boa estrella, que, avisados do perigo, o não prevenimos a tempo.

O que se segue não é portanto mais do que *uma medida preventiva*.

V. DA SILVEIRA

<p> Suspendemos a remessa do nosso jornal, se, 20 dias depois d'esta data, se não achar ainda em nosso poder a importancia d'esta conta, quer em estampilhas de 25 reis, quer por via de valores do correio, quer ainda por intervenção dos nossos Commissarios estabelecidos nos diferentes pontos ja indicados.</p> <p>O recibo d'esta quantia será passado em seguida á sua entrega, ou pela redacção ou pelos Srs. Commissarios.</p>	<p>1.º ANNO Dezembro de 1858 a Novembro de 1859 24 NUMEROS</p>									
	<p>Deve o Ex.º Sr. _____</p>									
	<p>_____ a quantia de _____</p>									
	<p>importancia da sua assignatura nos seguintes trimestres d'esta publicação:</p>									
	<table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 60%;">1.º.....</td> <td style="width: 10%;">\$ _____</td> <td rowspan="4" style="width: 10%; font-size: 3em; vertical-align: middle;">}</td> <td rowspan="4" style="width: 20%; vertical-align: middle;">\$ _____</td> </tr> <tr> <td>2.º.....</td> <td>\$ _____</td> </tr> <tr> <td>3.º.....</td> <td>\$ _____</td> </tr> <tr> <td>4.º.....</td> <td>\$ _____</td> </tr> </table>	1.º.....	\$ _____	}	\$ _____	2.º.....	\$ _____	3.º.....	\$ _____	4.º.....
1.º.....	\$ _____	}	\$ _____							
2.º.....	\$ _____									
3.º.....	\$ _____									
4.º.....	\$ _____									
<p>Coimbra, 24 d'Abril de 1859.</p>	<p>V. da Silveira.</p>									

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

Aos nossos Collegas, da Universidade de Coimbra

¡Senhores!

O mais bello, o mais grandioso pensamento, que nos occupára a mente e nos engrandecera o coração ao instituirmos o nosso jornal em Coimbra—fôra, por certo, o demonstrar pela analyse, a que 'nelle vamos procedendo, que em todas as sociedades, onde a luz do progresso havia ja projectado seus raios eloquentes, existe um *elemento civilizador*, que importa exaltar; pois que, não obstante o ter sido sempre pouco ou mal apreciado, talvez mesmo esquecido, pela sua natural modestia e franca abnegação, na partilha das grandes glorias adquiridas successivamente pelos povos, na sua constante lucha contra os velhos principios e costumes viciosos,—é todavia importantissimo, preponderante, — *decisivo*, quando circumstancias favoraveis, quando um sabio e reflectido conselho o tenha collocado á frente do grande movimento das nações, nos seus impulsos regeneradores, na sua marcha, atrevida e ousada, atravez das ruinas da ignorancia e immoralidade, para o Eden da perfeição, que uma crença viva nos vem apontando no futuro!

Esse elemento, Senhores, é, e não podia ser outro — a mocidade escolhida, cheia de vigor e energia, animada pela fé, inspirada pelas grandes ideas, movida pelos impulsos d'um coração nobre e apaixonado — *a mocidade academica!*

Pouco haviamos ainda conseguido 'neste proposito, tendo apenas alguns escriptos nossos, em que apoiar-nos, escriptos pela maior parte defeituosos, privados mesmo

d'aquella força de convicção, que lhes podéra dar a unidade e a harmonia do pensamento, se as contínuas interrupções, a que somos forçados, se a multiplicidade dos negocios, que nos occupam, se lhes não oppozesse.

E talvez, por ultimo, ainda não conseguissemos tudo em favor da nossa *emancipação* (¡taes são os preconceitos, com que temos de lutar!..), se essas circumstancias favoraveis, de que acabamos de falar, não viessem hoje em nosso auxilio, pondo em nossas mãos uma victoria decisiva, ou uma derrota, que bem longe de nos humilhar, como um desmentido formal,—¡ficará eternamente apontando ás gerações futuras mais uma injustiça a reparar, mais uma calumnia a destruir!: um novo combate se empenhará então; e a gloria, que se nos não podéra attribuir 'nessa derrota mesma,—¡fulgirá com todo o esplendor da luz, que nos illumina hoje, na defesa da nossa dignidade ultrajada, da nossa importancia nos feitos das grandes cruzadas civilisadoras, cuja vanguarda nos pertence por todos os titulos!

¡Senhores! Na questão da transferencia do Conselho Superior d'Instrucção Publica não está so compromettido o interesse dos habitantes de Coimbra, que as leis economicas, mais tarde ou mais cedo, compensariam, talvez com generosa affeição, em todo o seu prejuizo; ou o da Universidade, na sua preponderancia na decisão dos graves negocios da instrucção publica, que a sua maior esphera de conhecimentos, que os seus titulos de dignidade, que as suas nobres tradicções collocariam entre suas mãos robustas e experimentadas: está tambem, e mais que tudo, o principio de

liberdade e independencia, que deve presidir ao movimento geral e uniforme do mecanismo das sociedades, na sua marcha para o estado de perfeição, a que todas aspiram,—| principio que a nós mais principalmente nos cumpre defender contra as exageradas pretensões do poder, em quaesquer mãos, em que elle se encontrar, no seu plano de *centralisação excessiva*, que ameaça absorver todas as garantias, e até a propria vontade dos povos, cujas desgraças nós lamentamos, e nos temos sempre esforçado por aliviar em quanto o coração se nos não endurece, em quanto os nossos costumes se não corrompem 'nessa atmospheria de ambições e de vis intrigas, que infelizmente muito em breve teremos de atravessar!..

Não ha ninguem, Senhores, que reflectindo sobre as varias attribuições, conferidas pelas leis ao Conselho Superior d'Instrucção Publica, não ressonhe desde logo as immensas vantagens da sua actual collocação: longe do tumulto da cõrte, de nenhuma sorte influenciado pelas aspirações d'uma politica varia, protectora, ambiciosa por extremo, juncto do principal centro scientifico do nosso paiz — as suas decisões não podem ser senão muito reflectidas e sobre maneira favoraveis ás necessidades geraes da nossa instrucção; em quanto que completamente contrarias ás exigencias d'uma ou outra parcialidade, a que as intrigas governamentaes, ou sobrado egoismo podessem dar algum *direito* ou bem fundadas esperanças.

¿ Para que arrancar pois este respeitavel tribunal da sua esphera de independencia, do centro das luzes, que o esclarecem, — para o ir collocar alli, onde tudo se acha subordinado ás mesquinhas vistas d'uma politica militante, e obscurecido pelo nevoeiro das paixões? ¿ Para que, *quando se tracta de melhorar* a nossa instrucção, se procura confiar das mãos d'um ministro as melindrosas attribuições, que, exclusivamente e a bem da nação, deveram pertencer a esse mesmo tribunal, quando ja as d'esse ministro são tam complicadas, que mal lhes restará alguns segundos para pensar 'naquellas?..

¿ Quem não percebe em tudo isto esse pensamento escravizador e tyranico da centralisação, na sua permanente lucta contra os sãos principios d'uma politica elevada?

¿ Quem não ve ahí mais uma triste quebra das nossas garantias, mais um ataque á nossa liberdade, mais um abuso introduzido 'nesse importantissimo ramo de administração publica, de cujo aperfeiçoamento depende immediatamente a sorte, a felicidade d'um povo inteiro?

Estas reflexões, Senhores, que nos acaba de sugerir a proposta apresentada no Parlamento pelo actual ministro do Reino, devem igualmente ter-vos feito pensar, no meio da anciedade publica, nos modos de a combater e aniquillar.

Na representação do voto nacional — o nosso parecer não póde deixar de sobressair sobre o parecer de todos os outros; — | porque ninguem ousará alcunhar-nos de *retrogradados*, ninguem, com vantagens, se lembrará attribuir sentimentos menos dignos áquelles, sobre que so imperam as leis de civilisação e progresso, de fraternidade e amor!

Unamo-nos, pois, e vamos levar ao Parlamento, com todo o respeito das leis, e sem os menores visos de ataque ao governo, ou á politica, que o dirige, uma prova bem frisante, de que os votos dos estudantes da Universidade de Coimbra, exprimindo o desejo do povo, na defesa dos seus direitos mais sagrados, será sempre, como dissemos, da maior importancia na balança dos seus destinos, embora ainda o esquecimento e a ingratição d'uns, ou a abnegação e a generosidade dos outros não deixem, que se nos conserve, na historia dos seus grandes feitos, uma pagina distincta.

O seguinte *projecto de representação*, que me honro de submeter ao vosso elevado criterio — exprimirá aos illustres membros das duas Camaras o nosso pesar e os nossos desejos 'numa questão, em que se acham offendidos tantos interesses, e a nossa liberdade principalmente.

Senhores Deputados da Nação Portugueza!

Os estudantes da Universidade de Coimbra, não podendo ser indifferentes ás desgraças ou venturas, que devam tornar os dias do povo amargos ou felizes, porque aquelles exprimem o luto, estes o jubilo d'uma nação, a cuja prosperidade têm ja sacrificado, e continuarão a sacrificar ainda, pelo estudo, os mais viçosos annos da sua existencia,— leram com desgosto a proposta de lei, que vos foi appresentada pelo sr. Ministro do Reino, para que seja supprimido em Coimbra o Conselho Superior d'Instrucção Publica; na qual, em vez dos melhoramentos, que as circumstancias reclamam, lhes parece ver não só os embaraços, que geralmente esterilizam a acção dos governos alli, aonde os negocios de toda natureza affluem em massa; mas ainda um pensamento reservado de *excessiva centralisação*, attentando contra a liberdade e independencia, a que tem incontestaveis direitos não esta ou aquella localidade, mas o paiz inteiro, que tanto se esforçara por conquistal-as, sellando-as mesmo com o seu proprio sangue!

Os estudantes da Universidade de Coimbra, expressando assim francamente os seus receios, e convencidos de que todas as reformas aconselhadas pelas necessidades da nossa instrucção *podem* effectuar-se com a actividade e a prudencia, que ellas exigem, sem supprimir, nem alterar consideravelmente a organização do actual Conselho d'Instrucção Publica,— têm grande fundamento para esperar das muitas luzes e decidido patriotismo dos membros d'essa illustre Assemblea, que tam infeliz proposta, como a que acaba de vos ser apresentada pelo sr. ministro do Reino, não conseguirá nunca o vosso apoio; e que esta respeitosa exposição seja acolhida entre vós com as sympathias, que merecem todos os actos elevados e generosos d'uma corporação, em que não impera ainda nenhum sentimento de odio ou de inveja, mas sim o decidido amor pelo paiz, que da sua moralidade, energia e variados conhecimentos tem de confiar os melhores dias da sua prosperidade.

Coimbra, 26 d'Abril de 1859.

ESTUDO SOBRE AS POESIAS DE SCHILLER

(Continuado do numero 4, 6 e 9)

IV

Quem lê as poesias de Schiller não póde deixar de sentir uma profunda admiração, ao contemplar os thesouros, que nos legou uma elevada intelligencia e uma secundissima imaginação: grande e sublime na satyra; ardente e apaixonado nos seus cantos d'amor; veraz e colorido nas balladas, o seu espirito adaptava-se a todos os generos de poesia, e não perdia nunca a inspiração, a originalidade e o vigor. Entre as poesias de Schiller merecem não ser esquecidos os hymnos, que elle dedicou a Laura. A pureza do sentimento, a altura das ideas rivalisam alli com a nobresa das imagens e a magestade d'expressão: extaticos e phantasticos apenas n'elles se divisa um ligeiro assomo de sensualidade. Ha um singular e inexplicavel contraste entre a ardencia e o entusiasmo d'esses versos, e o objecto, que, tocando o coração de Schiller, exerceu uma tam poderosa influencia sobre a sua imaginação. Laura era uma vulgaridade em toda a força da expressão: não possuia nem a belleza, que fascina, nem a illustração, que cria os respeitos, nem talvez as virtudes austeras e illibadas, que produzem a admiração. Estava longe de ser sequer a sombra de Stuart, de Savigné ou de Stael: Laura era até viuva. Parece incrivel, que uma mulher tam pouco favorecida pela natureza e pelas circumstancias, inspirasse a um poeta como Schiller um amor tam intimo, tam sentido e tam exaltado, como comprovam os versos, que em sua honra o poeta compoz.

Damos a traducção d'um d'elles: 'Tua alma pura e bella como a agua crystallina, troca por um dia de primavera meu pallido outomno. O deserto silencioso e triste anima-se vendo-te; tens tanto poder, que douras as sombrias nuvens do futuro; tu sorrís ás harmonias d'este mundo, e eu choro. O imperio da noite não sepultou ja os monumentos da terra? Os nossos soberbos palacios, as nossas cidades famosas elevam-se sobre ossadas modernas; os cravos tiram

da corrupção o seu doce perfume, e a fonte d'agua limpida nasce 'numa sepultura humana.' — Engrandecer o que é pequeno, embellesar o que é vulgar, fal-o so o homem, que Deus faz poeta. Schiller parece que teve comprazimento em divinisar a mulher, que teve a felicidade de conquistar o seu coração.

Schiller levantou um padrão immorre-douro á mulher, que nunca se lembrou, de que o seu nome tivesse o brilhante e inve-javel destino de passar á posteridade.

Os reis tiram da obscuridade, erguem ás vezes da lama as mulheres, que elles julgam mais aptas para excitarem e estimularem uma sensualidade ja gasta e cançada.

Compram á custa d'ouro a honra de mulheres, que deixam morrer a virtude á vista do brilho d'uma corôa.

O luxo faustoso, o esplendor das festas, o prestigio do nome de rei, tornará talvez o vicio menos asqueroso e feio; mas não o encobre, nem o justifica.

A La Vallière, apesar das virtudes, que a ennobreciam, apesar do arrependimento, que a regenerou, apesar de ser honrada com a grande voz de Bossuet no acto de sua profissão, apesar de tudo, a historia, que so respeita a verdade, ha de gravar-lhe nas suas paginas imparciaes o epitheto de prostituta de Luiz 14. Os reis podem tornar o vicio brilhante; mas so darão ás suas amantes uma celebridade ephemera e vã, que para ellas é um perpetuo poste de ignominia, a que as amarra a historia.

O poeta não póde muitas vezes dar se-não a sua lyra ás mulheres, que ama; mas essa lyra tem sons tam puros, elles tiram das mesmas notas tam harmoniosas, tam sentidas e bellas, que, atravessando os se-culos, levam ás gerações por vir os nomes d'aquellas, por quem o seu coração batêra. O sceptro do poeta não é enriquecido pelo ouro, nem aformoseado pelos brilhantes; mas tem mais valia, que isso; se não dá a riqueza, dá a immortalidade e a gloria áquillo que toca. Laura, Beatriz e Leonor viverão florescentes no espirito da huma-nidade, em quanto esta guardar os monu-mentos em que Petrarcha, Dante e o Tasso

escreveram os seus nomes. Schiller tinha uma grande predilecção pelas balladas: era um dos generos, que elle cultivava com mais amor e prazer: o seu espirito incarnava-se com a maior facilidade nos costumes, nas ideas, e nas instituições d'outras eras. Quan-do elle desenha uma scena, descreve um caracter, ou narra um acontecimento, não lhe escapa uma circumstancia, não lhe esquece um incidente, não deixa de reprodu-zir uma côr, uma imagem. Schiller pinta as personagens taes como ellas foram; apresenta-as, dizendo o que elles sentiam e pensa-vam; conta os factos como elles se passaram; embellesa a verdade severa da historia com as galas da poesia; aponta tambem taes como ellas são as lendas tradicionaes, não lhe tirando nada do que ellas encerram de simples, e por vezes de sublime e tocante.

Os allemães possuem em subido grão essa rica e maravilhosa faculdade, em vir-tude da qual se transportam com o pensa-mento a seculos afastados, a paizes dis-tantes, a costumes e characteres differentes. Schiller comprehendia bem, que a poesia fiel deve fazer sobresaír a verdade como um raio de sol faz ver as cores, e dar aos factos, como diz M.^{me} de Stael, o brilho, que lhes roubaram as trevas do tempo.

(Continúa)

J. ALVES MATHEUS

SATISFAÇÃO DEVIDA

Dinheiro e mulheres são os dois polos, sobre que actualmente gira toda a machina social,—a força galvanica que ainda sustem ao lume da vida um resto de energia, que a indiferença de todos e por tudo não tem podido aniquillar. Alternadamente fim ou meios, em ambas as coisas se concentra a hodierna actividade.

Buscam-se mulheres para haver dinhei-ro: busca-se dinheiro para ter mulheres: busca-se dinheiro e mulheres para conse-guir tudo.

E o mais notavel ainda é, que elementos tam heterogeneos dêem em resultado o mes-mo fim. *Dinheiro* quer dizer — ambição, avaresa, materialismo: *mulheres* é synonymo de desinteresse, abnegação, idealidade...

Pois não é de dizer, qual dos dois é mais melhorado para desviar estorvos, cortar dificuldades, realizar impossíveis.

Por isso são para ti os respeitos do mundo, jó dualidade famosa! Desde os altos dignatarios da alta politica até o humilissimo distribuidor dos *Preludios*; desde o enfatuado palerma, que aspira a deputado até o barbeiro d'aldêa, que aspira a mestre-escola, todos e cada um a ti recorre como a Deus tutelar!

Eu não sou excepção. Sempre fiz ao dinheiro boa arrecadação, ás mulheres mil cumprimentos. Mais de uma me tem visto de rôjo regar com lagrimas o po que ella pisa, embora a paga seja um sorrir de desdem...

Se, em hora de enfadamento da penna, escapa algum epigramma indiscreto, são isso leviandades de cabeça, que o coração não partilha, antes reprehende. É a minha justificação: que, para mulheres de nada vale o que o coração não dita. Cumpre-me porém fazer mais, que não so justificar-me: vou dar solemne satisfação á — *Creação da mulher*.

Poucos hão sido os grandes acontecimentos do universo, que por mulheres não tenham sido promovidos.

Creára Deus o homem em graça e sanctidade; dera-lhe em dote a innocencia, em promessa a felicidade para si e para seus filhos. Ser-lhes-hia a vida semeada de rosas, de que o mesmo Deus cortára os espinhos.

Era obra de Deus, parecia eterna.

Uma mulher destruiu tudo, e uma raça inteira foi votada á perdição.

Foi a primeira e a mais celebre de todas. Depois d'ella pouco fez *Rebecca*, invertendo, por uma fraude, uma linha de geração; a mulher de *Putiphar*, preparando a servidão aos Israelitas; a *Lucrecia*, derribando um throno de quasi tres seculos; *Cleopatra*, desembargando o caminho da tyrannia aos Tiberios, Caligulas e Neros; *Florinda*, trazendo morte á patria debaixo do alfange musulmano; Anna Bolena accendendo a discordia religiosa, que afogou em sangue a crença catholica; Catharina de Médicis, urdindo o trama, que rebentou sangrento em dia de S. Bartholomeu; Maria Antoi-

nette, finalmente, minando uma monarchia de quatorze seculos, que viu desabar diante do seu capricho inflexivel, deixando sobre o seu tumulto um algarismo de horror — ¡ 93!

Ahi têm os titulos de veneração, que a historia dá ao sexo amavel. São valiosos, e apraz-me registral-os em ligeiro quadro, para eterno desaggravo do ridiculo, que lhe procurei. São elles que me desmentem, porque acções famosas desmentem origens vis.

J. SIMÕES FERREIRA

EDUCAÇÃO DAS MULHERES

É mistér que os povos se embruteçam em seus braços, ou se civilisem a seus pés.

É em vossa alma, jovens esposas, que repousam os destinos do genero humano. AIMÉ MARTIN

Sem a mulher, a aurora e o occaso da vida seriam sem soccorro, e o meio-dia sem prazer.

S. BARRETO

Em tempo em que a força imperava, arbitro irrecusavel em todas as contendias, defendiam nobres paladinos e intrepidos cavalleiros, de viseira calada e lança em riste, a honra da dama de seus pensares; e o vencedor ufano ia receber modestamente a coroa e o beijo pudico, paga de seu brio e galhardia.

Era o tempo em que a voz lacrimosa d'uma dona offendida em sua honra, ou de donzella acabrunhada por desleal tyranno, topava echo certo em todo o coração nobre e generoso, que batia sob um arnez de cavalleiro, e, em seu desaggravo, reunia em volta a si todos quantos braços valentes empunhavam lança ou espada.

Era o tempo em que o insulto feito ás damas por orgulhosos Bretões custava caro, custava a vida áquelles que, de imprudentes, ousavam proferil-o; porque sempre á testa d'uns — *doze d'Inglaterra* se encontrava um — *Magriço-aventureiro* a desaggraval-as. Tempos foram, que jamais voltarão.

Nem curemos de os chorar, que não morreram ainda os crentes da virtude

feminil, que á face do seculo ousem defendel-a. Se ja se não defende a virtude ou formosura de tal dona ou donzella, quebrando lanças na estacada, ha ainda corações crentes, pennas eloquentes a pugnar, não exclusivos por esta ou est'outra virtude, mas pela elevação e supremacia de todo sexo e de toda classe.

Ja se não peleja pela formosura da mulher, mas sim pela innocencia da sua natureza pura e sem macula; mas sim por seus direitos; mas sim pelo logar d'honra, que de jus lhe compete no banquete social.

Aos atrevimentos scepticos de Byron, ás impuresas insultantes de Voltaire, ao cynismo nauseabundo do seculo de Luiz xv, responde a nossa era com a philosophia reverente d'Aimé Martin, com a poesia consoladora de Lamartine, com todas as almas elevadas, que sabem sentir e crer virtude, dedicação e amor.

A era é melhor: o meio de discutir e vencer — mais racional e proprio de homens.

A victoria d'outr'ora estribava-se no terror ou na admiração; a de hoje cala no coração e na intelligencia, estribada na rasão e na verdade.

Assim tambem a mulher é hoje mais reverenciada, mais comprehendida e mais amada; hoje a mulher, por assim dizer, fala todas as lingoas, cala em todos os corações, affecta todas as formas da litteratura e da sciencia: a philosophia, a medicina, a poesia, o romance, tudo hoje trabalha com affan em remir a mulher da escravidão da meia-edade, da prostituição e embrutecimento do Oriente; e em eleva-la ao thalamo conjugal, a todos os direitos e prerogativas, que o seu triplice character de amante, esposa e mãe lhe dá jus a reclamar.

A mulher é um ente fraco, desvalido, apaixonado e nobre, mais que tudo: todavia sem ella, como disse um poeta, o mundo seria um ermo melancholico, os deleites apenas o preludio do tedio.

Por este character merece de todos differença e gasalhado.

A sua fraquesa e desvalimento a recom-

mendam ao arrimo e protecção das almas fortes e generosas; ao amor das almas nobres e apaixonadas — a nobreza de seus sentimentos: a todos — a consciencia da sua superioridade e da nossa dependencia; dependencia suave e imperceptivel, mas real e poderosa, dependencia de filhos, d'amantes, d'irmãos, d'esposos; dependencia moral apenas, mas por isso mesmo mais forte, porque convençamo-nos uma vez, taes quaes somos, é a mulher que assim nos faz; e o seu imperio é tanto mais poderoso, quanto é mais sobre o coração, isto é, sobre o sentimento, que elle se estende, e, muito principalmente, no dizer d'Aimé Martin, sobre as nossas mais ardentes paixões.

Por qualquer face, que encareis a mulher, no estado relativo do homem em frente d'ella, sempre encontrareis uma paixão, de que, mesmo insensivel e voluntariamente, lança mão para nos dominar, guiar ja no bem ja no mal, para nos enobrecer ou para nos aviltar. É por essa paixão, que nos insufla n'alma os principios, em que a sua está imbuida, consubstanciando-as assim, ou, dizendo melhor, consubstanciando a nossa com a sua, porque, 'nesta assimilação moral, a alma da mulher nunca perde nada da sua individualidade, sendo que é so a do homem, que se homogenêa com a d'ella.

A paixão da amante, a amizade da irmã, a solidariedade da esposa, o amor da mãe são outras tantas cadeias invisiveis, com que a providencia se aprouve ligar estreitamente a vida da mulher á do homem, e tornar assim a sua dependencia moral penhor de protecção para a fraquesa d'ella.

Disse, não sei qual philosopho, que quem faz os homens são as mulheres.

Bebemos, com effeito, nos seios da mãe, nos olhos da amante, nos braços da esposa todas as virtudes ou todos os vicios, com que depois surgimos no mundo: sendo a mulher o misterioso guia, e mestra da nossa educação moral, em todas as phases da nossa vida, claro é que, o que formos no bem ou no mal, a ella o devemos.

Esta é a verdade, bem que nos pese: mas não nos deve pesar, pois que em nossa mão está o transformar esta dependencia em doce reconhecimento e fazermo-nos bons,

fazendo boas nossas mãis, nossas amantes e nossas esposas.

A educação, no sentir d'um grande homem (a), não deve começar nem pelo clero, nem pelo povo, nem pelas escolas, nem pelos mestres, mas pelos mestres e educadores naturaes,— pelas mulheres, com as mulheres, e so pelas mulheres; pelas mãis, pelas filhas, pelas amantes, pelas esposas: e esse bẽm que lhes fizemos— ficai certos— que todo sobre nós, e com usura, reverterá.

A Philosophia, depois de correr largo tempo desvairada pelos campos da abstracção e do frio raciocinio, parou, de cançada por tantos erros; e olhando para o coração da mulher pasmou de não ter dado mais cedo com a solução do problema; pasmou de ver como um pouco de sentimento dava melhores fructos, do que todos os seus raciocinios frios e calculados.

É que a philosophia até ahi não era christã; é que a philosophia até ahi não tinha ainda olhado para um coração de mulher; não tinha ainda medido a vehemencia de suas dores, a expansão de suas alegrias, o fundo de suas affeições; não tinha ainda considerado a influencia d'este magnetismo sobre a alma do homem.

Quando a philosophia deu solução ao problema do aperfeiçoamento moral do homem todos pasmaram de como a ninguem lembrara ainda coisa tam clara: ja Colombo o dizia: é que as coisas mais claras são as que mais escapam; e o olhar que vaga perdido no espaço sem limites, raro attende ao que a seu lado se passa sobre a terra, grão de areia perdido na immensidade.

Eis porque hoje vemos o phenomeno da concordancia entre todas as sciencias e todas as litteraturas sobre a necessidade da educação intellectual e, maximamente, moral da mulher. É que todos viram, reconheceram e reconhecerão, que é so por meio d'ellas, que poderemos attingir o verdadeiro bem, porque so ellas nos podem pôr na verdadeira estrada, que conduz a elle.

ANTERO TARQUINIO QUENTAL

(a) Aimé Martin.

MATHILDE, OU A JOVEN CITHARÉDA

I O assalto ao Castello

'Numa d'estas tardes sombrias do outono, em que as folhas, começando ja a desbotar, principiam a ser agitadas por um vento mais forte, a nobre Theodora, tendo a sua unica filha Adelina assentada no seu collo, estava, 'num dos innumerados quartos do seu castello isolado e quasi deserto de Haute-Roche. Adelina contava, então, apenas dois annos de idade; e seu pai, o cavalleiro Alberto, achava-se muito distante do seu castello, 'num paiz, para onde a guerra o tinha chamado. Partindo pois para a guerra, levou consigo todos os seus es-cudeiros e a maior parte dos seus homens d'armas.

Os unicos defensores, que faziam a guarda do castello, construido sobre um enorme montão de gravito, que coroava uma montanha elevadissima, d'onde este castello tinha tirado o seu nome, eram Jacques e alguns poucos pagens. Jacques tinha ido primeiramente com Alberto; mas como a posição dos dois exercitos por muito tempo tinha impedido o cavalleiro de receber noticias de sua cara consorte e de sua adorada filha, e como não podia abandonar o seu posto, tomou o partido de mandar Jacques, disfarçado em peregrino, ao castello de Haute-Roche, para saber o que ahi se passava.

Comtudo a guerra foi de mal para peor, os inimigos evadiram o solo da patria, roubando, incendiando e despojando as cidades e os campos, e uma columna d'estes bárbaros approximou-se do castello de Haute-Roche. Nestas circumstancias, Theodora, temendo um ataque, julgou prudente reter ao pe de si Jacques, para d'este modo augmentar o numero dos seus defensores. Comtudo as fortificações arruinadas apresentavam pouca segurança, e então Haute-Roche parecia-se mais com uma casa de campo, do que com uma fortaleza destinada a impôr ao inimigo, e capaz de sustentar um cerco. A sua architectura, as velhas torres em ruinas, os carvalhos seculares,

e as tilias gigantescas, que povoavam o ambito e o pateo immenso, mostravam ainda o que este castello havia de ter sido primitivamente.

’Nesta tarde pois o frio norte abalava, sibilando, o cimo dos carvalhos e das tilias, o as folhas obrigadas pelo vento a separar-se dos seus ramos, tapetavam o terreiro do vasto pateo. Ja o sol se tinha mergulhado no vasto horisonte, ja o crepusculo tinha passado, ja a noite tinha começado a ennegrecer as paredes exteriores d’este velho castello, quando de repente se julgou ouvir no valle proximo vozes surdas e tumultuosas.

—¿Que é isto? perguntou Theodora, assustada, a um pagem que trazia luzes; ¿serão inimigos?

Comtudo o tumulto e os sons dos clarins augmentavam e pareciam approximar-se. Pouco depois o guarda da torre deu o signal de se approximar gente, e o velho Jacques, pallido como a morte, entrou precipitadamente no quarto.

—Nobre dama, disse elle, não vos assusteis com a triste noticia, que vos venho dar, e ’nesta hora critica confiemos plenamente em Deus e em sua divina misericordia. Parece-me que uma multidão de gente armada se approxima do nosso castello. Ainda não foi possivel distinguir se são amigos ou inimigos. Mas, para falar com franquesa, parece-me que são inimigos; porque hontem recebi a triste noticia, que eu desejava calar, de os nossos terem sido vencidos e postos em debandada.

—¡Oh! meu Deus! exclamou Theodora; se isso assim é, ¿que será de mim e de minha querida filha?!

—Socegai, nobre dama, disse Jacques: sempre vos tendes mostrado boa e verdadeira, e por certo que ainda vos não esquestes d’este antigo e bello adagio:

Quem em Deus tem plena confiança,
Entrevê o futuro com segurança.

—Tens razão, meu bom amigo, disse Theodora: fazei levantar a ponte-levadiça. Eu não sei bem, mas parece-me que o nosso castello não está em estado de fazer grande

resistencia. Mas ao menos tractemos de ganhar o tempo necessario para pôr em segurança as minhas joias e os meus trastes mais preciosos.

—As vossas ordens serão executadas, nobre dama, respondeu Jacques, e saiu.

(Continúa)

J. DE CASTRO JUNIOR

(Carta dirigida por uma Senhora á redacção dos PRELUDIOS, para ser publicada)

A harmonia, que se observa no formoso rosto de V. Ex.^a fez-me tal impressão, que, como mathematico, immediatamente tratei de descobrir a causa d’este phenomeno. Discutindo, em relação aos tres planos coordenados, a curva de dupla curvatura, que forma o gentil rosto de V. Ex.^a, achei o resultado mais extraordinario possivel, a symetria mais completa; os pontos de inflexão e reversão estão tam artisticamente dispostos, que longe de transtornarem a uniformidade d’um tam bello solido, tornam ainda mais regular esse polyedro de lados infinitesimos.

Analysando da mesma maneira as outras partes visiveis d’um tam elegante todo, cheguei a resultados identicos, e introduzindo-os na formula da interpolação, descobri os pontos intermedios e a lei de continuidade, que presidiu á formação d’essa obra prima da natureza.

Encantado, como ja estava, ainda mais fiquei com tam bellos resultados fornecidos pela analyse infinitesimal; e assim como a força de gravitação conserva todo o systema planetario nas suas orbitas á roda do sol, assim eu me conservo em torno de V. Ex.^a, mantido pela atracção, que V. Ex.^a exerce sobre tudo, que a cerca. V. Ex.^a é o zenith das perfeições, e o nadir da innocencia.

Finalmente, minha Senhora, por meio de successivas differenciações e integrações cheguei ao conhecimento de que meu coração transbordava do mais puro e casto amor para com V. Ex.^a; e como não entra no dominio das sciencias mathematicas e phisicas o indagar os sentimentos, que despertamos nas almas dos seres organisados, que

nos cercam, por isso me atrevo a dirigir esta carta a V. Ex.^a, confessando-lhe o meu amor; e espero que V. Ex.^a me desculpará o meu atrevimento, attendendo á força electrica e magnetica que attrahe o meu coração para V. Ex.^a, assim como o aço é atrahido pelo iman.

De V. Ex.^a

Satellite constante

F.

Não é por certo a vaidade, que me leva a cunhar o meu nome nas columnas d'um jornal, em que tive á distinctissima hora de ser admitido com a minha *Profissão de scepticismo*; é sim o grito do sentimento, que não posso abafar mais um instante, d'esse sentimento a que sou arrastado pela recordação do passado, consciencia do presente e prognostico d'um futuro envenenado por uma idea, que hoje gravada 'neste coração em letras de fogo póde apenas corroel-o e aniquilal-o, mas nunca abandonal-o.

Planisei descrever um anjo, que Deus me fadava, e em que esperava completar a minha ventura, se a parca impia não me ferisse mortalmente; não vi phrases humanas, que aproximassem a sua pintura d'um ideal de virtudes e bellas, realisadas nas formulas d'aquella donsella; retrocedi no meu intento, e julgar-me-hia mais que contente apontando o seu nome, que leves conveniencias me obrigam a omitir: desesperei da minha sorte, bebi nas lagrimas o unico lenitivo d'esta intensa dor; hoje porém que as sinto estancadas busco na imprensa um desabafo, ou antes um alimento para esta dor, que me estala a mais intima fibra do coração.

PROFISSÃO DE SCEPTICISMO

Como a vejo debruçada sobre o tumulto quero salvá-a. Sinto-a escorregar mais e mais; invoco o poder, que alli a atirou. Sinto 'num instante aglomerarem-se-me no coração todos os sentimentos do virtuoso christão, ainda o mais credulo; banho em lagrimas as preces mais saturadas d'uma fe pura; abraço mil promessas, em que testimonho ao Eterno o meu desejo mais vivo; recebo em troca a consciencia do meu nada. Não desesperei ainda; venero a significação do meu ardente desejo; dou asas á imaginação na invenção das mais duras promessas; chego mesmo a pedir, que as nossas sortes sejam trocadas e o tumulto se abra para mim: sorri-me a sorte, e 'nesse sorriso deixa-me traduzir o cynismo mais puro, que me pede um eterno abraço: vacillo, estremeço, sondo o abysmo, que vejo cavar-se a meus pes, afasto um momento as suas garras,

torno a invocar o Eterno; despede-me a punhalada mais valente, que ousei pedir-lhe me suspendesse. Cambaleio então, despenho-me no abysmo, que me sustinha ás bordas; e eis-me ja sorrindo á sorte, sem crenças, sem fe, sem vida, sem nada. Resta-me apenas um tumulto, que separa o passado do futuro, o passado, esse viver sonhado traduzido na palavra Ceu; o futuro, essa cadeia de realidades engastada 'num tumulto, que me acordou do sonho, e atirou á triste realidade, que em pouco pontualizará 'noutro tumulto, se a cadeia não voltar a prender-se no mesmo.

C. R.

¡SANTAREM!

AO MEU AMIGO A. C. D'ALMEIDA

Vous que l'honneur est pour abri!
Arceaux tombés, vodtes brisées,
Vestiges des races passées!

V. Hugo

¡Santarem! teu nome honroso,
'Num passado grandioso,
Se desenrola ante mim;
De ti vejo nos annaes
Escriptas façanhas taes,
Como nunca as vi assim.

Foi Abydis, grão troyano,
Que fugindo ao fado insano
D'entre montanhas t'ergueu;
Foi esse que ao mundo inteiro
Quiz a prova dar primeiro,
Do poder, que Deus te deu.

Levantou-te assim altiva,
P'ra não poderes ser captiva,
Mas sob'rana dictar leis;
Levantou-te p'ra morada,
Ja de longe destinada
De sob'ranos, nossos reis.

E, com effeito, vaidosa,
Muita vez viste ufanosa
Monarchas em teu recinto,
Que pressurosos buscaram
Refugio, que sempre acharam
'Neste logar tam distincto.

Nos teus muros, que caidos
Encontram-se hoje despídos
D'antiga gala e poder

! Vejo a prova, que mais certa
'Num peito grato desperta,
Orgulho d'aqui nascer!

Esse Tejo, que saudoso
A teus pes corre queixoso,
De se ver abandonado,
Tambem s'encontra na historia,
Fazendo parte da gloria,
Do teu brilhante passado.

Ja outr'ora o fero mouro
Dizia: — seres thesouro
Do propheta nas Hespanhas;
E p'ra livrar-te fizeram
Feitos d'armas, que excederam
As mais famosas façanhas.

Foi assim que te julgou
Julio, que te nomeou
Seu — Presidio — o mais valente;
Esse dictador sob'rano,
Qu'impoz ao povo romano
Jugo d'um braço potente.

Vejo 'nessa antiga Roma
Feitos d'armas, cuja somma,
Jamais póde ser-te igual;
Vejo da Grecia os valentes
Guerreiros, que são diff'rentes
Dos teus, que não tem rival.

Foi Affonso, grão guerreiro,
Nosso monarcha primeiro,
Que dos ferros te livrou:
Foi um rei, heroe forte,
Qu'encarou, altivo, a morte
Quando d'elles t'arrancou.

Foi por ti que mais d'um bravo
'Nestes muros se viu escravo,
De Pêrros sem compaixão;
Foi por ti que o portuguez,
Expoz montante e arnez
Contra os filhos do — | Al-korão!

Ja foste côrte valida
De monarchas, cuja vida,
Passou triste e amargurada;
Que taes coisas se passaram,
No seu tempo, que aterraram
Toda a nação consternada.

P'ra theatro t'escolheu
Da vingança, qu'exerceu
Nos d'Ignez crus matadores,
Esse rei, Pedro primeiro,
Vingativo, justiceiro,
Que zombou d'acerbas dores.

Fernando, com sua amante,
Esse rei tam inconstante,
Em teus muros s'acolheu;
Quando um povo amotinado,
So pedia ao desgraçado
Essa mulher, que o perdeu.

D'aqui viu ser invadido
O seu reino, e perseguido
Por estrangeira nação;
Ouviu | mas calaram gritos
De mil vassallos afflictos
'Num cobarde coração!

Mas, paremos...; e saudosos
Recordemos orgulhosos
D'outros monarchas a vida;
D'esses homens, cuja fama,
Jamais por impura chamma
Poderá ser consumida.

¿ Que vezes tem Deus mostrado
Este solo abençoado,
Ser da sua protecção?
¿ Quantas provas milagrosas
'Stão patentes, que famosas
São d'um povo alto brasão?!

! Santarem! com gôsto vejo
Teu poder, que ja prevejo
Ir levantar-se do po:
Levanta altiva a cerviz,
Ja que Deus assim o quiz
! Cessem lagrimas de dó!

Seminario Patriarchal de Santarem, 14 de Dezem-
bro de 1858 JOAQUIM AUGUSTO RODRIGUES

AO MEU PATRICIO E AMIGO

L. O. F. DE MELLO

Quão feliz que eu fôra, donzella,
Se me deras um riso dos teus,
O encanto, que 'nelles se mostra,
Emanado dos risos de Deus.

! Oh! se deras ao vate proscripto
Meigo olhar, que o soffrer mitigára,
Que a idea do exilio penoso
De sua alma abatida riscára; —

Logo em paga um amor mais sincero
Pelo vate te fóra jurado,
E verias teu nome na lyra,
Ao perfume das flores, cantado;

E verias, que o amor lhe viria
D'harmonia mil sons acordar,
Solfejando teus dotes divinos
Às estrellas, às brisas e ao mar.

E folgára até mesmo na campa
De te haver o seu peito rendido,
De adorar no silencio da morte
Tua imagem, teu nome querido.

Não te off'rece riquezas nem pompas,
Porque o vate riquezas não tem;
So te off'rece uma c'roa singella,
Que valor infinito contém.

Esta c'roa dos vates, tam nobre,
So das mãos do Senhor é que vem;
As que têm os monarchas | são dadas
Pelos homens, que as quebram tambem!

! Quanta vez um monarcha abatido
Dos cuidados no horrivel lutar,
Aborrece suas galas, seu sceptro,
Porque soffre, não póde chorar!

E não chora, que o povo não quer
Do sob'rano nos olhos o pranto;
Mas o vate se soffre, na lyra
Acha alivio, acha mesmo o encanto.

Logo encontra o consólo, se a corda
Consagrada á sua patria vibrou;
Se 'naquelle, que a Deus é votada
O auxilio do ceu implorou.

Eil-o alegre, se aos pais agradece
'Noutra corda mil benções, ternuras;
Mais altivo, que um rei, se da bella
Dos seus sonhos modula as doçuras.

¿ Queres, pois, linda virgem, fruir
D'esta vida a ventura completa?
Sanctifica-a, acolhendo em teu peito
O amor, que te vota um poeta.

Coimbra, 3 d'Abril de 1859 . . . A.

UMA SAUDADE

À MEMORIA DE MINHA IRMÃ MARIA MAXIMINA TEIXEIRA,
FALLECIDA A 27 DE FEVEREIRO DE 1856

¿ Onde occultas, lindo anjo,
Teu sorriso encantador?!
Teus olhos meigos, formosos,
Teus labios dizendo amor?!..

¿ Onde, as faces purpurinas,
Mimosa e candida flor?!..
¿ Onde, as madeixas formosas,
Onde, o virgineo rubor?!..

Foste estrella passageira
Ca na vida a fulgurar;
Amanheceste formosa,
E á tarde vi-te murchar.

Pergunto por ti aos echos
Da longinqua soledade;
! Mas os echos so respondem
Uma queixosa saudade!..

Lamego, 6 de Março de 1859

JOSÉ AUGUSTO TEIXEIRA BOTELHO

SONETO

AO MEU AMIGO J. P. F.

. femme inconstante
Las! je vous quitte pour jamais!

...

É mais facil nascer la do poente,
Na mais opaca noite, o sol doirado;
É mais facil mostrar-se o ceu fechado
E chuveiros negar ao continente:

Poderá não morrer o que é vivente,
Sopposto fosse á morte destinado:
Retroceder o rio despenhado,
A lua negar póde sua enchente:

Póde solfa cantar o peixe mudo,
Em um macaco achar-se gentileza;
Rir-se póde o defunto mais sisudo:

Póde mudar-se em tudo a natureza:
Tudo póde encontrar-se, tudo, tudo;
So na mulher não póde haver firmesa.

J. T. PINTO DOS SANTOS

LOGOGRIPO

No remo serve a primeira
Para o barco navegar;
A segunda co'a terceira
No commercio a ves usar:

A terceira mais a quarta
Primeira e segunda tem:
A terceira co'a segunda
Primeira e quarta tambem:

A primeira, se a dobrares,
As crianças ouvirás;
Toma ás vexas a terceira;
Sem ella não viverás:

Na segunda repetida
A segunda e quarta ves;
Juncta segunda e terceira,
A quarta e terceira les:

A primeira co'a terceira
No Brasil encontrarás:
A primeira co'a segunda
Nos animaes acharás.

A primeira co'a segunda
A primeira e quarta val:
É a terceira co'a segunda
Á terceira e quarta egual.

A terceira co'a primeira
Usam gaiatos jogar:
A terceira co'a segunda
Tomaram gatos pilhar:

A segunda mais a quarta
A quarta e segunda são;
A segunda co'a primeira
Quarta e primeira farão.

Juncta segunda e primeira
Qualquer tampa assim fará:
A segunda mais a quarta
Não tem fe no tafetá.

O todo sem uma letra
É exquisito e singular;
Ás direitas ou ás vexas
No mesmo sempre vai dar.

Das quatro que o todo formam
São distinctas so as tres;
Outra letra 'nessas quatro
É commum por sua vez.

¿ Quem ha 'hi que não gostasse
D'este brinco juvenil?
¿ Qual de vós que não pagasse
Este tributo infantil? (K.)

N.º 12.º — *Seminario.*

EXPEDIENTE

Continuando a ser-nos enviados escriptos sem assignatura, declarámos de novo, que os não publicaremos, posto que isto nos pese bastante, visto que entre elles têm apparecido alguns de muito merecimento.

A redacção fará publicar, e muito agradecerá os escriptos, que lhe forem remettidos, particularmente pelos lentes e estudantes da Universidade de Coimbra e das Escolas de Lisboa e Porto.

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coimbra* — loja da imprensa da Universidade; *Lisboa* — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; *Porto* — Sr. Jacintho Antonio Pinto da Silva; *Viseu* — Sr. Francisco Gomes Pinto; *Pezo da Regoa* — Sr. Manuel Mendes Osorio; *Evora* — Sr. V. J. da Gama; *Bragança* — Sr. Antonio Caetano d'Oliveira Furtado; *Lamego* — Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão* — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria* — Sr. José Pereira Curado; *Aveiro* — Sr. Ernesto Augusto Ferreira.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno	1\$240	Anno	1\$460
Trimestre	360	Trimestre	450

Não assignantes: n.º 1.º a 12.º, contendo uma polka para piano e um grupo de estudantes: com estampilha — 1\$120 réis, sem estampilha — 1\$000 réis.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

(Continuado do numero 9)

A mulhier.

E porque não seria ella na escala da criação um anel da cadéa dos entes, presa d'um lado á humanidade, pela fraquesa e pela morte, e do outro, dos espiritos puros pelo amor e pelo mysterio?

HERCULANO—*Eurico o Presbytero*

XI

Não sabemos qual fôra a confissão de Castro; falára muito em segredo, contraíra muitas vezes as faces, franzíra as sobrançellas, as lagrimas lhe rebentaram dos olhos amortecidos, e um sorriso semelhante ao escarneo insultuoso de procella stridente, um sorriso de desesperança, lhe viera aos lábios, como denunciador das amarguras, que lhe ferviam la dentro no coração despedaçado...

O velho padre, que o escutava attentamente, parecia agitado e commovido: expressões de Castro traduzira-as elle em dor cruciante, em mágoa immarcevel, em sofrer amargo e dilacerante, que funesto acaso, fatalidade imprevista viera continuar e recrudescer.

Adelaide, a joven e interessante Adelaide, entretida na contemplação da noite, parecia abysmada 'num pensamento, 'numa visão, que lhe fascinava os sentidos, que lhe dominava o coração e a intelligencia; pensamento, visão, que ella sonhava transparecer no mysterioso clarão da lua, no fatidico scintillar de cada estrella, no surdo preludiar de ignaro insecto, no mago ciciar da ramagem do arvoredado da selva...

Dirieis ser a estatua levantada pelas mãos

1859—Junho

da propria natureza: dirieis ser a mulher creada e divinizada pela phantasia, pelo coração, pela poesia; um ideal da mulher, traçado pelo sentimento do bello e do bom, mas um sentimento infinito, como se a imaginação e o coração, que o nutríra, fôra infinito, como o pensamento de Deus.

Similhava a rosa gentil e donairoza, isolada no meio do deserto, cujo aroma se perdêra no espaço, cuja purpurea e bella cor se reflectíra apenas pelas arêas torradas d'um solo requeimado e abrasador...

¡Adelaide desprendêra-se de quanto a rodeava!..

A sua imaginação e pensamento reflectia-se no espaço. O que mais lhe era em torno mudo se tornára, não lhe falava ao coração.

É que em alguns instantes, no coração da mulher, ha uma so corda que vibra — a da poesia e do amor; na intelligencia uma so idea — a esperança no porvir.

¡É que em algumas horas a mulher cede á concentração intuitiva, que lhe consome o espirito 'numa so idea; para 'noutras se deixar apossar da expansão reflectiva, que lhe atufa a imaginação 'num mar tumultuoso e phosphorescente de mil e mil illusões, que sonhal-as fôra ja muito!..

XII

¡Não sei que ha de mysterioso, de seductor, de magnetico na mulher!

¡A sua intelligencia, o seu coração é um paradoxo incomprehensivel e inexplicavel!

Pensamentos grandiosos e arrojados,— ideas mesquinhas e saturadas de frivolidade,— sentimentos e paixões tenues e frouxas,— affectos exaltados e ardentes,— altiva e timida ao mesmo tempo,— temeraria e

N.º 14

cobarde.— ¡A mulher é um mixto, um ente, que não se comprehende, nem se define!

Umaz vezes innocente como os anjos do Senhor, singella e perfumada como a rosa do prado, docil e flexivel como a vergon-tea do jasmineiro, toda candura e poesia — ella seduz ¡e um sorriso, um olhar seu basta, para roubar-nos o coração e a alma!

Outras altiva e orgulhosa, astuta e enganadora, severa e cruel, com um so entre-abrir de seus labios, uma palavra indistincta, um gesto indeciso arrasta-nos a um amor louco e desvairado, lança-nos as cadeas d'uma servidão moral, conduz-nos, ¿quem sabe? ¡á estrada do crime!

A voz da mulher, um seu volver d'olhos, uma ameaça, um leve aceno produz effeitos contradictorios: — ¡mata-nos o prazer, ou dá-nos a alegria, — conquista-nos a liberdade ou escravisa-nos, — ganha-nos as bençoas do ceu, ou a maldição de Deus e do mundo! —

Ella póde vasar-nos 'nalma o amor da virtude; dourar-nos a existencia de virentes e immorredouras esperanças; enfeitar-nos a vida de mil e mil variegadas flores; perfumar-nos o coração com os celestes e embriagantes aromas do thuribulo sagrado do amor...

¡Oh! então é o anjo do Senhor, que, baixando sobre a nossa cabeça, nos abre as portas d'um eden de felicidade ineffavel!..

Ja, como o formoso pomo da mancenilheira, ¡offusca com o seu brilho, envenena e mata com o seu provar!

Derrama em todas as nossas faculdades e sentimentos a abrasadora pessoa da perdição; ¡como a embaidora serpente, enrosca-se em nossa existencia e a criva de mordeduras mortiferas; como o genio do mal, atraiçoa-nos o destino; como vampiro devorado pela sede, sorve-nos até a ultima gota a seiva, que nos alimenta 'nalma as crenças e a virtude!

¡A sua voz, disfarçada em apparente melodia, sturje a nossos ouvidos como o grito de exterminio e de maldição, e cóa na consciencia e no coração do precito no dia do acordar do remorso, na hora derradeira da expiação impossivel!

Então, a mulher accende o facho edaz

e enganador do orgulho e da vaidade, apaga a luz da rasão, embota a intelligencia, corrompe a consciencia, deprava o coração... ¡Oh! então é satanaz, que nos arrasta ao redemoinho voraz das paixões tumultuosas e do soffrer contínuo e absoluto!..

A mulher tem o sceptro da sociedade; a ella se prende o vicio e a virtude, o prazer e a dor, a vida e a morte.

A mulher tem o imperio da familia, da nação, da humanidade inteira.

¡A mulher póde determinar ou retardar o progresso da moralidade e do espirito religioso pela sua influencia!

É preciso preparar a educação da mulher, para preparar a educação da sociedade.

¡Eis a verdade sublime, proclamada por um livro o mais grandioso e magneficente no estylo e no pensamento, o livro produzido pela vasta intelligencia, pelo bondoso coração, pelo genio inspirado e immortal d'Aimé Martin!

Mas em quanto a sua educação e o seu estado for objecto secundario para a sociedade, a mulher será sempre uma contradicção, uma perola perdida na arida soidão da vida.

Se Proudhon tivesse voltado o seu espirito para o estudo da *gunaichologia* (1), se houvesse estudado a mulher actual, descobriria um systema de contradicções mais rico do que na Economia Politica, ¡em cujas superficies frivolidades perdeu o seu grande genio!

A mulher actual é um systema de contradicções, mas a mulher póde e deve ainda vir a ser aquillo para que foi creada: a sua reforma pertence á sociedade.

Garrett distingue a mulher, que se admira, — que se ama, — que se deseja: nós distinguiremos — a mulher que vivifica, — que mata, — que conserva, — que destroe...! a mulher, na oscilação contínuo do ser e não ser; o que deve ser!

Com o amor e com a fidelidade a mulher derrama em nossa alma, prestes a

(1) Assim como a *antropologia* foi creada para designar a sciencia, que estuda o homem, nós não receámos empregar esta para designar o estudo da mulher.

exalar-se á mingoa d'um sentimento, arroios de felicidade, um caudal de ternuras, de incantos, de esperanças, que apenas se gosam, que apenas se sonham no seu seio. Dá-nos a vida, a tranquillidade, o ceu dos espiritos celestes e puros...

Com a perfidia, com a ingratidão, a mulher cava-nos profundo no peito o espinho agudo do ciume, crucia-nos, atormenta-nos a alma, que má estrella de desditoso destino prendêra ao seu destino; faz-nos tragar até ás feses os amargores da taça, onde havíamos libado os primeiros sorvos da seducção; faz-nos revolver por noites d'eterna agonia, de tormentoso soffrer 'num leito de espinhos, que nem a saudade póde sequer embotar; porque ás vezes nem saudade a desdita nos consente.

A lembrança de douradas esperanças, de fagueiras illusões sentimol-a rebramir no cerebro, fatigado por um pensamento máu, como um raio precursor da morte; sentimol-a no coração, abrasado por um sentimento desolador...: ¡na rasão, em toda a nossa alma ecoa um grito de maldição e desespero!.....

Então o passado, o presente e o futuro traduzem-se em tres idéas, que nos despedaçam a alma, ¡illusão, perfidia, vingança!.....

E. GARCIA

RECORDAÇÃO E ARREPENDIMENTO

A V. DA SILVEIRA

(Continuado do numero 8)

II

Este vasto campo, de que acabo de falar, e onde vai ter logar a caçada, não é tam plano como o pavimento d'uma casa, ou como o piso d'uma rua, mesmo das do nosso Portugal: pelo contrario, aqui e alem succedem-se pequenas elevações, cuja altura, em relação á grandesa do valle e das montanhas, que o terminam, é tam diminuta, que ao longe se torna quasi insensível, formando, por assim dizer, uma vasta planice.

Os caçadores, transpondo a cumiada e descendo a encosta da montanha, que se

eleva ao nordeste da aldêa, sem ordem nem alinhamento, haviam apenas morto dois ou tres coelhos, e igual numero de perdizes.

Agora estavam chegados ao logar da caçada. Tinham em frente o campo: era preciso delinear o ataque. Por conselho do mais velho e experiente caçador as coisas dispozeram-se assim:

O respeitavel ancião, de que ja vos falei, e a que n'aldêa chamavam o Dr. Thomazio, occupa o centro do campo: juncto d'elle Gustavo, o mancebo de genio triste e melancólico, que o leitor ja conhece, monta um soberbo corcel: cada um leva atrellada uma parelha de galgos. Outros caçadores os seguem, dispostos a correr as lebres 'nesta parte do campo, que, mais cultivada e limpa de matos, é propria para este exercicio.

Uma multidão immensa, destinada á caça dos coelhos, compõe a grande ala, que se estende sobre toda a direita do campo, onde os matos quasi se succedem, onde a selva é mais densa: á sua frente um numero extraordinario de podengos atravessa o campo em mil direcções.

Eugenio, esse joven estudante, folgasão e activo, que tambem ja nos não é desconhecido, forma a ala esquerda junctamente com uma grande comitiva de caçadores, determinados a seguir as perdizes. Sagazes e doceis perdigueiros giram e volem á sua frente 'num pequeno ambito. O zunido agudo do assobio fende os ares por toda a parte, põe em agitação os caçadores, enthusiasma os cães e dá o signal do começo da caçada.

Na direita rompem logo as estrepitosas vozerias dos batedores. Na esquerda e centro mal se sentem os passos, pouco agitados, o volver ainda manso e socegado dos cães, e o tropear vagoroso dos cavallos.

Mas d'ahi a alguns minutos ja essas estrepitosas vozerias da ala direita não retumbam so no campo; pelo contrario, mais reforçadas pelo latir incessante dos cães, que em suas carreiras afadigadas acossam os coelhos, e por um sem numero de tiros aqui e acolá, vão crusar-se nos ares com o som abafado do rapido e forte tropear dos cavallos, que, no meio do campo, esporeados pelos cavalleiros, correm a toda a brida, voam, seguindo aqui e alem os galgos, que

em seu correr rapido perseguem as ligeiras lebres.

Este ruido estrondoso vem ainda recrusar-se com o reboar dos tiros da ala esquerda, e com o som do bater dos pes não compassado dos caçadores.

Em todo o campo se colhem palmas; os velhos ensinam aos moços o que é a arte da caça: em todo o campo se aporfia.

Aqui gaba-se, laurea-se o mancebo, que agil e destro executou um tiro difficil.

Alem admira-se o velho, que, ja versado 'neste exercicio, tem a pontaria tam certa, que não erra um so tiro.

'Noutra parte ve-se, com uma agitação agradável, o podengo destro correr o coelho, furtar-lhe as voltas, filal-o e, depois, vir depol-o aos pes do dono; o galgo extender-se em sua carreira, rastejar com a barriga pelo chão, seguindo, qual relampago, a ligeira lebre; e, em fim, o astuto perdigueiro parar e *dizer* a seu dono:—a caça está aqui.

¡Era bello para o espectador, que d'um sitio elevado contemplasse as bellas d'este quadro, em que a actividade e o prazer da caça por toda a parte se revelavam! . . .

O sol ia descendo: ja as sombras projectadas pelos montes se desdobravam fortemente sobre os valles, tornando-se cada vez maiores: deviam ser tres da tarde; e a caçada continuava com grande enthusiasmo.

Então, os dois estudantes, Gustavo e Eugenio, casualmente se encontraram sos 'numa fonte humilde, pobre de ornatos artificiaes, porem rica de mil encantos, que a natureza abi soube depositar; simples, é verdade, mas de bem mais valor, do que esses enfeites de marmore, ainda os mais notaveis das nossas cidades, para quem os souber comprehender, para quem sentir elevar-se-lhe o pensamento, esvair-se-lhe o coração em affectos intimos, em expansões ingenuas, ao ver, no meio das harmonias da natureza, rebentar a agua limpida e pura, e depois escorregar mansamente por entre a relva d'um verde eterno e seductor.

Os dois jovens tinham chegado a esta fonte campezina, e depois de saciados de sua fresca agua haviam-se sentado juncto do tronco d'um carvalho secular, que agora estava despido, mas que durante a prima

vera e estio servia de palio aos que vinham gosar dos beneficios da fonte.

Cada um accendeu o seu charuto de puro e bello tabaco; depois um recostou-se ao carvalho e fitou a corrente, que serpejava por entre a relva; o outro poz o rosto sobre a mão, e por muito tempo immoveis conservaram profundo silencio.

É que os jovens, involtos no perfume delicioso e embriagador do charuto, impressionados pelos encantos e enlevos do logar, recordavam as scenas, que alli passaram, os segredos, que mutuamente alli tinham confiado, as affeições, as mais intimas, que d'este trato haviam nascido . . .

Esta recordação fazia-lhes prépassar pela mente os factos da historia de seus corações, uns cheios ainda de doces lembranças, outros recheados de amargores ou repassados pelo suave espinho da saudade.

Sabiam que era forçoso ausentarem-se da patria por um longo periodo; e 'nesta muda e silenciosa contemplação despediam-se com magoa d'este logar tam querido.

Depois Gustavo, ainda triste e meditativo, disse a seu amigo:

— Não es so tu, que sabes a minha vida, e eu a tua; tambem o genio d'estes logares sabe os nossos segredos, os nossos mais intimos sentimentos . . .

— É por isso, respondeu o Eugenio, que damos com saudade o ultimo adeus a este logar, que nunca esqueceremos . . .

— É tarde, continuou o joven: bebamos mais uma vez d'esta agua, e vamos ter com os caçadores.

Iam estes ja bastante longe; mas os jovens apressaram o passo; e ás cinco e meia estavam junto de seus companheiros.

A abundancia da caça fóra grande; os caçadores levados pelo enthusiasmo demoraram-se de mais, e chegaram ja tarde ao logar, onde deviam reunir-se para regressar á sua boa aldéa.

Estavam questionando se deviam ficar ou partir, quando um mancebo, ainda imberbe, correu gritando: ¡Tres viados! tres viados! Vi-os eu!: andavam pastando na relva: sentiram passos, e encaminharam-se mansamente acolá para aquella selva.

Todos olharam para o sitio, que o joven

apontava. Pouco depois tinham determinado ficar, para de manhã perseguirem os tres veados.

Um velhote tomou então a palavra, e, apontando com o dedo, disse:—Alem 'naquella elevação ve-se umâ luz: mora alli um quinteiro, homem ca dos meus tempos, honrado e caritativo, que de certo não recusará dar-nos pousada por esta noite.

Em seguida dirigiu-se por uma estreita senda, na direcção da pequena luz, e todos o acompanharam.

F. F. C.-B.

VICIO E VIRTUDE

(Continuado do numero 12)

A visita, — e de como sem procurarmos saber as cousas as sabemos.

... torna, bella nympha a quem te adora,
A quem por ti perdeu o siso e o tento.

IV

O leitor, se leu o antecedente capitulo, devia pasmar ao conhecer o character de Paulo. Agora deve acompanhar-nos a casa de Julia Armandt. Imagine-se comnosco 'numa sala, onde a arte e a riqueza se ostentam a qual mais.

Do tecto, onde sobresaem esmerados ornatos, pende um lustre, de cujos vidros como que nascem diversas e lindas cores. Cortinas de finissimo damasco adornam as janellas. Sobre o pavimento desdobra-se o tapete de tam precioso estofo, que o pé, porventura o mais delicado, receia pisal-o. — A mobilia é do ultimo gosto e mostra-se, ao espirito ainda o menos observador, fructo da mão habil de consummado artista.

Deixemos porém a obra do homem, para observarmos por um pouco a da natureza, não menos bella.

'Num magnifico e commodo canape está, gravemente recostada, Julia Armandt, a dona da casa, primor de belleza. Conta 24 annos. É de rosto mui branco, olhos negros, cabellos egualmente negros. A sua physionomia é encantadora.

Quasi juncto a Julia occupa uma cadeira Luiz, que o leitor ja deve conhecer.

A dona da casa tem a palavra.

— Esperava-te hoje, mas não tinha certeza de ver-te por aqui.

— Perdão: eu disse-te, na feliz noite, em que nos encontrámos, que viria hoje procurar-te.

— Ora ... receiei que faltasses. Tambem prometteste, que me escreverias da aldeã, e não cumpriste a promessa.

— ¿Pois não recebeste carta alguma minha?

— Recebi apenas duas. E depois não obtive resposta a muitas, que te enviei. Provavelmente alguma formosa aldeã te roubava o tempo...

Estas palavras, pronunciadas com uma especie de despeito e desdem, fizeram hesitar Luiz por um pouco, mas respondeu:

— ¡Como te enganas! Na mór parte do tempo estive doente.

— Paulo nunca me disse tal coisa; quando lhe perguntava por ti, respondia-me, que ja havia bastante não recebêra cartas tuas. E sobre tudo não creio, permitte-me, não creio 'nessa rasão.

— Podes acreditar-a: comtudo haver-te-hia escripto, senão fosse a minha... credulidade...

— ¡Credulidade!

— Receio dizer-t'ó...; poupa-me explicações; e acredita que, apesar de te não haver escripto, apesar de tudo, apesar do meu silencio, te amo ainda, como te amei sempre.

— Não, não o posso crer; —dize-me ¿porque não escreveste?

— ¿Perdoas-me, Julia, se eu te disser o motivo?

— Perdóo.

— Escreveu-me alguém, dizendo que tu amavas outro homem, e que juráras pertencer-lhe. Acreditei-o, porque a carta era d'um amigo meu.

— ¿Como se chama?

— Não t'ó digo, Julia. Não posso dizel-o; dei a minha palavra de honra, que nunca o revelaria.

— ¡E acreditaste tudo! Creste firmemente, que eu era falsa!

— Acreditei-o, sim; — ¡mas tu prometteste perdoar-me!

— ¡Não esperava ter de perdoar-te por tal motivo!.. E ¡quem sabe o que de mim

pensas ainda!.. O teu amigo enganou-te, Luiz. Para ti não tenho segredos; vou contar-te tudo.

Luiz parecia admirado.

— Pouco tempo depois da tua partida, Manuel de Sousa frequentava, como d'antes, a titulo de antigo conhecido, a nossa casa. Notava-lhe certo embaraço, quando se falava de ti. Um dia, estava eu so' nesta sala; havia justamente acabado de escrever-te uma carta, fiel expressão do meu desgosto, por não haver recebido letras tuas: meu irmão tinha saído para fóra de Lisboa. Tinha fechado a carta, mas não tinha ainda posto o sobrescripto, quando Manuel de Sousa me appareceu á porta da sala, pedindo licença para entrar. Disse-lhe que entrasse. Depois dos cumprimentos do costume e d'uma conversa de pouco tempo, durante a qual Manuel de Sousa se mostrara embaraçado de mais, disse-me com voz atada e de quem receiava: Peço-lho, minha Senhora, licença para ajunctar áquella carta outra, que trago aqui; e lançou a sua juncto da que eu havia escripto, retirando-se logo mui apressadamente.

Abri a carta, que ainda conservo, e deparei no alto d'ella com o meu nome.— Era uma declaração, escripta em termos bonitos. Segundo Manuel de Sousa, apenas eu o podia fazer feliz. Não lhe respondi. O meu silencio provocou novas cartas, provavelmente repetição da primeira.

Como estas não produzissem melhor effeito, deixou de visitar-nos por algum tempo, até que appareceu aqui ainda outra vez. Lembro-me bem, vinha pallido e a physionomia denotava soffrimento.— Acabo Sr.^a D. Julia, de tomar uma resolução, forçado pelas circumstancias, em que V. Ex.^a me colloca. Não lhe é extranho o meu amor. Se leu as minhas cartas deve saber, que a ventura so me sorrirá, quando eu fôr seu esposo; porque, para mim, a ventura está vinculada á nossa união. Se a não quer contrair, Julia, diga-m'o por uma vez. Breve sairei de Lisboa. Viver juncto da mulher, que me recusou o fazer ditoso, por um acto de sua vontade, é um tormento, que cumpre evitar!

Ouvi-o como se costuma ouvir um filho

de amigos de nossos pais,— e de amigos que ja não existem. Com delicadesa esforcei-me por convencer-o, de que a fortuna d'um homem não está sempre 'num casamento, que se julga feliz. Succederam então supplicas e rogos, para as quaes era minha unica resposta: — Não posso pertencer-lhe, Sr. Manuel de Sousa. Instou por algum tempo; respondi-lhe do mesmo modo: quiz-lhe entregar as suas cartas fechadas, á excepção d'uma, unica que abri. Julguei que a occasião era opportuna para lh'as dar sem o offender; não as acceitou. Não instei; manifestei-lhe os meus sentimentos a respeito d'ellas.— Guardo-as, Sr. Manoel de Sousa, como penhor de amizade.— Como quizer minha Senhora; mas não as acceito.— Nem o obrigo a tal; so lhe assevero, que não posso pertencer-lhe, e lhe peço que não deixe Lisboa. Continue a apparecer por aqui; será sempre acceito como amigo: é impossivel amal-o.— Não, minha Senhora; sinto não caber em mim obedecer-lhe; mas vou para o Brasil.— Se isso convem aos seus interesses, realise a sua vontade; se o faz por minha causa, rogo-lhe que não proceda por tal modo. Saíu triste e indeciso.

Cedo voltou supplicando, para que accedesse ao seu empenho, esforçando-se por que eu jurasse pertencer-lhe um dia. Persisti em dizer-lhe, que nunca lhe poderia dar a minha mão. Até hoje, nunca mais me procurou. Quando me encontra, cumprimenta-me e raro me fala. A meu irmão desculpa-se com o muito trabalho.

As cartas estão ahi, não as quiz acceitar.

Agora poderás perceber, como eu percebo, o meio de que Manoel de Sousa se serviu para obter o bom éxito dos seus intentos. Notei que a ultima vez, que aqui veio, estava mais alegre e esperançoso. Julgava que o remedio havia sido effizaz.

Tinha-o na conta de cavalheiro.

Enganei-me...

Luiz, que ignorava completamente tudo isto, e que inventára aquella desculpa por ser mui de uso e por se haver lembrado d'ella quasi momentaneamente, respondeu asseverando, que Manuel de Sousa lhe não havia escripto.

Julia retorquiu.

— É provavel que te não escrevesse, mas alguém a seu rogo t'o fez, para te dar conta d'uma calúnia.

— Não sei Julia. A carta não continha o nome d'aquelle, que, segundo se me dizia, tu tam vivamente amavas: e, sobre tudo, ¿que importa o succedido? ¿que importa o passado no nosso caso, quando o presente o desmente? Hoje sei, que tudo o que se me escreveu foi uma falsidade contínua, sei-o de pessoa, cuja opinião deve ser bem recebida.

— Mas acreditaste; e ¿quem sabe se o que acabas de dizer é a expressão real do que pensas a meu respeito?

— É facil proval-o; é facil dar-te testemunho, de que te julgo uma mulher fiel e digna. Perdoa, se em recompensa á tua fidelidade tive apenas para dar-te o resultado triste da minha pouca fe nos juramentos, que me fizeste, e na firmesa do teu caracter. Prometteste perdoar-me.

— Certamente. Era natural que fosses enganado. Quando temos um amigo, julgamol-o como amigo. Rogo-te porém que procures Manuel de Sousa: fala-lhe abertamente, pergunta-lhe como respondi ao seu amor, como me houve para com elle. Estou persuadida, que apesar de não ser tam cavalheiro, como outr'ora o julguei, não ha de ser tam perverso, que te minta hoje...

— Tudo isso é desnecessario, Julia. As tuas duvidas vão cessar. Creio que sabes, que eu não desposaria uma mulher infiel. Pois venho pedir a tua mão; venho hoje, porque hoje dispões de ti.

— ¿Como se não soubesses, que minha alma foi sempre tua! ¿como se esquecesses o reciproco juramento, que fizemos! e pelo qual nos tornámos um do outro! O teu pedido Luiz, para mim, importa mais, importa o cumprimento d'uma obrigação, que me torna feliz.

— Como quizeres Julia; em todo o caso venho mui do coração cumprir com a minha promessa; e visto que teu irmão não está em casa, á noite voltarei para falar-lhe.

— Creio até, que te foi procurar: sabes que sempre foi teu amigo, e não ignoras

as nossas tenções, porque o fiz meu confidente.

— Escolheste o melhor possivel: e folgo de acrescentar aos laços de amizade, que nos prendem, os de parentesco. Á noite, como disse, procural-o-hei: agora sinto ter de me ausentar.

Deixemos os dois por um momento, afim de que se despeçam com liberdade.

¿É notavel como sem procurarmos saber as coisas, as sabemos muitas vezes!

A collisão, em que Julia collocára Luiz com as interpeilações fortissimas, que apon-támos, obrigou-o a forjar uma d'estas respostas, que envolvem uma mentira, uma calúnia até, porem mui vulgares entre amantes, e que quasi sempre deixam o espirito d'uma nympha ou d'um adonis mais ou menos indeciso.

Realmente Luiz não sabia, que o seu amigo M. de S. queria habilitar-se a tam bella sorte. Amigo algum lhe havia escripto; nem elle tinha suspeita de pessoa alguma. A mentira descobriu a verdade, e esta envenenou a reputação de M. de S., porque foi traidor a Luiz, que era seu amigo, e que o tinha em tal conta.

Julia foi sempre a mesma; e é verdade que nunca amou M. de S.

Amava o seu Luiz, que lhe parecia o melhor de todos os homens, que ella conhecia. Era um pouco exagerada no seu juizo.

Não obstante é certo, que o amor deslumbra a tal ponto a rasão, que muitas vezes um amante, de hedionda physionomia e curtissima intelligencia, antinómico no vestir com a moda, parece á sua amada um moço bonito e elegante, um talento, um figurino, um complexo de quantas qualidades boas o homem póde possuir; caso que se não dava com Luiz, que não era feio, estúpido, etc.

Julia amava-o sobremaneira; o silencio não apagára as crenças, nem lhe ceifára do seu coração a fe, que depositava em algumas cartas, que de Luiz recebeu antes da partida para a aldêa.

É forçoso confessar, que elle dedicava particular amor a Julia: provocava-o a isso a fidelidade d'esta, o amor que ella lhe tinha, a belleza de que era dotada, e ainda

outra razão, que de certo modo roborava aquellas, e a que hoje muito se attende.

JAYME C. MONIZ

RECORDAÇÃO

É assim que eu te vejo em meus sonhos de noites d'atroz saudade: mas, em sonhos, ou desenhada no crepusculo, tu não és para mim mais do que uma imagem celestial; uma recordação indecifrável; um consolo e ao mesmo tempo um martyrio.

Eurico — A. HERCULANO

Ha impressões, que nunca morrem; a lapida fria da sepultura não as extingue: | existem além do tumulo!

| Tam gratas são ao nosso coração, tam querido o objecto, que as despertára!

Sempre vivas e seductoras, taes impressões acompanham o coração em todos os seus movimentos, e a alma em todas as suas cogitações.

Ainda me lembro; era 'num d'esses dias, que a Providencia parece destinar para decidir do nosso destino; vi-te então pela vez primeira..., e | o coração estremeceu-me!

| Mal sabia eu, que era o signal precursor, de que tinhas d'avassalal-o...; que era uma intimação precoce, de que a minha sorte ia ser averbada la no tribunal do Eterno!

| Que formosa, que não estavas 'naquelle dia! Nos teus labios de rosa deslisava-se descuidoso o sorriso seductor da innocencia, | porque a virgem não tem d'esses sorrisos perfidos e hypocritas, que pertencem so á mulher, a quem o mundo obrigára a alienar a puresa de seu coração!

| Os teus olhos lindos fulgurantes, que não eram!

| Dir-se-hia, que offuscavam o esplendor dos carbunculos engastados na morada dos anjos, e que tanto enlevam os que, no silencio da noite, os contemplam e admiram!... os teus olhos... | oh! um so relançar d'elles fascinára o indifferente, convertêra o sceptico... confundira o impio!

Nem sei se eras mulher: | parecias-me um anjo suspenso por duas nuvens, que te serviam d'asas, e que vieras a este mundo de

traição e de perfidia para confirmar a existencia da Divindade aos que o infortunio condemnára a descrever... a duvidar!..

E eu vi-te... | e o coração revolveu-se desde logo 'nesse mysticismo indefinivel e contradictorio d'amor e desespero, de timidez e ousadia, d'orgulho e humildade!

O coração humano é assim: | ora se eleva e orgulha ao contemplar o ser que o domina, applaude mesmo com altivez as prisões, que o agrilhoam; ora se humilha e amesquinha, victima do seu proprio arrojo!

| Não importa! O que então me fizeste sentir não posso esquecer-o; a historia do coração é uma historia alternada de lagrimas e de prazeres, de soffrimento e d'esperança, d'illusões e desenganos para que se possa esquecer esse dia, que é o primeiro na sua chronologia.

E eu não posso olvidal-o sequer um momento.

A minha ventura, ou desgraça | quem sabe! data desde então.

O futuro não se advinha; é so de Deus; mas ha presentimentos terriveis, que, mais tarde ou mais cedo, se realisam...: o coração amante tem alguma coisa de prophético.

E eu não sei se foi um sonho, se por ventura

Um presagio de incognita desgraça,
Presentimento vago e mal distincto
De não sabido mal...;

mas affigurou-se-me que voz atterradora me viera segredar aos ouvidos estas terriveis palavras, que vais ouvir:

«| Desditoso que não es! Sonhaste a felicidade, e | não te lembraste, que ella não é d'este mundo! Correste atraz d'uma esperança fagueira e acariciadora, | sem te lembrares que podias encontrar um desengano cruel!

«| Infeliz! Deixaste-te embriagar pelos perfumes da flor, que abria a sua corolla, e | esqueceste, que ha perfumes, que envenenam e matam!

«| Olhaste para a rosa, que desabrochava...: seduziu-te a sua fragrancia, | e não fizeste caso dos espinhos, que lhe teciam a haste, e que um dia te haviam de ferir fundo, e bem fundo!

«Saudaste com prazer enthusiastico, com credulidade infantil *esse dia*, que dizes ¡louco! o mais feliz da tua vida e ¡data d'ahi precisamente a tua desgraça!

«Viste um sorriso desprender-se negligente dos labios da virgem, e ¡prostraste-te rendido e avassalado!..

«Começaste por te appellar feliz e venturoso, e ¡não sabias ainda que 'neste mundo não ha senão lagrimas e soffrimentos!

«¡Sim!: ha so lagrimas e soffrimentos 'neste mundo; ¡a vida é toda de contrariedades! Se a esperança de vez em quando nos embala o coração, se o ser phantastico da felicidade nos adeja e negaceia ao longe, ¡é para depois, mais tarde, a mão da desventura nos fazer esgotar até ás féses o calix trasbordando de desdita em todo o amargor do absintho!

«Esta é a verdade: então não a conhecias...; era-te impossivel... ¡Hoje podes aprendel-a na tua desgraça!

«Para ti não ha salvação possivel, bem sei; ¡é ja tarde! Foste condemnado irremissivelmente; ¡mas possas servir d'exemplo aos que, cegos como tu, correm desatinados em procura do que o mundo chama felicidade, esse logro constante dos inexperientes!»

¿Ouviste? — O que essas palavras têm de terrivel e fatidico não saberei dizel-o; entre o que se sente, e o que se exprime, existe a distancia, que medea entre a alma e as vinte e quatro lettras do alphabeto, isto é, o infinito, disse o poeta das *Meditações*.

¡Embora! ditoso, ou desgraçado, *esse dia* ¿sabes qual é?... será sempre para mim memoravel.

¿Deverei amaldiçoal-o? ¿chegarei a descobrir a causa da minha desgraça, onde presentira o motivo da minha suprema ventura?—¡Talvez!; mas qualquer que seja a minha sorte futura, ¡as impressões d'*aquelle dia* descerão comigo á sepultura tam vivas e puras, como então as sentira!

O que tiver de ser, será: os decretos do fatalismo nem se illudem, nem se revogam.

O Eterno determina; e nós cumprimos. ¡Esperemos pois!

EDUARDO J. COELHO.

CONTRASTE ENTRE O ORIENTE E O OCCIDENTE

(Continuado do numero 11).

Um estrangeiro maravilha-se de não encontrar na Turquia o que se chama *credito publico*; mas o turco franzirá as sobrance-lhas quando conhecer a nossa divida.

O europeu desprezará o turco, porque não tem meios para facilitar os cambios, e o turco condemnará as nossas leis, que obstem ao desenvolvimento do commercio.

O turco ha de admirar-se do progresso d'um governo, que reconhece opinões diversas, e o europeu não julgará que possa haver independencia na Turquia sem opposição.

Na Turquia póde haver turbulencias sem character politico; mas nunca como na Europa, opposição ao poder sem tumultos.

O europeu ha de entender, que a justiça turca é defeituosa e cruel,—o turco ha de julgar iniquos os principios das nossas leis.

Um ha de considerar os bens na Turquia expostos á violencia,—o outro ha de reputar a propriedade na Europa sujeita aos caprichos dos legisladores.

A Europa estranhará não ver na Turquia repressão contra os excessos da autoridade central,—o turco censurará a quasi nenhuma responsabilidade das administrações locais da Europa.

Nós não admittimos a immutabilidade nos principios politicos,—os turcos não podem acreditar, que se toque impunemente instituições consagradas pelo tempo, e pelo assenso dos nossos maiores.

O europeu lastima o turco, porque elle não tem divertimentos publicos,—e o turco considera miseravel, aquelle que precisa sair de casa para recrear-se.

O estrangeiro reputará o turco falto de gósto, porque não tem quadros e pinturas,—o turco nos julgará insensíveis, porque nos não limitámos á contemplação da natureza.

A prostituição e a bastardia causam horror ao ottomano,—e nós olhámos com indignação para a polygamia.

O turco ha de reprehender o modo activo, com que tratámos os nossos inferiores; e o europeu stigmatizar o barbaro costume de vender os escravos da Georgia e Circassia.

Reciprocamente se chamarão fanaticos na religião, — dissolutos nos costumes, sem decencia no proceder, infelizes nos seus gostos e sympathias, privados da necessaria liberdade, incapazes de constituir uma sociedade perfeita.

O europeu accusará o turco de ser em geral amigo da pompa e taciturno, — o outro nos taxará de grosseiros e inconstantes.

Margens do Vouga — 27 de Março de 1859

UMA RECORDAÇÃO

OFFERECIDA Á EX.^{ma} SR.^a D. M.

Quando as rutilantes ruas d'uma formosa cidade se atroayam com latidos d'um jubilo folgar, este meu ser, que sente e aspira definido, gemia sobranceiro ao prematuro momento d'um perfido adeus... Esta idea arrastou-me a perturbação e eclipsou a ventura até alli havida (Elisa, não sei se este era o seu nome); mas.....

.....
 ; Elisa encerra uma das epochas mais bonanças do meu existir!.. O destino guiou-me a conhecer esta angelical *Virgem*: ; setenta e seis horas de vida gastei no local onde ella respirou!.. Meditei-a com afínco... e com extase a estudei... ; ah!.. que virtude!.. que amabilidade!.. que belleza!.. mas; Elisa não era so virtuosa, amavel e bella: abominava a lisonja... amava a singelesa... odiava a inconstancia... e ; tinha jurado não olvidar a pura inclinação de seu innocente coração a um homem, que ainda a tenha de de fascinar!..

; Indigna, dizia ella, toda a mulher, que vende o seu coração por um *pergaminho*! que troca a sua inclinação por um monte de ouro!: regeito e renuncio toda a alliança de calculo!.. Escutei-a com amor... depois lixei-a... mais tarde interroguei-a... seguiu-se um pequeno silencio... depois a *Virgem* falou-me.....

.....
 Esta ligeira scena foi terminada pela obediencia a Minerva; a Berlina estava ení fuga, o cruel instante soou... ; meia noite!.. ceus!.. ; ah!.. adeus... Elisa não sei se chorou; o que sei é que eu partindo balbuciei: uma mulher assim é o instrumento de Deus no mundo.

Coimbra 18 de Março de 1859.

A. C. G.

Amigo Silveira:— A instrucção, esse facto civilizador da mocidade, está geralmente despresado entre o bello sexo, como menos necessario, que no masculino. É este um erro grave, que o autor immorttal do excellente livro — *A regeneração do genero humano pelas mulheres* — tanto nos faz sentir.

Effectivamente a mulher é o ser, que dirige as nossas acções: é a causa dos nossos vicios e da nossa gloria, é o ser da nossa existencia, a vida da nossa vida, o sol que nos alumia no meio das trevas.

É ella, que faz o bom cidadão, assim como póde tornal-o um ser despresivel; é ella, que lhe enchuga os prantos, que lhe minora os soffrimentos, assim como póde arrastal-o ao tumulto, dar-lhe uma amargura cruciante.

O homem sem a mulher é a primavera sem flores, o ceu sem estrellas, é o universo sem luz.

Ora se assim é, se os nossos destinos se prendem ás ideas, que bebemos de nossas mãis, ainda no berço, de tal fórma, que nunca podem separar-se verdadeiramente; se a mulher é um ser capaz de dirigir e regular as nossas acções, tanto no caminho do vicio, como no da virtude, ; quem negará, que da instrucção e virtude da mulher dependem a instrucção e moralidade do homem?

Foram estas considerações, amigo Silveira, que me levaram a offertar para o vosso jornal — *A classificação da mulher*.

É um pequeno quadro, onde pertendi mostrar, que so a mulher, que tem a intelligencia desenvolvida por meio do estudo e applicação, é ente digno das nossas affeições, do nosso amor.

A differença, que ha entre a mulher instruida e a mulher ignorante, é a mesma, que vai d'um — *amo-te*, pronunciado pela bocca d'um anjo, a um — *gosto de v. m.^{te}*, pela d'uma furia.

A minha voz é fraca, bem o sei; mas junctem-se eloquencias persuasivas á minha boa vontade, e talvez consigamos a instrneção da mulher.

Reclamo o vosso auxilio 'nesta tarefa.

Vosso do coração

C.

CLASSIFICAÇÃO DA MULHER

Eu vi-te, Luiza: gravado na mente
Teu rosto singello não mais m'esqueceu;
Pois foi sympathia, que então m'inspiraste,
Dizer-te o motivo, nem mesmo sei eu.

Formosas ha muitas, que aos olhos agradam,
E n'alma não fazem affectos nascer;
Sem ter d'alma os dotes, que a tornem sublime
Não sei, que se possa chamar-lhe mulher.

As feias são pégas; são bruchas as velhas;
P'ra mim ovelhinhas as meigas serão;
Aráras as lindas, que aos olhos encantam,
Aos olhos somente; no mais pobres são.

Dizei, que são monos as pouco falantes;
Chamai segarrega á que muito falar;
Gentis borboletas chamaí ás voluveis;
Não quero ás teimosas o nome lhes dar.

Das tolas; palavra! não sei o que diga,
Porque entre animaes as não posso encontrar:
Pois sejam *sui generis* estes bichinhos,
Condemne-se á morte qualquer que os amar.

¿Então das ciosas? Direi, que são feras,
São tigres, leões, panthéras... ¿Que mais?
Carracas terríveis, que vivem oppressas,
Que expulsam do mundo, quem soffre os seus ais.

As intelligentes são fadas, archanjos,
Dos homens a vida, d'herões o valor.....
.....
.....
¿Oh! graças! ja sei, porque, apenas te vira,
Surgiu-me a ventura, te dei meu amor.

Agora anjo peço-te, em troca d'amores,
Amor, a ventura, e a consolação;
¿Em troca d'um beijo eu dera-te beijos,
Em troca d'affagos o meu coração!

C.

NUNC ET SEMPER DILECTAE...

Tu disseste, mulher: — ergue-to Lazaro,
E eu surgi do meu nada.

BANDO

Assim como do altar s'eleva o incenso
Aos pes do Creador,
Assim juncto de ti, anjo formoso,
S'eleva o accento mais harmonioso
De meus hymnos d'amor.

Que eu, votado a eterno esquecimento,
Em fundo lodaçal,
Prostitui — talvez sem consciencia —
Alma, crenças e fé, pela influencia
D'um destino fatal.

Mas tu surgiste na mansão das trevas
D'entre um raio de luz,
E vi... ¡ai! vi quão baixo era descido!..
— Sobre o viver passado, — arrependido,
Da campa o sello puz...

Eu era a fragil planta sem arrimo,
Que para o chão pendeu:
Em teus braços achei um doce abrigo;
¡Tu foste para mim o roble amigo,
Que m'ergueu para o ceu!

Eu era o alaude abandonado,
Que vibrou tua mão:
Das paixões soçobrava na voragem...
¡Fizeste-me ter fe e ter coragem.
E achei a salvação!

Sem ti meus tristes dias correriam,
Como as ondas no mar,
Batidas do tufão pela asa escura;
Mas ¡a praia era a fria sepultura
Ao longe a negrejar!

¿O que era eu sem ti? ¿O que era o dia
Sem os raios do sol?

¿O que era a primavera sem verdores
Sem estrellas o ceu? sem brilho as flores?
Manhã sem arrebol?

¿O que era eu sem ti? ¿O que era a vida,
Se é vida esse viver,
Sem consciencia ter de que se existe?
¿Passar da noite ao dia, inda mais triste,
Sem goso e sem prazer?

E ¿contigo que sou? ¡Élo partido
Que ao grillhão se junctou!
¡Espinho unido á rosa, a que o roubaram!
¡Fragil arbusto, que os tufões vergaram,
E que o cedro abrigou!

¿Contigo o proprio inferno entre seus fogos
Mil delicias contém!
¿Contigo é bella a campa, onde risonha
Sobre marmoreo leito a mente sonha
Sonhos, que fim não tem!..

Comtigo e para ti so viver quero,
 N'alegria ou na dor;
 Que eu sou o prado, tu a flor, qu'ó esmalta;
 Eu, duvida, que prostra;— e a fé, que exalta,
 ¡És tu anjo d'amor!

Se d'entre o veu, que envolve meu futuro,
 Brilhar alguma luz,
 Que orne tua fronte, qual laurel eterno:
 S'em meus cantos houver um som mais terno,
 Em que o genio transluz,

Que seja um hymno teu, porque no mundo
 So vivo para ti;
 ¡Porque eu so comprehendo o qu' é ternura,
 Vida, esp'rança, alegria, amor, ventura,
 So depois que te vi!

Janeiro — de 57

A. S.

A MORTE DE MEU PRIMO

JACYNTHO JOSÉ DA SILVA DIAS

Quoi!.. ce cercueil de cierges
 entouré c'est mon ami?..

BERANGER

¡Foi entre as crenças, que do peito vivido
 Brotam ardentes com gentil vigor,
 Que se aninhava esse terrível aspide
 Que rouba ao peito seu vivaz calor?..

¡Foi entre as crenças!.. 'nessa quadra magica
 De affecto e vida, de prazer e amor,
 Que veiu a morte derrubar com impeto
 Meigas esp'ranças de loução verdor!..

E eu que te amava c'um affecto ingenuo,
 Qual sente o peito de leal valor,
 Eu que te amava— ¡ver-te em meu delirio
 Phantasma triste de lethal pallor!..

É sombra apenas quem d'esta alma ao intimo
 Levou de amigo o divinal penhor;
 ¡Que eu vi um anjo pelos ares tenues
 Voar p'r'o throno do eternal Senhor!..

E qual o cedro, que do vento indomito
 Cede ao impulso de lethal furor,
 ¡Assim tua vida se alquebrava candida,
 Pendida na hastea, emmurchecida flor!..

¡E tu sorriste, nos momentos ultimos,
 Entre os deliquios de uma acerba dor!
 ¡Era o reflexo de uma estrella fulgida
 Mandando á terra seu final splendor!..

¡E tu sorriste ao encarar o tumulo!
 ¡Foi um sorriso de infantil candor,
 Era a tua alma, que, voando ao empyreo,
 Sorria ao mundo 'num adeus de amor!..

¡Era ainda um laço, que tua alma angelica
 Prendia á terra no lethal fulgor;
 E que em saudades, 'nesse extremo pavido,
 Tornava a morte com cruel rigor!..

¡Era inda ás crenças, que no teu exilio
 Deram ao peito divinal frescor,
 O adeus sentido:— da enlevada infancia
 O extremo brilho de terrestre amor!..

¡E tu voaste p'ra mansão beatifica,
 Cantar dos anjos celestial louvor;
 Quando em accentos de saudoso cantico...
 Te off'reço o affecto de immortal fervor!..

La d'essa estancia dos gentis espiritos
 Ouve estas notas do infeliz cantor;
 E ¡manda ao menos em meus sonhos tenues
 A tua imagem a affagar-me a dor!..

1857—15 de Novembro A. M. DA CUNHA BELLEM

N.º 13.º — *Patarata.*

EXPEDIENTE

A necessidade de mettermos mais alguma materia no nosso jornal, para satisfazer a muitos pedidos, que todos os dias se nos dirige, obriga-nos a empregar d'hoje em diante um typo mais miudo na composição d'alguns artigos.

A redacção fará publicar, e muito agradecerá os escriptos, que lhe forem remettidos, particularmente pelos lentes e estudantes da Universidade de Coimbra e das Escolas de Lisboa e Porto.

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coimbra* — loja da imprensa da Universidade; *Lisboa* — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; *Porto* — Sr. Jacintho Antonio Pinto da Silva; *Viseu* — Sr. Francisco Gomes Pinto; *Pezo da Regoa* — Sr. Manuel Mendes Osorio; *Evora* — Sr. V. J. da Gama; *Bragança* — Sr. Antonio Caetano d'Oliveira Furtado; *Lamego* — Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão* — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria* — Sr. José Pereira Curado; *Aveiro* — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; *Faro* — Sr. Feliciano José Alves Braga.

PREÇOS

	SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA	
Anno	1\$240	Anno	1\$460
Trimestre	360	Trimestre	450

Não assignantes: n.º 1.º a 12.º, contendo uma polka para piano e um grupo de estudantes: com estampilha — 1\$120 réis, sem estampilha — 1\$000 réis.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

REVISTA

Somos nós que temos a honra de encetar 'nestas columnas um dos generos mais difficultosos de escripta, que se usam no jornalismo, tanto litterario como politico. E porisso mesmo que é empregado por todos, e por alguns com especial mestria, mais melindrosa se torna a nossa posição. Depois de nós virão todavia melhores penas, que desenvolvam a materia com mais, pericia, e, pelo apuro de linguagem e delicadesa do conceito ministrem aos leitores dos PRELUDIOS uma leitura amena e desenfasiada dos acontecimentos do dia. Bastanos o prazer da iniciativa.

Entre todos os successos, que ultimamente têm tido logar 'nesta cidade, attrahiu todas as atepções a extineção do Conselho Superior de Instrucção Publica; e que, pela intima relação que tem com Coimbra e com a Universidade, merece ser especialmente mencionada. Diremos em poucas palavras a sua historia.

O governo, que hoje dirige a nau do Estado, desejando entrar na senda das reformas, e conhecendo que, para proceder methodicamente, devia principiar pelas suas proprias secretarias, apresentou em côrtes os competentes projectos. No da reforma da secretaria do reino vinha incluída a suppressão do Conselho Superior de Coimbra e creação d'um novo em Lisboa.

Com isto foi grande o sobresalto 'nesta cidade. Representaram logo contra tam inopportuna innovação a Universidade, os habitantes, a camara municipal e algumas do districto, assim como a Academia Polytechnica do Porto. A imprensa das duas cidades de Coimbra e Lisboa crusaram os

ferros em defesa dos interesses das suas localidades, que esta julgava melhorados e aquella offendidos com a proposta do ministro, que, approvada em ambas as casas do parlamento, necessita so da sancção real para ser convertida em lei.

As representações foram todas energicas e fundadas em rasões, que não se destruíram nem attenuaram. Os jornaes de Coimbra, se foram talvez muito ardentes na defesa do Conselho, tiveram a gloria de ver emudecidos os campeões de Lisboa: as melhores pennas da capital não se pejararam de tractar a questão pelo lado do ridiculo; e alguns, á falta do Genuense, agarraram-se ás fardas dos archeiros e ao fossilismo das charamellas! Na camara dos deputados os melhores oradores a favor da extineção não passaram de lindas banalidades; mas a opposição foi muito mal dirigida. Não houve systema, mas anarchia nos ataques, e alguns dos principaes membros da Universidade não assistiram! Um dos seus mais distinctos appareceu no proprio campo dos ministros, onde via seu irmão; e, subindo á tribuna, declarou mesmo que a Universidade na sua representação se achava moralmente coacta, por quanto fôra somente impellida por deferencia para com a cidade, cujos interesses julgava ameaçados! Com estes elementos de desordem perdeu-se uma boa causa.

Na camara alta passou o projecto com um voto de censura, expressamente formulado no relatorio das commissões, que o approvaram apenas por se não opporem ás grandes reformas, que o ministro prometia baseadas sómente na presença d'um Conselho em Lisboa!

Estamos por tanto na *alvorada d'um dia*

mais creador e estivo para a instrução popular. Com a mudança do pessoal e localidade do Conselho está organizada a nova revolução litteraria. As grandes capacidades do paiz, que vão ser elevadas ao consulado das letras, nada podiam fazer pela instrução sem tomarem o seu talher na mesa do orçamento. O Conselho não podia ser progressista sem trajar a libré palaciana, porque os ares da corte são uma esphera mais dilatada para a instrução do povo. Se houve tempo, em que os Pombaes não hesitavam em sair dos seus paços e vir trazer as leis da reforma ao seio das provincias, hoje, que é a epocha do progresso, em que ha vias ferreas e telegraphias electricas, não admira que hajam ministros, que necessitem em torno de si d'um Conselho official, mercenario da instrução, para chancellor as suas medidas rasgadas, fontes de publica prosperidade, que todo o paiz espera ancioso.

A sciencia ja foi declarada *decrepita*; |so o *trabalho util* é que hoje deve ser ensinado nas academias! A educação actual tem sido educação do absolutismo, |é necessario torna-la uma educação constitucional! Até hoje as instituições politicas foram creadas conforme as circumstancias ou as revoluções das sociedades; mas agora |o povo é que deve ser moldado por uma educação depurada, para gosar da fórmula social, com que o quizerem beneficiar! É esta a doutrina dos apóstolos do poder. Novos iconoclastas so esperam a regeneração pelas reformas de machado.

Tem sido tambem profunda a sensação causada pelo roubo feito á sancta casa da Misericordia pelo seu thesoureiro, no valor de mais de oito contos de reis. O criminoso evadiu-se, mas deixou um germen de pleitos e discordias, que ameaça funestas consequencias para o piedoso estabelecimento, que defraudou. Os fiadores recusam satisfazer o compromisso da fiança, declinando a responsabilidade para a administração da casa, que por nimia boa fe parece não ter cumprido com as suas obrigações fiscaes.

Não interpiremos o nosso juizo em materia tam melindrosa, porque vemos d'am-

bos os lados individuos, que reputámos capacissimos; e, se culpas ha, so procedem da demasiada confiança no empregado infiel, cujos precedentes ja o não abonavam muito. Pena é se este conficto der em resultado recair a gerencia do estabelecimento nas mãos dos governos, o que talvez va ainda comprometter mais seriamente a sua fortuna.

Na Universidade e no Lyceu fecharam-se as aulas, e está-se procedendo aos exames e actos, para se encerrar o presente anno lectivo. Guardámos para outro numero falar detidamente d'este assumpto.

A. A.

UMA NOITE D'ABRIL

AO MEU COLLEGA E AMIGO R. N.

|Commette um crime de lesa-poesia quem 'numa noite d'estas despresa do campo as seducções, para se enterrar—quer no estreito recinto de mesquinha povoação—quer na vastidão d'uma cidade!

'Nesse vulto negro, que lá em baixo se distingue, a luz traça apenas uma faixa de prata desde os beirões dos telhados até, quando muito, á altura dos umbraes das janellas: ve-se apenas uma nesga do ceu, que se matisa de estrellas desmaiadas; sente-se o desaccorde rumorejar d'uma povoação, que se dispõe ao silencioso repousar d'um dia de fadigas e ociosidade, de invejas, despeitos, intrigas tenebrosas ou ridiculas; mas raro esmaltado por uma acção nobre, magnanima, caritativa, e desinteressada; escutam-se as rudes imprecações d'um carreiro contra a martyrisada juncta, que o beneficia tanto, quanto o barbaro a maltracta; ouve-se o estridulo chiar de moroso carro, e o monotono tamanquear nos seixos da calçada—dos ultimos, que se recolhem; e |tudo isto bem tristemente contrasta com o placido e magnifico da natureza, rica das primeiras galas da primavera!

Deixemos alem esse montão informe de sepulturas de vivos, com seus esplendores e miserias; deixemos adormecer seus habitantes, entregues a seus brutaes instinctos, a suas paixões torpes. Emquanto em

penosa ou inquieta vigilia combinam talvez preversos calculos, meditam vergonhosos empenhos, asquerosas devassidões, repugnantes intrigas e desprezíveis ambições, vamos bem longe d'ahi, fugindo a essa atmospha miasmatica, receber desafrentados a luz dos astros e as perfumadas caricias das brisas: vamos embeber os pulmões em seu halito creador, e abstrahindo das impressões, com que nos enfada essa vida de excepção, que diariamente nos cerca, vamos resgatar-lhe das garras algumas horas de mutua, franca e segura correspondencia, para as distribuir entre a contemplação e a amisade.

¡Amisade! sentimento delicioso, que fazes, quando sincera, de duas almas uma unidade perfeita! quero dever-te um d'esses momentos de plena satisfação, de que tens sido para mim tam avara; vem tomar o espaço, que vai entre o meu lado e o do meu caro R. N.: isola-nos de humanas exterioridades, coa-te depois em nossas almas, para ser a nossa unica e mais intima confidente.

Eis-nos a sos. ¡Em frente um panorama esplendido! O ceu tam puro e limpo, que parece convida a prescrutar com os olhos até o mais sumido de seus astros: levemente cerceada — a lua vem rica de luz e magestade assistir ao hymineu da natureza. É a primeira vez que tam bella, tam cheia e tam desembaraçada de nuvens se eleva sobre as montanhas, desde que a natureza convidou as galas da primavera para a festa dos seus amores. Os moles salgueiros começam de entrançar a verde e argentada ramagem com suas fofas plumas: rebenta o castanheiro: offerece á noiva a lorangeira engraçados ramilhetes: a rosa e a violeta exalam para o lilaz e para a acacia seus deliciosos perfumes; e, surprehendidos 'nesta junção pelos zephyros, vão ligeiramente encrespar a espelhada superficie do C., que tam poetico suspira la embaixo, ora como escondendo no seio os mansos beijos da virgem das noites; ora como repellindo-os, quando, mais buliçoso entre as piçarras do leito, desfaz em mil cada raio da lua, para se enfeitar de reverberos de prata.

¿Quantos, comprehendendo-as, resistiriam ás seducções d'esta noite?

Vem, meu caro R. Alem 'naquelle ponto denegrido, sobre que a lua começa a elevar-se, vai quasi dormente a vida dos homens: deixemos á magia d'um Asmodeu o dissecar-lhes a consciencia; e desçamos a encosta: vamos volver novas paginas 'neste livro de contemplação. Esta capella erguida no viso do monte, seus quasi apagados braços no escudo carcomido, são uma voz que nos despede, murmurando: — ¡Paz aos mortos!

¡Paz aos mortos! — que d'uma geração extincta é este um monumento! Essas toscas pyramides, pesada architectura e sombrio aspecto são um *monumento* do passado.

Descendo como em espiral o caminho da encosta chegámos á ponte. Agora dois minutos de reflexão, e talvez que aprendamos alguma licção de sabia philosophia.

— ¿Não sentes aqui, meu bom amigo, um não sei que de grande, magestoso e imponente?! Alem para o sul rebentando o C. da sombria garganta das montanhas ¿não te fala em seus gemidos uma linguagem mistica?

— Sentem-se, interrompeu com vivacidade o meu companheiro, mas não se traduzem as impressões, que tudo isto desperta. O turbilhão de sensações, a que dá nascimento, embaraça a fluencia das ideas. Ou é defficiente a linguagem, ou bem pobre a instrucção, que nos não deixa penetrar no que dentro em nós mesmos sentimos. Disse um escriptor: — se alguém ha, que não goste de musica ou de flores, Deus enganou-se ao creal-o. Immitando, posso dizer: — se alguém ha, que em hora semelhante passe indifferente por aqui, Deus enganou-se ao creal-o. Mas se para reproduzir ideas é necessario reproduzir impressões, dê-m-me os mais occultos segredos da musica para trasladar aquelle murmurar das aguas, para o qual Dumas não achou palavra, dê-m-me o tenebroso pincel de Salvador Rosa para retractar aquellas sombras, a divina inspiração de Raphael para fixar na tella as cambiantes da luz, que lhes succedem, e o inimitavel mimo de Van-Dick para concluir a paisagem. E a idea repro-

duzida havia de ser ainda assim imperfeita; porque a imaginação sempre se compraz em crear seres sem realidade, com que mais se deleita, do que com ella.

O meu amigo tinha razão. Quantas vezes não succede na pintura, e assim em muitas coisas, confrontar-se a copia com o original, achar-se uma absoluta correspondencia de traços, côres, feições e caracteres, e por fim gostar-se mais d'uma ou d'outra? Mais um argumento a favor d'esta verdade: *O homem nem sempre diz o que sente.*

Se por não poder ou não querer — é um segredo de psychologia. Este corolario deduzi eu comigo 'num momento de silencio, depois do qual o meu interlocutor proseguiu.

— Comtudo, continuou elle, as minhas ideas sempre tomaram algum rumo ao contemplar tudo isto. — O rio, desde que o vemos apparecer, ora correndo em leito desigual, por entre nuas ribeiras, ora limpido entre salgueiraes viçosos; esta elegante ponte, os edificios e ruínas, que 'numa e 'noutra margem se assentam, compõem todos uma eloquente allegoria da vida.

O C., ao embocar da escura garganta das serras, imita o infante ao surgir á luz: vem das trevas; começa a vida por um gemido, e é raro o que no berço não teve asperezas. Quantos saem d'elle sem terem sido ameaçados de passar d'alli para a eternidade? Cresce: o mundo o espera: ¡abre-lhe franco seus umbraes, que elle transpõe ufano, como um arco triumphal erguido em sua honra! Lembra esses umbraes esta ponte, ao mesmo tempo que symbolisa os ardis, com que o homem contra o homem combate e vence; o jugo com que o poderoso opprime o fraco. Essa capella, que na margem esquerda ergueu a mão da piedade, representa a fe e a esperanza, que nunca abandona o homem, ou para o salvar, ou para o desviar dos precipicios. Aquelle velho palacio fronteiro, na outra margem, cujas paredes vestidas de hera ameaçam ruína, lembra os encobertos designios d'um peito preverso e traiçoeiro, as consequencias das paixões, a fraquesa da decrepitude mendigando extranho amparo; e ¡é, por fim, como o pomposo *aqui jaz*, que a eter-

nidade escreve sobre tudo o que é humano!

¡É verdade! considere eu comigo. — Quantos é feito d'esses poderosos condes ou marquezes, que 'naquelles paços deram festas e soláos?

Quantos O liame d'aquellas pedras foi talvez amassado com sangue e lagrimas d'uma povoação inteira, e por isso existem solidos alguns lanços de parede, para relatar ao futuro crimes do passado? — Quem sabe?!

Quantos Serão os pregoeiros do nome e virtudes d'um varão honrado? — Bem póde ser!

Neste instante a lua escuou um jacto de luz pelas janellas, não tapadas, na frontaria do palacio do marquez d'***, e como timida castellã, que receando ser vista, para esconder-se atraz das delgadas columnas, que pelo meio sustentam os enflorados umbraes, fica a descoberto d'ambas as partes, assim ella foi de suslaio debuxar a face no rio.

A noite, como fada, a cujo condão tudo rebenta em maravilhas, creava a cada instante novas seduccões para attrahir-nos. Atravessamos o resto da ponte, e descendo para a margem direita do rio caminhámos ao longo das ruínas.

Consta que morrêra em Africa um Senhor d'aquelle solar. Para os genios contemplativos tudo tem a sua historia e a sua linguagem, mormente umas ruínas. Fitei-as com reflexão e com respeito, que me recordavam uma epocha de lagrimas. Portugal ainda não carpiu bastante a famosa jornada d'Alcacer-kibir, que mesmo assim foi um assombroso documento da nossa grandesa!

Quando passou a hora das grandes acções em nossa patria, achou ella que não chegava o seu terreno para a sua sepultura, e foi por isso morrer em Africa! A imitação d'isto resam romances de que os marquezes de Castello-Melhor não morriam na cama: armados, na hora extrema, de ponto em branco, iam expirar sentados na cadeira senhorial, de que tinham feito justiça ou dictado leis a seus vassallos.

¡Paz ao rei Sebastião, que ao menos

deu a Portugal um pensamento illustre, e um nobre estímulo ás lagrimas de Camões!

Ao deixarmos as ruinas atraz de nós, succedeu-se outra série de ideas.— ¡Coimbra! a nossa tam bella Coimbra, patria de ledas e sempre chymericas esperanças, em que, inda hontem descuidados e cheios de emoções, não pensavamos o futuro qual elle é, deliciosamente nos veiu pungir com os espinhos da saudade. Aquelle tam ledo passeio do encanamento nos veiu á lembrança com as doces recordações de mais folgados dias. Entre o nosso passeio d'agora, e os do *encanamento* havia uma tal ou qual similhaça, por causa d'uma assente calçada, á beira d'um rio, cujas margens se decoram de choupos e salgueiros.

Arrobada a idea 'nessas fagueiras recordações de estudantes, longo tempo estivemos ambos, ou absortos na contemplação d'esse ha tam pouco passado, ou repetindo algum de seus episodios, que mais vivamente nos impressionaram.

Acordados d'este doce meditar tivemos ainda outra occasião de mirar novas graças, de que ia tam prodiga a noite. Bem sabia ella, que assim como não teve antecedente proxima tam formosa, tambem não havia de ter seguinte.

Lisa, como um espelho, na superficie do rio se debuchavam as arvores, casas e montes sobranceiros, com uma perfeitissima correccão de traços, exactidão de côres, que se podiam conhecer á claridade da lua. ¡Um pincel inspirado para traçar o quadro misterioso, e um extase para contemplal-o!

Não era a monotonia de meia dusia de casas irregulares e sombrias, estiradas ao longo da margem, mirando-se no rio, como esperando que as aguas, ao passar, lhes lavem a fronte do musgo e da poeira: não eram soberbos edificios abrindo ufanos sumptuosos umbraes de marmore, jorrando a luz de esplendidos saráos; mas a simplicidade da aldêa, a piedade e a natureza compunham ainda não reproduzido painel de poesia sublime. Avultava no fundo, coberta de oliveiras, encostada montanha, terminada por uma capella, de que somente se via um angulo por entre as arvores; algumas casas igualmente semi-escondidas ao

meio da encosta, e no primeiro plano uma alva ermida em pentagono, deixando ver duas faces e algumas das graciosas piramides, em que terminam os cunhaes: margem abaixo, algumas caladas, humildes ou elegantes vivendas, que se perdiam atraz d'uma extensa alla de arvores; e para cima dos arcos da ponte se completava o mesmo panorama, em que uma phantastica daguerreotypia retractava os objectos com as harmonias da luz, que lhes davam um tom, que se não descreve.

O meu amigo R. tinha rasão, quando me dizia que nem para tudo chegam as palavras.

¿Que val dizer, como então diziamos:— lindo! bello! magnifico! delicioso! feiticeiro! incantador, se tudo se resumia 'num *indizivel!*? Ha de aqui ficar sempre uma lacuna, que em vão tentaria preencher.

¿Que ficou deprehendendo de tudo isto o leitor? Talvez nem mesmo, que, o que tanto nos impressionava, era a paizagem que se desenhava no rio.

Depois de longo contemplar, nossas mãos se apertaram mutuamente e soltámos um suspiro. Era elle como nuvem, que nos empanava o céu: producto de recordações intimas—o coração nol-o arrancou d'alma.

Começava a hora das confidencias.—

¿Onde chegou esse suspiro?, perguntei eu.

—A um cemiterio, murmurou tristemente o meu amigo, e ¡como vaga, que no oceano quebra contra uma rocha da praia; assim elle quebrou contra a pedra d'um sepulchro! É uma historia muito simples: como a de bastantes infelizes—cifra-se em duas palavras.— ¡Foi uma mulher, d'essas, que sempre deixam recordações, e a quem sorveu a campa no florir da vida!.. ¡Morreu por ter amado muito!

Calou-se depois d'estas palavras. Era triste o seu recordar.— Agora tu, disse elle, depois de bem tempo: um suspiro é uma ruina, deve ter a sua historia, e de mágoas que seja sei tambem sentil-as.

— ¡De mágoas e de saudades é ella bem repassada!.. ¿Ves ahi no fundo do rio essa estrella, mais brilhante que todas, que vai quasi sumida?; é aquella que alem se esconde para detraz do occidente. Não sei

que tempo la vai, desde que 'numa noite eu contemplava, á luz d'aquella mesma estrella, idolatrada virgem, que de pallida seus raios tornavam mais pallida. A luz de seus olhos, ora semi-morta, ora penetrante e expressiva, matava-me. Em frente o jasmineiro desfazia-se em estrellas, o cinamomo em rouxas plumas e ambos em perfumes: a noite sem luar, e nós sosinhos no vão de meio escurecida janella... ¡E tudo aquillo para um adeus, que ja me presagiava o coração, que havia de ser o extremo! Extremo foi elle, que nunca mais a vi, senão como nas aparições dos contos de Walter-Scott. 'Nesse instante pedia um milagre a Deus para me não apartar d'ella; e como inspirado por essa estrella, tomando-a como polar, disse para a virgem dos meus amores, como vencendo a sorte, que me opprimia:

... se quizeres dar um doce alivio
 Á minha magoa e tua, Helena bella,
 O norte encara, amiga, e nossas vidas
 Ver-se-hão alguns instantes confundidas
 Nas mysticas soidões d'essa alva estrella.

Como se essa mulher tam querida pudesse realizar tam louca ambição, esperei encontral-a agora 'nessa estrella, e ¡achei-me so! ¡Aquelles melancolicos raios não me entornaram na aridez do peito uma lagrima de saudade, que ella lhe tivesse confiado para mim!

Falando d'est'arte insensivelmente nos approximámos da villa. A lua, pairando pelo ceu, desafogada inundava tudo de luz, ornava as ruas, e o silencio era completo.

Felizmente cessára por algumas horas em torno de nós esse estúpido positivismo d'uma vida anormal, que de continuo aqui nos materialisa...

Abril,— de 185...

M.

MATHILDE OU A JOVEN CITHARÉDA

(Continuado do numero 13)

II

O ruido da marcha dos soldados, que se tinha tornado distincto inteiramente, mos-

trava, que ja se tinham aproximado aos muros do castello. Theodora, assustada o mais possivel, chegou a uma das janellas, e empallideceu de medo, quando viu, á claridade da lua, que brilhava como uma foice de ouro, por entre intervalos das nuvens, uma multidão de guerreiros, armados de couraças e de brilhantes capacetes, montando vigorosos corseis, multidão que cobria todas as avenidas do castello. A sua gritaria confusa não fazia duvidar dos seus designios hostis. Theodora estremeceu de espanto, e exclamou: «¡Meu Deus! que vejo!» A joven Adelina, notando o susto de sua mãe, começou a chorar e dar gritos lamentaveis. A pobre mãe procurou consolal-a o melhor possivel, depois ajoelhou, e derramando bastantes lagrimas, pediu a Deus, que a não desamparasse 'neste momento terrivel. Um pouco fortificada com a sua ardente oração, tractou de ajuntar as suas joias mais preciosas, em quanto que as cadêas da ponte levadiça, que se tirava, faziam ouvir um som surdo e sinistro.

Era impossivel que a fraca guarnição de Haute-Roche, oppozesse uma forte resistencia a um tam grande numero de assaltantes. Ja uma grande parte dos inimigos dirigia as escadas para os fossos do jardim, e se preparava d'este lado á escalada. O lugubre som do sino da terra de Haute-Roche, echoando nos valles proximos, chamava ás armas a população visinha; mas este ultimo recurso d'uma fortaleza nas ultimas extremidades, não serviu de coisa alguma. Transpuzeram sem a menor resistencia as muralhas do jardim, porque a pequena guarnição, que defendia o castello, estava toda collocada atraz da ponte levadiça, e ahi se defendia desesperadamente.

O forte foi obrigado a entregar-se ao inimigo, que 'nelle penetrou pela retaguarda. Theodora estremeceu toda quando ouviu o estrondo que fez a ponte levadiça, abaixada bruscamente, e o som que faziam os passos precipitados e pesados dos guerreiros que, subindo as grandes escadas, se approximavam dos aposentos da infeliz Theodora. Ja de prevenção ella tinha corrido todos os ferrolhos, mas ¡que fraca barreira! Em um abrir e fechar d'olhos a porta foi arramba-

da, e uma brutal soldadesca invadiu o seu quarto. Ella se refugiou para um outro, tendo tambem o cuidado de fechar a porta, e ainda melhor do que a primeira, porque este quarto não tinha outra saída para onde a desgraçada castellã podesse fugir; mas aconteceu-lhe o mesmo que ha pouco lhe tinha acontecido: a porta foi arrombada, e a infeliz Theodora via-se a sos com os guerreiros, sem outra esperança, do que a fe e a plena confiança em Deus, que nunca desampara os desgraçados.

Entrando, os soldados desenfreados precipitaram-se sobre a tremula Theodora, que tinha sua filha em seus braços, e dava gritos, que despedaçavam o coração.—Anda, anda, dá-nos as tuas chaves, lhe gritavam estes furiosos; leva-nos á cava e á copa. Depois da victoria, so resta a pilhagem; vámos, vámos, avia-te e despacha-nos.

(Continúa)

J. DE CASTRO JUNIOR

O DIA 23 DE JUNHO

TRADUZIDO DO ESPANHOL

E

OFFERECIDO A MEU MANG

O DR. MANUEL CARRILHO GARCIA

Descrever a formosura da natureza
debaixo de suas diferentes phases é o
que mais trabalho me tem custado.

D'ARLINCOURT

No anno passado de 18... achava-me, no tempo dos banhos, na bellissima povoação d'Andaluzia, provincia de Granada, que se chama Lanjaron: as pessoas, que uma vez a viram, conservam d'ella uma recordação tam agradável, que so póde comparar-se com a grande pintura dos bosques da Escossia, feita pelo immortal Walter Scott. Situada em uma encosta plantada por todos os lados de bosquesinhos, de laranjeiras e limoeiros, intermeados de vinhas e souts, apresenta uma perspectiva surpreendente e ideal.

Sempre 'naquelle sitio se encontra nova vegetação, que admirar, e em todos os tem-

pos do anno prevalece o fructo do deus Baccho.

Tanto por sua vantajosa posição ao meio dia, formosura e fertilidade, como por suas aguas ferreas mui recommendadas ás pessoas, que não gosam boa saude, é no tempo dos banhos um dos pontos mais concorridos, e onde as inimitaveis granadinas vão dar expansão a seu animo abandonando por algum tempo a cidade mourisca.

Tudo 'naquella epocha é animação, principalmente na hora, em que o sol, escondendo-se em seu occaso, vai projectando essas meias côres, que tanto embellecem a natureza.

Áquella hora d'oração para os moços, e descanso para o pobre, caminhavamos meu amigo Alfredo, joven medico de grandes esperanças, e eu, em direcção a *Fuente-agria*, que se encontra ao meio dia da dicta povoação. Arrebatadora e surpreendente se apresentava á nossa vista aquella paizagem, aquelle panorama natural; centenaes de jovens elegantes se viam aqui e alli com seus trajés de banho, qual mais lindo e gracioso. O sol ia chegar a seu termo, e apenas os vertices dos pinheiros e as cuspides das altas nogueiras se viam ainda dourados pelo astro benefico, que refractando-se em as innumeradas casas de campo e ferindo o polido de seus vidros de varias côres, arrojava infinitos raios, que semelhavam outros tantos soes... Tudo era vida e animação áquella hora, e até os passaros, cantando alegremente sobre a copa das arvores, pareciam dizer adeus áquella dia, que se retirava tam vagaroso para uns como rapido para os outros.

É 'naquelles momentos, e contemplando aquella grande criação, que o homem pensador não póde deixar de conhecer e render homenagem á existencia d'um grande ser, que organisou a natureza com tamanho grau de formosura, para que o homem a disfructe!..

'Naquelle ponto, e áquella hora, não é possivel que haja um individuo, que negue a existencia de Deus, porque involuntariamente se apossa do coração um deleite, que o dá a conhecer.

Havia algum tempo que caminhavamos,

eu embebido 'nestes pensamentos, e meu amigo cabisbaixo e pensativo mais do que de costume; finalmente e como distraído:

—¿Pódes dizer-me que horas são?

—Seis e meia no meu relógio, respondi-lhe... ¿mas porque me fazes essa pergunta? Esta tarde estás muito pensativo e um pouco triste... algum pesar secreto ha em teu coração, e muito sentido ficarei se m'o não communicares.

—Nenhum... mas hoje é um dia terrível para mim, e que jamais se riscará da minha imaginação, por mais que tente fazel-o... faz hoje trez annos que meu pai se suicidou por uma vã suspeita.

—¿Por uma suspeita! e ¿que merece o homem, que abandonando de tal modo as ideas religiosas póde por mera suspeita attentar contra a sua vida?... ¿Miseraveis!.. os que tal praticam são covardes... porque, ¿quando ha sufficiente motivo para um homem se suicidar? ¿nunca! Uma palidez mortal se espalhou no rosto do meu amigo ouvindo estas palavras.

—¿É verdade! replicou elle — todavia o fatalismo, as exaltações da imaginação... e os demaziados soffrimentos são causas sufficientes, segundo alguns, para o suicidio.

—¿Segundo alguns!.. ¿e quem são esses alguns?... homens, que com o intuito de causar novidade com seus escriptos espalham esses falsos principios. Crê-me, porém, nunca ha rasão bastante para o fazer.

— Isso dizes tu agora, replicou, que não tendo nenhum pesar amargo, d'esses que pungem o coração, que destroem e tornam escuro e sombrio nosso futuro, deixando indeleveis vestígios da sua passagem, em fim d'esses a cujo golpe o homem se aniquilla e contra os quaes nada póde fazer, que tudo é inutil. Se tal coisa te houvera succedido talvez mudasses de modo de pensar: meu pai sustentava os mesmos principios e todavia suicidou-se.

Uma lagrima resvalou involuntariamente pelas faces do meu amigo.

— Triste, mui triste é fazer-te recordar esses factos; e comtudo, se não temesse incomodar-te, supplicar-te-hia, que me narrasses essa historia, que deve ser importante.

— Bem, disse o meu amigo, vamos sentar-nos 'naquellas pedras, que estão á direita do caminho; d'este modo ficaremos livres d'importunos, que nos interrompam.

Assim o fizemos effectivamente, principiando elle a sua narração da seguinte maneira.

II

As recordações das desgraças são como as feridas mal curadas, que pelo minimo motivo, com a minima alteração atmospherica tornam a abrir-se.

FRUÓ.

Meu pai pertencia a uma das primeiras casas de Baeza, e tanto pela posição, que na sociedade occupava, como por seu caracter amavel era muito bem quisto em Jerezanos, cidade onde residia. Na sua mocidade seguiu a carreira militar; tendo, porém, recebido uma balla em uma perna, retirou-se do serviço, não tendo ainda mais do que 25 annos.

Emquanto serviu, teve umas relações, que tiveram um desenlace fatal, protestando meu pai, todas as vezes, que de tal falava, que não fóra por culpa sua.

Quando voltou, conheceu em Jaen, cidade a seis legoas da sua terra natal, uma linda joven, á qual uniu sua sorte. Aos tres annos, e quando ja vivia em Jerez, nasci eu; meu nascimento apertou mais, se possivel era, aquellas duas candidas almas, nascidas uma para a outra.

Assim passaram alguns annos depois do meu nascimento, sem terem outro filho, apesar dos rogos de minha mãe, que desejava ter uma menina.

Um dia recebeu meu pai um anonymo, em que lhe diziam, que sua mulher lhe era infiel; não deu ouvidos a tal aviso, pois conhecia bastante a virtude de minha mãe, para desconfiar d'ella na mais pequena coisa.

Poucos dias depois, foi nomeado pelo governo para uma missão secreta, juncto da côrte de Lisboa.

Mui triste lhe foi separar-se de sua querida Maria, assim se chamava minha mãe, a quem ternamente amava, assim como de mim, que ainda não contava nove annos; comtudo um dever sagrado lh'o mandava,

e não pôde, como cavalheiro castelhano, faltar ao que seu rei lhe ordenára.

Partiu emfim deixando-nos em sumido pranto. Quando se despediu mostrou o anonymo a minha mãe: então ella indignada quiz a todo o custo segui-lo; meu pai não consentiu, dizendo-lhe que sabia, que ella era incapaz de semelhante falta.

Finalmente, meu pai partiu no dia 23 de Junho de 183...

Passára-se cerca d'um anno, depois de sua partida, quando, pelos dados, que depois achámos em seus papeis, recebeu meu pai outro anonymo, em que lhe diziam:

«Não acreditaste, quando te avisámos, que tua mulher te era infiel; todavia, para te provar que é certo, se tens perspicacia, podes convencer-te por teus proprios olhos: tua mulher está em *estado interessante*: se fores homem d'honra e não tardares muito, verás tirar de tua casa o fructo de tua deshonra. É essa a mulher, que tu julgás-te um anjo.»

Quando meu pai recebeu este infame anonymo, podes imaginar como ficaria furioso; em sua exaltação de ideas chegou a acreditar-o, e em consequencia poz-se em marcha para Jerez no dia 17 de Junho de 183...

No dia 23 do mesmo mez chegou a Jerez, hospedando-se em uma casa de pasto, que estava por de traz da casa, onde residiamos.

Parecia que um ente invisivel, vingativo, o seguia e conhecia até os seus mais intimos pensamentos; pouco depois de chegar, um homem, perguntando pelo seu nome, lhe entregou outro anonymo; quando meu pai tractou de apoderar-se do mensageiro ja este tinha desaparecido. O anonymo era concebido 'nestes ou semelhantes termos:

«Hontem saíu tua fidelissima mulher do seu apuro, e esta noite á uma hora tirarão pela porta do jardim o recém-nascido para ser exposto. ¿Que te parece tua mulher, pobre homem?»

Uma nuvem de sangue offuscou a frente de meu desgraçado pai, passando por sua vista turbada; no mesmo momento procurou suas pistolas e dispoz-se para se achar á hora dita no ponto aonde o citavam.

¡Quantas angustias passaria até áquella hora! ¡Infeliz!

Os olhos do meu amigo arrasaram-se de agua.

— Não se demorou, continuou elle, em chegar ao logar designado; meia hora antes ja estava em observação; por sua cabeça e seu coração crusavam mil extranhas ideas. 'Naquelles momentos, uma voz, que pronunciou as palavras: «¡Justiça de Deus! hoje é o dia 23 de Junho! Faz hoje annos que Constancia de... morreu por tua culpa, por teu infame proceder!» o fez estremecer e complicou mais e mais sua critica posição.

Debalde procurou a pessoa, que pronunciára aquellas fataes palavras; foi inutil, não a encontrou.

Poucos instantes depõis abriu-se a porta do jardim, e um homem saíu por ella embuçado em ampla capa. Debaixo d'ella chorava uma creatura.

Meu pai caminhou apressadamente atraz do que a conduzia; porém, quanto mais ligeiro era o seu passo, mais rápido era o do embuçado.

Pouco depois a creatura ficou depositada na roda; e quando meu pai ia apoderar-se d'ella, a roda girou velozmente sobre seu eixo, e aos pés de meu pai caíu um bilhete. 'Nelle estavam escriptas estas palavras:

«¡Estás deshonrado, e ámanhã se saberá por toda a cidade que a illustre Senhora de... commetteu uma falta, e todos te apontarão com o dedo e se rirão de ti... pobre homem! Por mim so um caminho honroso creio que te resta, para salvar tua honra.»

Com todos estes dados não duvidou meu pai de sua deshonra, mas 'naquelles momentos prevaleceu 'nelle mais o amor de sua mulher, do que o interesse de sua existencia.

(Continúa)

M. J. CARRILHO GARCIA

INVOCÇÃO Á ESPERANÇA

(VERSÃO D'UMA POESIA DE D. JOSÉ ZORRILLA)

Doce illusão da vida, meiga esp'rança,
Triste e ultima luz do coração,
Ao teu frouxo esplendor um passo avante
Dá o mortal no escuro pantheão.

So tu nos dás alento nos caminhos,
Em que entrámos no instante de nascer,
Nosso amargo destino, é teu destino,
So dos teus mimos nos sorri prazer.

Se nos doiras a infancia socegada,
Accendes nossa ardente juventude,
Amparas a velhice vacillante,
E ardes inda no concavo atahude.

És sol na vida, lampada na morte,
Gozámos sempre dos influxos teus,
Fiel, nos deixas, so quando te perdes,
Aos pes do throno do supremo Deus.
(F.)

NA PRIMEIRA PAGINA D'UM LIVRO

Do livro da minha vida
Se as folhas quizerdes ler;
Guardai segredo d'aquella
Que fala do meu soffrer...

É singella; as tristes letras
D'esta folha soletrai;
Mas jo que ella vos revela
No vosso peito guardai!

Vedes manchas do meu pranto...
Mas não digais que chorei,
Que o mundo não me perdoa
O pranto que derramei.

Tive dores tam pungentes...
Um martyrio tam cruel...
Da vida a taça me encheram
De tam acre, amargo fel...

Que verguei... e me correram
Pelas faces a escaldar
Lagrimas quentes... de sangue...
Sangue d'alma a trasbordar.

Lede esta folha tam triste;
Mas o que leste calai;
E se esta dor vos commove,
Não tenhais pejo... ¡chorai!

HYMNO

PARA UMA PHILARMONICA D'ARTISTAS

AO MEU AMIGO E CAMARADA DE 6 ANNOS J. A. M.

Era o homem no berço inda rude:
A harmonia fallou-lhe branduras,
Dos ceus filha, desceu das alturas,
Para as almas no berço affagar.

Seus vestigios seguia a virtude,
Inspirando sublimes ideas:
Novo sangue correu pelas veias,
Novos astros se viram raiar.

Desdobrou-se aurea luz do futuro
No infinito do vasto horisonte,
O prazer traduziu-se na fronte
Dos que leram no ignoto porvir.

Das montanhas desceu menos duro
O brutal caçador d'essa idade:
Tribu errante fixou a cidade;
Da cidade eis o imperio a surgir.

Era um anjo a chamar-nos á vida,
Qual ha de outro chamar a juizo,
Ou do Eterno foi meigo sorriso
Espargido 'na terra e 'no ceu.

Na feroz crueldade involvida
Raça d'homens, que então existia,
Seus costumes abranda, amacia
Enleada nos cantos d'Orpheu.

A harmonia ao trabalho nos chama,
A harmonia conduz á virtude:
Se ha linguagem, que mente, e que illude,
¡Esta nunca! não póde mentir.

Altos vôos dos genios inflamma,
Alimenta suaves amores;
Junca a vida de mimos e flores,
Gera esp'ranças, promette o porvir.

Junto ás aras eleva-se em hymnos,
Em romances percorre as campinas:
As estrellas no ceu pequeninas
'Nesta lingua s'exprimem tambem.

Gentil virgem, ¡que magos destinos
Te fadou no baptismo o Permesseo!
Es principio do eterno progresso
Nãõ te negue taes foros ninguem.

Goes, 18 de Maio de 1859

A. CESAR DA SILVA MATTOS

DISPOSIÇÕES TESTAMENTARIAS

Vi hoje, ao sair da porta,
Um cortejo funeral;
¡Nunca vi coisa mais torta,
Que me par'cesse tam mal!..
¡Acho esquisito tributo
De fingir mentido luto,
Que não sente o coração!..
— ¡É pranto o dobre do sino
Quando o sineiro mofino
Ri de ganhar um tostão!..

Os crepes que ostenta a egreja
São tambem signaes de dor,
No entretanto festeja
Seus ganhos o armador;
O padre, que entõa a prece,
Esse tambem não se esquece
Do lucro, que o leva alli;
E, se a bolsa do herdeiro
Chora a cera;— ¡o cereeiro
De tal despesa se ri!..

Eu, portanto, julgo asneira
Dispender 'nisto tostões,
E ao meu herdeiro ou herdeira
Vou dar minhas instrucções:
Nem quero que arrede um passo
Da norma, que aqui lhe traço,
Quando souber que morri;
Pois quero ao deixar o mundo
Continuar tam jucundo
¡Como o hei sido até aqui!..

Nãõ quero preces vendidas,
Que não sei o que isso faz,
Quero poucas, mas sentidas,
Pela minha eterna paz;
Em vez das preces do rito,
Eu quero um *requiem* so dito

Por quem de mim se lembrar;
Mas lembrança de saudade,
Em tributo de amisade,
E ¡nãõ por eu lhe pagar!..

Saiba tambem o herdeiro.
Que eu não quero ir de caixão,
Pois ¡p'ra que é gastar dinheiro
'Naquelle nicho ratão?!
¡Ver-me alli bem como um'ave
Mettido, fechado á chave
Na gaiola sepulchral!..
¡Nada!.. irei desaffrontado
Nem quero archotes ao lado
Porque o fumo faz-me mal!..

Nãõ quero ir de carruagem,
Nem com moços de libré,
Que eu andei sempre sem pagem,
E andei sempre por meu pe:
Quero so que algum amigo
Entãõ carregue comigo
Embrulhado 'num lençol;
E quero que atraz da tumba
Me vãõ tocando zabumba,
Pandeiro e gaita de fol.

¡Que são estes instrumentos
Da minha maior paixão!
Por isso 'nesses momentos
De praser p'ra mim serãõ!..
Que as moças levem violas;
E as galantes castanholas
Nãõ falem a moço algum,
Que eu a ter força de perna,
La mesmo na vida eterna
Inda dançava o londum...

Se pozerem uma lousa
Sobre o pobre corpo meu,
Que lhe escrevam:— *Aqui pousa
Quem sempre alegre viveu;
Quem zombou de falsos prantos,
E que sempre nos seus cantos
De vãõ tristesas se riu;
E a final, rindo de tudo,
Acabou tão larachudo
Como na terra existiu...*

LOGOGRIPHO

A primeira conta tres,
 Por uma somente val — 1
 A segunda duas tem,
 Estão ambas no plural — 1

A terceira encerra tres
 E segunda tambem é;
 Além d'isso é singular,
 Plural póde ser até.

O todo tem tres e sete,
 Com cinco apenas se faz,
 Entre appellidos procura
 De certo adivinharás.

Fevereiro de 1859.

J. P. PARENTE

CHARADAS

Musica — 1 } Dança.
 Musica — 1 }
 MELLO

Em teu aposento }
 Eu sirvo de ornato. } 1

Homem inconstante }
 Assim se appellida. } 3

¡Triumphaste, synagoga!
 ¡Eia pois! Nada de pranto:
 Busquemos o logar onde
 Morreu o tres vezes sancto.

Eis o logar, ó mortais,
 Onde pereceu um Deus,
 Remindo com sua morte
 Os crimes vossos e meus.

¡Logar sancto! eu te saúdo,
 Á tristesa consagrado!:
 Tu és o medianeiro
 Entre a graça e o peccado.

Sexta-Feira de Paixão de 1859

JOÃO B. V. P. DE B. E VEIGA

HISTORIA DE LA GUERRA DE ITALIA

LA LECTURA PARA TODOS

SEMENARIO ILUSTRADO

Sale todos los sábados en 16 páginas de á folio con
 48 columnas y 4 grabados.

Desde el sábado 21 de mayo ha empezado á publicar la **Historia de la guerra de Italia, ilustrada**. El número de hoy contiene dos grandes y magníficas láminas. Cada semana dedicará algunas columnas á esta interesante y palpitante historia, la cual irá acompañada de sus correspondientes grabados.

LA LECTURA PARA TODOS, con sus *novelas*, el *Curso de literatura*, de Lamartine, y su parte *científica y recreativa*, es el periódico mejor, mas instructivo é interesante, y el **mas barato** de los conocidos hasta el dia, y que mas circula: baste decir que en menos de cuatro meses ha obtenido mas de 8,000 suscritores. Prueba de ello es, que hoy paga mas de timbre que ningun otro periódico, y que cada semana tiene que aumentar considerablemente la tirada.

Ventajas importantes para los suscritores: el que pierda ó estropee un número, podrá siempre obtenerlo suelto por cuatro cuartos: todo el que quiera suscribirse desde el principio, lo puede hacer, pues hay colecciones completas.

Precios: Madrid, tres meses, 8 rs.; seis meses, 15; un año, 28. En provincias, franco de porte, tres meses, 12; seis, 21; un año, 38.

Se suscribe en Madrid en la librería extranjera y nacional de D. Carlos *Bailli-Bailliere*, librero de Cámara de SS. MM. y de la Universidad central, calle del Príncipe, núm. 11, y en todas las librerías y administraciones de correos del reino.

O Ex.^{mo} Sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra, tambem recebe assignaturas para este excellente jornal. O preço para Portugal é o mesmo, que se acha marcado para as provincias de Hespanha.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

REVISTA

Uma revista no genero da que vamos escrever— não será talvez de grande interesse para a geração actual, e muito menos para os que são completamente estranhos ao movimento da sociedade de Coimbra; todavia, como o movimento de qualquer sociedade se traduz em usos e costumes, em civilisação e progresso — pouco será preciso reflectir para reconhecer desde logo a importancia d'um escripto, que, em epochas mais afastadas, possa dizer aos que nos succederem, com imparcialidade, e quando as paixões houverem cedido o campo á reflexão, o que fizemos de bom, para o proseguir, ou o que practicámos de mau, para o evitar.

Se, ha 20 ou 30 annos, se referissem os acontecimentos, que tiveram logar em Coimbra por aquelles tempos, com todos os seus horrores, com todas as suas maravilhas — a sensação, que elles produziriam seria apenas momentanea e debil, porque aquelles acontecimentos *caracterisavam* a epocha, que esta sociedade atravessava: o vulgo suppõe sempre um *limite*, ou uma *necessidade* no bem e no mal, que practica: mais alem está o ridiculo, o impossivel; ou o vicio, o crime, que não é dado ao homem nem corrigir, nem desviar de sua natureza corrompida...

Hoje, porém, que tudo mudou — gerações e costumes, civilisação e progresso — a narração d'esses acontecimentos tem-nos, por assim dizer, enlevado o espirito por longo tempo na confrontação das duas epochas, na apreciação do passado pelo presente, na cogitação de novos meios, para fazer reviver o que era grande, para desterrar o

1859—Julho

que é mesquinho e pusillanime aos olhos d'um mundo mais civilisado.

Poucos, bem poucos têm sido os estudantes, que em Coimbra, ou mesmo nas suas localidades, não tenham consumido de bom grado algumas horas d'ocio, ouvindo ou lendo nas paginas dispersas da velha academia os seus feitos passados, sempre tam intimamente presos com as situações mais ou menos favoraveis dos povos, com que ella fizera a sua primeira educação; e bem poucos são ainda os que não tenham aproveitado d'essas paginas um exemplo a seguir, ou um defeito a emendar, segundo a sua indole e a intensidade das impressões recebidas.

Sendo assim, os nossos leitores d'hoje poder-nos-hão alcunhar de *maçadores*, mas de *inuteis* — não.

Falaremos pois de tudo.

O que mais seriamente occupa ainda a attenção não so da academia, mas de todos, que desejam pertencer-lhe, é o resultado dos actos e exames, tanto na Universidade como no Lyceu; e a julgarmos com a opinião publica — nem tudo tem corrido bem, nem tudo mal.

As reprovações e os RR têm sido frequentes, mais talvez do que nos annos anteriores. Diz-se, que são os preliminares d'um certo rigor desde ha pouco aconselhado para as habilitações futuras.

Seria, porém, para desejar, que antes da applicação d'um tal *systema* se adoptasse um *methodo*, que o não tornasse odioso: nem sempre as reprovações e os RR provam ignorancia da parte do examinando...; ás vezes tambem dizem injustiça, levandade, capricho da parte dos examinadores.

Entendemos, que os professores dispõem

N.º 16

de todos os meios, de que carecem para conhecer o aproveitamento e a capacidade dos seus discipulos; e, por conseguinte, difficilmente se lhes perdoará, quando se souber, que homens *sensivelmente* inferiores foram collocados, por sua apreciação, acima d'outros, que a opinião publica considera bem em circumstancias de lhes poder servir de mestres...

Desejámos, que, para remediar este mal, se não desse nas aulas mais preferencia a uns do que aos outros: o numero de licções deve ser *equal* para todos; e estas, por maior que seja o curso, não devem nunca ser inferiores a cinco ou seis. Julgar d'um estudante por uma licção apenas, e ás vezes *so* pelo acto — é comprometter tanto a reputação d'este, como a probidade do professor.

Se ha individuos, que, dotados d'um sangue frio admiravel, d'uma *facilidade* de exposição pasmosa, possam fazer valer todos os seus conhecimentos 'num so quarto d'hora..., ha outros, que, dispondo d'equal fundo, e muitas vezes superior, se sentem de tal sorte *constrangidos*, que não podem senão arriscar a sua situação á força de a quererem salvar...

Em qualquer dos casos, portanto, julgámos, que não basta essa unica prova para decidir do merito ou inmerito do estudante; porque no primeiro — as suas vantagens podem muito bem ter sido filhas d'um *feliz acaso*, e mais nada; em quanto que no segundo — os seus revezes podem nascer do *natural acanhamento*, que nos limita, quando *temos consciencia* do pouco, que sabemos, para satisfazer a expectativa d'uns e a lisongeira apreciação dos outros, apreciação que tam immediatamente tem d'influir no resultado final de cada anno de fátigas e de sacrificios...

Quizeramos tambem, a exemplo do que temos visto e experimentado em terras mais civilizadas, que não existisse entre o mestre e o discipulo essa barreira, que geralmente os separa em Coimbra, e a que uns chamam de *prepotencia* e outros de *terror*. Não reconhecemos outra separação, que não seja a do respeito, que todos se devem, e a das *conveniencias* aconselhadas por uma

franca e modesta civilidade: é a unica, que a razão admite, e que fórma a *verdadeira distincção*.

Quando isto acontecer, quando o estudante não vir no mestre senão um *amigo*, e este no estudante um *como filho*, então a apreciação será a mais justa possivel; e o conselho, em tempo opportuno, conselho que se nos deve por todos os titulos — fará com que, em muitos casos, se alcance o que o susto ou a ameaça não seguiu ainda...

Para suavisar a mágoa d'uns e *entreter* o aborrecimento dos outros, não tem faltado, 'nestes ultimos tempos, nem festas de igreja, nem procissões, nem arraiaes, nem recitas nos theatros: até a guerra da Italia preocupa por aqui os animos com especial attenção; tal ha, que se dá ao trabalho de decorar as partes thegraphicas em cada jornal, para as impingir, como saudação, ao primeiro conhecido, que lhe apparece...: são uma especie de *boletins ambulantes*, que se encontram desde manhã até á noite nos passeios, nos cafés — em toda parte!

Sem guardarmos a ordem chronologica, passaremos em revista o que de tudo isto nos parece ter valido mais a pena.

O *Espirito-Sancto*, apesar de chuvoso, não esteve pouco animado: durante os tres dias de festa não faltaram romeiros em *Sancto Antonio*, que dançassem, comessem e se embebedassem... Não somos inimigos dos folguedos populares; pelo contrario, julgámol-os uma especie de narcotico para o povo opprimido pelo trabalho e por mil pesares, que lhe *aspéram* a vida; todavia, quizeramos, que para a capella so se fosse orar, deixando a motivos profanos o pretexto d'essas festas, com que as coisas divinas tam mal se ajustam, se não repugnam completamente.

Na procissão do *Corpo de Deus* vimos o mesmo, que costumámos ver em quasi todas as procissões: muita gente e pouca devoção... Os cavallos emplumados, e S. Jorge com o seu capacete, a sua lança, o o seu escudo, etc., poderiam, 'nalgum tempo, dar um ar mais solemne áquelle acto desafiar mesmo a piedade dos fieis; mas hoje..., que as coisas da igreja têm de accomodar-se tanto com as do estado de

desenvolvimento da nossa sociedade — são inuteis, se não ridiculas e impias. Todos o conhecem, todos o sentem; todavia a *rotina* posterga ainda a razão e o sentimento!

A festa do *Sanctissimo Sacramento*, na Sé-Velha, foi feita com sufficiente pompa; e a procissão, por isso mesmo que não levava *andores*, nem *mascaras*, nem *trombetas* — despertou o respeito e a piedade, e fez dobrar o joelho a todos com o temor religioso, que nos bons christãos infunde sempre a idea *pura e simples* d'um Deus grande, creador do Universo. É para mencionar a oração, que na mesma Sé e por essa occasião fizera o Sr. Dr. Motta Veiga. Joven ainda, progressista sem irreverencia, cheio de talento e d'aspirações, — possuido pela fe e pelo amor — o Sr. Motta Veiga comprehendêra, que não é o *cantado* ou o *chorado* da phrase, nem o comico accionado dos velhos pregadores, que fala hoje ao coração do auditorio: o povo está mais illustrado; e precisa da naturalidade, da profunda convicção do sabio para commover-se, ouvindo-o com favor e mesmo com aproveitamento. O Sr. Dr. Motta Veiga é hoje um dos raros ornamentos do pulpito de Coimbra.

Tanto as fogueiras de *S. João* como as de *S. Pedro* estiveram 'neste anno bem alimentadas de lenha, e concorridas de espectadores e dançantes. Quebraram-se muitas cordas de viola, cantou-se com frenesi o *ladrão*, bebeu-se-lhe soffrivelmente; e não obstante um tripudiar de mais de 7 ou 8 horas — ainda de manhã estudantes e *futricas*, formando com as bellas cachopas bisarros grupos, se dirigiam cantando e dançando á *Fonte do Castanheiro* e do *Cidral*.

Dos theatros pouco poderemos dizer, que lhes seja favoravel. O *academico* consideramolo em *ruinas* tanto no corpo como na alma. As tentativas succedem-se, é verdade, mas sempre com o mesmo resultado; o que nos faz crer, que a arte dramatica não sympathisa nada com os rapazes, nem com as sciencias...; com os rapazes, porque a tractam, como as creanças costumam tractar os soldados de chumbo, com

que brincam; isto é, feita a primeira evolução cortam-lhes a cabeça...; com as sciencias, porque um jurisconsulto, um medico, um mathematico, um theologo, etc. do que menos cura, na sua vida pública, é de civilisar o povo pelo palco.

Parece-nos, portanto, que se não faria pouco serviço, tanto á academia como ao publico em geral, em abrir aquelle velho edificio, depois de concertado e reformado, ás companhias, que de Lisboa ou Porto alli quizessem vir declamar ou cantar. A casa presta-se para isso, emquanto que os outros theatros são tam acanhados em tudo, que mal podem soffrer uma recita regular.

O Sr. *Ciciliani & C.^a* tambem contribuiu a seu modo para a animação d'estes ultimos dias. A concorrência ao principio foi regular, mas depois tornou-se quasi nenhuma. Esta especie de divertimentos ja pouca acceitação têm entre nós; é preciso que elles toquem o maravilhoso, para que os preferâmos a um bom *cavaco*, ou a um passeio a *S. Francisco*, onde os *ares* correm hoje tam *frescos*, tam *perfumados*, que so com pena se abandona, ao anoitecer, aquellas paragens *ensefiteçadas*: cavallinhos, jogos icarios, danças sobre a corda, grupos mythologicos, etc. — são na actualidade mais da expectativa da aldêa, do que da cidade.

Mas o que, sobre tudo, não podêmos perdoar ao Sr. *Ciciliani*, é o descoco com que nos quiz fazer crer 'num dos effeitos do magnetismo animal, a transmissão das ideas, servindo-se d'um ridiculo embuste. Que o Sr. *Ciciliani* nos dissesse, que tudo aquillo era uma feliz e ao mesmo tempo complicadissima combinação de palavras, na maneira de formular as perguntas — va; admirariamos o trabalho e a arte; mas que ousasse, com um charlatanismo pouco disfarçado, ultrajar assim um dos mais ricos mysterios da nossa alma, das nossas forças — era para ser horrivelmente assobiado!

As theses do Sr. Manuel de Carvalho e Vasconcellos, bem como as do Sr. *Mirabeau*, encheram-nos agradavelmente algumas horas. É um dos actos mais solemnes da nossa Universidade. Pena é que participe, como quasi tudo que é velho, de certo ridiculo, que tudo disvirtua: a *charamella*,

esse cherivari de notas musicaes em dias de carnaval, seria ouvida com gosto, por extravagancia, 'num gyro de cavallinhos de pau, em que a ouvimos, pela primeira vez, em Madrid, no caminho da *Fuente-castilana*; mas 'numas theses, no seculo xix... já triste coisa!..

Continuam as obras emprendidas pela camara, para melhoramento e aformoseamento da cidade; e posto que nenhuma d'ellas se ache ainda concluida — as suas vantagens ja se fazem sentir muito favoravelmente para os habitantes de Coimbra: é para lastimar que, segundo as nossas impressões, ellas não satisfaçam completamente o seu duplicado fim: quizeramos encontrar-lhes alguma coisa mais, que nos contentasse a vista: a sua falta de gosto e d'harmonia — torna-se bem sensível; e com tudo, acreditamos que a reunião d'esta qualidade mais em nada teria aggravado as despesas do concelho. Não basta so attender ao goso material da coisa; é preciso que ella seja tal, que possa tambem falar com agrado ao sentimento.

Resta-nos ainda dizer alguma coisa da *Floresta do Mondego*, creação nova e de gosto.

A Floresta do Mondego tem a forma d'um parallelogrammo: está dividida em diversos *salões*, cortada por um grande numero de ruas, entapetada, em partes, por alguns canteiros de verdura, e sombreada pela densa copa das laranjeiras, que com os seus fructos e as suas flores muito embelleçam aquelles sitios, e perfumam a sua fresca atmospheria. Collocada entre o *Mondego* e o *Hotel* do mesmo nome, offerece, principalmente no verão, um delicioso abrigo, aos que, no *Caes-novo*, demandam, ao cair da tarde, as suaves exalações d'aquelle rio, que passa murmurando ao lado d'este espaçoso passeio.

É ao Sr. Domingos Maria Pereira, que os habitantes de Coimbra devem uma das melhores distracções, de que gosa hoje esta terra: é o *rendez-vous* do mundo-elegante, o salão commum da nossa sociedade escolhida. Tudo o que é de gosto alli apparece nos domingos ou dias sanctos, em que o interesse sóbe de ponto: a *Philharmonica*,

fazendo vibrar os ares com seus harmoniosos instrumentos — parece falar a todos os corações...: ora triste, ora alegre — a alma ou se rodeia de doce melancolia, ou vai perder-se no redemoinho dos mil prazeres, que ella desperta... | A musica é a linguagem dos anjos!..

Perto de dois mil bicos de gaz illuminam aquelle recinto, e fazem brilhar, com seus fogos vivos, as variadas cores dos vestidos e enfeites de elegantes *Senhoritas*, que prepassam e se escondem por entre os caramanchões ou na volta d'uma rua, deixando após si doces perfumes, deliciosas impressões...

Grinaldas e coroas de flores, com seus aromas e suas folhas de veludo e de setim... , bandeiras tremulando aqui e acolá, algumas arvores de fogo, que se queimam de espaço a espaço, e cujas chammas encarnadas, verdes ou asues dão a tudo um ar phantastico... , o redemoinhar dos criados, as bandeijas cobertas de refrescos, o brilho dos copos, o estampido das garrafas de serveja, que se abrem, o rumorejar produzido pela voz dos que conversam ou se riem — tudo concorre para tornar verdadeiramente bello e poetico aquelle sitio, em que parece so habitar a felicidade.....

Oxalá que todos comprehendessem, como o Sr. Domingos Maria Pereira, as necessidades d'uma sociedade como a de Coimbra, ja na maior parte acostumada na capital a estes gosos, que tanto fazem esquecer as penas e adoçar os costumes.

O general *Maldonado*, ex-governador civil de Coimbra, saiu no dia 4 d'este mez para Lisboa. Se o governo, que o exonerou, tivesse assistido á sua entrada na mala-posta, se tivesse visto correr, de saudade e gratidão, algumas lagrimas pelas faces tanto do bravo e generoso militar, como dos que lhe foram dar o ultimo abraço de despedida, que eram *muitos*, o governo maldiria a politica ou a intriga, que o *arrastou* a separar do serviço publico um dos melhores dos seus agentes.

Por ultimo, esta quadra teria sido das melhores de Coimbra, se a morte, que tam ciosa se mostra pela nossa felicidade, não viesse ainda arrancar dos primeiros sonhos

da vida a dois mancebos, que muito deveram viver ainda — um para protecção d'uma familia, que á custa dos maiores sacrificios, quicá, creára 'nelle todo o seu futuro; o outro para que perpetuasse com o seu saber e as suas virtudes o esplendor d'uma casa illustre. O primeiro ; querendo salvar a vida a um pobre homem, que o acompanhára, morreu com elle!

¡ E foi o Mondego, que os asphyxiou a todos! ¡ o *Mondego* — que deve os melhores dos seus cantos, das suas glorias á lyra academica!..

¡ Antonio de Freitas Trindade d'Araujo, estudante do 4.º anno theologico, Francisco Maria Cardoso e Menezes, estudante de preparatorios e Antonio d'Almeida, criado do theatro anatomico — ja não existem: ¡ o Mondego os afogou! V. DA SILVEIRA

A TERCEIRA EDIÇÃO DOS LUSIADAS

(Continuado dos numeros 4 e 6).

A obra em que tomára corpo o engenho de Camões, a obra, cujo merito não traduz a mais arrojada hyperbole, reos de lesa litteratura, os jesuitas adulteraram-na.

O ferrete, que por escripta aqui pômos, e atraz irrogámos áquelles religiosos, ha mistér de que o validem inconcussos testemunhos, — corre-nos a obrigação de tambem os publicar.

Na segunda e terceira edição, que dos *Lusiadas* tiraram a lume os jesuitas, le-se:

CANTO I. ESTANCIA XXIII.

Em luzentes assentos marchetados
D'ouro e perlas mais abaixo estavam
Os outros *Idolos* todos assentados.

Sendo, que tanto na edição do Faria, que em Madrid víra e copiára dois manuscritos do Poema, como em todas as edições posteriores áquella, excepto a de Craesbeeck e a de Jose da Fonseca, se le:

Em luzentes assentos marchetados
De ouro, e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros *Deuses* todos assentados,

E na de Jose da Fonseca, que seguiu a

Craesbeeck, e que para mim tenho por mais correctá, le-se:

D'ouro e de perlas mais abaixo estavam
Os outros Deuses todos assentados,

Assim que, os jesuitas não so erraram um verso, mas ao termo congruente substituíram outro, que desentoa da geral affinação d'este episodio.

No Canto IV, estancia XL, debuxando a batalha d'Aljubarrota, pinta Camões em dicção nervosa e colorida a morte dos Pereiras no ardor do conflicto; e diz:

Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o ceo, e os fados.

Versos, que os editores jesuitas passaram para prosa ruim, d'est'arte:

Os Pereiras, que tambem são *rebellados*
Finalmente são aqui desbaratados.

Com mentirem ao sentido, addiram uma syllaba ao primeiro verso, e usaram de *rebellar* numa accepção não portugueza! Continuemos.

Uma das mais imaginosas pinturas, d'entre as muitas, em que abundam os *Lusiadas*, é a da ida de Venus á presença de Jupiter, para interceder pelos seus portuguezes, detidos, ao entrar em Mombaça, pelas Nereidas, que lhes tolhiam o passo: o *primor e consonancia* da phrase rivalisa com a sublimidade dos conceitos: não o entenderam assim os jesuitas, que, so movidos do odio entranhado, o calaram e substituíram por uma voz sobre natural, que ao Gama responde em inintelligivel algaravia. Eis um fragmento:

Orava o illustre Gama d'esta sorte,
Quando uma voz ouvio, que d'alto vinha,
Dizendo-lhe, não temas ver a Morte
Tão propinqua a ti e tão visinha:
Anime-te, e esforce-te, Varão forte,
Que tal empreza a tal Varão convinha.
Ouvindo isto o Gama attento estava,
E a voz, que bem ouvia, assim soava:
«Famosos Portuguezes não temaes
Perigo algum — jamais em Luzitanos;
Nem que nenhum que elles possa mais
Em quanto gerações houver d'humanos.
Que eu vos fico, amigos, que vejaes
Esquecerem-se Gregos e Romanos.
Pelos illustres feitos, que esta Gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.»

Cujas estancias correspondentes são:

E, co'o seu, apertando o rosto amado,
Que os soluços, e lagrimas augmenta;
Como menino da ama castigado,
Que quem o afaga, o choro lhe accrescenta;
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta:
Dos Fados as entranhas revolvendo,
D'esta maneira em fim lhe está dizendo:
«Fermosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos, e Romanos,
Polos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

(Continúa)

S.

VICIO E VIRTUDE

(Continuado do numero 14)

O Remorso

Mistura ás vezes a fortuna tudo.

ANTONIO FERREIRA

Feliz aquelle que os ouvidos cerra
A malvados conselhos,
E não caminha pela estrada iniqua
Do peccador infame,
Nem se encosta orgulhoso na cadeira
Pelo vicio empestada;
Mas na lei do Senhor fitando os olhos
A revolve e medita
Na tenebrosa noite e claro dia.

CALDAS

O Senhor da virtude é firme esteio;
Emquanto o impio corre,
De horribonas procellas combatido,
A naufragar sem tino.

CALDAS

V

Era no dia 11 de Maio de 1835. Mais um crime se havia practicado; um d'estes crimes, cuja victima so pôde vingar-se á custa da propria deshonra!

Luiz desposára Julia. — ¡Maria perdêra o seu nome, para ser substituida a este a alcunha, com que a sociedade costuma designar a mulher, que cega d'amor, vencida de fraca, se deixa arrastar até á perda da honra!

Luiz não cuidára de tornar viçosa a flor, que elle fizera pender, no firme proposito d'uma reparação futura.

A fraquesa do seu character e os conselhos

de Paulo desvirtuaram-no, e prepararam-lhe um futuro de remorsos, que devia começar no mesmo dia, em que elle ligasse a sua existencia á de Julia.

A mulher, nas circumstancias de Maria, raro pôde vingar-se, sem desdouro; mas, em compensação, ¡vinga-a a Providencia! e de tal modo, que o criminoso é o castigador de si proprio, e os conselheiros do crime soffrem de egual arte — ¡se é que não soffrem mais no intimo do coração!

No dia 11 de Maio de 1835, ¡o altar sancionava a união de Julia com Luiz; ligava, pela lei do ceu, os dois que não deviam junctar-se!

Mas o altar não sabia, não havia podido saber, que firmava uma união criminosa, que em nome de Deus, identificava dois destinos, que não deveram fundir-se.

¡O altar era inconscienciosamente um dos ministros do crime!

Aviltavam-no dois homens, ¡um dos quaes tinha as coisas sanctas na conta das frivolidades do mundo!

¡Desgraçados! esqueciam que, após a vida da terra, ha ainda outra vida; que, depois da justiça humana, está a absoluta; que, após a virtude e a práctica do bem, está a paz com Deus; que, em seguida á vida de crimes, está a saneção da lei do Omnipotente, está a vida do castigo, — está o inferno!

¡Luiz esquecia que se tornava o algoz d'aquella, que o amára tanto, que o acolhêra, que lhe adoçára amarguras, que o fizera pai! Devia lembrar-se de tudo isto, embora ja tarde, para reparar o esquecimento, cedo ainda para soffrer na terra as consequencias tristes e justas do seu proceder!

¡A infeliz porem morreu perdoando-lhe, como o leitor verá, posto soubesse que a sepultura não seria descanso para ella, e que a lousa do sepulchro não abriga nem conserva intacta a memoria da que fraqueja na vida!

O perdão comtudo é proprio da candura, almo typo da mulher; d'ella, que é muitas vezes o symbolo da paz e do soffrimento.

Dissemos que no dia 11 de Maio de

1835 Luiz desposára Julia. Desde então foi tal o succedido, que nos não poupámos a expol-o.

Luiz voltára da egreja para casa de Julia. Mostrava-se alegre; sua esposa julgava-se a mais feliz das mulheres.

À noite reuniram-se na mesma sala, em que se passaram as scenas do penultimo capitulo, varias pessoas, na mor parte amigas de Julia e desconhecidas do noivo. Paulo, o famoso conselheiro tambem alli esteve, e como que se revia na obra para que concorrêra.

Houve o costumado festim.

¶ Eram hymnos entoados e dedicados a um crime! ¶ O noivo parecia não lembrar-se d'isso!

No dia seguinte, o companheiro de viagem de Luiz dirigiu-se em procura do seu amigo, a casa de Paulo. Tendo perguntado ao criado d'este por aquelle, obteve em resposta:— O Senhor casou-se hontem, ja aqui não está.

—¿ Casou-se?!

—Casou, sim Senhor.

—¿ Onde mora, sabe?

—Mora na rua... n.º...

—¿ Em que andar?

—A casa é toda da Senhora.

Pedro (tal era o nome do amigo de Luiz) pasmou ao ouvir a noticia, que lhe deu o criado de Paulo; e obedecendo á natural indiscripção, não pôde deixar de mostrar-se admirado na segunda pergunta.

A admiração crescia-lhe tanto mais, quanto era certo, que Luiz lhe não havia dito coisa alguma a tal respeito.

Dirigiu-se ao novo aposento do seu amigo, e procurou por elle. Mandaram-no entrar para a sala. Admirava tudo o que via e sabia, mas não atinava com a maneira por que, em tam pouco tempo, Luiz conseguira collocar-se em taes circumstancias. Cogitava por descobri-la, quando o seu amigo appareceu.

Ao verem-se guardaram silencio por instantes; porém Pedro, depois de feitos os cumprimentos do ritual, começou:

— Venho dar-te os parabens e...

—¿ Como soubeste, que eu havia casado?!

— Disse-m'o o criado de Paulo.

Luiz deixou-se cair no canape, encostou a cabeça na almofada e escondeu a cara com as mãos.

Pedro attribuiu as maneiras de Luiz a uma pequena vergonha; porque, em fim, ambos haviam estado na aldêa, e qualquer dos dois sabia bem das coisas do outro; comtudo perguntou-lhe.

—¿ Que quer dizer isso?!

— Fecha aquella porta: ¶ não quero que me ouçam!

Pedro completamente alheio, fechou a porta da sala, e veiu sentar-se juncto ao seu amigo.

— Casei, é verdade, casei hontem; mas, em vez de viver alegre e contente com o meu novo estado, ¶ morreu-me, com elle, a alegria!... ¶ tu bem sabes, que sou um grande criminoso!

¶ Bem sabes agora, que ha uma victima do meu crime! ¶ e não ha uma so! ¶ Mathilde, a minha filhinha, como salva-a!

Palavras foram estas proferidas com voz, que do amago d'alma partia; ¶ voz que denotava, que no coração de Luiz se ateava o remorso! que la por dentro reinava procella horrorosa!

—¿ Mas como arranjaste este casamento?! ¶ Admira que não meditasses no passo, que deste! ¿ Porventura algum motivo justo te obrigou a deixar Maria? ¿ Foi-te acaso infiel?

—¶ Não, Pedro, não! O unico motivo que tive, foi uma mudança repentina, mesmo uma d'estas coisas, que se não explicam! ¶ Comecei a aborrecel-a sem saber bem porque! Crescia o meu amor por Julia, a quem eu havia jurado pertencer, antes de partir para a tua patria. Maria fez-m'a esquecer, sem que o soubesse: Julia fez-me esquecer Maria, sem o saber tambem. ¶ Os conselhos d'um amigo, que neste passo via a maior das felicidades para mim, ajudaram-me o coração! ¶ Cedi a este! mas tenho aqui no peito alguma coisa, que me morde n'alma, que não cessou ainda de atormentar-me, desde que Julia se pôde chamar minha esposa!

Pedro ficou silencioso, e estava contristado. Luiz continuou:

— ¡ Houve tempo, em que a paixão auxiliada pelos conselhos d'um amigo, deslumbrou minha alma e foi superior á consciencia do meu dever; mas esta agora condemna-me! ¡ Ha algumas horas ja que sou muito infeliz!

— ¡ Extranho que me não falasses em coisa alguma! E ainda insisto em que não usas de franquesa. ¿ Illudiu-te acaso alguém, dizendo-te de Maria coisa que ella não fizesse?

— Não Pedro, ja te disse que não.

Se te não fallei 'neste negocio foi porque a tal respeito fui obrigado a guardar segredo. O que sei é que sou esposo de Julia quando devia sel-o de Maria; e que prometti desposar esta quando tinha jurado ligar o meu nome ao d'aquella. ¡ Escuso dizer-te qual d'ellas tinha direito á minha mão, e qual a victima!

Amo Julia, aborreço Maria; mas o meu amor é atormentado pelo remorso, por uma dor de consciencia; ¡ o meu aborrecimento é amaldiçoado pela rasão! comtudo não posso descativar-me d'elles!

D'aqui resulta Pedro, que nem sou feliz com o amor de Julia, nem vivo tranquillo aborrecendo Maria; ¡ que sou um perverso, um ingrato!.. ¡ E não posso, não está em mim, ser outro!

¡ Como homem polluí a reputação d'uma mulher; como pai esqueci-me d'aquella em cujas veias gyra o meu sangue!

¡ A belleza, o amor, a perspectiva d'uma vida feliz, que se julga succeder a outra ardua e penosa, têm desviado muitos do caminho difficil da honra! ¡ Infelizmente entro no numero d'estes!

Quando a troca importa a quebra do dever, a riqueza o amor a belleza da esposa illudem-nos por algum tempo, mas não são bastantes para restituir á alma a paz e socego do ceu, de que gosára, se a não fizesse, ¡ embora a vida lhe fosse 'neste mundo continua dor!

— Mas agora, caro Luiz, o mal está feito. Segundo vejo casaste com uma Senhora rica. ¡ Usa pois da tua fortuna de modo que allivies ao menos a desgraça da tua filhinha!

Escreve a Maria, fala-lhe com franquesa até certo ponto, dize-lhe que circumstan-

cias superiores á tua vontade determinaram o passo que déste; que te mande Mathilde para a entregares a alguém, que cuide de educal-a: permite-me que te dê este conselho, embora m'ò não pedisses.

— Tenciono mandal-a vir, não para esta casa. ¡ Julia ignora tudo e não quero dar-lhe um desgosto tam grande! não quero que saiba, que por sua causa ajunctei, com as proprias mãos, mais uma infeliz ao numero das desgraçadas!

— Como quizeres. Ha por esta Lisboa, e em abundancia, quem queira educar uma menina. Ha muitas familias, que precisam. Emquanto a Maria, sou de opinião, que a não illudas. É provavel que se resigne; talvez não queira entregar-te a filha. Experimenta, e descança. Uma ma acção pode ser perdoada quando desde ella até ao fim da vida houve contínua práctica do bem. Tracta de obstar a qualquer meio por que Julia possa saber coisa alguma. Entendo que 'nisso andarás com acerto. Da minha parte não tenhas receio; conta com o meu segredo e comigo para o que quizeres.

— Obrigado, Pedro, obrigado. A amizade, que me dedicas, anima-me a fazer-te um pedido, que estou certo satisfaras.

— ¡ Porque não! creio que não pedirás impossiveis.

— Não por certo. Rogava-te o obsequio de consentires, que eu fosse a tua casa conversar ácerca d'este negocio; aqui ata-se-me a voz; receio que nos ouçam.

— Ao teu dispôr, e com todo o gosto.

Acredita que saberei cumprir com os deveres de amigo.

Pedro despediu-se de Luiz, que o acompanhou até ao fundo da escada.

Luiz voltou para a sala, sentou-se de novo, e depois de pouco tempo, tomou um album, que alli havia, e escreveu 'nelle as seguintes palavras:

« ¿ Porque motivo ¡ meu Deus! déste ao homem a paixão com a rasão!

« ¿ Porque motivo lhe não déste uma vontade sempre firme? uma inclinação invencivel para a obediencia ás leis, que implantaste na humana natureza?

« ¿ Porque motivo estabeleceste o sacrificio como preço da virtude?

«Segredos mui segredos são os teus altos designios ¡ó meu Deus! Que a tua lei seja cumprida! Que a tua vontade seja feita!...»

Luiz fechou o album e retirou-se da sala.
¿Como desfechará este drama terrível?
¡Vel-o-hemos!

JAYME C. MONIZ

O DIA 23 DE JUNHO

TRADUZIDO DO ESPANHOL

E

OFFERECIDO A MEU MANO.

O DR. MANUEL CARRILHO GARCIA

(Continuado do n.º 15)

Retirou-se á hospedaria, e alli entre dolorosas angustias escreveu com mão firme a seguinte carta, momentos antes de attentar contra sua vida:

«O homem sem honra não deve viver; foi este o principio de toda a minha vida... Já que me vejo deshonrado devo eu mesmo tirar-me a existencia, porque a sociedade, não julgando nunca senão pelos effeitos, sem conhecer as causas, me repelliria de si.»

«Qualquer outro teria primeiro atentado contra a pessoa, que foi a causa d'isto; viva, todavia, para que cuide de meu filho, e para que sua mesma consciencia seja o seu verdugo. Vou morrer tranquillo, porque cumpri todos os meus deveres, embora algum facto pareça condemnar-me; agora perante Deus, que em breve me julgará, juro não ser culpado da morte de Constança de... Ninguem seja accusado da minha morte, pois sou eu mesmo que cometto este acto... sereno... tranquillo... porque ¿que resta no mundo ao homem a quem mataram as crenças, ao homem, a quem foram arrancando uma por uma as suas illusões?... ¡a morte! o silencio do tumulo! E eu baixo a elle com passo firme e resolute!... ¡Tu, que primeiro entrares 'nesta habitação e recolheres esta carta, em nome do ceu, entrega o masso, que está juncto, á pessoa a quem é dirigida, e roga a Deus por mim!

As tres da manhã ouviram uma detonação no quarto do meu pai; quando acudiram, ¡acharam-no revolvendo-se em seu sangue!.. Estava gravemente ferido; no entanto, com voz firme, mandou que recolhessem os papeis, que estavam sobre a mesa, e os levassem. O criado assim o fez e depois meu pai, reunindo todas as suas forças, lhe disse:

—Has de extranhar o que estás vendo, assim como ignorarás quem eu sou; a este respeito so te direi, que sou d'esta mesma cidade. Peço-te que, ja que Deus não quiz que eu morresse, me conduzas a minha casa, occultando a todo mundo este successo. Se cumprires o que te mando, alem d'este dinheiro, que te entrego, dobrarei a quantia; mas do contrario treme...

O criado fez o que meu pai lhe ordenava, e áquellas horas o conduziram a minha casa quasi sem sentidos.

Podes imaginar o transtorno, que isto causaria: chamou-se logo um medico, que decidiu que a ferida era mortal. Meu pai occultou o melhor que pôde a minha afflicta mãe o successo, explicando-lh'o como casual, e fazendo-lhe jurar, ao entregar-lhe um masso fechado, que se elle morresse o abriria, mas que lh'o entregaria, no caso d'elle sobreviver.

Tinham-se passado tres dias depois d'este successo, e ja meu pai se achava algum tanto melhor, quando, ao anoitecer do terceiro dia, lhe entregaram uma carta, que um desconhecido tinha deixado para elle. Quando pegou 'nella e leu o subscripto, uma pallidez mortal cobriu o seu rosto: não tinha acabado de lê-la, e ja uma convulsão se tinha apoderado d'elle com um delirio espantoso. Na madrugada, estando mais acalmadas as suas dores, ainda que muito irritada a ferida, chamou minha mãe, e leu-lhe o bilhete seguinte:

«Sei que estás ferido de morte, e que não está na mão dos homens o salvar-te... Sei tambem as causas, porque fui eu o instrumentô... Agora so me resta dizer-te, que tua mulher é innocente... , que tudo o que tu viste foi uma ficção de accôrdo com a tua jardineira, sem ella saber qual a minha intenção. Já cumpri meu dever, porque

vinguei minha pobre irmã, a quem enganaste vilmente. Cumpriu-se a justiça de Deus; nada mais me resta do que maldizer-te, e procurar exterminar tua raça... jurei-o sobre o leito de minha irmã moribunda; já ves como executei parte do juramento.»

Momentos depois mandou abrir o masso fechado, onde se encontraram todas as noticias, que acabo de dar-te.

Agora so me resta dizer-te, que no dia seguinte ao meio dia, morreu meu pai na mais espantosa agonia. Quando levaram seu corpo ao cemiterio, notou-se entre os concorrentes um homem ainda moço, que seguiu o corpo até ser depositado...: este homem era forasteiro, ninguem o conheceu.

Abundantes lagrimas verteu meu amigo depois d'esta narração. A lua tinha succedido no imperio do mundo ao astro de fogo, e Alfredo com a cabeça encostada á mão direita, com sua espessa cabelleira, brancura mate, negros e radiantes olhos, parecia um ser ideal no meio de sua contemplação. Tirei-o d'ella lembrando-lhe, que eram horas de partirmos. Antes de nos separarmos disse-me:

— Esta noite não nos veremos na reunião; tenho muito que fazer.

E partiu.

(Continúa)

M. J. CARRILHO GARCIA

CONSELHO EM DIA D'ANNOS

Donzella, toma um conselho
 'Neste dia' todo teu;
 Quem to dá, se não é velho,
 Ama-te muito... sou eu.
 Porque te amo, quero dar-t'o;
 Attende bem, e verás;
 Quem de conselhos é farto
 Sempre evita coisas más.
 Verdade é que pouco valho;
 Mas esse pouco que sei,
 Abençoarei meu trabalho
 Se entender que o aproveitei.
 E fica bem aproveitado
 Em lindas coisas dizer
 A quem dá tanto cuidado
 Aos que co'a vista prender.
 Tu és, donzella, formosa,

Teu brilho as almas seduz;
 Como entre as flores a rosa,
 Entre nós derramas luz;
 Mas por que és bella e és linda
 Porque encantas no sorrir,
 Necessitas muito ainda
 De bons conselhos ouvir;
 As flores mais melindrosas
 De mais fulgurante cor,
 São sempre as mais extremosas
 No que chamámos amor.
 'Nisto versa o meu conselho,
 Conselho franco e leal,
 Que apesar de não ser velho,
 Posso dal-os... por meu mal.

Doces finesas das salas
 Certo que nunca as direi;
 Perjuras, mentidas falas
 Não tem character, nem lei.
 A vida toda tecida
 É de enganos, illusões;
 Hoje, de esp'ranças florida,
 Mirrada logo em traições;
 Quando se gosa a ventura,
 É um destino fatal
 Que não tarde a sorte dura
 A impôr-lhe o sceptro do mal;
 No curto praso que temos
 Da curta vida gosar,
 So a verdade devemos,
 Verdade em tudo falar;
 Que a verdade é toda brilho.
 O meu conselho ahi vai;
 Mais sincero nunca a um filho
 Soube dal-o um terno pai.

Hoje contas os teus annos:
 Deves julgar-te feliz;
 Que até hoje nunca enganos
 Deslustraram teu matiz.
 Mas se tu queres constante
 A mesma dita guardar,
 Quer amada ou quer amante,
 A um so debes amar...
 Um so amor, virgem bella;
 Seja amor o teu condão,
 Mas entrega, linda estrella,
 A um so teu coração.
 Nunca debes caprichosa
 Variar o teu amor;

Tens a belleza da rosa,
Da violeta o pudor;
Junctas—rosa e violeta—
Concede a uma so mão.
Embora eu seja poeta,
Digo 'nisto o que é rasão.

6 de Setembro de 1858

A. A.

NO ALBUM DE CARLOS JOSÉ DE OLIVEIRA

O passado o que é?... Triste lembrança.
João d'Avóim

Assim como se inclina melancolica
Ante o espelho a mulher, que do seu rosto
Ve perdido o frescor;
Assim tambem nossa alma pensativa
Se reve no espelho d'um passado
De illusões e d'amor.

Com mil recordações viva a memoria
Então completa a vida d'esse tempo,
Que não se avaliou,
Do tempo em que inda crentes no futuro,
Se deseja o porvir, para... ;lembrar-nos
O tempo que passou!

Queria não precisasses d'uma pagina,
Em que meu nome escreva, p'ra que um dia
Te lembrasses de mim:
¿Carece pois d'estimulo nossa alma
Para se recordar de quem amava?..
Eu não o julgo assim.

Comparo o album ao soberbo tumulo,
Cuja inscripção se faz para o estranho,
Que a le por distracção.
¿Aos parentes e amigos do finado
Para que serve o rico monumento?
Basta-lhe o coração.

Eis o meu parecer ácerca d'albuns;
E sabes que meus versos não merecem
O trabalho de os ler.
Por mim, pelo teu livro agora peço
Que rasgues esta folha,—se promettes
De nunca m'esquecer.

Dezembro de 56

A. S.

A TUA INFANCIA

Á EX.^{ma} SR.^a D. A. C....

Assim como a linda rosa
Se baloiça magestosa
No risonho mez d'abril;
Assim tu meiga donzella
Te ostentas risonha e bella
Na tua idade infantil:

Teus meigos sonhos d'agora
São como os raios d'aurora
Prateando o azul dos ceus;
Como a florinha viçosa
Que ostentando-se orgulhosa
Seu perfume eleva a Deus.

Tens uma alma ainda pura;
Teu pensamento candura
Esperanças, sonhos, amor
So te diz; porque não pensas,
Que tuas viçosas crenças
Murcharão, qual murcha a flor.

Vive donzella formosa:
Gosa esta quadra ditosa,
A melhor do teu viver.
Crente respira a fragrancia
Dos bellos sonhos da infancia:
¿Não te lembres do soffrer!

Lamego, 9 de Abril de 1859

JOSÉ AUGUSTO TEIXEIRA BOTELHO

A ROSA E A BORBOLETA

(IMITAÇÃO DO FRANCEZ)

Na hastea pendida, alva rosa
Beija os ares e espera 'aurora:
Juncto d'ella a borboleta
Volta, vem, e vai-se embora.

Uma e outra o dia viram
Sob um ceu puro e brilhante;
Brilham ambas á porfia,
Mais que brilha o diamante.

Mas, diz'-me, rosa, ¿amanhã
Que será feito de ti,
Se alguma gentil donzella,
Passando, te vir aqui?

Receio, flor, que essa virgem
Vaidosa te va colher;
E sobre um seio de neve
Te vas fanar e morrer.

E tu, linda borboleta,
Se á rosa a virgem colher
¿Onde hasde ir, durante a noite,
Teus thesouros esconder?..

¿Em que petala mimosa
Pousarás ao pôr do sol,
Para, d'arage' embalada,
Escutares o rouxinol?..

¿Não receias, que nas trevas
Da noite, as furias maldosas
Te roubem, cheias d'inveja,
As tuas asas formosas?

.....
.....
.....
.....

Borboleta, e branca rosa,
Tudo foge ca da terra;
Tudo s'inclina p'r'a campa,
Tudo na campa s'encerra.

E tu tambem, flor bemquista,
Do poeta, e seu brasão,
Se nasces nascendo a aurora,
Por tarde rojas no chão.

Assim os sonhos da vida
Fogem breves como as flores;
Assim um sonho mentido
Enche a vida d'amargores.

Dormimos somno celeste
Ante um mundo a percorrer:
Acordámos... e ¿o que resta?
¡O tempo so de morrer!..

A. T. Q.

CHARADA

Procura dos authores a primeira,—1
Que te seja primeira: ora a segunda, } 1
De rosa (flor mimosa) a que é primeira }
Ser póde muito bem: a que é terceira }
Desenterra-a da terra, ou de terceira } 1
A terceira te sirva de terceira.

É formosa senhora encantadora;
E quando ri no ceu, nos campos chora;
Corre apressada, que fugir deseja,
Antes que nua seu amante a veja.

P. C.

Eu sem *mo* não duro um anno, } 1
Se a tenho — não sou diverso: }
Bem sentidas elegias } 2
Ja cantei no Luso verso }

Em Portugal inda vêdes
Do que fui grandes signaes;
Hoje vivo la bem longe
Entre os bons orientaes.

N.º 15.º { 1.º *Valladas.*
 { 2.º *Fado.*
 { 3.º *Calvario.*

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coimbra*—loja da imprensa da Universidade; *Lisboa*—livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; *Porto*—Sr. Jacintho Antonio Pinto da Silva; *Viseu*—Sr. Francisco Gomes Pinto; *Pezo da Regoa*—Sr. Manuel Mendes Osorio; *Evora*—Sr. V. J. da Gama; *Bragança*—Sr. Antonio Caetano d'Oliveira Furtado; *Lamego*—Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão*—Sr. Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria*—Sr. José Pereira Curado; *Aveiro*—Sr. Ernesto Augusto Ferreira; *Faro*—Sr. Feliciano José Alves Braga.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno	1\$240	Anno	1\$460
Trimestre	360	Trimestre	450

Não assignantes: n.º 1.º a 12.º, contendo uma polka para piano e um grupo de estudantes: com estampilha—1\$120 réis, sem estampilha—1\$000 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

REVISTA

Está passado o tempo dos folgares. Sancto Antonio, S. João e S. Pedro, os Sanctos mais folgasãos do calendario, deixaram festivas recordações ao bom povo conimbricense. Esta trindade sacra, recendente de poetico perfume, poderosa pelo seu mystico condão, assentou os seus arraiaes no mesmo mez e no melhor do anno. Bem nos está dizendo a etymologia, que os antigos o dedicavam aos *jovens*, e os sanctos modernos d'elles formaram a sua côrte, que é a ruidosa mocidade quem os celebra com maior alegria e alvorço.

Selectos são os seus emblemas, mysterioso o seu poder. ¡Vêde-me o primeiro, amavel fradinho, nascido no nosso torrão, coevo da monarchia, como se está sorrindo para o seu menino e empunhando o seu sceptro de lyrios, com que orvalha benções e felicidades sobre os seus devotos! E não são estes tam poucos, que no seu dia verieis como nas casas, nas lojas, nas ruas, em toda a parte se levantava um throno, e 'nelle se exaltava o nosso sancto entre centenas de luzes e jarras de flores.

O culto de Sancto Antonio é de todos os portuguezes: poucos sanctos são tam estimados e nenhum de certo gosa de maior influencia em todas as classes da sociedade.

Dos outros dois ¿que vos direi? O primeiro com o seu alvo cordeirinho, symbolo do amor, o segundo com as chaves do ceu, ambos são os confidentes da idade, em que ha crença e esperança. As suas noites têm historias mais maravilhosas, que as orientaes, e das pregas do seu manto de estrelas derramam sobre a terra innocentes milagres. As flores, tornadas sybillas, rasgam

1859

os arcanos do futuro: a alcachofra, ferida desapiedadamente, recebe do sancto relento a inspiração da verdade...

Aquella que o bom sanctinho
Sabe que fala de amor,
D'entre o calix maltratado
Faz brotar mimosa flor;

Mas a que apenas indica
Sentimento desleal,
Não lhe vale a benta noite,
Fica murcha por seu mal.

Mas no mez de julho Coimbra tem uma sancta, que, para a sua devoção, não fica inferior aos tam festejados de junho. A rainha Sancta Isabel marca no annuario d'esta cidade um dos seus dias mais solemnes e de maior regosijo popular. Desde a noite da vespera, em que a imagem da virtuosa esposa de D. Diniz é transportada de *Sancta Clara* para a cidade, até o outro dia, em que tem logar a procissão de triumpho, a população agita-se anciosa; elevam-se arcos, tecem-se grinaldas, accendem-se fogueiras, travam-se danças—reina o contentamento e franca e sincera alegria.

Foi isto o que teve logar em toda a noite de 9. No dia 10 houve a procissão. O ceu vestira todas as suas galas, congratulando-se com a terra 'neste solemnissimo acto. Não incommodava o calor da estação, que abrasára nos dias passados. Fulgia o sol com toda a magestade, mas os zephiros brincões lhe mitigavam a intensidade dos raios. Pelas seis horas da tarde os alegres repiques dos sinos e o estridor dos foguetes annunciaram a saída do cortejo do magestoso templo de Sancta Cruz, que por entre ondas de povo se recolheu ja de noite.

É este o factó mais importante, que temos a noticiar.

N.º 17

O anno lectivo está terminando, e nas suas ultimas provas tem sido bastante rigoroso. Os RR e as reprovações têm continuado frequentes, accompanhados dos seus desgostos, que são inevitaveis. O sarcedocio das lettras é espinhoso; e nem sempre depois de aturadas fadigas e obscuro lidar se alcança o premio a que mirámos. Todavia á sombra de Minerva tambem não deixam de praticar-se injustiças, e algumas d'ellas flagrantes, que, satisfazendo orgulhos individuaes e mesquinhos interessses, vão minando surdamente a corporação e alienando-lhe sympathias. É isto o que lastimámos.

Tambem têm continuado as obras do municipio; e não se póde com rasão negar á actual vereação grande actividade, e os melhores desejos de engrandecer a cidade. Mas um mau fado, que persegue as coisas de Coimbra, faz com que todas ellas levem mais ou menos o cunho da imperfeição. Haja vista, por exemplo, o novo cemiterio, que, construido com toda a segurança e com desvelado empenho da parte do dignissimo presidente, apresenta uma configuração irregular e desagradavel, que não se póde justificar nem pela necessidade. Parece-nos tambem pequeno em relação á população da cidade, pois que, feitos os alinhamentos, talvez que não comporte mais de tres a quatro mil cadaveres.

Teve logar, finalmente, a extincção do Conselho Superior em Coimbra, substituido pelo Conselho Geral d'Instrucção Publica em Lisboa. Estão nomeiados os novos vogaes, todos homens de lettras e alguns de reconhecido merecimento. Deve-se esperar muito d'estas capacidades; e se na realidade concorrerem para o melhoramento da instrucção, inda se lhes podem perdoar os pingues ordenados, que vão perceber, em quanto os membros do professorado, principalmente os da instrucção primaria, gemem sob a mais ignobil escassez de meios, sendo os parias da litteratura no seio d'um povo, que aspira a ser civilisado. Não approvámos esta reforma; o que dissemos na nossa revista do n.º 15 não tem replica.

Mas agora que o mal está feito, que as considerações do bom senso foram desat-

tendidas, que os brados dos primeiros corpos docentes do paiz não foram escutados—oxalá que a nação não chore o desbarato do dinheiro publico, e que veja sortirem effeito os decantados programmas de prosperidade da instrucção. Confiámos pouco, mas podemos enganar-nos, e bom seria que assim fosse.

Seguiremos, todavia, a par e passo, a marcha do novo Conselho, analysaremos os seus actos, e exigiremos d'elle, que para isso temos todo o direito como cidadãos, os serviços, que todos esperam da boa reputação dos seus nomes e da generosa retribuição, com que a nação os subsidia.

E aqui encerraremos a nossa revista, esperando sermos mais extensos, quando de novo volvermos a tomar a penna.

Successos ha que necessitam d'um artigo especial, e a revista seguinte, dedicada toda ao bello sexo, narrará os mysterios contemporaneos de Coimbra, dignos de serem conhecidos e archivados, para entretenimento do povo e lição dos incredulos. Esperemos.

A. A.

ESTUDOS SOBRE AS POESIAS DE SCHILLER

(Continuado do n.º 13.)

V

Na collecção e traducção, que das poesias lyricas de Schiller nos deu Marmier, apparece em primeiro logar a *Canção do Sino*. Marmier fez bem. Deu 'nisto um irrefragavel documento, de que possuia a intelligencia, que comprehende o que é grande, e o fino tacto do artista, que aprecia o que é bello. E realmente em tal edificio so ficava bem tam formosa fachada. O Sino é uma poesia, que so por si ganha a celebridade e dá a gloria ao homem, que, para conceber e realisar tal composição, precisava do genio. Ainda que Schiller não escrevesse mais nada, esta poesia era o titulo mais legitimo, para se lhe passar o diploma d'um profundo pensador, d'um poeta inspirado e d'um illustre artista. É considerada como uma das mais engenhosas e ricas producções do moderno genio allemão.

A peça tem duas partes distinctas: uma

consta de pequenas strophes, que pintam o trabalho do operario, a animação que reina na forja, e as differentes phases por que passam os metaes, na feitura da obra até ao seu complemento. As palavras cruzam-se com tanta precipitação, o seu proprio som é tam aspero e rude, ha tanta vida nas scenas, vigor e colorido na descripção, que nos parece ouvir as pancadas dos martellos, o estrepito dos instrumentos, o canto dos operarios incitando-se ao trabalho e pedindo á Providencia forças para fazerem obra, que os glorifique: estas estrophes são entremeadas de versos, em que o poeta faz as mais altas considerações sobre os differentes estados, em que se acha o homem desde que entra na vida, até que desce á sepultura.

É uma imagem da vida, em que as circumstancias mais notaveis, os acontecimentos extraordinarios e os actos mais solemnes são accommodados ao modo, por que se funde um sino, desde que os metaes são lançados no molde e vão soffrendo as precisas modificações até á conclusão da obra.

O Sino é uma analogia e um symbolo; analogia no momento da construcção; symbolo, quando suspenso no alto da torre, é alli o ecco dos prazeres e das mágoas do homem.

Risonha e bella é a pintura, que faz Schiller, do amor do mancebo, quando o seu coração rico de affectos, se abre pela vez primeira a esse sentimento, que, ardente e puro, lhe enche o peito, sem que o espirito possa ainda definil-o: como chamma, que vivifica e não como lava, que abrasa, nos representa Schiller, esse vago desejo, que, acompanhado de commoções, que elle nunca experimentou, lhe faz *nadar o coração na felicidade* e lhe faz subir ás faces um casto rubor.

Falando da fusão de metaes, dos quaes são alguns mais puros e perfeitos, Schiller descreve o casamento, em que a mulher representa a doçura e o homem a força. A verdade da idea casa-se ahi de tal modo ao brilho da phrase e á grandesa da imagem, que não podemos resistir ao desejo de traduzir um trecho. «Ah! a mais bella solemnidade da vida marca o termo da sua

primavera. Com o veu e a cinta morrem as doces illusões, acaba a paixão. Possa ao menos ficar o amor! A flor fana-se: possa amadurecer o fructo! É necessario que o homem entre na vida tempestuosa, que elle trabalhe, combata, plante, crie, e, pela astucia, pelo esforço e pela audacia domine a fortuna.» Depois aponta as fructas abundantes e a benefica influencia, que na casa exerce a laboriosa actividade do homem. Descreve a alta e nobre missão da mãe de familia, animando o marido no trabalho, suavizando-lhe as agruras da vida, consolando-o nas suas penas e espargindo no lar domestico os bens, que tem enthesourados no coração, quando la vive a virtude, que faz d'ella um anjo de luz e de consolação nas trevas e nos martyrios da existencia, e realisando pelo amor, aquillo, de que so é capaz a mulher.

O sino dá tambem o signal de incendio, que Schiller pinta, como um dos mais desastrosos flagellos, que affligem a humanidade. O fogo é um dos elementos, que mais auxilia o homem, quando este o dirige; é um principio creador, que satisfaz as suas necessidades, um poderoso instrumento, que lhe serve para vencer a natureza, dominar as suas forças e aproveitar os seus productos: é uma das mais copiosas e perennes fontes de progresso, quando governado pela sua intelligencia; mas quando elle se emancipa das algemas, em que o homem o retem, torna-se um filho livre da natureza, que, abandonado ás suas prodigiosas forças, segue o seu violento impulso, para queimar em vez de vivificar, para devastar em vez de crear: sendo um grande bem, é a maior calamidade, quando escapa ao jugo do homem.

As badaladas fortes e compassadas, que como um grito de morte ferem os ouvidos e levam o susto e a dor ao coração d'uma povoação inteira; o tumulto, que se passa nas ruas; as chammas, que sobem em espiraes para o ceu e que, augmentando e alargando-se, incendeiam, devoram e fazem desaparecer tudo o que encontram; a ventania rugindo e activando o terrivel elemento; o pavor estampado em todos os rostos; a confusão e a desordem por toda a

parte— são descriptos por Schiller d'um modo horrivelmente bello, perdoe-se-nos a expressão. «O ceu está vermelho como o sangue, e esta luz purpurina não é a do dia.» | Que idea, expressa com uma singel-lesa, que mais a engrandece!

Schiller reune 'neste quadro, tam rico e interessante, todas as circumstancias, que podem tornar o incendio mais temeroso. Narra-o como passado de noite; e todos sabem e comprehendem as rasões, por que este acontecimento causa em nós, em tal occasião, uma impressão mais tristemente dolorosa. O fogo depois de romper e consumir o tecto, arroja-se para o ceu, como se elle quizesse, terrivel e poderoso, arrastar comsigo a terra nos seus voos impetuosos. Carrega o quadro de cores ainda mais negras, para o tornar maior; faz estender o incendio ás searas, ás arvores, a tudo o que é propriedade do homem: este, como elle diz, privado d'esperança, curva-se ante o poder immenso de Deus, e ve cheio de pasmo abysmar-se a sua obra. Consumido e devastado, o logar, que elle occupava, é a morada dos aquillões; o terror habita nas aberturas desertas das janellas, e as nuvens do ceu pairam sobre os entulhos.

O homem enchuga nos olhos as lagrimas, que são o triste signal e a melhor expansão das amarguras excruciantes, que lhe dilaceram o coração, que não póde com tamanha dor: o homem volta os olhos para o passado, e este traz-lhe a recordação agora amarga da riqueza e do bem-estar, que então gosava: lança-os sobre o presente, e contempla ruinas, que são o tumulo, em que a mão do infortunio sepultou a sua fortuna: cerra-os para não conhecer o futuro; mas a imaginação enfraquecida e prostrada faz surgir das suas sombras o medonho espectro da fome, extendendo os braços frios e descarnados para a esposa querida, para os tenros filhos e para elle, que não póde dar-lhes o pão. O pai de familia olha pela ultima vez para as reliquias, que alli jazem e attestam, que uma grande perda e uma desgraça horrenda foram soffridas por um homem: depois péga no cajado do viajante, attenta nas cabeças, que o cercam, e tem a felicidade de ver, que nenhuma

lhe falta. É esta uma bella idea, que comprova mais o genio de Schiller.

O homem ve a sua casa desmoronada, as suas searas destruidas; o incendio roubára-lhe tudo, e so lhe deixou a miseria; mas no meio do abysmo de dor, em que o espirito reduzido á atonia, parece que perdeu até a força para soffrer, ha uma idea que o conforta e reanima; essa idea é uma consolação: perdeu a fortuna, mas não perdeu tudo; — tem ainda uma familia, e 'nessa familia uma mulher que ama, filhos que estremece, entes que elle póde ainda apertar sobre o coração, e que podem talvez restituir-lhe ainda a antiga felicidade.

Em noite medonha e tempestuosa, quando no ceu não ha um astro que brilha; mas so nuvens que negrejem, trovões que assustam e relampagos que fazem enfiar, — uma estrella, que ao longe se divise, leva o alento á alma consternada do homem, que a necessidade obriga a presenciar essas grandes orgias da natureza, como alguém lhe chama.

Schiller fala-nos depois do sino, que o seu dobre lugubre e melancolico annuncia a morte; e chora o viajante, que conduzem ao seu ultimo asylo.

De proposito aproveita e escolhe o passamento da mulher, que deixou um homem sem esposa, filhos sem mãe e uma familia sem consolação: morada do silencio e da dor fica sendo, por tam luctuoso acontecimento, a casa que antes era a habitação da vida activa e do doce prazer.

Foi d'um grande conhecedor do coração humano esta associação do toque funebre á morte da mãe de familia.

A occasião, em que o martello do artista quebra o molde, fornece a Schiller o ensejo de descrever uma revolução, em que o sino dá o signal de revolta, e em que o martello da destruição, movido pela raiva do povo, faz estallar e cair a pedaços as columnas do edificio social. Expõe os excessos, que elle commette, os crimes, com que se mancha á sombra do pendão, em que escreve as palavras *liberdade* e *egualdade*, que elle crê serem a justificação de tudo; pendão que elle arvora sempre em cima de ruinas, e cujas dobras avermelhadas de sangue o

vento desfralda sobre montes de cadáveres.

Schiller chama desgraçados áquelles, que entregam a este cego eterno a tocha, a luz do ceu, que o não allumia; mas que póde nas suas mãos incendiar as cidades e devastar os campos.

O povo não é idolo, a que prestemos culto; aquelles que o querem pôr em altares não se lembram, que elle precisa de ser primeiro canonisado, e que por ora não ha 'nelle virtudes, que o fação digno de tal honra. As revoluções têm sido e serão ainda, Deus sabe até quando, um mal necessario; e 'nesses dramas sanguineos, em que o corpo social quer applicar ás chagas pustulentas, que o corroem, remedios heroicos, que as curem e o salvem, o povo tem representado sempre um triste e abominavel papel. A falta de illustração e de virtude muito tem concorrido; são por certo as unicas rasões, para que o povo, saindo dos centros infectos, que são a morada da fome, da ignorancia e dos vicios, sua desgraçada consequencia, se julgue com o direito de roubar o rico, de matar o aristocrata, de arrasar os monumentos e de passar a secure tremenda, afiada com o odio de seculos, por sobre tudo aquillo, em que ve humilhantes vestigios e dolorosas recordações do seu aviltamento e escravidão.

O povo não comprehende que a força consiste em punir pela lei, e a grandesa d'animo em perdoar pela generosidade; e que nada honra mais o vencedor, do que salvar o vencido, quando podia perdê-lo.

O povo, a quem de proposito se tinha faltado com as luzes, a quem se negára o pão do espirito e do corpo, castigava o oppressor com aquillo mesmo, que este julgára um meio para perpetuar a oppressão; e o povo, sepultado no obscurantismo, esmagado pela prepotencia e envilecido pela miseria, não tinha no espirito a instrucção e no coração os sentimentos precisos, para ser grande pelo esquecimento e não pequeno pela vingança.

O escravo não está preparado para a liberdade, não lhe alcança a elevação, não sabe apreciar-lhe as doçuras; e por isso abusa. O povo tem sido nas mãos da Pro-

videncia o terrivel instrumento, de que ella se serve nos grandes dias de sua colera, que ella está cansada de conter, para punir os crimes da tyrania e os desregramentos das nações.

O povo é então uma horda selvagem, que destroe tudo e até a arvore, que lhe dava os fructos e que não póde alimentar-o mais; folga e ri, exulta e enebria-se de contentamento no meio das ruinas, que estão a provar-lhe a sua força. A lei perde o seu imperio no espirito, e a moral não tem ja poder para reprimir homens, que, arrastados e perdidos por paixões, esqueceram, que havia virtude. O povo é uma criança ma, que beija e quebra os brinquinhos, que lhes põem nas mãos, tapeta de flores e faz retumbar de fervidas e entusiasticas aclamações o logar, por onde passa o heroe do dia, o seu querido, que, no seguinte, sóbe á carroça dos condemnados e expira no patibulo, tendo por applausos as gargalhadas ferozes e as vaias insultantes das mesmas multidões, que hontem o victoriaram; e este é talvez um homem, que, cheio de dedicacão e desinteresse, quer felicitar o povo, trabalhando por lhe serem restituídos os direitos, que longas, injustas e odiosas usurpações lhe haviam roubado!; e as fadigas do bemfeitor, que poz ao seu serviço a sua intelligencia, o seu braço e talvez as considerações, que lhe dava o poder, paga o povo, dando-lhe por coroa final a gloria do martyrio!

As torpesas do povo não deshonoram a liberdade, nem os crimes dos homens maculam a pureza dos seus principios.

A verdade da idea e a sanctidade da causa ficam sempre intactas, e não podem nunca ser responsaveis pelo mau estado do instrumento, ou pelo vicio da instituição, que é destinada a applical-as. Se o homem não tem a intelligencia esclarecida e o coração regenerado, ¿que culpa tem d'isso a liberdade? Os horrores d'uma revolução rebaixam o homem, compromettem a sua dignidade, mas nunca a causa.

¿Quem ha ahí, que diga, que o christianismo é responsavel pelos abusos, que o homem tem feito d'elle? As fogueiras e os cavalletes da inquisição, a guerra, dos trinta

annos, a carnificina de S. Bartholomeu, etc., provam, que o homem, ou ignorante ou pervertido, não comprehendia o espirito, ou se rebellava contra as maximas d'uma religião, que, toda de luz, de amor e caridade, pede a fe espontanea, que illustra e moralisa o homem, e não a convicção fingida e forçada, que, imposta pelo fanatismo e pela força, embrutece e corrompe: e ¿ haverá alguém, que diga, que a inquisição, que os abusos do poder espirital e temporal, que os vicios do homem adulteraram a religião? Sublime e augusta nos seus ensinamentos, ¿ deixará ella de o ser, porque houve quem a invocasse, para em seu nome fazer aquillo, que, longe de apoiar e permittir, ella, pelo contrario, reprova e prohibe? Se não adorámos o povo, lamentámos o estado de abjecção, a que so podiam condemnalo regimens, que, como absurdos, não queriam as luzes, e como oppressores odiavam a liberdade. O pobre povo passava como uma propriedade material do poder dos reis para as garras da aristocracia, ou tem caído nas mãos d'algum ambicioso, que lhe lisonjeia primeiro as paixões, para depois lhe sugar o sangue.

O povo ia aos campos de batalha; derramava o seu sangue, sacrificava a sua vida para servir ambições, ou para defender a patria; fazia prodigios de heroicidade e, a final, os despojos, os titulos, os louvores e os louros da victoria eram profanados, pouzando sobre fronte, que pouco ou nenhum direito tinham aos mesmos.

O desgraçado plebeu voltava para casa com a gloria, de que eram unicos mas brilhantes e respeitaveis documentos as mais honrosas cicatrizes. O servo de gleba desbravava e agricultava a terra, que banhada com o suor, que lhe manava das emmagrecidas faces, era fertil e productiva so para o senhor feudal, e não para elle, que, coitado, ficava triste a olhar para o alvião, que nada ou pouco lhe dava. O povo amaldiçoava a sua sorte e chorava; e essas lagrimas queimavam e abriam sulcos largos, fundos e dolorosos no rosto do homem, que sentindo-se livre, se via escravo. O poder monopolisava todo o patrimonio material e moral, que então havia. O povo era uma

massa bruta, um animal de carga, que so devia trabalhar e padecer, e não pensar senão em servir. A historia do povo é uma horrivel tragedia, em que o soffrimento é o final de todos os actos e de quasi todas as scenas. O proletario d'este seculo é ainda o filho legitimo do servo da meia idade, pesando-lhe ainda os encargos de herança amaldiçoada, que aquelle lhe legára.

Felizmente a civilisação vai tomando o encargo de arrancar-lhe do collo chagado a colleira cravejada de pontas de ferro, que la lhe lançára e apertára a perpotencia de outras eras.

Para serem reconhecidos, apreciados e recompensados, não precisam hoje o trabalho, a intelligencia e a virtude, nem de pergaminhos de nascimentos, rotos e muitas vezes enxovalhados, nem dos titulos de fortuna, so notaveis pelo crime e pela ignorancia, á custa dos quaes foram adquiridos.

A influencia moral vai tomando posse do lugar, onde outr'ora estivera enthronizada a força bruta. Nas revoluções o peso dos males presentes, juncto á recordação dos passados soffrimentos, exacerbaram a violencia do odio e a grandesa da dor, cuja expressão eram essas horrendas explosões, que tudo anniquillavam.

A historia, registrando os nomes de Carlos I e Luiz XVI, deixou-nos energico testemunho, de que os povos quebram a taça, que lhes põem nos labios, quando elles se cançam de soffrer o amargo do fel; e que, quando soa a hora dos ajustes de contas, a vingança da victima é sempre terrivel. O povo tem, quasi sempre, razão, quando se levanta contra o poder; mas tambem é certo, que sempre se tem excedido no modo por que o faz. O sópro inflammado e pestilento da cholera do povo queima os thronos, esmigalha as coroas, cresta tudo, em que toca; e o povo então passeia satisfeito sobre as ruinas e o po, unicas coisas do passado, que elle ve sem temor.

Se a sociedade continuar no caminho, por que hoje vai, se o progresso for sempre educando o pensamento e o coração do povo, o terreno ficará depois disposto para fructificar sem custo a semente boa, que la for lançada.

As novas ideas não precisarão então de baptismos de sangue para se evangelisarem e serem professadas; as grandes reformas e os principios luminosos e fecundos virão á luz sem partos dolorosos e excruciantes; a discussão reflectida, prudente e socegada ha de substituir essas agitações, que abalam e desmoronam tudo; a rasão será então a arma das revoluções.

O homem conhecendo a superioridade moral, convencendo-se de que so esta lhe convem, dominará a materia com todos os seus ferozes instinctos, e a polvora e o ferro serão despresados, como indignos de representarem 'numa cruzada, em que o homem ha de discutir e não destruir; e o povo deixará de ser o cego eterno, de que fala Schiller; a luz do ceu será nas suas mãos tocha, que allumia, e não facho, que incendeia.

As estrophes da Canção do Sino, são escriptas 'num tal estylo, diz Staël, que é impossivel serem nobremente imitadas em outra lingua. Ao lado d'esse ruido, duro e forte, que pinta o trabalho, ha versos sublimes d'enthusiasmo e melancolia, inspirados a Schiller pelas grandes epochas do destino humano: os seus pensamentos elevados, as suas bellas e tocantes imagens não se reproduzem bem em differente idioma.

Damos a traducção d'uma estrophe, em que o artista canta a futura missão da sua obra: «O sino, que com o auxilio do fogo nós formámos no seio da terra, attestarã o nosso trabalho no alto da elevada torre. Longo tempo soará o bronze, e muitos homens o ouvirão retinir em seus ouvidos, chorar com os afflictos e casar-se ás preces dos fieis.

«Tudo o que a inconstante fortuna faz aos filhos da terra subirá para esta coroa de metal e a fará vibrar ao longe.»

J. ALVES MATTHEUS

MATHILDE OU A JOVEN CITHARÉDA

I

O assalto ao castello

(Continuado do numero 13)

Theodora apressou-se a entregar aos

soldados um molho de chaves e lhes disse: Aqui as tendes: abri tudo e procurai vós mesmos o que mais vos convier. Immediatamente abriram todas as gavetas e se apoderaram de tudo quanto acharam de roupa, trastes miudos, prata e objectos de preço. Outros desceram á cava e á dispensa, e trouxeram quantas previsões acharam para o quarto da infeliz Theodora, para ahi se entregarem á mais abominavel orgia. Um d'elles, ja meio embriagado, lembrou-se que haveria escondidos pelas paredes alguns armarios, e começando a examinar, chegou a um ponto, em que o som, proveniente da percursão na parede, lhe pareceu differente dos outros. Então, todos exigiram, que Theodora lhes abrisse este armario secreto. Ella obedeceu, bem contra sua vontade, porque assim lhe entregava os seus ultimos recursos. Apoderaram-se d'estas joias com uma alegria feroz; depois cobriram de injurias a desgraçada Theodora, porque lhes não tinha designado logo este armario secreto.

Com isto ainda se excitou mais a sede d'estes malvados. Metteu-se-lhes na cabeça, que ella ainda tinha thesouros mais consideraveis e mais bem escondidos: quebraram todos os moveis, despedaçaram tudo quanto imaginavam ser esconderijo e, finalmente, até as paredes foram quasi demolidas, com a esperanza de acharem outros armarios secretos.

Depois de concluir todas estas tentativas infructuosas, voltaram-se contra Theodora, gritando-lhe indicasse os seus thesouros. A pobre Senhora bastantes vezes lhes disse e repetiu com os mais solemnes protestos, que lhes tinha entregado todas as suas chaves, e que nada mais havia escondido no castello; mas foi em vão, porque a não acreditaram: a sua colera crescendo de mais em mais, levou-os mesmo a arrancar-lhe sua filha dos braços, e, collocando-se todos em tórno d'ella, ameaçando-a com as suas espadas nuas, gritavam-lhe, cada vez mais, que lhes indicasse os seus thesouros escondidos.

Theodora não temendo as armas levantadas sobre sua cabeça, correu á sua filha para a salvar das mãos d'estes bar-

baros. Suas feições transtornadas, sua voz, que despedaçava corações ainda os mais duros, tudo exprimia todos os terrores de uma mãe desesperada. Então um d'elles, com um riso sardonico, exclamou:— ¡Oh! oh! bella dama, achámos finalmente o meio de vos metter medo! Vamos agora ver se é impossivel vencer a vossa obstinação... A estas palavras, agarra por um braço a joven Adelina, que chorava e gritava com todas as suas forças, e diz á desventurada mãe com um tom feroz:— ¡O teu thesouro, ou a faço em duas!

A esta barbara ameaça, a este espectaculo horroroso, a infeliz Theodora, morta de medo e de espanto, caiu sem sentidos no chão. Neste momento, o cavalleiro Carlos de Durcoín, general do exercito inimigo, entrou. Com uma vista d'olhos, tudo percorreu, viu tudo...— ¡Desgraçados! que fazeis!, gritou elle a seus soldados, com um tom de voz, que os fez tremer. Retirai-vos, sahi d'aqui immediatamente, ou eu vos farei dar a morte, de que ameaçaveis estas infelizes. Os soldados, aterrados com a apparição subita e inesperada de seu chefe, deixaram a castellã e sua filha, e apressaram-se a sair, levando comsigo a sua pilhagem. Carlos mandou aos seus criados, que levantassem a pobre Theodora, que ainda jazia estendida sem sentidos. Mandou-a deitar 'numa cama e tomou em seus braços a joven Adelina. Esfregaram a castellã com vinagre, fizeram-na respirar essencias; mas so depois de muito tempo é que começou a dar signaes de vida. Quando abriu os olhos, a primeira coisa que viu foi o cavalleiro estranho, que a tinha salvado das mãos dos barbaros.

(Continúa)

J. DE CASTRO JUNIOR

VICIO E VIRTUDE

(Continuado do numero 16)

Suicida

Não quero mais viver, não quero vida.
CAM. EPIST.

VI

Corria o tempo, e o remorso mais se

avivava na alma de Luiz. Paulo, o celebre Paulo, raro apparecia por casa de seu primo. Quando este lhe dava conta do estado mesquinho, em que se achava, o famoso conselheiro respondia-lhe com palavras de desprezo; ¡menospresava as justas e sanctas reclamações da consciencia! É que o perverso aprende na escola do crime a soffocar a voz do coração, a não escutal-a, quando a não póde anniquillar.

Luiz entristecia a olhos vistos: mal o consolavam os conselhos do seu amigo.

Debalde este lhe dizia, que se não affligisse, debalde esgotava todos os recursos para distrahir-o;— não havia remedio para semelhante dor, que, na duração e intensidade, era excepcional aos males do espirito.

Mathilde era objecto dos continuos cuidados de seu pai, e com razão; porque a infeliz devia de ser na terra uma desgraçada. Embora a amizade procure encobrir o ferrete, que acompanha o nascimento oriundo do crime. ¡A sociedade descaroavel ainda hoje se serve do *immerecido labeo*, para menospresar de filha da deshonra a mais inculpada das victimas!

¡Como se o fructo da seducção e da fraquesa feminina fosse culpado desde o seio da mãe, e tivesse, por tal motivo, de nascer 'num ambiente cruel e todo de castigo! ¡Opinião publica! qual és tu mais ¿ cega ou barbara?

Ao passo que o remorso crivava o coração de Luiz, a esperança ia ajudando o pobre moço a levar a cruz do martyrio.

Esperanças não a tinha elle nas coisas da terra, mas no perdão que o arrependido merece; esperar sempre consolador e justo, para os que trocaram o crime pela paz e virtude da contricção.

As noites passava-as Luiz em calada agonia. Em vão a alma lhe solicitava desaffogo, em vão; porque ante sua esposa, era todo esforço por occultar o soffrimento.

Os dias corriam-lhe mescla de dissimulação e de franquesa. ¡Perante o seu amigo e perante Paulo era o mais perfeito historiador dos soffrimentos d'um criminoso d'outr'ora, atormentado ainda pela dor do seu crime!

Muitas vezes depois de larga e energica exposição da sua desventura, não havia tirado de longa mudez. Pensava nas causas da sua tristeza? Difficil é sabel-o ao certo. É provavel que aquelle silencio profundo accompanhasse o estado especial da alma, em que a consciencia dá conta apenas d'uma so idea, unica a que o espirito então se applica. Para o desgraçado essa idea deve ser a da desgraça, triste como esta, cruel como os rigores d'ella.

Quando Luiz tornava ao natural, desfazia-se-lhe a alma em lagrimas, que cahiam de continuo sobre um peito, que de continuo soffria.

Pedro, que não expatriára do coração o doce sentimento do amor para com os outros, sentia, bem do intimo, não possuir remedio efficaz, para dispensar ao seu amigo, por cuja consolação pozera a vida, se tanto fosse mistér.

Havia ja passado um mez depois que a felicidade da bella Maria fôra calcada por um homem, convertido em ingrato pela fraquesa de character e conselhos d'um parente. Luiz havia recebido diversas cartas da mulher, cuja honra elle comprára com uma mentira. Traziam sempre a direcção da morada de Paulo, onde, no julgar da mesquinha, residia aquelle a quem ella confiára a honra, unico thesouro real que peito feminino pôde possuir; unico porque a belleza, será um bom condão, mas é ventura d'um so dia; e a riqueza material foge, é inconstante, transitoria e avilta aos que se unem com a mira no interesse, tornando-as objecto de compra! Compra, que bem pôde chamar-se escravatura nova, e escravatura que, desgraçadamente, lavra bem fundo, na sociedade de hoje; tráfico em que pais e mãis negoceiam á porfia.

¶ Ide perguntar aos que se têm assim vendido, ás que tem ligado a vida á fortuna d'um homem, por que preço se compram e vendem os affectos do coração! Se vos responderem, talvez a resposta involva longa historia de aturados amargores, revelação de negros, bem negros desgostos!

¶ Que importa? ¶ O brilho do oiro compensa tudo!

A pobre aldeã não possuia, para dar a

Luiz, o mysterioso attractivo metallico: tinha apenas um nome sem mancha, sustentado á custa de frequentes privações. ¶ As pallidas agonias da fome frequentemente provaram aquella alma, que não fraquejára em tal sacrificio! E esta reputação, conservada intacta, a preço de tanta dor, dava em terra, esmagada ás mãos d'um homem, que não sabia o que fazia.

Ultimamente os conselhos de Pedro haviam sido accetos. Luiz escrevêra á infeliz Maria, para que ella lhe enviasse Mathilde, allegando, como motivo do seu desejo, as rasões que Pedro lhe havia indicado, e dando conta do seu consorcio, como passo que dera obrigado. A infeliz mãe não annuira a similhante pedido, e Deus sabe como ella o entendeu. Luiz instára; e tempo havia, que anceiava resposta favoravel.

Era num lindo dia de Julho.

¶ Parecia que a natureza cedêra a um so pensamento; ostentava-se bella em tudo.

O ar estava sereno, o sol não corria ardente e queimador, e o Tejo caminhava suave, beijando as suas margens e despedindo-se d'ellas. O oceano, agradecido, recebia fagueiro, no seu vasto seio, as aguas do rio aurifero.

Para as almas melancolicas e tristes, um dia d'estes é um dia de ventura, quando o não torna amargo algum successo inexperado.

Luiz saíra cedo em procura do seu amigo, a fim de ambos irem esquecer a dor do espirito, no contemplar, sempre admirador, da obra de Deus. Foram e esqueceram o soffrer, que a natureza prende a si mesma alma e coração.

Quando voltavam do passeio, Pedro, ao approximar-se de sua casa, convidou Luiz a descançar um pouco. Entraram. Sobre uma das mesas, que alfaiavam estreita camara, estava uma carta. Pedro tomou-a, leu-a e empallideceu; depois começou de fechal-a, dizendo: ¶ Quanto melhor fôra não termos entrado! Pacieneia: seja o que Deus quizer! Pobre pai! Lembro-me ainda das suas palavras no momento da minha partida: «Nunca mais te vejo, meu Pedro.» ¶ Oh! que se não convertam em horrivel realidade!

— Morreu teu pai?! exclamou Luiz sobre modo assustado.

— Quem sabe, talvez ja tenha dado o ultimo suspiro: por esta carta, sei apenas que está doente.

— É perigosa a doença?

— A molestia em si não é de cuidado; apenas uma leve indisposição; mas 'naquella idade, qualquer doença assusta, e este é o meu unico receio.

— Socega e confia. A confiança em Deus é um bem tam grande!

— Seja o que fór; estou preparado para tudo.

— Não scismes. Naturalmente deve haver-me escripto, e não deixará de contar o que souber a tal respeito. Manda a casa de Paulo; é crível que haja la alguma carta para mim.

Pedro saíu da sala seguido de seu compa-
nheiro, deixando perceber modos de quem pensava 'num alvitre de difficillimo valor.

(Continúa)

JAYME C. MONIZ

O DIA 23 DE JUNHO

TRADUZIDO DO ESPANHOL

E

OFFERECIDO A MEU MANO

O DR. MANUEL CARRILHO GARCIA

(Continuado do n.º 13)

III

A lua reflectia-se um tanto amortecida sobre os penhascos, que quasi coroam o Lanjaron, refractando seus raios no crystalino arroio, que o circunda... Nada interrompe aquelle silencio da morte senão o triste canto do mocho e o surdo murmurar do arroio. O vento soprava brandamente, agitando as folhas das arvores: as flores do campo esparziam um perfume encantador, afagadas pelo suave zefiro.

Era ja cerca de meia noite; o silencio tinha succedido ao buliço 'naquella povoa-

ção encantadora: uma ou outra ronda se ouvia ao largo pelas ruas.

De quando em quando, á janella d'uma das casas da rua principal, assomava um hamem, como para examinar se alguem atravessava por ella; convencido de que ninguem absolutamente o via, com voz abafada chamou seu criado.

— João!.. João!.. tira-me o cavallo...

O criado obedeceu, e poucos momentos depois via-se um homem, com seu cavallo a trote largo, partir em direcção a Orgiba. Este homem era o meu amigo.

Aonde ia, que fim era o seu, que rasões tinha para aquella hora avançada caminhar por uma estrada exposta, somente com seu criado, foi um enigma para mim, que o estava observando. Por ultimo julguei que iria a alguma parte aonde o teriam chamado.

No tortuoso caminho, que conduz a Orgiba, via-se, ja depois da meia noite, um homem, que cavalgava umas vezes a trote, outras a passo lento; ás vezes seu formoso rosto, que se deixava ver debaixo de seu largo chapéu branco, parecia animado por uma luz celestial; consentia então caminhar seu cavallo com seu costumado vigor; de repente, porém, e como se tivesse alguma coisa, soffreava-o obrigando-o a andar a passo.

Grande devia ser o combate, que se dava em seu coração. Quanto mais se aproximava de Orgiba, tanto mais vagarosamente andava, e tanto maior era a nuvem que lhe cobria o rosto: aquelle homem, que indubitavelmente devia ter outras vezes passado por aquelle caminho a todo o galope, ia agora lentamente...; em seu coração alguma voz falava, que lhe mandava, que não chegasse.

Ja está perto da rampa proxima do povo, e nem uma palavra tinha ainda dirigido a seu fiel criado, coisa que este muito estranhava... Acabava de passar a dita rampa e á porta d'uma casa, que fica á direita do caminho, o meu amigo fez parar o cavallo.

— Espera-me aqui, João, disse entregando-o ao criado; e entrou pelas ruas de Orgiba com passo rapido.

IV

Y se el alma es immortal
aun mas allá de la tumba
mi amor por ti será igual.

Coc.

Era uma hora da noite do dia 23 de Junho de 18...

Branças nuvens agrupando-se e marchando com essa velocidade, que tanto nos admira, quando nos detemos a observá-las, pareciam numerosos batalhões, que tomam um ponto, que o perdem e tornam a recobral-o repetidas vezes; assim a lua se mostrava umas vezes refulgente mas adornada com um grande circulo opaco, e outras se perdia debaixo da densidade das nuvens.

Um ligeiro troar annunciou a proxima tormenta. O vento crescia a todo o momento...: tristes e solitarias estavam as ruas de Orgiba. Um homem somente, embuçado em um capote de camellão e com um leve chapéu de castor branco, caminhava com passo precipitado em direcção á rua de S. Antonio; seus passos eccoavam na proxima igreja, notavel por suas torres á similhaça das *angustias* de Granada, percebendo-se tambem o som metalico de suas esporas.

Este homem parou de repente á porta da igreja: por seu formoso rosto correram duas lagrimas...: sem duvida elle orava.

¿Mas porque orava? ¿achava-se em algum conflicto? Seu semblante 'naquelles momentos era inexplicavel; tam depressa estava triste, como alegre ou furioso: seu rosto apenas se deixava ver debaixo das largas abas de seu chapéu.

(Continúa)

M. J. CARRILHO GARCIA

AO MEU AMIGO E COLLEGA A. C. DA SILVA MATTOS

Se minha debil voz, se meus gemidos
Podessem devassar triste morada,
Aonde jaz sem vida a prenda amada,
Que tanto me enleou os meus sentidos;

Se podessem chegar a seus ouvidos
Os prantos da minha alma angustiada;
Se podesse inda ver, ¡oh! malfadada!
Teus olhos e teus labios resequeidos;

Se podessem meus braços estreitar-te
De encontro ao seio meu, como outr'ora,
Quando tinha a ventura de gosar-te;

¡Oh! que feliz! ¡Oh! que ditoso eu fóra!
Mas ¡ai!.. triste de mim! ¡So posso dar-te
Uma prova da dor, que me devora!

Goes — 6 d'Agosto de 1858 J. RAMOS NOGUEIRA

NO ALBUM DA EX.^{ma} SR.^a D. M. C. N.

Esta lauda quero-a cheia
Que mal fóra dal-a assim;
Era coisa muito feia
E que estava mal a mim
Ir deixal-a toda em branco,
Nem que eu fosse coxo e manco.

Venham lyrios e boninas,
Rosas, cravos, açucenas,
Flores grandes e pequenas,
Outras muitas coisas finas;
E depois a poesia,
Com suave galhardia,
Irá toda até o fim.

Palavrões — dos retumbantes,
Tres estrellas scintillantes,
Com seus risos adubadas,
E outras coisas misturadas,
Nos darão em resultado
Um poema apastellado;
Que a poesia de cartel
Não é mais do que um pastel.
E até creio que o trovista
Tem *seu que* de pastelleiro;
Se não dá tanto na vista,
Se não tem mais amadores,
E que faz sempre d'amores
Toda a sua guisaria.
E depois, o «coração»,
A «suave viração»
E um *kirie* sempre em *ão*,
Que tem toda a poesia,
Torna o poetico piteu
Um pratinho semsabor,
¡Tam sem sal, pimenta e cor...
De tirar-se-lhe o chapéu!

É por isso, e eu confesso,
Que detesto o *trovejar*;
Tanto ás ruínas sou avesso,
Que já tive a bella idea
De fugir ou desmaiar,
Para d'ellas me escapar.
Desmaiar é coisa feia;
Mas se até as cosinheiras
D'aquellas mais *corriqueiras*,
A tal moda seguem já!..

Mas é certo, descuidei-me,
Nas palavras enfronhei-me,
E por pouco chego á capa;...
Mas agora a versalhada,
Como está encapotada,
Talvez seja agasalhada,
Escapando á gargalhada;
— «Quem tem capa sempre escapa.»

Luso — Setembro de 58

NORONHA

Á MEMORIA

DA EX.^{ma} SR.^a D. ANTONIA ESTRADA DA SILVA

Pallida e fria, como a estatua funebre,
Que se debruça na final jazida,
Cerradas suas desbotadas palpebras,
Curvado o collo, como a flor pendida:

Envolto o corpo em funeraria tunica,
Que em sua alvura a candidez revella;
Mudos agora seus risonhos labios,
Cingida á fronte virginal capella:

¡Eil-a!, coitada, inanimada e livida,
Dormindo o somno, que não sei se finda;
Porque os mysterios, que nos veda o tumulo,
Ninguém os soube decifrar ainda!

¡Flor, que mal tinhas o purpureo calice
Aberto aos mimos d'esp'rançosa aurora,
Exhausta a seiva ao desdobrar das petalas,
No po da campa — eis-te arrojada agora!..

A tua vida, qual visão, foi rapida;
Tranquilla e pura, qual ribeiro ameno,
Que o azul reflecte da celeste cupula,
Mas que se turva co' o menor aceno.

Antes assim . . . , ao acabar da infancia,
Perder a vida sem remorso ou queixa,
Do que mais tarde, ver trocada em mágoas
A vã saudade, que esse tempo deixa.

Antes assim, — do que tua alma angelica,
Da vida vendo resequir-se as flores,
Contaminada pela fria d'úvida,
Vergasse ao peso d'infinitas dores.

¡Ai! ¿quem previra teu destino, vendo-te
Risonha e alegre — nos passados dias?!
¿Hoje, coitada, qual inerte marmore,
Quem já se lembra como então sorrias?!

¡Flor, que mal tinhas o purpureo calice
Aberto aos mimos d'esp'rançosa aurora,
Exhausta a seiva ao desdobrar das petalas,
No po da campa — eis-te arrojada agora!

13 de Julho

A. S.

CHARADAS

Nas fachas infantis inda involvido.— 1
De mim recebe o ser licor jucundo.— 2

De saudades viver te ordena o fado,
E que para penar fiques no mundo.

Mas tu bem podes,	Deixar o mundo,
Terna deidade,	Fugir prazeres,
Trocar em gosos	E d'este crime
Justa saudade.	Forjar deveres:

D'amor não fujas,	Nem t'o permite
Que te convida	Culta rasão,
A entrar de novo	Nem soffre tanto
N'amante lida.	Teu coração.

So almas fracas
Não dão valor
Aos doces mimos
Do deus d'amor.

João B. V. P. DE B. E VEIGA

Sendo agua crystallina, }
Sou gentil, mimosa flor: } 1
Minhas pétalas mimosas }
Dos jardins são o primor. }

Eu sou ma por natureza, }
Apesar de boa ser: } 1
Meus requebros são airosos, }
Meu aspecto faz tremer. }

Nas terras as mais longinquas,
Nos continentes, nas ilhas,
Minhas irmãs de mim contam
Prodigios e maravilhas.

N.º 16.º { 1.º Aurora.
 { 2.º Mesquita.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira



Ainda ha dois dias se celebrava o seu anniversario,— uma primavera. A noite immediata cerrou-lhe para sempre as sombras,—uma eternidade!

M. L.

No seu ceifar incessante, a morte bateu á porta do paço dos reis e escolheu uma victima. Viu-se o monarcha sem esposa, sem rainha o povo; um thalamo vazio, aberto um tumulo.

Ao throno, que com o nosso fundador partilhou uma Mafalda, com D. Diniz uma Sancta Izabel, com D. João II uma Leonor e com D. João IV uma Luiza de Gusmão, ascendêra ha poucos mezes a regia princeza ESTEFANIA DE HOHENZOLLERN SIGMARI-GEN, pelo seu casamento com a Magestade Fidelissima de D. PEDRO V. A fama das suas virtudes apregoava-a digna successora das piedosas rainhas portuguezas, o seu enlace com o joven monarcha deu-lhe o amor de todos os seus subditos.

Nasceu a 15 de Julho de 1837, entrou em Portugal a 17 de Maio de 1858, morreu a 17 de Julho de 1859. Viveu vinte e dois annos e dois dias, foi portugueza quatorze mezes completos. Em tam curto praso de tempo deixou de si largo perfume de saudade, sem tenue sombra de remorso.

A sua morte, para Ella premio, foi para todos licção. Olhemos para o solio, e, se não nos curvâmos ao poder da realesa, inclinemo-nos ante a magestade do infortunio. Em annos tenros D. PEDRO V tem soffrido como homem e como rei. Da corôa, que todos lhe presagiaram de flores, so tem colhido os espinhos. Alcançado o throno a preço da orphandade, achou-se a braços com a febre, que devastou a capital; viu depois a espada de Brenno pesar na balança da nossa independencia; e hoje, remate ao cyclo de dores, experimenta a solidão d'uma precoce viuvez. A felicidade não escolhe estados ou condições, e evita muitas vezes o alcaçar dos poderosos. Bem se pôde o mundo chamar eschola da adversidade, logar de provação, que provada de desgostos tem corrido a vida mais preciosa do reino, hoje prostrada sob o golpe, que mais pôde rasgar o coração do homem.

A 20 de Julho a rainha D. ESTEFANIA desceu ao jazigo da Casa de Bragança, mas o esquecimento não pesará todo sobre Ella. Seus actos de extremada caridade, que a appellidam a — Piedosa, — tornarão seu nome eternamente grato. É a memoria das virtudes, digamos com M. L., uma como fragrancia das almas. Pôde estar longe a planta: o perfume que deixa lhe evocará o nome e lhe resurgirá a imagem.

A. A.

REVISTA

Tinha-se, no passado numero, promettido uma *revista*, especialmente consagrada ao bello sexo, que narraria mysterios dignos de serem archivados nas *paginas negras* de algum padre Diniz, disfarçado com o modesto epitheto de *seringador*, d'estes em que, para tedio e nojo eterno dos contemporaneos, tanto abundam as columnas d'alguns jornaes de provincia.

¡A golodice era tentadora!.. e em mais de uma nacarada boquinha as brancas perolas... d'Ophir (comparação sancionada e exigida pelo uso) mordiam de impaciencia os labios, que se crispavam, aguardando o desejado pomo, ¡cujo nectar, no paladar de muitas, se havia de tornar em amargoso absintho!... Mas os mysterios, que sempre são mysterios, não se descobrem assim: o *revisteiro raspou fiscalmente* os seus numerosos apontamentos, fazendo bancarrota com os capitaes, a que ja as amaveis leitoras tinham direito; e tudo isto sem ao menos ter a feliz lembrança de nos deixar alguns *canudos de arame e ferro*, á vista dos quaes, por um momento, poderdessem enganar o publico sequer um instante...

¡A falta de uma revista era a sentença, não digo ja de morte, mas ao menos de degredo temporario d'este numero! O compositor, o impressor e o distribuidor, ululavam em *tercetto* as mais forozes maldicções sobre o *revisteiro*, quando um feliz (!) acaso me fez encontral-os. ¡Nunca viajante algum foi assaltado por tres mais esfaimados lobos!.. Não havia remedio senão ceder; e a custo das abas e golla da minha pobre sobre-casaca empenhei a minha palavra, em que havia de escrever uma *revista*.

Esta violencia, que não previra o codigo penal, neste ponto assás deficiente, sirva de desculpa

..... ao novo atrevimento.

É porém mui verdade, que a *revista*, que offereço ao publico, *mutatis mutandis*, tanto pode ser de Pekim como de Constantinopla, do Cairo como de Madrid, de Lisboa como de Stokolmo; mas eu preferi que fosse de Coimbra, e a rasão, no meu entender, é obvia.

A affluencia das familias da cidade a Luso, esta sanguesuga insaciavel, que, durante dois ou tres mezes, devora as economias de um anno; as viagens ao pittoresco Bussaco; os preparativos para os banhos da Figueira e os trabalhos rusticos das quintas, tudo, tudo nos vai sem piedade roubando a pouca vida, que ainda nos restava no principio das ferias. O actual marasmo da risonha filha do Mondego poder-se-ha comparar ao entorpecimento da giboa repleta, que a fome so póde acabar; com a differença de que, tendo a Lusa-Athenas o estomago mais fraco, tambem mais longa e demorada é sua digestão; porque, segundo certos dados da sciencia experimental, atrever-nos-hemos a profetisar o fim d'essa apathia no primeiro de outubro, quando, acordando ao toque horrisono da *cabra*, mergulhar, com a soffreguidão da avaresa, as emmagrecidas mãos nas bolças um pouco mais recheadas dos filhos de Minerva.

De espaço a espaço se ve o larva de algum sapateiro em descanço; o espectro de algum alfaiate sem obra, mas que, para não perder antigos habitos, ainda conserva as mangas da jaqueta tornadas agulheiro e o pescoço cabide de retroz; o archeiro, abdicadas as insignias do seu illimitado e despotico poderío, tornado á vida burgueza; o caloiro felpudo, como o felpudo bode do patrio Herminio, que são, por assim dizer, os exclusivos passeantes e moradores da Coimbra actual, outr'ora tam folgasã, tam jovial e tam ruidosa.

O fatal acontecimento, que derramou o lucto e a consternação no seio de Portugal, ainda mais augmenta a monotonia, em que vivemos: ja a *Floresta do Mondego* não é o ponto de reunião do *mundo elegante*; essas frondosas arcadas de floridos cabaceiros ja não abrigam em seu recinto as graciosas imagens das leões conimbricenses; nem o suspiro, que algum enternecido coração exhala, vai quebrar-se d'encontro aos caniços de viridente milheiro: tudo, tudo que existe na actual Coimbra, sem exceptuar a minha *revista*, é a nata, a essencia, o daguerreotypo da semsaboria.

ESTUDO SOBRE AS POESIAS DE SCHILLER

(Continuado do n.º 17)

VI

O Ideal é outra poesia, que é geralmente tida como a mais perfeita manifestação do genio e caracter de Schiller, profundidade e melancolia, palavra que hoje está muito em voga, de modo que a idea, que ella encerra, é reputada indispensavel condição de bellesa.

Nas scenas da natureza um quadro melancolicó commove mais o coração; numa paisagem rica de plantas, de verdura e de flores um rochedo musgoso, pendente sobre um abysmo, uma arvore ja carcomida, que um tufão abateu, faz scismar o homem, que, descendo até o sanctuario da alma, reflexiona ahi sobre o seu destino e sobre outras grandes ideas, que a criação lhe inspira; na mulher a melancolia realça-lhe a formosura, e é fonte de mil attractivos. Não ha muito, que ouvimos dizer a alguem, que falava com sua amante, que ella era melancolica como uma meditação de Lamartine: entre milhares de tolices foi a unica coisa, que apresentou com mais acerto; mas, a tal excellentissima Senhora era uma tristissima e miserrima vulgaridade, que não tinha nem formosura, que merecesse tal finesa, nem intelligencia capaz de a apreciar.

¡Lamartine! ¿ porque não escondeste teu talento, essa chamma tam pura e divina, debaixo d'um meio-alqueire, para não poderem profanar as tuas creações os parvos, que te não comprehendem? Por um, que te entenda, tens milhares de leitores, que te chamam grande, so porque o ouvem dizer.

A melancolia, esse doce sentimento, que o christianismo, ensinado pela mãe do poeta, inoculára no seu coração, é um dos mais bellos attributos das *Meditações de Lamartine*; eleva o espirito, consola-o e deleita-o com os mais puros arrobamentos. ¿ Que importa que lhe chamem chora-mingas, se as suas lagrimas fazem chorar, se elle sabe chorar como ninguem e é grande até 'nesta fraquesa da humanidade?

O Ideal é tambam uma lagrima derra-

mada por Schiller sobre o passado: o scepticismo entrára-lhe 'nalma, e qual torrente impetuosa, que tudo devasta, levára-lhe a fe, que vivifica, e deixára-lhe a duvida, que mata. As tempestades do mundo deram-lhe em terra com os planos de felicidade, mostrando-lhe, que esta palavra era aqui uma palavra sem sentido. Vagueára pela alta região das illusões; e, quando a mão do destino fez cair o castello maravilhoso, que a sua imaginação levantára, caiu tambem; e quando olhou—so viu miserias; e foi então que deu um gemido d'angustia, que mettia dó.

Era uma alma de poeta, que, tendo creado uma sociedade pura, generosa e boa, como ella,—so encontra torpesas.

O poeta fala do tempo, em que abraçava a natureza com o amor e a ardencia da mocidade, até que ella respirasse e aquecesse sobre o seu coração, até que ella achasse uma voz para lhe responder e lhe desse beijos d'amor; era então, que para elle viviam a arvore e a rosa, e que o limpido arroio entoava para ella cantos harmoniosos: o mundo pareceu-lhe grande, em quanto esteve velado o fructo, que d'elle esperava. Traduzimos alguns versos, que por certo não desagradarão ao nosso leitor, quando, por exemplo, elle diz: « que via diante de si o risonho cortejo da vida, o amor com seus doces favores, a fortuna com sua aurea coroa, a gloria com seu diadema estrellado e a verdade com seu brilho celes-te»: mas logo fugiram d'elle todas estas imagens infieis; a sêde do saber fatigou de balde sua alma sequiosa, e as sombrias nuvens da dúvida cubriram o sol da verdade; elle viu as sanctas coroas da gloria profanadas em frontes vulgares: a sua vida é silenciosa e triste como a morte, e no seu negro horisonte brilha apenas uma pallida luz de esperanza, e esta luz é a amisade, que o consola no soffrimento, que o anima na afflicção e que cura todas as feridas: dois versos á amisade e ao amor do trabalho terminam a poesia; é um bello final, que em tal obra soube aproveitar a mão d'um grande mestre.

O Passeio é outra poesia tambem notavel, e uma das melhores do auctor, e, como

tal, mais geralmente apreciada e louvada: o poeta pinta a natureza como a encontrou, quando deu um passeio, e vai fazendo altíssimas observações, inspiradas pela contemplação e exame dos objectos, que á vista se lhe offerecem.

Admiravel nas descripções, Schiller é simples, vigoroso e grande como Homero, que se não vexaria de os ver comparar. As ideas aqui são elevadas, e magnifica a sua fórma: Schiller pensa bem e fala com nobresa; mostra sempre que é um profundo philosopho e um grande pintor. Schiller tinha a ambição do bello, que não realisava nunca, dizia elle; descontentava-se com a idea, que achava pequena e trivial, e descoroçoava com a fórma, que lhe parecia sempre baixa e grosseira. Schiller aspirava á perfeição, e d'ahi vinham os seus desalentos e tristezas. Desejava a perfeição na palavra e na imagem, e d'ahi provinha a lucta desesperada contra a lingua, que encontrava pobre, dura e insufficiente. Esforçava-se em a colorir, espiritualisar e inflamar, dando-lhe o fogo e o ardimento da inspiração, que lhe abrasava a mente. As puras delicadesas do sentimento, as mais altas concepções do pensamento e as mais vivas cores da imaginação ficavam frias e descoradas na tela material, onde o gelo e a mesquinhez da lingua as arrefecia e embaciava. Eram notas divinas 'numa harpa humana. Schiller teve relações de amizade com Goethe: é bello e tocante ver a docilidade, com que Schiller escuta as suas lições e segue os seus conselhos.

Nunca o pequeno sentimento da feia rivalidade ou de baixa inveja passou pelo seu espirito. Schiller era o primeiro a exaltar as producções do seu grande mestre e a curvar reverente a frente, que allumiava tambem a aureola do genio, ante aquelle, que então era o rei da litteratura na Alemanha. Schiller com ingenuidade dizia, que, quando lia Goethe, ficava desconsoado e triste, por não ser grande e original, como elle.

Schiller lia Homero, examinava as grandiosas producções e o rico patrimonio litterario, que nos deixou a antiguidade, estudava os poetas de todos os paizes e de

todos os tempos, e desanimava, entristecia-se; temia sempre o ser pequeno, e apresentar so copias frias e imitações bastardas.

Quando elle via a fecunda variedade, o pathetico profundo de Sackspeare, a poderosa originalidade, e a riqueza de imaginação de Goethe, ou se ria de si como de um tolo, ou se indignava como d'um atrevido, que, sendo um zero ao pe d'esses grandes vultos, se lembrava de escrever sobre os mesmos assumptos.

As epochas muito illustradas são pouco favoraveis á poesia.

Na infancia da civilisação a linguagem era singella, e as impressões mais profundas e fortes. O espirito não tinha tantas e tam variadas ideas, mas o coração tinha mais sentimento, e a imaginação mais ardor e vivacidade. Maculay, diz bem, quando prova, que o adiantamento das sciencias, o derramamento da instrucção, o aperfeiçoamento successivo, e as constantes descobertas, fructo da intelligencia e dos aturados trabalhos do homem, nenhuma influencia benefica exercem sobre o melhoramento da poesia.

Pensam mal aquelles, que afferem o progresso das artes imitativas pelo das sciencias. Hoje pensa-se mais, está mais larga a área dos conhecimentos, ha muita idea, mas menos sentimento, que nos tempos de rudesza e simplicidade, em que o homem tem melhores disposições para ser poeta, exprimindo e pintando em linguagem sempre animada e colorida as inspirações, que da natureza recebe.

Nos nossos dias discute-se, analysa-se, commenta-se, trabalha-se muito; mas cria-se pouco. Procura-se a verdade, e apreciam-se as ideas, que esclareçam a intelligencia e que guiem e auxiliem na vida: quer-se positivismo e realidade, e dá-se pouca importancia a imagens e phantasias.

Maculay diz, que a poesia está para a imaginação, como a lanterna magica para os olhos: esta tem mais effeito ás escuras; aquella attinge melhor o seu fim em epochas pouco civilisadas.

Os antigos sentiam abalos extraordinarios, quando liam, ou ouviam recitar ou

cantar trechos dos seus poetas queridos; desmaiavam, choravam e faziam coisas, que hoje causariam compaixão, ou excitariam riso.

A linguagem hoje é precisa, rigorosa e philosophica, como o espirito do homem.

A vida de Schiller foi uma contínua serie de trabalhos e desgostos, uma lucta incessante contra a secundidade de conhecimentos, que no seu tempo havia, nos assumptos, que elle tratou. Hoje é mais difficil ser original e grande poeta, que 'noultras eras. O homem, que 'numa sociedade illustrada quizer distinguir-se 'neste genero, precisa prescindir das ideas, que tem, e reduzir-se a ser creança, diz o illustre critico de Milton. Schiller receava sempre repetir o que outros ja tinham dito e melhor, que elle.

Quem quizer possuir uma noticia mais completa das poesias de Schiller, leia-as e estude-as; e consulte e medite a *Allemanha* de Stael. Isto que nós escrevemos, e que é mais uma impressão mal descripta, do que um estudo propriamente dito, é feito sobre a traducção de Marmier.

Infelizmente não sabemos o allemão, que estudaremos, se Deus nos der vida, saude e occasião. São immensas as vantagens, que d'isso se tiram. Basta dizer-se, que a Allemanha é hoje a grande escola da Europa; não ha paiz em que mais se tenha trabalhado e mais se tenha conseguido nas sciencias e na litteratura, e talvez até nas artes: o sceptro da intelligencia pertence hoje incontestavelmente á Allemanha. Esperámos, que não hão de decorrer muitos annos sem que o conhecimento d'aquella lingua seja exigido, como condição indispensavel, ao homem, que quer estudar a sciencia, ou dedicar-se á litteratura. O allemão entrará a final no quadro d'uma boa educação litteraria, como até aqui tem entrado e é util que continue a entrar o latim. A julgarmos pela claresa e elegancia da linguagem franceza, e pelos creditos de que gosa em França a traducção de Marmier, parece-nos, que o pensamento foi transcripto em toda a sua originalidade, e que o traductor se esforçou pela reproducção a mais fiel possivel da fórma. A traducção é em pro-

sa; desapareceu, por consequencia, uma das condições essenciaes da poesia, a harmonia, condição a que damos pouca attenção. Se a poesia tem conceitos grandes, riqueza na linguagem e força no estylo, transporta-nos o espirito e move-nos o coração; e com isto nos satisfazemos.

Apesar d'alguem dizer, que ler poesia traduzida é o mesmo, que ler musica em vez de a ouvir, o numero das syllabas e a sensação, que a palavra causa ao ouvido, são coisas, em que não attentámos nunca; nem se nos dá, que aqui haja faltas, com tanto que na poesia appareça o que mais essencial lhe é. Traduzir bem é muito difficil; o pensamento e a sua expressão nunca fica tam bem nos moldes novos, em que a vasam. Não estamos muito certos; mas parece-nos, que Lamartine diz na *Viagem ao Oriente*, que custa menos fazer um livro, do que traduzil-o; não é tanto assim: para traduzir basta alcançar bem o sentido do auctor, e ter perfeito conhecimento d'ambas as linguas, attenção e trabalho; condições, que podem dar-se em alguem, que não tenha uma intelligencia superior e largos conhecimentos no assumpto, a que se applica; e, finalmente, sempre foi mais facil copiar, do que crear.

A natureza da lingua allemã e o genio peculiar de Schiller são coisas, que, como o proprio Marmier confessa, o embaraçaram muito. As cores ligeiras e as tintas vagas e vaporosas da lingua, e de que muitas vezes a poesia recebe a sua principal belleza, somem-se na nova lingua, e não podem jamais passar para a traducção.

O poeta era dotado d'um genio, de que eram caracteristicos a philosophia e o idealismo, de modo que cerca algumas vezes a idea d'uma fórma tam abstracta, que custa a achal-a e a comprehendel-a. Não queremos dizer com isto, que as poesias de Schiller sejam como muitas, em que ha muita imagem bella, muita palavra bonita e sonora; mas em que não apparece um pensamento, por mais activas diligencias, que se empreguem, para o encontrar debaixo d'esse luxo inutil e d'esses ouuropeis, que agradam aos olhos; mas que não dão nada ao espirito. São arvores, em que a vegetação é pomposa

e luxuriante, cobertas de folhas, cheias de rosas; mas em que não colhemos um so fructo, quando estendemos a mão: poesias d'essas são moedas de cobre dourado; e ainda a comparação não é rigorosa; porque debaixo do formoso involucro sempre ha coisa, que vale, ainda que pouco.

Quando lemos os *Raios e Sombras* de Victor Hugo, espantavamo-nos, por não encontrarmos ideas substanciosas, que debalde procuravamos. O nosso juizo, que tractavamos de repellir do espirito, como altamente injurioso ao genio, que nos dera o *Ultimo dia d'um condemnado*, *Nossa Senhora de Paris* e o *Rheno*, não nos atreviamos a declarar-o a ninguem, temendo vel-o clasificado de paraxodo.

Ha aqui um immenso vasio, pensavamos a sos comosco; mas ¿quem sabe, se é tal a transcendencia do que diz o poeta, que não chega la a nossa intelligencia? Gustavo Planche veiu tirar-nos da duvida, confirmando a nossa primeira opinião; todavia este illustre critico é por vezes falso e exagerado.

O estudo sobre as obras de Chateaubriand é mais uma verrina descabellada, do que uma analyse seria e imparcial. Chateaubriand não tem conhecimentos, e, 'nalgumas obras, como o *Genio do Christianismo*, não passa d'um bello falador. Gustavo Planche affirma isto á face do mundo-litterario, que, talvez indignado com tal asserção, continuou a admirar o livro.

A traducção de Marmier não está perfeita; nem d'isso se deve admirar ninguem: é o reflexo vago, pallido e incerto do crepusculo, derradeiro adeus do sol, quando este desaparece do horisonte; todavia nem a mais remota similhança tem com esses livros, escriptos em linguagem, que muitas vezes não é portugueza, e cujo estylo é sempre francez. Causam horror a as devastações, que, pelos bellos e ricos dominios da nossa lingua, fazem hordas de barbaros, que so mostraram a sua ferocidade vandálica. Homens que não conhecem bem nenhuma lingua, e so arrastados pelo amor do ouro, e nunca incitados pelo interesse, e pelo proficuo adiantamento da litteratura, corrompem e deturpam a lingua, que offe-

rece tantos e tam valiosos titulos á nossa estima e respeito, porque é a nossa, e porque é boa. E essa gente não tem remorsos; se os tivesse, talvez, que em pavorosa visão, lhes apparecessem, tremendo de horror, no fundo das sepulturas, as cinzas de Fr. Luiz de Sousa, Camões e Garret. Este ultimo, 'numa Ode a Filinto Elisio, talvez a melhor das poesias de *João Minimo*, apresenta-se como sentinella vigilante da integridade da nossa lingua, cujas galas e primores elle mostrou conhecer e apreciar nos livros, que nos legou o seu verbo. Se Deus permittisse a resurreição, elle não poderia ja ter mão na indignação, ja não escrevia so, obrava tambem; brandia o asorrague, e zurzia-os sem dó.

Com a auctoridade do mestre e a força do campeão, se tem erguido ahi alta e austera a voz de Castilho, para defender e vingar os foros do que tam caro lhe é: é de balde; porque o seu brado soa 'num deserto, onde ha ouvidos para escutar tudo, menos o que é bom. As devastações continuam em grande escalla. O Hercules, que ha de expurgar a terra portugueza d'estes assassinos da sua lingua, é o tempo e uma civilisação mais séria e madura. Perdoe-se-nos a digressão, que não veiu la muito a proposito: quando tocamos 'neste objecto, não podemos conter-nos, que não falemos.

Tendo falado do escriptor, occupemo-nos um pouco do homem: se aquelle é um modelo para imitar, pela grandesa dos seus poderes intellectuaes; este é um exemplo a seguir, pelas virtudes que o nobilitaram. Schiller foi um bom cidadão e um excellentente pai de familia:—a boa fe era uma das feições mais preeminentes do seu character. Modesto como Newton e humilde como Fenelon, foi sempre superior ás pequenas vaidades, e nunca se deixou embriagar pelo incenso da gloria, que lhe offertava a Europa e a Allemanha, que se orgulhava de ver 'num dos seus filhos um novo Sackpiare.

Quando na alma do homem vivem sempre abraçados a virtude e o genio, este é uma joia sem preço 'neste mundo. Schiller desprezava os prejuisos da sociedade, não se deixava fascinar pela esperanza do

successo, nem arrastar pela prespectiva do lucro: falava e escrevia, como pensava e sentia; prostituir a convicção e mentir á consciencia parecia-lhe um crime, que, commettido, reputaria sem expiação. Elle comprehendia bem, como diz Stael, que acima do amor da gloria está o amor da verdade, que faz dos homens de letras sacerdotes guerreiros d'uma nobre causa. Schiller deixou uma grande lição a esses poetas, ou melhor metrificadores prosaicos, que, falando so de regatos, que murmuram, de brisas, que ciciam, de *paixões, que lhe refervem la dentro*, da ingratição das suas amantes e d'outras coisas tam pequenas como elles, se julgam com o direito de receber do publico o culto consciencioso e solemne, que os seculos têm prestado a Homero.

Schiller deu tambem uma boa lição aos litteratos, que, escravizando a intelligencia ao estomago, condescendem sempre com o gosto do publico e tratam de preparar manjares para paladares ja estragados, prostituindo e mercadejando com o que é mais ideal e mais nobre.

Schiller morreu ja: pagou o tributo á caducidade da natureza; porém a centelha immortal, que animou e vivificou o vaso de barro, deixou ca monumentos tambem immortaes, como o principio que os creou.

A refulgente estrella, que o braço de Deus fixou no ceu d'Allemanha, projectou os seus raios luminosos por todo o horizonte litterario, onde deixou um rasto de fogo, que allumiará sempre a humanidade.

(Concluido)

J. ALVES MATTHEUS

UMA LICÇÃO POR UM OCULO

Nem todos os homens têm as mesmas condições de energia moral em todos os tempos. Para uns é o inverno, com seus chuviros, com suas manhãs de geadas, com suas noites de ventania, a fada benta, que lhes desperta a imaginação, lhes aguça o bom gosto, e, da imaginação e bom gosto, faz surgir maravilhas de ingenho e arte, para instrucção e recreio dos queridos leitores. Outros é pelo avesso; não se acham

senão nos ardores da canicula, e não mister, que a inspiração lhes esteja a cair no papel, d'envolta com as bagadas de suor. Estes que taes tem, as mais das vezes, suas appareças com as cigarras; tagarellam muito e não dizem nada.

O verão é a sesta da litteratura. De dia é pouco o tempo para mudar de roupa branca: de noite nunca é de mais para namorar a lua, ou contar as estrellas.

Este preambulo vale uma explicação e uma desculpa; accites as quaes, entremos em materia.

No dia 29 de Junho d'este anno foi dia de S. Pedro.

O sol nascêra, como é de costume, e ao meio dia em ponto tinha completado ameadade da sua carreira. A noitinha foi refrescar-se nas aguas asues do Atlantico, unica coisa, que, de toda a viagem, era muito para invejar.

Tudo isto, porém, que nós aqui escrevemos em bem poucas linhas, levou, ainda assim, umas quatorze ou quinze horas; e 'neste meio tempo muita coisa se fez 'neste mundo-tareco.

Por exemplo:

Logo ás oito horas da manhã almocei eu, com bastante appetite, ovos fritos com pão, manjar apreciabilissimo 'nestas boas terras, para onde o destino jogou comigo; e, de guarda-sol em punho, dirigi-me sosinho a uma eminencia, que não é pico nem montanha, d'onde se avista, para o lado do sul, um arvoredado basto e copado.

O pittoresco do sitio moveu-me a curiosidade, e, 'num volver d'olhos, tinha desembolçado do paletó um oculo d'alcance e entrevisto o que, a olho nu, me fôra impossivel: um palacete no centro d'aquella verdadeira.

Em regra, onde ha casas ha gente, e onde ha gente ha acção.

Ou fosse este raciocinio, ou outra causa qualquer que desconheço, o facto é que por muito tempo não afastei d'alli a vista. Dominava-me um interesse inexplicavel pelos simples objectos que tinha diante, que aliás bem merecem as honras d'uma descripção.

O corpo principal do edificio era um quadrilongo regular, que corria de nascente

a poente, e a cujo tópo, pelo lado do norte, em perfil comigo, se estendia um largo terrasso, especie de plata-forma, de seus vinte e cinco a trinta pés de comprimento, sobre desoito a vinte de largura. O chão era lageado de quadrados asues e brancos, dispostos á similhaça d'um taboleiro de xadrez. Em volta era debruado de alegretes, onde crescia o kacto real, estendendo as pernadas cheias de flores por cima de corrimãos de verbena e caniçadas de craveiros amarellas, alternados com assentos de marmore, por de cima dos quaes se copavam os jasmims e os martyrios.

Na parede em frente abriam tres portas de vidraça, symetricas e elegantes, que davam entrada para o interior da habitação.

Parecia um aleçar de fadas; e uma mulher alli completaria a illusão.

Um cedro gigante abrigava aquelle retiro dos raios do sol, ao mesmo tempo que derramava a melancolia no espirito, pelo contraste da sua severidade com aquella vegetação viçosa e luxuriante.

Estava mesmo a tentar para dois amantes no gosto do *Bernardin de Saint Pierre*.

Andava-me a fantasia brincando com estas lembranças, quando a vidraça do meio se abriu, e um vulto branco assomou ao lumiar da porta.

Assestei-lhe o oculo immediatamente, e o que vi que o digam anjos.

Mas como nem todos estão em graça para ouvir os anjos, para esses ahí vai um retrato.

Era uma mulher, que poderia servir de modelo ás estatuas gregas, se a cor morena e o olhar de fogo não lhe realçassem encantos, que o marmore não reproduz. Uma testa vasta, nariz pronunciado, bocca escrupulosamente regular e uns dentes alvissimos faziam d'ella um typo de character para um romance de cavallaria.

Trajava vestido de cassa, branco, com tres laços de fita azul celeste.

Entrou de vagar e espraçou a vista a todos os recantos.

Convencida de que estava so, caminhou firme ao angulo da esquerda, bateu as palmas tres vezes e foi assentar-se no angulo opposto.

Não pôde porém socegar dois minutos. Levantou-se e foi olhar de perto as tres vidraças. Quando chegou á ultima desmaiou um quasi nada, virou-se um instante para traz, abriu-a e desapareceu.

Fiquei furioso. Mandei o meu oculo á tabúa, mentalmente, ja se entende, que me deixava ficar boquiaberto diante de quatro paredes. Foi a primeira vez em minha vida, que me senti curioso até tal excesso.

E ainda não sei porque. O que tinha visto bem podia ser naturalissimo.

Talvez fosse o oculo que dêsse magia a tudo aquillo; que, realmente, a unica maneira boa de ver as coisas d'este mundo é por um oculo.

O certo é que, eu dava 'nessa hora dois piparotes no diabo para elle me deixar ver o segundo acto da comedia.

Ou fosse que o diabo tivesse lido em meu pensamento, ou que o que tem de ser tem muita força, alguns segundos depois a visão tornou a mostrar-se e agora em duplicado. Acompanhava-a um mancebo alto e magro, que parecia falar-lhe com bastante intimativa.

Ella ora suspirava, ora sorria; e eu dava-me a perros por não lhes poder ouvir nem palavra.

O querer pôde muito. Tanto appliquei o ouvido, que por fim ja percebia quasi tudo.

Dizia elle:

— Mas ¿para que me has de constantemente martyrisar com ciumes injustos, se sabes perfeitamente que em menos de oito dias sou teu, exclusivamente teu?—

— É que me parece tamanha essa ventura, que sempre duvido. ¿Se soubesses como te amo!

E volvia-lhe olhares de tanta ternura, que, atravez do oculo, eu mesmo estremei.

— O verdadeiro amor, continuou, é sempre egoista, e o egoismo em amor é ciúme. Assim como me parece impossivel amar alguem, que não fosses tu, assim estalava de dor na hora, em que novo amor partilhasse o meu em teu coração.

O mancebo, por unica resposta tomou-lhe a mão e apertou-a com força de encontro ao seio.

Sentaram-se ambos 'num dos assentos

lateraes, e estiveram calados alguns instantes. Estavam-se revendo um no outro, com todo o ardor d'um amor correspondido.

Foi elle que quebrou o silencio.

—Ha hoje dois annos, principiou, que te vi a primeira vez, e d'então para ca não tenho tido um instante, que de ti não tenha vivido, um pensamento unico, que te não tenha dedicado. Nunca desconfiei de ti, e apesar d'isso não me têm faltado desgostos. A calumnia tem-te querido infamar, e eu sempre repelli taes ideas. Uma palavra tua descança-me inteiramente. Dil-a, e serei feliz: jura-me que, alem de mim, nenhum homem te occupa o pensamento.

A jovem olhou para elle muito séria, e permaneceu extatica por largo espaço. A final cobriu o rosto com as mãos e desatou em soluços.

—Basta, meu anjo: não chores, que me fazes morrer. Perdoa-me este pensamento indiscreto e a minha injusta exigencia, continuou elle; e temando-a nos braços, quiz estreital-a ao peito.

Ella, porém, erguendo-se 'num pulo, lançou-o longe de si, e caminhou sem vacillar até ao meio do terrasso. Ahi parou, e virando-se para elle exclameu com voz entrecortada:

—O Senhor é cruel até á demencia. ¿Tem acaso alguma prova para me assacar tamanha injuria? Offendeu ao mesmo tempo o meu amor e o meu amor-proprio.

—Mas eu ja pedi perdão, e ainda não perco a esperanza de obtel-o. Impõe-me penitencia, que por ti sujeitar-me-hei a tudo.

E cahindo-lhe aos pés tentou beijar-lhe a mão, que ella ja não teve animo de retirar.

Ficaram as pazes feitas, e elle retirou-se, promettendo-lhe em sua consciencia, que nunca mais daria entrada a um pensamento menos airoso para ella.

Fiquei tam contente como se me tivesse sahido a sorte grande. Até larguei o oculo para dar palmas. Aquella mulher ficou divinizada no meu conceito, porque, á virtude sem mácula reunia character e delicadesa. Era uma mulher como a desejára para mim.

'Nisto fitei o oculo de novamente.

¡Estive para arrancar os olhos! Aquelle anginho approximára-se do alegrete, e estava toda debruçada para baixo. D'ahi a um nadinha quebrava o sêllo d'uma carta, e eu pude ler tambem:

«So duas palavras: Obrigado pela tua cartinha, e manda dizer-me com certesa o dia do teu casamento. Eu serei contigo. Coragem e cara alegre. Todo teu.»

Ella correu immediatamente a casa, e um quarto d'hora depois voltou com resposta.

Quando porém ia entregal-a, como se alguma coisa importante lhe tivesse esquecido, rasgou á pressa o sobrescripto e percorreu-a d'alto a baixo.

Eil-a:

«Não te posso agradecer tanto amor, se não correspondendo-te por equal. Talvez mesmo te exceda. Podes crer, que a tua imagem querida não se me arredou ainda um instante do coração. Não sei de certesa, mas parece-me que me casam breve. Peior para elles. Succeda o que succeder, amar-te-hei sempre com equal affecto.»

Tirou depois um lapis, e alli mesmo accrescentou em *post-scriptum*:

«Não percas uma unica occasião de nos vermos. Ninguem desconfia, e á noite vamos onde sabes.»

Acabou-se tudo. Não tive ensejo de ver ou saber mais nada; mas o que vi ensinou-me. Não a crimino, mas já a não queria para minha mulher.

Cada vez dou por mais bem empregado os quatro mil réis, que dei pelo oculo.

J. SIMÕES FERREIRA

Maximas, pensamentos, etc.

Não desanimeis nunca diante da vossa pobreza, ou inferior condição; a pobreza converte-a o trabalho em magnificos cabedaes; a condição—as virtudes em brilhantes titulos.

INED.

NÓ ALBUM D'UMA MENINA

(IMITAÇÃO DO POETA HESPAÑHOL—MADRAZO)

¿Tens visto de um ceu nublado
Brilhantes gotas descer?
Olha, filha de minh'alma,
Chama-se a isso *chover*.

Dize: —¿do ceu dos teus olhos
Não viste ás vezes baixar
Gotas eguaes? —Pois, menina,
Chama-se a isso *chorar*.

As nuvens e as nossas penas
Gotas e lagrimas são:
Do mar as nuvens saíram,
As penas do coração. (F.)

UN ANGEL MAS

A la prematura muerte de la Señorita
D. Antonia Estrada da Silva

C'est à nous d'effeuiller
De roses sur tes cendres;
V. Hugo

¿Que lugubre clamor los aires hiende,
Llevando por doquier terror y espanto?
¿Porqué donde resuena se suspende
De subito el placer, y corre el llanto?

Es la parca cruel, la muerte fiera,
Que baja de su asiento, y, con rigor,
Vá a segar, en su verde primavera,
La virgen vida de lozana flor.

¡Tente, muerte feroz, no seas ligera!
¡No tu golpe descargues homicida,
No seas tan cruel, ¡espera!.. espera!..
No arranques ese arcangel de la vida!

Escucha de su madre los gemidos:
Sus hermanos te piden compasion...
¡Oh! miralos... contemplalos unidos,
Demandarte el amor del corazón!

¿Y hábran de ser de marmol tus oidos
A los llantos que exhalan de dolor,
Al ver tan pronto asi desvanecidos,
Dieziseis años de tan puro amor?

.....
¡Tente!.. ¡Tente!.. ¡Espera!.. ¡Espera!
.....
¡Cielo santo!..... ¡Sucumbió!..

Empalideció su frente,
Yace en polvo confundida,
Estan sus ojos sin vida,
Sus labios ya sin color:
Ya no respira su boca,
Ya su pecho nó palpita,
Ni ya en su mente se agita
Ninguna idea de amor.

¡Muerte! lograste tu fin;
Apagaste su hermosura:
Es mentira la ventura;
Nadie dice soy feliz.
¡Mentira! ¡mentira! si;
Vanos ensueños dorados,
Vanos placeres soñados,
Soñamos en vano aqui.

¡Que si hay alguna igualdad
En este mundo engañoso,
Si el pobre, si el poderoso
Son unos ante una ley:
Esa ley es el decreto
Que el cielo á todos nos dió:
Sujeto en ella quedó
Desde el vasallo, hasta el rey.

Una y mil veces dichosa,
Pues com tu muerte inocente,
Ha coronado tu frente
Una corona inmortal;
La corona virginal,
Esa diadema radiante,
Com que has volado triunfante
A la mansion celestial.

Coimbra, 13 de Julio 1859

J. W. MUNNÉ

FLOR-DO-RIO

Existe no Mondego um lindo barco,
Tam lindo, tam gentil, que nunca as ondas
Do meu sereno rio outro embalaram
Elegante como este na figura,
Na carreira veloz: retalha as aguas,
Das varas dos barqueiros impellido,

Ou inchando-lhe o vento o branco linho,
 Certo como um passaro. Do Tejo
 Não navega de certo na corrente,
 Coalhada de mil bateis formosos,
 Tam formoso batel; e nas regatas
 Da outr'ora Veneza decantada
 A gondola ligeira não vencêra
 O meu ligeiro barco: á noite a lua,
 Quando da lympha no crystal polido
 Vem mirar ledô rosto alabastrino,
 Em beijos de mil raios o oscula:
 As brisas do Mondego o acariciam:
 Dedica-lhe seu canto a philomela;
 E dos verdes chorões e dos salgueiros
 Os ramos o cortejam, quando corre
 Do doce rio pela clara veia:
 Bemfadaram-lhe sorte venturosa
 As nymphas d'estas margens no momento,
 Em que ás aguas desceu a balançar-se;
 E um nome lhe pozeram tam suave,
 De magico perfume recendente,
 Que so as bellas nymphas poderiam
 FLOR-DO-RIO chamar ao lindo barco.

Era alto o sol: soprava a aragem fria
 De desembro, nos troncos descarnados
 Sibilando das arvores: nos campos,
 Ja de flores despídos, tenra hervinha,
 Que aqui e alli nascêra, como soem
 No nosso Portugal nascer as plantas
 Na frigida estação, a debil haste
 Pendia immurhecida da geada,
 Que a noite lhe chovêra copiosa;
 E no nevado curso do Mondego
 FLOR-DO-RIO sereno deslisava.

'Num bordo do batel donzella airosa
 As vistas captivava enamoradas:
 Do Mondego era a flor, que conduzia,
 Soberbo do seu peso, FLOR-DO-RIO;
 Era a perla dos campos engastada
 Na mais formosa concha do Mondego.
 A onda fugitiva, em homenagem
 Áquella virgem linda, vinha o barco
 Com osculos de amor beijar submissa:
 Brillante o sol, nas aguas retratado,
 Fazia arder as aguas com ciume
 Dos raios, que manavam os olhos d'ella;
 E quaes palhetas d'oiro reluziam
 As areias em torno, que recamam
 Do meu rio paterno o fulvo leito.

Graças, mimo, celeste formosura,
 E uns olhos, de bellas mil inveja,
 Tinha a virgem donosa; e com taes dotes
 A nympha nos prendêra em laço estreito
 Vontade, e coração, e alma, e vida.
 Em rapido volver, quando casadas
 'Num raio nossas vistas se encontravam,
 O brilho das pupillas fulgarantes
 Accendia no seio a ignea chamma
 De violento amor, desejo ardente:
 Occultavam-lhe as vestes mil segredos,
 Mil encantos, e graças, e thesouros,
 Que so os olhos d'alma em ledô sonho
 Se atreviam a medo profanar-lhe.

Mas o barco ligeiro resvalava,
 Abrindo na corrente larga esteira;
 E as varas, que os barqueiros impelliam,
 Fendendo as doces ondas, semeavam
 No liquido crystal brilhantes gotas.

Ja distantes, apenas se distingue
 Do barco e donzella o vulto incerto;
 Mas o gesto suave, as ternas vistas,
 Que calaram no peito do mancebo
 Fogosas emoções,— ainda vivem,
 Guardadas com saudade na lembrança.

1854

A. A.

A PERSIANA

¡Indiscreta! a persiana
 Corre, e na fofa ottomana
 Vem sentar-te junto a mim.
 Quero dizer-te um segredo
 E receio... Tenho medo
 De que nos vejam assim...

Respira o mundo a maldade;
 E ¿quem sabe?... talvez ha de
 Imaginar... ¡eu sei la!..
 ¡Ha gente que é tam perversa,
 Que d'esta nossa conversa
 Quanto lhe lembre dirá!

O meu segredo, contado
 Sem mysterio, perde o agrado,
 Perde os encantos que tem...
 ¡Fecha, pois, a persiana,
 Que mais doce luz emana
 D'esses teus olhos, meu bem!

¿Occultas nos arvoredos,
As aves ternos segredos
Não dizem 'numa canção?
—Tambem á casta zagala
Vai o pastor procural-a
Dos bosques na solidão.

A lua, que o sol affaga,
Através nuvem presaga
Tambem ás vezes reluz:
E ¿ha quem diga, porventura,
Que ficára menos pura?
So tu... ¡que teima!—Jesus!

¿Não fechas, não? Basta..., basta...,
De mim os olhos affasta,
Senta-te longe de mim:
Não te conto o meu segredo...
Mas ainda tenho medo
De que nos vejam assim.

¡E a pedires que t'ó conte,
Sabendo que alem defronte
Ha quem nos esteja a ver!
¡Amanhã,—mal fosse dia,
Todo o mundo saberia
O que so debes saber!...

¡Que diriam, se sentados,
Bem junctos..., quasi abraçados,
Nos vissem a sos estar!
Assim... assim... ¡mais unidos,
Mais... inda mais... esquecidos...
Confundindo nosso olhar!...

Em teu collo a minha frente,
E a tua mão docemente
Apertando a minha mão...
Agora nada mais peço;
O meu segredo começo...
Mas ¿a persiana?... então?!

¡Graças!... Eis a persiana
Fechada, e sobre a ottomana
Tu sentada juncto a mim.
Vou contar-te o meu segredo;
Porque ja não tenho medo
De que nos vejam assim.

Agosto de 58

A. S.

EXPEDIENTE

Com este numero termina o 3.º trimestre da publicação d'este jornal.—Rogámos aos Senhores Assignantes, que queiram continuar, e cuja assignatura precise de ser renovada,—se sirvam mandar logo satisfazer a importancia dos trimestres, por que novamente subscreverem.

É *Administrador* d'este jornal o — Sr. Miguel Dias Pereira.

Os recibos, cartas sobre pagamento e quaesquer outros papeis, que digam respeito aos interesses materiaes d'esta redacção — serão d'hoje em diante, assignados pelo mesmo Senhor; assim como toda correspondencia, com relação a este mesmo objecto, lhe deve ser dirigida — franca de porte.

O muito trabalho, que actualmente pesa sobre nós,—obriga-nos a confiar, d'hoje para o futuro, a revisão dos artigos d'este jornal aos empregados competentes da Imprensa da Universidade.

Conveniencias d'esta redacção, leva-nos, não obstante os seus excellentes serviços, a substituir o nosso antigo commissario no Porto pelo — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira.

V. DA SILVEIRA

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coimbra* — loja da imprensa da Universidade; *Lisboa* — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.; *Porto* — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; *Viseu* — Sr. Francisco Gomes Pinto; *Pezo da Regoa* — Sr. Manuel Mendes Osorio; *Evora* — Sr. V. J. da Gama; *Bragança* — Sr.; *Lamego* — Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão* — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria* — Sr. José Pereira Curado; *Aveiro* — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; *Faro* — Sr. Feliciano José Alves Braga.

PREÇOS

	SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno	1\$240	1\$460
Trimestre	360	450

A redacção fará publicar, e muito agradecerá os escriptos, que lhe forem remettidos, particularmente pelos lentes e estudantes da Universidade de Coimbra e das Escolas de Lisboa e Porto.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

REVISTA

Não ha nada em Coimbra, que mais estimule nossa actividade, do que o toque da *cabra*, esse tanger lastimeiro e monotono do sino da Universidade, que, em dias d'aula, nos recorda tantas obrigações penosas, tantas esperanças concebidas, tantos desejos, tanto amor, tanta ventura sonhada...

! Oh! o toque da *cabra* exprime um mundo, com todo seu movimento, com todas suas paixões, com toda sua energia!

! É elle, que nos marca os dias de trabalho, trabalho voluntario, mas dolorosamente productivo; trabalho que nos eleva o espirito, que nos alarga a intelligencia, que nos aperfeiçoa!

E cada dia, que passa, e cada triumpho no incessante lutar da intelligencia com a fria inercia,—é uma obrigação, um incommodo de menos; é uma esperança realisada; é um passo mais na satisfação do desejo, do amor, da ventura sonhada...

! Os desenganos! ¿que podem os desenganos num peito varonil, cheio de seiva, aquecido pelo fogo d'uma idade de vinte annos?..

! Dôr aprazivel de meu trabalho, sonhos dourados de minha imaginação, calai-vos, que o sino da Universidade ja se não ouve! Tudo descança na natureza; ¡repousai vós tambem!

Assim discorria um pobre caloiro ao ouvir as ultimas badaladas da *cabra* agonizante; e o caloiro tinha razão; porque, realmente, tudo progride, tudo acaba em Coimbra com o toque da *cabra*.

Com o encerramento das aulas, vem, por assim dizer, o imperio da materia; o estu-

dante parte para sua localidade, onde procura *digerir* os mezes, que lhe restam de férias.

Os lentos e as poucas familias, que podem em Coimbra constituir uma sociedade rasoavel, desapparecem pouco a pouco, e lá vão banhar-se nos ares frescos e saudaveis de afastadas quintas, nas tepidas e mansas agoas de Luso, ou nas frias e revoltosas ondas do oceano.

Por ultimo: todos dão seu *mergulho*: a servente, o artista, o commerciante; o rico, o pobre; o honrado, o tractante; o sabio, o tolo; o aristocrata, o plebeu,— todos, todos desapparecem como por encanto, para surgirem depois, avidos de dinheiro e de novos prazeres, de sciencia e de estúpida semsaboria, á superficie do turbado mar de Coimbra, que, nas horas de seu renascimento, se agita e referve com todos ventos, com todas variações atmosphericas..., por mais ligeiras, por mais imperceptiveis, que nos pareçam...

Logo que se deixa de ouvir o toque da *cabra*, Coimbra começa a ser um ermo horroroso; e a insipidez, o desconsólo, o enjoo divisa-se no rosto dos poucos, que, por considerações domesticas, ou outros motivos, nella permanecem ainda.

Em fim: a terra dos amores converte-se em terra de martyrios.

Debaixo de taes impressões, sem estímulo, sem vida, sem o *anjo*, que no deserto nos inspira..., a nossa *revista* d'hoje não póde deixar de resentir-se dos mesmos males, das mesmas penas, que affectam seu auctor.

Defenderam theses em philosophia dois estudantes distinctissimos, os Sr.^s Albino Augusto Giraldes e Antonio dos Santos

Viegas Junior. Folgámos de ouvir um e outro: sua argumentação foi clara, nervosa, eloquente; e revelára a cada passo o alcance não vulgar de seus talentos e o grande fundo scientifico e litterario, que ambos possuem. A faculdade de philosophia, onde ja conheciamos homens eminentes por seu saber e virtudes, acaba de adquirir um maior gráu de esplendor com a admissão em seu gremio de dois mancebos tão illustrados, tão polidos, tão cavalheiros, em fim, como os Sr.^s Viegas e Albino Giralde.

Damos-lhes pois aqui os nossos mais sinceros parabens, tanto pela refulgente corôa, com que Minerva lhes enfeitára a fronte, como pela gloria, que lhes provirá dos importantes serviços á Universidade, que todos esperam de sua indole reformadora.

Em direito, e poucos dias antes, passára por egual solemnidade, e com os mesmos créditos, de que sempre gosára, o Sr. Manuel Nunes Giralde. E no dia 31 de Julho teve logar a cerimonia de seu doutoramento, a que se seguiu o jantar do costume.

Assistimos a elle: eram 6 horas da tarde: a intensidade dos raios do sol havia diminuido consideravelmente: corria uma brisa ligeira e suave: os passarinhos, esvoaçando de ramo em ramo, pareciam satisfeitos do dia, entoando-lhe canticos de saudade e amor, em côros melodiosos.

No meio da Floresta do Mondego ostentava-se alegre e espaçoso pavilhão: suas columnas eram de murta e flôres: seu tecto de alvissima téla. De columna a columna viam-se suspensos brancos e transparentes cortinados, que, terminando em ondeantes e repetidas pregas, deixavam ao ar e á luz franca e graciosa passagem. Tres candelabros de bronze dourado, alimentados a gaz, pendiam do tecto; e espargiam pouco depois, através mesmo de seus baços globos, torrentes de luz sobre os variadissimos objectos, que, collocados por ordem, embellesavam todo aquelle recinto.

Uma vastá mesa, coberta de adamascada toalha, se estendia d'um ao outro extremo do pavilhão: jarras de porcellana enfeitadas de dhalias, melindres, cravos e baunilha a guarneciam e poetisavam; e as garrafas e

os copos de crystal; e os pratos, e as jarras, e as flores — tudo scintillava e cobria com seus reflexos de infinitas côres as iguarias, que, fumegantes ainda, inundavam a atmosphera de exquisitos perfumes.

A curta distancia achava-se collocada uma das philarmonicas conimbricenses, com suas fardas agaloadas e seus penachos brancos e vermelhos, e tão afinada, tão bem dirigida, que não tinha inveja ás melhores bandas regimentaes: algumas girandulas annunciaram o principio do banquete; e o joven doutor, e o Sr. Conselheiro A. Forjaz, que lhe servira de padrinho, foram tomar assento na cabeceira da mesa ao som da mais alegre e revoltosa mazurca: todos os antigos mestres, condiscipulos e amigos do novo doutor, que poderam ser convidados e que ahi estavam reunidos, os seguiram; e o jantar principiou no meio dos mais bellos auspicios e lisongeias esperanças.

Ha porém muitas vezes uma grande distancia entre o que parece e o que é: assim o que julgáramos mel, não era senão fel...; as rosas tinham-se convertido em espinhos.

Applaudamos, pois, o Sr. Nunes Giralde por seus bons desejos, generosidade e cavalheirismo; mas lastimemos a *demasiada ambição*, talvez, do Sr. Domingos Maria Pereira, empresario d'aquella festa, que tanto se comprometteu a si e podéra comprometter os que 'nelle depositaram cega confiança. Um jantar de quarenta e tantas moedas em Coimbra, devêra ser um jantar verdadeiramente de principe, se não em superflua abundancia, pelo menos em variedade e qualidade.

Aconselhámos ao Sr. Domingos uma *visita de aprendizagem*, não diremos a Paris, mas a Lisboa, d'onde, acreditámos, voltará mais *elegante e equitativo*.....

É digno de mencionar-se, entre outros discursos, o que em honra de seu afilhado, improvisára alli o Sr. Conselheiro A. Forjaz: apesar de sua extensão, que mal se casa sempre, em taes occasiões, com a *ligeiresa* dos espiritos, suas palavras não só agradaram, mas encantaram, commoveram profundamente. O Sr. Conselheiro recebeu muitos e bem merecidos *apoiados*.

Por ultimo, este banquete se foi pobre

em horas,—foi assás rico em agradáveis impressões: todos as sentiram, e muitos as guardam ainda com saudade.

Tem occupado bastante desfavoravelmente os animos dos conimbricenses a desastrosa polemica, que, nestes ultimos dias, tem tido logar entre o presidente e vice-presidente da camara d'esta cidade. Lastimámos devéras a tristissima posição, em que ambos se collocaram na imprensa, *regateando-se* o sentido, o valor d'uma palavra, que a nosso ver, nem merecia as honras d'uma *diversa*, em qualquer dos jornaes, em que S.^{as} Ex.^{as} tem escripto monstruosamente. A reconciliação não será difficil entre cavalheiros de tanto talento, e das mais nobres qualidades.

A alguns estudantes de jurisprudencia não tem dado tambem pouco em que pensar o *projecto de reforma* das disciplinas da faculdade de direito, que ha dias publicára um jornal de Coimbra. Parece-nos, porém, que nos não enganaremos, se affirmarmos, que ou elle não terá o apoio das camaras na proxima legislatura, ou, se o tiver, não se limitará tão somente ao que 'nelle se propõe, mas adquirirá gigantescas proporções, como aconselha o estado pouco florescente, em que na actualidade se observa entre nós aquelle importantissimo ramo dos conhecimentos humanos.

Lembrára-nos concluir a nossa revista falando do bello sexo conimbricense; mas tão raras vezes o vemos, que mal nos recordam seus defeitos ou suas perfeições.

Dá-se tambem a circumstancia, de que a maior parte de nossas conhecidas ou são casadas, ou estão para isso. Falar d'estas seria, alem de imprudente,—perigoso...; a mulher casada ou *promettida* é, para o folhetinista ou revisteiro, o mesmo que, para os rapazes traquinas, um menino Jesus de cera em redoma de vidro: se lhe tocam,—quebra-se o vidro, e o menino... derrete-se.

Entretanto, cedendo á necessidade de augmentar o interesse d'esta revista, copiaremos d'um precioso manuscrito, que ha bem pouco tempo caíra em nossas mãos, algumas linhas, que, falando da mulher de Coimbra em geral, talvez com demasiado

rigor, a nenhuma poderá offender em particular. Eil-as:

Mas... ¡Sancto Deus!..

Fiquemos por aqui.

V. DA SILVEIRA

VICIO E VIRTUDE

(Continuado do numero 17)

Deixemos os dois em quanto falam com o criado, e este vai e volve, para darmos conta de certo caso, preciso para uma explicação, tão util e necessaria, como qualquer das que nas camaras tem logar a cada passo. Desculpe o leitor esta quasi interrupção. É muito precisa, e por isso forçoso que transijamos com as aliás respeitaveis theorias do romance.

A entrada da aldêa de ** ha uma pequena casa, cuja apparencia para logo denota a pobreza do morador. Ao acanhado das dimensões, accresce a velhice das paredes já fendidas e ennegrecidas pelo tempo. Na frente do humilde edificio abrem-se duas janellas; e uma porta estreita e baixa abre a entrada. Nesta casa, onde mora a mãe da desditosa Maria, passaram-se os factos de que consta a seguinte narração, fielmente extraída da carta que Pedro recebera, a qual não continha coisa alguma, que se parecesse com o que elle dissera ao seu amigo:

Havia ja algum tempo que Maria caíra em profunda tristesa. Ja o riso lhe não roçava os labios, nem a alegria lhe apparecia no rosto. Triste, sempre triste era como a encontravam as suas amigas. Aos 4 de Julho de 1835 resolveu terminar a existencia e ir procurar no suicidio a paz, de que não podia gosar na vida. Retirou-se com Mathilde para a sua camara, fechou a porta d'esta, adormeceu a filhinha, e ás onze horas da manhã, segundo disse, libou mortifera bebida. A occasião era opportuna. A infeliz tinha quasi a certesa, de que ninguém iria procural-a durante o lidar com a morte; a mãe da desgraçada havia saído para apenas tornar á noite.

Por um acaso, voltára porém antes da hora aprasada, pouco mais ou menos pelas

duas horas da tarde. Entra, procura por Maria, pela netinha, ouve gemidos, corre ao quarto da filha, encontra a porta fechada: redobram os gemidos, grita, acodem os visinhos: 'num momento é pedaços a porta e juncto de Mathilde, que dorme tranquilla, juncto da filhinha, encontra-se a mãe, que se debate nas agonias da morte.

— ¡Filha, que tens!? exclama a pobre velha, correndo para Maria e abraçando-a.— ¡Que fizeste!?

— Não se afflija; vou descançar brevemente... Não podia viver, não devia... ¡Ail!.. E as convulsões do vômito cortavam-lhe as expressões, quasi a instantes.

Cedo appareceu o medico; tarde, bem tarde vinha comtudo o auxilio da arte. Ja não havia remedio, que podesse salvar a desditosa.

— Tu, meu anginho, ficas sem mim; mas não ficarás orphã de mãe;... a minha... ha de ser igualmente tua... E a filhinha, que os gemidos da mãe não haviam perturbado até então, acordára, como se de proposito, lançára os delicados bracinhos ao pallido collo de Maria e começára de chorar, ¿sei eu la porque?! pouco depois repousava pela derradeira vez proximo áquella, que a trouxera á luz.

O momento final ia-se approximando.

— Venha, querida mãe; quero pedir-lhe perdão; o perdão d'uma mãe... é como o perdão de Deus... Não chore; morro... quando devia morrer... , quando a minha existencia só podia servir para a envergonhar... e para envergonhar esta creaturinha... Dê-me um beijo...; os beijos d'uma mãe são tão consoladores, tão cheios de affecto... ¡Oh! sou mãe, sei quanto valem! E abraçou a mãe, tirou do seio uma carta, estava fechada: mande-a entregar: diga-me, que a ha de mandar entregar, diga...

— Sim, filha, mas ¡que ideias as tuas! ¿Cuidas que morres?

— Morro... morro...; sei o que fiz para morrer! ¡Ah! deixe-me beijar a minha filhinha!

Curvou a fronte e beijou Mathilde. ¡A vida como que se lhe concentrára toda 'naquelle symbolo, ultimo, de immenso amor, e que toda se fóra quando elle saíra dos

labios! Depois a infeliz recostou-se na cabeceira do leito, declinou a cabeça para o lado esquerdo, poz uma mão sobre a filhinha, que tinha adormecida no regaço; a outra, que havia sido desamparada, deixou-a cair, como que insensivelmente sobre o coração, que tanto amou e tanto soffreu, soltou um gemido e depois era cadaver!

— ¡Maria! filha! balbuciou a mãe, caindo desmaiada. Não houve resposta; não acordam os mortos á voz humana!

A desventurada Maria não parecia, de morta, menos bella.

Tinha os cabellos loiros exparzidos pelos hombros: os olhos, que tanto a enganaram, conservava-os semi-abertos. Dir-se-hia, que se não haviam podido despregar da innocentinha, que dormia tranquilla no regaço d'aquella, cujo nome a nova orphã-sinha tantas vezes repetira, e fóra o primeiro que aprendêra. Depois succederam arranjos modestos, para um funeral modesto; a noticia espalhou-se pela aldêa. ¡Matou-se a menina da Sr.^a Rosa Maria! ¿porque? perguntavam todos. Todos o ignoravam; suspeitava-o alguém.

Mas ¿para quem era a carta, que Maria entregára a sua mãi?

Volvamos a casa de Pedro. Na camara d'este acharemos a explicação do enigma.

Luiz recebêra com effeito uma carta de Maria. Está pallido, parece louco. Chora, abraça o seu amigo, atira-se para sobre o leito, levanta-se, passeia e exclama frequente: «¡Desde o berço, Pedro, desde o berço, sempre desgraçado!»

Pedro procurára preparal-o.

A carta que recebêra da patria conta-valhe isto mesmo. O receio porem do mal, que semelhante noticia, dada sem prevenção alguma, podia produzir em Luiz, obrigou-o a faltar á verdade.

Cumprindo com as obrigações do romancista, transcrevemos a carta de Maria, expressão do sentir d'um peito materno, da generosidade d'uma mulher sem ventura.

Eis a carta:

«Apesar de eu ser hoje pessoa naturalmente indifferente ao Sr. Luiz Carlos da

Costa, não soffre meu peito materno, que lhe não escreva pela derradeira vez.

«Não cuide que me vou queixar do passo que deu. As queixas d'uma mulher, nas minhas circumstancias, encontrariam, em resposta, o riso apenas e o escarneo, e, quando outra coisa encontrassem, essa não seria já para mim, porque cedo a terra compassiva ha de abrir-me o seio.

«Experimentei os rigores da fome e a cruesa das privações, na esperança d'uma sorte, que já não posso ter.

«A fe e os sentimentos, que me embalararam no berço, acompanharam até hoje e têm sido meus anjos de guarda, têm-me ajudado a supportar, resignada, a dor e o tormento. Sabe, Sr. Luiz Carlos, que lh'ó não digo, por fazer alardo de meus afanosos trabalhos.

«Hoje, novo martyrio experimenta minha alma já cançada. Não posso viver vida sem honra. Tudo aprendi, menos a levar semelhante cruz. Cabe-me pois terminar as horas de amargura, ¡unicas, que correm e têm corrido para mim!

«Neste mundo é meu inseparavel companheiro intenso e dolorosissimo padecer: — no outro ¡póde ainda salvar-me a misericordia de Deus! Tenho esperança, muita esperança nella.

«Na terra fica a minha e ¿porque não direi «sua» innocente filhinha? Não se esqueça d'ella, salve-a como poder, que eu não posso salvá-la. Lembre-se, que jurou não esquecel-a. Não quebre esse juramento ao menos. É o derradeiro pedido, que lhe faço. ¡Oh! peço-lh'ó em nome de Deus, em nome d'aquelle, de quem tanto espero, e a quem incessantemente rogo, para que nos perdôe.»

Maria.

Bem amargou esta carta a Luiz: como que enlouquecêra ao lê-la. Todavia, passados alguns dias, Pedro havia-o consolado. A chegada da filhinha minorára a dor do desgraçado pae. Luiz concentrava em Mathilde todos os affectos, e havendo-a entregue a uma honrada familia, não passava dia algum, sem que a fosse ver.

Era a unica coisa, que restava d'um amor intensissimo no comêço.

A filha encontrára refugio no dever paterno; a mãe, toda amor e fé no seu crime, procurou no suicidio o descanso, de que não podia gosar na terra. ¿Alcançal-o-hia? Póde homem, fazer pedaços a pedra do sepulchro, abrir a sepultura, ¡mas não resuscitar o morto, interrogal-o e responder-lhe este!

O sepulchro encerra um segredo mui segredo, um segredo absoluto, porque é o de Deus.

Como quer que fosse, ¡não chameis simplesmente fraca á mulher, que corta a existencia! No negro e horrivel crime do suicidio, ha ainda uma certa coragem: — é a do desprezo da vida.

(Concluido)

JAYME C. MONIZ

O DIA 23 DE JUNHO

TRADUZIDO DO HESPAÑHOL

E

OFFERECIDO A MEU MANO

O DR. MANOEL CARRILHO GARCIA

(Continuado do n.º 17)

'Naquelle sitio permaneceu até que o relógio da visinha egreja dêsse as duas horas. Então como se lhe tivessem dado aquellas badaladas na cabeça, curvou-a, um instante depois, levantou-se, sacudiu sua cabelleira como um homem, que se acha abatido por um mau pensamento, e caminhou com passo precipitado, entrando pela rua de Sancto Antonio.

Os lampeões d'esta rua estavam pela maior parte apagados, e um ou outro, fazendo oscilar sua moribunda luz, a lançava tam opaca, que todos os objectos pareciam ter uma fôrma gigantesca.

A lua acabava de occultar-se debaixo das densas nuvens... pavorosa e imponente estava a rua, o assobio do sereno e sua lugubre voz, que gritava *Ave Maria Purissima*, retumbava nos portaes das casas; o vento soprava cada vez com mais força, fazendo tremer os vidros da janella, e algumas gotas d'agua cahiam das nuvens. Comtudo Alfredo, pois não era outro, seguiu

seu caminho... de repente parou juncto a uma janella, que estava a seis pés do solo.

—Ja deveria estar aqui, exclamou — em que se detem?... é esta a hora, que eu tinha marcado!.. porque me faltará Maria!.. sabe muito bem que da minha parte sou incapaz de faltar. Não sei, esta noite tenho presentimentos horriveis... sem saber porque, tremo ao chegar a esta janella... parece-me que dentro d'ella está escripto o meu porvir...

Não se ouve... mas sim, um brando murmurio... tambem se vê mais luz do que aqui produziria uma só.

Talvez esteja orando a Deus esse anjo puro!.. talvez pense em mim!.. talvez, talvez leia minhas cartas uma por uma!..

Não sei, mas tremo... ao tocar 'nesta janella; muito triste é a minha fatalidade!..

Tudo isto repetia em voz baixa Alfredo. De repente chegou-se á janella tocou-lhe com a mão, e esta, abrindo-se de par em par, arrojou um mar de luz, que lhe fez fechar os olhos. Dentro do aposento havia um cadaver... o de Maria no seu caixão. Aquelle brando murmurio era das pessoas, que oravam por sua alma, quatro luzes se viam aos lados da fallecida joven.

Alfredo ficou mudo de pasmo; seus olhos não vertiam lagrimas; parecia estar socego, e só se conhecia que soffria uma convulsão pela crispação de suas mãos encostadas ao peitoril da janella. Depois, e como impellido por uma força extranha, d'um salto entrou no aposento, e ajoelhou ao lado de Maria, pondo então a cabeça de sua amante sobre o joelho, cortou uma larga madeixa de cabellos, e imprimindo um terno beijo em sua casta fronte...

— Adeus, Maria, exclamou; vaes comparecer perante elle pura e formosa como um anjo!.. perante elle, que te chamou a si para gosar!.. oxalá que nos reunamos em breve!.. É mui triste viver na terra como eu... sem paes, sem parentes... perseguido pela fatalidade... sempre o dia 23 de Junho!..

Não disse mais: d'outro salto achou-se fóra do quarto, apertou ao peito aquelles louros cabellos, e logo sem poder conter-se correu até chegar onde o esperava o seu

fiel criado, que se admirou de o ver tão demudado; mas sem fallar-lhe nem olhar para elle, montou em seu cavallo, cravou-lhe a pungente espóra, e veloz como um raio partiu deixando desconsolado o seu fiel João.

Quanto mais veloz era a corrida, tanto mais esporeava o ginete; parecia não ouvir mais do que uma voz que lhe dizia: corre! e o ginete obedecia.

De repente o cavallo parou; o caminho estava manchado de sangue... o ginete tinha rebentado.

Não foi mais ligeiro em desmontar do que o cavallo em cair; o arrogante corcel parecia com seus olhares pedir-lhe conta do que tinha feito; Alfredo olhou-o com compaixão: tambem tu, Lucero! sempre o dia 23 de Junho!

Foi tudo; e deitando a correr velozmente pela rápida encosta proxima a Lanjaron, em poucos momentos estava em sua casa.

v.

Ha pessoas, que em seu rosto angelico e bondoso mostram não pertencer á terra, e que Deus as deixou 'nella por limitado tempo para que lhe sirvam de ornamento.

O AVENTUREIRO.

Maria, a angelical Maria, era filha d'uma viuva natural d'Orgiba onde residiam. Entrava apenas na idade dos amores, 'nessa idade em que todas as coisas, todos os objectos, todas as ideias não têm mais que um ponto de partida e de concentração... a illusão essa idealidade fantastica que, não se lhe conhecendo as fórmulas, é impossivel combater; porque 'nesta idade é ella necessaria á vida, porque se não houvesse illusões tão pouco haveria grandes ideias; enervar-se-hia o espirito e portanto succumbiria a alma; não se conceberiam grandes coisas, e mortas as illusões, tambem morreriam as crenças.

Maria tinha completado desoito annos; nada mais formoso do que seu bello rosto d'uma brancura de alabastro; seus negros e rasgados olhos de penetrante e doce olhar eram velados por duas grandes franjas de sobranceilhas pretas, que contrastavam notavelmente com seus ondeantes cabellos

louros. Um pequeno signal preto no lado esquerdo de sua lindissima barba, fazia sobresaír mais e mais sua tez rosada, e a nacarada brancura de seus preciosos dentes; seu rosto respirava encantos e poesia, sua harmoniosa voz tinha um som tão particular, que revolvía até á ultima fibra do coração; seu talhe esbelto como a cana do lago vergava-se com uma flexibilidade natural.

Estavam reunidos 'nella os dois mais formosos typos da nossa nação, a elegancia e delicadeza madrilenas, e o gracejo e afabilidade das filhas do meio dia.

Socrates não se enganou emquanto a Maria quando dá como principio em seus escriptos, «que uma boa figura poucas vezes encerra uma má alma.»

Assim era effectivamente: dotada d'uma sensibilidade exquisita a qualquer desgraça, o minimo sentimento a commovia a ponto de lhe fazer correr dos olhos abundantes lagrimas. Muitas vezes a encontravam acompanhada d'uma velha thia nas choupanas dos desgraçados, prodigalizando-lhes consolações, ou juncto do leito do moribundo soccorrendo seus infelizes filhos.

Em aquelles momentos estava sublime.

(Continúa)

M. J. CARRILHO GARCIA

¿LEMBRAS-TE?..

(FRAGMENTOS)

A ...

I

Ha dias, que parecem resumir em si todo o fel da desventura, trashedado gotta a gotta nas attribulações quotidianas!.. Ha dias que parecem marcados por Deus com o ferrete do soffrer na existencia do infeliz!..

E quando a aurora surge atravez de véu escuro, annueada e tetrica, apoz um dia de angelical ventura, mais densas parecem então as trevas, e, no cahos, em que a alma se precipita, punge-lhe com o amargor do fel a saudade d'esse dia venturoso!..

Tal foi para mim o dia... de...

Este dia, que era o do anniversario d'um

ente querido, costumava sorrir-me de prazer infindo nos dias ledos da minha infancia! foi ao calor de tam risonho sol que desabrochou o meu estro incipiente!.. foi 'neste dia que mil caricias... mil afagos retribuiram o primeiro vôo de infantil imaginação, que na lyra da amizade desprenhia o seu primeiro canto!..

Era no anno de... No peito do mancebo se juntava ao amor filial esse primeiro sentir do coração, que eu chamaria amor, se ao depois não conhecesse quanto esse affecto differe da verdadeira dedicação consagrada á mulher!..

E o mancebo devia em breve deixar a terra querida do seu berço, onde lhe ficava essa doñzella, que então lhe dominava os affectos e lhe prendia o querer do coração!..

Mal sabia elle que a ausencia é um sopro funesto, que apaga essas primeiras impressões, sem deixar ao menos uma faisca d'onde tornem a reacender-se ao depois os affectos congelados no coração!.. mal sabia o mancebo que sobre as cinzas frias d'essa emoção infantil se haviam de accender os fogos perennes d'um verdadeiro amor, —essa pyra das vestaes, que o sopro dos tempos nem o da ingratição logra jámais extinguir

II

Que dia aquelle!.. meu Deus!..

Tanto carinho e tanto amor poderiam suffocar a mais ardente paixão consagrada a qualquer outra mulher que não fosse aquella virtuosa e boa mãe!..

E o mancebo partiu!.. chamava-o o destino!..

A morte em breve o separou da mãe tão querida e na juventude viuvo de carinhos e orphão de affeições, o filho ficou com o coração ermo de esperanza, vasio de sentimento!.. D'alli ao scepticismo eram dois passos!.. e facil lhe seria então transpol-os, se Deus, do alto do empyreo, não dêsse á mente do joven a energia necessaria para conservar as crenças puras, arreigadas na aurora do existir!..

O coração desligado da terra achara abrigo no ceu!..

Mas a alma, divorciada do cogitar doce

e sereno das mais doces afeições terrestres, arrastaria o mancebo pervertido no turbilhão dos vícios, se o sol da redempção lhe não raiasse a... de... de...

III

Sabeis o que é o amor? — essa afeição, que a donzella pura e virtuosa pôde aceitar sem que o stygma da sociedade ou o anathema do senhor a faça córar de pejo!.. Sabeis o que é o amor, esse reflexo das sensações dos anjos?..

Se tendes o coração desanuveado dos interesses do cálculo ou dos abjectas impressões do sensualismo, — se vedes na mulher o cherubim baixado á terra para nos momentos de attribuição nos consolar, para, sorrindo graciosa á nossa dor, nos refrescar com um beijo os labios que a aridez da desventura nos crestou, — se julgaes assim a mulher, escutai a minha confidencia!..

Mas não!.. que o veneno pestifero da sociedade tem-se-vos inoculado até a mais recondita fibra do coração... os desvarios da sensualidade tem-vos corrompido até o mais leve arrojio de nossa alma!..

E a ti, so a ti, mulher celeste, a quem eu devo a revelação do meu sentimento!.. É a ti que me soubeste comprehender 'nessas horas de infindo goso, em que na tua presença o labio infiel para descrever o doce arrebatamento, que me coava 'nalma, confiava ao silencio a expressão dos meus transportes.

¿ Lembras-te, mulher?.. lembras-te d'aquelles nossos passeios á luz encantada e mysteriosa da lua, por entre as boninas, que esmaltavam a verdura do prado?.. das nossas mutuas confidencias, 'nesses sitios deleitosos onde a poesia do céu parece vir derramar-se sobre as almas verdadeiramente crentes, para as elevar ditosas ao throno do creador?.. Lembras-te! mulher?..

¡ Talvez que tambem não!..

Talvez que tambem tu esquecesses o passado como o mundo esquece indifferente a historia do infeliz que o acaso lhe contou!..

¡ É o destino!..

A. M. DA CUNHA BELLEM.

Publicámos de muito boa vontade as observações feitas pelo sr. Seabra d'Albuquerque sobre uma das *revistas* do nosso jornal. Interpretes da indole reformadora e progressista do nosso collega e amigo, auctor da revista alludida, — podemos affiançar ao sr. Seabra, que so a falta de tempo ou de reparo pôde dar logar a similhante ommissão.

Quanto a nós, mais d'uma vez temos mostrado quanto somos inimigos de tudo, que pôde manchar com o ridiculo, escarneo ou desprezo qualquer de nossas instituições politicas, civís ou religiosas, — qualquer de nossos habitos ou costumes. Oxalá que todos se nos associassem 'nestas idéas, como o Sr. Seabra d'Albuquerque.

V. DA SILVEIRA

Sr. Redactor

Li no vosso jornal, que sabiamente redigís, e de que me honro de ser assignante uma pequena, mas bem elaborada *Revista* de Coimbra. Depois do joven e poetico articulista se haver occupado com os dois sanctos, cujas noites tão fatidicas são, para os que ainda possuem um coração propenso a amar, e que sorrindo-se para a florída e mysteriosa *alcachofra* conservam uma esperança no porvir... passa a descrever com summa elegancia a festa da Sancta Rainha Isabel, e em verdade Coimbra torna-se louca de contentamento festejando a Esposa de D. Diniz!..

Descrevendo pois, com tão habil penna este delirio, estes folgares com que um povo inteiro celebra contente e respeitoso esta imagem tam veneranda, passou despercebido pelo que lhe devera ainda merecer alguma attenção: quero falar das irregularidades que se notam todos os annos nas suas vestes reaes.

Nós que muito do coração prestamos culto ao que é antigo, muito embora nos appellidem de fossilismo, vamos dizer alguma coisa que escapou aos bicos da penna do articulista, para que no futuro possam ter cabida.

É improprio da imagem da Rainha sancta Isabel, que façam do seu peito uma ta-

boleta de ourives; porque o muito oiro e pedrarias, poderá inculcar riqueza, mas nem sempre bom gosto.

Ainda mais se torna notavel a collocação de condecorações, que jamais deveriam alli apparecer: pois que quer significar o hábito da Conceição, sobre o peito da Rainha sancta, e do lado direito?!

Saber-se deve e para isso não se precisa ser muito profundo em historia, que a Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, foi instituida pelo Senhor D. João vi, por Decreto de 6 de Fevereiro de 1818: sendo por consequencia, muito moderna para brilhar no peito da sancta esposa de D. Diniz.

As ordens militares existentes em Portugal até 1279, epocha em que começou a reinar o senhor D. Diniz, eram: S. Bento de Aviz, instituida pelo senhor D. Affonso Henriques em 1162: S. Thiago da Espada, que teve seu começo nas montanhas de Galiza, e sendo confirmada por Alexandre iii, em 1118, foi admittida em Portugal, na mesma epocha, pelo Senhor D. Affonso Henriques. debaixo da obediencia do grão mestre de Velles, até que o Senhor D. Diniz, depois de várias difficuldades a exemptou d'essa obediencia em 1288: e a de Nosso Senhor Jesus Christo, instituida pelo Senhor D. Diniz, sobre as ruinas da Ordem dos Templarios em 1319, por Bulla do Papa João xxii.

Fazendo uma resenha das Ordens militares existentes, até ao reinado do Senhor D. Diniz, só tivemos em vista mostrar quaes as que podiam brilhar sobre o peito da Sancta Rainha, sendo porisso todas as outras um anachronismo, que o simples bom senso reprova, e que, quiçá devem ser banidas.

Seria para louvar que todas estas condecorações fossem substituidas pela *venera* com as tres ordens, e a banda das côres correspondentes ás mesmas, como usam em dias de grande gala, as nossas Rainhas.

Tambem não deixaremos em silencio passar a figura do *pobresinho*: é muito pequena, e pela maneira como se apresenta em público serve de irrisão ao povo e porque desejamos todo o respeito pelos actos reli-

giosos, aconselhamos que, ou seja substituida por uma figura de maiores dimensões, ou se tire d'aquelle logar; o que será melhor

Se estas poucas linhas, que offerecemos á vossa consideração tiverem algum peso, espero sejam publicadas no proximo numero do vosso muito lido jornal.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE

RESPOSTA AO ILL.^{mo} SR. ANTONIO PAREDES

Deu muitos gyros a lua,
As estações já mudaram,
Bem longos dias passaram
Sem eu ver essa mulher...
Vi-a hontem — e quando ella
Por mim passava, tam linda,
Perguntaste: — *lembras-te inda?* —
¡Nem que eu podesse esquecer!

Se um véu de nuvens encobre
Do astro-rei a face pura,
D'elle esquece a formosura
Porventura o gyrasol?
Se a tempestade revolta
A voz lhe suffoca um dia,
Esquece acaso a harmonia
De seu canto o rouxinol?

¡Não esquece! — A flor, que adora
Do sol os raios brilhantes,
Se lhe falta por instantes
Dobra a fronte para o chão:
O rouxinol, se na selva
Só escuta o vento agudo,
Occulta-se triste e mudo,
Não solta meia canção.

Más que verta sobre a terra
Nova luz o astro ardente,
E a fronte curva e pendente
De novo a flôr elevou;
Que reine a paz na floresta!
E em verde ramo pousado,
Doce e harmonico trinado
O rouxinol modulou.

Tambem eu sou como a ave,
Que seus amores descanta;
Como a flor, a quem encanta

O celete luminar...
Quando a vi p'ra mim perdida
Verguei ao golpe da sorte,
Mas era a afeição tão forte
Que não a pude olvidar!

Não pude! — por muito tempo
Julguei meu affecto extincto;
Tornei a vel-a hoje sinto
Que dormia o meu amor.
; Dormia! — quando a vi hontem
No braço d'outro encostada
Senti minha alma abalada
Por cruel, profunda dôr.

Amo-a, e hei de amal-a sempre!
Seja d'outro! Que me importa?
Se ella para mim é morta
O meu amor não morreu.
Nem morre — ; que é minha vida!
Só ha de findar com ella.
Póde outro gosar-a e tel-a,
Não póde amal-a como eu!

Amigo, tu perguntaste
Se esse tempo me lembrava,
Em que eu com ella sonhava,
Em que tanto e tanto a amei...
Respondi-te: da resposta
Pódes ver que, morta a esp'rança,
D'esse amor mais que a lembrança
No coração conservei.

Coimbra, 30 de Junho de 1859

EUGENIO A. DE BARROS R.

ADEUS

Adeus tranças cor de oiro,
Adeus peito cor de neve;
Adeus cofre, onde estar deve
Escondido o meu thesoiro!

Adeus bonina, adeus lyrio
Do meu exilio d'abrolhos!
Adeus oh luz dos meus olhos!
Adeus meu doce martyrio...

Adeus meu amor perfeito,
Adeus thesoiro escondido

E de guardado, perdido
No mais intimo do peito.

Adeus meu sonho doirado,
Nuvem desfeita d'incenso,
Em quem dormindo só penso
E em quem só penso acordado.

Visão sim, mas visão linda!
Sonho meu desvanecido;
Meu paraizo perdido,
Que de longe adoro ainda!

Rosa d'amor desfolhada
Que 'nalma deixou o aroma,
Como o deixa na redoma
Fina essencia evaporada.

Nuvem que ao sopro da aragem
Voou nas asas de prata,
Mas no lago, que a retrata,
Deixou apoz si a imagem...

Adeus luz que me allumia
Pelas ondas do oceano
D'esta vida! d'este engano!
D'este sonho d'um só dia!

No mesmo arbusto onde o ninho
Teceu a ave innocente,
Se volta a quadra inclemente
Acha abrigo o passarinho.

Mas eu 'nesta soledade
Quando em meus braços te estreito
Face a face... peito a peito...
Acordo e acho a — saudade!

Adeus pois morte, adeus vida!
Adeus infortunio e sorte!
Adeus estrella do norte!
Adeus bussola perdida!

JOÃO DE DEUS

PARTIRÁ

I

É ja noite: — abriu-se a sala,
Trajando custosa gala
Todos vão entrando ja.
Triste noite será esta,

Que as alegrias da festa
A saudade murchará.

Folgam todos com a dança,
O prazer talvez os cança,
Embriaga-os o prazer.
Amanhã talvez despertem,
E se lagrimas não vertem
Hão de as amanhã verter.

Amanhã, entristecidos,
Deslembrados, commovidos,
Só diremos «partiu ja!»
E o echo, pelo monte,
Pelo valle e pela fonte
O «partiu!» repetirá.

II

A assim foi — baixou do ceu
O ceruleo, denso veu
Que nossos olhos cerrou;
Entre nós existe o espaço,
Que inda mais aperta o lasso
Que a sympathia formou

Mas, se a serra alem campea,
E inda mais a dor afeá
C'o escarneo de truão —
Ha de o vento erguer as queixas
E levar-te estas endeixas
Nascidas do coração.

NORONHA

A UMA CARTA ANONYMA

Não vê a flor quem manda a luz do dia,
Nem quem lhe esparze o nectar que a deleita
Ao despontar da aurora;

E ella agradece as lagrimas, que acceita,
E ella as converte em balsamos, que envia...
Ao mysterio, que adora!

JOÃO DE DEUS

NO TUMULO D'UMA MENINA

Sentiu, ao despontar-lhe o sol da vida,
Murchar na fronte a virginal capella;
Morta á nascença como a flor ephémica
Foi 'neste mundo fugitiva estrella.

Mortal não chores, porque a flor pendida,
Negando á terra os perfumes seus,
Deixou a vida de tormentos cheia,
E foi ser anjo na mansão do Eterno,
Aos pés de Deus. s.

CHARADA

Certo Deus que symboliso
Em mim mesmo se mudou; }
Foi d'est'arte transformado, } 2
Que uma virgem enganou.

Ré não tenho; mas com ella
Eu agito sem cessar }
A agua do tanque e lago, } 2
Nunca a do rio ou do mar.

No gosar até passo a vida minha
Em droga quasi sempre convertido;
So Duarte Barbosa em seus escriptos
Me fez da lusa gente conhecido. k.

N.º 17.º { 1.º Viuva.
 { 2.º Lisboa.

EXPEDIENTE

Recebemos a poesia — *A um botão de rosa.*
Não a inserimos, porque a vimos ja publi-
cada 'noutro jornal.

Daremos noticia de todos os escriptos
de que nos fôr enviado um exemplar.

O atrazo em que estavam as obras do ce-
miterio d'esta cidade, quando foram obser-
vadas por nosso estimavel collega, deu logar
a que em sua revista, fosse menos exacto
na apreciação da regularidade do mesmo
cemiterio.

Forcejando constantemente por melho-
rar o nosso periodico — decidimos adoptar,
desde o n.º 1.º do 2.º volume em diante,
um typo, que nos permita o augmento de
quatro paginas mais de impressão, no typo
até hoje empregado, sem que por isso te-
nhamos de alterar o preço das assignaturas,

ja estabelecido; e, no seguinte anno lectivo, faremos, quanto couber em nossas forças, por apresentar aos nossos leitores a *lithographia* prometida, bem como outras, que completarão o interessante *quadro de costumes* da nossa Universidade.

V. DA SILVEIRA

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

EL MONITOR DE LA SALUD

DE LAS FAMILIAS Y DE LA SALUBRIDAD DE LOS PUEBLOS

REVISTA

DE HIGIENE PÚBLICA Y PRIVADA; — DE MEDICINA Y ECONOMIA DOMESTICAS; — DE POLICIA URBANA Y RURAL, ETC.

publicada bajo la direccion

DEL DR. D. PEDRO FELIPE MONLAU

CON LA COLABORACION DE VARIOS PROFESORES Y ESCRITORES DISTINGUIDOS.

Sale (desde enero de 1858) los dias 1.º y 15 de cada mes.

PRECIOS DE SUSCRICION:

	EN MADRID, llevados los números á domicilio.	EN PROVINCIAS, por el cor- reo, franco de porte.	EN ULTRAMAR, franco el porte.
Por tres meses . . .	12 rs. vn.	14 rs. vn.	Al precio que
Por seis meses . . .	20 "	23 "	figurarán los cor-
Por un año	38 "	42 "	responsales.

En la Peninsula no se admiten suscripciones por menos de tres meses, y en Ultramar por menos de un año.— Los números sueltos se venden á 4 rs. vn. cada uno.

A LUZ DO CEMITERIO

TRADUÇÃO DE V. DA SILVEIRA

A LUZ DO CEMITERIO formará um pequeno volume, pouco mais ou menos como o da *Graziella* de Lamartine: será impresso em excellente typo e bom papel, que, para o tornar mais formoso, será passado depois pela prensa-hydraulica.

Custará aos Srs. Assignantes—so 240 réis; e nas lojas dos Srs. Commissarios dos *Preludios-litterarios*—300 réis.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra—loja da imprensa da Universidade; Lisboa—livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; Porto—Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu—Sr. Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa—Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora—Sr. V. J. da Gama; Bragança—Sr. ; Lamego—Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão—Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria—Sr. José Pereira Curado; Aveiro—Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro—Sr. Feliciano José Alves Braga.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno 1\$240	Anno 1\$460
Trimestre 360	Trimestre 450

LITTERATURA ILLUSTRADA

JORNAL PARA TODAS AS CLASSES E ESPECIALMENTE DEDICADO Á INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO DO POVO

COM DESENHOS, GRAVURAS E LITHOGRAPHIAS PELOS MELHORES ARTISTAS.

PLANO DE MATERIAS:

- I Sciencias de applicação ao alcance de todos.
- II Educação moral e religiosa.
- III Litteratura—Romances originaes, historia, viagens, poesia, etc.
- IV Hygiene publica e particular.
- V Bellas artes—Musica, desenho, gravura, architectura, etc.
- VI Invenções, descobertas e applicações da sciencia á vida social.
- VII Noticiario politico da Europa e andamento dos negocios publicos em Portugal.
- VIII Revistas litterarias e bibliographicas.
- IX Variedades. conhecimentos uteis, etc.

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL—PEDRO ROCHA.

Redacção e collaboração dos primeiros escriptores portuguezes, semanario com 8 paginas de impressão em papel superior—formato do *Panorama*.

Por anno 1\$200
« tres mezes \$300

Por seis mezes \$600
« mez \$120

COM UM QUADRO LITHOGRAPHICO CADA MEZ.

Por anno 1\$500
« tres mezes \$400

Por seis mezes \$720
« mez \$160

Avulso com gravuras 30 réis. E com uma lithographia 60 réis.

Assigna-se nas principaes livrarias do reino. Em Coimbra em casa dos Srs. N. Moré, Orcel, Mesquita, e loja da Imprensa da Universidade.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

A NOSSOS COLLABORADORES E ASSIGNANTES

Este numero, o segundo do 4.º trimestre da publicação d'este jornal, vae ser distribuido por occasião da abertura das aulas da Universidade, e, por conseguinte, quando todos aquelles, que devem constituir a academia, no presente anno lectivo, se acham já reunidos em Coimbra.

Não poderíamos portanto escolher melhor ensejo, do que este, para dizer duas palavras tanto a respeito do que conseguimos e esperámos conseguir de nossos colaboradores e assignantes, como de nosso proprio jornal, que vamos continuar a dirigir debaixo de sua intelligente e immediata protecção.

Os PRELUDIOS-LITTERARIOS têm, quanto é possivel a uma instituição nova, preenchido o fim, que seus redactores se propozeram: *educar agradando*.

Considerados desde o principio como uma *eschola practica*, para aquelles, que, sentindo vocação e necessidade de manifestar por escripto seus pensamentos, o não podem fazer, já por falta d'exercicio, já de relações com a imprensa e outros recursos, de que quasi sempre se carece, quando nosso valimento não poude ainda ser experimentado, — OS PRELUDIOS-LITTERARIOS ganharam desde logo tantas sympathias, tanta protecção, que nem a ausencia de seus colaboradores, nem as mil necessidades do coração a satisfazer no seio da familia, durante o longo prazo das férias, poderam contribuir para seu esquecimento, a ponto de causar-lhes uma *interrupção*, até aqui impossivel d'evitar, em Coimbra, em jornaes d'esta ordem.

É um acontecimento este, que nos en-

che d'orgulho, e nos fortifica as crenças nos resultados, que sempre esperámos tirar d'esta publicação.

Não nos faltaram portanto nem assignaturas, para cobrir as despesas, a que estamos obrigados; nem mestres, para nos guiar com seus bons escriptos; nem materia, para encher convenientemente nossas columnas: basta dizer, que, em dez mezes, perto de cem collegas nossos estrearam nellas suas pennas com incontestaveis resultados, e que os progressos feitos por tão jovens escriptores foram taes, que, com desvanecimento o dizemos, producções houve, em que alguém de merecimento pretendeu descobrir uma practica de muitos annos, uma certeza de mestre!

Com taes esperanças a principio, e com estes resultados depois, a existencia d'um jornal da mesma indole dos PRELUDIOS não podia deixar de ser considerada por todos como uma necessidade da época, que era urgente satisfazer 'num paiz, em que a litteratura patria parecia morta, emquanto que em muitos outros ella tomava ousados vóos e descobria novas regiões.

A experiencia havia já mostrado por muitas vezes, que era preciso *liberdade e confiança*, para que o talento se desinvolvesse; e o leitor deixou de ser menos exigente na *arte*, para considerar as tendencias, os impulsos, os nobres desejos d'uma geração nova, que começa a envergonhar-se do silencio, abandono e inercia das que a precederam; e que vae tendo consciencia de quanto poderá fazer em bem da instrucção de seu paiz, sem a necessidade exclusiva d'um auxilio estrangeiro.

A critica mordaz, irreflectida, louca, invejosa de toda gloria — bem poucas vezes

atacou nossos escriptos: a verdade de nossas ideias calára-lhe no coração.

Por outro lado, — tantos foram os elogios, que a imprensa portugueza e hespanhola nos prodigalisaram, que, tocando 'neste ponto, pareceríamos ingratos, senão fizéssemos sentir aqui, e bem fortemente, todo nosso reconhecimento pela justiça, que nos fizeram, não na apreciação de nosso merito litterario, que é limitado, mas na interpretação de nossos desejos, que são tão bons, como o de vêr a prosperidade de nossa patria em todo seu desinvolvimento.

Um outro acontecimento, finalmente, que com indizível prazer aqui registámos, como prova dos bons resultados, que se vão colhendo de nossos esforços, é — a subita apparição de dois novos jornaes litterarios em Coimbra — *A Litteratura Illustrada* e o *Atheneu*, jornaes dirigidos e escriptos quasi exclusivamente por estudantes da Universidade, cujo merecimento nos leva a agou- rar-lhes um brilhante futuro.

Não sendo o interesse individual, que os movêra a emprehender estas publicações espinhosas e sempre difficilmente apreciadas por um povo, que apenas vae acreditando em sua regeneração pelo poder surdo, mas irresistível da imprensa; sendo elles, como dissemos, academicos; e tendo toda possibilidade de escrever em nosso jornal, seu procedimento ficaria sem explicação, se não se acreditasse, que ella só fóra aconselhada pelo conhecimento profundo, que têm, de que o limitado campo dos PRELUDIOS-LITTERARIOS já não basta hoje para recolher tantas ideias, tantos pensamentos aproveitaveis, que começam a refferer na mente de nossa mocidade estudiosa, e a que é preciso dar uma passagem rápida e facil, para que improductivamente se lhe não murchem 'nalma; se não conhecessem, ainda, que todo paiz, apesar de sua resistencia, se vae achando cada dia mais predisposto, para auxiliar taes empresas, pelo sentimento que um grande numero já tem, de que, para haver *verdadeiro* progresso material, — é necessario, que o espirito se acostume primeiro a consideral-o debaixo das fórmãs colossaes e brilhantes, que a

poesia, só a poesia, póde dar a todos os seres da natureza.

Os PRELUDIOS-LITTERARIOS, conjunctamente com esses dois jornaes e a *Estreia*, que os precedêra, vão pois proseguir em sua nobre missão civilisadora. O campo das sympathias está egualmente aberto para todos. Por nossa parte continuaremos a forcejar por não desmerecel-as, procurando cumprir, ao menos, com o que annunciámos desde o principio.

V. DA SILVEIRA

REVISTA

O estado actual de Coimbra define-se em duas palavras: ruinas e poeira. Quem não gostar d'isto emmale e vire de rumo. Esta é a realidade, e realidades gostosas são zero 'neste valle de frioleiras. Deixemos dar mais um passo ao *progresso*, e ficámos nós sem ter onde pôr pé. Sem tropeçar já se não anda, e ainda agora é agora. Ha um anno a esta parte, Coimbra tinha um bom passeio no caes, um soffrível na ponte, um pasmatorio na calçada, um Guido na Sophia. Hoje que ha?

No caes ruinas e poeira; na ponte ruinas e poeira; na Calçada ruinas e poeira, e na Sophia poeira e ruinas, para variar a phrase.

E ainda nem ha um anno completo que o progresso cá entrou ao som de musica e foguetes. Ha de fazel-o a quatorze de setembro. É um dia que se vae tornando digno de eterna commemoração; e já que estamos de pachorra, lá vae.

Afigurem-se os leitores um dia de sol esplendido ás onze horas da manhã, mais minuto menos minuto. Na Calçada achava-se reunida a nata da população conimbricense, quasi toda de casaca e luvas; e ao longo de toda a rua formava em duas alas o destacamento da guarnição com uma das philarmonicas na frente. Em derroda de tudo isto apinhava-se um mar immenso de povo, agitando-se, debatendo-se e sussurrando. Depois de boas duas horas de muito enfasiar, começou a ouvir-se ao longe um rumor, a principio mal distincto, mas logo depois salientissimo, e a avistar-se uma

nuvem de poeira caminhando a toda a pressa. Foi esse um grande momento, deixem-me assim dizer. Todas as respirações se comprimiram, todos os corações almejavam, todas as vistas tomaram uma só direcção.

Ainda um minuto d'ancias, e depois... desfez-se o encanto.

!Era a *mala-posta!*

Seguiu-se um horrendo brado de todo aquelle povo illudido, logo abafado pelo estalar de centenaes de foguetes, pelo hymno da Carta e por alguns vivas entusiasmaticos.

'Num instante calou-se tudo: Tinha voltado a esperança. «¿Que será?» — pensavam todos, e ninguem via nada.

Entretanto erguera-se um mastro enramalhado de giestas d'onde pendia uma roldana. Repetiram-se os foguetes, e a multidão viu descer vagarosa uma pedra do antigo edificio da Misericordia, e no alto da parede, de camartello em punho, campeando soberbo um pedreiro!...

Era tudo:

A reunião desfez-se como se tinha feito, e de tarde dizia-se por ahi: «Chegou finalmente o progresso a Coimbra».

Aprendi então duas coisas importantissimas: primeira, que todo aquelle espalhado fôra em honra do *progresso*: segunda, que o tal progresso é um pedreiro a desmanchar paredes. Tomei nota d'ambas num recanto da minha carteira, e ajuntei por debaixo: «o progresso do seculo desenove é semelhante ao Judeu Errante: por onde passa leva comsigo destruição e morte».

Tudo isto são modos de vêr, está claro.

E não nos venham á mão pelo que dizemos, nem nos alcunhem já de *retrogrados*, ou cousa mais feia ainda. Nós descrevemos, não commentâmos.

De todas essas ruinas, de toda essa poeirada, de todo este incommodo, ha de surgir mais tarde a *regeneração* da nossa terra, e nós mesmos tomaremos a vanguarda em a apregoar por esse mundo; mas o futuro não destróe o presente, e a revista deve ser o daguerreotypo dos factos.

Vamos á feira do S. Bartholomeu, que lá está para o Rocio, e á noite iremos ao theatro da Graça.

A feira está magnifica de semsaboria. Em vez de grupos doudejantes, que outros annos alli nos enfeitiçavam; em vez de olhares de magnete, travessos e buliçosos, que nos roubavam alma e coração; em vez do sorrir magico das bellas, que nos eram delicias e vida nesses oito dias, a feira está litteralmente envolvida em turbilhões de poeira, provavelmente para não desdizer do plano geral da cidade.

Fujamos depressa, que não queremos dizer nada. Tudo está muito bom.

Vamos ao theatro:

A companhia do gymnasio veio ahi dar duas récitas, e d'ellas apenas diremos, que muito sentimos ver assassinar *O Pavilhão negro*, que é bem digno de melhor sorte.

O sr. Romão não tinha consciencia nenhuma do que dizia, e em casos taes é mais prudente não comprometter o crédito proprio e a reputação da companhia, que felizmente assenta em seguras bases de merecimento reconhecido.

Tambem ha a registrar duas noites de *Floresta do Mondego*, divertimento da nossa terra sediço para todos, para nós inteiramente novo.

As fragosas terras onde estavamos lá nos foi noticia d'esta novidade conimbricense, que effectivamente seria uma cousa soffriavel, se não cheirasse tanto a cabaços e a tomates. É mau fadario d'esta pobre terra, que tudo assim ha de ser. O *bom* aqui parece impossivel. As grandes ideias vêm sempre abafadas por mesquinhas considerações, e por interesses mais mesquinhos ainda, que as deixam sempre muito abaixo do que podiam e deviam ser. O sr. Domingos é um homem emprehendedor, e mesmo torna-se digno de elogios, porque tem feito mais do que ninguem; é pena que tenha a grande pécha de ser tão *utilista*. Tome mais um pouco d'animo, e substitua-nos os cabaços por qualquer outro genero de trepadeiras menos enjoativo. Aconselhamos-lhe *boas noites*, mesmo porque *boas noites* na *Floresta* é o que a todos nós mais convem.

Tambem lhe não perdoamos a burla de não dar-nos fogo de artificio, como tinha annunciado. A falta de concorrência não

o desculpa, porque uma só pessoa, que lá estivesse tinha direito ao espectáculo completo. Mais mesquinhice.

A musica tocou realmente bem: era gósto ouvir-se.

E deu termo. Coimbra em Setembro não tem revista possível, porque não ha *que*, nem *quem* revistar. Coimbra passa a tomar as suas férias, e nós, como bom filho, seguimos nossa mãe.

Até á vinda.

J. SIMÕES FERREIRA

THEATRO

AO EX.^{mo} SR. J. DE M. GIRALDES SAMPAIO E BOURBON

I

Imagem fiel do homem a arte dramatica é a fórmula mais expressiva e completa da civilisação. Consultando o oraculo humano da verdade, abrindo a historia, lá encontramos energicos e claros documentos, de que é absolutamente exacto este principio, que hoje corre o mundo como axioma de primeira intuição. Mais convencidos ficamos, pondo a mão nas obras, em que o dedo das nações escreveu a sua vida; examinando e estudando as venerandas reliquias dos monumentos, de que a afiada fouce do tempo debalde tem querido apagar os nomes de Sophocles, Eschylo e Plauto, cujos vultos grandes e sagrados pela gloria o espirito illustrado do viajante crê vêr vagueando ainda, com a solemne e religiosa magestade, que lhes imprime o passado, por esses logares, a que acorriam a Grecia e Roma para dar fervidos applausos, e coroar de viridentes palmas as nobres fronteiras dos poetas illustres, que abrilhantavam os feitos e engrandeciam o renome aos povos, que, extasiados, se orgulhavam de ver 'nelles os seus filhos mais queridos.

A historia, consignando no seu largo inventario os variadissimos phenomenos, e os acontecimentos extraordinarias, que tem influido nas condições, que regem e dominam o viver da humanidade — archivando nas suas páginas as vastas e complicadas transformações, por que tem passado a sociedade, e as graves revoluções, que a têm

abalado, dizendo, o que o homem tem sido, e o que tem feito, satisfaz e allivia o espirito, que anciado volta os olhos para o passado, e procura com ardor saber o modo, por que as gerações, que o precederam 'nesta custosa e incessante peregrinação, desempenharam o papel 'nesse longo drama por ellas começado, ha seis mil annos. Se a intelligencia é a faculdade, que mais nobilita e eleva o homem, se a Providencia lh'a outorgou como sceptro, que lhe dá o direito de com dignidade se assentar no solio da creação, é natural e justo o desejo, que n'alma lhe entra, de conhecer, que applicação a humanidade deu a essa intelligencia, que conquistas fez com esse sceptro, que para mui altas cousas lhe devera ser dado.

E os trabalhos aprimorados das artes, e os inventos uteis e as luminosas ideias, as obras grandes, e o rico patrimonio, que nós possuímos, respondem que é isso o fructo de aturadas, e longas fadigas, e de profundas e penosas investigações. O progresso, de que nós sentimos a salutar influencia, e de que gosamos os beneficos resultados, attesta e comprova, que a realidade do sentido d'essa palavra é devida ás luzes da intelligencia racional, á força do braço do homem, á constancia d'animo e a uma perseverança heroica, que o tem feito triumphar de tremendas e angustiosas luctas com que elle tem arcado, rompendo obstaculos, e vencendo difficuldades, que seriam insuperaveis para outro ente, que não fosse a imagem de Deus. O homem de senso e de religião deve agradecer a Deus o beneficio d'è o fazer pertencer a uma raça, que tem concebido e feito tão admiraveis obras. Recebemos uma rica herança, que o dever, a gratidão e a necessidade nos obriga a guardar com cuidado, e a augmentar com novos esforços. Viajantes 'numa terra onde cada passo custa uma dôr, e em que cada victoria é ganha por meio d'um combate, devemos ter brios, e mostrar valor 'nesta sancta crusada, onde se milita por um grande principio, senão queremos depois ouvir palavras de maldição áquelles, que com honra terminaram já a sua tarefa! Chamado e impellido para a sociedade pelo instincto

e pela razão, que lhe diziam, que só lá podia educar as faculdades, completar o ser, e alcançar os seus fins; o homem, conhecendo as suas vantagens, e disfructando os seus commodos, viu, que só ella podia realisar a justiça, sustentar a ordem, e dar-lhe a felicidade, ministrando-lhe as condições para ser o que devia ser. E o homem tractou de formular os principios, de aperfeiçoar as relações, e de firmar e robustecer os vinculos, que deviam prendel-o ao seu semelhante: e o estudo da sua entidade moral, da sua origem e destinos; a attenta observação do universo, e as grandes e fecundas impressões, que elle lhe gravava no espirito, deram-lhe amplo estadio, e abriram-lhe largo campo ao exercicio da intelligencia, ás meditações e ao trabalho. É então, que surgem as artes, e apparecem as sciencias, e tudo aquillo, que devia ensinar-lhe a verdade, guial-o para o bem, amenisando-lhe o difficil e fragoso caminho, que tinha a percorrer. Quando o puro e radioso sol da civilisação allumiu o horisonte da vida dos povos, a arte dramatica nasceu logo e foi bem acolhida, e não deixou mais de ser cultivada. É que ella satisfazia uma necessidade, pondo em relêvo o sentimento esthetico, que Deus implantou até no coração do selvagem.

A arte dramatica estava ainda na sua tenra e debil infancia, e já com amor e respeito era escutada a sua voz. Ainda no berço, e cantava logo as grandes acções, que illustravam a historia das nações, offerecia nobres exemplos, ensinava a virtude, pintava as scenas da natureza, accendendo na alma do homem o amor do bem, e os sentimentos, que o tornam grande. E os povos cahiam fascinados ante o brilho e a magia d'esses quadros. Simples e rudes não tinham a intelligencia esclarecida; mas o coração era nelles mui disposto para as fortes e duraveis impressões. Apaixonavam-se, porque sentiam muito.

II

Em Lacedemonia não havia theatros. O Spartiaco como todos os povos, cuja civilisação ainda infantil é o ultimo e decisivo esforço contra a barbaria, dava excessiva

importancia á força, e divinisa o valor, que devia ser sempre a sua expressão, e as instituições de Lycurgo a outra cousa não eram destinadas, senão a assegurar-lhe o triumpho. Lá o theatro era a praça pública, onde se debatiam os negocios de momento, eram os campos de batalha, em que a obediencia á lei, o incentivo da gloria e o amor da patria obravam prodigios, e em que heróes ganhavam sepulturas nas Thermopylas. O Lacedemonio assistia aos jogos Olympicos, porque elles significavam o benefico e generoso principio da associação, porque lá se exercitavam as virtudes militares, e se abria uma grande eschola á educação rigida e guerreira de homens, que escravos do dever morriam por elle.

As letras, e as artes não lhe affeioaram o character, nem suavizaram os costumes, mas esse character e esses costumes mesmo no que tinham por vezes de fero, de duro e intolerante, oppondo um forte muro á corrupção dos costumes, elevou a uma altura, e deu-lhe um brilho, que só pode mais tarde eclipsar Athenas e Roma. As suas leis são o epitaphio mais digno de ser exarado na terra, onde dormem as cinzas d'um grande povo. A brandura da indole do Atheniense, a salutar e maravilhosa influencia das instituições livres, o crescimento das riquezas, além d'outros muitos accidentes, deram azo e muito concorreram, para com tanto ardor se desinvolver e radicar no seu espirito o amor das letras, e o gôsto pelas artes. O entusiasmo pelo theatro converteu-se a final em loucura e delirio, e a febre pelos espectaculos, absorvendo-lhe as atenções, matando-lhe a energia e attenuando o patriotismo, foi uma das causas da ruina d'este povo, que, insaciavel de prazeres e sacrificando-lhe tudo, se corrompeu e degradou. Todos sabem, que na simplicidade, na nobreza, e na correção a tragedia grega ascendeu a um ponto de perfeição, que ainda hoje admira. Os Romanos subjugando a Grecia ganharam muito. Conquistando a terra, e vencendo o habitador, alargaram os dominios da intelligencia, cousa, que tem mais valia, que uma extensão territorial de fronteiras.

Os Romanos abraçando e chamando irmãos aos povos, que venciam, deram 'nisto uma inequivoca prova da alta politica, que todos, com sobrada razão e justo fundamento, lhes reconhecem, louvam e admiram. Aproveitavam o que elles tinham de bom recebiam o que criam util, e não desprezavam nunca aquillo, que podia tornal-os maiores. Aprendendo com a Grecia, mais velha no saber e na illustração, admittiram sem custo e honraram com distincção a arte dramatica. Ninguem ignora o que foi e o que fez Roma em tudo, a que applicou a sua attenção. Rainha do mundo pelo poder, pelas riquezas, pelas sciencias e pela grandeza, ella é o marco, que a Providencia assentou no meio dos seculos, para extremar duas civilisações. Quando ella desceu todos os degraus na escada do vicio, da prostituição e do aviltamento, a paciencia de Deus cançou-se; porque cheio e a transbordar estava o vaso das suas iniquidades. E o Juiz das nações suscita-lhe o flagello, que devia perdela, mandando sahir dos seus ninhos do norte os abutres, que só largariam a preza depois de morta. A aguia, cujas azas tinham cortado tanto espaço no seu vôo incansavel, subiu muito e não teve forças para se suster nas alturas, a que se elevára. Despenhou-se. A corrupção abriu-lhe ulceras, que, tirando-lhe o vigor, a reduziram ao triste e deploravel estado d'uma enferma debilidade, em que já se não póde nada. Os barbaros não mataram o imperio romano, embrulharam-no 'numa mortalha e atiraram para o tumulo com um cadaver, que exhalava já incomportavel podridão. A arvore, cujo cimo se mirava soberbo nos céus, vegetava enfesada e rachitica 'num solo coberto de urzes, que devoravam a substancia, que devia alimentar-lhe a seiva. Seccaram as raizes, carcomiu-se o tronco, murcharam as folhas, estragaram-se os fructos, e, quando veio o vendaval, a arvore gemeu, estoirou e cahiu com um fragor immenso, porque vastas eram as arrancas, que se estendiam pelo universo. O barbaro, que divinistava em si a força, revia-se vaidoso na sua espada, que elle nunca esperou ver refulgir ao sol da velha Europa. Contemplava ebrio de feroz prazer os reverbérios aver-

melhados, que da lamina tincta de sangue lhe resaltavam na face, allumiando-a com uma aureola digna d'elle. E o ferro não lhe vacillava nas mãos ao contemplar a dolorosa agonia d'uma civilisação, que se extorcias nos ultimos paroxismos. Experimentava o valor e brincava com elle talando os campos, saqueando as cidades, incendiando as searas, roubando, trucidando, destruindo e deixando após si só silencio, desolação e morte. A luz da civilisação apagou-se, e começou então a noite, que por tão largo tempo demorou as suas trevas no horizonte do velho mundo. O barbaro desprezava a sciencia, porque a não conhecia. Estupido e cruel não comprehendia nem queria comprehender o, que ella era. Foi uma revolução cahotica, em que nada ficou de pé.

Qual impetuosa torrente, que descendo da encosta leva o arbusto, arranca a planta, lambe tudo, e só deixa, como vestigios da sua devastadora passagem, areia, pedras, e escabrosidades, as cohortes desenfreadas retalharam o solo da Europa, derribaram, e anniquilaram tudo o, que 'nelle vivia, desmoronando as instituições, acabando com as leis, e espargindo por toda a parte pó e ruinas. As letras fugiram espavoridas, e foram acoitar-se em logares, onde viveram vida morbida e incerta; porque deslocadas e desprotegidas não havia lá, quem lhes comprehendesse o valor, apreciasse as bellezas, e lhes dêsse o cultivo, que ellas mereciam.

(Continúa)

J. ALVES MATTEUS

O NOBRE E O MENDIGO

ROMANCE ORIGINAL

DA

SR.^a D. H. L. DE VILCHEZ

TRADUÇÃO DE V. DA SILVEIRA

I

'Numa das aldeias mais pitorescas da bella Andaluzia, jardim perpétuo, em que a mão de Deus derramou, com mais prodigalidade, do que em nenhuma outra parte, a formosura das flores, a abundancia e pu-

reza das aguas, e a riqueza e louçania da vegetação, vivia, pelo anno de 1830, o rico e bondoso marquez de São Telmo, que, fatigado do boliço da cõrte e desconsolado pela recente perda de sua boa esposa, se havia retirado á vida pacifica e solitaria do campo, com seu filho Fernando, joven de 16 annos, que herdára a sympathica belleza de sua mãe, mas cujos excellentes dotes e nobres sentimentos se achavam viciados e quasi extinctos 'naquelle coração tão terno, em virtude dos máus exemplos d'alguns companheiros da infancia, e da excessiva ternura e descuido, com que fõra educado.

Fernando era toda a esperanza, toda a alegria de seu pae; era, por assim dizer, o ultimo raio de sol, que dava vida áquelle pobre coração. Amimado, porém, em demasia, adulado por seus inferiores, que viam 'nisto o melhor meio de captar a vontade de seu senhor, menospresava o carinho e o respeito, que devia ao auctor de seus dias, e, se alguma vez o procurava, era com o objecto de manifestar-lhe o profundo desgosto, que lhe causava a vida de campo, e instal-o, cada vez com mais empenho, para que o deixasse voltar ao seio de sua brilhante sociedade, cousa que o marquez lhe recusava sempre, temendo, com sobrada razão, que, entregue só ás sugestões de seus companheiros e a seus proprios instinctos, acabasse de perder-se.

Pae e filho viviam pois, desde a morte da marquezia, privados dos doces e sanctos gozos, que offerece o amor da familia; porque, se Fernando passava sua existencia entre a caça, alguns passeios solitarios e os livros de recreio, o ancião, só, em seu gabinete, opprimido mais ainda pelo pêso de seus desgostos, do que pelo decurso dos annos, arrastava uma vida assás tristissima e difficil.

A casa ou palacio do marquez, como geralmente lhe chamava aquella boa gente, achava-se situada logo á entrada da povoação. Era espaçosa e bella, e ainda conservava o faustoso luxo e as minuciosas commodidades, com que, em melhores tempos, a decorára seu dono. Suas janellas de saccada e suas extensas varandas davam-lhe um aspecto alegre e encantador: á direita,

e juncto ás salas de recepção, ficavam os quartos, que haviam sido occupados pela fallecida marquezia, e que se achavam agora hermeticamente fechados e deshabitados completamente: á esquerda, e com a frente para o campo, estavam os aposentos do marquez e de Fernando: do mesmo lado habitava tambem seu criado particular e mais dous ou tres criados de confiança: as lojas, finalmente, eram occupadas por Joanna Maria, criada antiga da mallograda senhora; e sua inseparavel companheira, todas as vezes que, durante o verão, vinha passar alguns tempos em sua formosa casa de recreio.

Joanna era uma mulher de seus 45 annos: sua tez, posto que tostada pelo sol, como acontece sempre ás laboriosas filhas da aldeia, revelava uma saude admiravel; e a franca e risonha expressão de sua phisionomia deixava conhecer a honradez de seu character e a bondade de seu excellente coração. Era viuva, e vivia só com seu filho e uma formosa joven de 13 a 14 annos, de quem ninguem sabia a origem, mas a quem Joanna amava, como a seu proprio filho. Verdade é, que Angela, com seu candido semblante, seu ar humilde e affectuoso, e sua applicação aos trabalhos proprios de seu sexo e mui superiores á sua idade, não podia deixar de atrahir os carinhos de sua boa mãe adoptiva.

O marido de Joanna havia sido, durante muitos annos, rendeiro das terras do marquez; até que, vendo este sua rectidão e desinteresse, lhe entregou a guarda de sua casa durante todo tempo, que d'ella se achava ausente. Depois, quando resolvêra fixar sua residencia na povoação e Joanna enviuvára, confiou d'esta o cuidado e asseio de seu palacio.

Nos primeiros dias, que succederam ao da chegada de seus nobres amos, a timida Angela apenas se deixava ver. Convencida de sua humilde condição, pouco curiosa, posto que joven e mulher, ella passava todo seu tempo na habitação de Joanna, ajudando-a em suas occupações ordinarias, e sem se atrever a sahir de casa, com medo de encontrar-se com os senhores.

Comtudo, uma tarde, a joven filha dos

campos, triste por falta d'espaco e ar, resolveu deixar seu retiro e voltar a seus antigos costumes, indo ver occultar-se o sol por detraz das montanhas, e contar as estrellas á medida, que appareciam no firmamento.

Era este seu maior divertimento; pois que, como Joanna era pobre, e mais pobre ainda depois da morte de seu marido, os vestidos de Angela eram sempre inferiores aos das outras jovens, suas visinhas, que a desdenhavam e se riam d'ella.

Angela apacivel e boa não se offendia do tractamento de suas companheiras; porém evitava seu encontro, para não ser o alvo de seus motejos e de suas risadas.

Na tarde a que nos referimos, depois de concluida sua costura e de haver pedido licença áquella, que chamava sua mãe, saiu só e foi procurar um sitio, onde podesse sentar-se, não longe de sua casa.

Apenas havia dado alguns passos no caminho, que conduzia ao rio, chegaram a seus ouvidos alguns lamentos dolorosos e prolongados, que partiam d'um barranco proximo. Vencendo sua natural timidez, desviára-se da direcção, que seguia, e encaminhou-se para o sitio, onde julgára ter ouvido os gemidos.

Seu coração não a enganára; um desgraçado necessitava de soccorro, e acaso Deus a conduzira áquella sitio para proporcionar-lhe o merito d'uma boa acção.

Angela percorreu com seus olhos o fundo do barranco, e viu derribado sobre as pedras e sem poder mover-se, um ancião, que indubitavelmente 'nelle havia caído de sua maior altura; pois que seu fato e suas mãos estavam manchados de sangue.

Com a ligeireza da ave, que cruza o espaco, desceu a joven pelas estreitissimas veredas, que lhe offereciam caminho, e se aproximou d'aquelle, que debalde pedia soccorro havia já uma hora.

Era um ancião miseravelmente vestido; mas a quem os cabellos brancos, que apenas desciam até sua espaçosa frente, davam um aspecto grave e venerando. Em seus olhos havia ainda uma expressão cheia d'intelligencia, cuja melancolica ternura commovia profundamente; suas encurva-

das costas demonstravam sua idade; e o pobre sacco e o rustico bordão, a que se apoiava, manifestavam claramente sua profissão de mendigo. Apesar d'isto, certo asseio, que se lhe notava, seu ar abatido e a doçura de suas palavras, tudo deixava advinhar, que nem sempre havia vivido na miseria, e que grandes desgraças teriam motivado seu estado actual.

Quando viu a joven, agradeceu a Deus por aquelle auxilio, que, posto que debil, lhe enviava.

Angela chegou-se ao ancião, e ajudando-o a levantar-se, o sentou sobre a herva. Em seguida e por diferentes vezes, formando com as mãos uma especie de concha, lhe foi buscar agua ao proximo rio, para humedecer-lhe os labios e laval-o do lódo, que lhe manchava a frente e quasi lhe encobria os olhos.

— Só sinto, minha boa filha, disse por fim aquelle homem, que teus tenros braços não possam ajudar-me a subir até o caminho, e muito menos amparar-me até chegar á morada, que hontem, ao entrar na povoação, me offerecêra um excellente camponez.

— Mas se quizerdes, eu irei sósinha chamar vossos filhos.

— Meus filhos! Não tenho familia: sou só no mundo; e por elle vou errando para mendigar um pedaço de pão, que meus annos, me não permitem adquirir d'outro modo.

— ¡ Meu Deus! que vida tão triste! Mas eu não quizera deixar-vos ao desamparo 'neste logar, principalmente sendo quasi noite. Será talvez melhor esperar que passe alguém; se passar, chamarei para que nos ajude. E se até o escurecer houvermos esperado em vão, eu irei 'numa corrida avisar minha mãe; e ou ella ou meu irmão virá comigo, para vos tirar d'este barranco.

— ¿ Mora's perto d'aquí minha filha?

— Sim, muito perto: no palacio do marquez, cujas janellas quasi que se avistam d'este logar.

— ¡ Do marquez! E ¿ quem é esse marquez?

— O marquez de São Telmo, senhor muito bondoso, e que talvez quizesse prestar-vos algum soccorro.

O mendigo não escutou as ultimas palavras de Angela, pois ao ouvir o titulo de *São Telmo* experimentára uma agitação impossivel de descrever.

— É elle! meu Deus! murmurava o ancião, é elle!... certamente; tinha aqui terras, propriedades... Ha tanto tempo que deixei estes sitios! demorei-me 'nelles tão pouco!... E dize-me, minha filha, ¿és porventura parenta do dono d'essa casa?

— Eu? Não senhor: sou filha de Joanna, antiga criada de nossos amos, e que presentemente está encarregada de tractar do palacio.

— E como é que tua mãe te deixa andar assim sózinha por estes caminhos?

— Minha mãe! disse a joven suspirando, minha mãe observa-me por toda parte; porque está no céu. Assim m'o tem dito Joanna mil vezes.

— Pois que ¿ não és sua filha?, perguntou com solicitude o mendigo, que, por um sentimento desconhecido, professava um affecto cheio d'interesse por todas as orfãs.

— Não senhor: sou estimada por ella, devo tudo á sua bondade; porém não me deu o ser. Todavia, eu a respeito e estimo sôbre todas as cousas do mundo; e visto que, sem ser minha mãe, tem cuidado de mim, meu coração deve consagrar-lhe a gratidão e o amor filial, que não pude oferecer áquella, que me deu a existencia.

— Excellentes e sábias maximas! ¿ Quem são teus mestres?

— ¿ Meus mestres? Joanna, com quem aprendi a cozer e a cuidar da casa, e o senhor cura, que me ensinou a ler, e que todos os domingos prega na capella de N. Senhora. Quando minha mãe me dá licença, vou ouvi-lo, presto muita attenção a suas palavras e procuro depois fazer o que ellas dizem. Assim conseguí saber, que as creanças devem ser humildes a seus paes, respeitosas para com os anciãos e caritativas para com os necessitados. E nem ambiciono saber mais nada, nem invejo outra sorte.

— Deus te abençõe, filha, que com tua doce ignorancia podes dar licções a um velho. Porém dize-me ¿ como te chamas?

— Maria dos Anjos, como a Rainha do céu.

— Maria dos Anjos! oh! meu Deus!

O tio Pedro quasi que ia caindo desmaiado ao ouvir este nome, e olhou para a joven ao mesmo tempo com certo espanto e amor difficil de pintar. Seus tremulos labios já se abriam para dirigir-se a Angela, quando esta exclamou:

— Se não me engano, creio que sinto passos na vereda. ¿ Se fosse alguém, que podesse ajudar-me!...

E ligeira e ousada subiu até o caminho; porém ao estender a vista, para descobrir quem era que passava, encontrou-se diante do joven Fernando, que acompanhado de seu cão Dric, voltava d'um de seus estensos passeios. Angela duvidou se devia chamar o filho do marquez ou esperar ainda. Com seus olhos azues observou o sol, que já começava a occultar-se, pobre de raios e de luz; e lembrando-se de que sería tanto mais difficil ao bom velho encontrar a vereda, quanto mais se aproximasse a noite, se resolveu por fim a pedir ao joven seu auxilio; e, interpondo-se na sua passagem, lhe disse:

— Perdoai-me, Sr. Fernando, que vos interrompa; porém no fundo do barranco cahiu um pobre velho; e nem me atrevo a deixal-o só, nem posso ajudal-o a subir por essa senda tão estreita e tão íngreme. Se quizesseis dizer a minha mãe o logar onde estou, e pedir-lhe que viesse aqui ter, ella ou meu irmão André...

— E ¿ quem é tua mãe? lhe perguntou Fernando, fixando seus olhos no afogueado rosto da joven, recordando-se de ter visto já aquella pura e angelical phisionomia.

— Minha mãe é Joanna, vossa criada, que mora nas lojas do palacio.

— Ah! ¿ tu és filha de Joanna? ¿ tu vives tão perto de mim? ¿ Pois bem: vou comprar-te, ou, para melhor dizer, vou acompanhar-te, e ambos conduziremos a sua casa esse infeliz.

— ¿ Vós?, murmurou Angela cheia de surpresa.

— Sim, eu. ¿ Tanto te admira? ¿ Porventura não me julgas capaz de socorrer a quem é pobre e de levantar a quem cahiu? Vamos: guia-me depressa.

(Continúa)

PROTESTO

Ha de vir um dia a morte
Da vida a fonte esgotar,
E a mão secca e descarnada
Ao frio peito encostar;
E ao seu gelido contacto
Ha de este sangue parar,
E o coração tão ardente
Cessará de palpar...

— Mas só então alma e vida
Deixarei de te offerar;
Só então... que tu bem sabes
Como eu só te sei amar...
Quantas provas d'este affecto
Queres tu que te vá dar?...
Não conheces que esta chamma
Jámais se póde apagar?...
Que este laço nunca o fado
Póde em vida desatar?...
Que se o triste que te adora,
Que só vive do te amar,
Tu deixasses um momento...
O podesses tu deixar...
Não sabes que só podias,
Só o podias matar?...
E que o ultimo suspiro,
Inda assim te iria dar?...
Que no seu extremo arranco,
Sentindo a vida estalar,
Seu alento derradeiro
Por ti só ia soltar?...
Se acaso a vida que goso
Te não puder consagrar,
É que me veio a agonia
Com mão pesada e sombria
Do meu derradeiro dia
Ultimo instante riscar...
De certo que só a morte
T'a poderia roubar...

Não será porque desfeito
Seja meu unico amor;
Unico amor que meu peito
Te votou com vivo ardor:
Não será, que nunca muda
O peito do trovador;
E a jura que um dia fez
Conservará em vigor.
Se te jurou a teus pés
Constancia firme e leal,

É que o amor que te vota
Será eterno, immortal;
É porque esse sentimento,
Que lhe inspiraste na vida,
Nunca na vida um momento,
Nem um só se apagará,
Que nunca a fé promettida,
Dos seios d'alma nascida,
Deixará de ser cumprida,
Nunca, nunca quebrará.

Tu, por ventura, já viste
No orbe celeste pender
Uma estrella sempre triste,
Ou quasi exsangue a morrer?...
Nunca viste, não, d'onzella,
Uma estrella esmorecer,
Porque o brilho é proprio d'ella,
Não póde o brilho perder:
Meu amor é como a estrella,
Nunca póde perecer.

— Mas se á noute a tempestade
Vier altiva a rugir,
Ha de vir a escuridade
A luz da estrella encobrir;
Ha de então a estrella linda
Seu lindo brilho esconder;
Meu amor mais forte ainda
Sem vacillar nem tremer
Ha de conservar constante
Da fé o fogo brilhante,
Ha de fulgir e viver.

Setembro de 1859

A. A.

A um homem do povo que por suas proprias mãos adornava o feretro de sua filha

Eu vi-o triste! — no rosto
Vi-lhe a furto borbulhar
Esse pranto do desgosto,
Que em vão q'ria suffocar;
E juncto á filha sem vida,
No feretro adormecida,
Mostrava bem seu amor,
Quando, triste e compungido,
Comprimia esse gemido,
Que d'alma incitava a dor!...

Vêde-o alli!... esse homem rude
Não se peja de chorar,

Quando de filha o ataúde
 'Stava elle mesmo a adornar!...
 Que o pranto, que seja abrolhos,
 Jámais deshonrou os olhos
 D'um pobre pae que o verteu,
 Quando o pranto o rosto lava
 Do filhinho, que elle amava
 E que vóa — anginho — ao céu!...

Vêde-o alli pondo a capella
 Na frente ao anjo dos céus!...
 Era elle proprio!... e ao vél-a
 Lhe dizia o extremo adeus!...
 Mas como affaga o anginho!...
 Quasi um sorrir de carinho
 Os seus labios lhe entre-abriu!...
 Achava-o bello!... tão lindo!...
 Julgou-o talvez dormindo
 E então o triste sorriu!...

Que affecto tão excessivo
 Que alli põe o pobre pae!...
 Parece que o anginho é vivo
 E que p'rá festa lhe vae!...
 Ao desvelo, com que o adorna,
 Dir-se-ia que em breve torna
 A filhinha em casa a entrar!...
 Julgar-se-ia, que, brincando,
 A adornára em sonho brando,
 P'rá ver mais bella acordar!...

Illusão!... a filha q'rida
 É um cadaver!... mais não
 Lêde-o na dor comprimida
 No paterno coração!...
 Como em caricia tão maga
 Da filha o rosto inda afaga
 Como beija os olhos seus!...
 Como não contém seu pranto
 Que um pae já não póde tanto,
 Dando á filha o extremo adeus!...

A. M. DA CUNHA BELLEM.

LEMBRAS-ME

Se ao enlaçal-a no peito
 Me cae desfeita uma flor...
 Lembras-me, sonho desfeito!
 Sonho d'amor!

Se a borboleta do calix
 D'um lyrio aos ares se ergueu...
 Lembras-me, estrella dos valles!
 Lyrio do céu!

Se inda um affecto em mim vive
 Entre os que mortos possuo...
 Lembras-me, sonho que eu tive!
 Lembras-me tu!

JOÃO DE DEUS

O AMOR E A MORTE

(IMITAÇÃO)

Arcos em punho, e no hombro a aljava,
 Co'Amor, a Morte um dia viajava:
 'Num denso bosque a noite os surprehende;
 E quando os lassos membros
 Em terra descansaram,
 As settas por engano misturaram.
 E quiz a fatal sorte,
 Quando a aurora raiava no céu,
 Que Amor se apossasse das armas da Morte,
 E esta, por outro lado,
 De algumas do deus alado,
 Que junctas co'as suas na aljava metteu.

E foi este engano
 Origem funesta de muita desgraça;
 Pois desde este dia o Amor inclemente
 As almas dos jovens fere mortalmente;
 E a Morte traspassa,
 Com riso traidor,
 O peito dos velhos co'as settas do Amor.

S. DA GAMA

CHARADA

Não me distingues entre ellas?
 Queres saber quem eu sou?
 Não sou amor, nem belleza,
 Mas uma e outra me gastou. } 1

Talvez, assim, não conheças
 O rogo que eu sei fazer?
 Pois então não me accentues,
 Juncto aos nomes irei ter. } 1

Com vida o sangue pisado }
 A minha côr imitou: }
 Com côr me tomam as damas } 1
 Fraco e doce como sou. }

Dizem que um grande guerreiro }
 Comigo já se entreteu }
 É mentira: assassinou-me, } 1
 Porque me não compr'endeu. }

Era escusado conceito
 Dividido como estou;
 Mas como é moda dizel-o,
 E a moda não acabou:
 — Sou homem, e sou amante,
 — Fui militar e estudante.

K.

N.º 19.º — *Cachopucho*

EXPEDIENTE

Rogâmos aos Sr.º assignantes, que ainda não satisfizeram a importancia de suas assignaturas, se sirvam mandar pagar a esta redacção ou a seus commissarios, na fórma já annunciada; isto é, em estampilhas, ou vales do correio, quando não houver outro meio mais facil de pagamento.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

PENSAMENTOS SOBRE O CHRISTIANISMO,

Provas da sua verdade, seguido das confissões d'um philosopho christão, e da correspondencia entablada pelo auctor, sobre estes dois escriptos, com as primeiras dignidades do clero francez: — por J. Droz, vertido do francez e annotado.

Está no prelo e vai sair á luz mais um livro de util e conveniente leitura para todos os que se filiam no gremio catholico. Não é um compendio de tneologia, nem um tractado de metaphysica; é um livro, amenamente escripto, em que são postas ao alcance de todas as intelligencias, as provas mais salientes da verdade dos dogmas e mysterios da religião christã.

Se o nome do auctor, sobejamente conhecido no mundo litterario pela clareza das suas ideias e imparcialidade da sua philosophia, é sufficiente garantia do valimento da sua obra, as cartas que sobre ella lhe foram dirigidas pelas primeiras auctoridades ecclesiasticas do seu paiz e que com ella correm impressas, podem dar testemunho da sua orthodoxia, e fazem suspeitar que a traducção que hoje se annuncia merecerá o favoravel acolhimento do público.

Corre porém ahí já publicado um pequeno opusculo, que, com o mesmo titulo, póde ser confundido com a presente edição. Previne-se portanto o público, que aquelle contém apenas a primeira parte do trabalho de M. Droz, e que a nossa edição, em lugar d'um folheto de 80 paginas em 16.º formará um bello volume de cerca de 300 paginas em 8.º francez.

O preço para os srs. assignantes é de 480 rs. pagos no acto da entrega; avulso 600. Todos os que sollicitarem dez assignaturas terão direito a um exemplar gratis.

Assigna-se em Aveiro em casa do editor Ernesto A. Ferreira, e em Coimbra nas lojas do sr. J. Orcei e José de Mesquita; e nas mais terras do reino e ilhas e nas casas dos sr.º commissarios dos sermões do Malhão, e Orador Sagrado, e Mil e uma Noites.

JORNAL PARA TODOS

LEITURAS DE INSTRUCCÃO E RECREIO

Publicou-se o 1.º numero d'este semanario illustrado, contendo os seguintes artigos: — Torre de Belem (com uma gravura) — Viagem á roda d'um vestido de folhos — Delhi — Engrandecimento da Inglaterra — A aurora boreal — O doutor Jenner, biographia (com uma gravura) — Descobrimento de várias ilhas portuguezas — As pragmaticas — Miscellanea — Logographo.

Assigna-se e vende-se na imprensa Industrial, Calçada do Combro, n.º 83; rua Augusta, n.º 1 e 8; rua do Arsenal, n.º 15, e em todas as mais lojas do costume.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

	LISBOA	PROVINCIAS
Por um anno ou 52 numeros	1\$000	1\$260
Semestre ou 26 numeros	500	630
Avulso — 30 réis.		

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; Porto — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro — Sr. Feliciano José Alves Braga.

PREÇOS

	SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno	1\$240	1\$480
Semestre	660	780
Trimestre	360	420
A vulso — 60 réis.		

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

THEATRO

AO EX.^{mo} SR. J. DE M. GIRALDES SAMPAIO E BOURBON

(Continuado do n.º 20)

III

Longo e doloroso foi o tyrocínio, por que passou a sociedade, até chegar a reconstruir-se com elementos tão varios e descontraídos. Tenue e escassissima era a luz, que penetrava no interior do castello feudal habitado pelo senhor, já convertido pelo christianismo e mais humanisado. O Crusado era um destemido e bom cavalleiro, que governava bem o seu fogoso ginete; era um valente guerreiro, que com mestria e denodo abraçava o broquel e brandia a espada, que com intrepidez e coragem imbebia no coração do infiel; mas 'nesta interessante e poetica figura da meia idade, que percorria o mundo, fazendo proezas em nome da religião, da patria, e da sua dama, se por vezes o valor e a generosidade reluz em muito, a ignorancia e a fereza são as suas feições mais proeminentes, e a illustração e a cultura do espirito são as qualidades, que menos lhe assistem.

Não admira. A força era então a deusa da terra, e o principio de Brenno tinha em cada homem um crente sincero, e um cego adorador. As cousas tinham chegado a tal ponto, que a sciencia era reputada *triste e vil* apanagio dos fracos e dos apoucados. Quando o baixo clero mal sabia lèr e escrever, e vivia e recebia ordens, e morria, sem nunca ter lido a Biblia, podemos estranhar a mais supina ignorancia no homem, para quem a vida era o tumulto dos arraiaes, e as refregas das batalhas?

Guthemberg deu vida ao que tão esque-

1839

cido e descurado tinha sido. Desde a restauração até hoje as letras não decahiram, nem tactearam mais; tem avançado a passos largos, firmes e rapidos pela estrada que lhes abriu uma invenção maravilhosa, e que lhes tem aplanado o estado sempre melhor do espirito humano. A arte dramatica não jazeu no estacionamento e no atrazo; recebendo o mesmo impulso, tem merecido as attenções e os disvelos da intelligencia e da actividade do homem, que vê e reconhece 'nella um dos ramos mais bellos, mais vastos e fecundos da litteratura. Todas as nações cultas correram então avidas e pressurosas aos theatros. E a providencia tem-as provido de grandes mestres, que dignamente a tem tractado.

IV

Entre nós Gil Vicente e mais tarde Ferreira deram-lhe a mão, que não era fraca, e ajudaram-na a erguer-se do immundo e turvo lodaçal do *truanismo*, onde a fizera descer a falta de luzes e de gôsto, que chegava até o ponto de pôr em scena, e muito mal, os mais sublimes e angustos mysterios da nossa religião, que era assim degradada por erro de entendimento.

Na pobreza e obscurantismo, em que a encontraram, e com as ideias do seu tempo, a que não podiam de todo ser superiores, comprehenderam o, que devia ser a arte, e fizeram o, que podéram.

Decorrem muitos annos, sem que appareça uma obra original e digna de menção especial. Os nossos escriptores limitaram-se a copiar feiamente, e muitas vezes a deturpar sem consciencia as composições estranhas dos auctores celebres. Com a nossa res-

N.º 21

tauração politica veio a regeneração litteraria: digo, regeneração litteraria, e faço-o mui de proposito. Ha por ahicaturras intolerantes e intoleraveis, que prestando religioso culto a tudo o, que é d'outras eras, exaltam até á hyperbole, e repetem com um entôno por vezes soberanamente ridiculo, que só na antiga litteratura ha a profundidade, o sublime e o bello. Fulminam anathemas, e affixam por toda a parte crueis edictos d'exterminio contra tudo o, que é moderno. O progresso *parou* ha certo numero d'annos que elles lá sabem, e desde então não se descobrem verdades; só se ensinam e propalam erros, e só se publicam livros, em que o tacanho, o trivial, e o pequeno são as *bellezas*, que mais os caracterisam. Seguem a logica dos extremos, e não querem comprehender o, que seja justiça. São d'estes, que vendo mover-se a terra, affirmam com tenaz affinco, que era um tólo e um extravagante o pobre do Galileu, que elles desapiedadamente arrastam todos os dias pelos cabellos. Parece, que tomaram sôbre si o triste inglorio e inutil encargo de algemar e fazer voltar a traz a sociedade, que Deus, a natureza, e a razão impellem para diante.

Na litteratura antiga ha obras, que são monumentos preciosos pela elevação dos principios, que encerram, pelo brilho de verdades, que ensinam, e pela somma de bellezas, que as aformoseiam. Mas é tambem certo, que ha por lá muita teia d'aranha, que novas luzes têm rompido; muita ideia falsa, que hoje não tem voga; e abundantes extravagancias, que ninguem até se dá ao trabalho de combater, tão esquecidas foram. Não sou exclusivista, nem quero nem me sinto com forças para de novo ventilar a questão da superioridade da antiga, ou moderna litteratura, levantando o pó no campo, onde se degladiavam os Boileau e os Perrault. 'Nesta ha tambem faltas, imperfeições; e a superficialidade é uma das que muitas vezes a affeia. Não estranhemos: o homem não deixou ainda de o ser. É todavia incontestavel, que ella tem alargado e aperfeiçoado immensamente a sua orbita; porque possui mais ideias, mais principios e conhecimentos; tem descoberto um mais

avultado numero de verdades; e tem arranjado um methodo mais facil e racional de as indagar, estudar e expôr. A historia é por certo o dominio mais rico, variado e importante da litteratura:—e que notavel differença, que distancia quasi insuperavel não ha do adiantamento, em que ella já está, ao modo, por que a tractaram os antigos? Narrar factos descarnados, descrever famosas batalhas, esmiuçar cousas, que pouco, ou nada valem, acceitar sem exame, e contar sem critica tradições absurdas, e fabulas ridiculas, e tudo isto quasi sempre sem ordem e sem systema, sem applicação ao aperfeiçoamento do homem, e á organização, interesses, e vantagens sociaes, eis em poucas palavras a que se reduzem a maxima parte d'esses livros, mais merecedores de serem classificados com o nome de contos da *carochinha*, do que honrados com o sublime titulo de historia, tal, como ella deve ser considerada. Hoje a historia está, e com razão, posta no lugar, que de direito lhe competia, como a sciencia mais util.

Hoje a critica discute a veracidade dos factos, trabalha em elucidar as dúvidas, applanar as difficuldades, exerce a philosophia sobre os acontecimentos, entra, para assim nos exprimirmos, na alma d'elles, virifica-os, faz ver a influencia, que elles tiveram no individuo, na familia e na sociedade, fal-os sair das sombras do passado para servirem de luz ao presente, e de guia no futuro.

Aponta-se Cicero, falla-se de Tacito, lembra-se Plutarcho, mas por estes bons, quantos máus? e esses mesmos apezar do vigor do seu genio, e da altura da sua philosophia não attingiram os progressos, que desde então se têm feito no modo de a tractar. Mas dizem, já não ha poetas como Homero: ainda ninguem se sentou no throno, que elle deixou vasio. As edades de muita illustração se não são um obstaculo, são com tudo pouco favoraveis aos progressos da poesia: já o disse algures, e o distinctissimo critico Maculay prova-o até á evidencia. Camões, apesar de ter a tal veia rica e fina, de que falla o poeta romano, apesar d'escrever um poema que é um glorioso monumento para o genio,

que o creou, e para a terra, que elle canta, ficou áquem d'Homero. Não tem o mesmo arrójo na concepção, nem a mesma força na imaginação, nem a mesma magestade na linguagem, concederei; mas não tirará Camões a palma a Homero na superioridade das ideias? Homero viveu em tempos de menos cultura, professou uma religião absurda e immoral; e Camões aspirou os bafos d'uma civilização já adiantada, era christão, e quem sabe a revolução pasmosa, que fez no homem uma religião, que é verdadeira pela origem, pela sua pureza, pelo seu espiritalismo e elevação?; quem todos os dias vê, que a nossa civilização é, como diz o Auctor de Jocelyn, a incarnação do verbo evangelico nas instituições, nas leis e nos costumes, facilmente se persuade, que o christão ha de pensar melhor, embora o seu pincel não reproduza na tēla com a mesma vivacidade de côres os sentimentos, que o inspiram.

José Agostinho de Macedo foi um sabio distincto, e um não vulgar poeta, digam o que disserem: arranhem quanto quizerem, mas nunca conseguirão apagar e destruir as obras, que elle ahi deixou, e que hão de sempre ser lidas e apreciadas por aquelles, que a paixão, e a parcialidade não arrastar e cegar. Lamentando o louco orgulho, e os desgraçados desregramentos do homem, prestemos a homenagem devida; não nos envergonhemos mesmo de acurvar respeitosos a cabeça ante o merito do escriptor, que é grande. Mas o Auctor do Oriente não passa d'um pobre e obscuro verme juncto do grandioso vulto, que elle debalde tentou derribar do alto pedestal, onde o collocára a justiça dos sabios, e o amor e o entusiasmo d'uma nação. A sombra d'essa grande estatua era um alimento amargo á sua inveja e vaidade, que não podia levar a bem, que ninguem fosse maior, que elle. Apezar dos seus mais ardentes esforços a estatua de Camões conservou-se de pé na sua gloria, e nem cahiu, nem se quer vacillou um pouco. José Agostinho de Macedo é, ao pé de Camões, um poeta insignificante; mas enriquecido com largos estudos e profundos conhecimentos aproveitou com as faltas do que elle julgava seu rival,

por que as viu, e não cahiu 'nellas, e dispoz de todo o seu cabedal, empregou toda a força da sua intelligencia, e deu a maior contenção ao espirito para não cometter outras.

É superior a Camões nas ideias, e na doutrina, desterrando da sua obra o informe, abstruso e monstruso amalgama de duas religiões, tão oppostas como a verdade e o erro. Evitando imperfeições, e seguindo sobranamente os preceitos da arte, mostrou que era mais sabio que Camões; mas como poeta deu-nos a conhecer, que nem rival chegou a ser.

v

Aquella tacha em tamanha obra tem sido exagerada por alguns, até o ponto de descarregarem sôbre o pobre Camões um sem numero de invectivas injustas e até barbaras; porque elle não póde ser responsavel por faltas, que no seu tempo eram reputadas bellezas.

Portugal ainda não deu a Camões um successor. Bocage foi o unico capaz de o ser, e tel-o-ia sido, senão fosse a natureza do seu character. Se se tivesse applicado a uma obra séria, se se dresse mais ao trabalho, o seu genio inspirado, o seu estro elevadissimo, fertil e rico ter-nos-hia legado um poema, que havia de rivalisar com o de Camões.

Acabaram as controversias acaloradas, e as renhidissimas disputas entre os fanaticos da eschola classica, e os adoradores da romantica. E foi isso um bem; porque realmente gastariam melhor o tempo, se o dedicassem ao estudo do que ha bom em ambas ellas, e se o empregassem, applicando o seu cabedal, escrevendo algum livro util.

As regras eram para o classico um sagrado e inviolavel crêdo, de que ninguem devia affastar-se, sob pena de cahir em negra e imperdoavel heresia.

Em vez de considerarem as regras como a historia d'aquillo, que tinham feito os mestres, rejeitando o que lá houvesse inutil, e cortando tudo o que podia cumprir a imaginação, e escravisar a intelligencia, e aproveitando só o substancioso e o neces-

sario para guiar e firmar as pessoas do genio, seguiram-nas exacta e escrupulosamente.

As regras eram dogmas. Eram para elles mais que um appoio e uma luz, eram meio indispensavel e unico, não só para imitar, mas até para crear. Foi fanatismo de mais. Um editor condemnou um volume de poesias de Lamartine, aconselhando-lhe com ares de pae escandalizado, que lêsse Racino, estudasse Voltaire, e nunca largasse das mãos Delile. Pareceu-lhe um crime o arrojô d'aquella vigorosa imaginação, d'aquelle estro inspirado, que dizia o, que sentia por um modo novo, e desconhecido por uma forma insolita, em que eram desprezados os tramites da rotina.

A escola classica resente-se da atmospheria das côrtes, onde era alimentada, recompensada e applaudida. O escriptor dedicava as obras ao rei, com quem a sua consciencia não sympathisava, porque lhe não era permitido dizer a verdade. O despotismo das regras e o despotismo do poder foram unidos um grande mal. Pintavam a verdade nas suas abstracções, sem se importarem com o individuo, e *formaram* uma belleza de convenção sem attenderem á côr local, que elucida, e aformoseia, e é um grande elemento de variedade.

A escola romantica assentou os arraiaes, em campo mais largo, e mais appropriado para os combates, e para as victorias. Guerreou com denodo o velho empyrismo, e, estabelecendo a sciencia racional como base, fez dar ao progresso em grande passo.

A escola romantica é democratica, como o povo d'onde sahio. Filha da liberdade tem crescido e engrandecido com ella. Escolheu para theatro o homem e o universo, e com as armas da discussão e da critica tem alargado immensamente os seus dominios.

Caracterisa-a a variedade e o infinito.

O mesmo movimento, que a anima e arrastra, tem-a desnortado algumas vezes. Emancipada tem tido os seus momentos de licença e desenfreamento, que não prejudicam; porque muito solida e adiantada está já a obra, para que possa derrocal-a um pequeno descuido.

É todavia indubitavel, que a moderna

eschola transcende e sobreleva a antiga sob muitos pontos de vista. Ha abusos, tem-se cahido em erros, é verdade isso; mas tambem é verdade, que se tem reformado, e que muitos vicios da antiga se tem evitado, e que muita cousa nova, original e grande tem apparecido. Quem assim não pensa, não acredita no progresso, e não sabe ou não quer saber que é elle a lei vital da humanidade; e porisso ou é tólo, ou máu.

Ha vinte annos para cá, que entre nós se tem trabalhado muito, e com ardor, com fé, enthusiasmo e dedicação. Cada vez me convenço, mais, que a liberdade é a alma, e a vida das sciencias e da litteratura.

Alguns abusos, que se tem commettido são menos prejudiciaes, que as mezas expurgatorias, que o despotismo levantava ahi em cada canto, escravizando, acanhando, e fanando repetidas vezes o, que mais digno era de ser publicado, lido e aproveitado.

Na arte dramatica tem-se obtido os mais largos e prosperos resultados. Tem-se escripto muita peça, que pela concepção e pela fórma merece encomios.

Mas tambem tem entrado no mercado da publicidade muita tolice e semsaboria. Hoje qualquer sujeitinho, que leu dois romances, imagina-se um grande litterato, e como não quer privar o mundo das suas luzes; esteado na consciencia das suas forças, ou no desconhecimento da sua ignorancia, dá á luz o seu drama, e a sua comedia.

Ha por ahi ratõesinho, que tendo a sua habilidade e geito para imitar e copiar, tem feito fortuna, e ganhado créditos á custa do ingenho, do saber e do trabalho d'outros. E estes meninos, que não passam de grandes ladrões, apresentam-se á sociedade, que os atura, como soberanos da intelligencia, e representantes do bom gôsto, e respiram uma vaidade tão ridicula, que, ou causa nauseas, ou provoca a sonora gargalhada.

A Mãe do Engeitado, drama familiar do Sr. T. A. Ribeiro, é uma obra original, que muita honra, e bem merecida gloria dá ao

auctor; é um dos commettimentos litterarios, que revela uma intelligencia superior, e uma grande vocação litteraria já exuberantemente attestada por producções de muito merito.

A acção é tocante, o enredo de muito interesse, a linguagem castiça, o plano regular e bem traçado.

Subiu ha pouco á scena no theatro de Sancta-Comba-Dão. Os actores não foram infelizes; especialmente alguns comprehenderam e sentiram bem os seus papeis, e desempenhando-os com a acção, com a palavra, e com o coração, deram-lhe primorosa execução. Aquella Sociedade Dramatica tem com pouco tempo d'existencia crescido e prosperado muito. Grande parte tem'nesta obra o Ex.^{mo} Barão d'aquella localidade, que, com mão larga e generosa a tem protegido e amparado, dando a casa, prestando meios de construcção, e não se cansando nunca de fazer favores, e prodigalisar beneficios dignos dos maiores e mais justos louvores. Aquelle distinctissimo cavalheiro é, na honra, no desinteresse e na bondade, um dos typos mais puros, mais nobres e sympaticos, que eu conheço. Isto que não é inspirado pela lisonja, nem assoprado pela exaggeração, mas dictado pela verdade e exigido pela justiça, é sabido e reconhecido por todos; pois que muito alto fallam os factos; e é por isso, que eu aqui me compraso em exarar em nome da Sociedade Dramatica um sentido voto de reconhecimento por actos, que o coração póde e deve agradecer; mas que nunca pagam obras.

Oxalá, que não murchem nunca as esperanças, que todos tem'numa obra começada com tanta fé e vontade. As sociedades devem firmar-se na força moral, de que são a expressão, a justiça, a ordem e a unidade.

É'nisto que está a sua prosperidade, progresso e vida. Se lá chegasse um dia a entrar a sem razão, e a prepotencia, haviam de romper-se os vinculos, que prendem os socios, e a anarchia e dissolução serão inevitaveis.

Não ha sociedades d'esta ordem, que não contem com amargura páginas negras na sua historia. É que as paixões ainda não

terminaram, e os homens são sempre os mesmos. Não tendo por vezes força e generosidade bastante para antepôr o bem e o interesse público a dissentimentos e desgostos individuaes, immolam as sociedades no altar dos caprichos, dos resentimentos, das susceptibilidades, que algumas vezes infundadas e pequenas e até miseraveis são o veneno corrosivo, derramado nas veias do corpo moral por aquelles, que mais cuidado deviam ter na sua conservação, vigor e vida.

Enthusiasmo e discordia são os pontos, que marcam a infancia e a morte d'estas associações. Folgarei, se vir, que aquella sociedade voga sem perigo pelos recifes, onde quasi todas naufragam. Se por desgraça isso acontecesse um dia, e eu me visse obrigado a entoar um canto de morte sôbre as suas ruinas, ser-me-ia isso doloroso.

E choraria. E seria sentido e afflictivo esse pranto, que sairia d'alma, como prova d'angustia dilacerante; por vêr aluido e desmantelado o edificio, que mãos justas e sábias fundaram com tanto amor e dedicação. Deus a proteja.

Além d'esta ha tambem uma sociedade d'artistas regida pelos mesmos estatutos e governada pelas mesmas auctoridades. A Sociedade Dramatica escolhe as peças, dirige os seus ensaios, e toma parte activa em todas as récitas.

O homem não se degrada, eleva-se, descendo da posição social que lhe dá a fortuna, ou a illustração, para ir ter com o pobre povo, e alimentar-o com o pão da instrucção, de que elle tanto precisa. O maior favor, e o acto mais nobre, que se póde praticar, é esclarecer a intelligencia embrutecida pela ignorancia, ensinal-a, e educal-a, adoçar os costumes, e suavisar as maneiras do homem. Eu, que nasci nas fileiras do povo, e que me honro com isso, que não córo do nome de meus paes, e que tenho isso por nobreza; eu que amo muito as classes desvalidas; porque sympathiso com a pobreza, e me dóo da desgraça, revolto-me altamente, quando vejo *senhores*, que com sobrecenho olham do alto do collarinho para a creatura de Deus, para o seu semelhante, que despresam como

um pária, e tractam como iliota. Estes, que por um capricho da fortuna subiram do escabelo até o sophá, fallam do seu cavallo com enthusiasmo, e fallam do povo, de que muitas vezes sahiram, como de cousa vil. É o orgulho, que emprega a palavra *povo* para designar as ultimas classes; porque eu 'numa nação não admitto senão um povo, e não reconheço outras distincções, nem respeito outra nobreza, que não seja o talento, as virtudes, e o verdadeiro merito, que em qualquer homem póde dar-se. Adiante. Sancta Comba-Dão jazia ha muitos annos no obscurantismo e no atrazo: o benefico e doce bafo da civilisação, que transforma tudo por onde passa, tem cá feito já os seus milagres.

Com os melhoramentos moraes, que já tem, e com os materiaes, de que em breve vae a gosar, com a indole laboriosa dos habitantes, com os seus recursos, e a sua excellente posição póde vir a ser alguma cousa. Deus lhe dê as prospriedades, que ella merece. Outra vez faremos o estudo critico da Mãe do Engeitado.

J. ALVES MATTEUS

BIBLIOGRAPHIA

A familia de Paulo Janet

Depois que a litteratura romantica atravessando todas as camadas da atmospha social, até se insinuar no seio da familia, conquistou um quasi universal imperio de adeptos e amadores, os livros, proprios a formar o coração e o espirito pela virtude, vivem ignorados, e os que se conhecem são igualmente olhados com aborrimto e desprezo, lá onde elles deviam encontrar um acolhimento favoravel.

Alguns escriptores, ligados á humanidade por um laço de sympathia, compenetrados d'esta sublime e inconcussa verdade de que a ventura do homem sóbre a terra prende e se encerra na paz, na felicidade domestica e d'ahi irrompe e se espalha em toda a humanidade, têm consagrado seus dias e seu amor pela sciencia ao estudo das leis, que no plano providencial lhe foram assignadas, os encantos de que ella é o sagrado

thesouro, as causas perturbadoras, que podem impedir e remover a realisação d'esses bens, o goso d'esses encantos.

Entre estes avulta *Paulo Janet*.

O livro de Paulo Janet — *La Famille* — é um pequeno Evangelho de familia; encerra tudo quanto ha de sublime e maraviloso na organisação da sociedade domestica: os encantos da sua existencia, sua intimidade, suas deliciosas expansões, os deveres que ella exige, os sacrificios que impõe, o tranquillo e suave lidar da mulher no seio da sua casa, o affanoso lidar do homem no mundo exterior, finalmente, o prazer e as dores do thalamo nupcial, os vagidos e os risos do infante, as esperanças, os progressos, a actividade da adolescencia, os queixumes e os incommodos da velhice.

O assumpto que Paulo Janet escolheu para o seu estudo é dos mais fecundos em philosophia para a intelligencia, em poesia para o coração.

Com o duplo criterio do raciocinio e do sentimento moral, elle investiga por entre os mysterios da natureza, através das perturbações e desordens causadas pelas paixões do homem e vicios da sociedade, pelos caprichos do seculo, as leis naturaes, os sentimentos, as forças, os recursos materiaes e moraes, poeticos e consoladores, que a mão da providencia implantou no lar domestico, em cujo seio se desinvolve o germen fecundo da felicidade do homem e da humanidade. A moralidade, o sentimento religioso, a educação physica, moral e intellectual dos povos recebe ahí o seu primeiro impulso. Os conselhos, os exemplos d'um pae virtuoso, d'uma mãe terna e carinhosa inspiram-nos o amor do bem e da virtude, purificam a consciencia do infante, ungem-lhe a alma com os sagrados oleões da religião e da moral; o respeito á auctoridade paternal, temperado pelo amor, ensina-nos a respeitar e a amar a soberania em Deus e no Estado, sem nos tornarmos escravos, do modo o mais condigno, com a natureza humana.

A fraternidade que estreita o irmão á irmã, a irmã ao irmão, fazem desinvolver 'nalma esse amor e esse sentimento sympathico, que determina a constante apro-

ximação dos homens para a harmonia. Essa solidariedade, essa communhão de gosos e sacrificios, de prazeres e dores, de direitos e deveres, de exforços e recompensas, de ensino e tolerancia nascem no seio da familia, e depois se difundem por toda a sociedade.

Nos mysterios mais augustos da religião a familia representa o primeiro papel! O christianismo nasce no seio da familia pobre, mas honesta e virtuosa, e d'ahi se propaga em toda a sociedade!...

Mas voltemos ao livro de Paulo Jannet.

A primeira parte do livro é consagrada especialmente ao fundamento da familia.

O homem não vive só do presente que o rodeia, não vê só o passado, que lhe escapa; suas vistas vão além do presente, não volvem só ao passado.

Entrevê desenrolar-se na successão dos tempos ainda por vir um futuro, aonde a voz da aspiração indefinida o chama e o arrasta. Collocado 'nesta condição, o homem eleva-se muito acima dos outros animaes; esta triplice região do presente, do passado e do futuro abre-se-lhe como elemento em que só a elle é permittido gosar simultaneamente. Se o presente é triste e tempestuoso, as lembranças, as saudades do passado, suavizam-lhe os males de que ora é victima, a esperança no futuro prometttem-lhe uma indemnisação uma recompensa; e a esperança e a saudade, estes bens melhores da alma, adormecem, fazem-lhe esquecer a dor, despertam as crenças e a fé, abrem-lhe um mundo embora sem realidade, em que a sua alma vive uma vida tão deliciosa e tão pura, que os seus encantos, as suas bellezas sentem-se, não se descrevem. O homem divinizado pela saudade e pela esperança, paira em regiões mui elevadas e, do vertice em que estas o collocam, entôa um hymno de gratidão ao Ser invisivel, que não conhece, mas que adora no seu coração e bem diz na sua consciencia, e a quem dá o nome de Deus.

Então a saudade que o abysma no passado, a esperança que o prolonga no futuro, a fé que converte em sua alma o futuro no presente, geram o sentimento religioso, o mais precioso de todos os senti-

mentos. D'aqui a poesia e os amores, a familia e a sociedade com todos os gosos, com todos os prazeres de que ella é susceptivel.

Para partilhar os momentos do seu coração, as aspirações da sua alma, os gosos e os soffrimentos, o prazer e a dor, o homem experimenta o desejo de viver 'noutro que complete a sua existencia, que lhe encha o vacuo, que-o atormenta...

A natureza, lançando no mundo a mulher, fornece ao homem um meio de satisfazer esse seu desejo de saciar essa aspiração; esse desejo troca-se em amor, e a mulher é a companheira e a bem amada do homem.

Mas como poderá o homem satisfazer esse desejo essa ambição de futuro? Na familia. É o que nos responde Paulo Janet.

(Continúa)

A. C. N.

O NOBRE E O MENDIGO

ROMANCE ORIGINAL

DA

Senhora D. H. L. de Vilchez

Tradução de V. da Silveira.

(Continuado do numero 20)

II

A joven não respondeu; porém com seus olhos, formosos e doces, agradeceu ao filho de seu amo, que a acompanhou até o lugar, onde se achava o mendigo.

—Vamos, lhe disse Angela aproximando-se: fazei por levantar-vos; o filho do Sr. marquez teve a bondade de vir offerecer-vos o braço: encostai-vos a elle; eu irei d'este lado, para que, pondo-me a mão sobre o hombro, possais melhor caminhar.

O tio Pedro fixou os olhos em Fernando, e estremeceu visivelmente.

—Sim, pobre homem, lhe disse este com doçura, fazei um pequeno exforço, pois que de contrario vossos dous guias, que são tão debeis, nada conseguirão.

O mendigo contemplou por alguns momentos aquellas duas creanças, uma filha do povo, a outra d'uma classe elevada; porém ambos formosos e caritativos, ambos

nobres pelo sentimento, que os levava assim a estender-lhe sua mão compassiva.

Depois exclamou:

— ¡Como são incompreensíveis os designios do Senhor! Vamos, meus filhos; e que Deus vos abençoe, pela boa acção que acabaes de praticar.

O tio Pedro encostou-se ao braço esquerdo de Fernando, que devia marchar um pouco adiante; a joven collocou-se do outro lado, offerecendo-lhe o hombro, para que se apoiasse; e d'este modo flanqueando o barranco, Angela lhe servia d'amparo, prevenindo assim uma nova quédá. Julgar-se-ia impossivel, que seus pequenos pés, pou-sando em terreno tão resvaladio, podessem sustentá-la sobre o fosso: porém ella, leve e agil, saltava de pedra em pedra com a mais perfeita segurança.

Por fim, depois de penosos esforços, d'alguns intervallos de descanso e com o auxilio de seus companheiros, que tanta solitudine mostraram 'naquella empreza, superior a suas forças, o tio Pedro achou-se com elles no fim da rampa, em bom caminho e livre d'um perigo immenso.

O sol havia-se já occultado; e seus ultimos reflexos, apenas brilhavam sobre as torres da casa do marquez.

Os trabalhadores voltavam a suas casas, em demanda de seu sustento, de suas mães ou de suas mulheres, que á porta os aguardavam.

Os rebanhos, com seus tímidos e prolongados balidos, pareciam despedir-se do dia; e o ruído dos pesados carros confundia-se ao longe com os innocentes cantares das creanças, que voltavam a suas casas, saudando o nascimento da lua.

No meio de todo este ruído, cheio d'animacção e de vida, se ouviu o toque da Ave-Maria, que convidava os fieis á oração. Por um movimento espontaneo o tio Pedro descobriu sua calva frente. Fernando vacillou um momento; vendo porém, que a innocente Angela se punha de joelhos e esperava, com as mãos postas, que o ancião começasse suas preces, por um sentimento, que lhe era novo e estranho, levou a mão a seu fino e elegante chapéu de palha e descobriu seus magnificos e sedosos cabellos

castanhos, que a brisa agitou um momento, como se procurasse roubar-lhes os perfumes.

O mendigo começára suas preces, a que respondeu a joven com sua voz doce e argentina. Aquelle accento, vibrando na alma do mancebo, despertou-lhe as recordações de sua infancia; e, quando pela segunda vez Angela saudou a Mãe de Deus, involuntariamente e por uma attracção singular, os labios de Fernando se agitaram; e elle pode repetir tambem aquellas singelas palavras, que 'noutro tempo aprendêra de sua mãe.

Assim que o pobre velho terminou suas rezas e fez o signal da cruz, Angela se levantou, preparando-se para continuar seu caminho; porém o bom Pedro a deteve, e, pondo as mãos sobre a cabeça dos dous jovens, lhes disse:

— A Virgem, a quem adorámos junctos, vos abençoe a ambos, e vos torne tão felizes, como o mereceis pela bondade de vosso coração. Junctos haveis praticado uma boa acção: que unidos, pois, vivaes sempre, e que a mesma felicidade circunde vossa frente.

Angela não comprehendeu o sentido d'estas palavras; porém Fernando, que se lhe adiantava em alguns annos, experimentou um vago presentimento, de que ellas o aproximavam da joven; e, sem saber por que, agradeceu, que o tivesse confundido em seus desejos com aquella terna creatura.

Meia hora depois chegavam todos á humilde casa de Pedro, que, apesar das súplicas de seus companheiros, não quiz entrar e demorar-se no palacio, promettendo-lhes, comtudo, que um dia os veria ver.

Os dous jovens despediram-se então do mendigo; porém este não desviou d'elles seus olhos em quanto os não viu desaparecer. Depois, deixando-se cahir sobre uma tosca cadeira, e occultando a frente entre as mãos, exclamou:

— Sim...; não ha dúvida, era ella... ¡E eu tive de calar-me! ¡e não pude abraçar-a, nem beijar-lhe a frente!... E esse mancebo, esse marquez estava a seu lado... ¡Oh! meu Deus! meu Deus! ¡Como são grandes os arcanos de tua providencia!...

No rosto do ancião reproduziam-se os mil sentimentos, que o agitavam; e, fatigado e abatido pelo excesso de sua longa marcha, se deitou em sua humilde cama, posto que durante toda aquella noite não podesse conciliar o somno.

Ao separar-se do mendigo, os dous jovens se encaminharam para o palacio: Angela, agitada e cheia de rubor, nem abria os labios; Fernando, pelo contrario, alegre por ter descoberto uma companheira tão innocente e bella, que, vivendo a seu lado, podia animar-lhe a vida, tão pobre de distrações, e tímida amizade, — encorajava a joven, que tanto o seduzira, não só pela formosura de seu rosto, como pela candidez e doçura, que 'nelle estavam impressas.

Desde aquella tarde Fernando já se não affastava tanto de sua casa, e Angela deixára de ter medo do filho do Marquez.

(Continúa)

EPISTOLOGRAPHIA

Charles et Georges

Como o leão da fabula, abatida,
Povos e reis avassalou outr'ora;
Porém cahiu, e vendo-a adormecida,
Quem d'ella se temeu, a insulta agora.
F. G. D'AMONIM.

Ha um anno que os espiritos portuguezes se achavam vivamente impressionados pela questão do navio negreiro. A um presadissimo amigo nosso dirigiamos então em correspondencia os dous trechos seguintes, que em nada modificamos, posto que necessitem de correcção.

Meu caro Simões Ferreira:—Coimbra 28 d'Outubro de 1858. Acaba de succeder um facto que não póde ser indifferente ao ultimo dos portuguezes, a entrega da barca *Charles et George* aos francezes: é uma questão magna, e que comsigo ha de trazer resultados funestissimos, por qualquer lado que se encare.

Não a aprecio como vergonhosa para o paiz; o governo houve-se com prudente dignidade: todo o ridiculo recahe sobre a França, se ulteriormente não der outros passos, como desconfio que dará.

Profundamente magoado, como ninguem

'nesta nossa linda terra deixará de estar, porque isto é um abatimento, olharei este successo a sangue frio em todas as suas causas proximas ou remotas. Eis candidamente o que penso; poderei enganar-me, porque apenas são calculos de quem não tem experiencia.

Entendo que sob este pretexto da barca estão envolvidos intentos de maior alcance: a questão em si é tal que nunca em casos normaes daria occasião a um desfecho tão disparatado. Devemos lembrar-nos do que é o imperio francez; monarchia accidental, necessita para sustentar-se, em quanto não cria raizes, d'um simulacro de gloria. Como as ideias e tendencias da Europa d'este seculo lhe não fornecem meios, busca fermentar os espiritos, para que d'este choque de nacionalidades offendidas rebente a guerra.

Nas vistas de Napoleão entrou talvez o fazer do nosso reino uma outra Turquia; a nossa Russia seria a França! Sonhou-nos protegidos pela Inglaterra e Hespanha, e fazendo de Portugal um theatro de guerra, continuava entretendo a imaginação frivola dos francezes, dourando as algemas, que lhes opprimem a liberdade com o ouropel de algumas victorias. — E eis-nos aqui servindo de mero instrumento nas mãos d'um despota!... o sacrificio da nossa liberdade, dos nossos bens, da nossa vida, servindo para cimentar um throno *illustrado*... isto é repugnante!

Concordo em que, havendo invasão, o brio d'este povo havia de despertar; hoje mesmo a excitação é grande, immensa; mas que fizessesamos amargar ao gallo a sua arrogancia, á custa de quanto sangue não levaria elle a sua lição!...

Devemos considerar os Napoleões como uma calamidade para os povos; o apparecimento d'um é o d'um cometa de nucleo de sangue com a sua cauda de estragos; são Janos de duas caras que, abafando em recinto estreito, necessitam abertas de par em par as portas do seu templo...

Na presente conjunctura o governo procedeu bem segundo me parece. Evitou chamarmos alliados (que nem talvez viessem); e a tutela de alliados tambem é pe-

zada... e, cedendo á França, não se curvou: caminhavamos na estrada da civilização perseguindo o trafico da escravatura, sahe-nos um bandoleiro ao encontro e pede-nos a bolsa... Dâmol-a sem regatear—*Portugal paga, a França recebe, o mundo julgará*—palavras do Mendes Leal 'num riquissimo artigo que hontem veio no *Mer-cantil*.....

30 de Janeiro de 1959.

..... Nada sei de novo, a não ser o pagamento da indemnisação exigida pela França o que já deve saber pelo *Cocimbricense*, assim como a farça que houve de ridiculo regateamento sobre o cambio. Napoleão cobriu-se de louros.

Esta lebre está corrida. Não sei porém quem ficou mais *corrido*... A França fica com uma nodoa, nós com uma injúria. A nodoa não a lava ella com a agua de todos os seus rios; a injúria ainda para o futuro lh'a poderemos pagar. A divida fica em aberto, mas póde solver-se.

Nos principios d'este seculo a aguia do primeiro imperio pairou sobre a península sustentando nas garras o raio das victorias. O nome só de Napoleão I, arrojou para a America a nossa côrte! mas Portugal ficou, porque Portugal não é a côrte; e em dous ou tres annos nem um francez armado pisava o nosso territorio.

Os ossos dos vencedores de Austerlitz e Marengo ainda alvejam pelas nossas serras e valles mostrando, que se não offende impunemente uma nacionalidade: não admiraria que se cerrasse o seculo junctando aos primeiros os dos heroes da Criméa. Os portuguezes são sempre os mesmos; e Napoleão pequeno não poderá o que não poude Napoleão o grande.....

A. A.

Maximas, pensamentos, etc.

O bom gôsto em litteratura não póde suprir a falta de talento; porque, quando não ha talento, a melhor prova de gôsto é não escrever.

M. DE STAEL

'NUM ALBUM

AO PÔR DO SOL

À meditação propicio,
Melancólico momento,
Em que foge a voz aos labios,
Em que fala o pensamento.

Era eu sosinho a contemplar a scena,
O quadro bello, magestoso e rico
De pensamentos e sentir suave,
Que ao tim da tarde a natureza off'rece.

Alto rochedo, em solitaria praia,
Cavo no pé pelo incessante embate
Das bravas ondas, que continuo o investem,
—Qual luctador, que do inimigo o ataque
Aguarda immovel, arqueando o braço —,
Ao mar pendendo, lhe arrostava as furias.

Alli sentado, sobranceiro ás vagas,
Pelo horisonte prolonguei a vista...
Bruxuleando a mergulhar nos mares,
Triste e saudosa despedida á terra
O sol mandava 'num olhar de fogo,
Pelo occidente colorindo as nuvens
Da extrema luz maravilhosas tintas.

Geral silencio dominava em tórno;
Calado o vento, os pinheiraes calados.
Nenhuma voz pela remota praia...
Soava apenas, na constante lida,
—Qual fero tigre, que, na paz da noite,
Com seus rugidos o deserto atrôa,—
O mar roncando a trevejar solemne!

Do pôr do sol a magestosa scena,
Do mar aos pés a pavorosa imagem,
A solidão, a curvatura immensa
Do céu, por cima a prolongar-se infinda,
'Nalma geravam pensamentos nobres,
Raros, sublimes, grandiosos, tristes!

A fantasia, divagando livre,
Dos céus, do mar a vastidão correndo,
Me figurava os sentimentos varios,
Alegres, tristes, criminosos, puros,
—O pranto, a dor, contentamento e risos,
Que povoavam, 'naquella hora, a terra
De intenso jubilo e tristeza intensa!

Já de sombrio, doloroso e grave,
Já de ridente e gracioso aspecto
A varia mente me pintava os quadros:
Ora era um velho, suspirando os tempos
Da mocidade, que passou tão breve,
E que dos gosos d'um amor extincto
Se recordava com saudade ainda,
—Ora era um filho, derradeira esp'rança
Do pai, já velho, que pendia á cova,
Agonizando delirantes horas,
A debater-se contra ardente febre.

.....
 Mas de repente, escurecendo a téla,
 Em vez de amargos e sentidos vultos,
 Outros assomam horrorosos, tetricos:
 —Era um ingrato, que, o punhal brandindo,
 Fundo o cravava ao bemfeitor no peito!
 —Era um perverso, que, fingido amante,
 Casta donzella seduzia infame!

Horrorisado da illusoria vista,
 Cerrando os olhos, os cabellos hirtos,
 Em susto acordo, de terror tremendo!

Eis novamente se reata o fio,
 Magico e bello, que me prende aos sonhos;
 E grupos novos, inefaveis, sanctos,
 Subito nascem no aterrado espirito:
 —É casta amante, apaixonados olhos,
 Nos quaes de amor um paraizo existe,
 Ébria, lançando ao mavioso amante...
 —É terna mãe, que, carinhosa e meiga,
 Com doce olhar de maternal ternura,
 Contempla o berço, onde o filhinho dorme
 O grato somno da innocente idade,
 E na boquinha e nas mimosas faces
 Sôfregos beijos lhe depõe, sorrindo!

Enternecido me rebentam lagrimas,
 E docemente o coração me pulsa,
 Ao ver, no riso, na attitude e gesto
 Da mãe, beijando no bercinho o filho,
 A sancta imagem da affeição materna.

'Nesta pintura de celestes côres,
 De harmoniosos e divinos traços,
 A fantasia proseguia ainda,
 —Ora da mãe as sensações pintando,
 Deliciosas, de indisivel goso,
 De lisongeira e deleitosa esp'rança...
 —Ora os cruceis presentimentos vagos,
 Pavidas sombras de receio e susto,
 Que vinham 'nalma derramar-lhe agouros,
 Sôbre o futuro do innocente infante:

Eis que da proxima, escarpada rocha,
 Onde, escondida, procurara asylo,
 Ave nocturna, demandando as trevas,
 Solta, hatendo as negrejantes azas,
 Gemente, horrivel, sibilante grito,
 Que vem do sonho desfazer-me o encanto!

Então, deixando a cavernosa fraga,
 Pendente a fronte sôbre o peito oppresso,
 A revolver a singular historia
 Do meu delirio na confusa mente,
 Do pinheiral na escuridão sinistra
 Ouvi, ao longe, a rebentar nas praias,
 Com som soturno, retumbante e lugubre,
 —O mar roncando a trevejar solemne!

H.

A BONINA

Bonina, como és donosa,
 Tão cheirosa,
 Como embriagas a mim!
 Vives pouco, mas contente,
 Lindamente...
 Quem me déra ser assim!

Tuas folhas esfolhadas,
 Já pisadas,
 Inda assim dão muito odôr:
 Mas lá vem a mão do tempo...
 E eu lamento
 A pobresinha da flor!

Mas quem será tão damnado,
 Desalmado,
 Que lhe queira ouvir os ais?
 E que a bonina innocente
 Violente,
 Force a não ter vida mais?

Quanto a mim morro por ella,
 Que singela
 Me dá gosos de matar;
 Gosos sempre sem tristuras,
 Com doçuras
 Muitas em seu casto amar.

Tirar-folhas e tecel-as,
 E capellas
 Vistasas engrinaldar...
 Colher a cecem e o lirio,
 E o martyrio,
 Inda a junça á beira-mar,

É gosar da natureza,
 Da lindeza
 Que as flores têm a sorrir;
 São deleites sem remorsos,
 Sem exforços,
 Que nunca dão que sentir.

Bonina, vi-te e beijei-te;
 —Como enfeite
 Te quero na haste deixar...
 Eu deixal-a?... Não, por certo;
 —Quero-a perto,
 Quero-a já mesmo apanhar.

Morre breve... mas embora,
 Que ella agora
 Fica muito ao pé de mim.
 Apanhei-te... Foi a medo
 De que cedo
 Me roubassem o teu *sim!*

Tenho-te aqui — viva ou morta —
 Pouco importa,
 Pouco importa ao trovador:
 Tenho-te aqui escondida,
 Minha qu'rida,
 Dar-te quero o meu calor.

Cahiras em mão mais certa,
 E em offerta
 Colheras os carmes seus!
 Em mil carmes engraçados
 Teus agrados
 Cantaria, mas... adeus.

A. SARAIYA

CONSELHO

Maria, tu não vês além no prado,
 Á beira da corrente caudalosa,
 Roseo botão, das brisas festejado,
 Inclinar-se sôbre a haste melindrosa
 A sorrir da existencia descuidado?

D'essa corrente a veia recrescida
 A flor, que assim dormia, arrebatou,
 Levando-a na voragem confundida;
 Ultrages á belleza não poupou,
 Zelosa de roubar-lhe a propria vida.

Maria, se os perigos tantos são
 A surgir cá na terra em toda a parte,
 Cautella, guarda bem esta lição,
 Hoje é tempo, inda póde aproveitar-te:
 A tua alma é a rosa adormecida,
 Desvia-a da corrente entumecida,
 Onde póde a innocencia sepultar-te.

Agosto de 1858 A. J. S. FERREIRA CARVALHO

N.º 20.º — *Adelino*

EXPEDIENTE

Rogâmos aos Sr.º assignantes, que ainda não satisfizeram a importancia de suas assignaturas, se sirvam mandar pagar a esta redacção ou a seus commissarios, na fórma já annunciada; isto é, em estampilhas, ou vales do correio, quando não houver outro meio mais facil de pagamento.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

A LUZ DO CEMITERIO, romance fantastico pelo Sr. Utrera. Trad. de V. da Silveira. — Vende-se: em Coimbra — 240 réis; fóra de Coimbra — 300 réis.

NOVA TABOADA, contendo o systema metrico-decimal de pesos e medidas, tabelas de redução, e exercicios e problemas para intelligencia do mesmo systema, por — J. S. Bandeira — 3.ª edição. — Preço — 50 réis.

Recommendâmos este livro, pela claresa e precisão, com que está escripto, satisfazendo assim tanto ás intelligencias no seu primeiro periodo de desinvolvimento, como ás necessidades do mestre em sua explicação.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; Porto — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro — Sr. Feliciano José Alves Braga.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno 1\$240	Anno 1\$480
Semestre 660	Semestre 780
Trimestre 360	Trimestre 420

Avulso — 60 réis.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

AGRADECIMENTO

A benevolencia, com que tem sido acolhido por nossos collegas e alguns habitantes d'esta cidade o pedido, que nestes ultimos dias lhes fizemos, com o fim de augmentar o numero de nossos assignantes, impressionou-nos por tal modo, que nosso coração se entristeceria se não começassemos hoje estas paginas pela mais viva manifestação do reconhecimento, que em geral devemos á academia e ao povo conimbricense.

V. DA SILVEIRA.

A PROBIIDADE

DRAMA

DE

A. C. de Lacerda.

Eu não sei se o drama é para ser lido no gabinete, se para ser ouvido no tablado. Alguns ha, criticos já se vê, que, ou para não confundir o seu juizo com o do vulgo, ou por ser o palco aquillo que menos o entretém durante a representação, não querem aquilatar o valor d'uma composição theatral senão pela leitura feita com a pausa do estylo no remanso do quarto d'estudo. A plateia é para esses taes um logar profanado, onde aos filhos da arte seria impossivel occorrer uma ideia fina ao lado de todo o leigo, a quem o democratico bilheteiro tenha dado uma senha d'entrada; quem se a sós no seu laboratorio particular de criticas, debaixo d'uma atmosphaera bem carregada de preceitos estheticos, com o livro e uma boa colleção de *portraits litteraires* diante de si.

Embora; cada qual siga a trilha que lhe aprouver. Um systema exclusivo aqui seria

1859

bom para os criticos matriculados (tolem-me a expressão), que têm de cingir as palavras ás prelecções dos mestres, que se votam á quotidiana e insana tarefa de usar da mesma cadeira, da mesma banca, dos mesmos compendios, dos mesmos expositores, e, finalmente, cujos vocabulos, phrases, periodos e modos de pôr a luneta, hão de ser todos pautados, arredondados e methodisados; mas para mim, que não sei escravisar o pensamento ás mesmas aristotelicas e horacianas, e que tenho tanto odio ás lithurgias da litteratura como Raspail á chimica das academias, desde já declaro, que quero ampla liberdade nestes assumptos.

Seja o que fór: — o que eu sei é que hei de sempre apreciar o drama ouvindo-o no palco, tendo a sua leitura como uma parte meramente accessoria, sobretudo util para conhecer melhor a correção e a belleza da linguagem. Ha lances, magestosos ás vezes, reconditos nos labirintos d'um entrecho, que só se podem gozar na scena, e que passarão despercebidos, se nos contentarmos com percorrer as paginas do livro.

Acontece que, a não ser um trabalho modelo, muitas vezes um drama parece no gabinete frio e pouco nervoso; e no theatro o entusiasmo nascido do momento vence o animo antecipado, e impelle o mais contumaz ao applauso. Abre-se, por exemplo, a *Associação na Familia*, de D. José de Almada, que o auctor no seu prologo-dedicatoria annuncia como a sua produção dramatica mais querida depois da *Prophecia*: lê-se e vê-se apenas uma ideia evangelica arraiada com as flores singelas mas graciosas d'um estylo natural e fluente, extrahido modestamente d'um episodio vul-

N.º 22

gar da vida domestica; ninguem presumirá que a plateia, avida d'ordinario de peripecias, lhe dê muitas palmas, entretanto tenho visto os expectadores applaudirem-na com phrenesi, e achei-lhes razão, porque os tenho acompanhado na demonstração.

Da mesma maneira, póde-se abrir a *Escala Social* do nosso primeiro dramaturgo contemporaneo, e deparar 'nella trechos sublimes, como se podem deparar na *Marie Tudor*, de Victor Hugo; nas *Vepres siciliennes*, de Casimir Delavigne, ou em outra qualquer obra prima: é impossivel deixar de reconhecer 'nella muito e muito merito litterario. Mas se fôr vista representada, acha-se tanta differença como a que costuma ir d'uma traducção ao original, como a que vai da gravidade da ode á magestade da epopeia; entretanto o burguez Bento, que sobe tão repentinamente os degráus da escala, e o Conde, sagaz e generoso, que é o anjo bom do drama, dizem sómente aquillo que o auctor lhes poz nos seus papeis.

Nem maravilhe isto, porque é um factio naturalissimo sem necessidade de recorrer a hypotheses para o explicar. Do vivo ao pintado ninguem ignora, que ha uma solução de continuidade, que a vista custa a abranger: o theatro é um ponto intermediario entre os dois extremos, especie de ponto solitario dos mathematicos; nada mais racional portanto, que, quem quizer ver mais proximo e mais distincto o vivo, isto é, aquillo que o mundo nos tem apresentado, ou apresenta no seu variado panorama de paixões e episodios, não vá ao drama escripto, que é o pintado, mas sim ao drama representado, que é o simulacro, mais ou menos perfeitamente imitado, da vida real.

Além d'isto, quando entro na sala d'um theatro de certa ordem, sinto-me menos material e mais apto para comprehender os sentimentos nobres, que os actores devem interpretar na scena, e por consequencia os máus pelo contraste. Aquelle ambiente não é o ambiente do vestibulo antes do principio do expectaculo; a presença de cem a duzentas beldades, realçadas pelo brilho do gaz e pelo doirado dos baixos relévos, embora um quasi nada escurcidas pela opa-

cidade rotunda d'algumas infalliveis matronas quinquagenarias, deve por certo influir sobre a poesia (real ou phantastica) do feliz mortal, a quem coube por sorte um binoculo, uma cadeira de palhinha e talvez a dita de se sentar ao lado d'uma graziela vestida *comme il faut* pelos modelos de Sajou e d'Alexandrine, e dotada d'uns olhos mais fascinantes, que todas as feiticarias de Hermann ou Bonanno. É alli que o espirito, respirando mais livre, olvida as fadigas e os pezares do dia e se absorve na contemplação da arte dramatica sobre o palco, e da plastica nos camarotes e plateia; emquanto que apenas algum boçal João José Dias terá a petulancia de discutir com o seu vizinho a respeito da tabella dos preços correntes ou do boletim dos navios entrados.

Taes considerações, que já me iam fazendo divagar, por muito longe do meu proposito, foram que me impelliram a esperar pela occasião d'ouvir a representação pela companhia do Gymnasio do drama, cujo titulo é o d'este artigo, não obstante tel-o ha algum tempo visto victoriado na imprensa e nos theatros.

(Continúa)

A. LUCIANO

O NOBRE E O MENDIGO

ROMANCE ORIGINAL

DA

Senhora D. H. L. de Vilchez

Traducção de V. da Silveira.

(Continuado do numero 21)

III

Haviam decorrido alguns dias. Era uma manhã alegre e aprazivel. Fernando, sentado á borda do rio, esperava com impaciencia a chegada de Angela, que lhe promettera ir ter com elle.

O mancebo estava pensativo e quasi triste; aquella joven fazia-lhe nascer 'nalma pensamentos tão doces e desconhecidos, que mal os podia comprehender.

Fernando tinha 16 annos: ouvira falar de amor; porém nunca lhe passára pelo pensa-

mento, que Angela, filha obscura do povo, humilde rapariga de 14 annos, podesse inspirar-lhe o sentimento de sua primeira affeição.

O filho do Marquez passára sua adolescencia na côrte, acompanhado quasi continuamente dos jovens, que frequentavam sua casa; e, como, nas mil vezes que escutára de sua bocca a narração de suas aventuras amorosas, ouvisse sempre celebrar o luxo d'uma, as travessuras d'outra e a provocante coqueteria de todas, e, alem d'isso, tivesse notado, que era em roda das mais vaidosas e desenvoltas que se agrupava sempre o maior numero de adoradores, julgára em sua inexperiencia, que só póderiam inspirar-lhe aquelle sentimento as mulheres, que são o ornamento dos salões com seu sumptuoso luxo e deslumbrante formosura.

¡Pobre Fernando! ¡ridicula ignorancia, que só póde ser desculpada em seus poucos annos, e depois das falsas doutrinas, que elle escutára logo nos primeiros dias de sua adolescencia! Ao lado de mancebos, dissipados uns, outros frivolos e libertinos, aprendêra a escarnecer, ou a apparentar que escarnecia as coisas mais augustas e sagradas, esquecendo até o respeito e submissão, que se devem a um pai, imagem de Deus sobre a terra.

Assim, postoque 'naquelle coração tão terno se não tivesse ainda apagado de toda a purissima luz das virtudes, todavia ella estava vacillante, amortecida e quasi proxima a extinguir-se.

A intimidade de Angela, cuja alma era toda rectidão e sanctidade, effectuando 'nelle uma completa mudança, havia influído muito em suas idéias: ás vezes até se envergonhava de si mesmo, da conducta que observava para com seu pai, que tanto o estimava, do mal que lhe causava com seu abandono, jurando interiormente reparar todas suas faltas á força de submissão e carinho.

Quando por comprazer-lhe, depois de haver feito um ramo com todas as flores, que encontrava no prado, a acompanhava á ermida de N. Senhora e collocava aquelle em seu altar, o mancebo, imitando a Angela se ajoelhava tambem; e junctos mur-

muravam orações, que deviam ser ouvidas no céu.

Como ordinariamente se encontravam no campo, ou junctos saiam de casa, viam-nos a miudo voltar reunidos; e, se em seu caminho encontravam algum necessitado, Fernando, que sempre olhára para os indigentes com desprezo, ao ver o supplicante olhar de Angela e sua afflicção, quando ella mesma o não podia soccorrer, vasava suas algibeiras na mão do desgraçado: é verdade, porém, que se assim procedia era mais por dar gosto a sua amiga, do que por um sentimento de piedade; mas tambem é certo, que d'este modo se ia habituando a remediar a indigencia.

Muitas vezes encontravam em seus passeios ao thio Pedro; Fernando procurava então empregar 'nelle toda sua prodigalidade; porém o mendigo recusava sempre, recebendo só com satisfação um sorriso de Angela, sem acceitar a esmola. Por seu lado a joven mostrava uma singular predilecção pelo pobre velho, que por toda parte encontrava, e a quem, por um mysterioso instincto, fazia confidente de seus pueris prazeres e innocentes pesares.

Fernando esperava 'naquelle dia a Angela, contemplando distraído duas brancas rosas, que tinha na mão, e que sem duvida lhe eram destinadas.

— ¡Quanto se demora!, exclamou elle passado algum tempo: ¿ter-se-ha esquecido de que a estou esperando?

Como um desmentido a esta sua supposição a joven appareceu do outro lado do rio, e, logo que o descobriu, o saudou com um gracioso e doce sorriso, accellerando immediatamente o passo, para chegar com mais brevidade ao logar, onde o joven se achava sentado.

— ¿Com que em fim me haveis esperado?, lhe disse ella com uma feiticeira simplicidade. ¡Quanto me alegre por isso!

E em seus olhos, e em seu semblante se desenhava, com effeito, uma alegria tão ingenua e natural, que Fernando se sentiu commovido diante da sincera affeição, que a joven lhe mostrava.

— Sim; não só te esperei, mas ainda fiz alguma coisa mais: tenho aqui uma coisa

para dar-te, de que has de gostar muito...

— O que é, o que é?, perguntou Angela vivamente e observando-o com curiosidade.

— Duas rosas, que colhi para ti no jardim de nossa casa, e que assentarão admiravelmente em teus cabellos louros.

No rosto da joven brilhou um goso infantil; e, toda apressada, se aproximou, para receber aquelle presente da mão de seu amigo.

— Oh! que lindas!, exclamou ella: vou já correndo pô-las nas jarras, que estão no altar de N. Senhora.

— E não ficariam melhor em tua cabeça? Se as apanhei foi para que te adornassem as tranças.

— Não necessito de adornos, pois que assim mesmo minha mãe Joanna me estima e vós me quereis ter por amiga. Além de que, se eu pozesse na cabeça essas flores, dentro d'uma hora estariam murchas e de nada serviriam; em quanto que aos pés de Maria podem conservar sua frescura e recordar-lhe minha devoção.

— Pois bem: faze o que te parecer; iremos levar-lh'as; porém primeiro senta-te por um pouco, enquanto eu vou buscar-te um ninho de passaro, que descobri, quando para aqui me dirigia.

— Sim, sim: ide busca-o...

Mas de repente a phisionomia da joven assumiu um character pensativo, quasi serio. Um momento depois accrescentou.

— Não: é melhor deixal-os. Coitadinhos! sentiriam a falta de seus paes e já tão triste não os ter!... Causar-me-hia muita pena ver em minha mão esses pobres passari-nhos!

— Deixa-te d'essas ninharias, lhe respondeu Fernando, commovido a seu pesar.

— Não: não consentirei nunca que toques 'nessas aves: deixal-as-hemos a seus paes; e assim talvez Deus me restitua o meu; pois que, como diz o Sr. cura, nunca fica sem premio uma boa acção.

— Pois tu ainda tens pae?

— Não o sei; com tudo todos os dias rogo a Deus, para que alguma vez me seja permitido tel-o a meu lado.

— Sim; talvez esperes, que elle seja mais

rico, do que tua mãe adoptiva; que, ao encon-tral-o, tua sorte mude e possas possuir bonitos vestidos, adornos para a cabeça e ricos enfeites, como têm outras menos lindas, por certo do que tu...

— Estais enganado; jámais pensei em ser rica; pelo contrario, quizera ter mais alguns annos e encon-tral-o pobre e desvalido.

— Para que?

— Para trabalhar muito e ter o prazer de sustental-o com o fructo de meu trabalho; para estar todo o dia afanada por elle; e, ao abandonar, lá pela noite, minhas occupa-ções diarias, fazer-lhe esquecer, com mil caricias, nossa pobreza e embellezar-lhe d'esta maneira sua existencia. E ainda assim não ficaria satisfeita minha ternura; ainda assim lhe não pagaria o que elle fez por mim!

— O que?

— Dar-me o ser e a vida, para que eu conheça e bemdiga o Senhor.

O mancebo estava confundido; aquella que nada devia a seu pai, senão talvez um abandono culpavel, amava-o com ternura e nomeava-o com gratidão, ambicionando só dedicar-lhe sua existencia; e elle, cuja vida foi constantemente rodeada de carinho e esmero, e que tanta indulgencia encontrára sempre no autor de seus dias, pagava-lhe com uma frieza e uma indifferença cruel.

Angela estava só, e suspirava por seu pai; Fernando, que o tinha a seu lado, e a quem haveria sido facil tornar seus ultimos dias felizes, lh'os amargurava horriavelmente com seu reprehensivel comportamento.

A voz purissima de Angela tinha portanto despertado tambem 'naquelle momento saudaveis remorsos no coração de seu amigo.

Permaneceram em silencio por algum tempo; e, vendo ella a profunda meditação do mancebo e não suspeitando os motivos, se affastou alguns passos e começou a correr alegremente com o formoso Dric. Assim entretida, não advertiu, que Fernando se levantára, para saudar affectuosamente a um Senhor, ancião, e a uma bella e elegante joven, que o acompanhava.

Era o Sr. de Campo Real, rico proprietario, que vinha passar alguns tempos á povoação, e sua filha Carolina, a quem nenhuma das jovens da aldeia se atrevia a dirigir a palavra; tanto era seu orgulho e altivez! E todavia essa altivez se trocava na mais doce affabilidade diante de Fernando, filho d'uma illustre familia e herdeiro d'um titulo de Castella.

(Continúa)

CAÇA D'UMA RAPOSA.

I

O sr. Christovão Pimenta era um honrado negociante d'esta boa e arruinada Coimbra.

Tinha vindo cachôpo cá para a cidade, e começou por ahí a dar uns canequitos de agua para casa do patrão, que vendo o rapaz com uma nesga de tineta, lembrou-se de fazer d'elle alguma coisa.

Um dia, para lhe experimentar o geito, mandou-o destrancar as portas e varrer a loja.

Foi um dia esse, como outro o rapaz não tinha tido, desde o ultimo em que havia apanhado um ninho de pintarroxo. Andava mettido 'num sino, e á tardinha não havia cão nem gato a quem elle não houvesse contado tamanho favor do seu patrão.

Entretanto passaram muitos outros dias sem maior novidade.

O dono da casa era commerciante de eschola velha: gordo como um texugo, rico como um cevado, encebado como um lagareiro, e estúpido como os patacos de que tinha cheia a sua gaveta.

E o caso é que com todas essas desgraçadas qualidades o bom do homem gozava em Coimbra uma importancia real, como não gozam esses tartufos amanteigados, pandilhas cheirando a ranço, que por ahí se pavoneiam de pessoas de bem, com grave desdoiro do senso commum.

E isto por duas razões.

A primeira é já sabida; era rico: a segunda pôde dividir-se em tres ou quatro;

duas positivas e duas negativas: era honrado e conhecia-se; não era agiota, nem cauteleiro. Não havia memoria de ter trocado fazenda já emmalada, e nunca pedia favor a ninguem senão desbarretado até ao chão.

Frioleiras. Hoje seria um anachronismo.

Tambem se contentava sempre com os seis por cento do Codigo, e teve a felicidade de viver antes das loterias.

Mas voltemos cá ao nosso homem do caneco.

Este tempo precioso, que gastámos com a nossa digressão não lhe foi de pouco proveito. Já está elevado definitivamente ás invejaveis alturas de caixeiro, trocando o sacco por jaqueta de cotim-xadrez. Está fazendo um figurão, e até já, de quando em quando, dá seu pataquito a alguma criada mais condescendente.

Saltemos porém de olhos fechados vinte annos. Dou-vos um milhão se o conhecerdes.

Pois elle ahí anda, e não é dos que se mostra menos. Encontraill-o no passeio a fazer rodizio nos dedos com bengala de canna, no theatro a pataratar sandices, nas eleições a pedir votos para juiz-eleito.

Agora attenção, que o que ides lèr é interessante, e diz-lhe respeito.

Era um dia de outubro pela manhã. Chovia se Deus a dava, e o sr. Christovão Pimenta passeava na sua loja, esfregando as mãos com estrepito, e assoprando-lhes de vez em quando.

N'isto entra-lhe pela porta dentro um estudante, moço aindo novo, e bem se via que novo tambem na terra.

O sr. Christovão era homem experimentado em conhecer physionomias, e logo á primeira das duas anteviu pechincha. Recebeu-o por isso, como se costuma dizer, com o coração nas mãos. Franziu os cantos dos olhos, alargou os beiços, dando assim arremedo de sorriso, e avançou dois passos ao encontro do seu freguez.

— Aqui é que mora o sr. Christovão Pimenta? Perguntou este.

— Um criado de v. s.^a para o que lhe podér prestar, men senhor.

— Desejava dizer-lhe duas palavras.

— Pois então queira v. s.^a ter a bondade de subir ao meu *escriptorio*.

— Talvez não seja necessario tanto. É cousa que póde tractar-se aqui mesmo. Eu trago ahí um dinheirito, que queria depositar em mão segura...

— Nada, nada; queira subir, queira subir — interrompeu o dono da casa — sempre estamos mais á vontade. Isso são cousas sérias, e aqui vem um, vem outro, sempre nos distrahimos. Tenha paciencia, faça favor de subir.

E junctando acções a dictos abriu uma porta á direita, e indicou-a ao mancebo.

Aquillo a que o sr. Pimenta chamava o seu *escriptorio*, era uma casa quadrada, no primeiro andar das casas, literalmente forrada de saccas de arroz e ceiras de figos, com uma meza de pinho, pintada de encarnado, no vão d'uma janella. Sobre esta mesa estava d'um lado um tableiro com dinheiro em cobre, e do outro um immenso livro de capa verde, onde se lia em letra garrafal: — RAZÃO.

Entrados alli, o sr. Christovão fechou cuidadosamente a porta, correu a vidraça, e apontando uma cadeira ao mancebo, proseguiu:

— Aqui podemos fallar á vontade. v. s.^a dirá em que lhe posso ser util.

E os olhos brilhavam-lhe de cubiça pesadamente disfarçada.

O estudante sentou-se, e começou:

— O meu negocio é simples. Tenho, como já disse, um pouco de dinheiro, que queria depositar em mão capaz, para ir rendendo alguma coisa. Perguntando ahí, inculcaram-me o sr. como homem de probidade, e venho perguntar-lhe, se póde e quer aceitar o contracto. Eu não sou homem de especulação, e em me dando certo e sabido cada mez o juro da lei, é quanto me basta.

O sr. Pimenta arregalou muito os olhos, quando ouviu fallar em juro de lei. Para elle, já de ha muito, a lei do juro era a sua vontade.

— Cinco por cento, não é isso? perguntou elle realmente duvidoso, que houvesse tólo que arriscasse dinheiro por tão pouco.

— Sim, cinco por cento.

— Pois não tem dúvida nenhuma: é v. s.^a mandal-o quando quizer. Quanto é elle?

— Bagatella: serão uns oito contos de réis.

— Bem, muito bem. v. s.^a entrega-m'os e fica recebendo mensalmente o juro que lhe corresponder. Ou se v. s.^a o traz ahí e quer já deixal-o, tanto melhor, que hoje mesmo começa a render.

O mancebo tirou do bolso uma carteira, cheinha de notas, que foi desdobrando sobre a mesa até sommar oito contos de réis.

— Aqui tem, ajuntou elle, e espero da sua honra, que nenhum de nós tenha de que queixar-se. Confio inteiramente na sua probidade.

— Ora essa, senhor... — como se chama v. s.^a?

— Carlos de Mello.

— Sr. Carlos de Mello: sou *negociante* 'nesta cidade ha mais de vinte annos, e muita pessoa de bem tem fiado de mim seus cabedaes. Fique v. s.^a descansado.

Sahiu o bom do moço, e Christovão Pimenta desceu outra vez para a loja, onde continuou a esfregar as mãos, murmurando por entre os dentes com modo alegre: boa estreia, boa estreia!...

Carlos de Mello era brasileiro, e filho d'um proprietario muito rico, cujos haveres consistiam principalmente em grandes plantações.

Foi por isso que, querendo mandar o filho para Coimbra estudar, não lhe era facil estabelecer-lhe aqui mezada, por falta de correspondencia com Portugal. Calculou por tanto, e á larga, quanto se poderia gastar n'uma formatura, e na hora da partida entregou ao filho aquelles oito contos de réis, afóra dinheiro de jornada, dizendo-lhe entre benções e saudades, que por elles esperava lhe levasse um dia o grão de doutor pela Universidade.

Ora, é bem sabido que a cousa mais fastidiosa d'este mundo é por certo andar embarcado. Nos primeiros tres dias, para quem enjôa, ainda ha tal ou qual entretenimento: mas depois que se ha de fazer? Trinta, quarenta, cincoenta dias de jor-

nada, sempre a vêr as mesmas pessoas e as mesmas cousas, sempre a ouvir os mesmos sons e o mesmo ruido, é muito para aborrecer. O unico recurso possível, mas de que só uma minima parte póde lançar mão, é pensar.

Foi o que fez o nosso irmão d'além mar.

E pensou elle:

—«Ora eis-me aqui suspenso 'num abysmo á mercê de duas taboas, e lá vou para terra desconhecida, apresentar-me só 'num mundo novo, onde não terei carinhos de mãe, nem conselhos de pae, que me alentem, que me dirijam.

«Que será de mim, novo e inexperiente, senhor de tanto dinheiro e de toda a minha vontade para o gastar? Deixar de me fazer extravagante só por maravilha: e é isso exactamente que não me convem; porque então lá vae formatura, lá vae tudo. Oito contos de réis é quasi um dote, e se m'os presentem ha de haver muito quem me queira obsequiar, aliviando-me do incommodo. Ter dinheiro comnosco nunca é seguro.»

O resultado de todas estas cogitações foi a feliz ideia de capitalisar o dinheiro, sustentar-se do juro, e no fim levar ao pae as duas coisas:—o gráu e os oito contos.

Aquí tem pois explicada muito naturalmente a rarissima raridade de haver oito contos de réis na mão d'um estudante.

Nos primeiros mezes tudo correu como barquinho de fadas em mar de leite. Ao amanhecer do primeiro dia de cada mez, Carlos de Mello via entrar-lhe pela porta dentro um caixeiro do sr. Christovão Pimenta com um taleigo debaixo do braço, que entregava com toda a franqueza, sem nem sequer lhe pedir recibo. Um dia, porém, deu meio dia, e ninguem tinha apparecido a trazer o dinheiro.

Carlos de Mello esperou até ao outro dia, e mesmo até ao terceiro sem lhe dar cuidado.

Por fim mandou lá a servente.

O senhor Christovão mandou-lhe dizer, que se queria emprestado o dinheiro que mandava pedir, fizesse uma declaração por escripto, assignada tambem por pessoa competente para o abonar; porque elle de si

não se lembrava de dever nada a tal sr. que mai tinha a honra de conhecer de vista.

Carlos de Mello não respondeu nem uma palavra. Conheceu que estava roubado, e roubado com toda a mestria. Era uma lição, durita, mas que mais tarde lhe aproveitaria no decorrer da vida. Para desenganar-se por si mesmo até onde chega o cynismo d'um velhaco, tomou a capa e foi ter com elle pessoalmente.

D'esta vez o sr. Pimenta estava no seu escriptorio. Subiu lá.

—Eu venho aqui, rompeu elle sem mais cumprimento, pedir-lhe conta e restituição do meu dinheiro, que lhe entreguei 'nesta mesma casa, haverá hoje cinco para seis mezes, visto que não me quer pagar o juro, como ajustámos.

—Pagar o juro!... exclamou o sr. Pimenta —: juro de que? Restituir dinheiro!...

Eu tenho cá algum dinheiro para restituir a v. s.ª?

—Pois negará na minha cara, que eu lhe entreguei, aqui mesmo, oito contos de réis, para ficarem a juro na sua mão?

—Valha-nos Deus, meu caro sr.; quem o ouvir lá fóra fallar tão alto e com esses modos, cuidará que é alguma coisa. Eu não nego coisa nenhuma: digo simplesmente que v. s.ª se engana. Não o conheço nem tenho com v. s.ª negocio nenhum. E se tenho, ou se lhe devo alguma coisa, não é com esses espalhafatos que faz na da: ahí tem os tribunaes, prove-me perante elles a minha divida, que eu não terei dúvida nenhuma em satisfazel-a. Mas por quem é, não me torne cá a minha casa com esses destemperos, que não estou costumado a elles. Sou negociante 'nesta cidade ha mais de vinte annos, e muita pessoa de bem tem fiado de mim seus cabedaes.

O pobre estudante estava petrificado. Na idade d'elle parecia-lhe incrível, que houvessem homens assim.

Muito feliz é a ignorancia!

Sahiu d'alli sem saber o que fizesse. Foi direito ao caes, subiu a Couraça de Lisboa, deu volta por S. Bento e metteu-se em casa.

D'ahi a duas horas chamou a servente.

—Esta carta no correio, já: disse elle.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA

EPISTOLOGRAFIA

O direito permite o suicídio.

Meu amigo. — Na tua ultima carta fallaste accidentalmente da famosa questão do suicidio. Expôr-te-hei sobre elle um juizo que vejo não ser o teu. Parece que não sabes classificar se pertence á moral e ao direito, ou áquella sómente. Sem aspirar ás honras d'um tractado, encara-o-hei sobre estes dois pontos, e em duas palavras te direi o que penso.

Concordo em que o suicidio não é permitido pela moral, porque, se esta comprehende os deveres do homem para com Deos, para comsigo e para com os outros positivos, o suicidio é contra a piedade e contra a humanidade; é anti-religioso e anti-humano.

O homem é obrigado a manifestar as perfeições e a gloria de Deus, porque é parte d'um todo, do Universo, e o Universo attesta a gloria e o poder de Deus, é o padrão por onde devemos aferir as suas infinitas perfeições; é este o fim ultimo da criação.

Sendo pois obrigado a manifestar as perfeições e a gloria de Deus, para conseguir este fim deve tambem conservar-se e cultivar todas as suas faculdades, para o que ha mistér do concurso e auxilio dos seus semelhantes; necessita aggregar-se-lhes não só pela aptidão ou tendencia natural de sociabilidade, senão tambem pela necessidade, porque pouco póde solitario, e tudo associado.

Carecendo do auxilio dos outros homens, claro é que deve desejar tambem para estes a conservação e a perfeição, aquillo que deseja para si, porque quem é obrigado a um fim, o é egualmente aos meios.

Mas o suicidio paralysa, destróe inteiramente estes principios; e, se é n'elles que se baseia a legislação moral, não póde ser permitido por esta.

Estas ideias quasi que são logares communs, tão generalisado está o seu conhecimento; mas, ainda assim, nem todos as apreciam e cumprem como devem. A desidia de estudar e a superficialidade de conhecimentos dão origem ao scepticismo que de tudo dúvida; e d'ahi rapidamente se passa

ao pyrrhonismo, que tudo nega. O pyrrhonismo dá em ultimo resultado a irreligiosidade; esta arrasta comsigo a depravação dos sentimentos moraes. É assim preparado o espirito, que muitas vezes se arroja á ideia do suicidio. Porisso o antidoto contra este crime julgo ser uma boa educação moral subministrada á mocidade.

Passemos porém ao campo do direito.

Parece que podemos afirmar que o suicidio é permitido pelo direito, porque a nossa consciencia juridica nos diz que somos livres, que podemos exercitar as nossas faculdades segundo os impulsos da nossa intelligência e da nossa vontade, que somos o senhor dos nossos destinos.

Que somos livres, é uma these clara e evidente, e que não póde ser refutada. As mesmas letras divinas o attestam e comprovam no livro canonico da *Sapiencia* — cap. xv — v. v, 14 e 18.

«*Ab initio* constituiu Deus o homem, e o entregou ao seu proprio conselho.»

«Diante do homem estão a vida e a morte, o bem e o mal; como houver escolhido, assim lhe será dado.»

Se Deus entregou o homem ao seu proprio conselho:

Se collocou perante elle a vida e a morte, o bem e o mal, para lhe ser dado segundo houvesse escolhido:

Ab initio pois dotou Deus o homem de liberdade.

«O homem, diz A. F. de Castilho, no meio da dependencia de todos os objectos circumstantes, onde, desde o sol até ao pyralampo, desde o oceano até á gôtta do orvalho, tudo actua sobre elle, sente-se entretanto livre para querer ou não querer, e para dentro na orbita de suas forças obrar inteiramente a seu sabor.»

O homem póde praticar todas e quaesquer acções dentro da sua esphera juridica; essas acções são justas, pois que o homem as praticou com direito, e o justo é a expressão do direito; praticou-as com direito, porque não offendeu a esphera juridica dos outros.

O direito subministra pois a ideia de faculdade, ou de que se póde livremente alguma cousa; e o suicidio, como direito,

é uma cousa permittida e não devida. Vá portanto longe o pensamento de que o suicidio é um dever, e que só pertence á moral. E nem se nos diga que não sendo permittido pela moral, o não é igualmente pelo direito, porque aquella reforça este; a legislação moral é que reforça a legislação juridica, e a esta não pertence o suicidio.

Se considerassemos o suicidio como uma obrigação de direito, em quem existiria o direito correlativo? quaes seriam os meios de o tornar exequivel? qual a penalidade correspondente á infracção?...

O homem, diz V. Ferrer, é senhor do seu destino, e livre na escolha do fim, e no emprêgo das condições que julga opportunas para o conseguir. O direito deve garantir-lhe esta liberdade sem o tornar exteriormente responsavel diante d'algum pela escolha do fim e uso dos meios; aliás abaixaria o homem de pessoa a coisa, considerando-o não como fim para si mesmo, mas como méro meio para os outros. D'aqui se segue que é dotado do direito de personalidade, do qual se deduz o direito sobre as suas acções, o direito de liberdade e o de independencia: sómente deve responder pelo abuso que fizer lesando os direitos dos outros.

Sua liberdade só se detem perante a egualdade social.

Estes principios, meu amigo, são claros e certos nas deducções; estabelecendo-os, podemos concluir que — o suicidio é permittido pelo direito.—

1854

A. A.

Amigo Firmino.

Coimbra, Agosto de 1854... (a)

Não te tenho ha mais tempo dirigido as minhas letras por duas fortes razões:— primeiro, por aquella natural e invencivel negligencia, que bem me conheces, e que nascida comigo, deve comigo acabar;—

(a) Vão já muito longe os factos a que na presente carta se allude, mas não tanto, que se não ache ainda bem presente na memoria dos Conimbricenses e de bom numero de Academicos o notavel incendio que por esta occasião se ateou no collegio de S. Bernardo, da Sophia, pertencente então ao Sr. Francisco de Oliveira, e hoje a seus herdeiros.

depois, pelo bem fundado receio de que a minha carta te fosse causar o effeito d'um suporifico; pois

É tal a semsaboria,
Que por esta terra vae,
Que tudo o que 'nella existe,
Ou tudo o que d'ella sae
É insipido e enfadonho
Por tão diversas maneiras,
Que traz comsigo mais opio,
Que um quintal de dormideiras.

Deixa passar o *calembourg* do ultimo verso, que, além de sahir ao acaso, como quasi todos, é, além d'isso, portuguez:

Coisa entre nós desusada,
'Nesses sec'los de rudeza;
Mas depois que a moda exige,
Que seja tudo á franceza...
Tambem já ha *calembourgs*.
Cá na lingua portugueza.

Pedes-me que te informe dos progressos da minha nova paixão, mas vens mal guiado, meu amigo;— em amor não ha progresso. Não enrugues a testa, nem alcunhes de paradoxo a verdade mais palpitante, que me tenha talvez sahido dos bicos da penna;— e senão, diz-me com a mão na consciencia, se as scenas amorosas, de que mais, ou menos felizmente, e ás vezes bem ridiculamente, somos actores no theatro d'este mundo, não são uma imitação d'aquellas, que nossos primeiros paes primitivamente representavam no paraízo terreal, ha seis mil e tantos annos. É verdade que as suas vestes de innocencia, manchadas pelo peccado, foram substituidas pela folha de figueira, e esta mais tarde pelos mil arrebiçados caprichos da moda; mas o enredo e as scenas principaes do grande drama sentimental são, e serão sempre as mesmas. E, se ainda não estás convencido, ouve:

Triste vagueio na mudez das noites,
Por frescas veigas, onde brotam flores;
Nas verdes margens, que o Mondego banha,
Vive minh'alma d'illusões e amores.

E a sua imagem me acompanha sempre,
Por entre os sonhos, em que a mente ancia,
Seus olhos lindos nos meus olhos crava,
Á luz da lua, que nos céus vagueia.

Seu nome escuto nos accentos magicos
Das meigas aves, que por 'hi doudejam,
Repete-o a briza, que por mim perpassa,
Leio nas rosas, que gentis vecejam.

Á vista do que deixo dicto, e que não é senão uma repetição infeliz dos idyllios, que os namorados de todos os tempos têm, em prosa e verso, dirigido ás suas *Ellas*, talvez creias, que estou muito adiantado na tal *paixão*? Pois ainda te enganas. Aquella mulher é uma contradicção em carne e osso; os seus actos guerreiam-se e destroem-se por tal maneira, que eu desafio o mais consummado namorador a comprehendel-a e definil-a. Sempre

Frio desdem empregando
Após magico sorriso,
Que nos despenha no inferno,
Ao entrar no paraizo.

Ora carinhosa e meiga,
Ora vaidosa e cruel,
Ora... ora...

E foi-se a rima! — mas não te admires, attenta a gravidade do assumpto; e peço-te que dêmos a materia por discutida, passando agora ás noticias locaes.

Era hontem meio dia... Ou antes:

O rouco e triste som de altivo bronze
No bater compassado annunciava,
Que em seu carro veloz o sol já tinha
Do céu mais de metade percorrido,

quando as torres da cidade deram o signal de incendio. Disseram-me que o fogo era no extincto collegio de S. Bernardo, pertencente hoje ao Francisco d'Oliveira (vulgo o Franciscão), e que se ateara por uma eira contigua ao edificio, e em que naquelle dia (um domingo) tinham andado a malhar trigo. Ao chegar ao alto das escadas de Sancta Cruz, fiquei surprehendido com os rápidos progressos, que o fogo ia fazendo

Já mil lavaredas
Ás nuvens subindo,
Vão de negro fumo
Os ares tingindo:
E por cima dos telhados
Os Dorias correndo vão;
Passando por entre as chammas,
Tinta a cara de carvão;
Parecem negros diabos,
No centro de perdição.

Mas bons diabos, que não duvidaram nunca pôr em risco a sua vida para acudir ao chamamento da desgraça.

O povo, sempre inclinado ao maravi-

lhoso, víra 'neste sinistro acontecimento o merecido castigo de quem mandava empregar em arduo trabalho um dia, exclusivamente destinado ao cultivo da vinha do Senhor; porém a minha musa, menos religiosa, e resentindo-se ainda das sedicões ficções do paganismo, segredou-me ao ouvido a seguinte, e não sei se mais plausivel, explicação de tal desastre:

Um devedor do Oliveira,
Que outro dia aqui morreu,
Nos reinos do Deus do fogo
Co'a pobre da alma deu:
Foi cá muito perseguido,
Por causa de certo cão; (a)
E fez lá tantas lamurias,
Ao formidavel Plutão,
Que jurara pela estygie,
Movido de compaixão,
De tornar em pó e cinzas,
As casas do Franciscão.

Aproximei-me ao lugar da acção, e ao cimo das escadas d'uma casa fronteira

Encontrei certa deidade,
Que mora alli na Sophia,
Quasi inanimada e fria,
Da face perdida a côr:
Temia que o Deus irado
Lhe entrasse pela janella,
E lhe levasse a *farpella*,
Que tinha no toucador!

O receio era ridiculamente pueril, pois não tenho ideia de ler na mythologia antiga, que o negro e terrivel Plutão andasse nunca feito *petit-maitre*, e de luneta ao canto do olho, passeiando pelas ruas, e muito principalmente pela da Sophia.

A minha má sina conduziu-me ao jardim da sobredicta deidade a tirar agua com um *balde* de dentro d'um poço.

Mas não foi de *balde*, porque, posto que ficasse sem um bello par de botas, que me sahiram dos pés cortadas aos pedaços, corri ao menos para fazer abandonar o campo ao director em chefe das forjas infornaes,

Que conhecendo já tarde
A tolice que fazia,
Involvendo em tal vingança
Toda a gente da Sophia;
De tal sorte atrapalhado
Co'a muita agua se viu...
Que, confuso e envergonhado,
Deu dois urros... e fugiu!

(a) Calote.

E depois um suavissimo nectar preparado pelas mesmas niveas mãos, que me tinham dado o balde, foi de certo uma farta recompensa dos meus trabalhos; e muita gente de bem conheço eu, que, se cada dia recebesse

D'umas mãos tão delicadas
Uma tão doce bebida,
Dera por bem empregado
Tirar agua toda a vida.

Até á vista.

J.

GOCES DEL CREPUSCULO

Orillas del mar

Hay unas horas sin hora,
En que nuestras horas cesan,
Horas que en el alma pesan
Como immensa eternidad.

J. ZORRILLA.

El sol hácia el ocaso camina diligente,
Tiñendo el horizonte de nacar y zañir;
Y en tanto que ilumina las playas de occidente,
La luna, misteriosa, diafana, esplendente,
Señora de la noche la viene á presidir.

Mas antes que aparezca la reina apetecida,
Que ahuyenta de las sombras la densa confusion,
De su brillante corte de estrellas circuida,
Hay un hora que pasa de muchos no advertida,
Un hora que conmueve y halaga el corazon.

Hay un hora de encantos, de prismas y colores,
Un hora de misterios y de delicias cien,
Un hora de armonias y mágicos rumores,
Un hora que adormece del alma los dolores,
Un hora que refresca mi acalorada sien.

Entonces veo del sol la rubia cabellera,
En hebras mil tenderse por el espacio azul;
Despues irse apagando el brillo de la esfera,
Y, su postrer vislumbre lanzando á la pradera,
Cerrar sus cortinages de naranjado tul.

Y esclamo: ¡vé á otros climas! alumbre otro hemisferio
El fuego que destella tu aurífero fanal!
Y deja que la luna recobre aqui su imperio,
Y que sus cortas horas de amor y de misterio
Retrate silenciosa del mar en el cristal.

Pasad, gratos murmullos, pasad, ecos suaves;
Besad, placidas ondas, besad blandas mi pie,
En tanto que se aduermen mi afan, mis penas graves,
Porque lo que aqui siento ¡oh mar! tu no lo sabes,
Pero ¡ay de mi! tampoco, tampoco yo lo sé.

¡Es una cosa vaga, tan vaga é indifinible,
Que encanta, que estasia, que lleva el corazon
De un bienestar tan grato, tan dulce y apacible,
Un bienestar que toca la cuerda mas sensible,
Del pecho, quien al punto palpita de emocion!

¡Oh! cuantas, cuantas veces sonidos, notas bellas,
Las que formais las ondas del agua en el cristal,
Matásteis en mis labios los ayes y querellas,
Que mi pecho lanzaba tras las dichas aquellas,
Que lejos de mi huyeron, mui lejos por mi mal!

¡Cuantas y cuantas otras yo descifrar creia
Esa voz que en vosotras me hablaba al corazon!...
¡Ay! como entonces el alma tranquila se adormia,
Pensando que la dicha por siempre poseia!...
Mas no vió que soñaba; no vió que era ilusion.

Y aun sueño, y aun deliro, y aun pienso cual pensaba,
Y aun creo cual creia, y aun siento cual senti,
Y mi mente se agita cual siempre se agitaba,
Y mi pecho palpita cual siempre palpitaba,
De amor y de entusiasmo, dos cosas que perdi.

Mas ya la luna viene y el tímido lucero,
Que lleva tembloroso mensajes mil de amor:
¡Ay! como me recuerdan el dia postrimero
De dichas que gozará!... Yá solo crudo y fiero
Conservo en mis entrañas volcan abrasador.

Empero; vayan lejos mi afan, mis penas graves,
Recuerdos tentadores del bienestar que fué!...
Y puesto que yo siento ¡oh mar! tu no lo sabes,
Pasad, gratos murmullos, pasad, ecos suaves,
Y en tanto, frescas ondas, besad blandas mi pie.

Figueira da Foz, 1 de Noviembre, 1859.

JUAN W. MURRÉ.

A MINHAS IRMÃS

Quanto de mim a causa foi sentida,
Seja de vós chorada, e junctamente
Choremos uma morte e uma vida.

CAMÕES, ELEGIA VIII

Entre os negros cyprestes da campa
Vem, ó musa, de lucto envolvida
Inspirar quem bem diz o destino,
Que nos chama ao findar d'esta vida.

Que m'importam do mundo os enleios,
D'este mundo os incantos fingidos?
Que m'importa o prazer, que se torna
Pranto, dores, pezar e gemidos?...

Se eu perdi quem ao mundo me trouxe,
Que era um anjo de paz e candura!
Se de mãe eu perdi os carinhos,
Os affagos, amor e ternura!...

Sobre a campa só vejo o cypreste,
A sua alma ao empyreu voou;
Cá na terra onde a vida é um sonho,
Bem profundas saudades deixou.

Juncto ao throno do Eterno gozando
Aurea palma á virtude doada,

E da c'roa dos anjos cingida,
É dos anjos no céu adorada.

Se eu pudesse esse véu, que separa
Este mundo da eternidade,
Levantar, e teu collo estreitando,
Terna mãe, apagar a saudade...

! Oh! desdita!!... que o nega o destino!
A lei dura, que a todos domina!
; Revocar os decretos quem ousa,
Que dimanam da patria divina?!

Possa ao menos meu pranto saudoso
Embotar os espinhos d'ausencia,
Té que um dia no céu, a teu lado
Vá gozar mais feliz existencia.

Sanctas crenças, que n'alma produzem
Cá na terra harmonias do céu,
Vem dizer-me que apos esta vida,
Outra vida melhor terei eu.

E lá vejo através d'estas sombras,
Tremolar os pharoes sacrosantos,
Que nos mostram os reinos ditosos,
Onde os anjos entôam seus cantos.

Estas crenças dão vida e confortam
O orphãosinho de mãe'extremosa,
E ao amante, que a amante perdeu
Lhe minoram a dor tormentosa.

Lá então 'nessa vida infinita,
'Nesse infindo gozar de mil bens,
'Da virtude e da fé, que nutriste,
Deus nos diz — recompensa aqui tens.

1856

E. GARCIA

DÓVIDA

Vejo no meu horisonte
Formosa estrella a luzir:
Quanto mais a vejo e miro,
Mais redobra seu fulgir.

Seu lume tão doce e meigo
As vistas todas seduz;
Mas não sei se acaso ha olhos
Que lhe roubem toda a luz...

Os meus bem querem casar-se
Co'o suave brilho seu;
Mas temem não lhes responda
Esse lampejo do céu.

Setembro de 1858

A. A.

CHARADA.

Está na segunda a primeira — 1
Vae na primeira a segunda — 1

É homem que mette medo,
E que ninguem inda viu;
Mas na infancia ao pensar 'nelle
Quem terror nunca sentiu? D. P.

EXPEDIENTE

Pedimos novamente a todos os Sr.^s assignantes, que ainda não satisfizeram a importancia de suas assignaturas, se sirvam mandar pagar a esta redacção ou a seus commissarios, na fórma já annunciada; i. é, em estampilhas, ou vales do correio, quando não houver outro meio mais facil de pagamento.

Continuaremos a enviar os numeros de nosso jornal, que forem saíndo, aos Srs. assignantes, que, findo o praso por que subscreveram, não tiverem ordenado a suspensão de sua assignatura.

Procedemos assim para regularidade do serviço da redacção e economia de correspondencia da parte dos Srs. assignantes, que, subscrevendo ás vezes por um só trimestre, têm, na maior parte, repetido sua assignatura, depois de riscados do livro competente.

Rogâmos áquelles Srs. a quem remette-mos prospectos da *Luz do Cemiterio*, se sirvam devovel-os com as assignaturas, que tiveram a bondade de alcançar, a fim de se lhes fazer logo a remessa dos exemplares de que precisarem.

O Administrador, M. Dias Pereira.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

302

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

A PROBIDADE

DRAMA

DE

A. C. de Lacerda.

(Continuado do n.º 22)

A ideia antecipada influiu talvez sobre a impressão, que em mim causou a reprodução scenica d'aquella viçosa flor da corôa dramatica de A. C. de Lacerda; todavia, se ella não subiu ás alturas do enthusiasmo quasi febril que a acompanhava, foi porém tal, que me levou a classificar o drama uma das melhores produções do auctor, e uma das obras de que se póde jactar o theatro moderno portuguez. Scribe ou Mendes Leal não deveriam ter receios, de que fossem compromettidos os seus créditos de insignes dramaturgos, se perfilhassem a *Probidade*.

Ha sempre na apreciação d'uma composição theatral dois pólos, que ordinariamente se repellem, duas entidades que difficilmente se conciliam, — o expectador e o critico, a plateia e a litteratura. Não falo do expectador, fervente amator da magica do subterraneo e da sarrabulhada, que ouve com o silencio da estupidez o trecho sublime, ao passo que presta a gargalhada alvar á facecia torpe e plebeia, e desconjunta as articulações para applaudir os berros desentoados d'um tyranno de melodrama. Tão pouco quero alludir ao frequentador aristocrata, ao *leão do palco* (como lhe chama Andrade Ferreira) que, distrahido sempre nas regiões do idealismo fingido, apenas se digna volver os olhos para o palco para zombar de tudo o que se passa na scena, só porque no *Odeon*, no *Ambigu-comique*,

Novembro—1839

ou em outro qualquer theatro estranho, viram coisa melhor. São entes heterogeneos nas feições, mas congeneres no ridiculo, que de maneira alguma podem representar uma plateia composta na maior parte d'uma classe média entre estes extremos, não tendo nem a burguezia crassa d'uns, nem a fofice caricata dos outros.

A *Probidade* agradará então sómente ao expectador, tal qual suppomos que elle é por via de regra? ou será digno dos elogios da critica menos benevola em certos pontos? É digno d'estes. Tem algumas peripecias triviaes e usadas, mas tem outras extremamente dramaticas e patheticas. Tem ás vezes uma lingoagem menos castigada, mas o dialogo é muito naturalmente sustentado, e a satyra é a cada passo confeçoada com chiste. O pensamento do drama não é um pensamento unico, grandioso, tendente á solução d'um problema social; entretanto os episodios, que matisam o enredo, não peccam por inverosimilhança, e são uma pintura de scenas da vida intima.

O que alli se nota é uma falta sensivel de typos na rigorosa expressão da palavra, bem distinctos e contrastados uns dos outros, perfeitamente acabados; os caracteres, que entram em scena, são mais esboços que retratos. Sei que a mina está exaurida, quasi que já não ha personagem da sociedade moderna, generoso ou perverso, serio ou picaresco, que não tenha sido daguerreotipado mais ou menos felizmente, sobre o palco, e porisso o auctor dramatico para não tropeçar no plagiato tem infallivelmente de fazer sobresahir menos os seus protogonistas e applicar a sua attenção a outro objecto. Admira-se por exemplo que na *Probidade* appareçam só homens pro-

N.º 23

bos e não prototypos de probidade, como o titulo parecia dar direito a esperar, mas d'isto está o auctor absolvido depois do que diz na prefação ao drama; destinara-lhe elle a denominação de — *Os homens de bem*, que mais justamente lhe quadrava, mas a coincidência com o pensamento, que Mendes Leal tivera quasi ao mesmo tempo para um outro drama seu, e o direito de prioridade, que parecia assistir a esse depois dos seus *Homens de Marmore* e do seu *Homem d'Ouro*, induziram o auctor da *Probidade* ao chrisma.

Manoel Escôta é o unico vulto, que está retratado com traços mais demorados e minuciosos; vivacidade, colorido e correcção de desenho são predicados, que presidem áquella figura tão habilmente copiada; é um typo que se destaca visivelmente no meio dos outros interlocutores. Manoel é o transumpto fidelissimo do que é o velho marinheiro portuguez; resume a physiologia da indole e existencia do homem do mar, que envelheceu sobre as vagas ao som do *leva arriba*, e acostumado a obedecer cegamente ao porta-voz e ao apito.

Rudez innocente, generosidade extrema, coragem physica e coração humanitario, eis as virtudes consubstanciadas no idoso marujo. O homem, que ao ouvir a supposta filha modular a canção maritima, se esquece da casa em que está, e entusiasmado prosegue o canto favorito; o homem, que ao ouvir a narração da série d'infortunios que perseguiram o pobre extravagante, a triste victima do *prego*, lhe lembra como unico salvaterio a volta á carreira maritima, deixa ver bem um character, cujo elemento vital é o oceano. O bravo marinheiro, que no meio do naufragio da *Santa Rosa*, alli onde só havia a *morte e Deus*, segundo a robusta expressão de Camillo C. Branco, só se lembra de salvar a orphã do judeu, e jura servir-lhe de pae toda a vida, practica uma heroicidade, que pertence necessariamente a um coração, a quem a atmospheria dos navios não tinha ainda feito de marmore. São acções que desenhão ao vivo o homem, que o dramaturgo quer apresentar; é uma das melhores, senão a melhor, das creações que ornão a nova obra

do auctor dos *Dois Mundos* e dos *Mysterios sociaes*. A ideia, realçada pela bella interpretação do actor, deve sempre electrizar o espirito do expectador, e neste ponto as palmas da plateia harmonisam-se admiravelmente com os louvores da critica.

Henrique Soares poderá ainda ser classificado como um typo; mas como typo da probidade, segundo se poderia deprender da parte de protogonista, que lhe parece caber, isso nunca; a probidade, esta virtude cuja apotheose se quer fazer, não é a sua feição característica. O aspirante de marinha apossa-se da fortuna de Jacob, julgando-a sómente roubar ao mar? não lhe passa sequer pela imaginação, que por um incidente inexperado, mas possivel, se salvasse o judeu ou a filha? a mãe de Adelia não podia por um revés da fortuna cair na mestria sacrificada pelas exigencias do fausto? Estas perguntas, que naturalmente occorrem, tornam exquisita a probidade do homem que sente remorsos, e dá esmolos com dinheiro alheio. Confrontem antes a probidade de H. Soares com a de Manoel Escôta; um rouba ao abysmo a filha, o outro o thesouro; um lembra-se de soccorrer a orphã, outro de se locupletar!

Longe de mim o apontar H. Soares como character repugnante; ha'nelle pelo contrario nobreza d'alma. É um homem orgulhoso de seus direitos, aborrecendo o servilismo, tornando-se pelo ouro e intelligencia superior na sociedade, cujas ulceras conhece e de cujos ridiculos mofa. É uma alma de ferro para a sociedade corrupta, e d'anjo para a amante e para os desgraçados; sacrifica o seu amor á desconfiança, que o mundo possa ter a respeito da sua sinceridade e desinteresse; quer reprehender os homens sem elles terem de que o reprehender.

Depois descobrem-se em segundo plano tres personagens: Adelia, Nogueira e Colares. Adelia é a creatura angelica e mimosa, cujo amor faz parte do enredo do drama; a sua qualidade de figura obrigada e infallivel dá-lhe pouca novidade e não a deixa avantajjar. Nogueira, o *zoué* do café e das espeluncas, o escravo do *prego*, é a victima da desmoralisada organização da

sociedade moderna; a cabeça estava corrompida por necessidade e affectação, mas o coração ainda não fôra inteiramente contaminado. Quasi desappercebido no prologo, pouco visivel no primeiro e mais saliente no segundo acto, o mestre de musica por casas particulares fica perfeitamente caracterizado, quando depois d'uma noite infeliz d'espelunca recebe em sua casa com toda a humanidade o judeu Jacob, pobre e extenuado; nem o soffrimento, nem o habito do jogo, nem a educação dos cafés tinham adormecido os sentimentos; e com razão ao litterato ex-maritimo podia-se applicar o dito de Molière a proposito do mendigo, que lhe restituia a moeda d'ouro, que por engano lhe dera: *où la vertu va-t-elle se nicher!* Não se julgue este character chimerico, nem pareça incrivel a união da extravagancia com a humanidade; encontra-se o original d'este retrato em muitas partes e frequentes vezes.

Collares tem apenas as honras d'um intriguista soez e ambicioso sem engenho algum. Pouco faz no drama e a razão da sua apparição só a sei explicar pela necessidade d'um specimen de certos homens de bem em gripho, que se inculcam como taes no mundo, e que são por fim de contas uns refinados velhacos. Se não fosse a precisão de dar um contraste aos verdadeiros homens de bem, que entram em scena, o papel de Collares poderia ser riscado, porque a sua falta não seria muito sensivel, a não ser para algum idolatra dos tyrannos da escola ultraromantica, que não julgue boa peça theatral sem meia duzia de berros, sobranceiras carregadas, olhares de través, etc. E por isso que julgo na *Probidade* a presença do ridiculo pretendente de D. Guilhermina uma coisa não indispensavel á acção do drama, olharei esta circumstancia como uma originalidade, e portanto como um merecimento.

O enredo caminha, coisa singular, sem necessidade stricta do *tyranno*, herança em geral necessaria da velha escola; Collares não é um Rodin na sordidez e ambição, um Lugarto na malvadez, um Simplicio Lobo na avareza, e menos um Othelo no ciume e vingança; está muito e muito abai-

xo d'estes grandes prototipos, e não passa d'um ente vulgarissimo. Empallidece e obedece com facilidade a uma intimação feita sem artificio á vista do cano d'uma pistola, contra o que ordinariamente succede aos seus *modelos*, ignora, mais que ninguem, os mysterios do drama; não vemos no velhaco nem finura, nem talento, nem estudo em subido grão, e para mim não é mais do que aquillo que era para H. Soares: um grande *parvo*.

A acção do drama de A. C. de Lacerda está quasi sempre cheia de vigor, poucas vezes esfria; e se tem defeitos, em alguns caiu o auctor, querendo tornal-a original e fôra do commum. O prologo é um quadro da vida maritima trasladado do natural com toda a verdade, e que pela novidade attráe a imaginação do público; ha lá porém a narração de Jacob, que todos acham prolongada de mais, e realmente este vicio dá muito na vista e devia ter sido remedeado d'algunha maneira.

A canção do Marujo:

Triste vida é a do marujo
Qual d'elles a mais cançada,
Por'mór da triste soldada
Passa tormentos.

Dom dom
Andar á chuva e aos ventos,
Quer de verão, quer d'inverno,
Parece um proprio inferno
Co'as tempestades.

Dom dom.

cantada por Adelia e Manoel Escôta, com acompanhamento de piano, é d'um agradável effeito, e recorda a quem passou já algum tempo sobre o oceano, um dos incidentes mais poeticos da vida maritima. A copla final:

Quando descansados estamos
No rancho a socegar
Então é que ouço gritar
Oh! *leva arriba!*

prepara o expectador para uma das scenas mais patheticas, que tenho visto no palco.

É ella no primeiro acto, que é em verdade uma obra prima; a impressão galvanica, que me communicou aquelle reconhecimento de H. Soares com Manoel Escôta,

não a sei explicar. A alma nobre do joven millionario fica stereotipada; não póde haver dúvida sobre a sua permanencia de character, mesmo engolphado no ouro. O final é um bello remate do sublime, de que está cheio todo o acto; as sensações todas diversas, que as quatro pessoas em scena sofrem ao ouvir a declaração do marinheiro sobre a existencia e sorte de Adelia, são um trecho delicadamente concebido.

Se a plateia ouvisse o 2.º acto antes do 1.º, não notaria tanto o contraste entre elles, mas com a ordem por que foram feitos, o sublime, que nunca póde ser sustentado por muito tempo, está distante de ser conservado na altura a que o elevou Lacerda no 1.º acto. O expectador pouco mais espera depois do desfecho d'este acto; e effectivamente se não fosse a reaparição do judeu e o episodio do pianista pateado, como se sustentaria a vida do 2.º acto? De Jacob já ninguém se lembrava, e parece natural tel-o deixado sepultado no mar depois de não ter transparecido no 1.º acto o menor vislumbre a respeito da sua salvação. No final do acto nota-se tambem um nimio furor de contentar a todos; a conversão quasi instantanea do judeu, sobretudo, é uma coisa algum tanto incompativel com os principios religiosos em geral mais ou menos arraigados, principalmente num velho.

Agora se do merito absoluto fizer transição para o relativo, comparando a *Probidade* com as outras composições dramaticas do mesmo auctor, não a julgarei a melhor das obras de A. C. de Lacerda. E mesmo sem ir longe, nem profundar muito a analyse, direi que, ou fôsse por causas estranhas, que influissem sobre mim nos dias em que ouvi a representação e li o *Cynismo, Scepticismo e Crença*, ou porque realmente o criterio me não illudia, a meu ver (e entenda-se, não tenho pretensões d'impor este ver como oraculo), tenho este ultimo drama como superior á *Probidade*. Os tres protogonistas do *Cinismo* avultam esculpidos por um buril magistral como symbolos de tres magnificos pensamentos, tomados na sociedade actual; a these philosophica, que alli se demonstra é de como

a crença, emissaria de Deus, póde, a pesar de tudo, no presente seculo chegar a tirar a dúvida ao sceptico, e aniquilar os negregados planos do cynico.

Os tres personagens são os unicos que conduzem a acção do drama, mas conduzem-na tão interessante, tão viva, como os numerosos interlocutores de qualquer drama da escola franceza. Eu bem sei que ha lá uma ideia de immoralidade, que está longe de apparecer na *Probidade*; mas essa immoralidade não é um devaneio, de romancista escandecido, nem um desabafo de fareista, para conciliar a risada estúpida do nababo lubrico e burguez: é o episodio d'um drama horrivel, vasado nos moldes da verdade, e em que o castigo não menos horrivel do vicio, torna este repugnante e incapaz de ser seguido.

Junte-se a isto uma difficuldade continuada de scenas todas com equal successo, uma naturalidade de dialogo, em que o nosso auctor tanto prima, um conhecimento profundo das paixões, que agitam o coração humano, e diga-se se não ha razão para julgar o dramaturgo lisbonense tão precioso escriptor, como habil actor, um forte sustentaculo da nossa litteratura dramatica, tão brilhantemente resuscitada pelo auctor do *Fr. Luiz de Sousa*, como sustentada pelo dos *Homens de Marmore*.

Aos que notarem em alguns pontos sobriedade de elogios, direi que A. C. de Lacerda é uma reputação feita, e «as reputações feitas discutem-se e aconselham-se», como já bem disse o nosso critico Lopes de Mendonça.

A. LUCIANO

AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

(Continuado do n.º 14)

A portada

Menina e moça me levaram...

BERNARDIN RIBEIRO

XIII

—Olha, Rosinha: não te has de esquecer da tua amiga, que sempre te quiz tanto, promettes?, dizia Adelaide a uma elegante rapariga de 16 annos.

— Como poderia eu esquecer-te? unidas desde a infancia, os nossos pensamentos, os nossos corações permaneceram sempre ligados pelos laços da mais sincera e verdadeira amizade; e havia de eu agora esquecer-te?! não penses em tal. Mas não me dirás qual o motivo da tua partida?... Tu que és tão extremosa por teu tio... deixal-o... ires viver com pessoas, que não conheces... que nunca amarás talvez... Não posso comprehender que motivos imperiosos te chamam assim... de repente... a outros logares!

— Nem eu tão pouco sei explicar a resolução tomada por meu tio. Quando me annunciou que devia partir, deixal-o, deixar-te... banhada em lagrimas, lancei-me a seus pés, parecia que se me partia o coração de dor, pedi-lhe pela alma de minha mãe, que me revelasse o motivo, que me forçava a uma tão dura separação. Nada me respondeu de positivo, disse-me d'um modo vago:— que a seu tempo saberia tudo; que estava em idade de conhecer o grande mundo; que para elle havia nascido; que era preciso adornar o meu espirito com os dotes e qualidades, que só se adquirem lá fóra, na alta sociedade... e isto com um ar tão triste!... e depois, confesso-te, que nada comprehendi, e entrei a scismar o que seria a alta sociedade, o grande mundo? Eu apenas conheço a minha pequena aldeia, as minhas flores, a fonte do valle, as minhas companheiras de infancia e... É verdade, sabes tu Rosinha o que é o grande mundo?

Esta pergunta foi feita com um modo tal, que só revelava aquella innocencia dos primeiros annos, e ao interrogar sua amiga, fixou nella os olhos banhados em pranto.

— Tu choras, Adelaide! choras! quando vaes dilatar o teu futuro, adquirir dotes, que aqui nunca poderias alcançar! É verdade que eu tenho ouvido dizer a meu pae, á noite, quando nos reunimos em volta do lar, que o mundo lá fóra é tempestuoso como um dia de trovoadas! Que lá tudo é fraude, inquietação e desgosto!... Mas eu tenho um presentimento de que has de ser feliz.

— Deus te ouça, mas olha que os meus presentimentos são muito tristes, tão tristes, que nem me atrevo a dizer-t'os.

— E eu, pelo contrário, até desejava acompanhar-te.

— Só me lembra, que poderia talvez encontrar por lá Alberto. Ao pronunciar este nome — Alberto — Adelaide revelou timidez, e um rubor virginal lhe subiu ás faces. Depois continuou: era tão meu amigo!... lembram-me bem aquelles momentos, que passavamos junctos; umas vezes colhendo flores, que elle tecia em grinaldas, para adornar-me a cabeça, outras, estudava junto de mim, que bordava, e quantas vezes, quantas! fechava os livros e se punha a contemplar o meu bordado!...

— É verdade, e se tu encontrasses por lá Alberto não eras já bem feliz? Ha quanto tempo partiu para os estudos?

— Ha tres annos; bem me recordo. Nunca mais soube d'elle. E eu queria-lhe tanto! eu não sei o que sentia, quando estava ao pé de mim, o meu coração palpitava com tanta violencia!...

XIV

A innocente conversa das duas meninas foi interrompida pelo rodar d'uma sege, rumor estranho e inteiramente novo 'naquelles logares.

As duas meninas estremeceram, e assustadas se perguntaram — que será? — e voltando-se para se informarem do estranho successo ficaram surprehendidas, ao ver que a sege se encaminhava para a habitação de Castro. E effectivamente era aquelle o seu destino.

Uma das janellas entreabriu-se e uma sêcca e ossuda cara, sustentada 'num esguio e magro pescôço se alongava, para examinar, com a costumada curiosidade, o ruído e o que o motivava. Era a criada de Castro, classica cosinheira, depósito de reliquias e bentinhos, serva de Deus, como todas as velhas cosinheiras. A boa da velha ficou pasmada; devorava com estúpido olhar as fardas dos criados, a carroagem, e não rompeu logo 'num longo interrogatorio, porque um dos criados perguntou:

— Ó senhora, aqui é que habita o Sr. Castro?

— Sim, senhor. E vocês que lhe querem? Não me dirão, que *caranquejola* é essa?

Pela minha salvação; Santo Antonio! nunca vi outra em dias de minha vida!

Vocês são militares?

— Agora não se tracta d'isso, entregue-lhe essa carta, e diga-nos onde é a cocheira para recolher o trem.

— Eu sei cá que *demo* é isso de *chocallheira* ou *entretém*, eu não sei lá d'essas *andróminas*. Eu vou dar parte a meu amo.

— É bem curiosa a tal bruxa, nunca vi bixo mais peçonhento.

— É uma perfeita girafa, disse o bo-lieiro.

— Que viriamos nós aqui buscar; disseram-nos que havíamos de conduzir uma menina de 18 annos, e apparece-nos logo d'entrada um espantallo d'estes! Hein! Raios a firam!

Os modos arrogantes dos dois criados espantaram a velha, que, invocando o nome de todos os sanctos de sua particular devoção, se escoou a través da estreita janella, onde pouco depois assomou o rosto severo de Castro. Os criados levaram machinalmente a mão ao chapéu listrado, e respeitosa-mente o cortejaram.

— Sei ao que vindes, disse Castro; trazeis alguma carta?

— Saiba v. ex.^a que sim, respondeu um d'elles com voz trémula.

— Muito bem. Dae-a cá.

Castro leu precipitadamente, e as contracções da sua tez deram indícios do sofrimento, que lhe ia lá dentro d'alma, embatida já de tanto desgosto. Angustia semelhante á do naufrago, a quem as vagas arrancaram a ultima taboa de salvamento, e que, abysmando-se nas profundezas do mar, vê desaparecer-lhe com a vida o horisonte da terra, se lhe pintava no rosto, pendido sobre o peito.

Fazendo um esforço para não succumbir ao desalento, que momentos ha em que a coragem nos desempara, disse, voltando-se para os recémchegados:

— Aguardai um pouco. Francisca, vai chamar minha sobrinha, que deves encontrar no seu retiro habitual; vai á fonte do Valle, que lá deve estar com Rosinha.

— Agora é outro cantar... sobrinha... Rosinha... murmurou um dos criados de

módo que o seu companheiro percebesse. Ó Zé, sobrinha e Rosinha... A cousa deve ser optima! não te parece, hein? Ouviste?

(Continúa)

E. G.

CAÇA D'UMA RAPOSA.

(Continuado do numero 22)

III

Haviam passado mais de tres mezes. Era agora por meados d'Abril.

Um dia de sol esplendido, vê o sr. Christovão Pimenta entrar pela sua loja dentro um figurão, alto e reforçado, de caraça atri-gueirada e redonda, bem trajado, com aneis de grandes diamantes e bengala de castão d'oiro, que se dirigiu ao primeiro caixeiro, e perguntou:

— Aqui é que é uma casa de commercio, que costuma acceitar fundos de particulares...

O sr. Pimenta não o deixou continuar. Veio-lhe ao encontro, e fez-lhe um cumprimento muito rasgado.

— Eu sou o dono d'esta casa, disse elle, se v. ex.^a tem alguma coisa a tractar, é comigo.

O recém-vindo percorreu-o com um olhar d'alto a baixo, e fez um gesto, que podia significar assentimento.

— Eu, começou elle dizendo, sou estranho a esta terra, como talvez já tenha notado, e gostava de por aqui me estabelecer. Para isso precisava, antes de mais nada, capitalisar alguns vintens que tenho, e ficava-lhe muito agradecido, se tivesse a bondade de inculcar-me por ahi uma casa, confraria, ou coisa semelhante, onde podesse descansar na segurança do meu dinheiro.

Eu sei que ha aqui em Coimbra uma casa de negocio muito acreditada n'este genero de transacções, e era por essa que eu perguntava ha bocado.

O sr. Christovão fez um meneio de cabeça, espichou o beicho de baixo, e respondeu:

— A fallar a verdade, não sei-bem dizer a v. ex.^a onde vá bater. Isto está tudo per-

dido, já não ha em quem a gente se fie. Estabelecimentos, que nos parecem tão bem seguros, estão ahí a quebrar todos os dias, e casas de negocio não me lembro assim de nenhuma, que esteja nas circumstancias... Nós aqui é que costumamos entrar com afoiteza 'nessas coisas, e temos sido felizes: mas v. ex.^a fará melhor informando-se...

— Então é aqui exactamente a casa que eu procurava?

— E, provavelmente.

— Pois bem. Estou bem informado, e se o sr. quizer, escuso já de saír. O meu dinheiro fica bem.

— Como v. ex.^a entender. E visto isso, queira v. ex.^a ter o incommodo de subir.

Entraram ambos no *escriptorio*, ha muito nosso conhecido. O tal figurão assentou-se logo, como homem muito vesado a commodos, e começou dizendo:

— Eu por agora apenas deixo trinta contos, por que alguma coisa que tenho está derramado por mãos alheias: mas tenciono fazer em breve deposito maior. Vou ahí passar-lhe uma ordem para mandar receber quando quizer; que commigo pouco trago.

E, por amostra, foi desensacando d'uma bolsa de prata algumas duzias de libras, que ia encastellando sôbre a mesa.

Estava 'nisto, quando alguém bateu á porta do *escriptorio*.

— Estou com gente; agora não posso falar a ninguem: bradou o sr. Pimenta com modo aspero.

— Faça obsequio d'abrir: quero só duas palavras: respondeu de fóra uma voz, que fez estremecer o sr. Christovão.

— Tenha paciencia, agora é impossivel.

— Mas póde ser alguém que tenha pressa, disse o desconhecido, e eu não a tenho. É melhor vêr quem é.

— Pois se v. ex.^a dá licença...

— Pois não.

O sr. Pimenta foi abrir a porta, e deu de cara com o nosso estudantinho, que, sem lhe dar tempo nem d'um ai, exclamou alto e bom som:

— Eu preciso já do meu dinheiro.

Christovão Pimenta ficou varado. Se estivessem a sós boa resposta lhe sabia elle dar; mas diante d'aquelle homem, que lhe

ia fazer um deposito de tanta valia, uma unica palavra indiscreta deitava-o a perder. Antes queria 'naquelle occasião que lhe rebentassem mil bombas debaixo dos pés.

Lá cozeu comsigo a sua raiva, e ao mancebo respondeu com o accento mais brandido que poude:

— Se v. s.^a podesse vir d'aqui a um instantinho... Está alli aquelle sr. á espera.

— Não posso, preciso d'elle immediatamente.

— Eu espero, eu espero; não tem dúvida: disse o desconhecido outra vez.

Christovão Pimenta fez os seus calculos 'num momento.

• Quem de trinta tira oito ficam vinte e dois. São exactamente os que ganho, e vejo-me livre d'este maldito do inferno, que em tão má hora o diabo cá mandou. »

E dirigindo-se a elle, proseguiu d'alto:

— Queira então esperar um nadinha, que eu vou buscar-o.

E desceu á loja.

Quando subiu achou os dois hospedes ao pé um do outro, e o dinheiro de cima da meza tinha desaparecido.

Entregou a um uma bolça que trazia, e reparando 'nesta ultima circumstancia, perguntou ao outro:

— Então o seu dinheiro? v. ex.^a...

— Eu sou pae d'este mancebo: que vim do Brazil aqui só e exclusivamente para ensinar a você, que quem quer ser velhaco pede ao diabo mais finura.

O sr. Pimenta embatucou. Quiz falar, chamar que lhe acudissem, mas não teve tempo. Levou as mãos á cabeça e cabiu fulminado.

J. SIMÕES FERREIRA

EPISTOLOGRAPHIA

No mar.

Amigo V. da Silveira. — O promettido é devido. Vou satisfazer o compromisso, que contrahi ao ceder ao seu empenho, de escrever para o jornal que redige e fundou á custa de sacrificios, que eu sei avaliar, porque tambem me alistei 'nesta milicia, como soldado raso da legião, que se

propõe marchar á conquista do futuro pelo trilho da sciencia.

Vou hoje esboçar rapidamente a vida, que se vive nas praias, quando se deixa o bulicio da cidade e se esquece os baldões, a que estamos sujeitos, nós, miseros argonautas, que navegámos com todo o panno, sem bussola e sem roteiro, e que afrontámos impavidos os escauceus e a tormenta, sem pensar que a bonança encobre o tufão, que nos fará correr em arvore sêcca, até nos arrojarem ás goelas escancaradas do abysmo.

A vida no mar não é semeada de borrascas, nem o espinho das paixões se crava no espirito, que resfolega no isolamento. A agonia do coração, que soffre as dôres intimas, para as quaes não ha antidoto, ou afrouxa com o contacto do ar livre, que alli se respira, ou adormece para reaparecer mais tarde, por entre os clarões e perfumes dos bailes, por entre o arruido excitante das dansas, e as intrigas e rivalidades das salas.

Os poetas sertanejos esquecem á beira do mar as maguadas endeixas, para entoarem canticos festivaes, repassados de entusiasmo e de amor. O seu espirito, cansado dos embates diuturnos, rejuvenesce ao contemplar o quadro imponente do oceano revoltado, que vem aos pés do homem soltar um queixume, e, envolvendo-se no pó das areias, pedir perdão de haver ousado enfurecer-se, tentando engulir a terra, e escalar o céu, renovando assim a lucta imponente dos Titões.

O sol brilha aqui em todo o seu esplendor, com toda a pureza, que impressiona e arrebatá; porque a athmosphera não é impregnada d'aquelles vapores corrosivos, que tocam os corpos e lhes absorvem a robustez e a vida. Os seus raios de oiro reflectem-se na superficie das vagas e projectam ahi mil lindezas, que a penna não póde descrever.

As vezes o céu cobre-se de crépes, a procella estala no espaço, o raio rasga as nuvens preches de materias inflammaveis, e assombra a terra com o seu estampido e com o igneo traço que desce rápido sobre ella. Mas na praia não é menos magestoso

este combate dos elementos desencadeados, nem menos bello o retabulo, que representa o poder do Creador. As ondas alterosas cobrem-se de alva espuma, similhando as jubas de leões esfaimados, a quem tivessem arrancado a preza, que esperavam saborear. As aguas do oceano, enegrecidas pela cór do céu, e entumecidas pelo soprar da tempestade, que estoura sôbre o abysmo, tornam o quadro d'uma concepção, que excede as forças humanas. A alma confrange-se ao presenciar estas convulsões da natureza e eleva-se no fervor da prece até ao seio immenso de Deus.

Quanto é bello ouvir nas balseiras, á claridade do crepusculo, os trinados do pintasilgo, ou o canto da tutinegra! Essa hora que precede as sombras, ou que vae saudar a aurora no seu leito de nuvens, e se extingue ao rasgar o sol os veus do horizonte, quando as suas bétas doiradas se extremam da fimbria de carmim que beija ao nascer; essa hora, repito, é mui desejada pelos que amam a solidão e a poesia, e sonham nos contentamentos do espirito os castos prazeres d'um amor mais casto ainda.

Aqui, sob o azul do céu, o coração pulsa desoppresso nas expansões de intima alegria; e essa hora de melancolica poesia vem afagar a imaginação dos que vivem das primeiras impressões, dos que vêem o mundo por um prisma de flores, sem se lembrarem dos parceis d'uma vida atribulada. O crepusculo reflecte-lhes 'nalma os mil encantos d'uma quadra de affectos, opulenta das áspirações, que fazem do homem um ente superior, e da mulher um archanjo cahido 'neste horto de decepções affrontosas.

Não ha aqui a verdura dos silvedos matizados da papoula, da flor da giesta e da murta; nem a vida que respiram as veigas circuitadas de renques de japoneiras e hortenses. Os casaes não alvejam aos primeiros arreboes da manhã por entre as avelleiras e limoeiros da encosta vestida de tojo e rosmaninho. Não se ouve aqui o balido do cordeiro, que retouça na campina tapetada d'azevem, nem os sons da flauta do pastor, que vão quebrar o silencio dos campos.

Deus cingiu a terra d'esta immensa facha d'areias, que se movem ao soprar dos ventos, e se agitam ao lento e rouco respirar do monstro, cujas fauces têm tragado milhões de existencias humanas. Deus separou a terra do mar por esta longa fita esbranquiçada, que ora se conserva quieta e lisa, ora fluctua ao capricho dos elementos em guerra. Nem a terra nem o mar podem vencer o espaço que os contém. É uma barreira erguida pela omnipotencia da criação, para moderar os impetos das vagas, e quebrar essa resistencia porfiosa, que re-crudesce com a sanha da tempestade.

Vivo á beira da lagôa, 'numa casa de madeira d'aspecto melancolico, porque o exterior denegrido dá a estas habitações um ar grutesco e pouco sympatico. Chamam aqui *palheiros* a estas aposentadorias improvisadas, onde se vive ás vezes horas de consolação e alivio. Não impugno nem defendendo a propriedade da phrase; conformo-me com o uso, e fecho os olhos ás prescripções dos philologos.

O meu palheiro não se debruça na corrente da lagôa, mirando-se tristemente no espelho de suas aguas. Fica um pouco mais retirado; mas da janella do meu quarto avisto o forte da barra, gigante perdido na solidão do areal, e a Gafanha, pequena peninsula, coberta de pinhaes e restolhos. Ás vezes apraz-me o alongar a vista, e fixa-la no môrro, que além se eleva magestoso no horizonte, padrão glorioso que nos fala do esforço nobre d'um punhado de bravos, que se alevantaram contra o principio da conquista, inaugurado pelo primeiro despota dos tempos modernos.

O Bussaco parece uma d'essas lapides seculares, que resistem do alto da sua invulnerabilidade ao desabamento dos imperios, e onde a mão do homem escreveu em caracteres de sangue a inscripção comprada com sacrificios generosos.

Encurtando a vista diviso a cúpula dos pinheiraes da Gafanha e as lombas d'areia, que o vento transporta ou abate. As casas pequenas afumadas dão a este paiz um caracter singular de rudeza, que agrada. Parece que o homem vive allí segregado do contacto da moderna civilisação, porque a

rotina obsta ainda alli ao ingresso dos descobrimentos devidos ao progresso da humanidade.

Mas que podem interessar-lhe todas estas bellezas, que eu aprecio, porque me agrada a singeleza do campo e os costumes do povo das nossas aldeias? Preferiria, talvez, que lhe falasse da convivencia da praia, do modo por que nós aqui vivemos em sociedade, das imagens vaporosas, que se entrevêm ao pôr do sol, quando a harmonia das espheras, como disse um philosopho, substitue a vida das povoações, e a fantazia se arremeça ao espaço, avivando em traços rápidos as feições da virgem, que nos sorriu no berço? Esperava uma narração esmaltada de peripecias, em que o inverosimil captivasse o espirito, em que a poesia fosse victoriada por dois ou tres episodios de fantastica ingenuidade?

Leio muitas vezes Ossian, o bardo do norte; enthusiasmam-me as bellezas de estylo, o colorido das imagens, a sublimidade da concepção. Cada canto é uma epepeia; cada verso rescende a mil perfumes da poesia, d'aquella poesia que respiram os bosques e os rochedos coroados de giestas da Escocia, d'esse paiz nevoento e triste, tão rico de tradições tenebrosas, cuja chronica faz arripiar as carnes do menos tímido, quando commemora os desastres que precipitaram do throno os Jacques e os Stuarts,—página de sangue escripta pela mão do carrasco nos fastos da monarchia decaida.

Se Ossian vivesse em Portugal talvez não escrevesse aquelle poema! Quem sabe! talvez o amor desgraçado d'uma nova Beatriz lhe esfolhasse as primeiras illusões do seu coração de poeta, quebrando a lyra em que modulou tão suaves hymnos. A sorte foi sempre adversa aos que vão aos jardins de Pindo colher algumas rosas! e as rosas da poesia têm tantos espinhos!

Não sou poeta, porque entre nós é só poeta o que sujeita a inspiração á rima, o que amoldura o pensamento nos estreitos limites da metrificação. Fiz versos nos primeiros annos, porque o coração precisava de esboçar 'nessas demonstrações estron-dosas, que falam do sentimento que se

aninha no peito aos dezeseite annos, quando a inexperiencia nos aconselha a fazer do público confidente dos nossos segredos de amor. Depois conheci que a tarefa era superior ás minhas forças, e risquei tudo o que tinha escripto, pezaroso de não poder fazer o mesmo aos versos, que arremessei com o orgulho da imprudencia á grande praça da publicidade.

Reservo para outra carta novas descrições. Comecei esta planeada á borda do mar, quando sorvia desopprimido o ar puro, que alli se respira; mas a execução não correspondeu, bem o sei. Que importa a pobreza da lingoagem, quando a intenção é nobre e verdadeira?

Costa Nova do Prado, Novembro.

J. E. d'ALMEIDA VILHENA

Impressões de viagem.

Meu amigo. Deixa-me conversar-te por alguns instantes para minorar a enfadonha monotonia que soffro 'neste desterro. Dirte-hei alguma cousa d'estes sitios, que, apesar de pitorescos e agradaveis, não bastam para apagar-me a sincera saudade que experimento longe dos meus.

Estou na Asenha, uma aldeia situada na margem esquerda do Mondego, a cinco leguas de Coimbra. O Mondego já aqui não corre com suas aguas dôces, com sua veia serena; as aguas são salgadas, a corrente é impetuosa; já o Atlantico o vem aqui bafejar, já aqui lhe estende os braços, em que mais abaixo o cinge com força até o sepultar em seu seio neptunino.

A Asenha, porém, não vê o Mondego; rouba-lh'o da vista um monte em que está sentada outra aldeia, Moinho de Almoxarife. Esta sim, esta vê o rio, saúda-o com a cabeça coroada de choupanas, e quasi que toca com a planta a onda fugitiva. De frente se eleva a povoação de Lares defendida por bruta penedia; e ao longe se avistam, em distancia, ao norte os muros derrocados de Montemór, ao sul a casaria de Villa Verde, e mais além o campanario da igreja de S. Julião da Figueira.

Voltando porém á Asenha, se está pri-

vada d'estas perspectivas, tem outras que bastante a aformoseiam; vêem-se serranias, por cujas encostas se penduram casinhas brancas de diversos logarejos, seáras de arroz, branquejando entre o escuro de innumeradas vallas, deliciosas ribeiras, que se ostentam verdejantes, e outras bellezas campestinas, que nos encantam a nós, pobres cidadãos condemnados a viver entre paredes, descortinando muitas vezes apenas uma nesga de verdura do alto d'alguma trapeira.

Estes contornos em nada desdizem do que descrevo. Hontem, por exemplo, fui a Pedrogão, povoação distante da Asenha um quarto de legua: a tarde estava mimosa; nuvens d'um claro cinzento interpunham-se como um véu entre o sol e a terra, e lhe mitigavam o ardor dos raios; um vento fresco e suave soprava do lado do mar.

Pedrogão é um lugar maior do que a Asenha; a entrada é espaçosa, e um pequeno nicho das almas, levantado 'numa encruzilhada e caiado com todo o esmero, ainda a torna mais pitoresca; proximo porém ás primeiras choças o caminho se torna ingreme e montanhoso até chegar a um alto, onde se eleva uma capellinha. D'aqui se estendem os olhos por um horizonte, se bem que pobre de grandezas humanas, rico comtudo de formosura natural; feracissimos olivae, excellentes varzeas de milhos, pinhaes sombrios, e lavradores e aldeãs malhando e joeirando nas eiras foram os objectos que mais nos excitaram a attenção.

A capella tem a invocação de Nossa Senhora do Pranto, cuja imagem é reputada muito milagrosa: estava fechada, mas por uma pequena janella do lado direito pude vêr umas grandes balanças que servem, segundo me disseram, para se pesarem os devotos.

Mais além se avista a aldeia de Samel, em cujo tôpo se vê uma igreja de fabrica senhoril e magestosa, parochia, como me constou, d'estes arredores.

Fallar-te-hei tambem do outeiro Picão. Este outeiro está levantado a meia legua d'aqui para o lado do sul. O nome condiz com a figura, pois, espaçoso na base, á medida que se eleva, se vae adelgaçando até terminar 'numa pequena explanada. Não é

a figura que o distingue, nem tão pouco villa ou aldeia que se lhe estenda em amphitheatro pelo dorso; o outeiro Picão é um pinhal, e um pinhal como ha muitos 'nesta terra, contendo só pinheiros, e alcatifado de tojos, cardos, urzes, trovisco, sargaço e outras plantas silvestres. Porém o panorama que se desenrolou a meus olhos, quando o subi, m'o tornam de tanto preço e amor, que alli vou amiudadas vezes. Aqui te digo os nomes das povoações que avistei.

Descortinei em frente, a oeste, auxiliado por um oculo, a aldeia de Sobral, o convento de Ceixa, a Portella, o Calvete, a Amieira, o Paião, Lavos, a Figueira, e, remate ao quadro, as aguas do oceano. Ao norte me ficava Vinha da Rainha; ao sul vi Revelles e Serro-ventoso. Lá em baixo corria, como um fio de prata, o Mondego, que se ía confundir com as aguas do mar.

Entre todas as povoações se me tornou mais notavel o convento de Ceixa, solitario e meio escondido entre as arvores, pelas recordações historicas, que se me suggeriram.

Nas aguas do Guadalete (o antigo Chrisus) se abriu a sepultura da monarchia dos godos; os filhos do deserto se assenhorearam da península e a possuiram oito seculos. A cruz foi abatida para dar lugar ao crescente; e o templo christão se tornou mesquita musulmana.

Nas Asturias, porém, appareceu bruxuleando, depois amanhecendo, e a final radiante a antiga crença e monarchia. Ao gigante derrubado não lhe cerceára o alfange inteiras as raizes, e novos rebentões floresceram, tomaram força, e se foram ainda além mar transplantar em Africa.

A monarchia, fundada por Pelagio, fóra continuada por muitos outros reis; e um d'estes, D. Ramiro, confiou a praça de Montemór a um abade de Lorrvão por nome D. João, muito afamado na tradição e na historia. Este se saíu fóra contra os mouros que sitiavam a sua praça, e sobre elles ganhou alta e sanguinolenta victoria pela margem esquerda do rio. A horrenda carnificina só cessou aos gritos do abade—cessa, cessa!—d'onde se ficou chamando

o sitio Cessa ou Ceixa, e ahí passou o resto de seus dias em penitente vida o mesmo abade, vindo depois a edificar no mesmo lugar um convento de frades bernardos, se não nos enganamos, o primeiro rei D. Affonso Henriques. Com a extincção das Ordens religiosas em 1834 ficou pertencendo aos bens nacionaes, e foi vendido em hasta pública. É hoje propriedade particular.

Agosto de 18...

A. A.

A MANHÃ.

Lá p'r'as bandas do Oriente
Tinge o céu aureo listrão;
Trajando purp'ra fulgente
Ergue a aurora seu clarão:
Contentes vôam as aves,
Soltando cantos suaves,
Cantos e hymnos ao sol;
E 'nessas vastas campinas
Se toucam alvas boninas
Co'os aljofres do arrebol.

De luz se inunda a floresta,
A cidade, o prado, o val;
É todo o mundo uma festa,
É tudo prazer real;
Folga o rebanho no monte;
E a pastorinha na fonte,
Corada como a romã,
Escuta o seu namorado,
Que lhe affirma requebrado
Ser mais linda que a manhã.

Da fragura d'alta serra,
Por entre o musgo do chão,
Brota do seio da terra
Espumoso borbotão:
Em corrente se desata,
E no seu crystal de prata
'Spelha o sol, a flór, o céu;
A branda aragem cicía,
E lhe encrespa a face fria
Com mil bejos que lhe deu.

Aqui esplendida rosa,
Que veste purpurea cór,
Abre a corolla mimosa

Ao matutino frescor;
Do tenro calix virente
Verte em ondas docemente
Mil perfumes pelo ar;
E as ledas brisas que a affagam
Nos perfumes se embriagam
Em continuo doudejar.

É toda cheia de encantos,
Toda formosa a manhã,
Quando ergue, banhada em prantos,
A linda fronte louçã;
É primavera do dia;
Mostra da infancia a magia
Da estrella d'alva ao brilhar;
Não tem a virgem mais pura
Maior mimo, mais cãndura,
Quando o pejo a faz corar.

1854

A. A.

O SEU RETRATO.

Foi anjo
De Deus
Caído
Dos céus,
Que á terra
Baixou.

No peito
Guardado
Seu nome
Sagrado
P'ra sempre
Ficou.

Tão louros
Cabellos,
E finos,
E bellos,
Não gosa
Ninguem;

E negros
E vivos
Uns olhos
Lascivos
É ella
Que os tem.

E via
Chorando
E o pranto
Banhando
As faces
Mimosas,

E matei
Desejos,
E dei-lhe
Mil bejos
Nos labios
De rosas.

Seu peito
De neve,
Arfando
De leve,
Seu peito
Senti.

E tremo
De medo,
E guardo
Segredo
Do resto
Que eu vi.

Seu corpo Foi anjo
Airoso De Deus
Par'cia Caído
Formoso Dos céus,
E branco Que á terra
Setim, Baixou.

Estatua?! No peito
Par'cera, Guardado
Que vida Seu nome
Tivera Sagrado
Em puro P'ra sempre
Martim. Ficou.

FIRMINO

N.º 22.º — Papão

EXPEDIENTE

Na loja da Imprensa da Universidade
compram-se os n.ºs 1, 2 e 3 dos PRELUDIOS
LITTERARIOS.

Concluindo o 1.º volume dos PRELUDIOS
LITTERARIOS com o n.º 24,—e desejando
satisfazer aos pedidos, que alguns auctores
d'escritos 'nelle publicados, nos têm dirigi-
do sobre rectificação d'erros, que escapáram
á revisão,—rogámos aos mesmos senhores,
que até o fim do corrente mez se sirvam
enviar-nos as emendas que têm a fazer, no-
tando o numero das páginas e das linhas
a que correspondem.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coim-
bra*—loja da imprensa da Universidade; *Lisboa*—
livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; *Porto*—
Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; *Viseu*—Sr. Fran-
cisco Gomes Pinto; *Pezo da Regoa*—Sr. Manuel
Mendes Osorio; *Evora*—Sr. V. J. da Gama; *La-
mego*—Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão*—Sr.
Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria*—Sr. José Pe-
reira Curado; *Aveiro*—Sr. Ernesto Augusto Ferreira;
Faro—Sr. Feliciano José Alves Braga.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno	1\$240	Anno	1\$480
Semestre	660	Semestre	780
Trimestre	360	Trimestre	420

Avulso—60 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira



Nulli flebilior quam mihi.

Hon.

É cruel ver mudo e quedo
O rosto, que outr'ora ledo
O nosso rosto fitou;
Faz desesperar da sorte
Ver fechada pela morte
A bocca, que nos fallou...

Nunca é de mais pesarmos e avaliarmos a vida que nunca pôso ou valor lhe acharemos. Gota de agua no oceano dos tempos, navio que passa desaperecebido sem deixar trilha da sua carreira, pó e sombra, a vida é um mytho indecifrável para o homem, sonho, ligeiro ou pesado, de que al fim se acorda um dia na valla d'um cemiterio; é este o escólho de todas as ambições, o porto de todos os desenganos.

Este mundo é com certeza um valle de lagrimas, que d'ellas trasborda sempre a taça: não ha um só instante que não corram, que a cada passo tomba um corpo e se abre uma campa. Se volvermos os olhos ao passado, ao primeiro momento que madrugámos na vida, procuremos aquelles que nos precederam, contemos-lhes o numero, e de tantas recordações formaremos um mundo de sombras e chimeras, que nos já pareceram realidades! Conhecemos hontem um homem, hoje vemos um cadaver, amanhã ouviremos um nome; e este mesmo, como leve fumo, se desfará depressa com o sópro dos tempos!

Em todos os logares povoados ha duas partes distinctissimas: o campo dos mortos

Dezembro—1859

e a cidade dos vivos, ou, antes, dos moribundos. Concorre esta para o constante alimento d'aquelle: sanguesuga insaciavel, a terra embebe de continuo o sangue das povoações; semelhante á giboia, attrahe inexoravel, com as fauces abertas, essa turba que ahi redemoinha, descuidosa e alegre, á restea do sol da vida, edificando sobre poeira as eternidades que sonha! E o mundo folga e ri! e o trem do faustoso roda pelas calçadas insultando sacrilego o cadaver d'aquelle, que já chamou seu pelo sangue, e seu pela amizade! Se acima das fragilidades humanas não estivesse a eterna verdade; se superior ao pó que somos não sobrelevasse o espirito, que tambem somos e que havemos de ser eternamente; se este rapido transito não fôsse mais do que tenue sombra d'uma luz perpetua e inextinguivel, sería a vida um escarneo, o mundo uma comedia, e nós actores ou comparsas em scenas de bacchanaes!

Escrevemos diante d'uma sepultura aberta, que em poucas horas se cerrará por uma eternidade. Se ha momentos solennes na vida, é quando assim nos approximámos da morte. Ao seu aspecto nunca o riso assumou aos labios, nem o rubor ás faces; e se, despiedada, nos arranca pedaços da nossa alma, quebrando mais um elo á cadeia dos nossos affectos, o traço que deixa é indelevel; é como ferida, larga e profunda, que, inda que cicatrize, conserva sempre vestigios da sua existencia, vestigios que muitas vezes gretam e gotejam sangue.

Se a morte é a unica realidade da vida, bem dolorosa para nós tem sido a prova, que de ha pouco os lutos nos têm corrido amargosos. Mas' neste ultimo é severa a lição, o desengano solemne, porque vemos

N.º 24

baixar á terra o companheiro dos brincos da infancia e das lides pacíficas do estudo,

Ami plus qu'un ami, frère de sang et d'âme.

Nós, que não temos irmãos, como tal o considerámos sempre; elle, tendo-os, não nos differenciava dos seus. Nascidos na mesma epocha, quasi que no mesmo anno, na mesma terra, na mesma rua e na mesma casa, trocámos os primeiros sorrisos, confundimos as primeiras lagrimas, unidos ençetámos os primeiros passos; condiscipulos nas primeiras escholae e nas ultimas, estudámos juntos em longas e aturadas noites pelos mesmos livros, obtendo por fim, constantes, os mesmos resultados.

Se dolorosa não deve de ser a intempestiva e eterna separação!

Eramos como duas arvores, nascidas e desabotoadas no mesmo terreno, crescendo a par, entrelaçadas as primeiras vergon-teas; embora differentes nos fructos, como nós nas aspirações, trocando sempre os seus perfumes sem nunca se perderem de vista. O tufão derribou uma, e a outra ficou-se, quêda e triste, inclinando solitaria os ramos sôbre o tronco abatido da companheira.

FRANCISCO LOPES DE SÁ ESTEVES, ultimamente Delegado do Procurador Regio na comarca de Porto de Moz, nasceu em Coimbra a 8 d'Agosto de 1829, e falleceu na mesma cidade hoje 4 de Dezembro de 1859, pelas quatro horas da manhã.

Aqui passou tambem quasi todo o periodo que decorre entre estes dois umbraes. Dotado d'uma intelligencia pouco vulgar e de extraordinaria viveza, o seu tracto era animado, a palavra graciosa e fluente: os olhos, rasgados e scintillantes, traduziam em vivos lampejos as minimas impressões que experimentava. Era ordinaria a estatura, e a compleição robusta nunca revelára que tão cedo o colheria a morte.

Destinado desde o principio ao estudo das letras, recebeu nas escholae d'esta cidade a instrucção e esmerada cultura que possuía, alcançando em verdes annos o formar-se em Direito, que o habilitou para a magistratura. Do muito que valia podem servir de abono os mestres que o dirigi-

ram, e os condiscipulos que o acompanharam. D'estes—afiançamol-o—nenhum haverá que não sinta dolorosa sensação e pezar verdadeiro, quando souberem a sua triste sorte. Nos bancos da Universidade, d'onde ninguem se levantou ainda sem trazer as mais saudosas recordações, era bemquisto e festejado por todos como amigo e como irmão; pobre mancebo! dos oito conterraneos que pertencemos ao curso de 1852, foi o que nos precedeu na fatal jornada...

Concluidos os seus estudos, a vida passou-lhe quasi desapercibida até ao corrente anno. Empregado no correio d'esta cidade, de que seu pae, o Sr. Antonio Lopes de Sá Esteves, era antigo e dignissimo Administrador, alli viveu annos obscuros e in-glorios, desaproveitado em trabalhos materiaes de repartição o seu excellente ingenho, que para tanto era, e a tão alto podêra ascender. Mudára agora porém o rumo, e a sua feliz estrella parecia guial-o por prospero caminho. Em Março ultimo foi nomeiado Delegado, e logo a 16 de Julho casou no Porto com tão judiciousa escolha, que ás honrosas fadigas dos cargos publicos devia juntar o descanso na mais serena felicidade domestica.

Depressa desandou a roda! a morte ceifou-lhe logo as esperanças; e do thalamo desceu ao tumulo em tão rapido intervallo, que ainda parece um sonho a realidade! Uma constipação, a principio ligeira, mas que, exacerbada pela morte de seu pae a 27 de Agosto, degenerára 'numa phthisica laringea, o foi minando surdamente até matal-o.

«Meu caro Abilio, nos dizia elle ha bem pouco tempo, lastimando a morte do pae, minha irmã fala-me tambem no local onde estão depositadas aquellas nossas (porque tambem são tuas) sanctas reliquias. Eu queria que no novo cemiterio escolhessem um terreno, e que o comprassem para que todos nós podessemos um dia ir descansar junto áquelle sancto homem, e tão extremoso pae...»

Seriam estas palavras uma intuição prophetica do seu triste futuro?... tres mezes decorreram, e eis cumpridos os seus desejos! Pae e filho vão reunir-se no mesmo

local: a mesma mão amiga, que nos escondeu para sempre o primeiro, vae cumprir o mesmo doloroso dever para com o segundo!

'Neste instante solemne persuade mais a eloquencia das lagrimas: são ellas a unica revelação do sentimento, e não nos envergonhámos de as verter á beira d'uma sepultura. As lagrimas são o triste apanagio da natureza do homem, o sangue da nossa alma, o alimento da nossa vida: e aquelle que, cumprida a sua missão na terra, sente humedecer-lhe as cinzas as dos que mais amou na sua curta peregrinação, póde tranquillo dizer ante o soberano juiz: não me sopraste debalde o espirito da vida, que d'ella deixei mais do que um nome — uma saudade.

Coimbra, 4 de Dezembro de 1859.

ABILIO AUGUSTO DA FONSECA PINTO

A HENRIQUE NUNES TEIXEIRA

Impressões d'um passelo

A memoria é o livro do homem.

Feliz elle, se ao percorrer as páginas, que lhe falam do passado, não encontra senão recordações, que, puras e consoladoras, o tornam saudoso.

E é nos momentos mais acerbos, e nas situações mais dolorosas, que o espirito se compraz em reler e soletrar esse livro, em que está escripta a historia do tempo, em que a vida lhe foi mais doce em puros contentamentos, mais risonha em illusões, e mais opulenta em esperanças. Na adversidade, quando o soffrimento é mais intimo, e a amargura trasborda do coração, a alma anceia por um lenitivo, afadiga-se em busca d'um alento, que muitas vezes só podem dar-lhe os tempos, que já lá vão. Quando as aguas se precipitam com violencia do céu, quando o vendaval ruge no espaço, e a tempestade faz ouvir seus temerosos e longos bramidos, derramando por sobre a natureza a desolação e o horror, em nublado e medonho dia d'inverno, deleita a imaginação e enche o espirito de prazer a lembrança d'ameno e delicioso dia de pri-

mavera, que Deus aformoseia com rosas, e enriquece com primores. Angustiado e triste, porque tão cedo me levaram os homens ás aras, onde se escarnece da virtude e se sacrifica a justiça a ruins e vis paixões, invoco debalde a resignação, e ella não desce sobre o meu espirito attribulado, e eu sinto-me devorado por um mudo, mas implacavel furor contra esta sociedade, que logo á entrada da vida me põe aos labios a taça de fel, que ella, madrastra crua e desamorada, dá por vezes a provar aos filhos, que menos lh'o merecem. Quando vejo o vicio campeando orgulhoso e recebendo o incenso, que lhe queimam infames thuribularios, quero conter a indignação, e não posso.

Quando vejo o proletario sem trabalho, o pobre sem pão e o desgraçado sem amparo, e tantos males, a que podia dar-se prompto e salutar remedio, dóe-me o coração; e se não crêsse em Deus, renegava da sua providencia, que parece olhar muda, fria e impassivel para as lagrimas, que ahi vertem tantos infelizes, que só vêem a luz para viverem vida saturada de padeceres, soltando um gemido e sofrendo uma agonia em cada passo, que dão desde o berço até á sepultura.

Virtude immaculada e sancta poucos a têm. Actos bons, a que preside o cálculo, ostentações vaidosas deverão chamar-se; nunca virtudes, que, quando genuinas, de mais alto remontam a sua origem, e de mais nobre principio recebem a inspiração, sendo do céu delicados e saborosos fructos, que os ares da terra envenenam, se não forem bem resguardados.

Essa corrupção, que lavra ahi na sociedade, invadindo tudo e manchando a quasi todos, não póde ser contemplada com indifferença por aquelle, que, crendo na dignidade moral do homem, e apreciando o que ella é, não perde o amor ao bem, por não vêr trilhados os seus caminhos.

Aquelle, para quem a honestidade e a moral não são palavras sem sentido, precisa d'uma força de vontade, d'uma energia e abnegação heroica, para o não empestarem os miasmas putridos e infectos, que se elevam d'essa extensa e larga valla de

miserias, chamada o mundo. Custa muito, penalisa conhecer cedo os homens, para os não amar.

Na atra e medonha cerração do futuro não brilha uma luz de esperança, que rasgue as trevas que me enlutam a alma, que na escuridade e no isolamento jaz prostrada sob o pêsso d'uma dôr, que lhe abriu chagas, para que não ha balsamos. Cheio de vida, e em verdes annos affigura-se-me que acolheria com um sorriso o anjo da morte, e que me não assaltaria o pavor ao roçarem-me as suas azas negras. Não aterra, a quem soffre, a ideia da morte, porque significa o termo do martyrio, abrindo as portas da mansão, de que só o impio se lembra com horror.

Ponhamos remate á funebre elegia; que é tempo de írmos ao idyllio, que a epigraphe promette. O dia, em que me perseguem estes lugubres pensamentos, recorda-me outro, sobre que passaram já dois annos. No meio dos espinhos, que me ferem a alma, a memoria d'esse dia é uma flor, que para mim rescenderá sempre perfumes. Decorram os annos, açoutem-na as tempestades, e ella terá sempre o mesmo viço, a mesma côr e a mesma belleza.

Era em Junho de 1856.

Eu e um leal e bom amigo ajustámos um passeio ao *Penedo da meditação*. Combinámos partir ao romper da aurora. E assim foi.

Luziam no céu os primeiros arrebóes, alegre saudação enviada á terra pelo astro do dia. As trevas começavam a luctar com os primeiros clarões, que tenues e depois mais intensos triumpharam alfim da noite, fazendo brilhar o dia em todo o seu esplendor.

Eu tive sempre o *máu gôsto* de preferir as sensações d'um passeio matutino dado á beira do mar, ou no viso d'uma serra, ás fervidas e quasi sempre frivolas commoções d'uma noite de baile. Uma paisagem rica de verdura e de flores, um raio de sol no campo, tem para mim mais valor, que os adornos faustuosos d'uma sala, mais apreço que o brilho dos cristaes, e todo o entusiasmo ruidoso e fascinante d'uma festa, onde ha mulheres formosas.

Uma manhã de primavera no nosso paiz é um espectáculo, que encanta os olhos, e commove a alma. A natureza é um vasto e magnifico festim, a que não faltam nem galas, nem graças, nem harmonias, nem grandes impressões.

Em cada palmo de terra ha então um tapete, em cada arvore um cantor, e em cada planta um perfume, e em tudo bellezas. O meu companheiro pensava do mesmo modo, que eu. Pelo caminho entreteve-me com a recitação d'alguns trechos dos poetas do Norte, que elle lê e estuda, e segue de preferencia como modelos. Chegámos alfim ao termo do passeio. Estavamos no Penedo da meditação. Tinham-se sumido as nevoas, que primeiro enturvavam o céu, que fazia lembrar o do Oriente, tão puro e limpido era elle então. O sol levantava-se no horisonte inflammado como um globo de fogo. A tocha accessa pela mão do Senhor allumiava a amplidão do templo dado ao homem, para a prece e para a adoração. Não pude ter mão em mim, e acordei os eccos das collinas, fazendo ouvir um brado d'entusiasmo tão alto, tão vibrante e prolongado, que causou admiração no meu amigo, que até alli me víra frio e distraído. Fui sempre assim. Uma musica harmoniosa, um lance de sentimento, um quadro, em que o artista realisára um grande pensamento, ou uma nobre inspiração, arrebatam-me, transfigura-me a tal ponto, que a admiração arranca-me palavras, exclamações subitas, espontaneas e apaixonadas.

Ouvindo as harmonias da orchestra da creação, com a face molhada pelo orvalho da manhã e os cabellos docemente acariciados por uma brisa do norte, sentia dilatar-se-me o peito, parecia-me que tinha mais vida no coração, e que o sangue circulava com mais rapidez. Em pé sobre a enorme penha, que se pendura sobre o valle, que fica lá tão fundo, olhava extatico para esta scena tão rica de colorido, e tão surpreendente de maravilhas.

O lugar, pelo retirado, pelo solitario, convida realmente o espirito á meditação. A hora, o pitoresco e a magestade do quadro, a variedade de sensações, que expe-

rimentava exerciam no espirito um influxo melancolico, mas aprasivel, que elle accetava sem custo. As grandes ideias, que então me acudiram ao espirito, não póde trasladal-as a palavra, que jámais póde reproduzir o que ha de mais intimo e mais ideal no homem. Ha coizas, que se sentem mas que é impossivel exprimir: é um pensamento, que apesar de trivial, encerra uma rigorosa verdade.

O que pensei e senti, Deus o sabe: eu só guardo uma incerta e confusa memoria. A natureza, enfeitada com as mais donairosas graças e cheia de magnificencia, elevava a intelligencia mais mediocre, e inspirava a alma mais prosaica.

Quem não seria poeta em tal hora, e aos vinte annos? Quem não sentiria a manhã da vida cheia de pureza, de imagens e de harmonias, como a manhã do dia?

O meu companheiro estava mudo e triste. O meu genio folgazão, alegre e turbulento fazia um singular contraste com a sua melancolia habitual, que então era maior. Quem sabe se essa alegria festival, que o cercava, não era um impio e ultrajante sarcasmo ás dores que o ralavam, ou á desgraça, que lhe ulcerára a alma? Quem sabe se elle diria comsigo:— a natureza ri, e eu choro... talvez que um raio d'este sol, atravessando a grade d'um carcere, leve uma esperança á alma do condemnado; e eu, que sinto esse sol bater-me na frente e aquecer-m'a, eu que gozo de liberdade, trocára a minha sorte pela d'esse desgraçado, por quem espera talvez a mão do carrasco!... Eu que vejo no mundo torrentes de luz, e em tudo um paraíso, só vejo em mim trevas e torturas!...

Uma lagrima, que vi descer-lhe dos olhos, e que devia queimar-lhe a face, revelou-me que havia allí uma grande dor, que eu logo adivinhei, que depois respeitei com o silencio, e que não quiz exacerbar com uma palavra indiscreta.

E realmente a vida do mancebo era tormentosa e sombria.

Mas a alma em vez de cair no atrophiamiento, tinha ganhado mais energia, tinha-se retemperado passando pelo cadinho da adversidade. É superior aquelle homem,

que saíu triumphante de luctas, em que não é raro ficarem vencidos os mais fortes. Quem olhar para seu rosto velado sempre de escura tristeza, convence-se logo, que o tem regado muito pranto e que crueis agnias lhe tem rasgado o coração. O corisco, que cai sóbre o tronco da arvore robusta, lá deixa feridas, que attestarão sempre a a sua mortifera passagem.

O *Judeu errante* não é uma ficção; ha homens, que trazem entalhada na frente a chronica lutuosa da sua vida. O meu amigo era d'esses. A.

(Continúa)

AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

(Continuado do n.º 23 — conclusão)

A partida

Menina e moça me levaram...
BERNARDIM RIBEIRO.

XV

Era o alvorecer do dia 21 de maio de 1852. Bello e risonho surgira elle, como todos os dias de primavera. O céu matisava-se com as brilhantes tintas da aurora; o sol principiava a dilatar seu universal imperio sobre a terra, que d'aljofares e boninas se adornava para recebê-lo.

Parecia que debaixo d'um céu tão puro, d'um sol tão lindo não poderiam sentir-se senão prazeres e felicidade; e todavia não era assim! É que por mais puro que seja o céu, por mais brilhante, que se ostente o sol, no coração de muitos apenas mora a desventura! É que em volta de muitos entes, desgraçados na terra, apenas se estendem tenebrosas sombras, medonhas nuvens, e o céu que os cobre é tempestuoso, carregado e triste, como o seu perpassar 'nesta vida! É que os raios do sol recuam e se escondem por detraz de nevoeiro espesso d'um viver de magoas e desventuras!

Na habitação de Castro a desolação, a tristeza, o pranto penetraram com os primeiros raios do sol. Parecia o começar d'um dia, d'esses tristes, bem tristes como os não ha mais, em que d'um ente, que

muito amáramos na terra, d'uma pessoa querida, apenas resta o cadaver involto em mortuarios crepés, alumado pelo bruxear melancolico e fatidico dos brandões funereos, imagem imperfeita da alma, que voou... sabe Deus para onde!

Não, a morte não havia em seu rápido vôo sacudido suas negrejantes azas sôbre aquella habitação, não; não era a scena desoladora e pungente da morte com seu lugubre aparato, que espalhava assim a angustia na morada de Castro: era a separação, era a ausencia, imagem da morte.

Era um grupo magestoso e pathetico, sentimental e bello, digno do pincel de Rubens!

O velho soldado, com os olhos inundados de lagrimas, com as mãos levantadas para o céu, derramava a sua benção, quasi paternal, sôbre Adelaide, que se partia: esta, de joelhos, procurava beijar a mão de seu protector e amigo, de seu pae; sim, porque ella não havia conhecido outro 'neste mundo. Rosinha, abraçada ao pescoço de sua amiga, soluçava, inundando-a com suas lagrimas. A um canto da sala o velho padre reitor com os olhos pregados 'num cruxifixo, meditava... Deus sabe em que.

Houve alguns momentos de silencio, silencio tetrico e absoluto; máis expressivo porém do que linguagem alguma... Ouviu-se um eccoar pelo aposento, um adeus prolongado, doloroso, dilacerante... Depois o rodar d'uma sege, que esturgiu nos ouvidos dos que se ficavam, como o dobre a finados, que annuncia a caminhada para o cemiterio!...

Adelaide era conduzida ao seio de quem muito a amava e se interessava pela sua felicidade. Que será d'ella?.....

Aqui terminam as primeiras páginas, prologo, introdução, ou o que melhor lhe queiraes chamar, meus bons e pacientes leitores, d'um romance, que uma historia verdadeira me inspirou: quando hei de escrevel-o, não sei. Encontro tantos estorvos! Tenho tanto que dar a fazer á razão, que me não posso entregar a trabalhos de sentimentos e de imaginar, não fabuloso, que fabulas não são romances; prin-

cipalmente hoje, em que a realidade e a natureza devem ser o molde para creações d'este genero.

Confesso que o prologo é extenso, desmesurado, fastioso, massador, se melhor o quereis; tudo porém quanto vos disse terá sua explicação e prende intimamente com o romance, ou veridica historia, reduzida a romanticas fórmãs, que tenciono escrever. Não permittis que o escriptor se ensáe? pois bem, é um ensaio, que eu quiz fazer; talvez que o romance vos agrade mais. Tanto melhor.

Os prazeres da vida innocente do lavrador; os alarmes e perturbações politicas, que quasi sempre arrastam a ruina e a desolação das familias; o luxo, os prazeres e festins; os galanteios e ostentações das grandes cidades; a aridez da philosophia, tão barbara e tyranna no seu imperio, tão pretenciosa e ridicula nas suas aspirações estolidas e vaidosas, e de tudo, encontrareis uma imagem viva no meu romance; são dados d'um problema, que este ha de resolver.

Chamar-lhe-hei — *Os Mystérios da vida.*

Talvez vos pareça um pouco pretenciosa a denominação. O titulo pouco importa. Tem apenas o ridiculo d'um *parturient montes*. *Mystérios de Paris*, *Mystérios do povo*, *Mystérios de Lisboa*, *Mystérios da vida*, tudo são *mystérios*. E quantos não ha, e passam ignorados 'neste mundo?! Em quantos recifes não embate a nossa existencia, vagando errante no procelloso mar do viver da terra. Quantas esperanças nascem e morrem com o surgir e declinar do dia, como as flores desabrocham e pendem ao romper da aurora e ao cahir das sombras!

Risos da infancia, sonhos fagueiros da adolescencia, pureza e encantos dos primeiros amores, delicias da amizade, que de *mystérios* não encerraes?!

Como é que o prazer se troca em dôr: o riso em pranto, o gozar no soffrer, até que a vida se perde na eternidade do nada, além d'um nome gravado na cruz do cemiterio, e ao pé um cypreste, que a assombra?!...

Perguntai-o a Deus.

E. GARCIA

O NOBRE E O MENDIGO

ROMANCE ORIGINAL

DA

Senhora D. H. L. de Vilchez

Tradução de V. da Silveira.

(Continuado do numero 22)

III

Angela viu-os depois conversar; porém conservou-se a alguma distancia: conhecendo sua humilde posição, não queria que seu amigo se envergonhasse da intimidade, em que viviam.

Fernando começára por dirigir alguns cumprimentos a Carolina e a seu pae, que lhe corresponderam com a maior affabilidade; depois fixou toda sua attenção sobre esta joven, cujo aspecto encantador acabava de o impressionar d'um modo estranho: seu traje elegante recordava-lhe as senhoras da corte; seus ricos enfeites o deslumbravam; em uma palavra, os olhos de Fernando não podiam desviar-se d'ella, observando-a com particular obstinação.

E todavia Carolina supportava este olhar sem mudar de côr e com um gracioso sorriso.

Pouco a pouco a conversação se tornou mais animada entre os dois jovens; e as flores que Fernando destinára para Angela, e que conservava ainda em seu poder, passaram, não sabemos como, para as mãos de Carolina, que toda orgulhosa as recebeu, collocando-as logo no peito com feitiçeira coqueteria.

Quando os recém-chegados empreenderam de novo seu caminho, ou fôsse por um movimento natural de cortezania, ou por outro qualquer motivo, Fernando os seguiu, manifestando-lhes ao mesmo tempo o desejo, que tinha, de os acompanhar a sua casa, desejo a que ambos accederam facilmente, pois que tanto o Sr. de Campo Real, como a bella Carolina viam no filho do marquez um vantajoso e brilhante partido.

Os tres personagens, de que nos occupamos, seguiram pelo mesmo caminho, em que Angela, quasi occulta entre os ramos, os estivera observando. A saia de seda da

elegante *Senhorita* roçou pelo vestido de chita da tímida joven, que só então poudo ver suas rosas collocadas no meio das finissimas rendas, que enfeitavam aquelle trajó riquissimo.

Fernando, ou ignorava a existencia da joven 'naquelle logar, ou não quiz olhar para ella; talvez se houvesse envergonhado de a saudar diante das pessoas, que acompanhava: Carolina nem se dignou sequer reparar 'naquelle pobre creança, que tão innocentemente se entretinha brincando com o cão e com as flores; quanto ao ancião, tão embebido ia em sua conversação, que de certo bem podiam passar a seu lado todas as raparigas da aldeia, sem que de tal se apercebesse.

Quando se achavam já a alguma distancia, Angela avançou um pouco e foi collocar-se sobre uma grande pedra, para os ver desaparecer; e quando de todo os perdeu de vista, um vago sentimento de tristeza lhe anuveou a alma, não sabendo explicar, se o que a mortificava era ver que Fernando se affastava, deixando-a completamente esquecida, ou a perda de suas flores, que outra levava no peito. Duas lagrimas puras, como duas gótas d'orvalho, se deslisaram por suas faces, mais frescas, mais bellas ainda, do que as rosas por que chorava. E a innocente joven nem pensou em enxugar-as com a ponta de seu pequeno avental: e assim teria permanecido por muito tempo, immovel e só, se a mão trémula do mendigo se não apoiasse em seu hombro, e sua voz pausada e debil lhe não fizesse ouvir estas palavras:

—¿ Porque choras, minha filha?

—¡ Ah! tio Pedro, exclamou ella, com toda effusão de sua candidez, reconhecendo o recém-chegado, choro porque Fernando acaba de partir d'aqui com essa joven tão bella...

—¿ E é isso que te entristece?

—¿ A mim? não... ¿ porque?

Não queria dizer tal... choro... não sei porque...

O tio Pedro, que amava Angela com inexplicavel ternura, e que não cessára de olhar por ella desde o dia, em que, aproximando-os o acaso, poudo apreciar os excellen-

tes dotes de sua alma tão terna e tão pura, tomou entre suas callosas e tostadas mãos a branca e delicada fronte de Angela, e olhando-a com ternura, lhe falou assim:

— Eu não quero que chores, minha filha. ¿Porventura envejas os ricos vestidos d'essa joven?

¿Quizeras possuir os brilhantes alfinetes, que prendem suas tranças? Se assim é— lembra-te do que tu mesma me disseste um dia; lembra-te de que a Virgem te estimará mais em tua pobreza; lembra-te ainda de que, não te conformando com ella, affliges tua mãe, que desde o céu te observa.

Estas ultimas palavras foram pronunciadas pelo ancião com voz trémula; em quanto que pela face lhe rolava uma lagrima, que seus inundados olhos não puderam conter.

— Enganais-vos, tio Pedro, lhe contestou Angela; eu não invejo suas galas; e julgo mesmo que Fernando fez bem em a acompanhar... de certo, é melhor que acompanhe uma joven rica e coberta de sedas, do que uma rapariga obscura e pobremente vestida. Não, não julgueis que me sinto offendida; é verdade que fico toda satisfeita, quando Fernando algumas vezes me fala; e até me julgo muito feliz, quando estou a seu lado; porém bem conheço, que elle se deve envergonhar de minha amizade.

Havia um tal fundo de verdade n'estas palavras, que o bom velho se sentiu commovido; e olhando para a joven com enthusiasmo lhe disse:

— E quem ha que de ti se envergonhe, anjo de Deus, mais rica de virtudes, de perfeições do que a mais nobre senhora do mundo? Porém vai, minha filha, vai para casa, que tua ausencia deve ter enchido de cuidados a pobre Joanna.

— ¡Ah! tio Pedro, que bom que sois! Sim, vou já voltar para casa; mas, esquecia-me... não digais a minha mãe, que chorei; se o viesse a saber soffreria tanto...; e eu não quero causar-lhe um só pesar. Adeus.

Angela affastou-se vagarosamente do ancião. Quando este a viu partir exclamou, soltando um suspiro:

— ¡Tão formosa como sua mãe! tão boa como ella, pobre Magdalena! ¡Oh! é pre-

ciso que eu cuide de sua desgraçada filha!
E o ancião dirigiu-se para a aldeia, com os olhos arrasados de lagrimas.

(Continúa)

EPISTOLOGRAPHIA

Meu caro Abilio:

Não sei que horas são: mas a noite vae alta. Acabo neste instante de chegar a casa, depois d'um dia inteiro de satisfação completa, que fica marcando na minha vida mais uma *data*, e das mais intimas e mimosas.

Foi para mim um dia d'esses que nunca mais esquecem, porque revivem na memoria sempre que precisamos adoçar amarguras ou animar desconsoles: e isto é o mais da vida.

Não lhe faço narração do que passei por longo e fastiento talvez: mas dir-lhe-hei bastante para avaliar o que sentiria.

Represente-se o meu amigo no cimo d'uma serra elevadissima, a olhar em toda a volta outras serras mais pequenas, como pintainhos adormecidos ao pé da mãe; depois, a alongar a vista por extenso valle d'um variadissimo matiz, desde o verde-negro da oliveira até ao esbranquiçado do castanheiro; aqui penedias, alli regatos, mais além campos de searas a ondear; lá no fundo, mas muito longe, a cordilheira da Louzã a topetar com as nuvens, depois, em sucusco, a do Espinhal, sobresaído no primeiro plano d'esse quadro escuro a linda povoação de Sernache, com suas casas muito caiadas, com suas torres muito elegantes; d'outro lado os alcantis profundissimos por onde foge o Zezere, parecendo espada refulgente a rasgar as montanhas; e abi tem o meu amigo o theatro onde passei oito horas de muito gozar, mas gozar puro e elevado, intimo e profundo, como não é para encontrar-se no ruido doidejante dos salões.

Chama-se a *Serra da Magdalena*, e dista d'aqui meia legua.

A companhia era escolhida das primeiras familias d'estes sitios, e alli tinhamos

ido assistir a uma festa de S.^{ta} Maria Magdalena, cuja capella domina e dá nome á serra.

O que porém me realçou o valor d'este dia foi a circumstancia fatidica, se se não quizer dizer providencial, de ter-se dado tal reunião, e em tal lugar, exactamente no dia que eu destinava para a minha despedida d'esta boa terra, onde comecei a viver vida propria, e onde tenho sido tractado com deferencia superior a toda a expressão, já não digo a merecimentos.

Alli a magestade da natureza casava-se com a grandeza do meu sentimento 'naquella occasião.

Despedi-me effectivamente e não me pejo de confessar-lhe, que me senti commovido como não tenho memoria.

Mais vezes lhe tenho dito, e não cansarei de repetir, que vim encontrar 'nestas invias serranias principios de educação elevadissimos, debaixo de apparencia singelissima, e uma pureza de sentir e pensar, como não suppunha haver ainda 'neste seculo *illustrado*.

Ha por aqui ainda dos bons portugaes velhos, que só têm por defeito demasiada boa fé, e que falam inda agora em honra e probidade, como se não fóssem coisas, que passaram com o seu tempo.

As mulheres são simplices como a innocencia, e recatadas como o pudor. Agrestes me pareceram, quando mal as conhecia, e para hoje as avaliar um poucachinho ha dez mezes que as tenho estudado. Faltam-lhes as exterioridades arrebicadas da civilisação urbana, e é mistér ir procurar o seu valor real ao fundo escuro onde o tem escondido a sua muita modestia. E o que lhe dobra o merecimento é o não saberem que o têm.

Em geral o caracter d'esta gente é affavel e obsequiador, e em especial para mim abriram-me uma divida de gratidão, que não bastam a pagar as immensas saudades que d'aqui levo.

Sernache de Bom Jardim fica sendo no meu passado um sonho de ventura, e no futuro uma estrella de esperança.

Parto amanhã, ou além.

Que Deus lhes dê por cá tantos gozos e

alegrias, como de tristezas eu tenho por me ausentar!

Até breve.

Sernache do Bom-Jardim, 31 de Julho de 1859.

J. SIMÕES FERREIRA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Convencidos de que faremos sempre um bom serviço á Academia publicando em nosso jornal todos os documentos, que mais directamente possam attestar a importancia, dignidade e progresso das coisas da Universidade, d'onde ella recebe todo gráo de instrucção, que póde dar-lhe accesso ás maiores dignidades do Estado, por um trabalho proveitoso e uma virtude nunca interrompida,—sentimos a mais viva satisfação em começar hoje esta pequena tarefa, transcrevendo, com a devida venia, do *Conimbricense* o seguinte discurso, que é tão rico de nobres pensamentos, de estímulos tão nobres, que se não póde lêr sem sentir-se profundamente commovido, nem estudar sem o seguir desde logo como norma do mais elevado procedimento—tanto na vida publica, como na particular.

V. DA SILVEIRA

DISCURSO DO EX.^{mo} CONSELHEIRO REITOR DA UNIVERSIDADE

Pronunciado por occasião da distribuição dos diplomas de premios conferidos aos estudantes das differentes faculdades.

O acto, que hoje solemnizamos, por mais repetido que seja, ha de sempre despertar a mais viva commoção nos corações sensíveis, que o presenciarem. Simples e singelo, como é, e como devem ser todos os d'uma corporação scientifica, o pensamento, que 'nelle domina, é tão elevado, que desperta a intelligencia, toca a imaginação e commove o coração: é—a festa das familias, é a victoria da juventude, é o triumpho do genio coroado pelo Estado; e o genio, Senhores, é o soberano do mundo.

O raio, que na mão de Jupiter, derribava soberbos castellos e altas torres, sub-

misso á voz do genio, vai somir-se nos abysmos; fiel mensageiro do pensamenro, vai ligeiro, como elle, levar os seus segredos aos confins da terra; e os mares, que pareciam separar eternamente dois mundos, acolhem em seu seio a cadeia, que os liga como irmãos.

Guiada pelo genio, a elasticidade do vapor conduz, em onze dias, alem do Athlantico, alterosas náus, que levavam annos a vencel-o; transporta num momento aos campos da batalha aguerridos exercitos, que arrancam ao inimigo a victoria que cantava como certa; e, avisinhandó povos, que mal se conheciam pelo nome, faz de todos elles um só povo.

Rasgando as entranhas da terra, o genio faz brotar do seio d'ella jorros d'agua, que formam amenos jardins nos areaes do Egypto; e, desprendendo o gaz, que alumia praças e ruas, torna a noite rival do dia.

Cançado das infidelidades do lapis e do pincel, o pintor obriga a luz a exercer a sua arte; e, quasi sem trabalho, deixa a perder de vista as obras, que a antiguidade admirou, como primores d'ella.

Se, pois, essa antiguidade, que nem viu, nem sonhou as maravilhas do genio, que nós vemos e apalpâmos, assim mesmo lhe prestou culto, e levantou estatuas com os nomes de Apolo e de Minerva, devemos nós, não só tecer-lhe corôas e conferir-lhe premios; senão tambem levantar-lhe altares e adoral-o, como uma faisca da Divindade. É o genio, que, pondo-nos em contacto com esta, surprehende os seus segredos; e, submettendo as forças da natureza ao imperio do homem, faz que, sendo pelo corpo o animal mais fraco, se torne pelo espirito o rei do universo.

Portanto, Senhores, a escolha não é duvidosa. Lisongear o corpo com sensualidades e vícios — é degradar o homem á condição dos brutos: cultivar o espirito com o estudo e com o trabalho — é elevá-lo á alteza da Divindade.

Cultivae pois o vosso, illustres mancebos, com todas as forças do vosso coração: prestaes culto ao genio, offerecendo-lhe o estudo, o trabalho e as vigílias, que são o tributo, que elle aceita mais benigno e que

retribue com mão larga e generosa. Aproveitae o templo e os sacerdotes, que a Universidade vos offerece para esse culto. É nella que seapura o sangue mais nobre, que tem de correr nas veias da nova geração; e a esta pertence o futuro da patria.

Para nós, que temos vivido sempre envoltos em revoluções e guerras civis, tem sido sómente as dores: para a nova geração será o fructo, se o souber colher com mão cautellosa. — Nós, para conseguir a liberdade, tivemos d'affrontar a sanha temerosa do despotismo; a nova geração, para a conservar, basta que saiba evitar os baixios da anarchia. — Nós, para debellar o despotismo, tivemos d'exagerar os principios da liberdade; porque um gigante só com outro gigante se combate; á nova geração pertence moderá-os e conduzir a náu do Estado a porto seguro com o leme da razão e da justiça. — Nós colhemos corôas de carvalho, ou antes de ferro, em luctas fraticidas; á nova geração pertence colher-as de louro e d'oliveira nos gloriosos combates de Themis e de Minerva.

Felizmente, á frente d'esta geração está um Rei moço, e seus Augustos Irmãos, que, educados, como os filhos de D. João I, no sancto temor de Deus e amor da patria, por uma Mãe extremosa e illustrada, podem, como elles, levar a briosa nação portugueza a occupar o logar, que lhe pertence entre as mais civilisadas da Europa. Acompanhae-os, illustres mancebos, nesta nobre empreza; mas procuraes tornar-vos dignos d'elles e d'ella com o estudo e com o trabalho.

Os estudos litterarios e scientificos não só desenvolvem o espirito do homem; senão tambem formam o seu coração, o qual, no decurso da vida, ainda tem maior influencia nos nossos destinos, do que o proprio talento. É no commercio e na lição dos grandes escriptores, que se adquire o amor ás grandes coisas; porque a nossa alma não póde deixar de se inclinar ás virtudes, que lê e admira.

D'ahi vem a resignação heroica, com que o sabio, no meio das tempestades da vida, espera dias mais serenos, sem desanimación nem impaciencia; e, chegados

elles, toma as rédeas á prosperidade; que é grande sizo, diz o nosso Fr. Luiz de Sousa, *não largar velas ao vento dos bons successos*. Dimana da mesma fonte a nobre generosidade, com que, no meio dos odios e furores dos partidos politicos, estende mão bemfazeja ao proprio inimigo, que jurára beber-lhe o sangue e cavar-lhe a sepultura.

Desconfiae, pois, illustres mancebos, da impaciencia d'aquelles, que, querendo ser livres e emancipados antes de tempo, em logar de passarem pelos degrãos d'uma iniciação longa e severa, deixam o remanso, consagrado ao estudo e ás lettras, para se lançarem, inermes e despercebidos, nas encapelladas ondas da vida publica. Mal sabem elles, que essa vida, que tanto os seduz de longe, é um campo, onde nada se consegue sem combate; e o combate sómente é favoravel áquelle, que se tem fortalecido com o exercicio e com o trabalho.

Entram na vida publica sem instrucção solida, sem principios firmes e, o que é peor, sem costumes, sem moral e sem religião; e não podendo fazer fortuna por meios legítimos, confiam a sua sorte ás intrigas da politica, aos mexericos e calumnias d'uma imprensa licenciosa e desaforada, e ao asar das revoluções e da anarchia!

Este é o flagello maior da nossa idade: é o escolho mais perigoso para a inexperiencia da juventude. Acautelae-vos d'elle, illustres mancebos, com o desengano de que, assim como cada estação do anno tem o seu trabalho, assim tambem cada época da vida tem a sua tarefa. O que a influencia semeia, cultiva-o a juventude e colhe-o a virtude. Quem quer colher o fructo antes do tempo, sae-lhe pêco e gorado.

Não descanceis á sombra dos louros com que ides ser coroados; porque a gloria adquirida deve ser o fiador da que se ha de adquirir: e a vossa é tão brilhante, que não pôde deixar de vos despertar em cada condiscipulo um émulo e um contendor. A amizade de condiscipulo é intima como a de irmão: é a communhão do trabalho e do successo, do prazer e da dôr, da alegria e da tristeza, do desafogo dos pensamentos mais reservados e dos sentimentos mais

intimos da alma; mas não exclue a emulação, que não é, como a inveja, um sentimento baixo e vil: é nobre e elevado; e por isso nunca morre nas almas bem formadas.

Eu julgaria faltar ao meu dever se deixasse passar esta occasião tão solemne, sem dar um testemunho público do exemplar comportamento, com que a mocidade academica se tem conduzido no corrente anno lectivo. Parecerei talvez encarecido, e que quero tirar d'aqui gloria para mim; porém os factos falam tão alto, que me hão de justificar. O decóro, a boa ordem, a tranquillidade e socego, que tem reinado, tanto na Universidade como fóra d'ella, não é obra minha, que não posso tanto; nem da policia academica, que é nulla; mas é effeito espontaneo e livre dos briosos sentimentos da mocidade academica, e das lições e bons conselhos, com que seus mestres a sabem guiar no caminho da honra e das lettras. Apenas tem havido leves faltas; mas, tendo sido applicada a umas a reprehensão, a outras a detenção, são os mesmos penitenciados, que se vão offerecer á penitencia, recebendo-a com tanta docilidade e contricção, que me obrigam a modificá-la com o louvor. Tenho visto correr muita lagrima de arrependimento e muito gemido de dôr. Não sou eu que os commovo a elles; são elles que me commovem a mim!

É preciso tractar de perto a mocidade para conhecer quanto ha de bom, de moral e de generoso no fundo do coração do homem; e quanto é nobre e elevado o encargo de o conduzir, pela cultura do espirito, ao fim que Deus lhe tem destinado. No meio da maior corrupção dos povos e das nações, sempre a voz da consciencia humana tem bradado, que o mal não é sem remedio. As gerações passam e renovam-se sem cessar: regeneral-as pela educação e instrucção da mocidade, é o meio mais seguro de atalhar o contagio e evitar a ruina que traz consigo.

Em quanto, pois, sobre a terra existir uma creatura formada á imagem de Deus, e inspirada por aquelle fogo divino, com que pôde comprehender o presente, o pas-

sado e o futuro, profundar as entranhas da terra e abalançar-se ao céu, observar a mimosa flor que vive um dia, o sol e os astros, que affrontam os seculos,— a educação e a instrução, que produz estas maravilhas e regenera a humanidade, não póde deixar de ser considerada como uma obra divina e um sacerdocio.

Continuai pois, illustres e sabios professores, na honrosa tarefa de que estaes encarregados. A vossa missão não é uma especulação de interesses materiaes, que produzam a riqueza e opulencia: é a cultura dos intellectuaes, moraes e religiosos, que produz a sciencia e a virtude, as quaes são o que ha de mais respeitavel sobre a terra e de mais estimado no céu: é um verdadeiro apostolado; e por isso merece bem a pena da abnegação do proprio interesse e d'uma dedicação corajosa e resoluta, que nunca falta nos homens, que, como vós, se têm sabido elevar, pela sciencia, acima do lodo da terra.

E vós, inclitos mancebos, continuae na carreira, que com tão felizes auspicios tendes encetado. Aproveitae as lições de vossos mestres, que trabalham noite e dia para vos aplanar o caminho das letras e das sciencias.— Aproveitae o exemplo do venerando Prelado, que se dignou honrar a nossa festa com a sua presença. Filho querido e agradecido da Universidade, elevado ao fastigio do sacerdocio pelo seu merecimento e virtudes, ainda hoje se compraz em vir sentar-se no meio d'aquelles que sempre o estimaram como collega e amigo, respeitaram como Prelado, e hoje veneram e reverenciam como pastor vigilante e pae amoroso.

Aproveitae, finalmente, os meus conselhos, que são de amigo, mas amigo sincero, que não sabe lisongear paixões, nem contemporisar com os vicios. A educação e instrução da mocidade tem sido em toda a minha vida o principal objecto dos meus cuidados e afeições; e o meu coração, apesar dos annos, ainda não envelheceu para ella. Mas desejo que, além de instruída, seja moralisada e religiosa, porque sómente assim poderá satisfazer o elevado fim, para que Deus e a patria a tem destinada.

Desejo que, saindo da Universidade, em logar de levar nos diplomas, que a hão de acompanhar, uma illusão para ella e para o publico, leve um testemunho solemne e um penhor seguro da intelligencia, do zêlo e da probidade, com que ha de desempenhar os empregos, que lhe forem confiados, sustentando na Egreja o culto d'uma religião sancta e pura, no Fôro, o imperio da lei e da justiça, na Imprensa, uma censura modesta, imparcial e illustrada, na Tribuna sagrada, a linguagem da verdade, na parlamentar, uma eloquencia rigorosa e repassada do amor da patria e da humanidade.

Taes são os fervorosos votos, que elevo ao céu do fundo d'alma. Praza a Deus, que não sejam um sonho, mas uma realidade; porque assim pagareis a vossos paes os disvêlos, que empregam na vossa educação e instrução, a mim os cuidados que ella me merece, e á patria os sacrificios, que faz para alcançar em vós filhos benemeritos, e cidadãos probos e illustrados.

Disse.

Estava já composto o discurso, que deixámos publicado, quando chegou ao nosso conhecimento a existencia da seguinte portaria do governo:

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO, ETC.

Foi presente a Sua Magestade El-Rei o officio do Conselheiro Reitor da Universidade de Coimbra, de 11 do corrente, dando conta da solemnidade, com que na sala grande dos actos da mesma Universidade fôra celebrada a distribuição dos premios aos mais distinctos e benemeritos alumnos de todas as Faculdades academicas, com assistencia do corpo cathedratico, do Prelado diocesano e mais auctoridades; acompanhando aquelle officio a copia do discurso, que por esta occasião o mencionado Reitor recitára.

E o mesmo Augusto Senhor viu com muita satisfação no honroso testemunho prestado pelo Conselheiro Reitor da Universidade a todo o corpo academico, 'neste

solemne acto, um novo documento do esmerado empenho, com que os Lentes e alumnos da Universidade procuram corresponder dignamente ao elevado fim d'uma instituição scientifica, que em todas as epochas tem prestado á cultura das lettras e das sciencias relevantes serviços.

Sua Magestade compraz-se tambem de reconhecer quanto ha concorrido para a boa ordem e regularidade, que se observa no serviço academico, a maneira judiciosa com que o Prelado da Universidade entende na sua administração economica e scientifica.

O que assim se lhe participa para sua satisfação.

Paço das Necessidades, em 13 de Dezembro de 1859.— *Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.*

RESPOSTA

Que o auctor deu a uma senhora que lhe mandára tres abraços de videira atados por uma fita verde.

Dizem que o verde é esp'rança;
Se me obrigas a esp'rar,
Espero que os tres abraços,
Que estes vêm symbolisar,
Quando eu fôr agradecel-os
Não duvides em m'os dar.

E desde já me confesso
De todos tres devedor;
Mas como eu nunca desejo
A ruina do meu crédor,
Dou-te mais nove de juro
E estes versos em penhor.

24 de Maio

A. S.

A NUVEM

Linda nuvem tão córada,
Onde vaes apressurada?
Onde vaes?— Foges de mim?
Sem temor, entregue á sorte,
Ao sabor vagas do norte?...
Onde vaes, dize-me, assim?

Irás saudar outras gentes,
Andar climas diferentes,
Que te faltavam por ver?
Irás p'ra nunca voltares?
Irás votada aos azares,
Que lá te façam morrer?

Irás subir ás estrellas?
Quererás de perto vel-as?
Quererás esp'rar o sol?
Irá errar pelo mundo,
Sempre, sempre vagabundo,
Este vermelho arrebol?

Saudosa esperas a lua,
Para a face velar sua,
Seu meigo, frouxo luar?
Estás por ir anciosa,
Ver os céus, onde se goza,
Divino, eterno folgar?

Vaes a rorejar as flores,
A escutar seus amores,
Abaixar d'azul dos céus?
Ou como fumo d'incenso,
Vaes ganhando o espaço immenso,
Direita ao throno de Deos?

Linda nuvem tão córada,
Onde vaes apressurada?
Onde vaes?— Foges de mim?
Sempre perdida nos ares,
Correr sempre, não parares,
É tua vida, teu fim.

A. SARAIVA

NA TRISTEZA UMA ESPERANÇA

A tarde quando, ao pôr do sol, nos bosques
Das aves cessa o encantador trinar,
E a luz incerta do fugaz crepusculo
Vem de tristeza o coração toldar,

Vendo na selva esmorecer, calar-se,
O alegre canto, que inda ha pouco ouvi,
Sinto em meu peito saudade immensa,
E fico tétrico a pensar em ti...

É que essa luz, que se escondeu no oceaso,
É que esses cantos, que morrendo vão,
Trazem-me á ideia tua curta vida,
E o pranto as faces me borrija então.

Depois das noites o saudoso facho
Vem sobre os campos seu clarão lançar;
E escuto ao longe, no mais grato enlevo,
À noite um hymno o rouxinol cantar.

Ouvindo as vozes da nocturna ave
Surgir do val, que emmudecido cri,
Sinto em meu peito um repentino allivio,
E volvo placido a pensar em ti.

É que essa luz, que rarefaz as trevas,
É que esses cantos, que tão meigos são,
Trazem-me a ideia d'uma outra vida,
E sinto a esp'rança, que renasce então.

E. DE BARROS

EXPEDIENTE

Posto que tenhamos de augmentar as despesas d'impressão com o melhoramento, que promettemos no n.º 19 de nosso jornal, — podemos desde já affiançar a nossos assignantes, que o dito melhoramento começará desde o n.º 1, do 2.º volume, sem alteração no preço das assignaturas, já estabelecido. As despezas a que estamos obrigados *mensalmente* — andam por OITENTA e tantos mil réis! Já se vê por tanto, que para as satisfazer nos são precisas umas SETECENTAS assignaturas, *pagas regularmente*. Assim:

Pedimos novamente aos Sr.ª assignantes, que ainda não satisfizeram a importancia de suas assignaturas, se sirvam mandar pagar a esta redacção ou a seus commissarios, na fórma já annunciada; i. é, em estampilhas, ou vales do correio, quando não houver outro meio mais facil de pagamento.

Na loja da Imprensa da Universidade compram-se os n.ºs 1, 2 e 3 dos PRELUDIOS LITTERARIOS.

A todos os nossos assignantes, que nos enviarem *uma nova* assignatura d'anno para OS PRELUDIOS-LITTERARIOS, *paga adiantadamente*, — remetteremos *gratis*, no fim da publicação de cada volume, um romance ou qualquer outra obra litteraria, cujo preço não exceda a 300 réis; 2 assignaturas — 2 romances; e assim por diante.

PUBLICAÇÕES

DE QUE É EDITOR

O III.º Sr.

Olympio Nicolau Ruy Fernandes

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

Mundo Allegorico, ou o Plano da Religião Christã, representado no Plano do Universo, obra posthuma de Jeronymo Soares Barbosa, dedicada ao Clero da Nação Portuguesa, e publicada sob a protecção do Em.º Sr. Cardeal Patriarcha e dos Ex.ºs Srs. Arcebispos e Bispos; tres volumes — 2,5400 réis.

Analyse dos Lusladas de Luz de Camões, dividida por seus cantos, com observações criticas sobre cada um d'elles, por Jeronymo Soares Barbosa, obra posthuma: edição dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro Quinto. — 400 réis.

O Godfredo ou Jerusalem Libertada, poema heroico, composto no idioma toscano por Torquato Tasso, Principe dos Poetas italianos, traduzido na lingua portugueza por André Rodrigues de Mattos. Edição feita pela de 1689; agora precedida d'uma noticia sobre a vida e escriptos de Torquato Tasso, e dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando — 1,5200 réis.

Poesias de Nicolau Tolentino de Almeida, obra posthuma e até hoje inedita — 120 réis.

Excellencias da Eloquentia Popular, compostas na lingua Italiana por Luiz Antonio Muratori, traduzidas na Portugueza por Jeronymo Soares Barbosa — 200 réis.

Brevissimo Opusculo da Doutrina da Religião Christã, comprehendendo uma pequena parte da primeira epocha da Historia Sagrada do Velho Testamento — 80 réis.

Instrucção sobre a Musica e Estudo de Plano, por Gaspar Ribeiro de Sottomaior (no prélo).

Vendem-se nos seguintes locaes:

Lisboa — Livraria Universal, Praça de D. Pedro; Livraria Central, rua do Ouro; nas dos Srs. Miguel Cobellos, rua Augusta, n.º 3; Zefrino Ignacio Matheus, rua dos Capellistas; e do Sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta.

Porto — Livrarias dos Srs. Jacintho Antonio Pinto da Silva, rua das Hortas; e Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, rua dos Caldeireiros.

Coimbra — Livraria da Imprensa da Universidade; do Sr. Orceol, rua das Fangas; e do Sr. Possetius, na Calçada.

Braga — Agencia Commercial, rua de S. Lazaro.

Vizeu — Loja do Sr. Francisco Gomes Pinto, ao Arco.

Lamego — Loja do Sr. José Cardoso.

Avelro — Typographia do Campeão do Vouga; e na loja de livros do Sr. Ernesto Augusto Ferreira.

Leiria — Typographia Leiriense; e na loja do Sr. José Pereira Curado.

Evora — O Sr. Vicente Joaquim da Gama, no Collegio de S. Paulo.

Faro — O Sr. Feliciano José Alves Braga.

Bragança — O Sr. Claudino Augusto Cezar Garcia.

Pezo da Regoa — O Sr. Manuel Mendes Osorio.

Hespanha — Livraria da Universidade Central, Madrid, calle del Principe.

Ilhas adjacentes e Possessões Ultramarinas — Nas diversas Agencias Commerciaes.

Brazil — Nas principaes Livrarias do Rio de Janeiro, Pernambuco, e Bahia.

ERRATAS

N.º 7, pag. 80, not. (c) D. Ant. C. de Sousa, Hist. Gen. da C. Real, liv. III, cap. xxv. — Leia-se: tom. 12, Liv. 14, cap. 1.

• pag. 81, not. (a) Br. Monarch. Lusit. 4.ª p. cap. xxix pag. 220 v. — Leia-se: Brand. Monarch. Lusit. 4.ª p. liv. 15, cap. xxix, pag. 220.

N.º 9, pag. 99, 2.ª columna, linha 20 — lêa-se: que é a mais odiosa: as invasões não eram... Na linha 33 — lêa-se: balança dos povos.

N.º 19, pag. 225, 2.ª columna, 3.ª estrophe, 8.º verso — lêa-se: Não solta meiga canção.

N.º 21, pag. 249, 1.ª columna, linha 14 — lêa-se: tão pobre de distrações e amizade, encorajava a tímida joven, etc.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

INDICE DOS ARTIGOS CONTIDOS NESTE PRIMEIRO VOLUME

A

Adeus, 226.
Afeições, 84.
Agradecimento, 253.
'Num album, 9, 11.
No album d'um meu amigo, 107 a 108.
A meu amigo e collega A. C. da Silva Mattos, 203.
No album de Carlos José d'Oliveira, 191.
No album da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria da B. Morte, 47, 119.
No album da Ex.^{ma} Sr.^a D. M. C. N., 203 a 204.
No album d'uma menina, 214.
Allocução, 145 a 147.
O amor e a morte, 239.
Amor de mulher, 95.
Analyse sobre *O Expatriado*, 44 a 45.
Un angel mas, 214.
Apontamentos para um romance, 41 a 43.
Artista e poeta, 9.
O autor e seus escriptos, 116 a 117.

B

Um beijo, 83 a 84.
Bellas artes, 17 a 18.
A bonina, 251 a 252.
Branca, 107.

C

Caça d'uma raposa, 257 a 259, 270 a 271.
Um capitulo de N. Senhora de Paris, de V. Hugo, 77 a 79.
A uma carta anonyma, 226.
Carta d'um mathematico, 152 a 153.
Carta, viagem á minha gaveta, 27 a 29.
Charadas, 11, 24, 36, 48, 60, 84, 108, 120, 179, 192, 204, 227, 239, 240, 264.
Classificação da mulher, 166 a 167.
A nossos collaboradores e assignantes, 229 a 230.
Conselho, 252.
Conselho em dia d'annos, 190 a 191.
Contrastes entre o Oriente e o Occidente, 129, 165 a 166.
Na convalescença, 95 a 96.
A creação da mulher, 127 a 129.
Não creias! 22 a 23.
Não creio! 69 a 70.

D

O dia 23 de Junho, 175 a 177, 189 a 190, 202 a 203, 221 a 223.
Discurso do Sr. Conselheiro—Reitor da Universidade de Coimbra, 285 a 288.
Disposições testamentarias, 179.
Documento curioso, 20 a 21.
A donzella e a roza, 117 a 118.
Dúvida, 264.

E

A terceira edição dos lusiadas, 39 a 40, 65 a 66, 185 a 186.
Educação, 14 a 17.
Educação das mulheres, 149 a 151.
Epistolographia, Charles et George, 249 a 250.
Epistolographia, A. Abilio, 283.
» um conselho, 140 a 142.
» o direito permite o suicidio, 260 a 261.
» impressões de viagem, 274 a 275.
» (sobre o incendio das casas do sr. Oliveira, na Sophia), 261 a 263.
» no mar, 271 a 274.

Erratas, 285.

A espera, 131 a 132.

Na tristeza uma esperança, 284.

Estudo sobre as poesias de Schiller, 37 a 38, 62 a 64, 97 a 99, 147 a 148, 194 a 199, 207 a 211.

Estudos genealogicos, 79 a 81.

Eugenio Pelletan e E. Huzar, 51 a 52.

O expatriado, 45 a 46.

Expediente, 11, 12, 24, 36, 48, 72, 84, 96, 108, 120, 143, 144, 156, 168, 216, 227, 240, 252, 264, 276, 290.

F

A familia e o padre, 73 a 74, 109 a 112, 123 a 125.
A familia, de Paulo Jannet, 246 a 247.
A F. Beirão (poesia), 94 a 95.
Flôr do rio, 214 a 215.

G

Goces del crepusculo, 263.

H

Historia d'um desenho, 89 a 93.
 A um homem do povo, etc. 238 a 239.
 O homem e os vegetaes, 76 a 77, 115 a 116.
 Homenagem d'um cabula á sebenta, 67 a 69.
 Hymno, 118 a 119, 178 a 179.

I

Impressões d'um passeio, 279 a 281.
 A tua infancia, 191.
 Instrucção, 39, 64 a 65, 135 a 137.
 Introducção, 1 a 2.
 Invocação á esperanza, 178 a 179.
 Os dois invernos, 57 a 58.
 A minhas irmãs, 263 a 264.

L

Lagrimas e flores, 81 a 82, 85 a 86, 112 a 114,
 125 a 127.
 Lembrança, 46 a 47.
 Lembras-me, 239.
 Lembras-te? 142.
 Lembras-te? 223 a 224.
 Uma licção por um oculo, 211 a 213.
 Ao meu patricio e amigo, L. O. F. de Mello, 154
 a 155.
 Logogriphos, 36, 72, 143, 156, 179.

M

A manhã, 275 a 276.
 A manhã na minha terra, 86 a 88.
 Mathilde, 151 a 152, 174 a 175, 199 a 200.
 Maximas, pensamentos etc., 6, 21, 34, 44, 56, 69,
 82, 94, 106, 118, 129, 130, 213, 250.
 Á memoria da Ex.^{ma} Sr.^a D. Antonia Estrada da
 Silva, 204.
 Á memoria da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Candida de Car-
 valho V. etc., 71.
 Á memoria de minha prima Julia Eduarda d'Araujo
 Crespo, 22.
 Á morte de meu primo, 168.
 Á morte de S. M. a Rainha a Sr.^a D. Estefania, 205.
 Mystério! 70.

N

O nobre e o mendigo, 234 a 237, 247 a 249, 254
 a 257, 283 a 284.
 Uma noite d'abril, 170 a 174.
 Nove de maio, 4.
 A noviça, 130 a 131.
 Nulli flectior quam mi, 277 a 279.
 Nunc et semper dilectae..., 167 a 168.
 A nuvem, 284.

O

Aos seus olhos, 120.
 Os teus olhos, 35.
 A orfãzinha moribunda, 242 a 243.

P

Duas palavras sobre a Sociedade Philantropico-Aca-
 demica, 74 a 76.
 Paraphrase, 71 a 72.
 Partirá, 226.
 A persiana, 215 a 216.
 Poesia, 54 a 55.
 Ao pôr do sol, 250 a 251.
 (poesia), 132.
 Portaria elogiando o procedimento do Sr. Conselheiro
 Reitor da Universidade, 288 a 289.
 A um poeta, 106.
 Preludios, 2 a 3, 13 a 14, 25 a 27, 121, a 123, 133
 a 135.
 Na primeira pagina d'um livro, 178.
 As primeiras paginas d'um romance, 5 a 6, 18 a 20,
 32 a 33, 52 a 54, 99 a 102, 157 a 159, 268,
 a 270, 281 a 282.
 A probidade, drama de A. C. de Lacerda, 253 a 254,
 265 a 268.
 Profissão de scepticismo, 153.
 Prossissão da Rainha Santa Isabel, 224 a 225.
 Protesto, 238.
 Psalmo, 35 a 36.
 Publicações-litterarias, 24, 60, 179, 228, 240, 252,
 285.

Q

Quero-te muito! 119.

R

Recordação, 164 a 165.
 Uma recordação, 166.
 Recordação e arrependimento, 88 a 89, 159 a 161,
 Registo d'um edital, 33 a 34, 43 a 44, 55 a 56.
 Relatorio da Direcção da Sociedade Philantropico-
 Academica, 49 a 51.
 A rosa e a borboleta, 191 a 192.
 Resposta, 284.
 Resposta ao Ill.^{mo} Sr. Antonio Paredes, 225 a 226.
 O seu retrato, 276.
 Revista, 169 a 170, 181 a 185, 193 a 195, 206, 217
 a 219, 230 a 232.

S

A S. Gessner, 34 a 35.
 Santarem, 153 a 154.
 Satisfação devida, 148 a 149.
 Uma saudade, 155.
 Sciencia! ¿que és tu no mundo!?, 58 a 59.
 Sonetos, 35, 83, 155, 156.
 Sonhando, a visão, 47 a 48.
 Um sonho, 23.
 O somno da infancia, 130.

T

Uma tarde d'abril, 40 a 41.
 O 1.^o trimestre dos Preludios litterarios, 61 a 62.
 O Trovador, 6, 9.
 No tumulto d'uma menina, 226.

V

A vespera e o dia de natal, 93 a 94.
 Vicio e virtude, 29 a 31, 103 a 106, 137 a 140, 161
 a 164, 186 a 189, 200 a 202, 219 a 221.

PRELUDIOS

POLKA PARA PIANO.

Por Elvira Candida Garcia de Moraes.

Introdução

Allgr.^{to}

5010105
QUALITY PIANO

The image shows a page of aged, yellowed paper with a faint, ghostly musical score. The score is arranged in two columns, each containing a single staff. The notation is extremely light and difficult to discern, but it appears to be a piano piece. At the top of the page, there is a faint header that reads "5010105" and "QUALITY PIANO". The paper shows signs of age, including discoloration and a few small brown spots. The overall appearance is that of a vintage manuscript or a page from an old music book.

A SAUDADE

VALSA PARA PIANO FORTE

Por Francisco José Brandão

Introdução

Alegro viv.^{mo}

8.^a alta

Irem sempre e rumoroso...

com 8.^a baixa

loco

loco

PPP

Ped

8.^a alta

loco

com 8.^a baixa

loco

alargando e perden.

P.

morrendo

Saudade

PPP

VALSA

com saudade dolcis

Ped

Ped

8^a
Ped. ϕ

P. > P. > P. ritardando. (Desespero)
vivo e agita.

do com fernes
Ped. 8^a cres. sf ϕ ff

tr. > Ped

tr. > cres. sf ϕ

8^a (Abatimento) PP.
Lento dolente una corda espressivo PP.
Ped.

♩ Ped

Ped

PP

Ped

(Resignação)

8^a alta

Tranquillo
marcada a melodia
tre corde

Ped

pianiss: o acompanhamento

Ped

Ped:

Ped

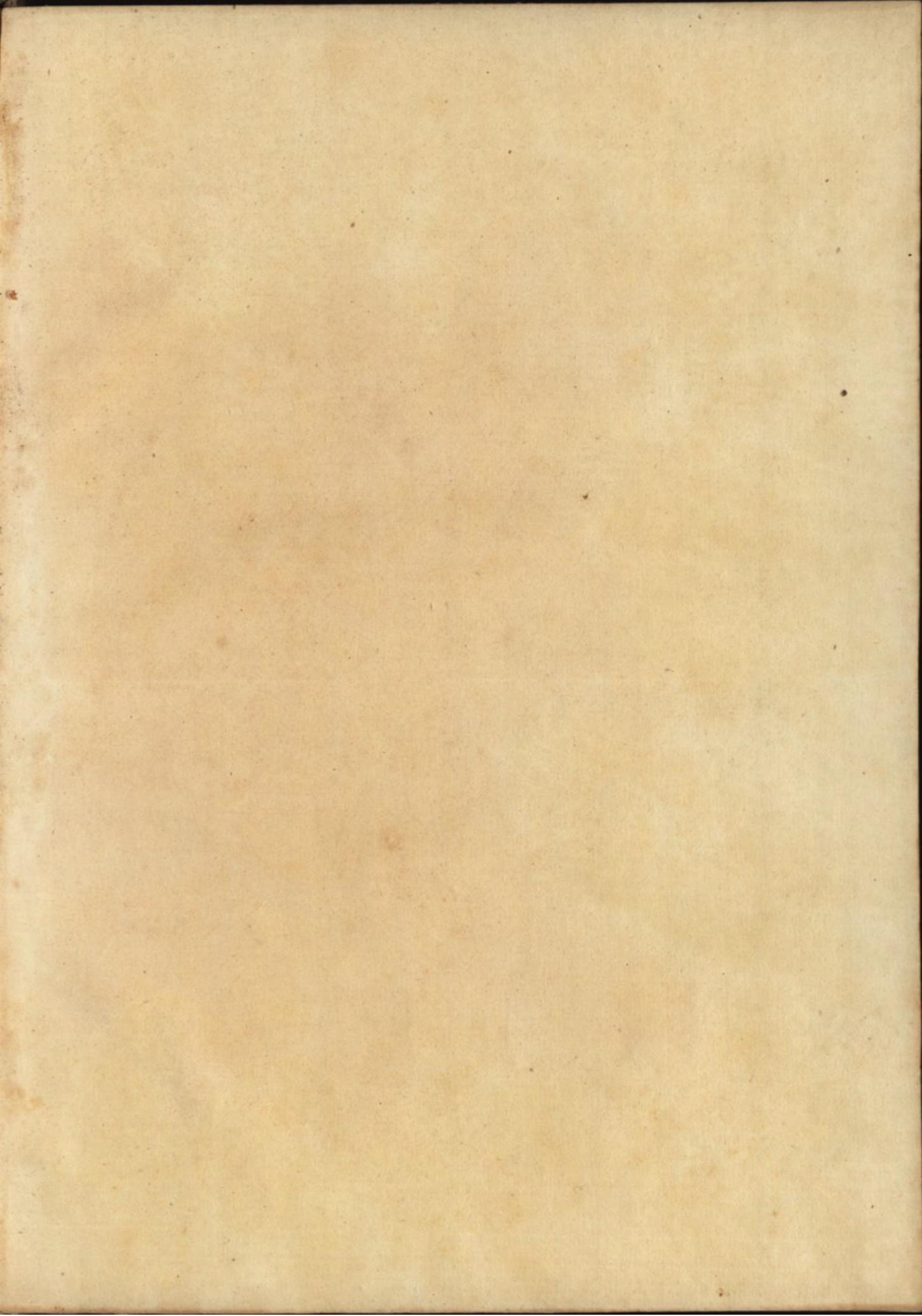
Ped

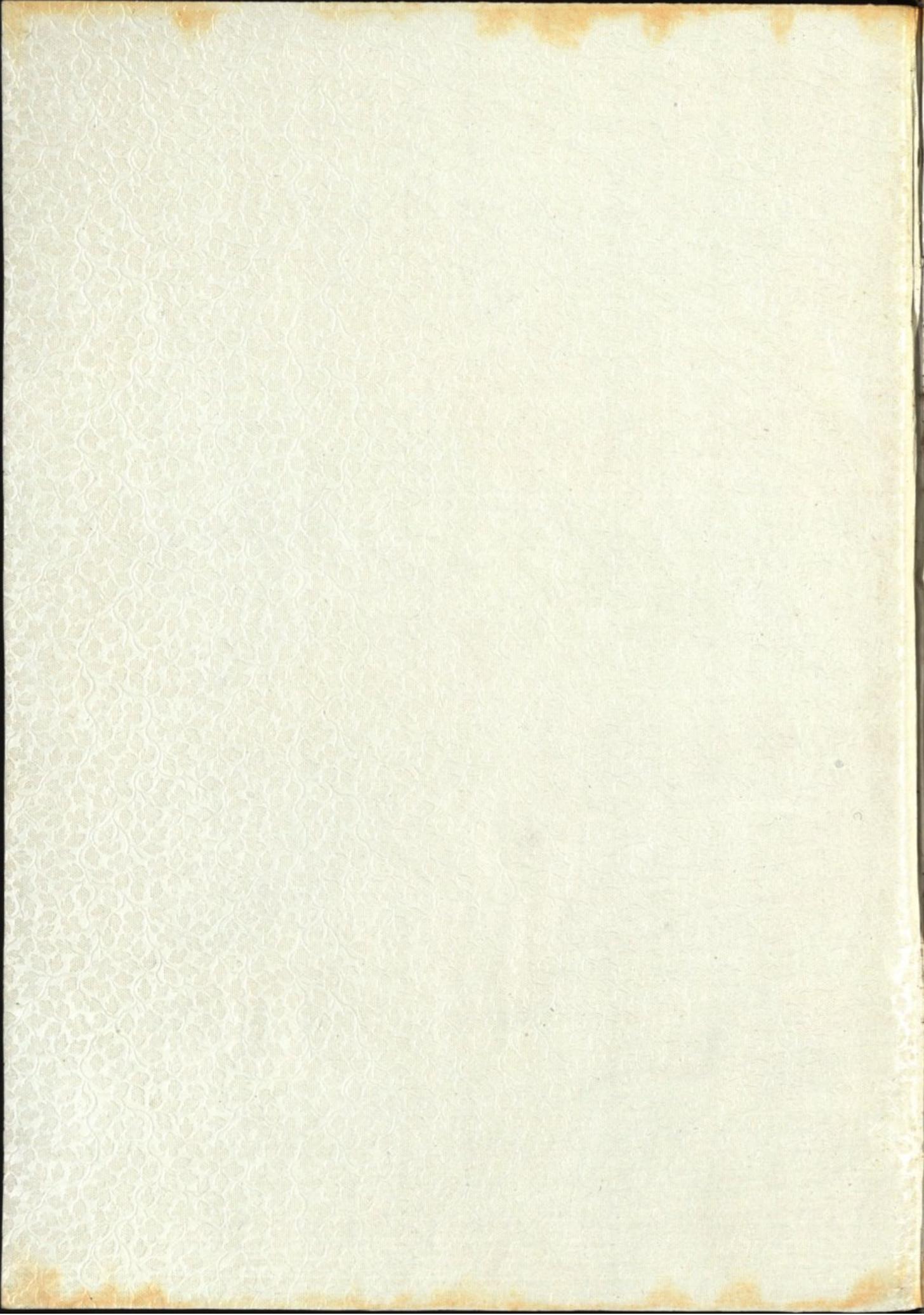
Ped

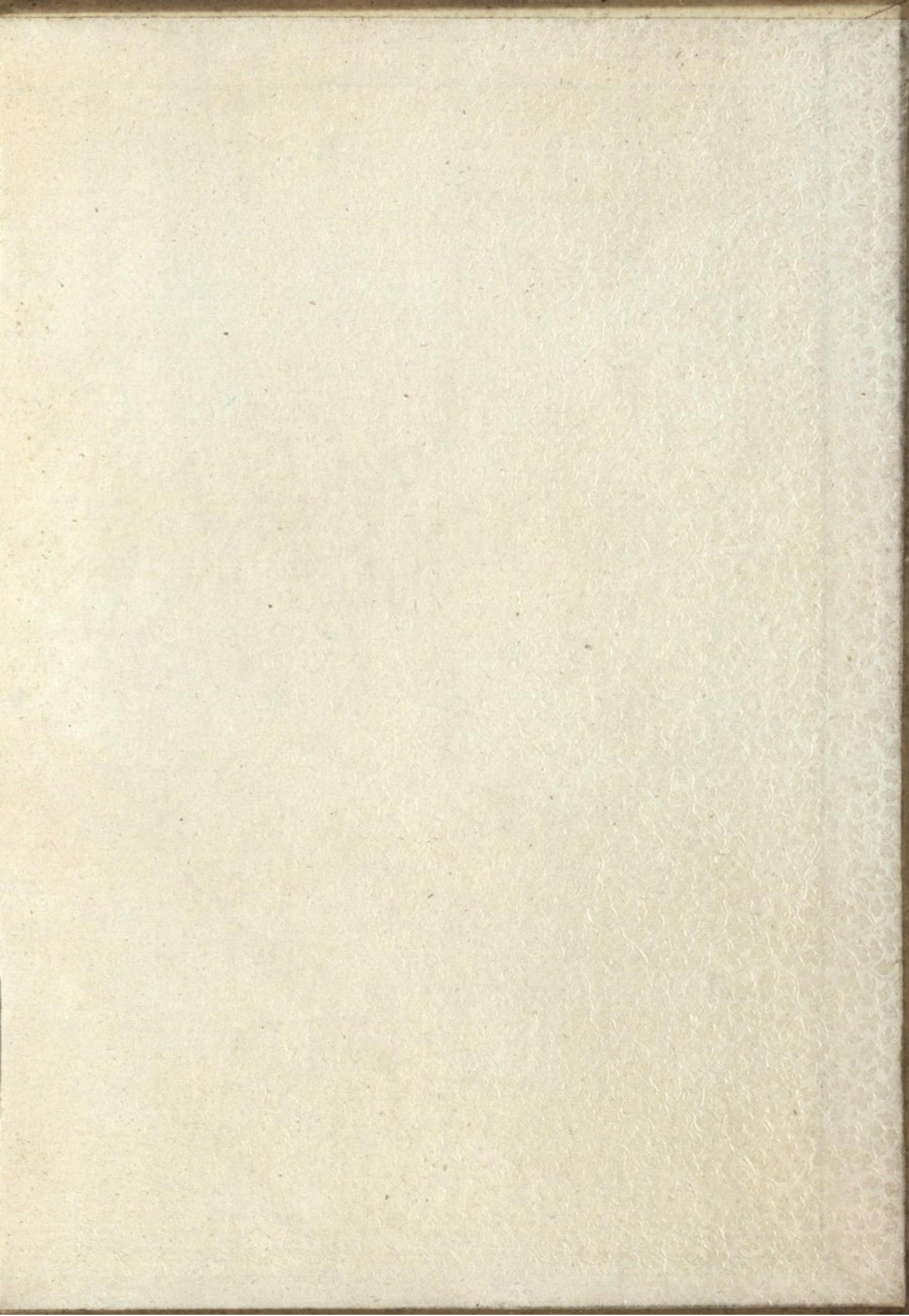
Ped

Fim.

BIBLIOTECA MUSEU DE ARQUITECTURA
ABR. 1984
COIMBRA







PRELUDIOS-LITTERARIOS

JORNAL ACADEMICO

COLLABORADO PELOS EX.^{mos} SRS.

B.^{rel} A. A. da Fonseca Pinto.
D.^r Albino Augusto Giraldes.
D. Amelia Janny.
B.^{rel} A. J. S. Ferreira de Carvalho.
D.^r Antonio José Teixeira.
Est. A. Luciano.
B.^{rel} A. M. da Cunha Bellem.
D.^r Antonio dos Santos Viegas Junior.
D.^r A. da Silva Gaio.
B.^{rel} A. C. Silva Mattos.
B.^{rel} A. Filippe Simões.
Est. A. Saraiva.
B.^{rel} A. Sarmiento.
B.^{rel} C. M. Ferreira Veiga.
Est. E. Garcia.
Est. Eduardo J. Coelho.
Est. E. A. de Barros Ribeira.
B.^{rel} Firmino Dias.
Est. Firmino de Magalhães.
D.^r Francisco de Castro Freire.
B.^{rel} Francisco Maria de Carvalho.
Est. Henrique Nunes Teixeira.
Est. Jayme Constantino Moniz.
B.^{rel} João de Deus.
Est. J. A. Franco Frazão Castello Branco.
B.^{rel} Sanches da Gama (J. A.)
Est. João Rodrigues d'Azevedo.
J. W. Munné.
B.^{rel} Joaquim Alves Matheus.
B.^{rel} J. Simões Ferreira.
J. E. d'Almeida Vilhena.
B.^{rel} José Rodrigues de Figueiredo.
Est. M. Vicente Ribeiro.
B.^{rel} Mello Borges.
B.^{rel} Pedro Rocha.

SUBSIDIADO PELOS EX.^{mos} SRS.

Est. . . . A.
Est. Albino de Mello.
Est. An'ero Tarquinio do Quental.
Est. A. da Cunha Guedes.
Est. Antonio Fernandes Melicio.
Est. Antonio L. dos Santos Valente.
Est. Antonio Lucio Tavares Crespo.
A. M. Seabra d'Albuquerque.
Est. A. S. dos Reis.
Est. Barão d'Almeirim.
B.^{rel} Cunha Reis.
Dias Pereira.
Eduardo Coelho.
D. Elvira Candida Garcia de Moraes.
Est. F. d'Albuquerque.
Est. F. Beirão.
B.^{rel} F. José Brandão.
Est. Guimarães Fonseca.
Est. Jayme C. H. L. da Veiga.
João B. V. P. de B. e Veiga.
Est. João Carlos Botelho Moniz.
Joaquim Augusto Rodrigues.
Joaquim Ignacio Xavier.
Est. J. Pedro Parente.
Est. J. Augusto Borralho.
José Augusto Guedes Teixeira.
J. F. Pinto dos Santos.
Est. J. de Castro Junior.
Est. J. F. da Fonseca.
B.^{rel} J. Ramos Nogueira.
José Rodrigues d'Azevedo.
Luiz Augusto Pereira Bastos.
Est. M. J. Carrilho Garcia.
Noronha.
Est. Severino d'Azevedo, etc. etc.